

Armanda Paula de Freitas Marques Martins Rodrigues



Cousas do Preste: Da Verdadeira Informação à História de Etiópia- Visões
da Etiópia em Francisco Álvares e Pêro Pais *Anexos*

Universidade Aberta

2008

LISTA DE QUADROS

QUADRO I- CRONOLOGIA DOS GOVERNANTES ETÍOPES

QUADRO2- ESTRUTURA NARRATIVA DA OBRA DE FRANCISCO
ÁLVARES

QUADRO 3- ESTRUTURA NARRATIVA DA OBRA DE PÊRO PAIS

QUADROS 4- FONTES ESCRITAS CONSULTADAS E CITADAS POR PÊRO
PAIS

QUADROS 5- AGRUPAMENTO DOS CONTEÚDOS EM TÓPICOS GERAIS

QUADROS 6- DOS REINOS DO IMPÉRIO ETÍOPE SEGUNDO REFERÊNCIAS
DE FRANCISCO ÁLVARES E PÊRO PAIS

PROVÍNCIAS DO IMPÉRIO ETÍOPE REFERIDAS POR PÊRO
PAIS

LIMITES DO IMPÉRIO ETÍOPE SEGUNDO FRANCISCO
ÁLVARES (1520/1526)

LIMITES DO IMPÉRIO ETÍOPE SEGUNDO PÊRO PAIS
(1603/1622)

QUADRO 7- DOS POVOS DAS REGIÕES LIMÍTROFES DO IMPÉRIO ETÍOPE

QUADRO 8- DA OROGRAFIA

QUADRO 9- DOS RECURSOS HÍDRICOS

QUADRO 10- DO CLIMA

QUADRO 11- DA FLORA

QUADROS12- DA FAUNA

QUADROS 13- DO VESTUÁRIO

QUADRO 14- DA ÍNDOLE DA POPULAÇÃO ETÍOPE

QUADRO 15- DA ALIMENTAÇÃO

QUADRO 16- DOS RITUAIS SOCIAIS ETÍOPES

QUADRO 17- DAS POVOAÇÕES E HABITAÇÕES ETÍOPES

QUADROS 18-DAS VIAGENS

QUADRO 19- DA TITULAÇÃO DO IMPERADOR

QUADRO 20- DO APARATO DO IMPERADOR

QUADRO 21- DA DISPOSIÇÃO DO ARRAIAL/CORTE

QUADRO 22-DOS OFICIAIS, GRANDES SENHORES E GOVERNADORES

QUADRO 23-DOS TRIBUTOS DO IMPERADOR

QUADRO 24-DO EXERCÍCIO DA JUSTIÇA

QUADRO 25-DA RELIGIÃO ETÍOPE

QUADRO 26- DO ESPAÇO RELIGIOSO:IGREJAS E MOSTEIROS



Cousas do Preste: Da Verdadeira Informação à História de Etiópia- Visões da Etiópia em Francisco Álvares e Pêro Pais

Universidade Aberta

2008

Dissertação de Mestrado em Estudos
Portuguese Interdisciplinares, orientada
pela Prof^a Dr^a Ana Paula Avelar e
apresentada à Universidade Aberta

Na prossecução deste trabalho, que se revelou (quase) tão árduo como as deslocações dos nossos autores, quero agradecer o constante apoio da Prof^a Dr^a Ana Paula Avelar, assim como o da minha família e dos meus colegas de Mestrado.

A meu Pai, por me ter ensinado, que apesar de tudo, a vida é uma aventura; às mulheres da minha família pela sua «coragem sob o fogo».

Índice- p.4

Introdução –p.6

Capítulo I- O Reino do Preste João pela pena de viajantes, missionários e cronistas portugueses do século XVI e XVII-p11

1. Do Reino do Preste João das Índias à Verdadeira Informação-p.12

- 1.1-Os relatos do fabuloso reino do Preste e a Etiópia -p.13
- 1.2- *Verdadeiras Informações* do reino do Preste –p.23

2. Cousas do Preste: Relatos e Descrições da Etiópia nos séculos XVI e XVII-p.35

- 2.1-*Cousas del rey da Abasia ou Ethiópia sobre Egypto, a q vulgarmente chamamos Preste Ioam*, nos relatos e cronística do século XVI- p.35
- 2.2- Missão na Etiópia: o empenhamento jesuíta na terra do Preste-p.41

Capítulo II- P.e Francisco Álvares e P.e Pêro Pais: Percursos e Obras –p.58

1. Francisco Álvares e Pêro Pais: suas Vivências e Escritas-p.59

- 1.1-Francisco Álvares: Um clérigo curioso na embaixada ao Preste-p.60
- 1.2 -Pêro Pais : *História* de um jesuíta no reino da Etiópia-p.79

2. Revelando as obras: Percursos e Estrutura e Conteúdos da Verdadeira Informação... e História de Etiópia-p.98

- 2.1-*Verdadeira Informação das Terras do Preste Joam...*: do Itinerário de Viagem à Descrição da Etiópia-p.99
 - 2.1.1- Da Escrita e Destino da Obra-p.99
 - 2.1.2- Da Estrutura e da Narrativa-p.111
- 2.2. *História de Etiópia*: Discurso histórico em torno do Reino do Preste-p.126
 - 2.2.1- Da Escrita e Destino da Obra-p.126
 - 2.2.2- Da Estrutura e da Narrativa-p.134

Capítulo III- No Reino do Preste: Diálogo de Olhares na Verdadeira Informação...e na Historia de Etiópia-p.161

1- Do Espaço Natural-p.164

- 1.1-Da Configuração Geográfica-p.165
 - 1.1.1- Da Localização e Reinos da Etiópia-p.167
 - 1.1.2-Dos Limites da Etiópia-p.173
- 1.2- Da Natureza.-p.175
 - 1.2.1-Da Orografia, Hidrografia e Clima-p.176
 - 1.2.2-Da Flora e Fauna-p.186
 - 1.2.3- Dos Minerais-p. 201

2- Do Espaço Humano e Social-p. 204

- 2.1 - Dos Habitantes, Usos e Costumes-p.207
 - 2.1.1- Dos Habitantes e sua Natureza-p.207
 - 2.1.2- Da Sociabilidade-p.215
 - 2.1.3-Dos Rituais e Costumes-p.221
 - 2.1.4- Das Povoações e Habitações-p.225
 - 2.1.5-Das Deslocações e Viagens-p.233
 - 2.1.6-Das Trocas e Manufactura-p.236
 - 2.1.7-Do Conhecimento e Assistência-p.239

- 2. 2- Do Poder Político-p.243
 - 2.2.1- Dos Imperadores-p.243
 - 2.2.2-Do Aparato e da Corte-p.249
 - 2.2.3-Da Autoridade e Poder-p.255
 - 2.2.4-Da Justiça-p.260

- 2.3- Da Religião-p.263
 - 2.3.1- Das Crenças-p.263
 - 2.3.2- Dos Ofícios e Ritos-p.268
 - 2.3.3-Do Clero-p.273
 - 2.3.4-Do Espaço Religioso-.p.279

3- Da Transmutação dos *Olhares*: de Francisco Álvares a Pêro Pais-p.285

- 3.1- Da Continuidade e da Transmutação dos *Olhares*-p.285
 - 3.2.1- Do Encontro entre Cristãos até à Redução da Igreja Etíope a Roma-p.288
 - 3.2.2- Do Fabuloso Preste ao «Rei dos Reis» da Etiópia-p.298
- 3.2- Dos Propósitos e Estratégias -p.301

Conclusão-p.308

Mapas-p. 320

Bibliografia-p.322

INTRODUÇÃO

«Caminante, son tus huellas/
el camino, y nada más;/
Caminante, no hay camino,/
Se hace camino al andar.»

António Machado

O entusiasmo pelas narrativas de teor descritivo produzidas no âmbito da Expansão portuguesa e o interesse pela *imagem* nelas veiculada de diversos e diferentes povos e paragens a partir de um determinado *olhar* de um autor, levou-nos a encetar este trabalho.

Assim a partir de descrições de viagens, da historiografia da Expansão e de obras de missionários, tentámos captar o modo como os relatos portugueses da época testemunharam o reino da Etiópia, identificado com o tão procurado reino cristão do opulento *Preste João*. Este estudo pretende, desta forma, inserir-se no espírito do Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares, ao privilegiar o diálogo entre géneros literários quinhentistas e seiscentistas e a história (com a qual, de resto, estão intimamente ligados).

O objectivo deste trabalho era determinar essa *visão* em duas obras essenciais sobre o território da Etiópia, escritas porém em diferentes épocas e contextos, datando uma do início do século XVI e a outra do início da centúria seguinte. Centrámo-nos, pois, em duas obras, que consideramos fundadoras da *imagem* da Etiópia: a *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índia*, do P. Francisco Álvares, impressa em Lisboa em 1540, primeiro registo presencial e escrito de um europeu naquelas paragens.

Composta praticamente um século depois, a *História da Etiópia*, do P. Pêro Pais datada de c.1622, apenas editada em português no Porto em 1945, e conhecendo uma edição crítica em Outubro de 2008, em Lisboa, é um amplo e exaustivo relato, redigido

com base nos conhecimentos adquiridos durante a sua longa estadia como missionário da Companhia de Jesus na Etiópia, que lhe permitiu um contacto próximo e prolongado com a realidade local, de forma quicá mais profunda do que o seu antecessor.

Tentando centrar a nossa temática, não era nossa intenção focalizarmo-nos nos relatos míticos e na questão da localização geográfica do famoso *Prestes* e do seu papel na demanda portuguesa de novas paragens, assim como não pretendemos historiar com base nessas fontes, as relações políticas, diplomáticas e religiosas entre a monarquia abexim e o reino de Portugal, nem os seus episódios militares, questões já brilhantemente analisadas por outros autores, embora não possamos deixar de referir estas questões no decorrer do nosso trabalho.

Não abordamos, pois, as fontes para delas retirar dados históricos propriamente ditos, mas sim para desvendar as formas de representação cultural e mentais feitas do reino abexim por ambos os autores.

Desta forma o ponto de partida para a nossa análise será uma comparação intertextual dos dois textos procurando matrizes de caracterização desse «novo» território, a nível dos costumes das suas populações, da organização da sua sociedade e da realidade natural envolvente.

Pretendemos, portanto, empreender um estudo de âmbito comparativo do conteúdo das obras, que se afasta do completo estudo panorâmico sobre a história da Etiópia e sua relação com Portugal levado a cabo por Pedro Mota Curto, existindo um considerável número de estudos e artigos sobre este tema, alguns já bastante datados.

Também não se trata de um estudo aprofundado sobre um determinado autor ou um dado episódios das relações luso/etíopes, como é o caso do estudo de Maria Teresa do Rosário Lopes sobre Miguel de Castanhoso e seu relato sobre o episódio militar de D. Cristóvão da Gama. Igualmente sobre este episódio, seu impacto na literatura e sua relação com os interesses da casa da Vidigueira e da Companhia de Jesus, Isabel Boavida Carvalho elaborou um estudo com base na *Tragicomédia El Mártir de Etiópia*, de Miguel Botelho de Carvalho de 1646¹.

¹ Cfr. Teses de Mestrado na área de História dos Descobrimentos e Expansão, de Pedro Mota Curto, *Portugal, o Preste João e a Etiópia (séculos XV e XVI)*, texto policopiado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996 e de Maria Teresa do Rosário Lopes, *A Etiópia na obra de Miguel de Castanhoso*, texto policopiado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2000, orientadas respectivamente por A Borges Coelho e A Dias Farinha; e a tese de Isabel Maria Boavida de Carvalho, *Literatura e Poder no Período Barroco: A Tragicomédia El Mártir de Etiópia (1646) de Miguel Botelho de Carvalho*, 2 Tomos, texto policopiado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004

A pertinência do nosso trabalho prende-se ainda com a proliferação de estudos parcelares sobre as descritivas portuguesas de Quinhentos e Seiscentos de determinadas regiões, como a China, o Japão, a Tailândia, o Sião, o Tibete, a península hindustânica, a costa ocidental africana, o Brasil, abrindo-se a questão da análise das populações e sociedades da costa oriental africana.

Acresce ainda o renascer do interesse pelos estudos sobre a influência e impactos da produção cultural e herança da Companhia de Jesus no Império Português, segundo uma perspectiva mais objectiva e imparcial sobre esta ordem revelada em obras historiográficas recentes. Nesta perspectiva se insere história dos Jesuítas na Etiópia, sob o ponto de vista de estratégia política e de implantação cultural e espacial, presente na obra de Hervé Pennec², que retoma a questão da influência portuguesa na arquitectura etíope coeva.

Foram igualmente produzidos trabalhos na área do estudo antropológico dos símbolos e mitos, por Manuel João Ramos, sobre o impacto do mito do *Preste João*, sua identificação com a Etiópia e sua desarticulação e transfiguração (ou inversão simbólica) graças aos relatos da Expansão.

Verifica-se também uma renovação do interesse pelos estudos etíopes, nomeadamente no seu relacionamento com Portugal, por parte de um grupo da qual fazem parte os últimos autores referidos

No entanto não existem até á data estudos parcelares sobre os autores que estudámos e, dada a importância que lhe atribuímos e a riqueza temática que esta região encerra (desde a questão do mito do *Preste João*; a questão do Nilo e suas fontes; a lenda de Salomão e da rainha de *Sabbá*; relações diplomáticas do Império português; jogo de influências no Mar Vermelho; política de missionação jesuíta; conhecimento do interior africano, entre outras), resolvemos encetar a sua análise.

Assim, as questões que procuramos levantar e responder são as seguintes: Qual o paradigma cultural em que os autores desses relatos se inserem? Qual o seu sistema de referências e a intencionalidade que transparece no texto? Quais os tópicos presentes nas descrições da Etiópia empreendidas por estes autores? Face a esse povo e a uma organização social e cultural diferente como reagem e qual a valoração que deles fazem? Finalmente, verifica-se uma transmutação desse *olhar* de uma obra para outra? Qual o propósito e estratégias que determinaram a produção dos textos?

² Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

No fundo, ao tentarmos responder a estas interrogações, procurámos captar, como num jogo de espelhos, o encontro com e a descrição do *outro*, que ao mesmo tempo reflecte o *eu* de um autor, da sociedade e da época com todas as problemáticas em que se insere.

No primeiro capítulo procurámos contextualizar brevemente a identificação da Etiópia com o reino perdido do *Preste*, historiando um pouco as relações luso/etíopes e nelas enquadrando a produção de textos em geral sobre essa região.

No segundo capítulo acompanhamos as vivências e escritas de Francisco Álvares e Pêro Pais assim como a redacção e percursos das respectivas obras, sua estruturação, conteúdos e tipo de discurso, à luz das características da escrita coeva e dos objectivos autorais.

No terceiro capítulo procedemos à análise da descrição da natureza, sociedade e costumes das populações etíopes, no que diz respeito à caracterização do território; à natureza; à caracterização dos habitantes e seus espaços físicos; ao seu modo de vida; ao poder político e a administração; às suas práticas religiosas, cruzando as informações dos autores, para finalmente, nesse diálogo de olhares aferirmos a visão do *outro* por eles transmitida e observar a sua convergência/manutenção ou afastamento, recolhendo simultaneamente sinais da intencionalidade que norteava os autores.

Resta-nos dizer que a nível metodológico seguimos o levantamento de vectores descritivos e a análise do discurso com base num sistema de referências característico da época, que enquadra a voz do autor e sua intencionalidade e o seu *olhar* sobre a alteridade, na senda dos estudos empreendidos por Ana Paula Avelar, privilegiando os conceitos de *imagem*, *visão*, *olhar*, *outro*, *voz* do autor na construção de uma alteridade, cujo ponto de partida e chegada é a *persona social*, cultural, mas também o *eu* subjectivo e individual do autor.

Importa ainda referir alguns aspectos de ordem formal: no decorrer deste trabalho utilizámos indistintamente as designações *Etiópia/etíopes* e *Abissínia/abexins* para designar o território e habitantes, por considerarmos ambas legítimas.

Por uma questão operativa e pelo nosso desconhecimento da língua e grafias etíopes e sua correcta transliteração, que de resto também não é seguida pelos nossos autores que «aportuguesam» as palavras etíopes, seguiremos a grafia apresentada nas edições de ambos. Transcrevemos os nomes próprios, de personagens, locais e cargos, segundo a grafia dos autores, mas tomando como ponto de referência o Índice Toponímico e Etnográfico e o Índice Onomástico reunido pelos autores da edição

crítica da obra de Pais, de 2008. Desta forma a nomenclatura recolhida em Francisco Álvares vem sempre acompanhada da respectiva versão de Pêro Pais e ambos em itálico. Esta opção é discutível, mas seguimo-la por razões de funcionalidade e coerência interna do texto

Os itálicos reproduzidos nas citações, são da nossa autoria com o intuito de reforçar pontos de vista constantes do nosso texto.

Por último referiremos as edições das obras utilizadas na elaboração deste trabalho. Para o P. Francisco Álvares utilizámos a seguinte edição: P. Francisco Álvares, *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*, reprodução facsimilada da edição de 1943, anotada e actualizada por Augusto Reis Machado, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1974. Para o P. Pêro Pais, nome que utilizaremos, embora este autor tivesse nascido em Castela e o seu nome de baptismo fosse Pedro Páez Xaramilho, consultámos a única edição existente e disponível à data do início do nosso trabalho, Pêro Pais, *História da Etiópia*, 3 Vols., Porto, Livraria Civilização, 1945-1946, uma vez que a nova edição crítica de Isabel Boavida, Hervé Pennec e Manuel João Ramos, intitulada, Pedro Páez, *História da Etiópia*, editada em Lisboa, pela Assírio e Alvim com o apoio da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, apenas veio a lume em Outubro de 2008. Por questões de ordem prática estas obras serão respectivamente referenciadas pelas abreviaturas Álvares e Pais no que diz respeito às citações no corpo do trabalho e quadros.

Iniciemos pois, a nossa viagem, conduzidos pelos autores.

CAPÍTULO I- O Reino do Preste João pela Pena de Viajantes, Missionários e Cronistas portugueses do século XVI e XVII

Num deserto de areia ou de incerteza/
O desejo desenha./
Fantasia um fantasma, que lhe venha/
Acudir./
Qualquer Preste João,/
Também cristão,/
Mas rico e generoso, Que depois dum mar/
largo e tormentoso/
Possa abrir As arcas da canela e da pimenta/
Aos seus irmãos, /
Cristãos,/
Que a terra natural já não sustenta.

Miguel Torga, *Miragem*

Em 1540 vem a lume a *Verdadeira Informaçam das Terras do Preste Joam..* obra redigida pelo P. Francisco Álvares, provavelmente entre 1527 e 1531³. A obra reporta as suas experiências e observações colhidas no decorrer da participação na muito esperada e conturbada embaixada ao reino do lendário *Preste João*, localizado na Etiópia, que decorreria entre 1520 e 1526, inaugurando o conhecimento de facto, a nível europeu, de uma região envolvida até então na mítica nebulosa das concepções medievais.

Aproximadamente um século depois outro autor igualmente de origem clerical, o padre jesuíta Pêro Pais, redige um outro testemunho, a *Historia de Etiópia*, a qual narra a sua presença e trabalhos nessas paragens da África Oriental, onde aportara em 1603 numa missão de evangelização. A sua redacção terá ocorrido c. 1615 até à data da sua morte, na Etiópia, em 1622⁴.

Ambas as obras constituirão marcos no conhecimento europeu dessas paragens, embora envoltas em contextos diferentes, conhecendo diferentes circunstâncias de produção e diferentes percursos até chegarem ao conhecimento do público. De

³ Vide, Cap. II, do presente trabalho

⁴ Vide, *Ibd.*

qualquer forma as duas obras são produto de um tempo e de uma conjuntura: a da Expansão Europeia no mundo, mais precisamente a portuguesa e da imensa e aliciante possibilidade de o conhecer nas suas múltiplas facetas. De facto, as viagens de descobrimento empreendidas pelos portugueses desde o início do séc. XV, possibilitam um conhecimento mútuo, até então escuso às diferentes populações, possibilitando a «invenção do mundo» no feliz subtítulo da obra dirigida em francês por Michel Chandeigne⁵. É pois neste pano de fundo que procuraremos inserir as referidas obras, partindo da generalidade das *notícias* e lendas medievais que as antecederam no conhecimento dessa região africana.

1. Do Reino do *Preste João das Índias* à *Verdadeira Informação*

«(...) se queres conhecer a grandeza e excelência da nossa alteza e por que terras se estende o nosso poderio, entende e crê sem falha que, eu, Preste João, sou o Senhor dos Senhores e me avanto a todos os reis da terra inteira, em todas as abundâncias que existem debaixo do céu(...)»,
Carta do Preste João das Índias

Seguidamente percorreremos as conjunturas políticas e culturais e os contactos que possibilitaram a redacção das obras em análise e referiremos outros relatos seus contemporâneos e que à Etiópia dizem respeito, não esquecendo a sua ligação ao mito medieval do Reino do *Preste João*. Começaremos precisamente por tentar explicitar como se estabeleceu a identificação da figura desse monarca lendário com o soberano etíope, assim como o surgimento dos primeiros relatos de base verídica sobre a região, uma vez alcançadas essas paragens com a progressão da Expansão Portuguesa.

⁵ Michel Chandeigne (dir.), *Lisbonne Hors les Murs, 1415-1580: L'invention du Monde par les Navigateurs Portugais*, Paris, Éditions Autrement, 1990 (trad. port. *Lisboa e os Descobrimentos- 1415-1580: A Invenção do Mundo pelos Navegadores Portugueses*, Carlos Araújo (dir), 2ª ed., Lisboa, Terramar, 1999)

1.1- Os Relatos do Fabuloso Reino do Preste e a Etiópia

Dentro das temáticas referentes a espaços geográficos que figuram na chamada «Literatura da Expansão», houve uma particularmente interessante para os europeus de Quinhentos e Seiscentos. Isto porque corporizava um mito persistente no «Velho Continente» desde pelo menos o séc. XII. Trata-se do famoso *Preste João das Índias*, que tanto deu que falar na época das navegações e descobertas portuguesas no século XV e início do século XVI. O empenho em alcançar esse lendário rei de uma Cristandade perdida a Levante, auxílio precioso para definitivamente derrotar o inimigo islâmico que cerca a Europa, constituiu, segundo a opinião de numerosos historiadores, uma real motivação no programa das Navegações e Descobrimentos Portugueses⁶.

Na tentativa de explicitação da origem da ideia desse longínquo rei cristão, que galvaniza o Ocidente tardo-medieval, começamos por seguir Vitorino Magalhães Godinho:

«De meados do século XI ao último quartel do século XII, no pensamento e na imaginação da Cristandade ocidental, em crescente intimidade de relações com Bizâncio, com o Magrebe e com o Islame levantino, vão caldear-se em concepções e mitos geográficos compósitos novos, os velhos fios da geografia fantástica da decadência romana, tradições esfumadas e deformadas da existência de comunidades cristãs africanas e asiáticas, as tradições bíblicas e patrísticas, e os informes mais ou menos directos e mais ou menos deformados também de mercadores, aventureiros e viajantes, carreando igualmente material de proveniência muçulmana. Entre tais mitos, um dos que serão

⁶Como exemplo podemos referir a apresentação do mito do *Preste* e a sua demanda como uma das motivações da expansão portuguesa por C. R. Boxer, *O Império Colonial Português*, Lisboa, Edições 70, s.d., p.43; também C. F. Beckingham, afirma a evidência da procura do Preste no programa de navegações portuguesas, «The Quest for Prester John» in, *Between Islam and Christendom*, London, Variorum Reprints, 1983, pp. 291/ 310; por sua vez Vitorino Magalhães Godinho afirma: «Os mitos do Paraíso Terreal e do Preste João(...) são os incentivos das iniciativas portuguesas durante a primeira metade de Quatrocentos.», *Mito, Mercadoria e Prática de Navegar-séc. XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990, pp. 506-507; Luís Filipe Thomaz refere o mesmo facto no seu artigo «Preste João» in, *Dicionário dos Descobrimentos Portugueses*, Luís de Albuquerque (dir.), Vol. II, Lisboa Caminho, 1994, p.921; mais recentemente João Paulo Oliveira e Costa afirma «O único mito que condicionava a expansão lusa era o do Preste João», *D. Manuel I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p. 158

bafejados por extraordinária fortuna será o do Preste João – o de um vasto e poderoso império cristão senhoreado por um rei-sacerdote.»⁷

O fio dessa mítica meada parece reportar-se, pois, à existência de remotas e antigas comunidades cristãs nestorianas que se haviam implantado na Índia cerca do séc. IV d.C, através da igreja caldaica ou síria-oriental da Mesopotâmia, via Golfo Pérsico, mais precisamente nas regiões do Malabar, Coromandel e em Ceilão. A tradição atribuiu essa acção evangelizadora ao apóstolo S. Tomé. A sua influência, embora restrita, teria alcançado as estepes asiáticas, chegando ao Norte da China. Por outro lado, na África Oriental, a Etiópia, cristianizada a partir do Médio Oriente, aproximadamente na mesma época, adopta o rito copta ou monofisista, que perdura tenazmente a despeito do avanço islâmico, mercê talvez, das suas particularidades geográficas⁸. Destas realidades chegam apenas recordações esfumadas à Cristandade Romana Ocidental.

Os primeiros relatos explícitos mencionando esse reino fabuloso, surgem na sequência da queda da cidade de Edessa, na Síria, às mãos dos turcos seljúcidas em 1144, ocupada até então pelos cristãos francos na sequência das cruzadas. Segundo V. M. Godinho, «Nessa cidade e região levantina (...) se deve ter caldeado a tradição das Actas de S. Tomé com as notícias de comunidades cristãs orientais que ao apóstolo e aos reis magos se iriam filiar.»⁹ Por outro lado, as movimentações das tribos mongóis, não islâmicas, nas estepes tártaras e a vitória de uma delas sobre os Seljúcidas constituem a base para a ideia de uma vitória de um rei cristão do Oriente, que progredira territorialmente até ser detido pelo rio Tigre, que não conseguira transpor. Este episódio foi relatado pelo bispo arménio Hugo de Gábala, vindo a Itália de Edessa sitiada (c. 1145), e foi transcrita pelo bispo bávaro, parente do imperador Frederico *Barba Ruiva*, Otto von Freisingen, na sua *Chronica* (c. 1158)¹⁰. Também correrá a notícia da visita a Roma de um prelado indiano, de nome João, c. 1122¹¹.

⁷ Vitorino Magalhães Godinho, *op.cit.*, pp.153-167

⁸ Cf., V. M. Godinho, «Preste João» in, *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão (dir), Vol. V, Lisboa, 1981, pp. 174/175 e Luís Filipe Thomaz, *op. cit.*, pp. 918/919

⁹ V. M. Godinho, *Mito, Mercadoria e Prática de Navegar...*, p. 175

¹⁰ *Ibid.*, p. 154

¹¹ Vide, Luís Filipe Thomaz, «Cristãos de S. Tomé e Preste João» in, Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia*, ed. crítica coord. por Maria Augusta Lima Cruz, vol. III (notas históricas e filológicas, glossário e índices), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses / Fundação Oriente / INCM, 1999, p. 123

Neste contexto começará a circular na Europa a famosa *Carta* enviada pelo *Preste João*¹² *das Índias*, introduzindo a singular personagem no imaginário ocidental. Este monarca, congregando a nostalgia de um elo perdido entre reinos cristãos divididos e de uma força salvadora ou unificadora da Cristandade, no longínquo Oriente, caracterizava-se pelo seu aspecto dual de sacerdote cristão e de rei. Esta dupla imagem parece ter ido buscar as suas raízes aos textos do *Apocalipse segundo S. João*, na configuração deste monarca como uma espécie de Cristo apocalíptico, reinando sobre uma sociedade cristã de características fabulosas ou, como o caracteriza o estudioso deste mito, o antropólogo Manuel João Ramos, como um «(...) soberano poderoso, pleno de virtudes cristãs, reinando sobre uma nação asiática de gente virtuosa, próxima do Paraíso.»¹³ Por outro lado, e segundo o mesmo autor, na sua construção denotam-se traços da figura temporal de um imperador poderoso, capaz de unificar Ocidente e Oriente, modelada na popular obra, *Romance de Alexandre*¹⁴.

A *Carta* consiste num texto apócrifo, em latim, que funde as referidas características de tom apocalíptico com a missiva diplomática e o apelo à cruzada, nela convergindo toda uma mitologia fabulosa na descrição do reino do *Preste* e dos seus atributos, assim como das regiões que com ele confluem. Consubstancia, desta forma, uma fusão de tradições antigas e de aspirações medievais, conjugando elementos geográficos, lendários e maravilhosos com o tom milenarista¹⁵, numa intrincada visão simbólica plena de oposições e antíteses coexistentes¹⁶. Por outro lado, «A carta pode inclusivamente ser encarada como um exemplo de literatura *utópica* que confronta os altos padrões morais e a teocracia ideal do reino do *Preste João* com as permanentes discórdias e conflitos existentes na altura, no seio da Cristandade do Ocidente (...)»¹⁷.

¹² Não nos deteremos aqui nas tentativas de decifração da origem e significado do nome, matéria muito complexa e que foge ao âmbito do nosso trabalho.

¹³ Manuel João Ramos, *Ensaio de Mitologia Cristã. - O Preste João e a Reversibilidade Simbólica*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1997, p. 179

¹⁴ Trata-se da recolha de lendas em torno da vida e dos feitos de Alexandre, o Grande, agrupando diferentes tradições, coligadas no final da era cristã sob o nome de Pseudo-Calístenes. Continua a circular na Idade Média e a temática é utilizada nas canções de gesta por autores do século XII, como Albéric de Pisaçon ou Briançon (c.1120), Pfaffe Lamprecht (c. 1140) e Alexandre de Bernay (c. 1185), um dos autores que terá dado a forma definitiva ao poema, que conheceu grande circulação na época. Vide, *Bibliotheca Augustana*, séc. XII, [on line] disponível em <http://www.fh-augsburg.de> (acesso em 20 de Outubro de 2006) e « Légende et Roman de Alexandre le Grand », in *Dictionnaire des Oeuvres Imago Mundi*, [on line] disponível em <http://www.cosmovisions.com/textalexandre.htm> (acesso em 20 de Outubro de 2006)

¹⁵ Vide, Manuel João Ramos, «Introdução » in, *Carta do Preste João das Índias*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1998, p.10

¹⁶ Vide, *Idem*, *Ensaio de Mitologia Cristã...*, pp. 41/113

¹⁷ Vide, «Do Preste João», Luís António Abreu Tavares, *Imagens do Tibete: dos Relatos Medievais aos Textos dos Jesuítas de Seiscentos*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares apresentada à Universidade Aberta, Lisboa, 2004, p. 64

Este documento forjado «(...) parece ser originário dos meios clericais da corte imperial alemã, surgida num contexto de preparação das segundas cruzadas e de intensa rivalidade política entre os Hohenstaufen e a corte bizantina, por um lado, e o pontificado romano, por outro (...)»¹⁸. Existem várias versões do documento, dirigidas a diversos destinatários: ao imperador bizantino Manuel Comeno; ao imperador Frederico *Barba-Ruiva*; ao rei de França, Filipe II, Augusto ; ao Papa Alexandre III. O facto é que estas versões pululam no Ocidente desde o final do século XII (c. 1165) e cada uma parece somar informações de carácter efabulatório à possível versão original. A popularidade da *Carta*, é de tal ordem que teriam existido cerca de noventa e três versões manuscritas em latim e línguas vulgares, além de versões abreviadas inseridas noutras obras¹⁹.

Segundo esse texto, o *Preste João*, descendente do apóstolo S. Tomé ou dos reis Magos, habitava uma região de contornos indefinidos (como indefinidas eram as concepções geográficas e cosmográficas da época), espécie de Nova Jerusalém, algures para Oriente, a região mais próxima do antigo paraíso terreal, que subsistiria, embora inacessível à humanidade, e onde nasceriam os principais rios da Antiguidade: o Ganges; o Eufrates; o Tigre e o Nilo(ou *Gion*) que, de alguma forma, alcançam a terra conhecida. A vasta e imprecisa área onde se situava esse reino era identificada com a Índia, confinando com os estranhos seres que viviam para lá do Equador. Daí o seu título de soberano das *Índias*, região que se confundia com o Oriente de uma forma indeterminada, sendo frequentemente dividida em três zonas: a *Índia maior* ou *superior*, a oriente do Ganges; a *menor* ou *inferior*, a ocidente do mesmo rio, entre este e o Indo e a *Índia média*, *terceira*, ou *última* ou ainda, a *Índia Etiópica*, entre outras designações, englobando os territórios a leste do Nilo, pois cria-se que este demarcava a África da Ásia. Por vezes eram apenas consideradas duas *Índias*, sendo a *menor* integrada nas restantes²⁰.

As confusas concepções geográficas do homem medieval eram alimentadas por textos como os *Imago Mundi*, tais como as obras homónimas Honório Augustudunensi, de Gossuin de Metz (c. 1248) e do cardeal Pierre d'Ailly (c. 1410)²¹ e

¹⁸ Manuel João Ramos, «Introdução» in, *Carta do Preste João das Índias*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1998, p. 10

¹⁹ Vide, Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, pp.123-124

²⁰ Vide, V. M. Godinho, *op cit.*, pp. 173/174

²¹ Vide, «Pierre d'Ailly» in, *Dictionnaire Biographique Imago Mundi* [online] disponível em www.cosmovisions.com/ailly.htm (acesso em 20 de Outubro de 2006)

os *De Situ Orbis*²² que tomavam o título da obra homónima de Pompónio Mela, outra referência da época assim como a *História Natural* de Plínio e as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, que continuam a servir de fonte de informações para obras de conteúdo diversificado²³ como o *Speculum Maius* do dominicano Vicent de Beauvais (primeira metade do século XIV) e a *Margarita Filosófica* do início do século XVI²⁴.

Esses textos de informação geográfica radicam essencialmente nas narrativas greco-romanas e bíblicas e nos relatos dos poucos viajantes, que misturam o que vêem e colmatam com aquelas os conhecimentos que lhes falta. Além disso acrescentam toda a espécie de pormenores fabulosos. A cada nova versão os textos eram enriquecidos e exagerados. Como afirma Luís de Albuquerque, «O interesse pelo mundo maravilhoso alimentou uma literatura copiosa que se reúne com justificação sob o título genérico de *livros de maravilhas*; radicando-se em informações fidedignas, esses textos não tinham limites para a imaginação dos seus autores (...)»²⁵. Assim encontramos a cada passo e também na história do *Preste*, seres e locais fabulosos: dragões, faunos, grifos, salamandras, as amazonas, o cinocéfalo, os cinópodes, a fénix, formigas gigantes, sátiros, antropófagos, o basilisco, pedras, águas e plantas com propriedades maravilhosas, o país de Gog e Magog, o paraíso terreal, o monte Olimpo, entre outros²⁶. De sublinhar que «(...) no decorrer da Idade Média, verdades e mitos se podiam mesclar na mesma história, sem se deixar ao leitor qualquer possibilidade de entre umas e outras fazer a destriça.»²⁷.

A vontade de encontrar as cristandades perdidas e o desejo de recuperar a Terra Santa, face ao declínio dos reinos cristãos do Oriente e do movimento das cruzadas, suscitam uma forte preocupação com a identificação deste território do *Preste*, situado nos confins de uma Ásia da qual apenas chegam ao Ocidente vagos ecos de nomes de

²²Os títulos advêm de *De Situ Orbis*, obra geográfica de Pompónio Mela datada do século I d.C.. Estes textos contêm descrições geográficas segundo a visão religiosa medieval, expressando a sua *Imagem do Mundo*, fundindo as tradições antigas e crenças medievais. Eram obras correntes nos círculos cultos, assim como, por exemplo a *Sphaera Mundi*, de John Holywood, amplamente editada até ao século XVII. Vide, Vitorino Magalhães Godinho, *op. cit.*, p.79 e Luís de Albuquerque, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Europa-América, s.d., pp.119/125

²³ Estas obras têm um teor geral que visa a sistematização dos conhecimentos das respectivas épocas para utilização no ensino universitário: refiram-se o *Speculum Maius* (*Espelho Geral*), de Beauvais, compilado na primeira metade de Trezentos; a *Margarita Philosophica* (*Pérola do Conhecimento*), do monge Gregório Reisch, professor na Universidade de Friburgo, impressa em 1503. Vide, Hugh Cahill, *Margarita Philosophica*, Kings College London [on line] disponível em <http://www.kcl.ac.uk/depsta/iss/library/speccoll/bomarch/bomapril06.html> (acesso em 20 de Outubro de 2006)

²⁴ Vide Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Alfa, 1985, p. 238, *Idem*, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, 105/151

²⁵ Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Alfa, 1985, p.238

²⁶ Cf., *idem*, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, pp. 132/133 e Paulo Lopes, «Quadro 1- Imaginário» in, *Viajar na Idade Média...*, Lisboa, Círculo de Leitores, s.d. [2005], pp.231/233

²⁷ Paulo Lopes, *op. cit.*, p. 243

terras e rios da tradição antiga e bíblica. Confunde-se com as notícias do referido cristianismo copta; com a possível existência de núcleos cristãos nestorianos na Índia e nas estepes asiáticas; com os cristãos armênios; com a lendária pregação de S. Tomé na Índia e de S. Mateus na África Oriental, núcleos agora isolados pelo avanço do Islão²⁸.

Assim a tentativa de obtenção de notícias do *Preste* e da localização do seu reino serão uma constante nos relatos europeus de viagens a partir do século XII. Periodicamente vão chegando notícias de presumíveis enviados do *Preste* e o seu reino vai sendo identificado nas estepes tártaras, com avanços de tribos não islamizadas ou confundindo-se com o próprio Gengis Khan²⁹, como acontece a Tiago de Vitry, bispo de S. João de Acre, em 1221³⁰. Anteriormente, já a referida *Ymago Mundi* de Honório (c. 1100), assim como outras obras que circulam pela Europa, o situara confusamente entre o mar Cáspio e a Índia.

A *pax mongólica* permite o início de viagens pela Ásia Central partir do século XIII e as tentativas de identificação do reino do *Preste João da Índias* sucedem-se: a *Historia Mongolorum*, decorrente da viagem a Karakorum de Fr. Giovanni da Pian del Carpine (1245-1247) ao serviço da igreja de Roma, identifica-o na *Índia Maior*, a sul do império mongol. Em 1251, Guilherme de Rubruk enviado pelo rei de França, S. Luís, viaja desde o Don e o Volga até à mesma região, encontrando comunidades cristãs, mas nenhum sinal do *Preste*. No final do século XIII (c. de 1271-1295) é a vez do célebre mercador veneziano, Marco Pólo, demandar o império mongol, no qual não encontra nenhum reino cristão comparável ao do *Preste*. Identifica-o, contudo, com um líder tártaro derrotado por Gengis-Khan, mas cuja linhagem persistia através de um neto que herdara o título do pequeno reino, vassalo do imperador mongol. Distingue, no entanto, a lenda do *Preste* da de S. Tomé, o Apóstolo das Índias. No entanto, a descrição que faz do Oriente mesclada de histórias duvidosas, no seu livro ditado a Rusticello de Pisa, no regresso à Europa, *As Maravilhas do Mundo*, também denominado *Il Milione*, conheceu larga circulação em latim (na versão de fr. Francisco Pipino) ou em línguas vulgares na Europa coeva³¹.

²⁸ Vide, Luís António Abreu Tavares, *op cit.*, pp.58-61

²⁹ *Ibid.*, p.58

³⁰ Para as referências aos diversos relatos e obras geográficas aqui citadas em relação à localização do reino do Preste João, cf., Duarte Leite, «O Preste João das Índias» in, *História dos Descobrimentos-Coleção de Esparsos*, V.M. Godinho (org.), Lisboa, Cosmos, 1958, pp. 23/27; Luís de Albuquerque, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, pp.105/151; V. M. Godinho, «Preste João» in, *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, pp. 174/175; *Idem* Mito, *Mercadoria e Prática de Navegar- séc. XIII-XVIII*, pp. 154/179; Luís Filipe Thomaz, «Preste João» in, *Dicionário dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, p.918/923; Manuel João Ramos, *Ensaio de Mitologia Cristã. - O Preste João e a Reversibilidade Simbólica*, pp. 157/166

³¹ Vide, Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, p. 245

Outro viajante, o franciscano Odorico de Pordenone, parte em 1318 numa longa viagem, na qual alcança a China por mar e regressa pelas estepes, onde identificará um reino do *Prete* de religião imprecisa. Outro clérigo, Giovanni da Monte Corvino, nomeado arcebispo de Pequim, enviado à China c. 1289, reconheceu o descendente do *Prete* num certo rei Jorge, chefe de uma tribo tártara nestoriana, que teria convertido ao catolicismo³².

John Mandeville³³ nas suas *Viagens* ou *Livro das Maravilhas do Mundo*, que conhece grande difusão no século XIV e seguintes, reconstruiu essa confusa geografia mítica, combinando a *Carta* e as informações de Marco Pólo, localizando o *Prete* na Índia, entre a Bactria e o Cataio, a Oriente da Pérsia, colorindo-o de forma fantástica. Mas graças ao seu tom de autenticidade testemunhal³⁴ exercerá uma forte influência sobre os letrados da Europa.

O encontro com peregrinos cristãos nestorianos ou coptas na Terra Santa³⁵, contactos ocasionais estabelecidos no Egipto e do Mediterrâneo Oriental e mesmo a sua presença em Roma, permitiu constatar que estes nunca tinham ouvido falar do *Prete João*, o que contribuía para confundir a identificação do poderoso imperador.

No início do século XV, após as suas viagens narradas por Poggio Bracciolini, Nicolò di Conti (1414- 1439), menciona cristãos nestorianos na Índia, mas não encontra ecos do *Prete*. De facto, outras obras, como o *Livre de la Description des Pays*, de Gilles le Bouvier (1451-1455) continuam a situar o *Prete* no Extremo Oriente³⁶.

Apesar das díspares localizações atribuídas ao *Reino do Prete* durante a Idade Média, a Europa cristã acabará por identificá-lo com o reino cristão da Etiópia. De facto, com o retrocesso do movimento das Cruzadas, iniciam-se tímidos contactos com zonas coarctadas pelo poderio Islâmico, como o *perdido* reino cristão copta da Etiópia.

³² Vide, Jean Delumeau, *Uma História do Paraíso*, Lisboa, Terramar, 1994, p.28

³³ O auto-entitulado Sir John Mandeville, pretendo cavaleiro inglês, narra uma longa viagem pelo Médio Oriente e Ásia, onde teria passado 34 anos, regressando em 1356. A identidade do autor não é conhecida. Pode ser atribuída ao físico de Liège, Jean de Bourgogne ou de Outremeuse. A sua estadia no Egipto e Terra Santa parece confirmar-se, mas a obra consiste numa compilação de relatos da época e de obras antigas, onde o anedótico e o fantástico medieval se misturam com as pretensas descrições. Conheceu numerosas cópias manuscritas e edições impressas desde o final do século XV. Cf. «Jean de Mandeville», in *New Advent Catholic Encyclopedia*, [on line] disponível em <http://www.newadvent.org/cathen/09587b.htm> (acesso em 20 de Outubro de 2006); M. Benoist, «La Voyage littéraire de Jean de Mandeville», in *L'Histoire en Ligne. Moyen Age et Orient* [on line] disponível em http://www.cliosoft.fr/09_02/voyages_mandeville.htm (acesso em 20 de Outubro de 2006); V. M. Godinho, Mandeville» in , *op cit.*, p. 547

³⁴ Vide, Luís de Albuquerque, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, p. 137

³⁵ De facto, «(...) A ocupação de Jerusalém pelos cruzados favoreceu a vinda de etíopes para a cidade santa. (...) As relações entre a Etiópia e a Palestina continuaram mesmo depois de Saladino ter ocupado Jerusalém em 1189. Foi ele que deu aos etíopes um local no Monte das Oliveiras.», Jean Delumeau, *op cit.*, p.92

³⁶ V. M. Godinho, *op. cit.*, p. 160

A tradição de um reencontro entre reinos cristãos, talvez relatada pelos cruzados vindos do Oriente, poderá ter aumentado o entusiasmo pela ideia de uma possível aliança contra o Islão, no início do séc. XIV. Já em 1177 o Papa Alexandre III enviara uma carta no sentido da aproximação entre Roma e um potentado cristão, que o Papa identifica com o *Preste das Índias*, como provável resultado do encontro do seu cirurgião, Mestre Filipe, com monges etíopes em peregrinação na Terra Santa³⁷. Encarregado de levar a carta do Pontífice, não se sabe o destino da viagem de mestre Filipe.

Segundo Luís de Albuquerque, o cartógrafo Giovanni de Carignano teria mesmo escrito uma breve relação sobre a Etiópia com base em informações veiculadas por emissários do rei etíope de passagem por Génova a caminho da corte papal de Avinhão (c. de 1307)³⁸. Mas é apenas em 1316 que oito dominicanos a mando do Papa, alcançam de facto a Etiópia. Os seus possíveis relatos parecem ter chegado à corte do conde de Foix, no Languedoc, e suscitam a curiosidade do rei de Aragão, João I, que c. 1391, solicita a presença de um frade etíope, que terá passado alguns anos nesse país para relatar ao rei aragonês as histórias das maravilhas do *Preste*³⁹. No decorrer do século XV uma nova embaixada etíope chega a Veneza (1402); em 1408 há notícia de peregrinos etíopes em Bolonha e Florença. No concílio de Constança (1414-1418) há referências de uma representação copta. Em 1427 chega uma embaixada da Etiópia à corte de Afonso V de Aragão, em Valência. De igual modo, parece ter havido contactos recíprocos entre o duque de Berry e o rei etíope, assim como com as cidades mediterrâneas, principais interlocutoras dos contactos europeus com o Levante. Alguns monges etíopes estarão presentes a convite do Papa Eugénio IV no Concílio ecuménico de Florença-Ferrara (1438/1441). Desta forma, as relações da Etiópia, embora esporádicas, com a Itália e Aragão parecem suceder-se. Por volta de 1450 uma nova representação etíope é enviada ao Papa e a este último reino. Desta embaixada adviria um emissário etíope a Portugal, denominado Jorge Sur, de que há notícia em 1452, tendo este posteriormente seguido para a Borgonha⁴⁰.

³⁷ C. F. Beckingham não duvida que a origem dos enviados com quem Filipe se avistou fosse a Etiópia., *Vide, op cit.*, p. 13

³⁸ Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, p.244

³⁹ *Vide Ibid*, p. 244

⁴⁰ Sobre a presença destes emissários etíopes, Cf. *Ibd. e idem, Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, p. 139; V. M. Godinho, *op cit.*, p.166; Luís Filipe Thomaz, «Preste João »in *Dicionário dos Descobrimentos Portugueses*, Vol.II, pp. 919/923; «Etiópia» in, *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, Joel Serrão (org.), Lisboa, Iniciativa, 1963/1968, pp. 477//481

Embora desconhecendo o *Preste*, os sucessivos enviados etíopes identificam o Nilo, um dos rios cuja nascente se situava tradicionalmente no paraíso e atravessaria parte das terras que eram atribuídas ao *Preste*. Assim as concepções geográficas de um reino cristão, banhado pelo Nilo e do *Preste* irão confluir. Segundo Manuel João Ramos, «A mais antiga referência literária à associação entre o *Preste* e a Etiópia parece ter sido proposta no referido tratado de Giovanni de Carignano (...)»⁴¹, hoje desaparecido. Numa transição lenta e hesitante, a tendência será para a sua localização na Etiópia, região que de resto era situada, como vimos, no Oriente como uma das *Índias*. Desta forma assiste-se durante o século XIV a uma deslocação progressiva do *locus* do reino do *Preste* para uma África, que ainda se confunde com as maravilhas do Oriente. De facto, como afirma Paulo Lopes, «Como se pode verificar, é tremenda a força do mito do *Preste* João. Com efeito, apesar das experiências e dos relatos dos viajantes europeus na Ásia deixarem claro que esta figura não seria encontrada ali, a história não perdeu nenhuma da sua força ou fascínio. Como tantas outras maravilhas, a localização simplesmente mudou de lugar.»⁴² Tal acontece no caso da *Crónica da Boémia* (1354-1356) do enviado papal ao Oriente de 1338 a 1353, Giovanni de Marignoli. Anteriormente, cerca de 1329, o dominicano Jordanus de Séverac, bispo de Coulão, viajante no Oriente, não tendo encontrado vestígio do rei lendário, localizara-o na Etiópia, na *Mirabilia Descripta*. O mesmo acontece no *Itinerarium* do genovês Antoniotto Uso de Mare (1455), que viaja em navios portugueses. Por sua vez as viagens de Pietro Rombulo ao Mar Vermelho, no início do século XVI, narradas por Pietro Ranzano, confirmam o cristianismo da Etiópia,⁴³ mas o *Preste* é identificado com outra terra lendária, o longínquo reino de Cataio⁴⁴.

Também na Península Ibérica, a *Carta* correria já no séc. XIV como comprova a existência de uma cópia de um códice em latim no mosteiro de Alcobaça, intitulado *Acerca da Índia e das suas Maravilhas*⁴⁵. A *Carta do Preste* teria também sido incluída num livro de grande circulação, o *Livro do Infante D. Pedro de Portugal*, de Gómez de

⁴¹ Manuel João Ramos, «O Destino etíope do *Preste* João...» in, *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens.*, Fernando Cristovão (coord.), Lisboa, Cosmos/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa, 1999, p. 243

⁴² Paulo Lopes, *op. cit.*, p. 239

⁴³ Vide, «Etiópia» in, *Dicionário de História de Portugal*, vol. II., pp. 477//481; V. M. Godinho, *op. cit.*, pp. 161/164

⁴⁴ O Cataio é outro reino maravilhoso da tradição medieval, existente no limite oriental do globo, assimilado ao mito clássico dos *Seres*, povos felizes e puros, associado ao cristianismo e à proximidade do Paraíso. Os missionários jesuítas irão identificá-lo com a China no início do século XVII; até e depois desta data, persistirá a procura desse feliz reino cristão no Oriente, por vezes identificado como o verdadeiro reino do *Preste*. Cf. Raffaella d'Intino, «A Procura do Cataio» in, Lisboa e os Descobrimentos, pp. 231-246

⁴⁵ Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, p. 244

Santisteban, da segunda metade do século XV, que relatava de forma ficcionada e repleta de prodígios, as viagens do Infante D. Pedro e de doze companheiros (a viagem real realizara-se a partir de 1425), onde se continua a narrar as maravilhas do *Preste* (embora neste caso se continue a situa-las na Ásia⁴⁶). Também o livro de Marco Pólo existia na biblioteca de D. Duarte, em latim e língua vulgar (segundo a versão latina) trazido de Veneza (c. 1428), de acordo com a tradição, pelo infante D. Pedro no decorrer das suas viagens.

Nesta região o *Preste* irá ser igualmente identificado com os cristãos etíopes: por exemplo o *Libro del Conoscimiento de todos los Reinos* de c.1348 (relato de viagens imaginárias na esteira das *Viagens* de Mandeville) identifica a Núbia e a Etiópia com a terra do *Preste*, e defende uma ligação fluvial, através do rio do Ouro, entre a África Ocidental e a Oriental⁴⁷. Mas as suas características continuam a ser fabulosas e o paraíso ainda está muito próximo.

Corriam ainda na Península outros relatos de viagens de origem local ou árabe⁴⁸. Na verdade muitas das informações cerca da África subsaariana e da sua costa oriental percorriam as rotas das caravanas muçulmanas e dos seus contactos mediterrâneos. É de sublinhar a importância de *Roteiros* de autores árabes como Edrisi e Ibn Said entre outros⁴⁹, que embora comportem muitas inexactidões, exercem a sua influência nas concepções geográficas peninsulares. No entanto as informações poderiam também circular graças à presença das embaixadas etíopes nos concílios papais, defendendo J. S. da Silva Dias a inevitabilidade dos contactos entre as representações etíopes e as portuguesas nestas ocasiões⁵⁰. Outra fonte de esclarecimentos seriam as visitas dos ditos enviados às cortes mediterrâneas, especialmente à aragonesa, com a qual a corte portuguesa mantém ligações estreitas na época (a rainha de D. Duarte era a aragonesa D. Leonor; a duquesa de D. Pedro era a igualmente aragonesa, D. Isabel de Urgel), não esquecendo as viagens pela Europa, nomeadamente a passagem pela Itália, do já mencionado infante D. Pedro, ou a peregrinação à Terra Santa do seu irmão, D. João, conde de Barcelos (antes de 1415).

Assim no século XV, o reino do poderoso monarca da *Carta...*, situa-se definitivamente entre a África e o Oriente na perspectiva dos navegadores portugueses

⁴⁶ Luis Filipe Thomaz, *op cit.*, p.126

⁴⁷ Vide, Paulo Lopes, *op cit* p. 99

⁴⁸ Vide, *ibid.*, pp.40-54

⁴⁹ Luís de Albuquerque, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, p. 129

⁵⁰ Vide, J. S. da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do século XVI*, Lisboa, Presença, s.d., pp. 68/69

e estes, ao bordejarem a África, não tendo ideia exacta da dimensão do continente, procuram afincadamente encontrar aquele reino ou forma de alcançá-lo através dos largos rios que encontram na costa ocidental africana, que se criam ser braços do Nilo, rio que banhava aquelas terras maravilhosas. «Em suma: não parece que no Portugal da época henriquina se tivesse acerca do Preste João outra concepção que não fosse a que situava na Abissínia o seu império e o alargava para Ocidente até ser penetrado pelo ansiado rio do Ouro.»⁵¹. Desde os dias do Infante, D. Henrique aos de D. João II, à medida que vão descendo a costa ocidental africana, os navegadores portugueses inquirirão cuidadosamente sobre a possível ligação e forma de alcançar o reino do mítico soberano. Na esteira dessa concepção identificam-se erroneamente o rei do Benim e do Congo com o lendário *Preste*.

Efectivamente «(...) nunca os portugueses procurariam o Preste na Ásia. Já na primeira viagem do Gama, em Moçambique souberam que ele estava muito dentro pelo sertão, só lá se podendo chegar em andadura de camelos mas, (...) [possuía cidades ao longo da costa]. Iam começar os longos esforços para o alcançar pelo mar Roxo e África Oriental.»⁵²

De qualquer forma o reino do *Preste João* perde progressivamente as suas configurações míticas e lendárias, sendo cada vez mais tido como um desejavelmente poderoso senhor cristão de um reino terreno, e um possível interlocutor dos reinos da Cristandade com vista a uma aliança contra o Islão.

Por outro lado e relativamente aos enviados abexins ao Ocidente, como refere Luís de Albuquerque⁵³, não sabemos o que eles teriam transmitido aos seus anfitriões, mas certamente não destruíram a ideia de que o seu senhor era detentor de apreciáveis riquezas e poder.

1.2 -Verdadeiras Informações do Reino do Preste

Identificado o *Reino do Preste João das Índias* com o reino cristão copta da Etiópia, veremos em seguida como e em que contexto se desenrolaram os primeiros contactos entre os portugueses e aquelas regiões, seus reflexos na escrita coeva e seus efeitos na imagem lendária.

⁵¹ Vitorino Magalhães Godinho, *op.cit*, p. 166

⁵² *Ibid.*,p.167

⁵³ *Vide*, Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses.*, p. 11

Retrocedendo um pouco, em 1487, no reinado de D. João II, esboça-se um plano complementar de recolha de informações: o avanço marítimo paulatino pela costa Ocidental africana até se conseguir alcançar o limite do continente e ultrapassá-lo (viagem de Bartolomeu Dias nesse mesmo ano) por um lado; por outro lado o envio de uma expedição por terra a partir do Norte de África (Cairo) para alcançar as tão pretendidas *Índias* e *Etiópia* ou o *reino do Preste*. Um pouco antes já o rei havia enviado o franciscano Fr. António de Lisboa via Palestina, onde este se deterá por não conhecer a língua árabe⁵⁴. Duma nova expedição no referido ano, foram encarregados Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã «(...) lhe haverem ambos de ir descobrir e saber do Preste João e onde acham a canela e outras especiarias (...) foram despachados em Santarém aos 7 dias de Maio do ano de 1487 anos, presente el-Rei D. Manuel, sendo Duque(...)»⁵⁵, cumprindo os seus objectivos⁵⁶. Para além de fazer chegar ao monarca notícias do Índico e da Índia, Covilhã é o primeiro português a penetrar na Abissínia, crendo possivelmente estar no famoso reino do *Preste*⁵⁷. De lá não mais sairá, nem dele chegarão notícias ao reino durante muitos anos⁵⁸.

Por essa época teria D. João II recebido na sua corte um monge abexim proveniente de Roma, Lucas Marcos, que redige cartas do rei português ao *Preste* devendo entregá-las aos seus conterrâneos no Levante. Elabora ainda uma lista de palavras para comparação com a linguagem dos povos com quem os navegadores portugueses iam estabelecendo contactos, numa tentativa de localizar a sua terra ainda a partir do litoral Atlântico⁵⁹. O destino dessas missivas não é conhecido, mas não é impossível que alguma delas tivesse chegado ao *Preste*⁶⁰. As tentativas de penetração terrestre pela costa ocidental africana e ligação das duas costas continuarão por muito tempo, até os seus magros resultados dissuadirem os governantes portugueses.

⁵⁴ Francisco Álvares refere que «(..) já nesta ida mandara um homem da casa de Monterio [Pedro de Monterroio segundo nota da edição consultada] e um frade que se chamava Frei António, natural de Lisboa e que após chegaram a Jerusalém e daí fizeram volta dizendo que a estas terras não podiam ir se não soubessem aravia (...)» Álvares, p.279

⁵⁵ *Ibd.*, p. 279

⁵⁶ A identificação do *Preste* com o imperador etíope, como vimos, não depende desta viagem e é anterior a ela. Cf. Luís Filipe Thomáz, *op cit.*, p. 124

⁵⁷ «E mandado este recado a el-Rei pelo judeu de Lamego, se fôra o Pêro de Covilhã com o outro judeu de Beja [do Cairo] até Adem e daí a Ormuz e o deixou aí, e, daí tornou-se e veio ver Judá, e Meca, e Medina, onde jaz o sançarrão e, daí a Monte Sinai. E tudo bem visto tornou a embarcar no Toro e foi até ao estreito da cidade de Zeila e daí caminhou por terra até chegar ao Preste João que é de Zeila muito perto (...)» Álvares, p.282

⁵⁸ Francisco Álvares providenciará o primeiro testemunho escrito sobre o destino de Covilhã: «(...) Pêro de Covilhã, português, que é nesta terra (...) é razão que se diga como a esta terra veio ter,e, dele darei conta como é razão e êle de si ma deu.», *Ibd.*,p.277

⁵⁹ Vide, Jean Aubin, «L'Ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel » in, *Le Latin et l'Astrolabe*, Vol. I, Lisbonne/Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian/ Commission Nationale pour les Commémorations des Découvertes Portugaises, 1996, p.134

⁶⁰ *Ibd.*

Mas persiste a esperança de que o reino abexim seja suficientemente poderoso para «(...) o tomar como seu aliado e desencadear, com a sua ajuda, uma calculada manobra envolvente para anular os Turcos(...)»⁶¹, nova ameaça islâmica que os portugueses encontram a par e passo no Oriente. Além do mais, o avanço do império Otomano, ameaçando as «portas» da Europa Oriental (desde a conquista de Constantinopla em 1453 os turcos Otomanos haviam avançado nos Balcãs, anexando a Sérvia, a Bósnia e a Albânia até 1459), levam à consideração do *Preste* «(...) quase como uma figura redentora, pois poderia vir libertar a Europa de um perigo que constantemente ameaçava a cristandade (...)»⁶².

Em 1492 Gama alcança, enfim, a muito almejada Índia, já no reinado de D. Manuel I. A recolha de informações prossegue, como já referimos, agora na costa oriental africana e no Mar Vermelho. É também possível que os Portugueses tenham encontrado um número considerável de abexins nessas paragens, especialmente escravos capturados pelos árabes e convertidos ao Islão. O reconhecimento de que o reino do *Preste* será essencialmente um reino interior não esmorece a crença no seu poderio e continua a tentar obter-se contactos a partir do Índico, como refere Hervé Pennec na seguinte passagem: «L' idée d' une alliance politique avec l'Ethiopie à l'epoque de D. Manuel Ier (1495-1521), s'intègre dans un véritable project impérial(...)». La position continentale de celui-ci est bien connue depuis la voyage de Vasco da Gama, et il paraît assure que l'alliance recherché fut bien moins commerciale que politique et militaire.»⁶³.

Com efeito, apesar da inexistência de especiarias e portos no reino abexim este integra-se no projecto imperial acarinhado pelo rei D. Manuel⁶⁴. A sua titulação, adoptada logo após o regresso da expedição de Gama em Agosto de 1499, *Senhor da conquista e da navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia*, constitui por si só, o esboço de uma linha programática, que implica a soberania sobre numerosos vassallos aliados, relação tutelar que abrange igualmente o comércio e a navegação com o controlo português dos mares, consubstanciando a hipótese de

⁶¹ Luís de Albuquerque, *op cit.*, p.9

⁶² *Ibid.*, p.11

⁶³ Hervé Pennec, *op. cit.*, p. 28

⁶⁴ «L'idée impériale manuéline représente une sorte de grande synthèse de tous les projets de croisades, mythes, aspirations et utopies du Moyen Age finissant. Son originalité ne réside nullement dans les éléments dont elle se compose mais plutôt dans leur agencement en ensemble vaste, simple et assez cohérent(...) déjà moderne de par la stratégie qui se déploie à une échelle quasi-planétaire.», Luís Filipe Thomaz, «L'Idée impériale manuéline» in *La Découverte, le Portugal et l'Europe*, Actes du Colloque, Paris Fondation Calouste Gulbenkian, 1990, p. 98

ascendência política ou domínio por direito desse conjunto de territórios⁶⁵. De denotar a inclusão da *Etiópia*, neste vasto título, designasse ela uma grande parte do continente africano ou apenas a zona oriental de África. Como nos esclarece Luís Filipe Thomaz⁶⁶, a ideia de cruzada contra o bloco islâmico parece ter sido um dos pilares da concepção imperial e estratégia expansionista manuelina. Segundo o mesmo autor o rei ambiciona ainda recuperar a Terra Santa e continua o seu programa de conquistas marroquinas como parte desta política, acalentando a ideia de uma aliança anti- islâmica com povos cristãos a Oriente. Neste contexto o *Preste* teria um importante papel a desempenhar.

Mas se «o sonho da cruzada jamais seria abandonado pelo *Venturoso* até ao fim dos seus dias.»⁶⁷, a opinião na corte portuguesa não era unânime: «(...) il semble n'avoir intérêt qu'un petit cercle autour du Roi, et avoir subi, dès les débuts, une forte opposition au sein même du groupe dirigeant.»⁶⁸. Segundo João Paulo de Oliveira e Costa, «Defrontavam-se (...) um partido imperialista e centralizador, face a outro de tendência liberal.»⁶⁹

Se o primeiro Vice-rei da Índia, D. Francisco de Almeida partilhava da segunda posição, o rei contará com o firme apoio de Duarte Galvão, seu diplomata e secretário, e de Afonso de Albuquerque, seu capitão. Este último é enviado para o Oriente para criar uma base em Socotorá juntamente com a esquadra de Tristão da Cunha em 1507, que transporta novas cartas para o *Preste*. Três mensageiros, João Gomes, o mourisco cristão João Sanches e um guia árabe Cid Mohamed, são desembarcados em Melinde (visto não haver noção precisa da localização do reino do *Preste*, crê-se que o seu império se estenderia para sul e seria alcançável a partir dos estabelecimentos acessíveis aos portugueses na costa oriental africana), mas são recolhidos novamente em 1508, sendo então transportados por Albuquerque para a costa da Somália (Zeila), a oeste do Cabo Guardafui. Tratava-se de uma expedição terrestre de reconhecimento

⁶⁵ Segundo António Vasconcelos de Saldanha, «Independentemente da existência de vastíssimas zonas onde, por pura impossibilidade política militar e humana, não era exercida corporalmente a soberania portuguesa, o simples facto da sua inclusão na área de “propriedade” definida pelos tratados e pelas bulas, fazia crescer (...) à área de “conquista concretizada”, uma zona fluida, a área de “conquista potencial” .», «Conceitos de *Espaço e Poder* e seus reflexos na titulação régia portuguesa» in., *ibid.*, p. 121

⁶⁶ Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, p.50 e pp. 65/68; ideia igualmente subscrita por João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, pp.175/179

⁶⁷ João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.* ,p. 178

⁶⁸ Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, p.36

⁶⁹ João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, p. 172; «Ao longo do seu reinado, o monarca enfrentou a oposição sistemática de uma parte significativa da fidalguia em relação á sua estratégia oriental. Esse grupo (...) pugnou por uma intervenção discreta da coroa, que desse espaço para a acção privada (...). O rei, por sua vez tinha um plano bem diferente, pois entendia o avanço para o Índico, a abertura da rota do Cabo e o bloqueio à circulação das especiarias pelo mar Vermelho como uma tática conducente ao enfraquecimento do império mameluco, sediado no Cairo. (...) e criar condições para que a cristandade pudesse realizar a Grande Cruzada e alcançar a libertação de Jerusalém.», *Ibid.*, pp. 154/155

que continua a pretender alcançar a costa ocidental africana (o que evidentemente não conseguiu). No entanto os enviados terão alcançado a corte do imperador etíope⁷⁰.

De facto e segundo Hervé Pennec «L' objectif du souverain portugais était de compter sur les forces militaires offertes par le prêtre Jean afin de donner l' assaut contre l'Egypte mamelouke en mer Rouge.»⁷¹ Também Luís Filipe Thomaz refere esta política de «asfixia do Egipto» através da presença portuguesa no Mar Vermelho para a qual seria muito conveniente uma aliança militar com a Etiópia.⁷²

Neste contexto o domínio do Mar Vermelho era uma importante vertente da política do rei, coadjuvado por Afonso de Albuquerque, que parte para o Oriente com um comando geral, independente do vice-rei, D. Francisco de Almeida, encarregado de controlar a saída do Mar Vermelho, construir a referida fortaleza na ilha de Socotorá e dominar o Golfo Pérsico através da conquista de Ormuz, o que se verifica em 1506⁷³. Uma primeira reacção do império mameluco é eliminada em 1509 ao largo de Diu.

As vitórias militares portuguesas e as suas incursões no Mar Vermelho despertam o interesse da corte etíope, também esta a braços com uma crise de autoridade política e religiosa, além do cerco territorial e incursões muçulmanas. Parece pois ter existido interesse, pelo menos por parte de uma facção da corte etíope, pelos avanços portugueses no Mar Vermelho⁷⁴. Segundo Jean Aubin, a regente *Helena/Elleni*, que governa desde 1508 em nome do seu neto adoptivo, o jovem *Lebena Denguîl/Dawit*, não sem oposições internas, e o patriarca da igreja copta etíope, o *abuná Marcos*, concordam em enviar, talvez com o desconhecimento da maioria da corte⁷⁵, um emissário ao governo do Estado Português da Índia com uma missiva para D. Manuel. Esse emissário era um mercador arménio, de nome Mateus, homem de confiança da regente, certamente bem preparado para o desempenho de missões

⁷⁰ Tal facto é-nos referido por Francisco Álvares na seguinte passagem: «(...) pelo que já sabíamos de João Gomes e de João, clérigo portugueses que cá vieram enviados por Tristão da Cunha na companhia de um mouro, que ainda vive e mora em Manadelei.», Álvares, p. 188; segundo Ana Paula Avelar, «Após várias vicissitudes, estes emissários (...) teriam alcançado a Etiópia, fazendo-se passar por mercadores muçulmanos. Foram recebidos pela rainha Helena, (...), a qual teria afirmado que enviaria um seu emissário ao rei cristão.», Ana Paula Avelar *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, p.225

⁷¹ Hervé Pennec, *op cit.*, p. 28

⁷² «Albuquerque caressait un autre projet, qui eût ruiné l'agriculture égyptienne tout comme le blocus de la Mer Rouge (...): ni plus ni moins que de dévier le cours du Nil et ainsi assécher l'Égypt. Cette idée non plus n'était pas neuve. Dans la littérature de la fin du Moyen Age on décrit très souvent l'une des cataractes du Nil comme une écluse, dont le Prête Jean pourrait détourner les eaux de l' Égypte.», Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, pp. 54/55

⁷³ João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, pp.154/155

⁷⁴ Vide, Jean Aubin, *op cit.*, pp.140/151

⁷⁵ Vide, *Ibd.*

confidenciais⁷⁶. Porém esta missão não se revelará fácil. Mateus é preso em Zeila (porto da costa etíope, mas controlada por potentados muçulmanos), em Adém, no Golfo Pérsico e novamente em Dabul, na costa da Índia, sendo libertado a instâncias de Afonso de Albuquerque, governador do Estado Português da Índia desde 1508, que o recebe em Goa em Dezembro de 1512 com honras de embaixador, comunicando a chegada do enviado da corte abexim ao rei D. Manuel.

Infelizmente para Mateus, a estrela de Albuquerque havia iniciado o seu ocaso, assim como os seus planos para o domínio português do mar Vermelho: Socotorá será abandonada em 1511 e o plano de uma ocupação de Adém, ponto-chave para o controlo da entrada do Mar Vermelho, não será concretizado após o desaire da expedição militar de 1513. Na verdade, «(...) le fiasco de l'expédition de 1513 [a Adém] avait, à Lisbonne, joué contre lui.»⁷⁷, determinando também os sucessos das relações com o reino do *Prete*. Durante os preparativos para o embarque do embaixador abexim para o Reino rebenta um escândalo contra Mateus, preparado pelos inimigos de Albuquerque, que contestam os desígnios do governador para a região⁷⁸. Espalha-se o rumor de que o embaixador é na verdade um impostor e um espião mameluco e durante a viagem marítima será mesmo posto a ferros. Mas, chegando a Lisboa em Fevereiro de 1514, D. Manuel ignora as suspeitas contra ele, talvez graças a notícias que lhe haviam chegado por intermédio de peregrinos etíopes a Roma e até a Santiago de Compostela⁷⁹. No entanto as reservas contra o embaixador, devido ao carácter não oficial da sua missão, do lado etíope, e à sua instrumentalização pelos inimigos de Albuquerque, do lado português, nunca se dissiparão: Francisco Álvares revela na sua obra que «(...) todos tinham Mateus por falso e mentiroso (...)»⁸⁰.

Contudo, o rei persistirá na sua orientação e iniciam-se os preparativos para o envio de uma embaixada ao *Prete*, encabeçada pelo já idoso Duarte Galvão, apoiante entusiástico da política ultramarina do rei⁸¹, e na qual regressaria Mateus. A embaixada levaria ainda um sumptuoso presente para o imperador abexim⁸². Isto apesar da

⁷⁶ Francisco Álvares refere na sua obra que, segundo as palavras do *abuná Marcos*, com quem se avistou, «(...) Mateus(...) fora um mercador seu amigo e que indo com mentira seu caminho, fora por Deus ordenado, pois fizera tanto serviço e proveito (...)», Álvares, p. 277

⁷⁷ Jean Aubin, *op. cit.*, p. 169

⁷⁸ Cf. *Ibid.* pp. 169/180 e Luís Filipe Thomaz, *op. cit.*, pp.58/59

⁷⁹ Vide, Jean Aubin, *op. cit.*

⁸⁰ Álvares, p. 16

⁸¹ Vide, A. A. A. Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o Êxito Europeu da Verdadeira Informação sobre a Etiópia» in, *Presença de Portugal no Mundo*, Actas do Colóquio, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1972, p.291

⁸² Sobre o famoso presente enviado por D. Manuel ao *Prete*, Rui Manuel Loureiro sublinha o envio de um lote de cerca de mil e quinhentos livros, na sua maioria impressos, onde se destacavam as obras de cariz religioso:

destituição de Albuquerque (que faleceria em Goa em Dezembro de 1515)⁸³ e da sua substituição por um representante da posição contrária na corte, Lopo Soares de Albergaria⁸⁴, sob o comando do qual deveria partir a embaixada, tendo Galvão declinado a chefia de uma capitania-mor, que asseguraria a sua independência de acção.

Graças a esta dicotomia a embaixada à Etiópia não foi um sucesso, nem se acabaram as atribulações de Mateus. Uma vez no Oriente, Lopo Soares empreende, de facto, uma viagem ao Mar Vermelho mas afasta-se ostensivamente dos objectivos de Albuquerque, acabando por falecer o velho embaixador português, Duarte Galvão, nessa expedição, ficando adiada a embaixada, retida na Índia até à nomeação de um novo governador, Diogo Lopes de Sequeira em 1518. A missão será então reconduzida e reorganizada na costa etíope em 1520, onde se reconhece, finalmente, a veracidade da identidade de Mateus, ao encontrarem-se com os cristãos da terra⁸⁵. Já em território etíope, o governador avista-se com o governante local, e com o senhor da região, vassalo do *Preste*: «E aqui afirmaram [os membros da expedição portuguesa], pelo que viam, Mateus ser verdadeiro embaixador.»⁸⁶ A embaixada interna-se finalmente nas terras do *Preste*, onde permanecerá de 1521 a 1526.

Quando as notícias dos contactos com a Etiópia chegam ao reino, começam a correr os primeiros textos impressos sobre as *novas* do reino do *Preste*, sob a forma de epístolas oficiais ou de cariz informativo: a carta de 8 de Maio de 1521 do monarca luso ao Papa Leão X, a *Epistola Super foedere cum Presbytero Ioanne*, anunciando a

catecismos, cartinhas, lendas de santos, *Flos Sanctorum*. Vide Rui Manuel Loureiro, *A Biblioteca de Diogo de Couto*, Macau, Instituto Cultural, 1988, p. 33 e o artigo de David Hook, «A note on the Books sent to Prester John...» in, *Studia*, nº 37, Lisboa, 1973, pp. 303/315; Gaspar Correia procede a uma relação do presente nas suas *Lendas da Índia*, da qual destacaremos a título de curiosidade o leito e suas roupas preciosas «(...) pannos de frandres de fina verdura (...) de seda e ouro; e sobreco de teor e corrediças de tafetá azul e amarello; e cobridor de damasco amarello antretalhado de veludo preto, atrocelado d'ouro (...); «colchões d'Olanda», lençóis, travesseiros e almofadas bordados a ouro ou de cetim; colchas brancas ricamente lavradas; cadeiras e coxins de brocado e entalhes de prata; «mesa d'estado», de peças, marchetada, serviço de mesa, que até incluía facas; ricas roupas de homem de seda e ouro ou brocado; capas forradas a marta; couraças, elmos, espadas adagas, selas etc., enfeitadas a ouro e prata, instrumentos e vestes litúrgicas; dois «livros de rezas», um deles iluminado a esmalte; um retábulo de portas do tamanho de um altar; panos de armar com cenas religiosas, de seda e ouro da Flandres: «O qual presente se dixe que no Reyno custará passante de trinta mil cruzados.», Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Vol. II, Porto, Lello e Irmãos, 1975, pp.464-465

⁸³ «A política de Afonso de Albuquerque, embora não tivesse criado as condições para a realização do assalto ao Próximo Oriente, dotou a coroa lusa de posições sólidas que asseguraram a hegemonia marítima dos Portugueses nos mares da Ásia até ao aparecimento da concorrência europeia.», João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, p. 160

⁸⁴ Acerca destas divisões partidárias quanto à política do Oriente afirma Luís Filipe Thomaz, «(...) on a plutôt l'impression que l'aristocratie est divisée, les clivages correspondant plotôt à ceux des clans qui se disputent le pouvoir (...).», *op cit.*, p.99; João Paulo de Oliveira e Costa refere o papel das solidariedades familiares nas tomadas de posição nos jogos de bastidores da corte. Cf. *ibid.*, p. 172

⁸⁵ «Ouvindo isto o Gram-Capitão deu graças a Deos pela notícia e nome de cristão que achava e favoreceu em grande maneira a Mateus, que assaz vinha desfavorecido (...).», Álvares, p.11

⁸⁶ *Ibid.*, p.16

sua embaixada na corte abexim e uma possível aliança contra o inimigo muçulmano, é publicada em Lisboa por Germão Galhardo e traduzida para o francês no mesmo ano⁸⁷; é igualmente publicada uma versão em Roma sob o título *Epistola Invictissimmi Regis Portugalliae ad Leonem X.P.M. super foedere inito cum Presbytero Ioanne Aethiopiae Rege* (que também conhece uma tradução em francês)⁸⁸.

Também a carta da regente etíope parece ter sido publicada em Lisboa em Maio ou Junho de 1521, inserida na *Carta das novas que vieram a el Rey nosso senhor do Descobrimento do Preste Joham que lhe enviara o seu Capitao e Governador das Índias, Diogo Lopes de Sequeira*, sob o título *Treslado da carta que ho Preste Joham enviou a elRey nosso Senhor, por seu embaixador Matheus, no anno de mil e quinhentos e quatorze*⁸⁹. Esta famosa *Carta das Novas* impressa igualmente na oficina de Germão Galhardo, narra a viagem da esquadra de Diogo Lopes de Sequeira no mar Vermelho até à costa etíope e os contactos que aí foram mantidos. Contém a missiva do governador e uma carta do licenciado Pêro Gomes de Teixeira, ouvidor na Índia, contendo dados religiosos e geográficos, recolhidos quando da sua visita ao Mosteiro de Bisão na sequência do encontro com os frades abexins, como relatará Francisco Álvares⁹⁰.

A *Carta das Novas*, prontamente difundida pelo rei, contém as primeiras informações precisas na Europa sobre a zona do Índico e Mar Vermelho; por outro lado, segundo a opinião de João Paulo Oliveira e Costa, «Era o primeiro texto relativo à Expansão lusa a ser publicado em língua portuguesa. [sendo] (...) uma arma política destinada a galvanizar a opinião pública (que era favorável à cruzada) e a colocar a oposição perante um facto consumado e deixar claro que os seus opositores haviam errado nos seus julgamentos.»⁹¹

Mas não era a única notícia escrita sobre essas paragens a circular na Europa: uma das cartas de Andrea Corsali, que viajara com os portugueses na armada de Lopo Soares da Albergaria (entre 1515 e 1518) enviada a Lourenço de Médicis (17 de

⁸⁷ *La rescription du très humain, vertueux et invictissime roy de Portugal, envoyée a Nostre Saint Pere le Pape des gestes faicts en la mer Rouge, et de la paix, faction, convenance, et alliance comencé par luy avec le presbitre Jehan roy de Ethiopie*, ap., A.A. Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1972, p. 856

⁸⁸ *Vide., ibd.*

⁸⁹ *Vide., ibd.*, p.858

⁹⁰ «Andando estes frades assim entre nós, mandou o Capitão-mor um homem por nome Fernão Dias, que sabia aravia, que fôsse ver o mosteiro e por mais autoridade e a cousa ser melhor sabida para se escrever a el-Rei Nosso Senhor, mandou após o dito (...) o licenciado Pêro Gomes Teixeira, ouvidor das Índias (...). O dito ouvidor trouxe do dito mosteiro um livro de pergaminho escrito da sua letra [etíope] para mandar a el-Rei Nosso Senhor.» , Álvares, pp.13/14

⁹¹ João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, p. 256

Setembro de 1517) relatando os feitos no Mar Vermelho e a “redescoberta” da Etiópia, circula na Itália e possivelmente na restante Europa⁹². O lendário rei cristão está, de repente, mais próximo.

Seis meses depois morria o rei, D. Manuel I. O seu herdeiro, D. João III, operará uma paragem na política da expansão de seu pai, iniciando-se uma época de mudança. A *Carta* é retirada de circulação (apenas tendo sido recuperado um exemplar em 1935, conservado em Inglaterra no Museu Britânico⁹³). Mas não constituirá a última e exclusiva informação sobre o *Preste* e o seu reino.

Da viagem decorrente da embaixada enviada por D. Manuel resultará o relato pelo clérigo Francisco Álvares, seu provável capelão, das experiências e peripécias do percurso e estadia, assim como a descrição da terra e suas gentes e o acolhimento da embaixada pelo famoso *Preste*. Mas o que importa salientar é o facto de a obra de Álvares ser o primeiro relato extensivo de uma efectiva visita e estadia prolongada naquela região e sua descrição em primeira mão. Mas os apontamentos ou a obra que Álvares traz do Oriente teriam ainda que esperar alguns anos até serem dados ao prelo.

Com efeito talvez o entusiasmo despertado pela relação da viagem e da embaixada de Álvares tenha sido comedido na corte lisboeta. Como refere Jean Aubin, o P. Álvares e o novo embaixador etíope, que com ele viajara, «Egalment désireux d’asseoir l’entente, au spirituel avec Rome, au politique avec Lisbonne(...), les deux ecclésiastiques rencontrèrent un accueil honorable et la plus nette des méfiances. L’un et l’autre devaient mourir avant que ne soient publiés les écrits, à des titres différents remarquables, qu’ils laissaient sur le pays du Prêtre Jean (...)»⁹⁴. O interesse pelo *Preste* havia-se diluído face à confirmação das suspeitas do carácter herético da sua prática cristã. O vento da Reforma protestante já começara a soprar na Europa. Mateus, o primeiro embaixador vindo do *Preste*, havia sido sujeito a um “exame” teológico pelo rei e teólogos (processo que foi redigido pelo Secretário de Estado, António Carneiro⁹⁵). Agora a presença de um segundo enviado, o frade *Zagazabo* e as disputas teológicas a que é submetido com D. Diogo Ortiz, bispo de S. Tomé e com o teólogo

⁹² Cf., A A Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o Êxito Europeu...» in, *Presença de Portugal no Mundo*, p.292 e Marília dos Santos Lopes, *Da Descoberta ao Saber- Os Conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem, 2002, p. 128

⁹³ Vide, Jean Aubin, «Le prêtre Jean devant la censure portugaise», *Le latin et l’astrolabe*, p.184-185 e Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, p. 61. Segundo A. de Magalhães Basto, teria sido reeditada em Lisboa, em 1938 por Armando Cortesão e Henry Thomas, « Os Portugueses na Abissínia » in, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, António Baião (dir), vol. II, Lisboa, Ática, 1939, nota 1, p. 277; A A Banha de Andrade corrobora esta indicação, *op cit.*, nota 3, p. 855

⁹⁴ Jean Aubin, «Le Prêtre Jean devant la Censure Portugaise» in, *op cit.*, p. 185

⁹⁵ *Idem*, «L’Ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel», *op. cit.*, p.173

Pedro Margalho entre 1529 e 1533, atestam o carácter tergiversante da fé etíope em relação à romana. A crença de que as pequenas diferenças religiosas seriam facilmente dirimidas é substituída pelo pessimismo e intolerância. O embaixador etíope é conservado sem aparente destino em Lisboa ao mesmo tempo que se dificulta a partida de Álvares para a corte papal, como representante do monarca etíope e uma vez ali a sua missão não conhece um desenlace⁹⁶.

Mas o interesse pela temática etíope persiste: já antes, em 1532, Damião de Góis, secretário da feitoria da Flandres, embaixador, estudioso e humanista, edita em Antuérpia uma relação da embaixada e informações sobre a religião etíope possivelmente a partir das informações facultadas pelo primeiro embaixador abexim, o arménio Mateus, que ele ainda muito jovem havia encontrado em Lisboa na corte de D. Manuel, ou mais precisamente, como afirma Jean Aubin⁹⁷, a partir do já referido processo verbal registado pelo secretário António Carneiro. Trata-se de *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis ad Emmanuelem Lusitanae*, redigido a pedido do Bispo de Upsala, João Magno.

Em Fevereiro de 1533, aparece em Bolonha, e um pouco mais tarde em Antuérpia, outro opúsculo, *Legatio David Aethiopia Regis*, que contém as cartas enviadas pelo imperador etíope ao rei D. Manuel e ao seu sucessor, D. João III, assim como ao Papa, e ainda a descrição da embaixada de Álvares ao Pontífice e dois capítulos da sua obra. Segundo A. A. Banha de Andrade a publicação da *Legatio...* coincidiu com a embaixada de Álvares ao Papa, refutando a tese da sua autoria pertencer a Damião de Góis que não se encontraria à data na Itália. Este teria provavelmente uma cópia do manuscrito de Álvares, que desejava verter para latim. No entanto a sua tradução ficou a cargo de Paulo Jóvio.

No Verão de 1533, Góis está novamente em Lisboa para considerar a oferta do cargo de Tesoureiro na Casa da Índia, que acabará por recusar. Desde essa data até cerca do final do mesmo ano enceta relações com o esquecido embaixador etíope. Interessado na questão das diferenças religiosas dentro do cristianismo, Góis solicita ao emissário etíope uma exposição dos princípios e costumes da igreja abexim. Um ano depois o frade envia uma relação para Pádua, onde se encontra Góis à época, e este procederá à sua tradução e adaptação do português imperfeito (que entretanto o

⁹⁶ Vide, Cap. II do presente trabalho

⁹⁷ Jean Aubin, *Op. Cit.,Ibd.*, p.173

embaixador aprendera⁹⁸) para latim, originando o núcleo do opúsculo *Fides, Religio, Moresque Aethiopum*, que será editado em Lovaina, com autorização das autoridades religiosas locais, em 1540, contendo igualmente a carta da regente *Helena/Eleni* e a correspondência do *Preste* para os reis D. Manuel I e D. João III, além da carta do rei português, D. João III, ao Papa, recomendando a missão de Francisco Álvares.

Este opúsculo do humanista português pretende ilustrar e justificar a religião etíope, num apelo ao espírito de tolerância e união entre os cristãos, caro ao ecumenismo defendido por Erasmo, por quem Góis nutre grande admiração. Ao mesmo tempo que incorpora parte do texto da *Legatio...*, procede a várias correcções, nomeadamente na titulação do imperador etíope e na situação do reino, no sentido de uma localização na Etiópia⁹⁹. A obra parece ter tido uma abundante circulação entre os meios intelectuais europeus, tendo sido apreciada nos círculos humanistas. Conheceu várias reedições em 1541 (Paris), 1544 (Lovaina) e ainda em Lyon, Colónia, Genebra e Frankfurt¹⁰⁰.

Em Portugal, o texto foi alvo do desagrado dos católicos mais ortodoxos: a Inquisição (em acção desde 1539) acolhe-a com reservas, não permitindo em 1541 a publicação da segunda parte do tratado com o texto do clérigo etíope¹⁰¹ (pressionando a sua proibição junto do inquisidor – mor, o cardeal D. Henrique, de formação humanista, que justifica o facto com o perigo de heresia, dirigindo as suas críticas ao embaixador etíope em carta dirigida a Góis) ou suscitando o desagrado dos Jesuítas de Goa, que possuiriam a obra c. 1543¹⁰².

De facto nesta época acentua-se a atitude de intolerância católica na protecção da ortodoxia e o desagrado quanto às práticas eivadas de judaísmo do cristianismo copta abexim, numa sociedade que ainda não conseguiu diluir no seu tecido social o recente fenómeno dos cristão-novos, tornando pouco recomendável a ausência de objecções com que Góis ainda defende o diálogo entre cristãos numa época em que este

⁹⁸ Vide., Isabel Boavida, « Damião de Góis e “ A Frase Caldaica e Etiópica » in, *Damião de Góis na Europa do Renascimento*, Actas do Congresso Internacional de Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 1993, pp. 731/742

⁹⁹ Vide., Elisabeth Feist-Hirsch, *Damião de Góis*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002., p. 181

¹⁰⁰ Vide, Joaquim Chorão Lavajo, « Damião de Góis e o Diálogo Religioso » in, *Damião de Góis e o seu Tempo (1502/ 1574)*, Actas do Colóquio, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 2002, p.26

¹⁰¹ A sua proibição é pressionada junto do inquisidor – mor, o cardeal D. Henrique, de formação humanista, que justifica o facto com o perigo de heresia, dirigindo as suas críticas ao embaixador etíope em carta dirigida a Góis, Vide, Elisabeth Feist Hirsch, *op cit.*, p.187

¹⁰² Cf., *Ibd.*, p. 185 e Hervé Pennec, *op cit*, p. 34

se torna progressivamente impossível¹⁰³. No entanto a sua obra parece ter continuado a circular em Portugal¹⁰⁴ e não só: «À l'évidence, les mesures de censure, prises au Portugal dès 1540, ne limitèrent pas la diffusion du *Fides...*, tant en Europe qu'en Orient (Goa).»¹⁰⁵

O opúsculo descreve também, sucintamente, os costumes da sociedade local e o relacionamento luso-etíope com base no manuscrito de Francisco Álvares, pois para além da questão religiosa, Góis teria «(...)um grande desejo de revelar aos Europeus, que pouca informação tinham sobre esse país, toda a complexidade do modo de vida dessa nação africana.»¹⁰⁶. Para lá da reflexão humanista e do debate religioso que suscitou, a sua publicação continua a manter o tema da Etiópia e do *Preste* na ordem do dia, disponibilizando informações à Europa culta.

Quanto à obra de Francisco Álvares, esta será impressa igualmente em 1540. Mas a versão impressa não parece corresponder à totalidade de um possível manuscrito original, tendo sido segundo Jean Aubin sujeita a uma censura prévia devido à delicada questão religiosa e a motivos políticos, como veremos no capítulo seguinte.

Contudo, cerca de 1539 (quando *Zagazabo* regressa ao Oriente) verifica-se uma mudança de política em relação à Etiópia. Com o cerco turco a Diu em 1538, a colaboração e ajuda recíproca voltam a estar na ordem do dia¹⁰⁷. Assim é o próprio rei que ordena a impressão do manuscrito de Álvares ao tipógrafo Luís Rodrigues, sob o título *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*. De denotar que esta e a *Carta das Novas* serão as únicas obras sobre a expansão impressas na primeira metade do século XVI, como refere Luís Filipe Thomaz¹⁰⁸. Por outro lado «Pode dizer-se que foi a vinda de Zaag-Zaaâb [Zagazabo] e do Padre Álvares a Portugal(...), que marcam definitivamente o fim do mistério que até então cobria a Etiópia.»¹⁰⁹, mercê das narrativas de Álvares e de Góis, que revelam a realidade da terra do *Preste*, sem nada de mítico ou grandioso. E embora o título lendário se mantenha, cada vez se circunscreve mais à realidade da Etiópia (como atesta o título do opúsculo de Góis).

¹⁰³ Vide, Joaquim Chorão Lavajo, *op. cit.*, pp.26-35

¹⁰⁴ Vide., Jean Aubin, «Le Prêtre Jean devant la Censure Portugaise», *in, op. cit.*, p.209

¹⁰⁵ Hervé Pennec, *op cit.*, p. 34

¹⁰⁶ Elisabeth Feist –Hirsch, *op.cit.*, p. 189

¹⁰⁷ Vide, Jean Aubin, *op cit.*, pp. 184/207

¹⁰⁸ Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, p. 60

¹⁰⁹ A . de Magalhães de Basto, *op cit.*, p. 278

2. *Cousas do Preste*: Relatos e Descrições da Etiópia nos séculos XVI e XVII

«(...) eu sei esta terra melhor que nenhum natural dela (...)», Francisco Álvares, *Verdadeira Informação...*

Procuraremos em seguida, acompanhar as referências feitas ao reino da Etiópia nas obras dos grandes cronistas da Expansão, a partir das informações facultadas por ou lidas em Álvares, Góis e outras fontes, nomeadamente relatos orais. Ao mesmo tempo são publicadas obras de menor fôlego, centradas em determinado episódio da temática etíope, escritas por personagens também eles conhecedores da sua realidade, a partir dos contactos que se continuam a verificar entre portugueses e o reino abexim. Contudo, estas referências e relatos são produto de uma proximidade efectiva com a realidade etíope, em primeira mão ou através de relatos verosímeis. Afastam-se do conteúdo mítico ou especulativo medieval, aproximando-se de uma realidade que se torna alcançável e conhecida, nalguns casos palpável, sentida e sofrida pelos autores. Havia sido inaugurado o *verdadeiro* conhecimento das terras do *Preste João*.

1.1- Cousas del rey da Abasia ou Ethiópia sobre Egypto, a q vulgarmente chamamos Preste Ioam, nos Relatos e Cronística do século XVI

Outras obras sobre a temática etíope são produzidas por autores que estiveram no terreno e se terão até cruzado. Tal é o caso de Mestre João de Bermudes que acompanhara a embaixada de D. Rodrigo de Lima, relatada por Francisco Álvares, na qualidade de barbeiro e cirurgião, tendo permanecido na Etiópia, talvez como uma espécie de garantia do embaixador enviado pelos etíopes, quando da partida da embaixada em 1526. Ali viverá durante dez anos até que, segundo o seu testemunho, o

imperador etíope acometido pelos ataques de forças muçulmanas apoiadas pelo crescente poderio turco no Mar Vermelho, o envia a Portugal como seu emissário numa tentativa de obter auxílio do monarca português e do Papa a troco da promessa de obediência à igreja romana e do pedido de envio de um patriarca latino. O patriarca copta, *Marcos*, entretanto falecido, não fora substituído e, segundo a sua versão, Bermudes teria sido investido, ainda pelo velho *abuná Marcos*, da dignidade de patriarca católico¹¹⁰.

Depois de passar por Roma e apresentar as missivas ao Papa, parte «(...) inopinadamente de Roma pela calada encaminhando-se à corte de Portugal, onde foi recebido como embaixador do monarca etiópico.»¹¹¹ Uma vez em Lisboa manda prender *Zagazabo* pelo incumprimento da missão (embora o monarca português o mande libertar¹¹²). Bermudes consegue, todavia, o auxílio de D. João III e regressa ao Oriente na armada de 1539, denominando-se patriarca da Etiópia, alegando ter sido a sua dignidade confirmada pelo Papa Paulo III. Em 1541, acompanha o governador D. Estevão da Gama, filho de D. Vasco da Gama, na expedição militar ao Mar Vermelho.

A armada portuguesa, alcançando o porto de *Maçuá*, envia uma força expedicionária de quatrocentos homens comandados pelo jovem irmão do governador e antigo capitão de Malaca, D. Cristóvão da Gama, ao rei etíope a braços com uma invasão muçulmana. Na mesma expedição segue um militar, membro da pequena nobreza, Miguel de Castanhoso, que será o responsável por outra obra sobre a Etiópia.

Os sucessos da expedição são por demais conhecidos: perante uma estrutura política destrocada e refugiada nos montes escarpados pelas investidas de Ahmed Ibne Ibrahim Al-Ghazi, o *Granhe* (o Canhoto), emir de *Zeila* e líder das tribos muçulmanas da região circundante, a expedição portuguesa reanima as forças etíopes e consegue deter a ameaça moura. No entanto numa refrega as forças portuguesas são divididas sendo o seu capitão capturado, torturado e morto. O restante exército consegue, porém, sustentar a vitória etíope.

Ambos os autores relatarão o trágico feito de D. Cristóvão da Gama, que será frequentemente referido nas obras posteriores sobre a Etiópia, como o primeiro mártir português naquelas paragens, dando origem a várias lendas que acompanharão o

¹¹⁰ O que é discutível pois não havendo uma conversão oficial ao catolicismo, essa função, no seio da Igreja etíope, cabia ao patriarca copta de Alexandria, sendo o intervalo entre as nomeações geralmente muito longo pelas dificuldades de comunicação, segundo as informações recolhidas em Álvares e Pais

¹¹¹ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo I, Vol. II, p.567

¹¹² Vide, Jean Aubin, *op cit.*, pp. 206/207

episódio. A história da sua confrontação com o Granhe perdurará também no imaginário etíope até aos nossos dias¹¹³.

Os sobreviventes do exército de D. Cristóvão permaneceram na Etiópia, honrados e instalados, mas virtualmente prisioneiros do governante etíope como havia já acontecido a Pêro da Covilhã¹¹⁴. Casam com mulheres locais e tal como os seus descendentes, que continuam a ser conhecidos como portugueses e a praticar o catolicismo, dedicam-se à actividade militar dispersos pelo país, especialmente nas zonas fronteiriças¹¹⁵. Segundo A. de Magalhães Basto esta situação convinha igualmente ao rei português, que ali deteria uma “guarda-avançada” para possíveis ligações com os estabelecimentos portugueses na África Oriental, Cabo e África Ocidental¹¹⁶.

Castanhoso não terá destino igual ao dos seus companheiros pois consegue regressar em 1544 com uma carta de “recomendação” do monarca abexim para D. João III. A partir da sua experiência compõe *A Historia das cousas que o muy esforçado capitão Dom Cristovão da Gama fez nos Reynos do Preste João com quatrocentos Portugueses que consigo levou*, publicada em 1564 pelo impressor João Barreira que teria procedido a algumas reformulações e retoques¹¹⁷. Existe também um *Tratado...*, não impresso, permanecendo apenas uma cópia do século XVIII, talvez mais próxima do manuscrito original, que teria circulado como fonte de informação entre os cronistas da época¹¹⁸.

A obra de Castanhoso, é antes de mais, um relato de um feito militar e a apologia de D. Cristóvão da Gama, mas possui igualmente uma dimensão descritiva da terra e do povo.

Quanto a Mestre João Bermudes permanece igualmente na Etiópia, assumindo a sua dignidade de patriarca. Mas os documentos que tal confirmavam¹¹⁹ teriam sido perdidos na batalha que resultou na captura do jovem Gama. Na realidade muitos

¹¹³ Numa viagem à Etiópia (Março e Junho de 1999), o antropólogo Manuel João Ramos, recolheu várias lendas ou recolhas orais, referentes à presença portuguesa naquele país e ao episódio de D. Cristóvão da Gama e seu confronto com o Granhe, na zona de Gondar e do lago Tana.. Vide Manuel João Ramos, *Histórias Etíopes-Diário de Viagem*, 2ª parte, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000, pp.113/121

¹¹⁴ «Os sobreviventes eram o suporte militar e político do monarca, sendo o seu papel importante para a manutenção do reino abexim. Por isso, o rei tentou evitar a todo o custo, a sua partida (...). Muitos portugueses acabaram por permanecer na Etiópia, a maioria não de livre vontade.», Maria Teresa do Rosário Lopes, *op.cit.*, p.121

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 247

¹¹⁶ A de Magalhães Bastos, *op cit.*, pp. 285/286

¹¹⁷ Vide, Maria Teresa do Rosário Lopes, *op cit.*, p. 242

¹¹⁸ Vide a análise das obras feitas por Maria.Teresa do Rosário Lopes, *Ibd.*, p. 243

¹¹⁹ Segundo Francisco Rodrigues, Bermudes « (...) fingiu ou forjou bulas pontifícias (...)», *op. cit.*, p. 567

duvidam da sua credibilidade, incluindo a Igreja romana, a companhia de Jesus¹²⁰ e o próprio rei português¹²¹. Mas a maioria dos escritores da época e posteriores (incluindo os padres Jesuítas) apresentam-no frequentemente como o primeiro patriarca católico da Etiópia¹²², continuando a sua verdadeira posição oficial a ser motivo de confusão. Face à falta de vontade do novo imperador *Glaudeôs/ Atanâf Çaguêd* de prestar obediência a Roma, uma vez repelida a ameaça islâmica, o convívio com o pretenso patriarca deteriora-se. Interpelado desabridamente e mesmo excomungado, o imperador indispõe-se e parece ter enviado a Lisboa, c.1545, um emissário com uma carta ao rei português onde se queixava de Bermudes e lhe solicitava o envio de um novo patriarca, obtendo resposta afirmativa de D. João III¹²³. Por fim foi Bermudes destituído, preso e banido da corte em 1556¹²⁴, acabando por chegar um novo patriarca copta de Alexandria¹²⁵.

Em 1559 Bermudes regressa a Lisboa. Em 1565 é publicada a sua *Breve Relação da Embaixada que o Patriarcha D. João Bermudez trouxe do Imperador da Ethiopia vulgarmente chamado Preste João*, onde, segundo uma versão muito própria centrada na importância da sua pessoa, narra os acontecimentos decorridos durante a sua estadia na Etiópia, incluindo o episódio de D. Cristóvão, no qual não estivera presente e a posterior pacificação do reino, socorrendo-se provavelmente do relato de Castanhoso para este incidente¹²⁶.

Estas descrições de intervenientes nos acontecimentos que envolvem portugueses e abexins são mais um passo na desmitificação da terra do *Preste*. Os contornos verdadeiros do seu reino são novamente referidos, confirmando-se a descrição de Álvares.

¹²⁰ Vide, Hervé Pennec, *op cit*, pp.43-46

¹²¹ Vide, S. T., «Prefação», *Breve Relação da embaixada que o Patriarcha D. João Bermudez trouxe do Imperador da Etiópia...*, Col. de Opusc. T. I, nº IV, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1875, p. V

¹²² Vide *ibid.* e Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente – Formas de Sentir no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Colibri, 2003, p. 44 e Hervé Pennec, *op cit.*, pp. 43-46

¹²³ Vide, . Francisco Rodrigues, *op cit.*, p. 569

¹²⁴ De regresso a Goa, «(...) lançou sua maldição a as terras por onde passou, excepto ao Reyno de Tigrê, que affirmão deixou a rogo de alguns Portugueses, q o acompanhavão(...). E dizia que via entrar em as terras do Emperador huas formigas pretas que as destruião; que parece erão huns gentios m.to pretos que chamão Galas, que pouco depois se forão chegando (...)» Pais, Vol.I, pp. 286/287

¹²⁵ «Depois q o Emperador Claudio (...) teve reduzidas a sua obediencia as terras q tomarão os mouros e pacificado seu Imperio(...) quando ouvera de ser mais agradecido a Deos N. S.(...) e sujeitarse de todo à Sta Igreja Romana, seguindo a doutrina q ensinava o santo Patrircha [sic] D. João Bermudez, a quem havia tres annos q por tal tinha recebido e entregado as terras do Patriarchado, q são m.to grandes então mostrou quam longe estava desta obediencia (...); porq fez trazer outro Patriarcha de Alexandria, pera excluir o q tinha de Roma e no mesmo tempo se conçertarão os frades de hum mosteiro grande pera infamar a D. João Bermudez, cuja santidade de vida lhes era m.to molesta (...)», *Ibid.*, pp. 285/286

¹²⁶ Vide Ana Paula Avelar, *op cit.*, pp. 44/45; sobre a especificidade da sua obra, *Vide, Ibid.*, pp.209/215

No decorrer do século XVI, o interesse pela Etiópia manter-se-á, embora esta fosse uma região “marginal” ao Império português do Oriente. Havia alcançado/mantido a sua importância no imaginário europeu, continuando a deter segundo Rui Manuel Loureiro, o estatuto de interlocutor privilegiado do Império português¹²⁷. Daí que esta temática seja retomada pelos grandes cronistas da expansão. Estes narrarão os episódios das relações luso-etíopes (as expedições ao Mar Vermelho; o envio de emissários etíopes; a embaixada de D. Rodrigo de Lima; a expedição de D. Cristóvão da Gama) e abordarão, embora brevemente, as características da terra e costumes, inseridas nos seus relatos dos feitos portugueses no Oriente.

Desta forma, tanto João de Barros na sua *Ásia*, organizada em Décadas (três volumes que cobrem o período de 1489 a 1553, publicadas entre 1552 e 1563), como Fernão Lopes de Castanheda na sua *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* (publicada a partir de 1551 sendo o último livro, o oitavo¹²⁸, publicado já postumamente, em 1561, abrangendo os acontecimentos ocorridos desde a descoberta da Índia por mar até 1548), relatam e referem esses sucessos.

Barros possuía largos conhecimentos e tinha acesso a documentação, sendo detentor de vários cargos oficiais, mas nunca esteve no Oriente; Castanheda, por sua vez, vivera dez anos na Índia, sendo seu pai Ouvidor em Goa. Em relação à temática do *Preste*, Barros refere os contactos desde as viagens de Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva, às expedições ao Mar Vermelho, a partida e o regresso da embaixada de D. Rodrigo de Lima, dedicando os dois primeiros capítulos do livro quatro da terceira Década ao seu reino, povo, religião e costumes.

Quanto a Castanheda, refere, a propósito da chegada do embaixador Mateus, a terra e os costumes; as expedições ao estreito de Meca; os contactos da armada de Diogo Lopes de Sequeira e o mosteiro de Bisão perto da costa, a embaixada de D. Rodrigo de Lima e seus sucessos até ao regresso da dita.

Ambas as obras seriam largamente divulgadas e consultadas na sua época. O mesmo não aconteceria com a obra de um terceiro cronista seu contemporâneo, cujo manuscrito permaneceria inédito até ao século XIX. Trata-se de Gaspar Correia que

¹²⁷ Tal é também a situação da China, esta no extremo do Império português a Oriente. Vide Rui Manuel Loureiro, *op.cit.*, p. 109

¹²⁸ Deveriam ser dez, segundo uma estruturação clássica também seguida por Barros, mas os dois últimos são desconhecidos, apenas se tendo recuperados trinta e um capítulos graças ao jesuíta Gian Pietro Maffei. Cf., P. M. Laranjo Coelho, « Preâmbulo » in, Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Livros VII, VIII e IX, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, pp. VII-IX e Ana Paula Avelar, *op.cit.*, p. 18

redigiu as *Lendas da Índia*, durante os largos anos em que permaneceu no Oriente como funcionário da Coroa, narrando os feitos dos portugueses no Oriente desde os seus inícios auspiciosos até ao final do governo de Jorge Cabral em 1550. A obra inicia-se precisamente com a viagem de Paiva e Covilhã ao *Preste João* das Índias. Tal como os autores anteriores vai referindo ao longo da sua obra as notícias de contactos com o reino do *Preste*, salientando-se no capítulo III, referente ao governo de Lopo Vaz de Sampaio, «As cousas que os nossos contarão que passarão, depois que partirão de Maçuha, com o Preste e até que tornarão a embarcar no mesmo Maçuha»¹²⁹, onde faz uma descrição relativamente detalhada do reino, seus costumes, habitantes, fauna, terras limítrofes, além de narrar a embaixada de 1521, a entrevista com o *Preste* no seu arraial e os cerimoniais da corte, valendo-se da descrição do P. Francisco Álvares como refere e de memórias de outros membros da embaixada¹³⁰. Será também com base no testemunho de Castanhoso e de outros sobreviventes que narra a história do contingente militar de 1540 e do seu trágico comandante¹³¹.

Sublinhemos que a designação *Preste João* continua a ser utilizada, mas com reticências, como já referimos, identificando-se com o rei da Etiópia ou, segundo a designação erudita, com a Abássia¹³² (ou Abissínia) como é o exemplo de João de Barros: «Em que se escreve as cousas delrey da Abasia ou Ethiópia sobre Egypto, a q vulgarmente chamamos Preste Ioam: e as causas do error deste nome (...)»¹³³.

Neste grupo de cronistas do Oriente, de salientar ainda a monumental obra de Diogo do Couto no dealbar do século XVII. Este autor segue a carreira militar na Índia, ocupando depois vários cargos oficiais. Encarregado por Filipe I de continuar as *Décadas* de Barros, desde 1526 até c. 1616, redigirá na esteira do primeiro, doze *Décadas*, entre diversos desaires¹³⁴. Além dos tópicos habituais e devido à delimitação

¹²⁹ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Vol III, pp.26-79

¹³⁰ Jean Aubin contesta o conhecimento da obra completa de Álvares por Gaspar Correia devido à imprecisão que o caracteriza: « (...) les *Lendas da Índia* contiennent sur l'ambassade de 1520-1526 en Éthiopie des erreurs manifestes et des particularités inconciliables à celles des autres sources connues, à commencer par *Verdadera Informaçam*. Rien de ce que relate Corrêa ne peut être attribué à une version première d'Álvares.», *op cit.*, p. 193

¹³¹ Gaspar Correia, *op cit.*, Vol IV, pp. 345-398

¹³² Vide, João de Barros, *Ásia(...) dos feitos que os portuguese fizerm no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente- Terceira Década*, Livro IV, Cap. I, ed. facsimilada da ed. princeps de 1563 da Oficina de João de Barreira, Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, s.d. 1992, fol. 84 V.

¹³³ *Ibid.*, Fols. 84 e 85.

¹³⁴ Entre os acasos sucedidos conta-se um incêndio na tipografia, roubos, extravios, novas versões, e finalmente a perda da XI *Década*, restando apenas, alguns capítulos da XII. À data da sua morte em 1616 apenas 4 das suas *Décadas* haviam conhecido publicação. As restantes foram publicadas de forma espaçada, e não ordenada, conhecendo-se apenas 5 livros da XII *Década* (publicados em Paris em 1645); a X apenas foi publicada na única edição exhaustiva feita até hoje, pela Régia Oficina Tipográfica, conjuntamente com as obra de Barros, entre 1778 e 1788. Cf. Manuel Severim de Fraia, «Vida de Diogo de Couto» in, Diogo de Couto, *Da Asia de João de Barros e de Diogo do Couto*, Vol. 10, *Década Quarta, Parte Primeira*, Lisboa Na regia Officina TYpografica, 1788, pp.V/XII; M. Augusta de Lima Cruz, «Palavras Prévias» in, Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia*, ed.

temporal da sua obra, Couto narra ainda a odisseia de D. João de Bermudes e as primeiras iniciativas de missionação na Etiópia com o P. Mestre Gonçalo; a viagem e chegada à corte etíope do bispo, D. André de Oviedo. Nas suas últimas referências à Etiópia refere os ataques de povos tribais e mouros, as dificuldades da missionação e as convulsões políticas do reino etíope no início do século XVII.

De denotar que Couto utiliza frequentemente o termo *Abássia* ou *Etiópia*; a utilização da designação de *Preste João* torna-se uma mera questão de forma. Aliás, Couto discutirá esta nomenclatura no primeiro capítulo do Livro X, da Década quarta, segunda parte¹³⁵, sendo a confusão na denominação da terra atribuída a Pêro da Covilhã, o que continuava a dar origem a imprecisões, tal como Barros havia já anotado.

Portanto a matéria do *Preste* e do seu reino etíope continua a merecer a atenção nos relatos do Oriente até inícios do séc. XVII, seguindo de perto as informações veiculadas pelos autores que haviam tido experiência no terreno abexim¹³⁶. É agora, no entanto, um reino razoavelmente conhecido e localizado, ao qual é mesmo necessários prestar auxílio face às suas dificuldades políticas. Os velhos sonhos de alianças político-militares vão-se esfumando. Acrescendo que, a despeito do seu Cristianismo, este tem para os rigoristas católicos da Contra-Reforma, um carácter herético, tal como sentiram na pele o emissário *Zagazabo* e Damião de Góis¹³⁷.

2.2- Missão na Etiópia: O empenhamento jesuíta no reino do *Preste*

Inicia-se no final do século XVI e início do XVII uma segunda fase de contactos com a Etiópia, centrados na questão religiosa. De facto, o afastamento etíope da (considerada) verdadeira Cristandade abre um novo campo de contactos: o da missionação. Os primeiros membros da Companhia de Jesus aportam na segunda metade do século XVI às costas da Abissínia para converter os hereges, tal como Couto

crítica, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/ Fundação Oriente/Imprensa Nacional, 1999, pp.VII/XII; Rui Manuel Loureiro, *op cit.*, pp.55 e ss.

¹³⁵ «Da origem, e principios dos Mogores, e Tartaros, e Provincias que possuíram (...) e de como entre elles se constituiu a dignidade de Preste João, a que chamam das Indias: e de como se trespassou no Imperador da Ethiopia.» ,Diogo do Couto, *Décadas da Ásia*, Vols. X a XXIII, Lisboa, Régia Officina TYpographica, 1778/1788

¹³⁶ «(...) apesar das sucessivas desilusões, as coisas da Etiópia alimentaram consistentemente o interesse de numerosos autores europeus, que lhes foram dedicando sucessivos tratados monográficos ao longo das centúrias de Quinhentos e Seiscentos.», Rui Manuel Loureiro, *op cit.*, pp. 90-91

¹³⁷ *Vide supra*

já referira nas suas últimas Décadas. Esta nova modalidade de contactos insere-se num novo paradigma, que determinará a produção da nossa segunda obra em análise, a *História de Etiópia* do padre jesuíta Pêro Pais.

Caracterizemos, pois, essa nova mundivisão que se instalara na Europa católica ao longo da segunda metade de Quinhentos. Com efeito à relativa abertura do início do século XVI, à euforia de circulação de ideias e informações do Humanismo e Descobertas e renovação cultural do Renascimento, apoiado pelo círculo da Corte de D. Manuel I¹³⁸ e dos primeiros anos do reinado de seu filho, D. João III (monarca, que numa primeira fase, se assumirá como patrocinador de uma cultura “moderna”, encetando um programa cultural no sentido de um acompanhamento da Europa¹³⁹), o sul da Europa será marcado, a partir, *grosso modo*, da segunda metade do século XVI, pela ruptura entre bloco cristão romano e o norte da Europa reformista, iniciada com a dissidência luterana em 1520. Cerca de 1552, os campos culturais e religiosos haviam-se extremado; a conciliação entre católicos romanos e reformistas não seria possível¹⁴⁰. Esta conjuntura é acompanhada pelo perigoso e imparável avanço do império otomano a Oriente¹⁴¹.

Roma vê-se perante a necessidade de reunir as suas hostes e tentar uma solução eficaz para remediar a divisão: efectua assim um prolongado concílio em Trento para reforço da ortodoxia romana, em três fases temporais distintas entre 1545 e 1563, com empenhada participação do clero português.

Neste contexto a contra-reforma é amplamente acolhida e observada na Igreja portuguesa, com apoio incondicional da Coroa: a 12 de Dezembro de 1564, o jovem D. Sebastião, promulga os decretos do Concílio de Trento, terminado em 1563. O tribunal do Santo Ofício havia sido introduzido em Portugal por D. João III em 1536, estando em funcionamento desde 1539; o seu *Index* (a primeira lista de obras manuscritas proibidas surgiria em 1547; o rol dos livros impressos apareceria em 1551) controlará a

¹³⁸ Cf., Elisabeth Feist-Hirsch, *op. cit.*, pp. 9-20, João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, pp.213-216 e ainda José Eduardo Franco, *O Mito dos Jesuítas*, Vol. I, Lisboa, Gradiva, 2006, pp. 91/94

¹³⁹ Vide, Elisabeth Feist Hirsch, « O Humanismo em Portugal no reinado de D. João III » in , *op. cit.*, pp.193-211 e Ana Isabel Buescu, *D. João III*, Lisboa Círculo de Leitores, 2005, pp.245-259

¹⁴⁰ António Rosa Mendes, «A Vida Cultural» in,*História de Portugal*, José Mattoso (dir.), Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p.403

¹⁴¹ O império turco Otomano avança no Mediterrâneo desde a queda de Constantinopla em 1453 ao mesmo tempo que se estende na Ásia: em 1516 toma o império mameluco do Egipto; em 1521, Solimão, o Magnífico conquista Belgrado e ocupa o Iémen; no ano seguinte toma Rodes e em 1525 Argel cai em seu poder; em 1526 o Rei Luís II da Hungria tomba em combate com os Turcos e Buda é tomada no ano seguinte; em 1529 estão às portas de Viena onde regressarão em 1532; em 1534 conquistam Bagdade e a Pérsia; em 1537 atacam Corfu e o Sul de Itália e em 1538 tomam a porta do Mar Vermelho, Adém; no mesmo ano é formada a Liga Católica contra os Turcos; em 1541 atacam novamente Buda, enquanto as forças do Imperador Carlos V tentam opor-se-lhes no Mediterrâneo; em 1548 tomam Bassorá. Ana Isabel Buescu « Cronologia » in, *op. cit.* pp.300/314

produção e distribuição cultural, mantendo-a dentro da estrita ortodoxia. Também no império se assiste ao reforço da instituição eclesiástica: em 1534 é criado o bispado de Goa, que engloba toda a África Oriental, a Índia e todas as terras a Oriente. Os estabelecimentos religiosos proliferam e a importância da estrutura religiosa no Oriente aumenta significativamente (Goa passa a arquidiocese em 1558 e as dioceses multiplicam-se; em 1572 o arcebispo de Goa recebe o título de primaz e patriarca das Índias).

A uniformização doutrinal, a preparação do clero e difusão da fé nos “novos territórios”, compensando os crentes perdidos na Europa e completando o pressuposto do apostolado evangélico, tornam-se uma prioridade na Europa pós-tridentina, conjugando-se com a necessidade de reorganização e consolidação do império português, cuja extensão inviabiliza uma política continuada de conquista militar¹⁴². Por outro lado, o ideal de cruzada e o proselitismo religioso sempre andaram de mãos dadas com a expansão política, militar ou comercial do Império português. Aliás esta ligação da Igreja e do Estado é bem patente na instituição do “Padroado Régio”, segundo o qual, certos poderes de Roma são delegados na coroa portuguesa, entre eles a propagação da fé cristã¹⁴³. A uma coexistência relativamente tolerante com as religiões locais no início do século XVI segue-se, a partir de Trento, a imposição do credo católico e a sua estreita observância (a Inquisição é instaurada em Goa em 1560; verificavam-se medidas repressivas contra outras religiões já desde 1540), segundo o princípio de um reino, uma fé (*cujus regio illius religio*).

Com a nova ordem cristã tridentina, assiste-se ao advento da igreja militante, corporizada nas actividades de missão das ordens religiosas, onde sobressaem as da jovem Companhia de Jesus¹⁴⁴.

¹⁴² Segundo C. F. Boxer, « No fim do século XVI, os Portugueses tinham em grande parte abandonado as atitudes e mentalidades de conquistadores que os havia inspirado nas primeiras décadas da expansão na Ásia e encontravam-se fundamentalmente interessados no comércio pacífico e em conservarem o que já tinham conseguido.», C. R. Boxer, *op.cit.*, p. 92

¹⁴³ Situação institucionalizada pelas Bulas papais *Romanus Pontifex*, de Nicolau V e *Inter Coetera*, de Calisto III, datadas respectivamente de 1455 e 1456, que concedem a jurisdição espiritual das terras descobertas à Ordem de Cristo, estreitamente ligada à família real. Regulamentadas pelas bulas *Aeterni Regis Clementi*, 1481, e *Dum Fidei Constatiam*, de Leão X, 1514 (sanciona a jurisdição régia). A Bula *Eximiae Devotionis*, 1522 confirma as os direitos da Ordem de Cristo, da qual, o rei é mestre. A ordem de Cristo será integrada na coroa através das Bulas *Aequum Reputamus*, de Paulo III, 1534, e *Praeclara Charissimi*, de 1551. Vide, Francisco Bethencourt, «Configurações do Império» in *História da Expansão Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Temas e Debates, 1988, pp.369-386 e Manuel Cadafaz de Matos, «Humanismo e evangelização no Oriente do século XVI» in *Revista do ICALP*, nº7-8, 1987, pp.1-32, [online]. Disponível <http://www.institutocamjões.pt/cvc/buc/revisraicalp/humanismo.pdf> (acesso em 04/01/06) e Hervé Pénec, *op.cit.*, pp.81-82

¹⁴⁴ Esta era uma ordem religiosa de recente criação, nascida da inspiração de Inácio de Loyola, cavaleiro espanhol, desejoso de defender o catolicismo de uma forma eficaz e disciplinada. Depois da sua revelação estuda em Paris desde 1528, onde se cerca de um grupo de colegas. Num clima de crescente dissensão protestante, o pequeno grupo parte para Roma, onde reúne simpatias e em Setembro de 1540, a nova ordem religiosa,

Caracterizemo-la brevemente para que possamos situar a nossa segunda obra em análise. A postura organizada e activa da Sociedade de Jesus na defesa e propagação da fé, pondo a tónica na preparação dos seus membros e na catequização dos próprios católicos através do ensino e pregação, deverá ter contribuído para a sua aceitação na Europa pós-Trento. Tendo por objectivo a uniformização e coesão da igreja romana, esta nova ordem militante era mais do que bem-vinda. A “Fórmula do Instituto” de 1540, um manifesto que constituía a base da bula fundadora da Companhia, falava da “propagação da fé” como sua obrigação-chave. Em 1550, esta frase já se tornara “defesa e propagação da fé”.¹⁴⁵

A Companhia de Jesus instala-se rapidamente em Portugal, logo em 1540, tendo sido recomendada ao rei D. João III por Diogo de Gouveia sénior, principal do colégio de Santa Bárbara de Paris; este solicita ao Papa a autorização de entrada da Ordem no reino para a evangelização das conquistas portuguesas. De imediato, a Companhia de Jesus obtém uma posição privilegiada na corte portuguesa; mas deve igualmente contemporizar com o poder secular, ao qual fica intimamente ligada¹⁴⁶.

A sua acção evangelizadora fora da metrópole inicia-se com a chegada de um fervoroso Francisco Xavier a Goa em 1542; em 1549 é constituída a Província de Goa da Companhia. No início da década de 60 afirma-se a autonomia de Província de Goa face a Roma, na organização e distribuição do pessoal missionário no Oriente português, o que atesta a sua crescente importância.

A Companhia de Jesus, especialmente vocacionada para a evangelização, é-o igualmente para o ensino, cujas instituições acaba por dominar no reino¹⁴⁷. A sua influência no campo da educação alargar-se-á a todo o Império, onde fundam seminários e colégios, praticamente equivalentes ao ensino universitário. No quadro de conversão dos gentios, é fundada em Goa (1540) a Confraria da Santa Fé, cujo patrono era S. Paulo. Esta procede à construção de um colégio e seminário sob a direcção

denominada Companhia de Jesus, é oficialmente reconhecida na bula *Regimini Militantis Ecclesiae* do Papa Paulo III. Vide, Jonathan Wright, *Os Jesuítas, Missões, Mitos e Histórias*, Lisboa, Quetzal, 2005, p. 30 e José Eduardo Franco, *op. cit.*, p. 60

¹⁴⁵ Jonathan Wright, *op. cit.*, p. 34

¹⁴⁶ Cf., Hervé Pennec, *op. cit.*, pp.47-54 e José Eduardo Franco, *op. cit.*, pp. 87/8

¹⁴⁷ A preponderância jesuíta no ensino talvez se possa explicar através das simpatias dos conservadores de Paris (onde Loyola havia estudado) e da prática de estabelecimento de Colégios para a formação dos seus membros. Detendo já o Colégio de Santo Antão em Lisboa e do Espírito Santo em Évora (transformado em Universidade em 1559 pelo cardeal infante D. Henrique, ele próprio membro da ordem), o rei havia-lhes concedido o Colégio das Artes de Coimbra em 1555. Do ponto de vista cultural, a grande inovação jesuíta parece ter sido a conjugação dos estudos clássicos, com a ortodoxia católica.

inicial dos franciscanos; mas, a partir de 1542, a sua direcção cabe aos jesuítas, que tomam plena posse do colégio desde 1551, por acordo com o rei¹⁴⁸.

A dinâmica cultural jesuíta é comprovada pela indubitável importância que o livro e a leitura assumem para os seus membros. A biblioteca oferecida por D. João III a Francisco Xavier aquando da sua partida para o Oriente ilustra bem esta faceta dos Jesuítas, «(...) uma vez que os missionários eram, por excelência, os homens da “palavra” ou, melhor dizendo, do “discurso“, fosse este oral ou escrito, manuscrito ou impresso.»¹⁴⁹

O êxito da sua tarefa missionária pode explicar-se pela preparação, eficiência e motivação dos seus membros. A Companhia tinha levado a sério as recomendações de Trento quanto à necessidade de formação intelectual nas suas fileiras. Segundo Rui Manuel Loureiro «Os missionários jesuítas (...) possuíam, regra geral, uma preparação cultural mais aprofundada, que lhes permitiu assumirem de imediato um evidente protagonismo no ensino e na missionação.»¹⁵⁰ Já anteriormente C. R. Boxer afirmara: «(...) suspeito que, no conjunto, o padrão dos Jesuítas era mais elevado e que frequentemente, demonstravam maior espírito de sacrifício do que os seus colegas de outras ordens (...)»¹⁵¹. Com efeito, os “soldados de Deus” da Companhia, internando-se em regiões longínquas, entre povos desconhecidos, são os “homens de fronteira”¹⁵², essenciais na manutenção do império e na continuação do alargamento da sua esfera de influência a regiões não ocupadas política e militarmente, uma vez que com frequência se moverão nas cortes dos potentados locais¹⁵³.

¹⁴⁸ Vide Hervé Pennec, *op. cit.*, p. 83; este Colégio de Goa assume um importante papel de pólo cultural e pedagógico de moldes europeus no Oriente. Insere-se neste processo sistemático e militante de evangelização e de acção cultural, a introdução da tipografia em Goa, no dito Colégio de S. Paulo (c. 1556), em estreita ligação à Companhia de Jesus. O impressor João de Bustamente, de Valência, chega a Goa em 1556, na companhia dos Jesuítas, ordem em que havia ingressado em 1555, assim como João Gonçalves, conhecedor da fundição de caracteres tipográficos. A sua produção será de cariz eminentemente catequético ou teológico, embora não exclusivamente (por exemplo em 1563 é impresso o *Coloquio dos Simples, e Drogas...* de Garcia de Orta), Vide, Manuel Cadafaz de Matos, *op cit*, pp.10/14 e *Idem*, «Relação das edições da tipografia de Goa» in, *ibid.*, pp 20-26)

¹⁴⁹ Possuem bibliotecas em Goa (com bibliotecário e regras de circulação) e em Ormuz. Imprimem obras nas suas tipografias e importam outras do reino. O carácter supranacional da Ordem permite igualmente a circulação de livros estrangeiros, com assinalável rapidez, embora o seu propósito deva ser edificante e conforme à ortodoxia. Rui Manuel Loureiro, *op. cit.* p.,35.e pp. 36-37

¹⁵⁰ Rui Manuel Loureiro, *op cit.*, p. 35

¹⁵¹ C.R. Boxer, *A Igreja e a Expansão Ibérica (1440- 1770)*, Lisboa, Edições 70, 1981, p.89

¹⁵² «A militância dos primeiros missionários da Companhia, o entusiasmo, os bons resultados obtidos e a propaganda que os jesuítas faziam do seu trabalho (...) arrastaram outras ordens para um trabalho semelhante (...). Foi, com efeito, a partir destes anos que os religiosos começaram a trabalhar sistematicamente fora das zonas controladas pelas armas lusas, ao mesmo tempo que intensificavam a acção nos territórios dominados (...)», João Paulo Oliveira e Costa, «Da Propagação do Cristianismo» in, Martim de Albuquerque (dir.), *Rotas da Terra e do Mar*, Lisboa, Diário de Notícias, 1994-95, fascs. 23-24, p.507

¹⁵³ «Os Jesuítas eram frequentemente confessores dos governantes e de outros oficiais superiores, que, por vezes, lhes pediam também conselhos acerca de assuntos terrenos. A sua influência era inegavelmente grande em todas as esferas da vida e do trabalho no mundo português.» , C.R. Boxer,*op. cit.*, p. 327

Esta situação suscitou rivalidades entre as várias ordens religiosas do Império exacerbadas pelo sentimento de superioridade jesuíta, pelo seu forte *esprit de corps* e, pelo seu evidente sucesso. Por este facto a Companhia de Jesus será frequentemente acusada de contemporizar com costumes idólatras pelas ordens suas rivais¹⁵⁴. Mas é necessário ter em conta que os missionários da Sociedade de Jesus, aventurando-se em pequenos grupos em regiões fora do império, viram-se forçados a respeitar e adaptar-se ao *modus vivendi* local e entrar em contacto com as culturas autóctones para a eficaz prossecução dos seus objectivos, dadas as condições de que dispunham¹⁵⁵.

O seu convívio e observação cuidadosa das terras, povos e costumes originaram numerosas descrições, registadas por escrito e relatadas em primeira mão, que enviavam aos seus superiores mediante «(...) o elaborado sistema de recolha e circulação de notícias montado pela Companhia, o qual cobria todos os territórios ultramarinos frequentados pelos europeus numa apertada rede informativa.»¹⁵⁶. Esse completo sistema informativo originou a rica epistolografia das missões jesuítas que tem por base as chamadas “cartas ânuas”, espécie de relatórios enviados anualmente ao geral da Companhia de Jesus em Roma, recolhidas pelos diversos superiores e provinciais, além de outra correspondência¹⁵⁷.

Nesta conjuntura, a Etiópia cristã é um terreno de eleição a recuperar para o seio da igreja católica, e sendo ao mesmo tempo um território limítrofe, a Companhia de Jesus será o baluarte da presença portuguesa e o agente transmissor de informações para a Europa, face ao aumento da presença muçulmana que rodeia o território. Doravante a doutrinação religiosa substituirá as alianças político-militares de difícil viabilidade nas relações com a terra do *Preste*, como afirma Hervé Pennec:

¹⁵⁴ Para a contestação da Companhia de Jesus desde os seus primórdios e polémicas com outras ordens religiosas e críticas à sua metodologia de missionação, vide, José Eduardo Franco, *op. cit.*, Parte I, pp. 49/316

¹⁵⁵ «Foram os Jesuítas os únicos missionários que procuraram transmitir às populações orientais o Cristianismo despido das tradições europeias; preocupavam-se com o estudo das línguas locais e tentavam cristianizar os ritos dos gentios.» João Paulo Oliveira e Costa, «As missões cristãs em África» in *Portugal no Mundo*, Vol. III, Luís de Albuquerque (dir.), Lisboa, Alfa, 1989, p.176. Com efeito estes missionários necessitaram de se tornar fluentes na língua local (a acção proselitista jesuíta caracteriza-se, pelo interesse no conhecimento das línguas locais e sua fixação escrita e normalização gramatical de alguns idiomas, com a elaboração de dicionários, gramáticas e catecismos pelos missionários com um fim eminentemente prático: veicular o ensino da doutrina cristã); estudavam igualmente as crenças locais, chegando mesmo a traduzir obras religiosas.

¹⁵⁶ Rui Manuel Loureiro, *op. cit.*, p. 86

¹⁵⁷ Enviadas para a Europa na Carreira da Índia eram traduzidas e compiladas, agrupando-se por regiões. Geralmente destinavam-se à leitura nos refeitórios a fim de motivar o zelo apostólico de seus irmãos. Mas as curiosidades que relatavam e que tanto interesse suscitavam, e o benefício da propaganda da expansão da fé cristã e dos feitos da Companhia, conduziu à impressão de algumas colectâneas em Portugal desde 1550, embora muitas circulassem manuscritas. Vide José Manuel Garcia, «A Epistolografia Ultramarina dos Jesuítas impressa em Portugal do século XVI» in, *Ao Encontro dos Descobrimentos- Temas de História da expansão*, Lisboa, Presença, 1994, pp. 234-243

« Ainsi la politique portugaise à l'égard de l'Éthiopie évoluait en ces termes: on passait de l' idée de croisade contre les Infidèles où l' Éthiopie chrétienne pourrait s'unir à la flotte portugaise, avec D. Manuel Ier (1495-1521), à celle d' une mission pour une terre hérétique, sous D. João III (1521-1558), où l' Ethiopie chrétienne était devenue une chrétienté déviante qu'il convenait de ramener dans le giron de l' Église romaine.»¹⁵⁸

Esta ideia de conciliação ou conversão à Igreja de Roma é encorajada pelas missivas do *Preste*, nas quais, como vimos, se parece declarar a vontade de submissão ao Papa¹⁵⁹. A Etiópia será, pois, um terreno exclusivo dos membros da Companhia de Jesus (excluindo o referido episódio do mestre cirurgião Bermudes, transformado em patriarca). Com o empenho do rei português esboça-se um projecto de missão e a nomeação de um patriarca católico para a região desde 1546. Este deveria ser um membro da Companhia, por sugestão do monarca, tendo sido considerado um membro fundador da Companhia, Pedro Fabro¹⁶⁰. Inácio de Loyola empenha-se pessoalmente na preparação da missão, mas o processo é lento parecendo mesmo ter sofrido a concorrência em Roma da movimentação de um monge abexim, *Tesfá Sion* ou Pedro Malzabé, chegado com Bermudes em 1537, que visava o envio de um patriarca católico à margem do rei português¹⁶¹. Assim, apenas em 1554 é nomeado o português João Nunes Barreto como Patriarca católico da Etiópia e dois bispos auxiliares e sucessores (indiferente ao facto de na época a Etiópia ter o seu próprio patriarca da igreja copta egípcia, vindo de Alexandria) sendo constituída a diocese da Etiópia pela Bula Papal de 27 de Janeiro do mesmo ano¹⁶².

Estabelece-se uma estratégia de conversão a levar a cabo que parte do próprio Inácio de Loyola (instruções redigidas a João Nunes Barreto de 1554 e 1555¹⁶³); estas reflectem um considerável conhecimento da realidade etíope provavelmente através dos relatos portugueses ou da presença de peregrinos ou emissários abexins em Roma (onde o Papa lhes concedera mesmo uma sede para a sua comunidade, a igreja de *Santo*

¹⁵⁸ Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 37-38

¹⁵⁹ Vide, *Ibidem*, pp. 40-42

¹⁶⁰ Cf. Nuno da Silva Gonçalves, «Inácio de Loyola, D. João III e a missão da Etiópia» in, *Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, Actas do Congresso Internacional de História, Vol. II- África Oriental, Oriente e Brasil, Braga, Universidade Católica, [1993], pp. 91/93 e Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 51/53

¹⁶¹ Cf., Francisco Rodrigues, *op. cit.*, p. 573;

¹⁶² Caio Boschi, «Estruturas eclesiais e Inquisição- Os Bispos», in, Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol II., quadros I e II, pp. 433-434

¹⁶³ Vide Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 63-71 e Nuno da Silva Gonçalves, *op. cit.*, pp.95/100

Stefano dei Mori ou *dei Indiani*¹⁶⁴). As directivas de Loyola visavam a conversão do imperador a quem se atribuí, a autoridade espiritual, à qual se seguiria a da restante população, com especial incidência no clero, substituindo-se paulatinamente o modelo copta pelo católico romano de uma forma gradual e suave¹⁶⁵, partindo do pressuposto da vontade de submissão do monarca da Abissínia à Igreja de Roma¹⁶⁶.

Mas primeiro é necessário verificar a situação de facto, e no ano de 1555 são enviados à corte abexim, a partir de Goa, dois membros da Companhia, o P. Gonçalo Rodrigues, o irmão Fulgêncio Freire e um militar português que havia pertencido ao contingente de 1540, Diogo Dias. Os resultados são frustrantes: o imperador abexim, *Glaudêus/ Atanaf Çaguêd* não demonstra o mínimo interesse em abandonar o seu credo tradicional, como refere Gonçalo Rodrigues numa carta que remete no regresso a Goa aos seus companheiros portugueses¹⁶⁷. Enquanto permaneceu na Etiópia, redigiu o *Tratado em que se mostrava pela decisão dos concílios, e authoridade dos Santos Padres a Primazia da Igreja Romana contra os erros scismaticos dos Abexins*, impressa em Goa em 1560 e destinado ao pouco interessado imperador etíope¹⁶⁸. A tónica das notícias sobre a Etiópia centra-se agora na questão da heresia religiosa.

O Patriarca designado chega a Goa em 1556, com um grupo de missionários, que inclui os coadjutores Belchior Carneiro, ordenado bispo de Niceia e o castelhano, André de Oviedo, antigo reitor do Colégio de Nápoles e ordenado bispo de Hierópolis. Mas face à situação pouco favorável, o grupo é refeito: o patriarca não partirá de Goa (onde, aliás, virá a falecer em 1562 sem ter jamais pisado solo etíope) e em 1557 partem de Goa cinco missionários (cinco padres portugueses, Manuel Fernandes; Gonçalo Cardoso; António Fernandes; Francisco Lopes e o castelhano P. Gonçalo Gualdamez) chefiados por D. André de Oviedo¹⁶⁹.

¹⁶⁴ Vide, Nuno da Silva Gonçalves, *op. cit.*, pp. 95/96

¹⁶⁵ Vide, Hervé Pennec, *op. cit.*, pp.63/71 e 228

¹⁶⁶ *Ibid.*, pp. 73/74 e 307

¹⁶⁷ Pais cita a carta a partir da compilação editada pelo P. Fernão Guerreiro, Pais, Vol II, pp.266-271, vide também Hervé Pennec, *op. cit.*, pp.87/88

¹⁶⁸ Vide., Manuel Cadafaz de Matos, *op. cit.*, p. 20

¹⁶⁹ «(...) ouve m.tas consultas assi do Patriarcha com os P.es, como do Viso Rey com os de seu Cons.º, e cõ os mesmos P.es (...) porq avião por cousa de mº pouca authoridade do Papa, e da Stª Sé Apostólica vir da sua p.e hua tam grande dignidade a Emp.or scismatico, e não aver de ser recebido delle como convinha, e tambem pello grande agravo, q (...) fazia a ElRey de Portugal, q sua petição fora medianeiro cõ o Papa (...) pelo q assentarão, q o Patriarcha D. João Nunes sobrestivesse cõ sua vinda, e q se deixasse estar em Goa, e q entretanto viesse diante a Ethiopia o P.e Bpo. Andre de Oviedo com çinco Comp.ºs pera q conforme ao q achasse, e fosse recebido do Emp.or avisasse a India pera com isso se resolver a vinda ou ficada do Patriarcha.», Pais, Vol II, pp.271-272

Como se receava, a sua coexistência com o novo imperador, *Minâs / Adamâs Çaguêd*, não será fácil¹⁷⁰, e o bispo abandonará a corte etíope dois anos depois da sua chegada¹⁷¹. Levantado o degredo é-lhe permitida a instalação de uma residência (sede de missão e de actividade dos membros da Companhia) no reino de *Tigrê*, na zona oriental da Etiópia em *Fremona*¹⁷², «(...) lugar tão desamparado das cousas humanas (...), situada ao longo de hu mato onde não avia mais q bestas feras.»¹⁷³, e ali permanecerão com poucos contactos com a corte assim como com a arquidiocese de Goa, onde não chegarão notícias suas até 1560.

A Etiópia havia “engolido” a pequena missão, à qual se juntaram alguns dos sobreviventes e descendentes dos soldados de D. Cristóvão da Gama, que compõem a pequena comunidade católica portuguesa¹⁷⁴. O Papa solicita a partida de Oviedo para a missão do Japão em 1566, mas o Bispo recusa-se a partir abandonando os católicos que dispersos no território procura reunir no reino de *Tigrê*. O patriarca, retido na Índia, envia então o irmão Fulgêncio Freire e um jovem abexim educado no colégio de S.Paulo, de nome João, na tentativa de alcançar a missão etíope (c. 1563). Mas estes são capturados na cidade árabe de *Mocca* e enviados para o Cairo, de onde conseguem enviar notícias para *Arquico*, na costa etíope¹⁷⁵.

É a época da discussão entre o método pacífico de conversão e a utilização da força militar¹⁷⁶, prevalecendo a primeira via. A ideia de repatriação da missão jesuíta

¹⁷⁰Com base em testemunhos da época Pais refere o seguinte episódio: «(...) o Emp.or scilicet Adamâs Çaguêd) (..) o mando chamar [ao Patriarca] e o reprehendeo cõ m.t.^a indignação (...). Avisaios q daqui por diante não entendais mais q cõ os vossos, nem ensineis vossa doutrina a minha gente. Ao q o S.t.^o respondeo com grande liberdade de espírito dizendo: O q eu faço he meu officio; este por nenhu respeito o hei de deixar de fazer e einar a todos os q me quizerem ouvir (...) ainda q me custe a vida. O mau Emp.^{or} (...) se acendeo em tanta ira, e furor q com grande agastamento lhe chamou m.tos nomes e m.t.^{as} injúrias; (...) , e com tanto furor arremeteo a elle, q travando lhe da roupa lha rasgou(...)», Pais, pp.297-298

¹⁷¹«(...) [o imperador] o mandou degredar juntam.te com o P.e Fr.co Lopes (...) pera hus montes muy altos e tão asperos e esteriles, q quasi ningue morava nelle , e lhes mandou sob pena de morte, q se não deçessem daly (...)»*ibid.*, p. 298

¹⁷²O seu nome teria origem no primeiro bispo da Etiópia, Frumêncio, do século IV d.C., segundo a tradição. Constituíra uma forma de legitimação da presença jesuíta e católica na região segundo Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 154/159

¹⁷³Pais, Vol. II, p. 335

¹⁷⁴Segundo Girma Beshah e Merid Wolde Aregay ,Oviedo ter-se-ia envolvido na política interna etíope, apoiando opositores ao rei e tentando obter ajuda militar portuguesa, em vão. Por fim conseguiu-se a paz interna, firmando os próprios descendentes dos portugueses o seu apoio ao imperador, recuperando seus antigos privilégios, ficando Oviedo isolado com o seu pequeno grupo na missão, em Fremona. Vide Girma Beshah e Merid Wolde Aregay, *The Question of the union of the Churches in Luso-Ethiopian relations (1500/1632)*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar e Centro de Estudos Ultramarinos, 1964, pp. 66/68

¹⁷⁵Ali parecem ter recebido uma carta do missionário P.e Manuel Fernandes, reenviada para Roma. Terão sido resgatados dois anos depois por dois enviados do Papa Pio IV, a cargo do embaixador português em Roma. Vide, Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Vol II, Damião Peres (dir. nova ed.), Porto / Lisboa, Livraria Civilização, 1968, nota 8 p. 292

¹⁷⁶Pais trelada o seguinte passo da carta de D. André de Oviedo ao Papa:« Quanto a ter melhor esperança de redução de gente de Ethiopia a Igreja Catholica, sem duvida a tenho, se da India se mandarem a esta terra 500 ou 600 soldados Portugueses, como sempre esperamos, conforme ao q lá se tratou ante q eu pera cá viesse.» Pais, Vol. II, p.303

isolada numa zona de difícil acesso também é abandonada¹⁷⁷. Assim esta sobrevive em precárias condições, tal como refere Pais, citando o testemunho de uma carta de outro missionário, Manuel Fernandes de 1566¹⁷⁸. Além do mais o cerco turco aperta-se: por essa época as forças turcas ocupam os portos etíopes do Mar Vermelho e aumentam a pressão a norte, face à ausência portuguesa nessa zona. O pequeno grupo católico está à mercê das incursões turcas no reino de *Tigrê*¹⁷⁹.

A população local acaba por respeitar o seu estilo de vida despojado, subsistindo a missão das suas esmolas. O estilo cenobítico é sublinhado por Pais¹⁸⁰.

Os seus companheiros «Quasi sempre andavão por serras, e caminhos m.tº asperos, de huas partes a outras ensinando, e sacramentando aos Portugueses e catholicos, q estavam em partes muy distanttes (...)»¹⁸¹, sofrendo ataques dos gentios, dos Turcos e de ladrões indiscriminados, que tudo lhes tiravam e por vezes os agrediam¹⁸². Os membros da missão na Etiópia irão morrendo sem alcançar grandes êxitos; Gualdames falece em 1562, morto pelos turcos quando procurava levar notícias da missão à Índia; Cardoso foi morto por ladrões em viagem em 1575; por sua vez D. André de Oviedo falecerá de doença em 1577; substitui-o Manuel Fernandes que morrerá de febres em Fremona em 1585¹⁸³.

Contudo a missão de evangelização continua a ser matéria grata aos monarcas da Coroa portuguesa. Tal é o caso do bisneto dos reis católicos, Filipe II de Espanha. Enquanto rei da monarquia dual peninsular continua a apoiar o esforço evangelizador no Império português, que se mantém distinto do reino espanhol. Assim a partir de 1587, este monarca, retoma a ideia de aliança cristã contra os turcos, apoiada no factor religioso, e até numa possibilidade de comércio, estrangulada pelos muçulmanos¹⁸⁴.

¹⁷⁷ Vide Hervé Pennec, *op cit.*, pp.100-102; segundo a mesma carta de Oviedo citada acima : «(...) mas, (...) se outra cousa se ordenar, ou El Rey de Portugal não for servido mandar o socorro de soldados (...), V. Santidade lhe escreva q mande pello menos hua armada grande, q baste pera recolher todos os catholicos, q aqui se acharem (...)»., Pais, Vol. II, p. 306

¹⁷⁸ «Achamos [o referido padre, Gonçalo Cardoso e o irmão Manuel Fernandes que missionavam no interior] o P.e Patriarcha posto em hu tão baxo e abjecto estado q vello he magua ; e agora ficamos negociando alguma junta de bois, pera ver se lavrando podemos remediar nossa pobreza.»., *Ap. ibd.*, p.320

¹⁷⁹ *Vide ibd.*, p. 321

¹⁸⁰ «A casinha, onde morava, era redonda e m.tº estreita, e sem repartimento nenhu; a parede de pedra e barro tão baixa, q levantando eu a mão, quasi chegava ao alto della. (...) O vestido veo a ser tão pobre, q não tinha senão hu pano baixo com q se cobrir. O pão, q comia era de hua semente vermelha desabrida (...) mantimento mais de passarinhos, q de homens (...). As iguarias, q o S.tº com isto comia erão ervas cozidas m.tºs vezes só com agoa e sal (...)»., *Ibd.*, pp.321-322

¹⁸¹ *Ibd.*, p. 339

¹⁸² *Ibd.*, p.339

¹⁸³ *Ibd.*, pp.340-343

¹⁸⁴ *Vide*, Hervé Pennec, *op. cit.*, pp.102-104

Segundo as directrizes do rei, transmitidas pelo vice-rei da Índia, D. Duarte de Meneses, o provincial jesuíta de Goa deveria retomar as missões.

Seguem-se novas tentativas falhadas para alcançar a terra abexim como a do P. André Gualdames e de Marco Fernandes, que tentam passar pela “cortina turca” disfarçados. Traídos em *Maçua*, são executados em 1564.

Neste difícil contexto encontramos o nosso segundo autor, o padre jesuíta, Pêro Pais. De origem castelhana, Pais, foi enviado muito jovem para a Província portuguesa de Goa e em 1589, pouco depois da sua ordenação, parte rumo à Etiópia com o P. António de Monserrate. Mas esta viagem salda-se igualmente em fracasso. São capturados nas costas do Mar Vermelho e serão mantidos prisioneiros durante sete anos em vários locais da Península Arábica, até serem resgatados como veremos no capítulo seguinte.

Porém durante o cativeiro dos dois jesuítas, a Companhia e o rei não desistem do seu intento e as tentativas de alcançar a terra do *Preste*, cada vez mais bloqueada pelos turcos e dilacerada por lutas internas, continua. O P. António Fernandes, um dos dois últimos resistentes da missão de D. André de Oviedo, falece em 1593, restando apenas um último padre na missão: Francisco Lopes, já de idade avançada. É escolhido desta vez o P. Abrão de Georgis, um membro nativo, oriundo de Alepo, preparado na Europa e conhecedor das línguas locais¹⁸⁵, o que lhe dava maiores probabilidades de passar entre os mouros. Parte em 1595 disfarçado de mercador, mas é denunciado e não escondendo a sua religião e recusando abjurar a sua fé¹⁸⁶, acaba por ser decapitado em Maçua alguns meses depois. Também os últimos padres da missão desaparecem: em 1597 é a vez de Francisco Lopes¹⁸⁷. A comunidade católica da Abissínia está desamparada.

O próximo missionário, proposto pela acção concertada do Principal da Companhia de Jesus, do Arcebispo de Goa, D. Aleixo de Meneses e do Vice-rei, D. Francisco da Gama, é o P. Melchior da Silva, um brâmane convertido, que pela sua tez e conhecimentos das línguas locais não levantaria suspeitas¹⁸⁸. E desta vez consegue

¹⁸⁵ «(...) nomeou o P.e Provincial da India ao P.e Abraham de Georgis Maronita de nação, q de Roma foi mandado para a India (...), Pais, ,p. 409

¹⁸⁶ «Teve aqle Capitão preso ao P.e alguns dias, persuadindo lhe q se fizesse mouro (...). Respondeo q não gastasse tempo nisso, q se não avia de fazer mouro, q a ley de Mahamed não valia tanto como o seu çapato. Indignousse grandem.te o Capitão cõ esta resposta; e mandou q o levassem fora da povoação a hu pequeno campo q está na Ilha e q lhe cortassem a cabeça.», *Ibd.*, p. 411

¹⁸⁷ *Ibd.*, pp. 343-345

¹⁸⁸ «(...) achouse hu m.tº virtuoso e letrado de casta Bramene, por nome Belchior da Silva, q de menino se creara no seminário, q os P.es da Comp.^a tem em Goa(...)», Pais, Vol III, p. 12

alcançar a comunidade católica no reino do *Tigrê*, que ameaça diluir-se e continuar o trabalho da missão¹⁸⁹.

Por essa época, encontramos novamente o P. Pêro Pais a caminho das costas etíopes que alcançará também disfarçado de mercador arménio. A Etiópia e a sua missão tornar-se-ão a sua “casa” e ali permanecerá, em trabalho evangélico (será nomeado superior da missão), até ao fim dos seus dias em 1622. O epílogo da sua obra será o crescimento da missão católica na Etiópia: o número de membros aumenta a partir de 1624 (20 ou 22 membros entre 1628 e 1632 segundo H. Pennec¹⁹⁰); as suas residências também se multiplicam (entre 11 e 13 em 1625/1630¹⁹¹) assim como o número de igrejas católicas de pedra construídas (9 igrejas de 1624 a 1628¹⁹²).

Entretanto a Europa continua a ser informada dos sucessos etíopes, desta vez pelos membros da Companhia de Jesus. Já sublinhámos anteriormente a importância do exercício da escrita para os jesuítas, assim como a obrigatoriedade do envio de correspondência, e a prática do seu posterior agrupamento e edição. O P. Fernão Guerreiro procedeu à compilação da correspondência das missões e ao seu agrupamento por regiões, sob a égide da Província de Goa, sendo impressa a relação respeitante à Etiópia em 1611.

No entanto, outro tipo de obras de descrição geográfica aparecem num quadro de rivalidade entre as ordens religiosas sobre a implantação nos territórios a evangelizar, especialmente entre Jesuítas e Dominicanos. Uma dessas obras, inserida na questão da divisão das zonas de influência das missões religiosas, no território que hoje é Moçambique, será a heterogénea obra de Fr. João dos Santos, *Etiópia Oriental*, publicada no Convento de S. Domingos de Évora em 1609. O seu título refere-se ao conceito geográfico clássico em que Etiópia designa todo o continente subsaariano. As informações sobre a *Etiópia, A Alta*, ainda identificada como terra do *Preste*, não são o fulcro do seu trabalho (sendo território exclusivamente jesuíta), embora também a ela sejam feitas referências. Para tal o autor socorre-se de informações em segunda mão de

¹⁸⁹ «(...) e porq os Portugueses e catholicos estão muy espalhados em diversos e distantes reynos, padeceo m.tºs trabalhos em os caminhos q são muy asperos, e sempre andava de huas p.tes a outras pera os confessar e doutrinar, sem ter descanso em seis annos q andou em Ethiopia, (...)» , *ibid.*, p. 13

¹⁹⁰ Hervé Pennec procedeu a um levantamento e estudo, inclusive em termos quantitativos das trajectórias, perfis e implantação do pessoal missionário jesuíta na Etiópia, *vide, op cit.*, p. 115 e ss.

¹⁹¹ *Ibid.*, p.159

¹⁹² *Ibid.*,p.174

viajantes naturais da terra, de um mercador italiano que lá vivera, um certo Jerónimo Querubim, apoiadas pelas obras de Álvares e Bermudes¹⁹³.

Bem mais polémica revelar-se-ia a obra impressa em Valência, em 1610 por outro dominicano, o teólogo Fr. Luís de Urreta, a *Historia Ecclesiastica, Politica, natural y moral de los grandes y remotos Reynos de la Etiopia, Monarchia del Emperador llamado Preste Juan de las Indias*. Esta obra retoma as visões utópicas de uma terra fabulosa, plena de lendas e factos incríveis, além de sublinhar a sua obediência a Roma na prática da religião católica. «Os padres jesuítas, que detinham o exclusivo da missionação católica numa Etiópia que descreviam como herética (...), reagiram fortemente a esta obra que questionava a legitimidade da sua presença ali.»¹⁹⁴ Instala-se a necessidade de refutação de uma obra plena de inexactidões, elaborada por um homem que nada sabia e nem sequer se informara correctamente da realidade etíope (a fonte de informação teria sido um certo João Baltasar, viajante abexim na Europa), estando ainda «(...) fortemente dependente do imaginário medieval da *Carta do Preste João* (...) pretendia sugerir que a missão dominicana (...) tinha precedido a da sociedade de Jesus em mais de meio século.»¹⁹⁵ Este último aspecto é reforçado na obra publicada subsequentemente, pelo mesmo autor, *Historia de la sagrada Orden de los Predicadores, en los remotos Reynos de la Etiopia*, de 1611.

Por conseguinte, os padres da Companhia lançam mãos à obra. Assim surge em apêndice à edição das cartas das missões referentes ao Oriente de 1607 e 1608, compiladas pelo P. Fernão Guerreiro, a *Adição à relação das coisas de Etiópia, com mais larga informação delas, mui certa e mui diferente das que seguiu o Padre Frei Luís de Urreta, no livro que imprimiu da História daquele Império do Preste João*, sob a égide do geral da ordem, Claudio Aquaviva¹⁹⁶.

A obra do valenciano terá irritado fortemente as fileiras jesuítas, porque a polémica se prolonga. Em 1615 o P. Nicolau Godinho publica uma outra refutação, *De Abassinorum Rebus*. Por sua vez, na introdução das *Décadas* de Diogo do Couto, por Manuel Severim de Faria, «Vida de Diogo de Couto», refere que teria sido pedida

¹⁹³ .Vide, Manuel Lobato, «Introdução» in, Fr. João dos Santos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, pp.10-28

¹⁹⁴ «Textos e mapas europeus sobre a Etiópia dos séculos XVI –XVII», *De fora, Da terra- Presença Jesuíta na Etiópia do século XVII*, Secção Profissional de estudos do Património (Núcleo de estudos Etíopes da Sociedade de Geografia de Lisboa (org.), Exposição na Universidade do Minho, Braga, Novembro de 2005 [on line] disponível em <http://pwp.netcabo.pt/patrimonio.sgl> (acesso em 27 de Novembro de 2005)

¹⁹⁵ Manuel João Ramos, «O destino etíope do Preste João...»in, *Condicionantes culturais da Lietratura de Viagens*,p. 249

¹⁹⁶ Vide, Hervé Pennec, *op cit*,pp. 245-246

igualmente a autor uma resposta a Urreta, redigida no final da vida de Couto¹⁹⁷. Mas a mais completa e sistemática rectificação da fantasia composta por Urreta, está contida na abrangente obra do já nosso conhecido Pêro Pais, *História de Etiópia*. Todavia a obra ultrapassa largamente este aspecto polemizante, transmitindo grande quantidade de informação sobre a Etiópia. A história de Pais ficaria inédita até ao século XX remetida aos arquivos da ordem.

Após a morte de Pais, chefia a missão o seu companheiro António Fernandes. Em 1626 é enviado um novo patriarca, o menos hábil e estimável P. Afonso Mendes e verifica-se a institucionalização (forçada) do catolicismo. No entanto as convulsões internas provocadas pela conversão do imperador *Suzeneôs/Seltan Çaguêd* e pela dura imposição das novas regras religiosas decorrentes da adesão ao credo romano, provocam revoltas do clero local e da população. Violentamente reprimidas, conduzem à guerra civil. Sem apoio efectivo da coroa portuguesa, o imperador recuará em 1632, retomando os milenares ritos. *Suzeneôs* morrerá pouco depois; o seu herdeiro, *Fasiladas* acabará por expulsar os incómodos jesuítas.

O grupo de missionários que regressa a Goa será aprisionado pelos turcos, sendo resgatados aos poucos. Os que se negam a sair de território etíope serão presos e executados, como o sucessor do patriarca, Apolinário de Almeida, Francisco Rodrigues, Giacinto Franceschi¹⁹⁸ entre outros, engrossando o panteão dos mártires da Companhia. Apesar dos esforços a missão falhou. Rodeada pelo Islão, a Abissínia encerrar-se à num longo isolamento face ao Ocidente e rejeitará posteriores tentativas de aproximação.

A *História...* não publicada de Pais torna-se, no entanto, fonte de informação e ponto de partida de outras obras sobre a Etiópia. A rescrita da sua obra pelo P. Manuel d'Almeida entre 1632 e 1646, iniciada na Etiópia (onde chegara em 1624) e concluída em Goa, já após a expulsão de 1633, dá origem à *Historia de Ethiopia a alta ou Abassia, Imperio do Abexim, cujo Rey vulgarmente he chamado Preste João...*, que

¹⁹⁷ «Este zelo da honra da patria lhe fez escrever hum livro, contra o que compoz o P. Fr. Luiz de Urreta Dominico, da historia, e policia do Reyno da Ethiopia (...), no qual o Padre com a pouca notícia que tinha do Oriente, e sem ler as historias da India, nem deste Reyno, (como quem escreve entre os bosques, e delicias de Valencia, sem ver mais que hum só homem, que o informou, e a quem creio) disse muitas cousas contra toda a verdade da historia, sendo todo o seu livro huma obra fabulosa, e temeraria. E posto que os Padres Fernão Guerreiro, e Nicoláo Godinho da Companhia tinham respondido ao P. Urreta com particulares Apologias; os mesmos Padres da Companhia de Goa pediram a Diogo de Couto respondesse também pela honra deste reyno, o que elle fez, estando já quasi com o corpo na sepultura, mas com tanto vigor de animo (...). Este livro trouxeram os Padres da India ao arcebispo de Braga D. Fr. Aleixo de Menezes per ordem de seu Author.», Manuel Severim de Faria, «Vida de Diogo de Couto» in, *Da Asia de Diogo do Couto – Década quarta Parte Primeira*, Lisboa, Régia Officina Typografica, 1778, pp.XVII e XVIII

¹⁹⁸ Vide, Fortunato de Almeida, *op cit.*, p. 695

procura apagar os traços de polémica contra Urreta, seguindo assumidamente, quanto aos factos e descrições, a obra do seu predecessor. No que a Fr. Luís Urreta diz respeito, a sua refutação é feita num anexo encontrado junto a um dos manuscritos existentes¹⁹⁹. A obra de Almeida, enviada para Lisboa c. 1646, não foi do agrado da Inquisição²⁰⁰, não sendo impressa até ao início do século XX, altura em que Beccari a edita na sua colecção *Rerum Aethiopicarum scriptores occidentales inediti a saeculo XVI ad XVII* (tomos 5 a 7)²⁰¹, assim como a de Pais.

Outros autores, antigos missionários, continuam a redigir, aproximadamente na mesma época, obras referentes à terra do Preste²⁰²: o P. Manuel Barradas compõe *Tratado primeiro- Do Estado da Santa Fé romana em Ethiopia quando se lançou o pregão contra ella; Tratado segundo- Do Reyno de Tygrê e seus mandos em Ethiopia; Tratado terceiro Da cidade e fortalezas de Adem*, concluído já após a expulsão dos católicos (1634), que envia em 1635 a Manuel Severim de Faria e igualmente apenas publicado por Beccari. Diogo Barbosa Machado refere ainda uma *Descrição da Ethiopia em que relata a causa da sua Rebelião e Apologia contra Fr. Luiz de Urreta da Ordem dos Pregadores sobre o que escrevera do Imperio da Ethiopia*²⁰³.

O sucessor de Pais, António Fernandes encarregar-se-á de elaborar um catálogo de erros teológicos dos etíopes, entre 1610 e 1621, obra essa que será traduzida para geez, uma das línguas em uso na Etiópia, sob o título, *Magseph Assetat idest Flagellum mendaciorum contra libellum Aethiopicum*, impressa na tipografia do colégio de S. Paulo em Goa para ser enviada para a Etiópia em 1642, já depois da expulsão da Companhia de Jesus²⁰⁴.

Também o patriarca, Afonso Mendes redige uma obra em latim, *Expeditiones Aethiopicae Patriarchae Alphonsi Mendesi et Societate Lusitani, libri tres et actuarii*

¹⁹⁹ Em relação aos três manuscritos existentes da obra de Almeida (no British Museum; Biblioteca Nacional de Lisboa, ao que parece em mau estado e na School of Oriental and African Studies – SOAS, em Londres) e suas características Vide, Hervé Pennec, *op cit.*, pp. 260-263

²⁰⁰ Segundo Manuel João Ramos a escrita dos jesuítas «(...) pareceu ter sido sujeita a um prolongado processo censório por parte da Inquisição portuguesa, no interior de cujas estruturas a ordem dominicana ganhou uma renovada influência durante o reinado de Filipe II.» Manuel João Ramos, *op cit.*, p. 248

²⁰¹ Vide, Hervé Pennec, *op. cit.*, pp. 260, 268-269

²⁰² Já em 1628 fora editada em Lisboa uma compilação com base nas cartas dos jesuítas de 1624 a 1626, feita pelo P.e Manuel da Veiga, sob o título *Relaçam Geral do Estado da Christandade na Ethiopia*. Vide, Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, *Dicionário Bibliographico Portuguez*, Vols 1 a 23, Ophir, Biblioteca Virtual dos Descobrimentos Portugueses, nº 9, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001 [CD-Rom] e J. V. Serrão, *A Historiografia Portuguesa*, Vol. II, Lisboa Verbo, s.n., pp. 294/295

²⁰³ Vide, «Padre Manuel Barradas» in, Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Vol. III, 1741/1752, Ophir Biblioteca Virtual dos Descobrimentos, nº 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/Biblioteca Nacional, s.d. [CD-ROM]

²⁰⁴ Obra referida por C. R. Boxer, *A Igreja e a Expansão Ibérica*, nota 17, p. 62 e por Hervé Pennec, *op cit.*, p. 266

libri quarto sobre a sua estadia na Etiópia, enviada em 1651 ao Geral da Companhia, Francesco Piccolomini²⁰⁵ que também permanecerá inédita até ao século XX²⁰⁶, sendo igualmente publicada por Beccari na colecção referida. Anteriormente havia redigido *Carta do Patriarcha de Ethiopia Dom Afonso Mendez escrita de sua propria mão ao muyro reverendo Padre Mutio Vileschi Preposito Geral da Companhia de Iesus; na qual se contem o que Sua Illustrissima Senhoria, com os demais padres da Companhia que andão naquelle grande imperio fizerão de serviço de Deos, & bem das almas, o anno de 1629*, impressa em Lisboa por Mateus Rodrigues em 1631.

Por sua vez o missionário jesuíta, P. Jerónimo Lobo, na Etiópia entre 1625 e 1634, redige um *Itinerário* por volta de 1640, onde relata as suas viagens e estadia no Oriente (entre elas a tentativa de retomar o velho trajecto de ligação da Etiópia a Melinde em 1625) e inclui vários capítulos sobre a história e características da Etiópia, além da clássica história da expedição militar de D. Cristóvão da Gama e a questão das nascentes do Nilo. Segundo a opinião do P. M. Gonçalves da Costa, responsável pela edição crítica da sua obra no século XX, Lobo baseia-se na sua experiência e em testemunhos contemporâneos, com excepção da descrição das fontes do Nilo, em que teria recorrido à obra de Pais²⁰⁷. Mas também não verá a sua obra publicada na época, fosse por questões de estilo literário, fosse por inimizades pessoais ou institucionais, ou diferendos dentro da Companhia.

No entanto graças aos seus contactos com a Royal Society de Londres, através do enviado especial à corte portuguesa, Sir Robert Southwell, para o qual comporá dois pequenos tratados (*Breve Relação do Rio Nilo...* e *Discurso das Palmeiras...*), que conhecerão tradução inglesa com várias reedições e igualmente versões francesas e alemãs, italianas e holandesas, uma parte da sua obra será conhecida na Europa durante o final do século XVII e início do século XVIII.

Por outro lado, um novo manuscrito de Lobo teria sido terminado em 1668, e, objecto da curiosidade do secretário do enviado francês à corte de Lisboa, Joaquim Le Grand, foi traduzido para o francês e publicado em 1728. Esse manuscrito foi traduzido para inglês por Samuel Jonhson, em 1735, e conhece várias publicações até ao século XIX. Será também traduzida para alemão por T. F. Ehrmann e publicado em

²⁰⁵ Vide, «P.e Afonso Mendes » in, Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Vol. I

²⁰⁶ Cf., Diogo Ramada Curto, «As Cristandades no Oriente» in *História da expansão portuguesa...*, Vol. III, pp. 469-477 e Luís Graça, «Os Portugueses na Etiópia» in *Portugal no Mundo*, vol. III, pp.135-142

²⁰⁷ Vide, M. Gonçalves da Costa, « Introdução » in, Jerónimo Lobo, *Itinerário e outros Escritos Inéditos*, ed. crítica, Porto, Livraria Civilização, 1971, pp.105/110

Zurique em 1793. No entanto o manuscrito original e completo permanecerá inédito até ao século XX, sendo editado em português apenas em 1971²⁰⁸.

Apenas uma obra centrada na Etiópia é publicada no século XVII: uma terceira rescrita de Pais e de Almeida, levada a cabo pelo P. Baltasar Teles, filósofo, teólogo e historiador da Companhia (e que nunca fora à terra abexim), que decide ou é encarregado pelo geral da Companhia em Roma²⁰⁹ de proceder a um resumo e refazer as obras anteriores na sua *Historia Geral da Ethiopia, a Alta, ou Preste João e do que n'ella obraram os Padres da Companhia de Jesus...*, impressa em Coimbra em 1660, com traduções em francês e inglês ainda no mesmo século²¹⁰.

Juntamente com a obra de Teles, é impresso um mapa da Etiópia já patente na obra de Manuel d'Almeida certamente elaborado por um membro da missão, com um grau de precisão considerável que reduz a representação do território etíope a limites mais precisos, divulgando na Europa uma dimensão geográfica da terra do *Preste* muito próxima da realidade²¹¹.

É o fim de um ciclo. Das imagens fabulosas do país do rei sacerdote, repositório de esperanças cristãs, chegamos à imagem da Etiópia ou Abissínia, território concreto e real.

²⁰⁸ O seu editor, P. M. Gonçalves da Costa refere a sua descoberta na Biblioteca Pública de Braga em 1947. *Vide, ibid.*, p.110; quanto às traduções *vide* pp.125/128; para os Manuscritos da Royal Society *vide*, pp. 663/670

²⁰⁹ Cf., J. V. Serrão, *op cit.*, p. 297

²¹⁰ Sobre as características desta obra refere Manuel João Ramos, «(...) conjuga as informações etnográficas e históricas de missionários como os P. Pêro Pais e P. Manuel de Almeida, com a retórica anatemizadora dos enviados pontificais André de Oviedo e Afonso Mendes.», Manuel João Ramos, «O destino etíope do Preste João...» *in, op. cit.*, p.174

²¹¹ Já em 1848 Charles T. Beke refere a importância desta carta apesar de não estar isenta de erros e imprecisões: «Leur Carte d'Abyssinie, envisagée dans son ensemble, est substantiellement exacte par rapport aux positions relatives des provinces(...) du cours des rivières et de la situation topographique des villes principales.». Informações estas que os viajantes subsequentes apenas tiveram de precisar, Charles T. Beke, «Mémoire justificatif en Réhabilitation des Pères Pierre Paez et Jérôme Lobo...» *in, Bulletin de la Société de Géographie*, Primeira Secção, Março de 1848, p. 186. Por sua vez Kurt Krause em 1913 sublinha a evolução que este mapa representa em relação às cartas do século XVI, salientando a correcta sinalização do mar Vermelho e do desenho da linha de costa; a indicação das províncias e rios, com clara localização das residências jesuítas, o que é igualmente, sublinhado por Hervé Pennec, Cf., Kurt Krause, «Os Portugueses na Abissínia...» *in, Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1ª Parte, nºs 11-12, 31ª Série, Novembro- Dezembro de 1913, pp. 388/389 e Hervé Pennec, *op cit.*, pp. 141/142

Capítulo II- P.e Francisco Álvares e P.e Pêro Pais : Percursos e obras

«O Livro de Pêro Pais é a primeira obra completa sobre o assunto. A única que se lhe pode comparar pelo valor é a do Padre Francisco Álvares (...)», Elaine Sanceau, «Introdução» in, Pêro Pais, *História de Etiópia*

Descubramos agora um pouco mais sobre os autores e as obras que constituirão o núcleo do nosso trabalho, depois de os termos referido brevemente nas conjunturas coevas. Tentaremos perceber quem eram Francisco Álvares e Pêro Pais, os seus percursos e a sua formação, a partir dos poucos vestígios que deles perduraram, privilegiando o testemunho que nos chega a partir da sua escrita face à escassez de notícias biográficas sobre ambos, inferindo algumas características suas da leitura das experiências e reflexões por eles relatadas e registadas.

Procuraremos, igualmente, averiguar qual a importância das suas obras nos seus contextos epocais; as condições e motivações da sua redacção; suas características intrínsecas quanto à estruturação, particularidades da escrita, utilização de fontes e dos sistemas de referência usados nas descrições, procurando entender o horizonte cultural dos autores. Em suma, intentamos desvendar as marcas da época e dos autores nas respectivas obras, além dos objectivos nela corporizados e o seu destino até chegarem às nossas mãos.

1. Francisco Álvares e Pêro Pais: suas Vivências e *Escritas*

«(...) estivemos nessa terra seis anos seguidos, durante os quais pude saber uma grande parte das terras, reinos e senhorios do dito Preste João, e seus costumes e práticas, a uns por os ver, outros por ouvir falar a quem os conhecia bem.», Francisco Álvares, Prefácio incluído na obra de Ramusio, *ap.* Jean Aubin, *Le Latin et le Astrolabe* (adaptado)

« Muitas e varias terras de Christãos, de Gentios, de Mouros e Turcos tenho corrido e em algumas dellas estado muito tempo; muitos bastos bosques e compridos desertos tenho passado(...)» P.e Pêro Pais, *História de Etiópia*

Comecemos então por tentar traçar o percurso biográfico dos autores, inserindo-os nas conjunturas das suas épocas, especialmente no que se prende com a produção das suas obras. Obras essas das quais retiraremos uma boa parte dos dados referentes às suas andanças, das quais nos deixaram testemunhos na sua escrita, como já afirmámos. Desta forma a maior parte dos dados coligidos prende-se com a contextualização política que determinou as suas viagens e os percalços e factos que marcaram as suas estadias no reino etíope, dos quais ambos os autores são testemunhas prolíficas. Quanto aos restantes dados, socorrer-nos-emos do rasto que outros autores lhes puderam traçar através da consulta de documentos coevos.

Acompanhemos pois as vivências dos nossos autores; o ambiente e circunstâncias em que produziram as suas obras e o percurso dos seus manuscritos até à sua impressão e divulgação.

1.1. P. Francisco Álvares: Um clérigo curioso na embaixada ao *Preste*

O nosso primeiro autor, o P. Francisco Álvares, segundo a maior parte dos autores que sobre a sua vida se debruçaram, teria nascido cerca de 1490²¹² em Coimbra²¹³. Pouco se sabe da sua origem. Era clérigo secular e beneficiado da Igreja de Santa Justa de Coimbra. Provavelmente estava próximo dos círculos da corte, pois é escolhido para integrar, talvez na qualidade de capelão da embaixada chefiada pelo velho diplomata e cortesão, D. Duarte Galvão, enviada ao reino do *Preste* em 1520. Segundo Banha de Andrade, a qualidade de capelão real talvez lhe fosse apenas conferida quando do regresso ao reino da dita embaixada²¹⁴. C. F. Beckingham defende, apoiado numa referência de João de Barros, que Álvares faria parte da casa de Duarte Galvão, sendo desta forma natural a sua inclusão na embaixada, mas também não consegue apurar a data da sua nomeação como capelão do rei²¹⁵.

As circunstâncias da famosa embaixada ao *Preste* prendem-se, como vimos no capítulo anterior, com as aspirações imperiais manuelinas, o desejo de aliança com possíveis reinos cristãos do Oriente e tentativas de estabelecimento de contacto que culminam com a chegada à Índia e posteriormente ao reino, do embaixador abexim, o arménio Mateus²¹⁶.

As circunstâncias secretas da missão deste embaixador, a sua nacionalidade arménia e as diferenças entre a elite dirigente no Estado da Índia e as várias facções presentes na corte irão criar numerosos escolhos á sua missão²¹⁷. Mas o rei português empenha-se no envio de uma missão diplomática a enviar ao monarca etíope. Todavia,

212 O autor no decorrer da Embaixada assume-se como velho numa entrevista com o Preste: «(...) mandei-lhe dizer que houvesse Sua Alteza dó de um velho (...)», F. Álvares, op. cit., p. 238, passagem em que C. F. Beckingham se apoia para pôr em dúvida esta data. Vide, C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, p.3

213 No entanto, num prefácio de sua provável autoria incluso num manuscrito da Biblioteca do Vaticano (Ottob. 1104), refere como local de naturalidade o “castelo de Franchosa”, identificado pelo seu editor Almagià in, *Contributi alla storia della conoscenza dell’Etiopia*, Pádua, 1941, como uma zona nas cercanias de Sintra, ap, *ibid.* ; já Beckingham propõe Trancoso como uma possibilidade, *Ibid.* Mas Coimbra é, de facto, o local referido pela maioria das notas biográficas elaborada pelos autores que consultámos.

214 A A Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o êxito Europeu da Verdadeira Informação sobre a Etiópia» in, *Presença de Portugal no Mundo*, p.299

215 Cf. C. F. Beckingham, op cit., p. 4

216 Vide, Cap. I do presente trabalho

217 Vide Jean Aubin, «L’Ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel» in, *Le Latin et l’Astrolabe*, pp.133/180

embora mantendo o seu projecto, «(...) o monarca tinha de contemporizar com as várias correntes de opinião que o rodeavam, o que foi manifesto nas nomeações que fez para o governo da Índia, ao longo do seu reinado.»²¹⁸ Assim Albuquerque, o entusiasta do plano do domínio do Mar Vermelho e da aliança abexim, fora entretanto deposto e falecera (1515), tendo sido substituído pelo seu opositor Lopo Soares de Albergaria a quem será confiada a capitania da armada onde seguirá a dita embaixada à Abissínia²¹⁹.

Desta forma, os membros da embaixada e o famoso presente enviado por D. Manuel²²⁰ ao *Preste* embarcam para a Índia a 7 de Abril de 1515, na nau *Piedade* da armada de Lopo Soares. Este, tomando o poder na Índia, alheia-se da missão, contrariando a estratégia política do seu antecessor, ignorando os protestos da embaixada. Esta não partirá até 1517. Até lá os seus membros aborrecer-se-ão, os dois embaixadores entrarão em disputas, que Álvares tenta mediar. Mateus longe do reino e sem a protecção de Albuquerque²²¹ continua a ser hostilizado como impostor pelo novo governador e seus homens, sendo Álvares o protector do frequentemente maltratado e ultrajado embaixador abexim.

Em 1517, a embaixada parte finalmente na nau *São Pedro* da armada do Mar Vermelho, sob o comando do governador. Todavia, Lopo Soares deixa escapar a oportunidade de tomar Adém, que se lhe entregaria voluntariamente; a armada sofre tempestades e naufrágios, perdendo-se um filho de Duarte Galvão; a frota tresmalha-se e uma parte dela (em que seguiam Álvares e Mateus), desembarcando em Dalaca, contra os avisos do embaixador arménio, sofre um ataque da população local, sendo mortos alguns membros da tripulação, entre eles o capitão de uma embarcação, Lourenço de Cosmo. Ao mesmo tempo, Lopo Soares lança âncora ao largo da cidade de *Djedá/Gidah*, onde afronta o fogo muçulmano e depois parte calmamente sem tomar a cidade. A armada volta a reunir-se na despojada ilha de *Camarão* onde um desolado e doente Duarte Galvão morre.

Sem embaixador português, a comitiva volta a Cochim, depois da monção, onde permanece esquecida, longe da vontade do rei. Mateus continua a queixar-se de desconsiderações. Álvares também espera que o destino da missão de que faz parte se

218 João Paulo Oliveira e Costa, *op cit.*, p.157

219 Sobre esta questão *Vide*, capítulo I do presente trabalho, pp. 16/19

220 *Vide* Cap.I, do presente trabalho

221 Segundo Jean Aubin «(...) il faut entendre que le sucesseur d' Albuquerque et ses partisans faisaient payer à l'ambassadeur du Prêtre la protection du Gouverneur passé, et le châtement qu'il avait attiré sur un des membres de leur caste.», Jean Aubin, *op cit.*, p. 178

cumpra e escreve ao monarca português 9 de Janeiro de 1518 narrando os sucessos e insucessos da embaixada, referindo a má vontade das autoridades portuguesas do Oriente e o tipo de tratamento indigno de que Mateus era alvo²²².

Em 1518, com a nomeação de um novo governador, Diogo Lopes de Sequeira, o projecto é retomado: em 1520 é preparada uma nova armada, que parte para o Mar Vermelho e nela são transportados Mateus, os membros sobreviventes da embaixada portuguesa e o que restava do presente magnífico de D. Manuel, entretanto disperso ou deteriorado na Índia. Tal nos afirma o próprio Álvares no início do seu livro²²³. Não sabemos se a intenção é a de enviar oficialmente nova representação ou não. De qualquer forma a 7 de Abril desembarcam em Maçúá, uma ilha ao largo da costa etíope. Avistando-se dias depois com o governante da região, em Arquico e confirmando-se a religião cristã dos seus habitantes²²⁴, o governador decide enviar nova embaixada²²⁵.

O comando da embaixada é entregue a um dos fidalgos da expedição, D. Rodrigo de Lima, filho natural de D. Duarte da Cunha de Lima, visconde de Vila Nova de Cerveira²²⁶, secundado por outro fidalgo, Jorge de Abreu²²⁷ e pelo P. Francisco Álvares. Sobre a importância deste último na expedição, o capitão –mor teria sublinhado ao embaixador, «- D. Rodrigo eu não mando o Padre Francisco Álvares convosco, mas a vós mando com êle e cousa nenhuma façais sem seu conselho.»²²⁸ Quanto à anterior magnífica oferta de D. Manuel, torna-se igualmente necessário improvisar²²⁹.

222 Cf., A.A. Banha de Andrade, *op cit.*, p. 306; Luís de Albuquerque, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros portugueses- Séculos XV e XVI*, Vol. II, Lisboa, Caminho, 1987, p. 54

223 «Digo que sucedendo Diogo Lopes de Sequeira na governação da Índia (...), pôs por obra o que Lopo Soares não quis acabar, seja, levar Mateus embaixador (...), ao pôrto de Maçúá, que é junto de Arquico, pôrto e terra do Preste João. E fêz sua grossa e formosa armada e caminhámos para o dito mar Roxo e chegámos à dita ilha de Maçúá segunda-feira das oitavas da Páscoa, 7 dias do mês de Abril do ano de 1520 (...)», Álvares, pp.9/10

224 *Vide*, Cap.I do presente trabalho

225 «Vendo os nossos fidalgos e capitães esta novidade (...) e como se abria caminho para se exaltar a Santa Fé católica, (...), somente era fundamento pô-lo [Mateus] em terra e deixá-lo só, muitos se alvoroçaram a pedir mercê ao Governador (...) que os deixasse ir com o dito Mateus por embaixadores ao Preste João.», Álvares, p.16

226 *Vide*, Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal-Diccionario Historico....*, vol.IV, Lisboa, João Romano-Torres, 1904/1915, p. 200; João Paulo Oliveira e Costa refere a importância da linhagem dos Limas no Estado Português da Índia, *op. cit.*, p.171

227 Segundo Esteves Pereira, Jorge de Abreu capitanearia posteriormente um galeão, em 1527. Em combate com o sultão de Achem, seria ferido e feito prisioneiro na galé de Simão de Sousa Galvão. *Vide*, J. M. Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *op.cit.*, vol.I, p.30

228 Álvares, *op cit.*, p.16

229 « E logo ordenaram o presente que haviam de mandar ao Preste e não como el-Rei Nosso Senhor lho mandava por Duarte Galvão, porque já êste era desbaratado em Cochim por Lopo Soares, e o que agora levámos era assaz pobre e levámos por escusa que as peças que lhe traziam se perderam na nau Santo António que se perdeu (...)».E estas são as peças que levávamos ao Preste João: primeiramente uma espada rica, um rico punhal, quatro panos de armar, umas ricas couraças e um capacete e dois berços, quatro câmaras e certos pelouros, dois barris de pólvora, e um mapa-mundi e uns órgãos.», *Ibd.*, pp.17/18

O embaixador recebe um Regimento de Diogo Lopes de Sequeira, do qual constam as recomendações a ter e objectivos da missão: além do seu carácter pacífico e diplomático, devia recolher tanto quanto pudesse todo o tipo de informações sobre a Etiópia: geográficas, naturais, económicas, políticas e religiosas. Era igualmente necessário obter informações sobre o Nilo, sua nascente e características e extensão do reino assim como anotar as suas antiguidades e ainda a recomendação de, se fosse encontrado um *alicorne*, o enviar ao rei e somente ao rei e o registo de todas as coisas *monstruosas* que fossem encontradas²³⁰. Mas se tal relação foi elaborada pelo escrivão que seguia com a embaixada e entregue ao rei no regresso, não resta traço dela.

O P. Francisco Álvares enumera-nos os membros da embaixada: além do embaixador, D. Rodrigo e seus criados Gaspar Pereira (que falecerá de doença na mesma altura que Mateus) e Estevão Palharte, de outro fidalgo, Jorge de Abreu e do próprio Álvares, seguiam Lopo da Gama; o escrivão, João Escolar; o intérprete e feitor, João Gonçalves; Manuel de Mares, *tangedor de orgãos* e criado do Marquês de Vila Real; o barbeiro e cirurgião, Mestre João [Bermudes], João Fernandes, o pintor Lázaro de Andrade, natural de Lisboa e Afonso Mendes²³¹, além de outros criados e escravos da região (Índia e Arábia ou abexins resgatados aos mouros) e dos necessários «línguas», intérpretes abexins e árabes, sobre cuja proveniência nos esclarece o próprio Álvares numa resposta que dará mais tarde ao *Preste*²³².

Na expedição seguia igualmente um seu sobrinho de nome Pêro Lopes, referido várias vezes ao longo do seu relato, como sendo cavaleiro da casa do rei, seu companheiro de alojamento²³³ e provável companheiro de aventuras e desventuras como refere o autor a certo passo: «(...) com um meu sobrinho que sempre me acompanhou (...)»²³⁴. Na segunda parte, Álvares fará referência a outro familiar, mais precisamente a outro sobrinho, irmão do primeiro, procurador do mosteiro de Santos-o-Novo em Lisboa²³⁵.

Atingida a costa etíope, a comitiva afasta-se da armada em *Arquico*, já em terra firme e a 30 de Abril de 1520, embrenha-se no interior da terra desconhecida,

230 *Ap.*, A.A. Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, cap.I, pp.859/860t

231 Álvares, *op cit.*, pp. 16, 26/27, 233

232 « (...) no mar havia muitos arábios e abexins que de contínuo andavam nas naus del-Rei de Portugal e que os mouros levavam furtados os abexins de sua terra e os iam vender à Arábia e à Pérsia e ao Egipto e à Índia aos portugueses. E os portugueses onde tomavam mouros, acertavam tomar entre eles muitos abexins e logo os forram e vestem e tratam muito bem, porque sabe que são cristãos e que aí trazíamos a Jorge, língua, (...) que fôra tirado de cativo de poder de um mouro de Ormuz (...)» *Ibd.*, p.271

233 *Ibd.*, p.121, p.299 e p. 294

234 *Ibd.*, p.367

235 *Ibd.*, p. 396

denominada do *Preste*. Para seguirmos as peripécias da viagem, episódio que nos parece central na biografia de Francisco Álvares, seguiremos a obra por ele composta.

Os percalços começam logo no início da viagem. Mateus insiste com a expedição para não seguir caminho com o senhor da região oriental de *Tigrê*, o *Barnagais*, conduzindo-a ao mosteiro de *Bisã* «(...) e assim ficámos descontentes conhecendo o êrro que fizemos em deixar Barnagais por fazer prazer a Mateus.»²³⁶ Recolhendo-se a missão num mosteiro, para que Mateus tratasse dos seus assuntos, os seus membros caem doentes e, entre eles, o próprio embaixador abexim que morre no caminho a 23 de Maio de 1520, acompanhado pelo físico, Mestre João, por D. Rodrigo e Francisco Álvares. No entanto, mesmo sem o enviado abexim é necessário prosseguir.

Constituindo uma das primeiras expedições europeias ao interior do continente africano, o grupo arrosta com as suas inclemências climáticas e orográficas, deparando com dificuldades logísticas a cada passo, sofrendo a péssima culinária etíope e a constante falta de meios para transporte das bagagens ou a falta de *agasalho*. A comitiva prossegue penosamente entre as agruras do terreno e do clima e as atitudes ambíguas dos abexins: os senhores das terras não parecem muito interessados em cooperar no apoio devido a uma embaixada; a população apedreja-os em certos locais, dificultando ainda mais a progressão dos enviados do rei português como nos narra o autor em vários trechos²³⁷ destacando-se o episódio durante a passagem pela *Serra dos Infantes* onde são apedrejados por locais, dividindo-se o grupo em três, que fogem em várias direcções, como ilustra, pitorescamente, o P. Álvares²³⁸. Perante estas situações D. Rodrigo de Lima sente-se frequentemente ofendido e irritado na sua dignidade de emissário real. Situação que persiste, alcançado o arraial do *Preste*.

Para agravar as dificuldades as zangas entre os principais membros da comitiva são uma constante desde o início do percurso. Por exemplo ao pernoitarem no lugar de Acel, houve uma acesa disputa entre D. Rodrigo e Jorge de Abreu «sôbre cousa mui leve» apesar do feroz ataque dos «tigres»²³⁹.

236 *Ibd.* p. 18

237 «Nós fomos dormir a umas pobres casas ou junto delas, onde nos receberam com muitas pedradas e dormimos sem ceia e a grandes chuvas que vieram de noite com trovoadas na terra chã (...)» *Ibd.*, p. 123

238 «(...) e tal houve aí que descavalejou da mula e fugiu com a barjuleta [bolsa de linhagem] na mão. Lopo da Gama e eu (...) fomos avante e chegámos a outro lugar (...). Alí choviam muitas pedras sobre nós e o escuro era como não ter olhos e porque não me tirassem pelo sentir do andar da mula apeei-me (...). Quis Deus, que veio ter comigo um homem honrado (...) [e] mui grande (...) e tomou-me a cabeça debaixo de um braço, que eu não lhe chegava mais, e assim me levava como fole de gaiteiro (...)» *Ibd.*, p. 151

239 *Ibd.* pp.160/161

Após a chegada à corte a 10 de Outubro de 1520, decorrerão meses de morosos cerimoniais e entrevistas inconclusivas com o *Preste*, ao qual chegavam informações das actividades dos portugueses no Oriente e nomeadamente, nas costas etíopes, mostrando-se este essencialmente preocupado com o paradeiro do fabuloso presente enviado por D. Manuel e entretanto perdido, tentando o embaixador justificar o destino das oferendas dispersas na Índia²⁴⁰.

Além do mais a comitiva portuguesa não é alvo de uma recepção propriamente entusiástica. Uma vez na corte, dirigindo-se D. Rodrigo a um oficial do rei etíope em prol de um português aprisionado, obteve a seguinte réplica: «Respondeu o *betudete* dizendo que quem nos mandava cá vir, que Mateus não fôra a Portugal por mandado do Preste João, nem da Raíña Helena (...)»²⁴¹. O carácter pouco claro e até secreto da missão do defunto embaixador, depois de suscitar suspeitas em relação à sua pessoa, é agora utilizado pelo monarca etíope para confrontar a missão portuguesa, afirmando «(...) que êle [o Preste] não mandara Mateus a Portugal (...)»²⁴². Noutra ocasião sujeita o embaixador a um interrogatório sobre o que o rei português lhe poderia enviar e suscita um diálogo crispado com D. Rodrigo, que responde «(...) não costumam os portugueses fazer falsidades, mas tratar muita verdade em tudo o que lhes encarregam e mandam(...)»²⁴³. O já muito irritado embaixador, pede o despacho da tão desconsiderada embaixada, face aos afrontos de que se considera alvo²⁴⁴.

O Preste sujeita igualmente a comitiva portuguesa a exames minuciosos sobre questões religiosas, cuja principal vítima era o nosso autor, conduzido à exaustão. Na verdade, como afirma C. F. Beckingham referindo-se a esta expedição, «Historians have not always appreciated how much it was handicapped by misunderstandings and

240 «(...) por se não danarem e por servir a Deus e honrar as igrejas, eu os ajudara a armar na igreja principal de Cochim, que é de santa Cruz, nas festas principais e as festas acabadas, os ajudara a desarmar, dobrara e guardar e que isto se fizera por servir a Deus (...) e assim por se os panos não danarem e comerem de bicho e, por isto, lhe poderiam dizer que os deram às igrejas, mas que tal não era verdade.» *Ibd.*, p. 189/190; Noutra passagem, o Preste, torna a referir o famoso presente da embaixada de 1517, inquirindo «(...) el-Rei de Portugal lhe mandava por êle [Mateus, o antigo embaixador abexim] muitas cousas, - que eram delas? - e porque as não traziam como el-Rei lhas mandava? (...)». O embaixador tenta responder-lhe, com pedidos de confiança e promessas de apresentar por escrito o relato do Capitão-mor sobre o assunto. *Ibd.*, p. 192/193

241 *Ibd.*, p. 181

242 *Ibd.*, p. 192

243 *Ibd.*, p. 251

244 «E o Embaixador lhe respondeu que antes em suas terras nos foram feitos muitos agravos e roubos, furtando-nos quanto tínhamos (...) e que se nesta terra morrêssemos iríamos todos ao Paraíso como mártires, pelas afrontas (...), que já por três ou quatro vezes nos quiseram matar em suas terras e que sofríamos tudo com paciência por amor de Deus e del-Rei de Portugal (...) e que outra honra fizera (...) a Mateus por dizer que era seu embaixador (...)», *Ibd.*

misconceptions.»²⁴⁵ Estes desencontros advinham das particularidades políticas que cercaram a construção das relações entre etíopes e portugueses como já atrás vimos²⁴⁶, como o carácter oficioso da missão de Mateus, denegada, como vimos, pelo *Preste*, acrescida do carácter improvisado da embaixada portuguesa, visível na questão da exiguidade do presente e nas próprias disputas entre os dois principais fidalgos, D. Rodrigo de Lima e Jorge de Abreu. Este clima contínua no arraial do *Preste*, onde as divergências sobre a autoridade e os proventos recebidos pelo jovem Embaixador se agudizam, originando várias alterações e confrontos. As dissensões entre ambos os partidos que se formam em torno dos dois fidalgos repetir-se-ão até ao final da embaixada, transformando-se em aberta e violenta hostilidade entre ambas as partes.

A estes aspectos junta-se a derrota infligida pelo jovem rei ao governante mouro de *Adel*²⁴⁷, e a limitação das acções portuguesas no Mar Vermelho, que poderão ter moderado as expectativas do jovem rei *Lebena Denguil* em relação ao valor de uma aliança com Portugal²⁴⁸.

Álvares refere ainda o encontro, certamente emocionante, com o velho servidor de D. João II, Pêro da Covilhã²⁴⁹, que, impedido de partir, havia reconstruído a sua vida na Etiópia²⁵⁰. De facto como relata Álvares, Covilhã teria alcançado a Etiópia via Arábia e Médio Oriente²⁵¹. Aportando a *Zeila*, na costa, chegara à corte do *Preste*, onde fora bem acolhido pelo imperador, mas nunca fora autorizado a sair²⁵².

A sua presença terá sido preciosa para a missão de D. Rodrigo de Lima. Segundo o Conde de Ficalho, Covilhã permaneceu longos meses com a embaixada portuguesa, servindo-lhe de «(...) intérprete, guia e conselheiro(...)»²⁵³, facto corroborado por Francisco Álvares, que afirma: «Este Pêro da Covilhã é homem que

245 C. F. Beckingham, «Introduction», *The Prester John of the Indies-A true Relation of the Lands of the Prester John* ..., tradução de Lord Stanley of Alderley, 1881, C. F. Beckingham e G. W.B. Huntigford (rev. e ed.), 2, vols., Cambridge, University Press, 1961, p.3

246 *Vide*, Cap. I do presente trabalho

247 Cf. Cap. I do presente trabalho e País, *op cit.*, Vol II, pp.257/258

248 *Vide*, C. F. Beckingham, *op cit.*, pp.3/5

249 Segundo C. F. Beckingham «There are not many reliable sources of information about Covilhã's mission. By far the most important is (...) the Verdadeira Informaçam... (...) So far as we know (...) [Álvares] is the only one of our authorities who had met the traveller personally and it is evident that he saw him frequently over a period of several years.», «The Travels of Pero da Covilhã and their significance» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto IX, pp.3/16

250 «É algumas vezes falado em Pêro da Covilhã, português que é nesta terra e com êle alegado e não deixarei de alegar por ser pessoa honrada e de merecimento e crédito e é razão que se diga como a esta terra veio ter e, dele darei conta como é razão e êle de si ma deu.», Álvares, *op cit.*, p. 283

251 *Ibd.*, cap. CIV, pp.277/282

252 «(...) E pedindo licença [para partir] não lha quis dar[o imperador] Naôd. (...) e reinou seu filho David [Lebena Denguil] (...) dizendo que não viera no seu tempo e que os seus antecessores lhe deram terras e senhorios, que as regesse e lograsse, que a licença não lha podia dar e assim ficou.» *Ibd.*, p.282

253 Conde de Ficalho, *Viagens de Pêro da Covilhã*, reprodução fac-similada do exemplar da Biblioteca Nacional de 1898, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988, p.261

tôdas as línguas sabe que se falar podem assim de cristãos como mouros e gentios e que tôdas as cousas a que o mandaram soube e assim delas dá conta como que as tivesse presente.»²⁵⁴ Embora não estivesse na corte quando da chegada dos portugueses («Não achámos agora nesta côrte êste Pero da Covilhã e nos dizem que é em sua casa junto das fragosas portas que passámos.»²⁵⁵), ter-se-ia avistado com os portugueses na véspera de Natal²⁵⁶ em cuja missa toma parte, como nos relata Álvares²⁵⁷.

Além dele, a embaixada encontra outros europeus nas terras do Preste. Trata-se dos denominados *frangues*, (corruptela de «francos» termo usado pelos árabes e populações levantinas para designar os europeus desde as cruzadas medievais). Alguns são conterrâneos²⁵⁸, mas encontraram também genoveses, dois catalães, um grego de Chios, um biscaíno e um alemão, que teriam fugido para a Etiópia do seu cativeiro em *Djedá/Gidah* com companheiros abexins, quando da passagem de Lopo Soares de Albergaria por essa cidade. A sua presença ameniza a estadia dos portugueses. Há referências a alguns em particular: ao português alcunhado Carneiro, preso na corte do Preste por desobediência²⁵⁹; a Mestre Nicolau Brancaleão, pintor veneziano, que ali estava à mais de quarenta anos «(...) e sabia bem a língua da terra, pessoa mui honrada e grande senhor pôsto que pintor.»²⁶⁰; a Mestre Pedro, cordoeiro genovês, cujo filho recém-nascido foi baptizado por Álvares, no arraial do Preste²⁶¹; e a um certo Tomaz Gradani, naquelas paragens há quinze anos²⁶². A estes estrangeiros «(...) lhes fazia muita honra, mais que a nós até ao presente, e, lhes têm dado terras e vassalos que os servem, de que comem.»²⁶³ A presença destes naturais das repúblicas italianas atestam os seus contactos com o Levante, à qual se junta agora a presença portuguesa.

Álvares refere também os membros da expedição enviada por Tristão da Cunha, que lhes teriam facultado informações sobre os hábitos abexins em relação aos estrangeiros, embora não seja claro onde os teria encontrado, pois à data teriam já regressado (ou pelo menos tentado regressar) ao Reino²⁶⁴.

254 Álvares, *op cit.*, p.282

255 *Ibid.*, p.188

256 *Vide*, Conde de Ficalho, *op.cit.*, p.260

257 Álvares, *op. cit.*, p.235

258 «E a êstes portugueses não os deixaram ir porque lhes diziam que lhes causaria morte irem-se. (...) Êstes andam na corte e outros que faleceram sem os deixarem ir.» *Ibid.*, pp.187-188

259 *Ibid.*, p.182

260 *Ibid.*, pp.221/222

261 *Ibid.*, p.228

262 *Ibid.*, p. 188

263 *Ibid.*, pp. 184-185

264 *Ibid.*, p.188

Com promessas de aliança contra o Mouro, trocam-se finalmente cartas entre os monarcas mediante um moroso processo de tradução em três línguas, abexim, árabe e português, com a preciosa colaboração de Covilhã, como nos descreve o clérigo:

«(...) logo começaram a fazer suas cartas em sua língua abexim, outras cartas em arábio e mais outras em nossa língua portuguesa, as quais lia o frade que nos guiava em abexim e Pêro de Covilhã tornava em português e João Escolar, escrivão da embaixada escrevia, e, eu que por mandado do Preste estava ao concertar da língua que é mui trabalhosa tornar de abexim na língua portuguesa, e, assim se faziam as cartas para el-Rei nosso Senhor em três línguas (...), e, assim para o Capitão-mor e tôdas dobradas, seja, duas de abexim, duas de arábio e duas portuguesas.»²⁶⁵

De facto, o árabe parece ser a língua franca da região, daí a redacção de cópias nesta língua, dominada por Covilhã. Mas este teria a capacidade de traduzir directamente as ideias etíopes para o português, embora devidamente revistas por Francisco Álvares.

A embaixada é autorizada a partir em Fevereiro de 1521, deixando para trás um *Preste* ressentido com as dissensões violentas no seio da comitiva portuguesa, na qual D. Rodrigo e Jorge de Abreu se incompatibilizam, ao ponto de se não poderem tolerar²⁶⁶.

Francisco Álvares fora nomeado emissário junto ao Papa pelo *Preste*, que lhe entregara uma cruz de ouro para o Pontífice e «um cajado lavrado de tauxia» símbolo de uma senhoria que lhe fora atribuída (recompensa que teria provavelmente um valor mais simbólico do que efectivo)²⁶⁷. É também portador das cartas, aliás redigidas sob a sua supervisão, afirmando o desejo de obediência do *Preste* ao chefe da Igreja de Roma. No entanto esta posição do Imperador etíope pode ter obedecido a uma estratégia diplomática ou ser apenas uma forma de cortesia, como advoga o Conde de Ficalho, que afirma ser a ideia de submissão a Roma uma ilusão, sendo as cartas do imperador uma forma de homenagem às autoridades ocidentais, e Elaine Sanceau, nas

265 Álvares, *op. cit.*, p. 283

266 No dia da partida não se avistará com o embaixador português. «(...) e diziam que estava muito descontente do embaixador porque tão mal tratava os homens e por não ser amigo de Jorge de Abreu e por outras coisas que em si guardava (...)». *Ibd.*, p.226

267 *Ibd.*, p. 284; no traslado que faz da carta do Preste a Diogo Lopes de Sequeira refere «(...) E ao Padre Francisco dai duas tantas graças, porque êle é homem santo e de boa consciência e honesto (...) e lhe dei de sua senhoria cruz e báculo na sua mão, isto é sinal de sua senhoria e é abade de nossa terras e vós acrescentai-o e fazei-o senhor de Maquá e Zeila e de tôdas as ilhas do mar Roxo e dos cabos das nossas terras (...)», *ibd.*, p. 386

suas obras clássicas²⁶⁸, não existindo ideia real de submissão a Roma, mas provavelmente um desejo de simples aliança. Ou, possivelmente, as cartas revelariam mais do desejo do seu redactor e portador do que das reais intenções do remetente. Para o monarca português segue ainda uma coroa de ouro e prata, de maior tamanho que valor, como aponta o autor, e uma pequena recompensa em ouro para o embaixador e para Álvares²⁶⁹.

A embaixada parte da corte etíope a 12 de fevereiro de 1521. Com ela segue um frade que serve de guia e a sua gente. Na Etiópia ficam o pintor e Mestre João. Pêro da Covilhã e a sua família etíope acompanha-os durante parte do caminho²⁷⁰. Segundo Gaspar Correia, um filho do casamento etíope de Covilhã teria mesmo partido com a embaixada para se apresentar ao rei português mas, teria falecido no caminho²⁷¹, facto aceite pelo Conde de Ficalho²⁷², mas não mencionado por Álvares.

A perspectiva de regresso não acalma, porém, os ânimos entre o embaixador e Jorge de Abreu. Assim a comitiva portuguesa seguirá o caminho de regresso dividida em dois grupos: o do embaixador português e o do frade abexim. Mas os conflitos persistirão no seio da embaixada: há novos desacatos desta feita entre o feitor, João Gonçalves e um seu auxiliar, João Fernandes. Para mais não conseguem atingir a costa a tempo de serem recolhidos pela armada de 1523.

As rixas entre o embaixador que acusa Jorge de Abreu de traição, e este, sobem de tom. A divisão entre os dois grupos origina episódios violentos como o assalto à pousada de D. Rodrigo pelo grupo de Abreu, para roubar espingardas²⁷³. A comitiva portuguesa exhibe uma triste imagem de si perante os desalentados emissários do monarca etíope. Talvez as razões das disputas adviessem do carácter improvisado da embaixada, que não havia delimitado com precisão as questões do exercício de

268 Vide, Conde de Ficalho, *op. cit.*, pp. 279/280 e Elaine Sanceau, *Em Demanda do Preste João*, Porto, Livraria Civilização, s.d., p. 157

269 *Ibid.*, p. 285

270 *Ibid.*, pp. 286/289

271 Cf., Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Cap. III, Vol. III, p.49

272 Vide, Conde de Ficalho, *op. cit.*, p. 264

273 «E, jazendo nós [o escrivão, ele e seu sobrinho] na cama, alta noite ouvimos bradar: - Toma de cá, toma de lá. E logo espingardas. E, acudindo nós a isto (...) os vimos como com vaivens [aríetes] derribavam as casas e tiravam espingardas, parecendo-nos que eram mortos os que dentro estavam que tamanho era o arruído, fomos correndo às casas do Barnagais [senhor local] em que pousavam os ditos senhores [emissários do Preste] a dizer-lhes que acudissem (...) entrando nós por uma porta e o Embaixador e os seus entravam por outra e traziam consigo a coroa e cartas do Preste e a fazenda que puderam (...). E saíram-se (...) por um postigo que a casa tinha. Mandaram logo estes fidalgos [o embaixador e os seus homens] todos os outros prender (...) e ainda os achámos [o grupo de Jorge de Abreu] no derribar das casas (...) e aí os andaram maltratando a punhadas e pancadas, porque eles já não tinham pólvora (...) e foram todos levados ante estes fidalgos. Mais outro-sim os maltrataram e os mandaram levar a outro lugar (...) que aí estivessem sem sair e lhes deram guardas que os guardassem (...) [os emissários do Preste] não sabiam que fazer de nós e não ousavam de nos deixar nem levar nem eles se tornar nem podiam meter paz entre nós e todavia tomaram seu conselho de nos tornar em côrte (...)» *Ibid.*, pp.294/295

autoridade e competências. Ou trata-se apenas de um episódio ilustrativo das querelas entre fidalgos, que pareciam proliferar no Oriente. Como refere J. P. Oliveira e Costa, a nobreza encabeça o processo da expansão portuguesa, nela se distinguindo os seus membros necessitados de réditos e honrarias, pequenos fidalgos, cavaleiros e escudeiros que encontraram um modo de vida e de ascensão social nas actividades administrativas e bélicas do Estado da Índia²⁷⁴. É, pois, natural que a pertença a “casas” nobres diferentes, a inveja, a disputa e a arrogância do estatuto nobre e a distância da Corte, despoletassem acesas contendidas e inimizades.

As desavenças no seio da embaixada farão perder a paciência aos cortesões etíopes. Os membros da missão portuguesa seguirão com o importunado *Barnagais* e continuarão alojados separadamente: o grupo do embaixador em *Baruá* e os partidários de Abreu em *Barra*, onde também fica o *Barnagais*²⁷⁵.

De facto, o regresso ao Reino não seria fácil. A embaixada permaneceria ainda em terras etíopes por mais cinco anos. Durante a sua permanência, Francisco Álvares continua a narrar e a protagonizar episódios e deslocações que não são claramente localizados no tempo, ao contrário da progressão da viagem inicial até à corte etíope, tendo que ser inferidos a partir de pormenores resgatados no meio da informação diversa assim como a sua sequência cronológica. Seguindo C. F. Beckingham²⁷⁶, estarão novamente na corte do Preste, nas terras de *Gorage/Guraguê*, em Abril de 1523, onde passarão a Quaresma e onde encontrarão novamente Pêro da Covilhã²⁷⁷. Ali recebem cartas de D. Luís de Meneses, capitão –mor da esquadra que os aguardava em *Maçuá*, pelas quais sabem do falecimento do rei D. Manuel (13 de Dezembro de 1521), que comunicam ao *Preste*. Partindo um mês e meio depois, já não encontram a armada portuguesa na costa, mas apenas cartas e mantimentos. D. Rodrigo decide partir novamente para a corte para ofertar toda a pimenta recebida, levando consigo o P. Francisco Álvares para traduzir as cartas, no início de Setembro. Alcança-a desta feita em terras de *Fategar*, nos finais de Novembro. Pelas informações que o autor recebe sobre a região é provável que reencontrassem novamente Pêro da Covilhã²⁷⁸. O Conde de Ficalho reafirma esta suposição, referindo que «A sua presença em Dara [Barruá] é

274 Vide J. P. Oliveira e Costa, *D. Manuel I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p.169

275 «(...) e diziam que o fizera para não estar a chaças do Embaixador (...). Neste tempo éramos bem mal providos de tôdas as cousas. Melhor provido era Jorge de Abreu e os que com êle estavam, que nós outros e valia-nos o nosso grande caçar e pescar que fazíamos (...)». *Ibid.*, pp.296/297

276 Cf. C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom*, texto XII, pp. 1/11

277 Álvares, *op cit.*, p. 310; Conde de Ficalho, *op. cit.*, p. 266

278 Vide, Álvares, *op. cit.*, pp. 315/316

mesmo a última notícia que temos d'elle. Durante a permanência em Dará, o P.e Álvares refere-se várias vezes ao que Pedro da Covilham lhe contava (...); depois d'isso não fala mais d'elle.»²⁷⁹ Segundo o mesmo autor, nesta ida à corte teriam sido redigidas as missivas dirigidas ao Papa²⁸⁰.

Quando abandonam a corte, provavelmente depois de uma outra estadia em 1524 são seguidos por um novo emissário abexim, o frade *Zagazabo*, já conhecido dos portugueses pela intempestiva aparição que fizera durante a viagem inicial dos portugueses, na região de *Tigrê*, espancando o oficial que os guiava e suscitando a animosidade da embaixada, que acalmou falando um pouco em italiano. De facto, o desconhecimento entre europeus e abexins não era total. Como vimos no capítulo anterior, os frades etíopes peregrinavam à Terra Santa e a Roma entre outros locais; por seu lado havia contactos com os europeus via Mediterrâneo/Norte de África (e daí a presença de genoveses, venezianos e catalães) e na zona do Mar Vermelho e Índico, com a presença portuguesa nessas paragens. O nosso autor afirma acerca de *Zagazabo*, «Êste frade andava na Itália e sabia algum tanto de latim.»²⁸¹.

A expedição portuguesa desloca-se novamente para *Baruá*, junto da costa, mas nesse ano não há sinais da armada. O soberano abexim envia-os então para a localidade de *Aquaxumo*, onde são aprovisionados e onde permanecerão cerca de oito meses. Álvares acompanhará ainda o embaixador abexim à corte em demandas sobre terras (final de 1524), onde saberá da morte da velha imperatriz *Helena/Elleni*, apressando-se o *Preste* a arrecadar os direitos da terra que aquela senhoreava e a afastar certos dignitários próximos da imperatriz. Ali encontram igualmente a rainha moura de *Adea* em busca de auxílio contra a invasão do reino por um parente. O *Preste* partirá com a corte em seu auxílio, sendo acompanhado de vários *frangues*: o nosso conhecido Jorge de Abreu, Diogo (ou João, antigo auxiliar do feitor?) Fernandes, Afonso Mendes (membro da embaixada) e Alvarenga (?), além de cinco ou seis genoveses²⁸². Mas antes resolve uma disputa de terras do frade embaixador *Zagazabo*, ainda lhe concedendo outro senhorio.

279 Conde de Ficalho, *op. cit.*, pp. 271

280 *Ibd.*, pp. 270/271

281 Álvares, *op. cit.*, pp. 109/110 e p. 204. Assim quando o Preste interroga D. Rodrigo e Francisco Álvares «(...) se nos parecia Zagazabo ser suficiente para êste caminho, porquanto sabia falar a nossa língua e fôra já a nossas terras. Nós lhe respondemos que (...) era bem suficiente (...) porque era homem que se entendia bem connosco e nós com êle e que não havia mister de turgimão (...)» *Ibd.*, p.326

282 *Ibd.*, p.340

Zagazabo, acompanhado de Álvares segue para o seu novo domínio, que era a caminho do local de pousada dos portugueses (*Baruá*), onde chegaram dez dias antes do Entrudo de 1525. Zagazabo toma posse da terra, sendo também investido da dignidade de *Licacanate* ou superior de um mosteiro, que ali existia.²⁸³ A meio da Quaresma alcançam a morada da embaixada, da qual se vai apossando a melancolia: «(...) indo como os olhos longos que naquela Páscoa viriam os portugueses por nós. E passando a Páscoa que é a monção não vindo ninguém, ficámos tristes como dantes (...)»²⁸⁴. Os portugueses recebem ordem de se afastar da costa e dirigir-se ao reino de *Abugima* onde ficavam as terras do embaixador abexim, para receberem mantimentos. Os portugueses seguiram contrafeitos como relata o P.e Francisco Álvares.

Novamente instalados em *Baruá* na Páscoa de 1526, sofrem um momento de pânico e desespero face a um boato da derrota portuguesa na Índia²⁸⁵. A pequena comitiva portuguesa é confrontada com a possibilidade de ficar retida em terras etíopes, de onde seria muito difícil partir visto estar rodeada de estados muçulmanos. Francisco Álvares, com base nos conhecimentos e experiência que tem da terra, reanima-se e esboça um plano de contingência²⁸⁶, revelando uma espantosa força de ânimo. Quanto aos seus companheiros, portugueses e de outras nações, todos aprovam o seu plano, excepto D. Rodrigo (que preferia retornar à corte do *Preste*). Contudo, pouco tempo depois chega finalmente uma nova armada chefiada por Heitor da Silveira.

A embaixada parte de *Baruá*, provavelmente incluindo os escravos e mulheres que alguns teriam tomado nesta sua estadia e seus filhos e ainda alguns europeus (segundo Gaspar Correia um grupo de *frangues* teria partido com a embaixada portuguesa em 1521, mas entretanto muitos se haviam dispersado, permanecendo apenas à data da partida, segundo o mesmo autor, um castelhano e dois biscaínhos²⁸⁷). Também decerto a eles se juntariam o grupo dissidente ou talvez já reconciliado, mas

283 Sobre o embaixador etíope vide, Isabel Boavida, «Damião de Gois e “a frase caldaica e etiópica”» in , *Damião de Góis na Europa do Renascimento*, pp.731/742

284 *Ibd.*, p.365

285 «(...) Vinham como mortos e começaram a dizer:- Não há aí portugueses que venham por nós, nem os há na Índia que todos são desbaratados e a Índia perdida e diziam que esta nova sabiam pelos mouros de três naus que chegaram à ilha de Maçuá com muitos tangeres e festas (...). e me fui só por uma ribeira acima até uma grande rocha, chorando todo o caminho e com choro e suspiros me deitei naquela sombra espaço mais de uma hora e deixando o choro tornei em mim e comigo falando disse:- Ora isto de Deus vem e se há-de por servido de mim nesta terra, o Senhor seja louvado (...).», *Ibd.*, p. 367

286 « (...) Porque ando a caçar e sei as montanhas e as águas delas e a terra que é boa para aproveitar e que dará tudo o que lhe plantarem e semearem, e tenho bons escravos e catorze vacas e tenho carneiros que trocarei por ovelhas; ir-me-ei junto dalguma água e mandarei fazer grande e forte tapume de mato por guarda das feras alimárias e armarei minha tenda (...) e logo ordenarei uma ermida dentro e cada dia direi missa e me encomendarei a Deus (...). Mandarei roçar matos em que faça hortas e semearei pão de toda a sorte e por minhas novidades e caças mantere a mim e aos meus moços e criados.», *Ibd.*, p. 368

287 Vide, Gaspar Correia, *op. cit.*, Cap.III, Vol.III, p.49

sobre este não nos dá o autor mais notícia. Partem desse local a 9 de Abril de 1526 com o *Barnagais* e sua gente a acompanhá-los. Finalmente na terça-feira estão junto à armada; quinta – feira chega o novo embaixador etíope, *Zagazabo*, que viajara dia e noite para conseguir acompanhar a embaixada portuguesa no seu regresso, e esperam a monção (fins de Abril, princípios de Maio) para partir.

Contudo a 21 de Abril chegam emissários da corte, instando-os a regressarem. Mas a embaixada ignora a nova decisão do *Preste* (assim como o emissário etíope, que receia ser deitado aos leões se se apresentar ao Imperador sem os portugueses) e zarpa a 26 de Abril.

A viagem de regresso à Índia e depois ao Reino é igualmente descrita por Álvares, numa segunda parte da sua obra. Assim, uma vez abandonada a costa etíope no Mar Vermelho e antes de aportar em Ormuz (onde serão acolhidos pelo novo governador Lopo Vaz de Sampaio e recompensados²⁸⁸), fazem escala na ilha de *Camarão*, onde Álvares recolhe, em segredo, as ossadas do embaixador Duarte Galvão, que devolverá posteriormente a seu filho António Galvão em Cochim (sendo depois igualmente em segredo, transportadas para o Reino, pois os mareantes recusavam a presença de tal carga nos seus navios, considerado de mau augúrio). Na sua viagem, a armada sofre uma forte tormenta no Golfo de Adém, que provoca a sua divisão. Esta reunir-se á no porto de Mascate, conquanto apenas dez dias depois seja avistada a nau capitania, que transportava o capitão-mor e ambos os embaixadores, e onde muito se havia sofrido de fome e principalmente de sede.

Os membros da embaixada invernam em Ormuz e dali partem, com o Governador, para Chaul, «(...) terra mui forte e viçosa (...)»²⁸⁹, onde reencontram o capitão Heitor da Silveira com as presas que tomou no Mar Vermelho. Seguem depois para Goa, onde chegam a 25 de Novembro de 1526. Três dias depois dirigem-se para Cananor, onde permanecem seis dias e finalmente alcançam Cochim. Aí o P. Francisco Álvares é convidado por António Galvão a partir para o reino na nau que comanda, a *Santa Maria do Espinheiro*. A armada em que segue (ambos os embaixadores irão na nau comandada por Tristão Vaz da Veiga) reúne-se ao largo de Cananor para

288 «O Governador Lopo Vaz de Sampaio fêz mercê a D. Rodrigo de Lima (...) de duzentos pardaus e ao Embaixador do Preste doutros duzentos e a mim fêz mercê de cem pardaus.» Estas mercês talvez contribuam para explicar as acrimónias com Jorge de Abreu, *Ibid.*, pp. 380-381

289 *Ibid.*, p.388

carregarem (além da pimenta e cravo que já levam) gengibre e provisões para a viagem de volta ao reino: biscoito, pescado, vinho de palma, pólvora²⁹⁰.

Partindo a 18 de Janeiro de 1527 arrostam com todas as dificuldades da travessia marítima da rota do Cabo: encontros e desencontros com as restantes naus das armadas; os desvios da rota; a terrível falta de água ao falharrem a aguada de St^a Helena, questão resolvida por trovoadas e fortes aguaceiros; a recolha de náufragos; o receio dos corsários franceses²⁹¹, cujos ataques e roubos no mar dos Açores parecem ter sido um problema comum e receado especialmente nas décadas de 20 e 30 do século XVI²⁹².

Finalmente os navios entram na barra do Tejo dia 24 de Julho de 1527, facto assinalado pelo P. Francisco Álvares com uma frase expressiva: «Neste dia entrámos e surgimos defronte da cidade de Lisboa que nos deu assás prazer.»²⁹³ Depois da chegada ao reino, Álvares prossegue a sua narrativa com uma breve descrição do caminho, também não isento de dificuldades, de Lisboa (isolada pela peste) para Coimbra, onde se encontra a corte de D. João III. Alcançando Sernache, ali ficam de quarentena por receios contágio. Um mês depois são entusiasticamente visitados por Diogo Lopes de Sequeira, «(...) Almotacé-mor de Sua Alteza e que à terra do Preste João nos levara sendo Capitão-mor e esta embaixada havia por coisa sua e de sua mão feita e veio abraçar o Embaixador e do Preste João e a nós todos cada um per si (...)»²⁹⁴. Com ele partem para Coimbra onde são recebidos nos paços reais. Avistam-se com o rei duas vezes, entregando-lhe as cartas e os presentes do *Preste*. Nessa ocasião Francisco Álvares apresenta igualmente as cartas e a pequena cruz de ouro que o Preste enviava ao Papa, para confirmação da sua missão em Roma²⁹⁵.

Porém, também a missão de Álvares a Roma não será destituída de dificuldades. Como vimos já no capítulo inicial, o novo monarca, D. João III representa uma inflexão no projecto imperial de seu pai. Neste contexto, tendo a corte partido, pouco depois, para Lisboa, parando em Almeirim, o P.Álvares lembra ao rei a necessidade do

290Vide, *Ibd.*, p.391

291 Como refere Ana Isabel Buescu entre os problemas que D. João III herdava dos últimos anos de governação do pai um deles era «(...) o dos primeiros tentames da França de Francisco I na aventura oceânica, e o corso e a pirataria sobre navios portugueses, realidade sensível [e receada como atesta Álvares] já nos finais do reinado de D. Manuel e que haveria de tornar-se um dos problemas mais persistentes e de difícil resolução no reinado de D. João III (...)», *D. João III*, p.224

292 Vide, *Ibd.*, pp.231/234

293 Álvares, *op cit.*, p.395

294 *Ibd.*, p. 399

295 «(...) dizendo a Sua Alteza como o Preste mandara que fôssem entregues (...) a Sua Alteza, de mão de Sua Alteza fôssem dadas a mim Francisco Álvares que as levasse a Sua Santidade(...)», *Ibd.*, p.401

desempenho da missão de que fora incumbido pelo *Preste*. Porém, o rei desaconselha-o devido às rivalidades entre a França e Carlos V, e o saque de Roma pelas tropas imperiais (1527). O diálogo repete-se estando já a corte em Lisboa. Na verdade os pedidos e as recusas parecem ter-se estendido de 1527 a 1529 e nesse último ano, assinada a paz de Cambrai entre a França e o Império, Álvares é impedido de partir com o embaixador em Roma, Brás Neto, com o pretexto que este se iria avistar com o Imperador e não com o Papa.

O rei acaba por decidir que Francisco Álvares partirá apenas com o novo embaixador português na Santa Sé, D. Martinho de Portugal. O interesse pela aliança abexim parece ter esfriado, com a confirmação do carácter herético do cristianismo etíope²⁹⁶. Entretanto o rei poderá ter nomeado Francisco Álvares capelão régio e concede-lhe um benefício no arcebispado de Braga. Para a confirmação deste último, encontra-se Álvares naquela cidade durante alguns dias em finais de Julho e inícios de Agosto de 1529, durante os quais se avista com o arcebispo, D. Diogo de Sousa, e «(...) sendo eu com sua senhoria jamais cessava de me perguntar por cousas do Preste João. Eu lhe respondia na verdade como o eu mui bem sabia e Sua Senhoria tudo mandava escrever (...)»²⁹⁷. Com a transcrição deste relatório termina o relato de Álvares. Terminada a narrativa de Álvares, deixamos de poder acompanhar o autor pelas suas palavras e seguiremos vários autores que procuraram o seu rumo posterior noutras fontes disponíveis.

O seu trajecto ulterior é marcado pela ambiguidade que rodeia a questão da embaixada ao Papa. Segundo a análise que Jean Aubin faz deste relatório, apenas uma reduzida parte das questões postas pelo Arcebispo de Braga dizem respeito ao culto e costumes religiosos e nenhuma sobre dogmas teológicos, o que lhe permite afirmar: «L'archevêque sait. Le pays du Prêtre n'est pas celui d'une puissance alliée dont rêvait D. Manuel, c'est une terre de mission.»²⁹⁸ Reafirmando esta posição o mesmo autor refere as duas versões conhecidas das instruções régias a D. Martinho para sua missão em Roma²⁹⁹. Numa das versões é patente a necessidade de correcção da religiosidade etíope e a melhor forma de apresentar a questão ao Papa.

O P. Francisco Álvares é finalmente autorizado a partir em 1532 para a corte papal, acompanhando D. Martinho de Portugal, a fim de desempenhar a função de que

296 *Vide*, Cap. I do presente trabalho

297 Álvares, *op cit.*, p. 415

298 Jean Aubin, «Le Prêtre Jean devant la Censure Portugaise» in, *Le Latin et l'Astrolabe*, p.186

299 *Vide* também Conde de Ficalho, *op. cit.*, pp. 293/295

havia sido incumbido pelo monarca etíope. Foi recebido em Consistório Público a 29 de Janeiro de 1533 por Clemente VII, na presença do imperador Carlos V, onde pronuncia a Oração de Obediência e entrega as missivas e o presente do Imperador da Etiópia.

No entanto a sua permanência na corte papal não será frutífera. Com o advento do novo Papa, Paulo III e novas prioridades políticas do rei português como a questão da introdução do Tribunal do Santo Ofício em Portugal³⁰⁰, além das preocupações de D. Martinho em relação à sua carreira, nomeadamente a questão do arcebispado do Funchal, de que seria o futuro titular, o P. Francisco Álvares permanece esquecido e o seu projecto de aproximação entre a igreja etíope e a romana relegado para segundo plano.³⁰¹ O P. Francisco Álvares é referido numa carta enviada de Roma ao rei a 17 de Março de 1535 por D. Henrique de Meneses, embaixador de D. João III na Santa Sé em 1534,(ou segundo o Conde de Ficalho, uma espécie de primeiro secretário da missão em Roma³⁰²). Aquele estaria velho, desgostoso e choroso, receando morrer sem haver cumprido a sua missão. Já Fortunato de Almeida, havia denotado que na mesma carta se afirmava que o assunto era descurado e D. Martinho se encontraria mais ocupado em promover a sua ascensão ao Cardinalato do que em tratar do caso etíope, informando o rei, meses depois, que o Papa duvidava das informações sobre o *Preste* e que o monarca deveria escrever ao Pontífice reafirmando a verdade do caso³⁰³.

O que sabemos dos últimos tempos do P. Francisco Álvares advém da análise e estudos feitas sobre a sua figura e obra por autores como Luís de Albuquerque, Banha de Andrade e C. F. Beckingham. De acordo com estes autores, Francisco Álvares veio a falecer em Roma entre 1535 e 1540³⁰⁴ ou 1546³⁰⁵ devido talvez às canseiras e provecção idade. Segundo testemunhos italianos (Banha de Andrade refere um documento na Biblioteca Palatina de Parma; C. F. Beckingham faz alusão a manuscritos de Paulo Jóvio e de Beccadelli³⁰⁶) foi sepultado nessa cidade, na Igreja de Santo António dos Portugueses, junto do Campo de Marte. Na obra citada, C. F. Beckingham refere a sua

300 A. A. Banha de Andrade, *op cit.*, p. 295

301 De acordo com Jean Aubin, D. Martinho parece ter uma atitude ambígua face ao protagonismo da questão etíope, guardando Álvares como instrumento das suas aspirações pessoais. *Vide*, Jean Aubin, *op cit.*, p. 189 e p.195

302 *Vide*, Conde de Ficalho, *op. cit.*, p. 297

303 *Vide*, Conde de Ficalho, *op. cit.*, pp. 298/302 e Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 2º ed. dir. por Damião Peres (1º ed. Coimbra, 1930), Porto/Lisboa, Livraria Civilização, 1968, pp. 30/31

304 Cf., A. A. Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o êxito Europeu da Verdadeira Informação sobre a Etiópia» in, *Presença de Portugal no Mundo*, p.301 e C.F. Beckingham, *op cit*, pp.8/9

305 Luís de Albuquerque, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses -séculos XV e XVI*, Vol. II, p.54

306 Cf., A. A. Banha de Andrade, *op. cit.*, p. 301 e C.F. Beckingham, *op cit*, pp.8/9

visita a esse templo em 1962, procurando em vão a tumba ou qualquer lápide que mencionasse Álvares; em 1964 o mesmo autor volta a consultar os registos e inscrições da igreja, chegando à conclusão que se algo aludia ao P. Francisco, deve ter sido destruído pelas cheias a que a igreja esteve sujeita³⁰⁷. Ou, afirmamos nós, pela simples e inexorável passagem do tempo e dos homens.

O que permaneceu foi o seu vivo e espontâneo relato da viagem da embaixada, retractadas com uma vivacidade e expressividade patentes no discurso, fazendo nossas as palavras de Eliane sanceau ao caracterizá-lo como uma «(...) linguagem simples e saborosa(...)»³⁰⁸. A leitura da sua obra revela um espírito observador, interessado e pragmático, adaptando-se às necessidades do momento. A minúcia e a precisão do registo, assim como a probidade, sensatez e prudência do escritor são lugares comuns nos escritos sobre Álvares.

Depreende-se igualmente, da leitura da obra, uma natureza afável, uma bonomia e paciência para com os percalços da viagem. De facto resgatara cativos abexins dos mouros, como reitera o *língua* Jorge³⁰⁹; a pedido de Mateus, intercede para se desviarem do caminho real até ao mosteiro de Bisão, depois de «grandes alterações sôbre o dito caminhar» durante a pousada dessa noite³¹⁰; serve de interlocutor entre as duas facções desavindas da embaixada³¹¹, entre outros exemplos. Como resume C. F. Beckingham, «He appears as a kind, tactful, sensible man, doing his best in very difficult circumstances (...). This, of course, is an estimate derived from his own book, but there is nothing in contemporary sources to suggest that it is not correct.»³¹²

Mas basicamente, Álvares cumpre as funções de um *oficial* ao serviço de uma embaixada real. A sua obra inscreve-se numa visão pragmática de descrição do encontro com novas paragens, sem pretensões de carácter literário, antes com a intenção de deixar o seu testemunho através de uma experiência a que poucos europeus teriam acesso e na qual o poder real teria todo o interesse³¹³. Por outro lado, talvez o nosso clérigo não fosse propriamente um intelectual letrado. Salvo casos excepcionais «Os exploradores e missionários portugueses não podiam dizer-se, por via de regra,

307 C.F. Beckingham, *op cit.*, p. 9

308 Elaine Sanceau, «Etiópia e Portugal» in, *Ocidente*, nº 257, Set. 1959, vol. 57, p. 104

309 Álvares, p. 271

310 *Ibd.*, p.23

311 *Ibd.*, p. 293

312 C. F. Beckingham, «Introduction» in, *The Prester John of the Indies-A true Relation of the Lands of the Prester John* ..., tradução de Lord Stanley of Alderley, p. 13

313 Para a questão do carácter pragmático da Cultura da Expansão em Portugal e sua ligação ao poder central Vide, Luís Filipe Barreto, «A Incidência dos Descobrimentos no Aparecimento de uma Mentalidade Renascentista» in., *Portugal no Mundo*, Vol IV, Lisboa, Alfa, 1990, pp. 94-104

homens de cultura superior ou de formação académica regular (...). Eram políticos, mercadores, ou simples práticos e aventureiros, de uma pequena nação periférica.» como refere J.S. da Silva Dias ³¹⁴.

Provavelmente teria tido uma espécie de “formação média“, própria do clero da época, iniciada a nível elementar pela leitura e escrita e o ensino de um pouco de latim, talvez um pouco de aritmética³¹⁵, gramática, retórica, doutrina cristã, tipo de ensino ministrado nas escolas conventuais ou com um mestre. Segundo Fortunato de Almeida, para receber ordens sacras e benefícios, segundo as Constituições do Porto de 1496, era necessário um exame de leitura, gramática e canto, além do bom comportamento e honestidade³¹⁶. Ao clero era especialmente recomendado o ensino da doutrina católica a partir do século XVI. Talvez tivesse frequentado a Universidade e cursado Artes, na época espécie de prolongamento do ensino elementar, e dirigida essencialmente para a formação do clero³¹⁷.

Contudo, e fora do campo das nossas suposições, a sua formação pode ter sido conhecido lacunas: quando da sua entrevista com o Papa em Bolonha, em 1533, terá proferido o Discurso de Obediência em português, traduzido para latim pelo secretário da embaixada³¹⁸. Além do mais, ao longo da sua narrativa também deixa escapar algumas dúvidas sobre aspectos bíblicos (por exemplo quanto ao número dos profetas e dos livros escritos por estes e pelos Evangelistas³¹⁹).

Apesar do estilo pouco culto ou da falta de qualidade literária que lhe tem sido apontada por vários autores³²⁰, começando por João de Barros que salienta o seu estilo directo, mas pouco cultivado³²¹, e que não cabe ao âmbito deste trabalho discutir, verificamos que não lhe faltava sensibilidade para toda uma panóplia de interesses. Além do colorido da descrição e do tom coloquial da linguagem, que nos faz acompanhar a progressão da embaixada e seus percalços, o número de dados históricos

314 J. S. Silva Dias, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, p. 64

315 Vide, Rogério Fernandes, «Ensino elementar e suas técnicas no Portugal de Quinhentos» in, *A Abertura do Mundo...*, pp. 53-65

316. Vide, Fortunato de Almeida, *op cit.*, pp. 551/569

317 *Ibd.*, p. 201

318A. A. Banha de Andrade, «Francisco Álvares» in, *Dicionário da História da Igreja em Portugal*, vol. I, Lisboa, Editorial Resistência, [1980], p. 160 e Jorge Couto, *op cit.*, p. 131

319 «Mandou-me perguntar quantos eram os profetas eu lhe respondi que o não sabia (...). Logo veio outra pergunta dizendo que dissesse todos os livros (...) do Novo e do Velho Testamento (...) Eu já tinha ouvido entre eles serem oitenta e um livros e pelo que lhes ouvi respondi (...), mas que desta resposta e das outras (...) eu me não afirmava muito (...)», Álvares, pp. 212/213

320 Cf. Hernâni Cidade, *Cultura Portuguesa...*, Vol. V; Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1971, p. 26 ; J. Veríssimo Serrão, *A Historiografia Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Verbo, 1972, p. 373 e José Nunes Carreira, «A Abissínia de Francisco Álvares: queda do mito » in, *Literatura de Viagem: Narrativa, História e Mito*, p. 87

321 Ap..A.A. Banha de Andrade, *op cit.*, p. 302

que faculta para o conhecimento do quotidiano da sociedade portuguesa e etíope da época e respectiva história política e ainda para o conhecimento da navegação portuguesa no Mar Vermelho e Índico, e travessia da Rota do Cabo, é inestimável. E é este o legado de Francisco Álvares, a despeito do seu desgosto por não ter conseguido levar a cabo com êxito a missão de que fora incumbido pelo monarca etíope nos areópagos políticos de Roma, e da sua morte e desaparecimento dos seus restos mortais fora do seu país (ele que tanto cuidado tivera em resgatar e devolver à terra natal os de Duarte Galvão).

1.2. Pêro Pais: *História* de um Jesuíta no Reino da Etiópia

O nosso segundo autor, o jesuíta P. Pêro Pais, de origem castelhana sendo o seu nome de origem Pedro Paez Xaramillo, nasceu em 1564, no seio de uma família da aristocracia rural de Castela³²², na localidade de Olmeda de las Cebollas (que actualmente apresenta o nome mais “poético” de Olmeda de las Fuentes), próxima de Alcalá de Henares, na província de Madrid, diocese de Toledo. De acordo com Elaine Sanceau teria tido dois irmãos, Juan e Gaspar e outras tantas irmãs, Ana Maria e Isabel, com quem se teria correspondido ao longo da sua vida³²³.

Segundo a obra de divulgação do jornalista e escritor, Javier Reverte, Pais poderia ter estudado em Alcalá de Henares, talvez no recém criado Colégio de Stº Ildefonso³²⁴. Talvez por influência de seu primo ou tio, Esteban Páez, provincial da Companhia no México, mais tarde ocupando o mesmo lugar no Peru, o jovem Pêro Pais parte em 1580 para Portugal, continuando os seus estudos no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, sob direcção jesuíta. A escolha da universidade portuguesa pode explicar-se pelo prestígio e implantação da Companhia de Jesus em Portugal pois, como refere C. R. Boxer, o poder, a influência e o prestígio que esta detinha em

322 Sobre a provável ascendência nobre do P. Pais atente-se na seguinte passagem: «Almeida foi o primeiro escritor a fornecer esta informação, que é claramente repetida por autores posteriores(...). Os documentos institucionais da Companhia, que existem praticamente para todos os membros da Ordem, não fazem qualquer referência à nobreza dos ascendentes de Páez.», «Introdução», Pedro Páez, in, *História da Etiópia*, Isabel Boavida, Hervé Pennec e Manuel João Ramos (ed.), Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, p.36

323 Elaine Sanceau, «Introdução», in, *Pêro Pais, História de Etiópia*, Vol I, Porto, Livraria Civilização, 1945, p.XI

324 Vide, Javier Reverte, *Dios, el Diablo y la Aventura-La historia de Pedro Páez, el español que descubrió el Nilo Azul*, 2ª ed. em formato de bolso, Barcelona, Debolsillo, 2004 (1ª ed.Barcelona, Random House Mondadori, 2001)

Portugal, suplantavam a sua posição em Espanha³²⁵, gozando de um acolhimento favorável pela coroa portuguesa³²⁶. É possível que tenha aprendido fluentemente o português durante esta estadia, língua na qual redigirá a sua obra. Aí deve ter seguido o programa de estudos, sistematizado em breve no famoso programa, *Ratio Studiorum*, impresso numa primeira versão em 1586 e definitivamente elaborado em 1599³²⁷.³²⁸.

Em 1582 com dezoito anos, Pais teria ingressado na Província de Toledo da Companhia, iniciando um noviciado de dois anos³²⁹ e continuando os seus estudos no colégio das Artes de Belmonte, na Província de Cuenca, o que se confirma através de uma referência recolhida por Hervé Pennec nos Catálogos³³⁰ constantes dos Arquivos da Companhia de Jesus em Roma.

Em Belmonte o jovem Pais teria iniciado, os estudos do nível superior, isto é três anos de Filosofia, com formação também em Moral e Matemática (Geometria e Cosmografia). Ali conheceu Tomás de Iturén seu professor de Filosofia, com quem se corresponderia durante praticamente toda a vida³³¹.

Podemos imaginar Pais na época, certamente como um jovem entusiasta, cuja personalidade fora moldada pelos *Exercícios Espirituais* concebidos pelo fundador da ordem, que visavam a perfeição espiritual através da fé, mas também do exercício da autodisciplina e ordem, do pragmatismo e determinação da razão na conduta humana³³², e pelo zelo apostólico que orientavam a actuação da Companhia.

A 5 de Maio de 1587 o ainda estudante, Pêro Pais, dirige uma *indipeta* («cartas de candidatura» às missões do Oriente, endereçadas aos superiores em Roma³³³) ao Geral da Companhia, Cláudio Aquaviva, solicitando o seu envio para as missões do Oriente do Padroado Régio português. E assim, ainda antes de ser ordenado, o irmão

325 C. R. Boxer, *A Igreja e a Expansão Ibérica*, Lisboa, Ed. 70, 1981, p.91

326 Sobre o acolhimento da Companhia de Jesus em Portugal, protecção do rei D. João III e sua implantação («(...) a Companhia de Jesus encontrou em terras lusitanas (...) os seus maiores amigos e aliados que a fizeram grande e respeitada, isto é, em certa medida, encontrou em Portugal o seu berço mais promissor (...)»), Vide, José Eduardo Franco, *O Mito dos Jesuítas*, Vol. I, Lisboa, Gradiva, 2006, pp.87/89

327 António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, Vol. III, Lisboa, Jornal do Foro, 1950-1962, p.225

328 É possível que tivesse estudado, no seu primeiro nível, Gramática Clássica, Humanidades (várias noções de cultura clássica, que confeririam a “erudição” ao aluno, ou seja regras de conduta moral, estilo no manejo da língua e eloquência) e Retórica. *Ibd.*, pp.225/226

329 Vide, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.17

330 Listas de dados pessoais dos missionários, no caso da Etiópia compostos de três em três anos pela província de Goa. Vide., nota 137 in Hervé Pennec, *op cit.*, p.108

331 Vide, como exemplo a carta a Iturén *ap.*, Hervé Pennec, *op cit.*, p. 106 e «Introdução», Pedro Páez, in, *História da Etiópia*, p.1

332 Vide, Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo I, Porto, Apostolado da Imprensa, 1931, pp. 162/173

333 Vide, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.17

Pêro Pais, dirige-se a Lisboa, de onde embarca para Goa na nau *S. Tomé*, em Abril de 1588.

Goa, a terceira província da Companhia, criada em 1549, era o ponto de difusão da actividade missionária no Oriente que englobava a África Oriental, e convertera-se igualmente num centro de formação. O jovem Pais aporta ali em Outubro de 1588 e retoma a sua formação, iniciando os estudos de Teologia, no Colégio de S. Paulo, que deveriam ter a duração de quatro anos³³⁴.

Entretanto, face ao estíolar da pequena missão jesuíta em território etíope, o Provincial da companhia em Goa, Pêro Martins, pressionado pelas recomendações do monarca, Filipe II, transmitidas através do recém nomeado Governador, Manuel de Sousa Coutinho, decide enviar para a terra do *Preste* mais dois missionários³³⁵, pois, como afirma Pais, «(...) por ser necessário grande secreto pareço ao Governador, q não convinha fossem mais q dous.»³³⁶. São eles, precisamente o jovem Pêro Pais e o já experimentado P. António de Monserrate, coadjutor espiritual, natural da Catalunha, com longos anos de Companhia e 53 de idade. Monserrate fora enviado à corte de Akbar, o Grão-Mongol, em Agra, em 1580 e havia redigido o manuscrito *Mongolicae Legationis Commentarius*.

Preparando-se para a partida, o jovem irmão Pêro Pais, então com 24 ou 25 anos, recebe as ordens sacras em Janeiro de 1589, apenas com dois anos de formação em Teologia. Deve, assim, interromper os seus estudos, destinado a constituir “uma guarda avançada” na Etiópia, que pouparia os melhores teólogos e as maiores dignidades dentro da Companhia. O que se pretendia ao contrário da missão de 1557³³⁷, era simplesmente «(...) faire passer à travers les mailles du filet ottoman deux prêtres capables d’administrer les sacraments aux membres de la communauté métisse portugaise. Au caso où les événements tourneraient à leur avantage, un contact avec la cour par exemple, l’expérience d’António de Monserrate (...) pourrait lui servir.»³³⁸

É o próprio P. Pêro Pais que nos relata o início da missão na sua *Historia* que seguiremos tanto quanto possível no que aos seus dados biográficos diz respeito uma vez que o padre muitas vezes nos aparece como protagonista ou interveniente nos

334 A conclusão da formação superior parece ter sido uma situação rara nos missionários enviados para a Índia. Pais nunca teria terminado os seus estudos devido ao desempenho das suas incumbências e a doença na sequência do regresso do cativo. *Vide, Ibid.*, pp.36/37

335 *Vide*, Cap. I da presente obra

336 *Ibid.*, p. 369

337 *Vide*, Capítulo I do presente trabalho

338 Hervé Pennec, *op cit.*, pp.108-109

episódios narrados. Desta forma logo a 2 de Fevereiro de 1589, os dois padres partem de Goa, via Chaúl, para Baçaim, onde o jovem padre Pais celebrou a sua primeira missa, no colégio local. Os dois missionários pretendiam dirigir-se a Diu, importante centro de ligação com o Golfo Pérsico e o Mar Vermelho graças à existência de uma comunidade local de mercadores com ligações a essas zonas, o que facilitaria um possível acesso à costa etíope. A partir dessa cidade tentariam alcançar o Mar Vermelho, disfarçados de mercadores arménios, dirigindo-se a *Mocca* no Sul da Península Arábica, de onde seguiriam pelo golfo de Adém, até ao porto de *Macuá*, na costa etíope. É curioso acompanharmos os estratagemas utilizados pelos missionários para não serem detectados por possíveis delatores às autoridades, uma vez em território turco. O disfarce será uma constante nas viagens dos Padres da Companhia neste percurso.

Seguindo o relato que Pais nos deixou incluído na sua obra, podemos seguir a sua primeira tentativa de entrada em terras etíopes, que ilustra as dificuldades a que estavam sujeitos os padres da Companhia na prossecução das suas missões nessa região. Os dois missionários seguem, pois, para Diu³³⁹. Assim apenas entram na cidade «(...)cõ toucas, e cabayas como Armenios(...)»³⁴⁰, são conduzidos pelo elemento de ligação, Luís Mendonça, para uma casa onde permanecem secretamente um mês à espera de transporte. Nesse intervalo, Pais procura uma nau que os conduza ao destino almejado. Mas este plano era difícil de cumprir.

Procurando alternativas, os dois padres acabam por aceitar o percurso proposto por um mercador arménio de Alepo: iriam até à Síria, daí à Babilónia, de onde seguiriam para o Cairo e deste para a Etiópia. Era um longo trajecto por terra, mas na altura parecia ser o único possível. Partiram, então, de Diu, numa nau que rumava a Ormuz a 5 de Abril de 1588. Após 49 dias devido à falta de água o navio entra na fortaleza portuguesa de Mascate. Aí o trajecto é novamente discutido com o capitão da cidade, Melchior Calaça, que avisa os dois padres do perigo de tal jornada e lhes propõe transporte por mar com um piloto mouro seu conhecido até ao estreito de Meca e daí à costa abexim, ao porto de *Zeila*.

339 «(...) por não achar Navio nos metemos em hua Manchica embarcação m.tº pequena q hia pera Dio carregada de arroz; pello q dando nos hua tormenta no golfo, q durou toda a noute estivemos tão perdidos q o Capitão della cobrio a cabeça cõ sua cappa, e se meteo entre os bancos dizendo, q não queria estar olhando sua morte(...)»Pais, Vol. II, ,p.372

340 *Ibd.*

Entretanto os Padres chegam a Ormuz, onde deveriam aguardar o transporte. Ali ficam por três meses resguardados num mosteiro de Agostinhos. Durante esse tempo, retiram os disfarces, ocupando-se da direcção espiritual dos portugueses, que necessitavam de especial encaminhamento naquela cidade «(...) por estarem misturados, com Iudeos, Persios e harabios, q sam m.tº deliciosos.»³⁴¹

Os missionários partem do porto de Mascate no final do ano de 1588, com destino a *Zeila*. Mas uma tempestade quebra o leme do navio, que fica à deriva, sendo os passageiros transportados por pequenos barcos de pescadores para a costa desértica do sul da Arábia. Resolvem procurar solução alcançando as ilhas de *Guria Mura* ao largo da península arábica. Tendo ali o navio recebido um reparação improvisada, fazem-se ao largo para evitar a cidade muçulmana de *Dofar*. Mas os ventos contrários impedem-nos de ultrapassar este ponto encaminhando-os para a indesejada costa, sendo interceptados por embarcações muçulmanas. Os missionários haviam sido denunciados e são acusados de espionagem e da suposta intenção de levantar o monarca etíope contra os turcos, sendo seguidamente aprisionados. Assim se inicia o seu cativeiro, gorando-se a nova tentativa de alcançar a Etiópia por parte de missionários jesuítas³⁴².

As atribulações dos dois padres continuarão, como nos relata Pais: saindo de daquela cidade seguem por mar, durante cinco dias, após os quais se internam em caravana no deserto de *Hadramaut*, (ou *Recinto da Morte* em árabe³⁴³) no actual Ieméne, onde empreendem uma difícil jornada narrada impressivamente por Pais³⁴⁴. Seriam os primeiros europeus a internarem-se naquelas desoladas regiões e Pais o primeiro a referir-se a elas por escrito.

Prosseguindo a viagem e recebidos na cidade de *Qatna* por um irmão do Sultão local, foram os primeiros europeus a provarem *câhua* (do árabe *kahwa*), ou a bebida da fervura do *bun*, fruto do arbusto do café³⁴⁵. Depois de uma noite de caminho chegam à cidade de *Heinam*, onde são aprisionados numa torre da fortaleza de adobe do sultão

341 *Ibd.*, p. 376

342 Para as várias tentativas de entrada de missionários na Etiópia, *Vide*, cap. I, do presente trabalho

343 Javier Reverte, *op. cit.*, p.87

344 «Andamos por aqelle deserto dez dias sem achar gente, nem caminho, porq o vento o çegua cõ a area, e assi de dia guiavão pello sol, e de noute pello Norte; e no ult.º dia a tarde chegamos a hua Cidade grande q chamão Tarím.», Pais, p.382. Apenas no século XIX os exploradores europeus se aventurariam nelas: o alemão A. Werde em 1843 e o britânico Hirsch em 1893. *Vide*, Javier Reverte, *op. cit.*, pp.89/90

345 «[Câhua] (...) he agoa cozida cõ a casca de hua fruta q chamão Bûn q bebem m.to quente em lugar de vinho.» , Pais, *op cit.*, Vol. II, p.383; o consumo do café era usual no Iémene no século XVI, mas, embora originário do sul da Etiópia, não era ali consumido por motivos religiosos, uma vez que a sua preparação e consumo integravam elementos rituais considerados pagãos, situação que se mantém até ao século XVIII, sendo transaccionado por mercadores muçulmanos.. Daí o silêncio das fontes jesuítas sobre o seu consumo na Etiópia. *Vide*, «Glossário» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.811

Humar durante quatro meses. O sultão inclinar – se-ia a possibilitar o seu resgate, não fora o receio das autoridades turcas. De facto todas estas regiões estavam sujeitas ao Paxá turco do Iémene, cuja capital se localiza em *Saná*. Este que sabendo da existência dos cativos cristãos, exige ali a sua presença. Pais e o seu companheiro iniciam uma nova jornada através do deserto da zona sul do *Rub-al-Khali* ou «Casa Vazia»³⁴⁶ sendo, de novo, os primeiros europeus a percorre-lo. No percurso são igualmente os primeiros ocidentais a visitar as ruínas e as inscrições desconhecidas de Melkis³⁴⁷.

Chegados a *Saná*, são novamente encarcerados encontrando outros cativos portugueses e cristãos locais, aprisionados ao largo de Melinde. Com o passar do tempo as condições dos cativos melhoram um pouco: são-lhes retirados os grilhões e vão trabalhar para as hortas nos arredores da cidade; o alcaide da fortaleza atribuí-lhes uma nova sala com uma câmara onde fazem um pequeno oratório, no qual celebram as suas práticas religiosas. Ao que parece a boa disposição dos funcionários turcos para com eles provinha de muitos serem de origem cristã, originários dos Balcãs (Pais refere-se-lhes como Albaneses), capturados em criança nas razias turcas e educados para serem fiéis elementos do império otomano³⁴⁸.

A situação dos dois missionários mantém-se por dois anos, durante os quais Pais, com a sua propensão para poliglota, aprende árabe e hebreu com outros prisioneiros. Entretanto, como era prática corrente, em troca da sua libertação é proposto um resgate. Apesar de terem contado com a intercessão da mulher do Paxá e da protecção de um turco natural Argel, homem letrado e considerado, e de um Paxá originário de Sevilha, os dois padres não obtêm a liberdade, face à elevada quantia pretendida pelas autoridades turcas. Entretanto os restantes cativos vão sendo resgatados pela Misericórdia de Chaúl, e os Padres optam por realizar o seu apostolado ali mesmo, na prisão de *Saná*, acompanhando os cativos cristãos, intenção que enviam por escrito ao Provincial da Índia³⁴⁹.

No entanto, levantando-se novamente a questão do resgate, cujo valor a pagar pelos padres seria maior do que pelos outros cativos, e face à recusa destes em assegurarem que esse valor seria liquidado, o Paxá, envia os dois missionários para a cidade de *Mocca*, onde aportavam naus da Índia, para uma mais fácil negociação do seu resgate, empreendendo uma terceira e novamente acidentada viagem pelo deserto,

346 Javier Reverte, *op cit.*, p.93

347 Pais, Vol. II., p. 387

348 *Ibd.*, pp. 390/391

349 *Vide, Ibid.*, p.400

especialmente para o já debilitado P.e Monserrate. Não podendo obter resgate com ameaças e maus tratos, as autoridades turcas acabam por enviar os dois padres para as galés. Embora estas não partam devido a uma forte tempestade que dissuadira os passageiros, peregrinos a Meca, a vida a bordo é insuportável. Presos pelos pés aos bancos, sofrem com a fome e com a indiscriminada sujidade. Apenas serão dispensados, devido ao estado de saúde do P. António de Monserrate, em perigo de falecer e perder-se assim o seu resgate. São então enviados para casa de um mercador indiano, sem ferros, mas também sem recursos para adquirir comida e água. Quando chegam as naus da Índia são finalmente resgatados por ordem do vice-rei, Matias de Albuquerque, adiantando o mercador o dinheiro. Após um ano de cativeiro, deixam, finalmente, Moca numa nau que rumava a Diu, corria o ano de 1595.

Quase um mês depois chegam a Diu, não sem antes terem sofrido uma enorme tempestade. Passam depois por Chaul, onde recolhem parte do resgate junto dos já referidos Irmãos da Misericórdia de Chaul³⁵⁰, a caminho de Goa.

Para os padres Pais e Monserrate terminou o périplo mas a missão da Etiópia revela-se uma rota cheia de duros escolhos³⁵¹. Face à situação, o Visitador da Companhia determina a instalação de uma Casa da Companhia em Diu em 1598, como ponto contacto com a missão católica na Etiópia, como nos narra Pêro Pais³⁵², contando com o apoio do rei Filipe II, que encoraja junto do Vice-Rei Aires Saldanha, a prossecução do plano de missionação na Etiópia³⁵³.

Entretanto, nos cinco anos que se seguiram, o P. Pais recupera do seu cativeiro (Monserrate falece em 1599). Depois de permanências nos colégios de Salcete, Cambaia e Baçaim, parte para a Casa de Diu onde se encontra em 1601 e 1602³⁵⁴.

Finalmente o P. Melchior da Silva consegue alcançar a missão em Fremona³⁵⁵, enviando uma missiva onde era apresentada a melhor rota de entrada na Etiópia, através do porto de *Bailûl*, no extremo africano da entrada do golfo de Adém, na margem oposta a *Moca*, senhorio do rei mouro de *Dancalî*, aliado dos cristãos. Embora o percurso por terra até à Etiópia fosse longo e penoso, é elaborado outro plano para a entrada de missionários naquele reino.

350 O Provincial da Companhia de Jesus em Goa, Francisco Cabral, acabará de saldar a dívida para com o mercador indiano.

351 Para as seguintes tentativas de missionação na Etiópia, *Vide* Cap. I, da presente obra

352 «(...) Dio fortaleza de Portugueses, donde partem sempre todas as Naos, q vão a Ilha de Maçua, e Çuaquêm, q estão em esta costa d'Ethiopia(...)», Pais, ,Vol. II, p. 409

353 Pais,.,Vol III, pp. 14/15

354 *Vide*, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp. 18/19

355 *Vide*, Cap. I, da presente obra

Em 1603, o P. Pêro Pais é novamente escolhido para o contingente jesuíta na Etiópia, com os padres António Fernandes e o napolitano Francisco de Angelis. No entanto os Turcos tornam a reforçar a guarda do estreito de *Bab-al-Mandeb*, entrada no Mar Vermelho, entravando o plano, sendo escolhida outra via através de Diu até *Maçuá*, o que não abala a confiança de Pais³⁵⁶. De facto, Pêro Pais parte sozinho para a missão etíope, mas desta feita conhece a região e domina as línguas locais, embora continue a disfarçar-se de arménio. A 26 de Abril de 1603 aporta a *Maçuá* e, graças à protecção de um mercador, *Raçuân Agâ*, é muito bem recebido. Contudo sabendo de algumas desconfianças que suscitara, e gozando da permissão das autoridades turcas para contactar os cristãos, aproveita a companhia de alguns abexins, e apressa-se a internar-se no interior do território a pretexto de recolher mercadorias. Passa a *Arquico* a 5 de Maio e dali parte com o grupo de cristãos para *Debaroâ*, cidade já sob o domínio do imperador etíope.

A viagem pelo interior do território até à residência de *Fremona*, na região de *Tigrê*, demora dez dias e revela-se difícil, como resume Pais: «(...) assim padeçi bem de trabalho naqle caminho.»³⁵⁷ Em *Debaroâ*, encontrara João Gabriel, capitão dos descendentes dos portugueses do contingente de D. Cristóvão da Gama³⁵⁸. Estes acompanham-no à missão jesuíta, onde chegam a 15 de Maio.

Pais pode finalmente dar início à missão apostólica, alcançado o seu núcleo, embora este se limite a uma pequena igreja e duas cabanas para os missionários, como atesta a correspondência de Pais³⁵⁹. Mas é ali que cumprirá a sua missão e, antes de entrar na pequena igreja dos portugueses, na qual foram sepultados os primeiros missionários, e onde é recebido com alegria e alvoroço pela população, como nos refere, «(...) vesti a loba; e pus manteo e barrete, q atee então trouxe escondido.»³⁶⁰

Na verdade o sucesso dos poucos missionários que haviam até então logrado penetrar na Abissínia era muito limitado e a sua relação com o monarca tinha um carácter algo dúbio. Se a presença dos missionários jesuítas, talvez pelo seu carácter restrito, era tolerada e toda e qualquer ajuda portuguesa bem-vinda, o facto é que os

356«(...) tinha por cousa muy çerta q avia de passar a Ethiopia, e q estava mais seguro no coração desta viagem q se fora pera Goa. Nem era isto cousa nova; porq, de antes q me cativassem atee então, tivera sempre aquella confiança muy firme (...)» Pais, Vol. III, ,p.17

357 *Ibd.*,p. 21

358 *Ibd.*,p.22

359 Carta de 24 de Julho, *ap.* Hervé Pennec, *op cit.*,pp. 157-158, muito idêntica, aliás, à passagem correspondente da sua História de Etiópia: «Daly fui ver a casa do em q morava o s.to P.e Patriarcha [D. André de Oviedo], q era redonda como mea laranja de 20 palmos de vão, m.to baixa, sem repartimento nenhu e cuberta de palha.», Pais, p. 23

360 Pais, p. 23

imperadores abexins não estavam claramente dispostos a abandonar a igreja monofisita de Alexandria.

Nessa época a situação política na Etiópia era bastante instável devido à sucessão do imperador *Malâc Çaguêd/Çerça Denguîl*, que, não tendo filhos, promete o trono ao sobrinho *Za Denguîl*, mas acaba por nomear como sucessor um jovem filho ilegítimo, Iacob, apoiado pelos seus genros *Athanatêus* e *Cafluâd*, que governam durante a menoridade de *Iacob*, com o apoio da imperatriz viúva, *Mariâm Cinâ*³⁶¹. Quando Pais enverga as suas vestes clericais em Fremona, *Iacob/Malâc Çaguêd II*, assumira pessoalmente o governo do reino no ano anterior, apenas com quinze anos. O capitão dos portugueses que se desloca para a corte do jovem rei leva uma carta de Pais, cuja resposta é um convite para o Padre ali se apresentar depois das chuvas do Inverno. Tal nunca acontecerá. Os antigos protectores de Iacob, descontentes com a sua crescente autonomia, proclamam o seu primo como novo governante e o jovem Imperador é exilado para o longínquo reino de *Narêa*.

Entretanto, Pais ambienta-se à sua nova residência e funções: celebra os ofícios religiosos, faz prédicas, atraindo os cristãos dispersos. E dedica-se à educação: ensina a doutrina católica às crianças, mas na língua local, como nos afirma: «(...)porq logo como cheguei a Ethiopia, sabendo q não estava tresladada a Cartilha na lingoa da terra, a traduzi e fiz aprender aos mininos cõ a mor pressa q pude; do q todos os q ouvião folgavão tanto, q dizião q não avia cousa como as praticas e doutrina dos Portugueses (...)»³⁶². No entanto, autores mais recentes contrapõem que embora assumindo no seu texto a autoria de tal tradução, «(...) sem a ajuda de João Gabriel, o capitão português, Pedro Páez teria sido absolutamente incapaz de produzir tal tradução.»³⁶³

O novo imperador *Za Denguîl/Athanâf Çaguêd* (1603) tenta cercear a influência dos grandes senhores que o apoiaram, e reforçar o seu poder. Neste contexto há novamente lugar para os padres jesuítas. Pais causa uma impressão favorável na corte, para onde se desloca a convite do novo Imperador³⁶⁴. *Za Denguîl* decide converter-se ao catolicismo, pedindo a Pais que lhe escrevesse cartas ao Papa, ao governador da Índia e ao rei Filipe II e as enviasse em segredo, para obter os respectivos apoios ocidentais. Os

361 *Ibd.*, pp.10/11

362 *Ibd.*, p.25

363 «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp. 37/38

364 «The emperor's zeal for reform was such that he invited Pero Pais to Coga [a sua corte] to learn from him of European laws and government. Pais came to the capital on June 17, 1604. His modesty and tact immediately won him the goodwill of the emperor, Maryam Sena [a imperatriz viúva], Atnatewos, and the other important people in the capital. He was permitted to teach publicly (...). The entire court (...) were moved by Pai's sermons.», Girma Beshah e Merid Wolde Aregay, *op. cit.*, pp.71/72

grandes senhores, que o haviam apoiado, aproveitaram o pretexto da sua conversão para se revoltarem encabeçados por *Za Çelaçê* e o *Abuna Petrôs* excomunga o rei. Defrontando-se em batalha, o imperador é morto³⁶⁵.

Todavia a posição dos jesuítas não é ameaçada como um dos nobres revoltosos, *Atnanatêus*, se apressa a demonstrar, recebendo o P. Pais com cordialidade³⁶⁶. É altura deste usar as suas capacidades diplomáticas na protecção dos portugueses que haviam apoiado o rei deposto. Por tal, Pais cultiva relações com a velha imperatriz e com *Za Celaçê*, que assumira praticamente o poder, junto ao qual intercede a favor da comunidade portuguesa.

Contudo a situação política etíope continua instável devido à existência de duas facções que apoiam respectivamente um primo do imperador *Iacob, Suzeneôs*, que se havia dedicado à constante rebelião nas regiões de *Amharâ* e *Xaoâ* e possuía um considerável exército³⁶⁷; por seu lado, os cabeçilhas da revolta preferem recolocar no trono *Iacob*, que haviam mandado regressar do seu exílio.

Face à turbulência do clima político³⁶⁸, Pais que se encontrava junto a *Athanatêus* na região de *Gojâm*, toma uma decisão prudentemente calculada: «(...)determinei não ficar aly, pera poder depois ter melhor entrada cõ o q prevalecesse(...)»³⁶⁹ e regressa ao *Tigré*, alcançando *Fremona* no Natal, onde reencontra os seus companheiros que havia deixado em Diu, os padres António Fernandes e António de Angelis.

Pais, nesta época continua as suas actividades em *Fremona*, tomando conhecimento do território, convivendo com a população e sua cultura, pregando e ensinando. Parecendo ser excepcionalmente dotado, dominará a língua clássica erudita, o amárico, assim como como a sua versão corrente e o *geez*, a língua utilizada nos escritos religiosos, além de vários dialectos locais. Como é referido na nova edição da obra de Pais, à pequena missão jesuíta «Inicialmente, era-lhes apenas permitido pela corte real assegurar os serviços religiosos à comunidade católica e encarregar-se da

365 Segundo Pais a morte do Imperador foi muito sentida, embora a sua opinião possa ser parcial, «(...) porq o amavão muito, principalmente a gente popular, e ainda os grandes (...). Tambem eu (...) o senti mais do q se pode encareger, vendo quão depressa desandara a roda de tam feliz fortuna, como parecia q tinha aqle bom imperador e se acabarão tão certas esperanças como dava do bem spiritual da Ethiopia (...)» Pais, Vol.III.,p.53

366 *Ibd.*,p.53

367 Vide, Girma Beshah e Merid Wolde Aregay, *op cit.*,p.73

368 *Suzeneôs* avança com as suas forças sobre a região de *Gojâm*, e é coroado imperador a 13 de Dezembro. Mas o seu reino não durará muito, sob constante ameaça de traição. De facto em Junho de 1605, *Iacob* havia regressado à província de *Dambiâ* e *Suzeneôs*, abandonado secretamente por muitos senhores, parte para as terras que antes dominava. *Iacob* é aclamado na cidade de *Cogâ*, onde tivera a sua anterior corte., Vide, *Ibd.*,pp. 69/77

369 Pais, Vol. III,p. 55

educação das crianças luso-etíopes. Logo, porém, começaram a expandir a sua área de influência a populações não cristãs residentes em áreas recentemente conquistadas pelos exércitos reais etíopes e, posteriormente, também a zonas tradicionalmente ortodoxas.»³⁷⁰

Os três membros da missão não são suficientes para assistirem aos católicos espalhados pelas extensas regiões da Etiópia. «(...) necessário assistir hu P.e na Corte pera dar a entender ao Emperador e aos grandes as cousas de nossa s.ta fee e procurar de os affeição a ellas(...)»³⁷¹. Assim em 1605 chegam a *Suaquêm*, na costa, e apesar dos perigos, mais dois missionários vindos do Colégio de Diu: os P.s Luís de Azevedo e o italiano Lourenço Romano.

Pais parte por essa época, com dois companheiros para a corte de *Iacob/Malâc Çaguêd* que já havia manifestado desejo de o ver. O novo imperador vê-se a braços com levantamentos; no entanto, mostra igualmente vontade de encetar relações com a Igreja católica. Mais uma vez são escritas cartas em nome do Imperador, das quais Pais se deve encarregar de enviar para a Índia. Todavia se as missivas do imperador *Za Denguill* nunca foram enviadas, as de *Iacob* foram atiradas ao mar pelos seus mensageiros no porto de *Mocca* com receio de uma inspecção das autoridades turcas. Quando se avista com o Imperador, Pais aproveita para repor a segurança dos católicos no *Tigré*, onde são perseguidos pelo governador local.

Contudo, também o imperador *Iacob* não permanecerá muito tempo no trono. Impotente para derrotar *Suzeneôs*, este acaba por contar com o apoio dos antigos aliados do primeiro, e *Iacob* é, como o seu antecessor, morto em batalha. *Suzeneôs* ascende ao trono, onde está determinado a permanecer, tomando medidas de apaziguamento, como nos relata Pais³⁷², referindo ainda que, «(...) foi abaixando os soberbos e levantando os humildes; e todos os q governavão as terras lhe obedecerão (...). Tambem os Reis mouros vizinhos lhe mandarão presentes (...)»³⁷³.

A actuação do novo imperador foi providencial para a pequena missão jesuíta. A relação entre o poder político e a missão católica havia oscilado, *grosso modo*, entre a indiferença e desfavor das autoridades no século XVI e as tentativas de aliança no

370 «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p. 19

371 Pais, Vol. III *Ibd.*, p. 64

372 «O seguinte dia pella manhã depois da vitória, mandou q enterrassem ao Emperador Iacob cõ grande honra; e lançou pregão q todos seus pagens e officiais de sua Casa ficassem com seus cargos e os viessem servir livremente e q a todos os demais perdoava (...); e sabendo logo onde estava Eraz Athanatêus, lhe mandou dizer q viesse, q lhe perdoava, e quando veo o recebeo cõ honra.» *Ibd.*, pp. 78/79

373 *Ibd.*, p.103

início do século XVII. Para os pragmáticos missionários era necessário a aproximação ao novo monarca. Assim quando este se dirigia para *Cogâ*, local da corte na região de *Dambiâ*, logo após a vitória sobre um levantamento, foi visitado pelos padres António Fernandes e Lourenço Romano, que acolheu afavelmente, convidando-os para uma nova visita. Na audiência que o Imperador concedeu aos missionários interessou-se pelas suas actividades e fez-lhes concessões de terras na região de *Dambiâ*, perto do local da sua corte; mais tarde far-lhes á igualmente concessões na região de *Tigré*. O interesse no apoio é recíproco: se os jesuítas necessitavam da benevolência real, também o Imperador precisava de apoios para governar face aos senhores, à instabilidade de suas fronteiras, e à precariedade de um poder recentemente alcançado. Por tal solicita a presença de Pêro Pais na sua corte e este instalar-se à na região de *Dambiâ*.

O soberano etíope tem grande interesse numa possível aliança com Portugal, para deter os contínuos levantamentos que sofre no início do seu reinado, não só de membros da sua família (suspeito de traição, o antigo aliado, Za Celaçê é preso), como de frades na província de *Tigré* e uma enorme sublevação na mesma província provocada por um pseudo-Iacob, além das incursões dos *Galâs*³⁷⁴. Perturbações, estas, que ameaçam igualmente as residências jesuítas: no reino do *Tigré* é planeado um ataque à residência de *Fremona* e na sua base na *Dâmbia* os padres vivem igualmente momentos difíceis³⁷⁵.

Em relação à questão da aliança com a Igreja de Roma, o imperador *Suzeneôs* assume uma postura diferente dos seus antecessores e discute-a em concelho, embora a maioria dos dignitários etíopes fosse avesso à interferência de forças estrangeiras³⁷⁶. Não obstante, o Imperador convence-os e os padres secundam-no, salvaguardando a importância da sua presença. Desta forma, pela terceira vez são redigidas cartas para o Papa, para o rei, Filipe III; para o Vice-rei da Índia e Arcebispo de Goa, D. Fr. Aleixo de Meneses, as quais são levadas para sua tradução e para seu envio a partir de *Tigré* pelo P. Pais. Entretanto, o Imperador vai continuando a consolidar o seu poder substituindo poderosos por pessoas de sua confiança. Tal é o destino do antigo tutor do antigo imperador *Iacob*, *Athanatêus*, grande simpatizante de Pais e da doutrina católica,

374 Vide, *Ibd.*, pp.174/189

375«(...)Em este tempo tiverão os P.es António Fernandez e Lourenço Romano (...) m.tos trabalhos e perigos, fugindo de hua parte pera outra, cõ o fato da Igreja, sem achar lugar seguro; porq toda a terra andava revolta de maneira q não se vião senão roubos e forças, sem se poderem valer huns a outros(...)», *Ibd.*, p.185

376 *Ibd.*, pp. 174/189

que se recolhe num mosteiro ofendido com o rei³⁷⁷. O pequeno núcleo jesuíta parece ascender ao primeiro plano da cena política etíope sob a égide do novo soberano como refere Hervé Pennec³⁷⁸. Mas como sublinha o mesmo autor «La stratégie du roi semble avoir été la mise en place d'un certain nombre d'actions visant en premier lieu ses propres intérêts et permettant le renforcement de son pouvoir personnel. Mais par la même occasion cette politique a servi de manière indirecte les intérêts des pères jésuites.»³⁷⁹ São, pois, mútuos os interesses em jogo: da parte do Imperador assiste-se a uma tentativa de consolidação do poder com um providencial auxílio português, pois «(...) Susenyos was favourably impressed by the methodical approach of the Jesuits to religious problems. (...)The former [Jesuits] stood for order and hierarchical organization (...). The latter [Ethiopian clergy], on the other hand, had a distaste for centralized authority and rigid subordination. Further, the emperor saw in the Ethiopian clergy allies to his enemies, the unruly nobility.»³⁸⁰; por parte dos Padres da Companhia pretende-se a conversão da Etiópia ao catolicismo através da conversão do Imperador e da corte e a sujeição à Igreja de Roma, como teria sido pretensamente a intenção dos monarcas etíopes do século XVI (o que é cuidadosamente salientado no discurso jesuíta). Além do mais «The missionaries sympathized with the emperor's struggles to dominate the elements of decentralization and disorder.»³⁸¹

Com efeito, para o Imperador seria uma boa estratégia apoiar-se num contingente português para reforçar a sua posição como se depreende da reprodução de discurso do Capitão dos Portugueses, João Gabriel no concelho real, salientando que no meio da agitação política anterior, o núcleo de população de ascendência portuguesa sempre se havia colocado ao lado do Imperador que estava em funções³⁸². E neste contexto os Jesuítas eram os intermediários privilegiados. Assim procuram encorajar o contacto com o Papa e com o Rei Filipe II, como refere o P. Pais: « (...) pera cõ isto o affeiçoar

377 Vide, *Ibd.*, p.173

378 «La présence physique des missionnaires se manifeste dès 1555 (...); mais il faut attendre environ cinquante ans pour que leur influence soit efficace dans le camp royal. Même si des jésuites se trouvent déjà en Éthiopie durant la deuxième moitié du XVI^e siècle, ils sont mis à l'écart de la cour royale (...), ce qui ne les empêche pas d'être actifs en prenant le parti des opposants au pouvoir royal, ceux qui donnent des signes d'intérêt pour le catholicisme. Par conséquent (...) ils constituent une autre force politico-religieuse au sein du royaume (...). Mais, à l'évidence, c'est lorsqu'ils se sont trouvés du côté du pouvoir royal, c'est-à-dire dans le premier tiers du XVII^e siècle, qu'ils ont été plus actifs.», Hervé Pennec, *op. cit.*, p.185; os editores da recente publicação da obra de Pais sublinham que os missionários católicos «Desde que se tornaram proprietários territoriais por privilégio real, foram progressivamente envolvidos na tensa luta política da corte, como ordem monástica concorrente da Igreja ortodoxa(...)», «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.19

379 Hervé Pennec, *op. cit.*, p.187

380 Girma Beshah e Merid Wolde Aregay, *op cit*, p.79

381 *Ibd.*

382 Vide, Pais, Vol.III, p.184

mais e obrigar a q tivesse cõ elle amizade, e correspondencia(...), q sem ella mal se pudera nunca a affeição.»³⁸³

Mas o auxílio pretendido pelo Imperador nunca virá. Isto não obsta a que *Suzeneôs* persevere. Em 1613 decide enviar um embaixador ao Ocidente acompanhado pelo P. António Fernandes, não pela via marítima, obstruída pelos turcos, mas por terra, numa tentativa, aliás gorada, de alcançar as praças portuguesas na costa oriental africana, mais precisamente Melinde. A consideração desta via, que implicava a travessia de vastas regiões devia-se ao desconhecimento do interior do continente africano. De facto essa embaixada regressará à Etiópia um ano e sete meses depois, sem ter alcançado os seus objectivos³⁸⁴.

Um dos maiores sucessos dos missionários será a conversão do lugar-tenente de *Suzeneôs*, o seu irmão *Cela Christôs*³⁸⁵. Depositor à fé católica passa a seu ardente defensor após a sua conversão em 1612. No reino de *Gojâm*, que senhoreava, vive o P. Francisco António de Angelis, impulsionando um grande número de conversões. Com efeito, c.1619 o Gojâm aparece à frente das zonas de implantação do catolicismo com 430 conversões³⁸⁶. A sua conversão «(...)fut considérée par les pères comme un appui politique essentiel pour la propagation du catholicisme en Éthiopie. En devenant le fer de lance du catholicisme, il donnait l'occasion au roi de rester à l'arrière-plan, de conserver son rôle d'arbitre (...)»³⁸⁷.

Mas também o Imperador não esconde as suas simpatias para com a Igreja de Roma como refere Pais. Apesar da contestação de que é alvo, no dia 1 de Novembro de 1621, o Imperador assume publicamente perante a sua corte, a conversão ao catolicismo, reforçada em Março de 1622 pela manifestação do desejo de receber um patriarca católico, como nos relata pormenorizadamente Pais³⁸⁸.

A presença do P. Pêro Pais marca, pois, o período áureo da influência jesuíta no reino do *Preste*³⁸⁹ graças à proximidade deste com a corte onde é benquisto e respeitado. Segundo nos relata na sua obra, a sua opinião é ouvida com respeito pelo

383 *Ibd.*, p.195

384 *Vide*, Pais, Cap. XXX a XXXIV, Vol. III, pp. 202/234

385 Como refere Pais «(...) tendo contra nós hu Príncipe tão grande(...) era grande impedimento pera se dillatar nossa s.ta fee(...); Pello q aqille verão e parte do Inverno q elle esteve cõ o Emperador, me pus mui de proposito a lhe dar rezão de Nossa S.ta fee(...)», Pais, .Vol, III,p.190

386 Hervé Pennec, *op cit.*,pp.225/226

387 *Ibd.*,p.225

388 *Ibd.*,pp. 146 e ss.

389 Será o período áureo a um nível de eficácia e proximidade com o poder real, mas não a nível quantitativo. Será no período de 1625/1630 que haverá um maior número de residências e do número de membros do contingente de missionários.Vide Hervé Pennec, *op cit.*,145/175 e 116/137

Imperador. A afeição e o respeito parecem ter sido mútuos, havendo talvez uma amizade que podemos pressentir para lá dos interesses que ambos encarnam.

Quando é nomeado superior da missão o P. Pêro Pais erige uma nova residência em *Gorgora* (c. 1605 - 1606) mais perto da corte, na península de *Dâmbia*, nos terrenos concedidos pelo Imperador. Em 1612 é fundada a residência de Colelâ na província de *Gojâm*, senhorio do irmão do monarca *Cela Christôs*. Os êxitos no reino de *Gojâm* incentivados pelo seu governante e a conversão em grande número de membros de tribos gentias pelo P. e António de Angelis, após derrotas militares, a troca do perdão do Imperador pelas suas sortidas, (os *Agôus* em 1618 e os *Galês* em 1621), leva a que o P. Pais termine a sua *Historia* anunciando a erecção de uma segunda residência nessa província³⁹⁰, onde as perspectivas são animadoras.

Uma questão recorrente quando os autores tradicionais e de divulgação aludem ao P. Pais é a da sua brilhante reputação e versatilidade. Pais é apresentado como um dinâmico catequizador; brilhante teólogo; industrioso poliglota, teria mesmo servido de arquitecto e engenheiro ao soberano etíope e de mestre aos operários na construção de igrejas católicas de pedra e de um palácio para o Imperador³⁹¹. Com efeito face aos bons resultados obtidos, os missionários jesuítas consolidam a sua presença iniciando, após uma visita do Imperador à sua residência em 1619, a construção em pedra da igreja de *Górgora Velha*³⁹² financiada por aquele e pelo seu irmão, ficando o edifício finalizado em 1620 e sendo de imediato visitado pela corte. Mas a influência de Pais na corte e a possibilidade prática de se erigir uma igreja de pedra para uma comunidade que se compõe essencialmente dos descendentes dos portugueses e alguns convertidos e conta com a protecção e apoio financeiro do imperador, não o tornam necessariamente um técnico. Com efeito, a sua formação, segundo Hervé Pennec, era predominantemente intelectual, o que o leva a crer que o P. Pais foi mais um empreendedor, o personagem que catalisou os meios e liderou a iniciativa, do que um construtor ou mestre-de-obras como é tradicionalmente apresentado. Certamente a construção da igreja dependeu da circulação de técnicos da região, alguns vindos da Índia, talvez incorporados no

390 Pais, Vol. III, Capítulo XXXVII, pp. 245/256

391 Um exemplo deste tipo de discurso é o de Eliane Sanceau « Pais (...) possuía talentos práticos e habilidades manuais. Sem que tivesse aprendido, podia fazer as vezes de arquitecto ou de engenheiro, adestrava-se aos trabalhos de pintor, de serralheiro, de carpinteiro ou pedreiro, e sabia fabricar as ferramentas necessárias e ensinar o seu uso aos etíopes ignorantes (sic).», Elaine Sanceau, *op cit.*, p.XI; segundo os responsáveis pela edição mais recente da sua obra, a reputação de Pais foi estabelecida pelos escritores jesuítas subsequentes, valorizando aspectos da sua personalidade em detrimento da sua qualidade autoral, tornando-o uma espécie de apóstolo católico da Etiópia. Vide, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp.35/38

392 Pais, Vol. II, pp.132/133

contingente jesuíta, da colaboração da comunidade portuguesa e da mão-de-obra etíope³⁹³.

Em 1621 o monarca decide construir a “sua” igreja católica em *Azazo*, também na província de *Dâmbia*, escolhendo o local na companhia Pais³⁹⁴.

Será consagrada em 1623. No mesmo espaço, em 1624, o soberano decide erigir também um palácio de pedra, iniciando-se uma confluência do espaço político e religioso. Ao encorajar o catolicismo, o monarca etíope “importa” simultaneamente a tecnologia europeia para reforço da sua autoridade e prestígio, ao iniciar a construção de uma corte em pedra como sublinha Hervé Pennec³⁹⁵.

A maioria dos autores que biografaram o P. Pêro Pais, atribui o êxito coevo do pequeno contingente jesuíta na Etiópia, essencialmente, aos seus esforços e personalidade. Pais é geralmente apresentado como exemplo do missionário modelo da Companhia: perseverante e convincente; fortemente ancorado nas suas convicções, mas sendo ao mesmo tempo suficientemente tolerante e sensato para agir com prudência³⁹⁶; disciplinado, enérgico e esforçado, combinando os dotes e a curiosidade intelectual com o gosto pela acção como se pode intuir pela leitura da sua obra. Se a estas características acrescermos o cultivo das virtudes apostólicas, a simpatia pessoal e bom trato e diplomacia e o sentido de humor, que a maioria dos autores que sobre ele escreveram lhe conferem, podemos entender o seu sucesso, para além das conjunturas políticas.

Mas esta imagem apologética e semi-lendária que perdurou de Pais, como missionário *modelo* espelha em grande parte uma imagem «construída» pela escrita do autor³⁹⁷ e reapropriada por autores subsequentes. A ênfase é, de uma forma geral, colocada na sua acção e protagonismo em variados campos e a história da missão jesuíta na Etiópia « (...) converge na figura do próprio Páez, cuja autobiografia deixa entender em tom quase salvífico, como se ele estivesse destinado a fazer o sucesso da

393 Hervé Pennec, *op cit*, pp.178-181

394 Após a escolha do local determina o imperador «(...) q se desse a pressa possível a obra e se fizesse cõ m.ta perfeição cõforme a traça q nos lhe tinhamos dado(...)» Pais, Vol. II, ,p. 157

395 Hervé Pennec, *op cit*, pp.188/220

396 Como exemplo desta imagem tradicional, refere Elaine Sanceau acerca das qualidades e destaque de Pais: «Tinha todo o ardor do seu compatriota, D. André de Oviedo, temperada por tacto muito maior.», *Em Demanda do Preste João*, Porto, Livraria Civilização, s.d., p.289

397 «(...) é bastante evidente que o autor-narrador se colocou sem qualquer modéstia, em lugar de grande destaque no que respeita à progressiva implantação dos jesuítas no território etíope e sua aproximação ao poder real.» A ênfase é, de uma forma geral, colocada na sua acção e protagonismo em variados campos e a história da missão jesuíta na Etiópia « (...) converge na figura do próprio Páez, cuja autobiografia deixa entender em tom quase salvífico, como se ele estivesse destinado a fazer o sucesso da missão(...)», «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.35

missão(...). A literatura jesuíta insistiu recorrentemente num tópico que alimenta a ideia da predestinação de Páez.»³⁹⁸

Curiosas são as referências que alguns autores fazem relativamente ao seu aspecto físico. Testemunhos da época descreveram-no como um homem alto e magro, de boa presença, de cabelos castanhos, revelando uma natureza amável e cativante e uma inteligência arguta³⁹⁹. Com base nas fontes locais, outros autores caracterizam-no como um homem alto e magro de barba ruiva⁴⁰⁰.

Graças aos seus conhecimentos das línguas da região, para além do estudo das obras etíopes, Pais refere a tradução de obras religiosas para amárico, descriminadas pelo autor em pelo menos duas passagens da sua obra, designadas por *Comentários aos Livros do Evangelho por P.s da Companhia*⁴⁰¹ e empreenderá, como vimos, a obra *História de Etiópia*, que redigirá pelo menos até Março de 1622, ano da sua morte. Além da sua correspondência, conservada nos registos da Companhia⁴⁰², são-lhe atribuídas o *Tratado dos Erros dos Abexins*, em amárico, obra igualmente referida na sua *Historia* nas duas passagens já citadas⁴⁰³ e uma obra em goês, *Doutrina Cristã*⁴⁰⁴.

Em 1618 no decurso de umas das deslocações em que acompanha o Imperador, torna-se o primeiro europeu a avistar as nascentes de um dos afluentes do Nilo, o Nilo Azul ou *Abbai* (na época tido como o único afluente), procurado desde a Antiguidade. Sobre este facto regista Pais, «(...) e confesso q me alegrei de ver o q tanto desejarão de ver antigamente ElRey Ciro e seu f.º Cambises, o Grande Alexandre e o famoso Julio Cesar.»⁴⁰⁵ Posteriormente o testemunho de Pais foi desmentido pelo explorador escocês James Bruce, que atribuí à sua pessoa a descoberta das fontes do Nilo Azul na sua viagem à Etiópia em 1770, no livro *Travels to discover the source of the Nile*, de 1790. Bruce clamava ter lido, em 1774, três manuscritos da obra de Pais existentes em Roma, Milão e Bolonha, não tendo ali encontrado nenhuma referência ao Nilo. No

398 *Ibd.*

399 Informações recolhidas por Javier Reverte, *op cit.*, p.52, a partir de extractos da obra de Manuel de Almeida [refeita por Baltasar Teles de 1660], publicados por C.F. Beckingham, *Some Records of Ethiopia*, s.l. , Hakluyt Society, 1954; «Era de corpo alto e magro, rosto corado, de engenho vivo, de comdiçam tam afável que a quantos tratava ganhava as vontades(...)» Manuel de Almeida, *ap. «Introdução» in*, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p. 36

400 Javier Reverte, *op. cit.*, p. 222 e Elaine Sanceau, *op cit.*, p.361

401 *Vide*, Pais, *op cit.*, Vol I, p.194 e Vol.III, p.247

402 Algumas cartas de Pais entre elas o «Tratado feito em latim da Viagem dos P.es Monserrate e Pais e seu Cativoiro» de 1608, parte do acervo do Arquivo Distrital de Braga, Biblioteca Pública de Braga, foram publicadas por Aurélio de Oliveira, *Cartas de Etiópia*, Braga, Livros A. I., 1999

403 « Também hu tratado sobre todos os erros de Ethiopia, em q se mostra a verdade de Nossa Santa fé cõ a doutrina de m.tos Santos, cõ a Sagrada Escritura e santos Concilios, com rezoens e com autoridades de seus mesmos livros, e se responde a todas suas objecções e argumentos(...)» e «(...) e se fez hu tratado m.to feroso sobre os erros todos(...)» Pais, Vol.I, p. 194 e Vol. III, p.247

404 *Vide*, Hernâni Cidade e Carlos Selvagem, *Cultura Portuguesa*, Vol. VII, pp. 53/55

405 Pais, Vol. I, p.214

entanto o mais provável é que estes manuscritos nunca tenham existido, dado que não se encontraram referências dessas cópias.

Contudo, o explorador escocês teria conhecido o achado de Pais, uma vez que referências à sua descoberta circulam nos meios intelectuais europeus, desde o século XVII e serviram de base a descrições posteriores nas obras de Baltasar Teles e Jerónimo Lobo⁴⁰⁶. Apesar da presença de Pais nas nascentes do Nilo ter sido emsombreada pelas afirmações de Bruce, nunca foi completamente esquecida por vários estudiosos europeus, como podemos ver no artigo datado de 1848 do explorador Charles T. Beke, que percorreu a Etiópia entre 1840/1843, cartografando grande parte do território. Este, recorrendo à obra de Kircher (uma vez que a obra de Pais não havia sido ainda publicada na íntegra), e à sua experiência, atesta a exactidão da descrição de Pais e a precisão dos seus conhecimentos sobre a região, pretendendo reabilitar a memória e o valor da sua obra⁴⁰⁷.

Mas esta questão, que tanto apaixonou autores e exploradores até ao século XIX, não era central para o padre jesuíta. Sendo ele acima de tudo um convicto missionário, embora a questão do Nilo não tivesse deixado de suscitar a sua curiosidade científica, não era o assunto central da sua missão no reino etíope.

Obrigado a inúmeras deslocações devido às visitas e ao acompanhamento da corte, Pais chega a adoecer de febres em 1615. Devido ao excesso de trabalho será substituído na chefia da missão em 1617 pelo P.e António Fernandes⁴⁰⁸.

O P. Pêro Pais, adoece em *Gorgora* com febres, após o regresso do arraial do imperador, em Maio de 1622 e morre provavelmente no final do mesmo mês. Foi enterrado na igreja de *Gorgora Velha* e trasladado para a igreja nova, quando esta foi concluída (após 1626). Terá sido chorado por muitos etíopes, especialmente pelo Imperador, que envergou luto por ele, mostrando grandes sinais de dor, tendo visitado mais tarde a sua tumba⁴⁰⁹.

406 Vide, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp.38/41

407 Charles T. Beke, «Mémoire Justificatif en Réhabilitation des Pères Pierre Paez et Jérôme Lobo, Missionnaires en Abyssinie, en ce qui concerne leurs Visites à la Source de l' Abai(le Nil) et la Cataracte d' Alata» in, *Bulletin de la Société de Géographie*, Première Section, Março de 1848, pp.145/186 e Abril/Maio de 1848, pp.209/239; em 1860 publicou a obra, *The Sources of the Nile*.

408 Alberto Feio, « Notícia Bio-bibliográfica » in, Pêro Pais, *História de Etiópia*, p.XXXII

409 Vide, *Ibid.*, pp. XXXIV e XXXV. Numa carta ao Provincial de Goa, datada de 11 de Dezembro de 1623, o Imperador descreve a sua dor: «O virtuoso P.e Pero Pais foi o pai da nossa alma, o sol brilhante da fé iluminando a escuridão da Etiópia. Desde que o nosso sol se eclipsou e se pôs, a nossa alegria transformou-se em tristeza, a nossa felicidade em luto. Se este papel fosse tão amplo como o céu e a tinta tanta como o mar, não seriam suficientes para descrever as suas virtudes e ensinamentos (...)», publicada por Camilo Beccari, *Ap.*, «Páez, Pedro» in, *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesus*, Charles O'Neill, S.I. e Joaquín Domínguez, S. I. (dir.), Vol. III, Roma/Madrid, Institutum Historicum, S. I. E Universidad Pontificia Comillas, 2001, pp.2947/2947

Após a sua morte assiste-se a um aumento do número de missionários com a conversão pública do Imperador. Mas o frágil edifício político/religioso que tinha sido construído pelo soberano etíope caí face à revolta da população e às guerras civis que se seguiram à implementação forçada do catolicismo. O filho de *Suzeneôs*, *Faciladês*, expulsará os jesuítas e fechará o país aos contactos europeus, encerrando-se a Etiópia sobre si mesma por um longo período.

O P. Pais, foi pouco a pouco esquecido. Na Etiópia perduraram memórias lendárias dessa época⁴¹⁰, e as construções inspiradas no estilo português, que os governantes etíopes, apesar da expulsão dos jesuítas, continuaram a erigir⁴¹¹.

Já neste século a sua sepultura na capela-mor da Igreja de *Gorgora Nova* era pouco mais que uma ruína que ameaçava perder-se no pó do tempo. Mas heis que um autor espanhol recupera a figura do missionário numa biografia de 2001⁴¹². Os leitores espanhóis dão-se conta de que o provável primeiro visitante europeu das fontes do Nilo Azul era um castelhano. Esse facto recupera a memória do P. *Paez* em Espanha. Em 2003, ano do quarto centenário da sua entrada na Etiópia, o jornal *El Mundo*, promoveu uma expedição comemorativa e a sua lápide em *Gorgora* foi restaurada. Perto da fonte do Nilo Azul foi colocada uma placa comemorativa em espanhol e amárico⁴¹³. Falta apenas recuperar essa memória também em Portugal, pois se o seu local de nascimento foi Castela, a língua em que redigiu a sua obra foi o português, o que nos permite acompanhar de forma privilegiada as suas andanças desde os desertos desolados do Iémene, até ao primeiro palácio de pedra do Imperador da Abissínia, numa missão que o transcendia, mas na qual se empenhou e pela qual deu a sua vida.

410 Segundo Elaine Sanceau, « Deixou de si uma lenda no país. Moallim Petrus- o padre estrangeiro (...) que viveu tanto tempo no meio dêles(...). A sua memória foi venerada na Etiópia por longos anos (...) mesmo depois de os seus companheiros serem expulsos para sempre do país.», *op cit.*, p.XXII; lenda também referida por Hernâni Cidade, recolhida na Crónica de Susenios, traduzida por Esteves Pereira em 1890. Curiosamente as lendas orais recolhidas por Manuel João Ramos, *Histórias Etíopes- Diário de Viagem*, 2ª parte, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000, não o referem, embora refiram D. Cristovão da Gama, João de Bermudes e o patriarca Afonso Mendes (estes últimos de forma negativa)

411 Vide, «Arquitectura» in, *De fora, Da terra- Presença Jesuíta na Etiópia do século XVII*, org. Secção Profissional de estudos do Património (Núcleo de estudos Etíopes) da Sociedade de Geografia de Lisboa, Exposição na Universidade do Minho, Braga, Novembro de 2005 [on line] disponível em <http://pwp.netcabo.pt/patrimonio.sgl> (acesso em 27 de Novembro de 2005)

412 Javier Reverte, *Dios, el diablo y la aventura*, 1ª ed., Barcelona, Plaza e Janés, 2001

413 Cf., « Crónica – Las Fuentes del Nilo Azul- Odissea africana de un misionero español » , *suplemento de El Mundo*, nº 405, 20 de Julho de 2003 [on line] disponível em <http://www.el-mundo.es/cronica/2003/405/1058789758.html> (acesso em 20 /03/2006)

2. Revelando as obras: *Percursos e Estrutura e Conteúdos da Verdadeira Informação... e História de Etiópia*

Decidi pôr por escrito tudo que me aconteceu na viagem, coisas que vi e coisas que encontrei, junto ao mar e pelo inteiro (...). Portanto prometo e juro por minha alma que não escreverei qualquer mentira, mas tudo o que escrever é garantida verdade. Se houver alguma palavra que escape à verdade, será um deslize da pena, e não algo dito por vontade, e ainda menos escrito.», Francisco Álvares, Prefácio, Cod. Otto. Lat. 1104, seg. C. F. Beckingham, *The Prester John of the Indies* (adaptado)

« Hua das principais rezoens e causas, por q se escreve as historias, he pera q co o tempo não fiquem sepultadas no esquecimento as cousas dignas de memoria; senão q sirvão de lembrança e exemplo aos vindouros, (...)», Pêro Pais, *História de Etiópia*

Seguidamente iremos proceder a uma breve análise das obras de Francisco Álvares, *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias* e de Pêro Pais, *Historia de Etiópia*, tentando encontrar resposta para algumas questões. Procuraremos assim descortinar as condições da sua escrita; quais os motivos que estiveram na base da sua redacção assim e que condicionaram a estruturação dos seus conteúdos; quais os horizontes mentais e culturais que as enformam e a intencionalidade que por elas perpassa assim como as características da escrita, nomeadamente as técnicas descritivas utilizadas. Tivemos igualmente em conta os diferentes percursos das respectivas obras até virem a lume e o seu papel no contexto político e cultural da época.

2.1. Verdadeira Informação das Terras do Preste João...: do Itinerário de Viagem à Descrição da Etiópia

Quando a relação da viagem e da estadia por terras abissínicas de Francisco Álvares saiu do prelo em 1540, já este clérigo teria, com grande probabilidade, falecido. Quando, em que condições e com que propósitos teria ele composto a sua obra, as versões e destino do seu manuscrito e assim como as circunstâncias e interesses que rodearam a sua impressão, são perguntas difíceis de responder pois, as opiniões dos autores, que sobre a obra se interessaram, dividem-se no relativo a estes pontos, sendo numerosas as questões e interpretações a ter em conta.

2.1.1- Da Escrita e Destino da Obra

Na análise que pretendemos empreender da obra de Francisco Álvares, começaremos por tentar estabelecer onde e quando teria o autor procedido à sua redacção. Segundo um dos primeiros testemunhos, o de Gaspar Correia, a obra teria sido escrita na Índia, como refere: «Das quaes cousas [do Preste] (...) o padre Francisco Alvares fez hum livro que levou ao Reyno, que se imprimio, em que recontou muy grandes cousas muy duvidosas de crer (...)»⁴¹⁴; o Conde de Ficalho refere que a composição do manuscrito teria sido efectuada em Lisboa ou Braga, tendo por base as numerosas notas que trouxera da viagem, e estaria pelo menos esboçada quando se apresenta ao rei em Coimbra em 1527⁴¹⁵. Por sua vez, já no século XX, J. V. Serrão advoga a redacção da obra a bordo do navio que o trouxe da Índia de regresso ao Reino com base em notas recolhidas durante a viagem por território etíope, estando pronta a ser apresentada à corte à chegada a Coimbra⁴¹⁶. C. F. Beckingham considera que a primeira parte do seu texto foi escrito na Etiópia, pelo menos sob a forma de diário⁴¹⁷. Na opinião de Jean Aubin, as notas de viagem foram aperfeiçoadas no regresso da

414 Gaspar Correia, *op cit.*, p. 79

415 Vide, Conde de Ficalho, *op. cit.*, p.291

416 Vide J. V. Serrão, *A Historiografia Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Verbo, 1972, pp.371 e 373

417 C.F.Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, p.10

Etiópia para a Índia, na última metade de 1526⁴¹⁸. Segundo Banha de Andrade, na altura do regresso de Francisco Álvares ao reino a obra estaria, pelo menos, esboçada⁴¹⁹. Luís de Albuquerque, por sua vez, considera que, enquanto esperava partir para cumprir a sua missão junto ao Papa, Francisco Álvares terá redigido a sua obra a partir das notas de viagem, entre 1527 e 1531, sendo esta aperfeiçoada até 1533⁴²⁰, com o objectivo de a apresentar ao Pontífice, talvez por encorajamento ou interesse real.

De facto, traçar a origem da obra de Francisco Álvares e da versão que até nós chegou publicada em português, revela-se tarefa quase tão árdua como a acidentada viagem do padre. Recorrendo aos autores que sobre a sua edição mais profundamente se debruçaram, como A. A. Banha de Andrade, Jean Aubin e C. F. Beckingham, podemos tentar estabelecer algumas ideias chave sobre o assunto.

Como já anteriormente referimos, Álvares regressa ao reino em 1527, com a incumbência de representar o *Preste* junto do Pontífice. Em 1529, está em Braga, onde apresenta um relatório, ou um resumo das suas impressões sobre a sociedade etíope ao arcebispo, D. Diogo de Sousa. O clérigo parte finalmente para a Itália aquando da partida de D. Martinho de Portugal, novo embaixador junto à Santa Sé, na Primavera de 1532. As instruções confiadas ao embaixador, em Maio do mesmo ano⁴²¹, parecem definir o conteúdo a utilizar dos escritos coligidos por Álvares para serem apresentados ao Papa, conteúdos esses, muito próximos da versão impressa.

A notícia da embaixada de Álvares terá causado sensação nos meios intelectuais italianos pois cerca de 1531, Vincente Minuziano, numa obra impressa em Roma sobre os feitos dos portugueses no Oriente, intitulada *Impresa del gran turco per mar e per terra contra portoghesi, quali signoreggiano gran parte de l'India ...*, refere a breve publicação de um tratado em cinco livros, redigido por um enviado do rei de Portugal ao *Preste*, José [sic] Álvares. A informação poderá ter advindo da correspondência enviada pelo monarca português ao então embaixador, Brás Neto, com quem Álvares tentara, já antes, partir para a corte papal⁴²².

Francisco Álvares é recebido pelo Papa Clemente VII a 29 de Janeiro de 1533. No mesmo ano é publicado em Bolonha e em Antuérpia o opúsculo *Legatio David*

418 Jean Aubin, *op cit.*, pp. 194/195

419 A. A. Banha de Andrade, «Francisco Álvares e o êxito Europeu da Verdadeira Informação sobre a Etiópia» in, *Presença de Portugal no Mundo*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1972. p.309

420Luís de Albuquerque, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros...*, p.131

421Carta de instruções de D. João III ao embaixador D. Martinho de 1532, onde se sublinham os aspectos a serem referidos na descrição da Etiópia, *ap.*, Hervé Pennec, *op cit*, p. 36; Vide também Jean Aubin, *op cit.*p.189

422 Vide,A. A. Banha de Andrade, *op. cit.*p.295

Aethiopiae Regis ad Santissimum D.N. Clementem Papam VII. Anuncia também a publicação de uma obra dividida em cinco livros, cujo plano se assemelhava ao referido por Minuziano, excepto na distribuição das temáticas⁴²³. Há portanto notícias a circular em Itália sobre a existência de uma obra sobre a Etiópia no início da década de 30 de Quinhentos.

Este opúsculo provavelmente traduzido para latim (tendo-se mesmo levantado a hipótese da sua redacção pelo humanista Paulo Jóvio), refere a existência de uma tradução em latim da obra de Álvares. Outros autores afirmam a intenção do próprio Jóvio de a verter para latim a pedido de D. Martinho (uma carta de Góis por exemplo)⁴²⁴, o que nunca se verificou⁴²⁵. Para a redacção do opúsculo, é provável que tivessem sido recolhidas informações junto do próprio Padre Francisco Álvares (a quem também chama Pedro), consultando mais tarde *Tasfa Seyon* ou Pedro Etíope, o frade abexim que chega a Roma com João de Bermudes, entre 1536 e 1537, e que residirá no convento de Stº Estevão em Roma até à sua morte em 1552⁴²⁶. A obra parece ter tido a aprovação de D. Martinho⁴²⁷, pelo que pode ter sido igualmente baseada em informações que partiriam do próprio⁴²⁸.

Segundo Banha de Andrade, assim começou, «(...) o êxito das revelações da verdadeira Etiópia, a circular por toda a Europa.(...) não necessitou, pois, da impressão da obra do P. Francisco Álvares, posto que ela se encontre, certamente, na base de toda esta intensa divulgação seu nome figurava apenas como transmissor das novidades, na qualidade de embaixador do Preste João (...)»⁴²⁹.

Seja como for a obra que será impressa em 1540 não corresponde ao plano traçado pelos dois opúsculos, o de Minuziano e o da *Legatio David Aethiopiae Regis...*⁴³⁰ Provavelmente as informações que estes veiculam, advêm do conhecimento,

423 Vide, *Ibid.*, pp.313/314

424 Cf. C.F. Beckingham, «Introduction» in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, pp.6/7 e Jean Aubin, *op cit.*, p.195

425 Ana Paula Avelar, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, p.221

426 Vide, Cap. I do presente trabalho

427 Cf., Jean Aubin, *op cit.*, pp.189/191

428 A. A. Banha de Andrade, *op cit.*, pp. 297/298

429 *Ibid.*, pp. 297 e 298/299

430 Existe ainda uma versão manuscrita anónima do opúsculo na Biblioteca Marciana, em Veneza publicada sob o título *De legatione imperatoris potentissimi Aethiopiae ad Clementem Pontificem VII*, no 2º volume da colecção de Andreas Schottus, em Frankfurt, 1605 e e reimpressa por Beccari no tomo X de *Rerum Aethiopicarum Scriptores Occidentales*⁴³⁰, C.F. Beckingham «Introduction» in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, p.6 e A. A. Banha de Andrade, *op cit.*, p. 297

por qualquer via, da existência de notas, de um diário de viagem, ou de uma obra já escrita “por extenso” ou delineada e levada para Itália por Francisco Álvares.

Em abono desta tese podem considerar-se os três manuscritos da Biblioteca do Vaticano, descobertos em 1941 por Almagià⁴³¹. O primeiro, e mais importante, o *Codex Ottoboniannus Latinus* 1104, consiste numa tradução latina (feita provavelmente pelo humanista Luigi Beccadelli) certamente a partir dos papéis póstumos de Álvares (Almagià refere a existência de um texto que circularia em Roma c. 1539⁴³², local para onde Álvares se deslocara acompanhando a corte papal em 1533). Este texto contém um prefácio do autor e quatro capítulos iniciais, descrevendo a viagem da armada de Diogo Lopes de Sequeira da Índia para o Mar Vermelho, que não aparecem na edição portuguesa. Por sua vez o manuscrito não contém a segunda parte, que relata o regresso à Índia e ao Reino. Segundo C. F. Beckingham, que o estudou, existem várias discrepâncias informativas entre esta versão latina e a versão portuguesa, mas tanto ele como Almagià concordam que ambos os textos são bastantes similares, exceptuando o prólogo e a primeira parte.

Os outros dois códices, o 2789 e o 2202, correspondem respectivamente a uma versão do manuscrito traduzido por Luigi Beccadelli, com notas suplementares recolhidas junto aos frades etíopes em Roma, nomeadamente do nosso já conhecido frade Pedro e uma outra cópia deste último.

Mas as versões que pululavam entre os eruditos a partir das notas ou obra de Álvares não ficam por aqui: em 1550 Ramúsio publica um resumo do texto nas suas *Navigazione et Viaggi*, Vol. I, em Veneza, com base na edição impressa em Lisboa e num outro manuscrito de conteúdo diverso, que lhe havia sido enviado por Damião de Góis e hoje desconhecido. Góis já possuiria este manuscrito desde a sua passagem por Lisboa, em 1533, segundo a opinião de Jean Aubin⁴³³, e teria, talvez, a intenção de o traduzir para latim. Contudo, remete-lo-á a Ramúsio, estando, provavelmente, a braços com o novo projecto do relato do embaixador abexim *Zagazabo*⁴³⁴. Ramúsio servir-se-á

431 Sobre a questão dos três códices da Biblioteca do Vaticano e do trabalho de Almagià sobre as diferentes versões da obra de Álvares no seu opúsculo *Contributi alla storia della conoscenza dell’Etiopia*, Pádua, 1941, Vide C. F. Beckingham, «The Quest for Prester John» e «Notes on an unpublished manuscript of Francisco Alvares», in *Between Islam and Christendom...*, texto II e XIII; e ainda «Introduction» in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, pp.1/13

432 Ap., *Idem*, «Notes on an unpublished manuscript of Francisco Alvares» ,in *Between Islam and Christendom...*, texto XIII, p. 140

433 Cf., Jean Aubin, *op cit.*, p. 192

434 Vide, Capítulo I do presente trabalho

dos dois textos para elaborar a sua versão em italiano, mais curta, incluindo passagens omitidas na edição portuguesa, assim como um outro prólogo.

Face às versões existentes e às referências a um plano mais extenso, os autores que temos vindo a citar, crêem na existência de uma obra original de maior fôlego, ou pelo menos numa extensa recolha e compilação de notas efectuada durante ou após a viagem, e cujo manuscrito teria desaparecido⁴³⁵.

Façamos pois o ponto da intrincada situação: existiria no início da década de trinta de 1500, senão uma obra completa, pelo menos uma compilação de memórias relativas às viagens empreendidas por Álvares; essas notas, segundo Jean Aubin, teriam sido revistas e seleccionadas posteriormente, existindo um manuscrito em Portugal, semelhante ao que esteve na posse de Góis, por volta de 1533; entretanto em Itália, c. 1532, haviam surgido referências a uma obra com uma estrutura diferente da que hoje conhecemos, obra que nunca terá existido ou mesmo sido planeada pelo autor. A notícia poderá ter partido dos meios oficiais portugueses e conheceu apreciável difusão. Por sua vez, Álvares em Itália desde 1532, teria levado consigo as suas notas, ou parte delas. Estas teriam sido conhecidas por alguns intelectuais italianos, como Paulo Jóvio e Luigi Becadelli, tendo este último traduzido e elaborado a versão dos *Codices Ottobonianos* da Biblioteca do Vaticano, mais próximos de uma possível primeira versão. Manuscritos similares existem na Biblioteca Palatina de Parma⁴³⁶.

Francisco Álvares morre em Itália. A sua obra é impressa postumamente em Lisboa em 1540. Mas teria sido sujeita a alterações: os prólogos dos manuscritos são substituídos; os capítulos iniciais da primeira parte desaparecem assim como uma possível primeira parte que conteria a descrição da viagem de Lisboa à Índia e a primeira expedição ao Mar Vermelho, cuja existência é tida como credível para estes autores; finalmente, é adicionado novo material à obra. Segundo Jean Aubin, «(...) il en ressort que la rédaction déjà censurée qu' Álvares laissait derrière lui fut l' object d' une nouvelle lecture avant l' impression, et subit des petits retranchements supplémentaires(...)»⁴³⁷. Já para Banha de Andrade, a revisão teria sido levada a cabo em Itália, pelo próprio Álvares, justificando-se no conteúdo mais completo dos manuscritos do Vaticano, que seriam uma possível cópia do material por ele levado.

435 «It is obvious that the original text is not fully represented by any of the surviving editions or manuscripts. Either it has perished or it lies undiscovered in some archive, probably in Portugal or Italy.», C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, p.9

436 Trata-se dos documentos Pal.977 A e B da referida biblioteca, nomeados por C. F. Beckingham, *Ibd.*, pp. 8/9

437 Jean Aubin, *op cit.*, p.197

A revisão e modificações da obra estariam relacionadas com as referências às circunstâncias que rodeavam a embaixada falhada de Duarte Galvão⁴³⁸. Por outro lado, também o conteúdo religioso da fé etíope não entusiasmou as autoridades portuguesas; mas a crença numa possibilidade de uniformização religiosa e a contínua pressão do Islão no Oriente leva, como referimos⁴³⁹, a um retomar do interesse pela questão etíope segundo as palavras de Jean Aubin:

« Cést dans ce contexte politique que le livre du P. Álvares fut, enfin, sous la forme tronquée (...), autorisé à paraître à Lisbonne. Mieux même, sa publication “ par ordre du Roi “ fut voulue. L’imprimeur Luís Rodrigues (...) fut incité à publier la *Verdadera Informaçam das terras do Preste Joham* par l’ évêque de Lamego, D. Fernando de Meneses Coutinho de Vasconcelos, membre depuis leur création de la *Mesa da Consciencia* (1532) et du Tribunal de l’Inquisition (1536), qui devenait ce même automne 1540 archevêque de Lisbonne (...)»⁴⁴⁰.

Também Banha de Andrade confirma o papel do então bispo de Lamego no patrocínio e mesmo na preparação da edição da obra, baseada no que quer que seja que Álvares tenha deixado escrito ou preparado em Lisboa ou na Itália.

A já referida versão publicada por Ramúsio em 1550, baseada na edição portuguesa e no manuscrito de Góis, apresenta ainda detalhes ausentes das versões anteriores e um diferente Prólogo do manuscrito *Ottoboniano*, que Jean Aubin⁴⁴¹ crê ter sido redigido para a versão já depurada para impressão no verão de 1527⁴⁴² (a que teria sido deixada em Lisboa) e entretanto substituído.

Em relação à natureza do material utilizado na impressão de Lisboa pode destacar-se a questão dos prólogos. Estes prefácios, eram, com efeito, importantes na apresentação dos objectivos da obra e intenção do autor, além das referências à entidade que possibilita a sua publicação, sob a forma de dedicatórias a personagens ou instituições socialmente destacadas, permitindo enquadrar o livro nas condicionantes sócias culturais que determinaram a sua produção⁴⁴³. Com efeito a imprensa depende

438«Ces pages elles-mêmes furent retranchées de l’édition de 1540. Ou plotôt, le manuscrit que l’imprimeur eut à la disposition ne les comportait pas. Déjà, en 1533, Damião de Góis n’avait pu en prendre copie, croyons-nous, puisque Ramusio ignore cette partie initiale de la relation.», *Ibd.*, p.198

439 *Vide*, Capítulo I do presente trabalho

440 Jean Aubin, *op cit.*, p.207

441 *Vide, Ibd.*, pp. 196/197

442 *Ibd.*, p. 196

443 Sobre a importância do Prólogo nas obras quinhentistas *Vide*, Fernando Cristovão, «O incipit e o explicit nos diários e relações de viagem, e as razões da escrita da Expansão» in , Maria Alzira Seixo et al.(org), *A Vertigem do Oriente...*, pp.17/28

fortemente, senão exclusivamente, nesta época do poder real, clerical ou está na dependência de universidades (também elas controladas pelo poder público ou religioso). Os escritores estão igualmente ligados a essas instituições e no caso dos nossos autores, ambos se podem considerar *clérigos homem-de-letras*, segundo a expressão de José António Saraiva⁴⁴⁴. De denotar ainda, como refere Rui Manuel Loureiro, as numerosas interferências, especialmente fortes na época em detrimento do papel central do autor, que medeiam o processo entre a execução do manuscrito e a sua impressão, continuando as obras sujeitas a adições, supressões, modificações mesmo depois de impressas⁴⁴⁵. A ligação autor /texto nessa época é relativamente frágil, assistindo-se à reelaboração contínua do material escrito, não se submetendo as reproduções impressas (ou as cópias dos manuscritos, como aliás vimos) a uma averiguação de fidelidade ao original, desviada por numerosos obstáculos no processo de impressão: dificuldades do texto, acrescentamentos, correcções, traduções que são adaptações, censura institucional, e outras supressões. A obra do P. Francisco Álvares parece ter, pois sofrido as contingências da época. Daí uma possível explicação para a existência de três prólogos.

O prólogo mais antigo parece ser o do manuscrito encontrado na Biblioteca do Vaticano. Nele Álvares, que se apresenta como «padre de missa e capelão do Rei D. Manuel»⁴⁴⁶ propõem-se «(...) descrever tudo que a me aconteceu na viagem(...). Se Deus me der vida, farei um livro em partes, ou seja, a viagem e partida de Portugal até à nossa chegada à terra do Preste João, e desde nossa entrada nessas terras até à nossa partida, assim porei eu por escrito uma descrição e um livro.»⁴⁴⁷ Copiado ou do punho do próprio Álvares, esta passagem parece justificar a tese da existência de um primeiro capítulo suprimido pelo possível encarregado da impressão da obra ou até pelo próprio autor, «(...) fosse por sugestão da Corte portuguesa(...), fosse por qualquer outro motivo ignorado.»⁴⁴⁸

A edição de Ramúsio apresenta outra versão do prólogo, um pouco retocada, mantendo os protestos de veracidade e honestidade na descrição, mas omitindo, por exemplo, a constituição da obra. «Cette deuxième préface(...) n'est plus conçue pour

444 Vide, António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, Vol.II, p.141

445 Rui Manuel Loureiro, *op. cit.*, p. 16 p. 104

446 Esta designação apontaria então para a sua redacção na Etiópia e antes de Abril de 1523, data da morte de D. Manuel; mas coloca-se a questão se Álvares seria já nesta época capelão real.

447 «Preface by Alvares» [retirado do Cod. Ottob.Lat. 1104] in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, p. 33 [tradução livre da autora]

448 Vide A. A. Banha de Andrade, *op cit.*, p. 312. Esta é também a opinião de Jean Aubin, *op cit*, pp. 197/198

introduire la relation complete des voyages du P. Álvares.(...) elle est destine à presenter la partie qui traite du séjour chez le Prêtre Jean, partie que seule l’auteur pouvait espérer faire diffuser au Portugal.»⁴⁴⁹ Também esta parte do texto foi suprimida da edição “oficial” impressa em Portugal.

E, no entanto, não falta igualmente um prólogo a essa edição de 1540. Apenas é notoriamente diferente dos acima referidos e parece indiciar outra voz. Este Prólogo de 1540 é dedicado «a el-Rei Nosso Senhor muito alto e muito poderoso príncipe»⁴⁵⁰, e evoca o seu favor para a obra, pois, «(...) além do *Bispo de Lamego a isso me incitar, Vossa Alteza me mandou que a imprimisse* dizendo que disso levaria contentamento que para mim foi grande mercê, e dou por isso muitas graças a Deus, pois com êste começo me vieram outros em cuja esperança de bom fim, bemaventurados fins espero.»⁴⁵¹ Se este texto foi preparado especificamente para esta edição, Álvares já teria falecido em Itália. Mais curioso se apresenta o seguinte trecho:

« E como eu Senhor sempre dêis que sou seu foi meu desejo endereçado a seu serviço para com êle trazer algum fruto, pôsto que me falem as fôrças não me falta a vontade, *com a qual fui a Paris buscar estampas, caratules de letras, oficiais e outras cousas convenientes à impressão, as quais não são de menos primor e qualidade, que as de Itália, França e Alemanha onde mais a arte floresce, como Vossa Alteza pode ver pela obra que tenho assentada nesta cidade, e não com pequeno contentamento por me parecer que Vossa Alteza nisto leva gôsto, como se mostrou pelas mercês que me tem feitas e espero que me faça.*»⁴⁵²

Os autores que temos vindo a citar atribuem a sua autoria ao impressor de Lisboa, Luís Rodrigues, baseando-se não só no estilo diferente da escrita, como na afirmação da deslocação a Paris para adquirir o material tipográfico⁴⁵³. Por outro lado, o autor do prólogo faz referência à *obra/oficina* que tem na cidade e a afirmação da importância da mercê real para a produção das suas obras remete-nos para o impressor. Vimos já a estreita ligação da imprensa com o poder institucional⁴⁵⁴ e de facto no rosto

449 Jean Aubin, *op. cit.*, pp.197/198

450 Álvares, *op. cit.*, p.5

451 *Ibd.*

452 *Ibd.*, p.6

453 Vide, C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, p.8 e Jean Aubin, *op cit.*, p. 196. A A Banha de Andrade divide-se quanto à autoria entre o impressor e o bispo de Lamego, *op cit.*, p.310

454 Como também refere Ana Isabel Buescu, «A imprensa é com efeito um instrumento de alcance relativamente limitado no Portugal moderno, num quadro em que dificuldades de vária ordem condicionam fortemente a actividade editorial: desde logo, dificuldades na aquisição dos seus factores de produção (...), há que sublinhar a

da obra, o impressor Luís Rodrigues intitula-se «livreiro de sua alteza.»⁴⁵⁵. Luís Rodrigues⁴⁵⁶ trabalha pois sob a égide real e do seu círculo mais próximo, do qual fazia parte o dito bispo como atestam as palavras que podem aludir à sua função (compõe as palavras que se transformam em textos) e à sua dependência da Corte: «E se Vossa Alteza algumas palavras neste livro achar que lhe não contentem, lembre-lhe que *os homens de cá fora somos senhores das palavras e os príncipes são senhores das obras e da fortuna.*»⁴⁵⁷

Outra modificação sofrida pelo texto original de Álvares deverá ter sido o acrescento do traslado das cartas do Preste para os monarcas portugueses e o curioso relatório que resulta da resposta às questões postas pelo arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, sobre os costumes abexins, entitulado: «Perguntas que o senhor D. Diogo de Sousa, (...), fêz a Francisco Álvares, capelão-del-Rei Nosso Senhor de algumas cousas particulares da terra do Preste João, além das que o dito (...) tem escritas em seu livro (...)»⁴⁵⁸, cujo registo, de resto, não teria sido da autoria do autor, uma vez que vários dos seus parágrafos se iniciam com o verbo dizer flexionado na terceira pessoa, afirmando Álvares que « (...) Sua Senhoria tudo mandava escrever(...)»⁴⁵⁹.

Todos os factos que temos vindo a referir condicionaram a obra que a partir da edição portuguesa de 1540 chegou até nós e serve de base ao presente trabalho. Com efeito, e como os autores que nos têm acompanhado referem, a sua estrutura é um tanto confusa. A primeira parte consideravelmente maior do que a segunda (142 capítulos) e intitulada «Começa-se o tratado da entrada da terra do Preste João», inicia o seu primeiro capítulo fazendo aparentemente alusão uma parte da obra omissa: «Porque digo que vim com Duarte Galvão, que Deus haja, (...), e cessou sua embaixada no tempo que Lopo Soares era Capitão-mor e Governador das Índias, *como largamente já tenho escrito e aqui deixo de escrever por não ser necessário*, escreverei o que necessário é.»⁴⁶⁰

importação dos caracteres metálicos (...) que se prolonga por mais de dois séculos (...). Em suma “a nobre arte da imprimeira” implicava recursos económicos apreciáveis, o que ajuda a explicar o seu uso privilegiado pelos poderes (...)», «A Persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI e XVII» in, *Ler História*, n.º 45, Lisboa, ICTE, 2003, pp. 19/48

455 Álvares, fac-símile do rosto da 1ª edição

456 Vide, «Brevíssima nota sobre Luís Rodrigues, livreiro da casa real, impressor em Lisboa desde 1539 a 1554», Venâncio Deslandes, *Documentos para a História da Tipografia Portuguesa nos séculos XVI e XVII*, Artur Anselmo (Introd.), reprodução fac-similada da edição da Imprensa Nacional Casa da Moeda de 1888 ; pp.48/51

457 Álvares, p.7

458 *Ibid.*, pp. 415/416

459 *Ibid.*, p.415

460 *Ibid.*, p.9

Esta primeira parte finaliza com a fórmula «Laus Deo» o que parece indicar o fim do texto, como refere Banha de Andrade⁴⁶¹. A segunda parte inicia-se com a fórmula «IN NOMINI DOMINI AMEN» e intitula-se «Conta-se nesta parte o caminho que se fêz da terra do Preste João para Portugal». Contém apenas nove capítulos e termina de forma abrupta no relatório apresentado ao arcebispo de Braga, sem qualquer espécie de nota conclusiva, referindo a criação de poldros nas estrebarias dos senhores abexins. A última informação que temos sobre a demanda do nosso autor é a doação que recebeu do benefício em Braga:«(...) Sua Alteza me fêz mercê dele e com sua apresentação me mandou ao Arcebispo que me confirmasse(...)»⁴⁶².

Também não deixa de ser curioso o título completo da edição portuguesa: *Ho Preste Ioam das Indias / Verdadeira Informaçom das terras do Preste / Ioam / segundo vio e escreveo ho padre F. A. Capellã del Rey nosso / senhor. Agora novamente impresso*⁴⁶³ por mandado do dito senhor em casa de Luiz/ Rodriguez\ livreiro de sua alteza.⁴⁶⁴ Teria havido uma primeira edição desconhecida ou ter-se-iam feito simplesmente provas?⁴⁶⁵ Questões que ficam por ora sem resposta.

Seja como for a edição conhecida em português, que saiu dos prelos no referido ano, «It is in a gothic type of a kind that had by then become unfashionable in many countries and it is not easy to read. Misprints are numerous, punctuation is very inadequate and often manifestly wrong and the style is in places extremely obscure.», segundo a caracterização de C. F. Beckingham⁴⁶⁶. A folha de rosto por cima do título apresenta uma estampa que ilustra um cortejo de cavaleiros, um dos quais empunhando o pavilhão real português, saindo de uma cidade muralhada. Também ela se presta a várias interpretações, identificando alguns autores a figura do cavaleiro principal com o embaixador Duarte Galvão ou com D. Rodrigo de Lima ou ainda com o próprio autor, entrando na corte abexim, ou saíndo, por exemplo, de Cochim; ou ainda com um monarca português, sendo a cidade, Lisboa⁴⁶⁷.

461 A. A. Banha de Andrade, *op cit*, p. 317

462 Álvares, p.415

463 O sublinhado é nosso

464 António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das Obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional. 1926, p. 294

465 Segundo C. F. Beckingham uma versão teria sido preparada para impressão em 1532; como afirmámos acima, também Jean Aubin afirma a existência de uma versão por volta da mesma época. Cf., C.F. Beckingham, «Introduction» in, *The Prester Jonh of the Indies- A True Relation of the Lands of the Prester Jonh....*, the translation of Lord Stanley of Alderley, p. 8 e Jean Aubin, *op cit.*, pp.189/200

466 C. F. Beckingham, *Between Islam and Christendom...*, Texto II, p.4

467 Cf. A. A. Banha de Andrade, *op cit.*, p. 311; J. M. Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *op cit.*, vol.I, p.p. 358; Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Vol.1a 23, Ophir, Biblioteca Virtual dos Descobrimentos Portugueses, nº 9, Lisboa, Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001 [CD-Rom]

No verso do quinto fólio apresenta ainda o seguinte texto:

*A honra de deos e da gloriosa Virgem Nossa Sñra se acabou ho livro do Preste Ioã das Indias em q se conta todos os sitios da terras e dos tratos e commercios d'ellas e do q passara na viagem de dom Rodrigo de lima q foy mandado de Diogo lopez de sequeira q entam era governador da india: e assi das cartas e presentes q o Preste Ioã mandou a el Rey nosso senhor, cõ outras cousas notaveis q há na terra. Ho qual vio e escreveo ho padre Frâcisco alvarez Capellã del Rey nosso senhor com muita diligencia e verdade. Acabou-se no anno da encarnaçom de nosso senhor Iesu Christo ahos vinte e dous dias de Outubro de mil quinhentos e quarenta annos.*⁴⁶⁸

A despeito das vicissitudes que o autor e a obra terão conhecido, esta suscitará considerável interesse dos seus contemporâneos como comprovam as sucessivas edições e traduções das suas versões impressas, tornando-se no dizer de Luís Filipe Barreto «(...) a mais divulgada descritiva de viagem terrestre da cultura dos descobrimentos portugueses.»⁴⁶⁹.

Assim, conhece traduções em castelhano: em 1557, em Antuérpia, por Fr. Tomás de Padilha com o título *Historya de las cosas de Etyopia, en la qual se cuenta muy copiosamente el estado y potencia del Emperador della*, reeditada em 1561 em Saragoça pelo livreiro Miguel de Selves (por vezes incorrectamente identificado com o tradutor desta edição) e mais uma vez em Toledo, em 1588.

As traduções em francês surgem em 1556 por Jean Temporal em Antuérpia e Lyon a partir da edição de Ramusio; em 1558, duas edições em francês surgem em Antuérpia, respectivamente por Cristovão Plantin e Jean Bellère; a obra conhece uma nova impressão em Paris, em 1674 e a versão de Jean Temporal é reeditada em 1830.

A versão em italiano foi integrada na obra já referida de Ramúsio, *Navigazioni e Viaggi*, Vol. I, de 1550 (Veneza), com reedições em 1554, 1563 e 1588. Em língua alemã aparecem as traduções de 1566 (Eisleben) e 1567 (Frankfurt). Em inglês surge integrada na colectânea de Samuel Purchas, *Pilgrimes*, Parte II, editada em Londres em 1625. Todas estas edições tiveram como base a edição portuguesa ou a italiana.

Depois do sucesso inicial e de um longo silêncio a obra parece despertar no final do século XIX. Em 1881 aparece uma nova tradução em inglês, *Narrative of the Portuguese Embassy to Abyssinia during the years 1520-1527*, utilizando a versão

468 Vide, António Joaquim Anselmo, *op cit*, p. 249 e Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, *op cit.*, p.358

469 Luís Filipe Barreto, *op cit.*,p.56

portuguesa e a versão espanhola de Padilha, levada a cabo para a Hakluyt Society por Lord Stanley of Alderley, versão essa, revista e anotada em 1961, por C. F. Beckingham e G.W.B. Huntigford, recuperando informações das edições portuguesas, italianas e dos manuscritos do Vaticano⁴⁷⁰.

Também em Portugal, novas edições só se fizeram em 1889 (edição da Imprensa Nacional, conforme a edição original). Em 1943 a obra conhece nova edição da Agência Geral das Colónias, prefaciada e actualizada na grafia e pontuação por Augusto Reis Machado, com correcção de alguns erros de impressão, assim como a numeração dos capítulos da 1ª parte, por se repetir o capítulo XXXV. Esta edição tem como base a edição de 1889, cotejada com a de 1540; em 1966 o Centro de Estudos Ultramarinos procedeu à tradução da edição de 1943 para amárico, por Girma Beshah e Merid Wolde Aregay, com prefácio em inglês por A. da Silva Rego. A edição de 1943 foi novamente impressa em 1974 numa reprodução fac-similada pela Agência Geral do Ultramar. De referir ainda duas edições no âmbito das comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos em 1989: uma publicada pela Europa – América, com introdução de Neves Águas; outra na colecção dirigida por Luís de Albuquerque, publicada pela Alfa, com actualização do português por Maria da Graça Pericão.

À falta de uma edição crítica que tivesse em conta as problemáticas das diversas versões e a fixação do texto, o que não foi feito até hoje, optamos por seguir a edição mais próxima do original português e ao mesmo tempo mais recente, ou seja a mencionada edição de 1974.

⁴⁷⁰Vide, A. A. Banha de Andrade, *op cit*, pp.318/320; Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, p. 201 ; Luís Filipe Barreto, *op cit*, p. 42; C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Ethiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, pp1/11; Albino Forjaz de Sampaio (dir.), *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, Vol III, Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1929 p. 50; Marília dos Santos Lopes, *op cit*, pp.129-130

2.1.2- Da Estrutura e da Narrativa

Debrucemo-nos agora sobre a estrutura e conteúdo da versão de 1540 da *Verdadeira Informação...*⁴⁷¹ Esta consiste na sua primeira e mais extensa parte, num tratado sobre a viagem ao interior do reino do *Preste* e na consequente descrição dessas paragens, incluindo a narração das experiências do autor durante a sua permanência, tendo essencialmente um carácter de itinerário terrestre. Todavia apresenta uma heterogeneidade de conteúdos, típicos da literatura produzida durante a Expansão Portuguesa, o que lhe confere um carácter híbrido. Com efeito, segundo Luís Filipe Barreto, esta obra «(...) não é representativa das constantes máximas da ordem discursiva da viagem terrestre», na medida em que a conjuga com um «desvio exteriorizante», ou seja com uma narrativa de viagem marítima de regresso a Portugal e a subsequente deslocação da embaixada a Coimbra, sumariada na segunda parte da obra, onde é sublinhada a «(...) ressonância diplomática e cultural das embaixadas do Preste João(...)» junto ao rei português. Por sua vez a «(...) dominante narrativa de viagem terrestre (...) em constante metamorfose acaba por ser também um tratado local descritivo e mesmo uma geografia historizada(...)»⁴⁷². Como refere Francisco Bethencourt⁴⁷³, nela podemos também encontrar uma combinação das características de um diário com as de memórias de viagens, adoptando-se frequentemente o sistema das entradas diárias ou devidamente assinaladas no tempo.

Porém se a obra de Álvares se pauta pelo percurso pelas terras da Etiópia⁴⁷⁴ desde o litoral até ao local onde a corte se encontra instalada, a sua sequência narrativa não se subordina inteiramente à progressão temporal e espacial, apresentando uma descontinuidade, característica das obras da época. De facto, a narrativa da progressão minuciosa, assinalada pela referência ao dia, mês, ano, por vezes à hora, é interrompida quando vem a propósito algum episódio ou descrição, conduzindo o leitor em incursões por factos que ainda estão por acontecer (uso de prolepses), como é o caso do episódio da praga de gafanhotos em *Baruá*⁴⁷⁵ ou da descrição de *Aquaxumo*, onde os

⁴⁷¹ Vide, *Anexos*, Quadro 2

⁴⁷² Luís Filipe Barreto, «As grandes obras portuguesas de carácter geográfico» in, *Portugal no Mundo*, Vol. III, pp. 56/57

⁴⁷³ Francisco Bethencourt, «O Contacto entre povos e civilizações» in, *História da Expansão Portuguesa*, Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), Vol.I, p.96; Audrey Bell refere-o mesmo como «encantador diário de viagem», *A Literatura Portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p.289

⁴⁷⁴ Vide, Ana Paula Avelar, *op cit.*, p. 225

⁴⁷⁵ Álvares,,pp.76/79

portugueses estanciariam durante oito meses⁴⁷⁶ ou ainda a visitas do monarca abexim ao Mosteiro de *Brilibanos*⁴⁷⁷.

Outras vezes o leitor retorna a um ponto temporal já passado (uso da analepse) ilustrada pelo relato da celebração da Quaresma na corte do *Preste*, instalada junto da terra de *Gorage/Guraguê*⁴⁷⁸ ou da vitória do *Preste* sobre o rei mouro de *Adel*⁴⁷⁹ ou ainda a história dos peregrinos abexins a Jerusalém, vítimas de um ataque dos mouros⁴⁸⁰.

A progressão temporal, nesta obra é acompanhada por uma progressão no espaço, que o autor se preocupa em descrever, em anotações de teor geográfico, físico e antropológico, inseridos em momentos de pausa da narração da viagem. Uma vez alcançada a corte Álvares narra os sucessos ali passados, percorrendo novamente outros espaços físicos, uma vez que a corte é itinerante. Seguidamente chega o momento da partida e a tentativa gorada de chegar à costa a tempo de alcançar a armada portuguesa.

A partir deste ponto a lógica narrativa de itinerário e seu encadeamento temporal é interrompida. O autor, permanecendo por mais seis anos na nação abexim, narra várias deslocações efectuadas e novas estadias na corte. Procede a uma descrição aturada de aspectos tidos como significativos (como por exemplo a organização do arraial Imperador). Finalmente, os últimos sucessos envolvendo o regresso, são narrados nos capítulos finais da primeira parte.

A segunda parte é um resumo da viagem para a Índia e daí para o Reino, entrando no campo da narração de viagens marítimas, para novamente voltar ao itinerário terrestre ao aportar em Lisboa, de onde a comitiva segue para Coimbra onde estancia a corte portuguesa. Finaliza, como vimos, com o relatório ao Arcebispo de Braga.

Este tipo de obra, que segue a modalidade discursiva do *Itinerário*, servindo propósitos práticos, escapa às pretensões de estilo literário, o que poderá eventualmente explicar o estilo *chão* com que a escrita de Álvares foi já caracterizada⁴⁸¹. Ela revela simplicidade e vivacidade, marcada pela coloquialidade, de onde emerge o sujeito e a sua experiência marcadamente pessoal, traduzida no emprego da primeira pessoa do

476 *Ibd.*, p.86 e ss.

477 *Ibd.*, p.171 e ss.

478 *Ibd.*, p. 305 e ss.

479 *Ibd.*, p. 317 e ss.

480 *Ibd.*, p. 352 e ss.

481 Baltasar Telles, *História da Ethiopia, a Alta*, Livro 2, Cap. VI, ap.Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Tomo II, 2ª ed.. Lisboa, s.n., 1931 (1ª ed. Lisboa, Officina de Inácio Rodrigues, 1747) p. 94

singular embora estreitamente ligada ao colectivo, reflectido no frequente uso do plural (donde o protagonista da obra é o autor e ao mesmo tempo o grupo de portugueses), e a frequente utilização do discurso directo, recursos que sugerem «a aproximação ao leitor»⁴⁸², ao mesmo tempo que emprestam colorido à narração, características que se podem verificar no relato das entrevistas com o *Prestes* ou das dissensões entre a comitiva portuguesa⁴⁸³. Um bom exemplo da utilização do discurso directo é o episódio das falsas notícias da derrota portuguesa na Índia e a chegada de uma nova armada portuguesa à costa etíope para recolher a embaixada⁴⁸⁴. De resto, em vários passos da obra, verifica-se uma interpelação directa ao leitor com expressões com «Não se espantem» ou «dirão...».

A técnica descritiva de Álvares incide sobre o prosaico e realista, sem mais enfeites dos que a percepção do que o escritor apreendeu. Nela relata as peripécias da embaixada, aproveitando para descrever as suas experiências e o que realmente «viu», a nível de paisagem, fauna, flora, costumes e práticas, da tão procurada, mas desconhecida terra do *Preste*. Daí o título conferido à sua obra, *Verdadeira Informação das terras do Preste João*. Esta escrita caracterizada pelo apelo do visual, pretende apenas retratar o real, dando o máximo de informações, como se a escrita tivesse por missão a reprodução e evocação das coisas o mais fielmente possível. Com efeito a maior parte das informações que compõem a obra são fruto da experiência do autor, dessa experiência fundamentada no acto de estar presente e «ver» e confirmada pelo «visto» e «experienciado»; a fonte primordial da sua obra é o seu testemunho presencial, a realidade que capta com o sentido da visão.

O termo “experiência” no início do séc. XVI, significava apenas ver, observar e relatar como se vira e apontar a sua discordância com o saber antigo ou realidade conhecida. A partir da observação directa/ experiência pessoal, os homens de Quinhentos sentem-se capazes de desmentir/corrigir os dados veiculados pelo conhecimento antigo. A experiência sensorial assume-se como o garante da “verdade” em detrimento do conhecimento livresco, adquirindo-se uma capacidade crítica baseada na razão e actuação do homem⁴⁸⁵, ou seja «a experiência e a natureza (...), são os

482 Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente...*, Lisboa, Colibri, 2003, p. 186

483 Álvares, pp. 241,249, 270 e pp. 224 e 292 e ss.

484 Vide, *Ibd*, pp. 367/370

485 «Os Descobrimentos não se acham na linha da especulação e da pesquisa teórica. E a ciência experimental não nasceu de um conflito (...) entre o saber teórico tradicional e as observações ou experiências sistemáticas (...). A sua origem situa-se na conquista decisiva do sentido crítico pelo espírito humano. (...) que levou a por em

pontos arqui-médicos que vão substituindo ao longo da Renascença os paradigmas tradicionais desestruturados (...)»⁴⁸⁶sem, no entanto, romper radicalmente com a visão do mundo e o conhecimento estabelecidos. Com efeito, os autores dos escritos dos Descobrimentos adquirem conhecimentos utilizando a sua razão na observação de fenómenos, mas não a da racionalidade matemática ou teórica (cujo alcance não será seu apanágio), mas a do senso – comum, de base empírica e pessoal⁴⁸⁷. Daí a noção de «experienciado», como tipo de abordagem gnoseológica que caracteriza este tipo de escrita.

À luz destas considerações podemos entender as recorrentes afirmações, presentes na obra: «eu vi», «isto sei eu por ver»; «vi muitas vezes»; «disto direi o que vi» ou mesmo o pleonismo «vi com os meus olhos», como para reiterar a sua veracidade e o valor da sua experiência pessoal⁴⁸⁸.

O autor narra «segundo eu vi», mas igualmente «segundo dizem» ou «ouvi dizer», sublinhando sempre que a informação é de segunda mão: por exemplo sobre os limites do reino de *Gojame/Gojâm*, afirma: «(...) não creio nem eu o afirmo, digo como ouvi no geral e não a pessoa com que alegue.»⁴⁸⁹ ou «Estas são as confrontações que eu pude saber dos reinos e senhorios do Preste João e deles soube de ouvida e os poucos mais de vista.»⁴⁹⁰. Outras vezes explicita os limites do seu conhecimento: «(...) e a grandeza desta terra de *Doba*, será de comprido grandes cinco jornadas, de largo não sei quanto será porque entra muito por terra de mouros que eu não pude saber.»⁴⁹¹ ou ainda quando não presenciou o desfile de um senhor na corte: «Êste apresentar não vi por estar mal sentido.»⁴⁹². Por outro lado, o P. Francisco Álvares tem a preocupação

causa, pela via especulativa, o saber teórico tradicional (...). O experimentalismo só começou quando a crítica tinha minado o edifício secular da ciência (...), J.S. da Silva Dias, *Problemática cultural do século XVI*, p. 110

486 Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento*, 2ª ed., Lisboa Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983, p. 198

487 Como expõe R. Hooykaas, «(...) não se testa a “experiência” por meio da razão teórica, sendo antes a razão teórica que é submetida à experiência. Estes pioneiros não estavam embaraçados por preconceitos eruditos, não decidiam através de argumentos pro et contra se determinado facto (...) era realmente verdadeiro; a observação bastava-lhes, e os factos eram aceites apesar da sua “absurdidade”.», «Contexto e Razões do Surgimento da Ciência Moderna» in, Francisco Contento Domingues e Luís Filipe Barreto (org.), *A Abertura do Mundo...*, Vol. I, Lisboa, Presença, 1986, p. 171

488 «A origem do saber radica nos sentidos e, sobretudo, na vista, esse sentido dos sentidos. Saber é ter a exacta determinação sensível e empírica do visto. (...) O realismo empírico do qualitativo visível é o norte do saber verdadeiro e suficiente.», Luís Filipe Barreto, *op cit*, p.137

489 Álvares, p. 361

490 *Ibd*, p.363

491 *Ibd.*, p.113

492 *Ibd.*, p.334

não só de «ver», mas igualmente de comprovar informações. Assim o encontramos a garimpar ouro em *Aquaxumo/agçum* na época das trovoadas⁴⁹³.

A noção da «novidade» do que vê e dá a conhecer mescla-se com a preocupação da incredulidade do leitor. Por isso a propósito das Igrejas de *Lalibela* refere: «Enfado-me de mais escrever destas obras, porque *me parece que me não crerão* e porque, ao que escrito tenho, *me poderão tachar de não verdade*, portanto juro em Deus em cujo o poder estou que *todo o escrito é verdade(...)*»⁴⁹⁴.

Da mesma forma terá a preocupação de assistir a numerosas cerimónias e usos da terra, podendo afirmar com propriedade que descreve aquilo a que assistiu. Para além da sua experiência pessoal, Álvares recorre a informações que recolhe junto aos naturais, para confirmar factos como por exemplo, as rendas em cavalos pagas a um mosteiro: «E para disto sermos certos eu o fui perguntar ao *Alicaxi* do mosteiro, (...), porque este recebe e faz justiça, *êle me disse que era verdade (...)*»⁴⁹⁵; ou as conversas tidas com o *Abuná* Marcos sobre a questão religiosa ou com o frade *Gabriandreas*, que «(...) não tem mais que meia língua ao longo cortada, porque el-Rei Nahu Iha mandou cortar porque falava muito.»⁴⁹⁶

Outra importante fonte de informações para Francisco Álvares foram os cristãos europeus presentes na corte do Preste, entre os quais se destaca, Pêro da Covilhã. No entanto o autor ressalva sempre o facto de a informação provir de outrém como na seguinte passagem: «A *Pêro de Covilhã* ouvi dizer que êle fôra por mandado da Rainha Helena a dar maneira que se fizesse um altar em uma igreja [no reino de Goraje] (...) e que êste altar fizeram de madeira e o encheram de ouro e assim a pedra de ara de ouro maciço, *alego com quem me disse e me parece que diria a verdade (...)* »⁴⁹⁷, ou noutro passo relativo à extracção de prata no reino de *Bagamidr*, informações de fonte aparentemente credível, mas que não deixam de espantar o próprio autor: «(...) e que êste fogo fazia derreter a prata e que corria em canos cousa de não crere. *Preguntei isto a Pêro de Covilhã, disse-me que o não duvidasse que era muita verdade; digo como o ouvi (...)*»⁴⁹⁸.

493 «Vendo eu isto e ouvindo dizer como achavam tanto ouro (...) determinei fazer uma tábua(...). E feita me meti a lavar a terra e lancei duas tábuas e não achei ouro nenhum, nem sei se o não sabia lavar, ou se não o conhecia, ou se o não havia aí; a fama era que havia muito.» *Ibd.*, pp.93-94

494 *Ibd.*, p.139

495 *Ibd.*, pp.44-45

496 *Ibd.*, p.321

497 *Ibd.*, p.361

498 *Ibd.*, p.362

Francisco Álvares consulta igualmente registos etíopes escritos como as velhas crónicas manuscritas da Igreja de *Aquaxumo/Agçum*: «Está em êste lugar uma mui nobre igreja na qual achámos uma *mui grande crónica escrita em língua da terra* (...). *Este livro de crónica é muito grande, não tomei dela senão os princípios.*»⁴⁹⁹ Noutro passo na igreja de *Imbra Cristos*, Francisco Álvares consulta «(...) *um livro grande e antigo, o qual eu tive com meus olhos e tive nas minhas mãos* todo como crónica ou vida deste rei [que se teria retirado para este mosteiro e aí se teria sepultado, de nome Abrãa] e *me passaram parte dele* em dois dias que aí estive desocupado.», lido talvez pelos monges locais e traduzido pelo intérprete, pois como afirma Álvares «(...) digo que ouvi e o vi ler no livro (...)»⁵⁰⁰.

Mas é provável que ao fim de seis anos em terra abexim, o curioso padre aprendesse, pelo menos, os rudimentos da língua local. De facto quando relata a intenção do embaixador regressar à corte do *Preste*, após ter falhado o encontro com a armada de D. Luís de Meneses, levando consigo toda a pimenta recebida para aprovisionamento da embaixada, Álvares refere que «Eu ia somente a levar as cartas ao Preste e as tornar na sua língua.»⁵⁰¹ Seja como for denota-se a preocupação, aliás frequente nos escritos da época de reproduzir significantes, segundo a grafia portuguesa, sejam palavras, nomes próprios, designações de cargos, nomes de terras e mesmos pequenas frases, num esforço de inteligibilidade da língua autóctone, tentando-se esclarecer o seu significado muitas vezes num esforço de encontrar um sinónimo ou realidade correspondente ou paralela na língua e realidade portuguesas.

Não encontramos muitas referências explícitas a textos escritos europeus na obra de Álvares⁵⁰², embora a intertextualidade fosse uma prática corrente na época, uma vez que a recorrência a textos alheios era prática comum, não existindo a noção de plágio⁵⁰³. Excepção na obra de Álvares é a referência, a propósito do reino lendário das amazonas, a uma obra, cuja informação, aliás, é corrigida pelo o autor quando afirma:

499 *Ibd.*, pp.87/88

500 *Ibd.*, p.130

501 *Ibd.*, p.315

502 Segundo a opinião de Jean Aubin, «Son honnêteté naturelle aidant, son manqué de culture fait de lui un excellent observateur. Il n'y a pas trace dans son livre de ce savoir antique qui rend parfois si décevant, et souvent si fastidieuse, la lecture de voyages (...)», Jean Aubin, *op cit.*, p. 194

503 «Estamos agora numa área pouco segura, que confronta o território do plágio, mas que com ele não pode ser levemente confundida, uma vez que as regras clássicas da retórica não excluíam o recurso à imitação, que nem sempre foi olhada da forma depreciativa com que a encaramos nos nossos dias. Na época de Diogo do Couto, aliás, estava vulgarizada a prática de recorrer a textos alheios, sem grandes preocupações de identificação exacta do respectivo proprietário intelectual. Ou seja as dívidas textuais nem sempre se pagavam, sem que tal actuação fosse considerada imoral ou criticável.», Rui Manuel Loureiro, *A Biblioteca de Diogo do Couto*, Instituto Cultural de Macau, 1998, p.17; «O recurso a passagens de uma fonte consultada não é na altura considerado plágio mas é tido pelo autor como uma comprovação do que é dito (...)», Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente*, p. 71

«(...)e não(...)como nós dizíamos ou nos diz o livro do Infante D. Pedro, porque estas amazonas (se estas são) tôdas têm marido geralmente todo o ano e sempre em todo o tempo com elas(...)fazem sua vida.»⁵⁰⁴ Pensamos que a obra referida se trata provavelmente do *Livro do Infante D. Pedro de Portugal*, de Gómez de Santisteban⁵⁰⁵, ou uma sua versão, dada a popularidade de que gozava na época, citado contudo com dúvida e reserva pelo autor.

Existem, no entanto, numerosas referências a livros religiosos, que seriam inclusivamente transportados nas viagens, mesmo no interior da Abissínia. Quando oficia a missa de Natal perante o Preste, P. Francisco refere «(...) levei lá quantos livros tinha, posto que bem fora eram da festa, sómente por fazermos número porque êles são muito de perguntar por livros e abri-los todos no altar.»⁵⁰⁶ Aliás os etíopes ficam fascinados pela cultura livresca europeia e inquirem frequentemente sobre os livros levados pela embaixada e seu conteúdo. Sabemos que uma dessas obras era o *Flos Sanctorum*, que o Preste solicita ao Padre para conhecimento da vida de alguns santos de devoção local.

Embora Francisco Álvares afirme a dado passo «(...) havia seis anos que navegava e não trazia livros e a memória se trespassava.»⁵⁰⁷, o facto é que os livros (especialmente alguns de carácter religioso) parecem ter feito parte da bagagem transportada na carreira das Índias e a importância do livro, como objecto de valor e de divulgação cultural é atestado pelos cerca de mil e quinhentos volumes, na maioria impressos, que D. Manuel teria enviado no presente inicial ao Preste em 1515⁵⁰⁸. A referida obra religiosa era provavelmente propriedade do clérigo, uma vez que não são mencionados livros nos presentes que foram efectivamente entregues ao Preste⁵⁰⁹.

Como vimos a veracidade é atestada pela experiência e se o conhecimento não é obtido directamente pelo autor deve pelo menos ser ou verosímil ou obtido de uma fonte credível; o que não é credível é devidamente apontado. Isto não implica que pontualmente não se verifique a intromissão do fabuloso ou mítico nas obras descritivas dos descobrimentos, resultado do atavismo de uma longa tradição cultural ou de falsas informações ou impressões persistentes, que tendo sido tidas por verdade

504 Álvares, p.359

505 Vide Cap. I do presente trabalho

506 «Vêm com outro recado dizendo se tínhamos aquilo em livros que eram melhores os nossos livros que os seus, porque os nossos livros tinham tôdas as cousas.», Álvares, p. 233

507 *Ibid.*

508 Cf., Rui Manuel Loureiro, *op. cit.*, p.33 e David Hook, *op. cit.*, p.306

509 Vide, David Hook, *op. cit.*, p.316

tanto tempo continuam a ser confundidas ou identificadas com ela ou ainda, ocasionalmente, e em alguns autores, uma vontade de suscitar e cativar a atenção do leitor⁵¹⁰. Aliás muitas obras de conteúdo fabuloso continuam a ser impressas e reimpressas e a circular na Europa em pleno séc. XVI, «(...) que não é ainda o século da Razão, mas o da sombra e luz interpenetrando-se.»⁵¹¹, como afirma Vitorino Magalhães Godinho. No entanto esta influência do fabuloso, no que diz respeito ao nosso autor, apenas se faz sentir pontualmente e em relação a territórios desconhecidos, que não foram por si visitados ou dos quais não obteve testemunhos credíveis. Territórios estes, envoltos em mistério, já para além das fronteiras das terras do *Preste*, acerca dos quais o autor pode ceder a referir o maravilhoso, como já vimos acerca do reino das amazonas que se localizaria na parte Sul do reino de *Damut/Damôte*, embora sempre com a preocupação de rectificar dados⁵¹².

Por sua vez no reino de *Gojame*, local onde nasceria o Nilo, «(...) dizem que há nêles grandes lagos como mares, que há neles homens e mulheres marinhos e alguns afamam isto de vista.»⁵¹³. No entanto Francisco Álvares não parece muito crédulo: acerca das amazonas e do ouro do seu reino, afirma: «(...) *eu o digo como o ouvi.*»⁵¹⁴; e em relação às criaturas fabulosas do reino de *Gojame*: «(...) *não creio nem eu o afirmo, digo como ouvi no geral e não a pessoas que alegue.*»⁵¹⁵

As provas documentais, por vezes transcritas neste tipo de obras, não são frequentes em Francisco Álvares. Apenas na segunda parte é incluído material exógeno como é o caso da tradução da carta do *Preste* a Diogo Lopes de Sequeira, entregue ao novo governador Lopo Vaz de Sampaio⁵¹⁶ e das missivas enviadas ao já falecido D. Manuel e ao seu sucessor, D. João III⁵¹⁷, além das já referidas respostas às questões do Arcebispo de Braga.

510 Luís de Albuquerque sublinha o « (...) hibridismo de muitos textos da época em que se procurou manter um compromisso entre a realidade contada pelos marinheiros e mercadores, com informações colhidas nos chamados Livros de Maravilhas dos séculos imediatamente anteriores.», Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, p.202

511 V. Magalhães Godinho, *op cit.*, p. 92

512 « (...) nas cabeças destes reinos de Damute Gorage contra o Sul é o reino das amazonas (...) e não segundo me parece e me contaram como nós dizíamos (...) e não têm rei e têm rainha; esta não é casada nem tem marido certo, contudo não deixa de fazer filhos e filhas e a filha é herdeira em seu reino. Dizem ser mulheres de condição muito guerreiras e pelejam em cima de vacas e que são grandes frêcheiras e de pequenas lhes fazem secar a mama esquerda por causa de não estorvar o tiro da frecha. Dizem mais haver neste reino das amazonas muito infindo ouro (...). Os maridos destas mulheres dizem não serem guerreiros que elas os escusam.», Álvares, p. 359

513 *Ibd.*, p.361

514 *Ibd.*, p.359

515 *Ibd.*, p.361

516 *Ibd.*, pp. 381/388

517 *Ibd.*, pp.402/414

O critério de precisão descritiva, valorizando o conhecimento concreto e objectivo, que vigora entre os autores da época, implica um enquadramento referencial para percepção de diferentes realidades. Este aspecto remete-nos para a emergência de uma nova noção de medida e de número na avaliação do real, ou seja para o aparecimento de uma mentalidade quantitativa, emergente dentro de um paradigma ainda em grande medida qualitativo. Como refere Ana Paula Avelar, «A *medida*, a necessidade de precisão, é algo que atravessa e se torna premente no século XVI.»⁵¹⁸

Segundo A. Marques de Almeida esta quantificação foi possível graças à adopção do sistema árabe de notação numérica, a partir do séc. XIV/ XV (com resistências porém do velho sistema latino até bem mais tarde) no contexto da vida prática do comércio e navegação, facilitando uma nova linguagem de descrição do real e do material. Mas esta quantificação não implica uma matematização, nível mais complexo e abstracto de descrição do real (de ocorrência mais tardia com as mudanças epistemológicas do séc. XVII), mas, segundo o mesmo autor, apenas uma aritmetização do real ⁵¹⁹, com um nível suficiente para suprir a necessidade de uma nova forma de descrição da realidade aproximativa às suas medidas e proporções. E, embora o qualitativo e o quantitativo coexistam ainda na descrição do real, interpenetrando-se, como sublinha V. M. Godinho, «(...) se a formação de uma atitude quantitativista, em campos restritos embora, começa a alterar a concepção do universo e a maneira de viver dos homens, no qualitativo a mudança não é de menor alcance: trata-se da conquista da precisão descritiva e narrativa.»⁵²⁰

Esta preocupação com a medida e a precisão denotam-se nas descrições que Álvares efectua do espaço, da natureza e dos habitantes da Etiópia. Tomemos como exemplo a descrição que nos faz das ruínas antigas de *Aquaxumo*:

«Esta pedra [das ruínas de Aquaxumo] é de *comprido de sessenta e quatro côvados e de largo seis, em as ilhargas têm três*, muito direita e muito bem lavrada tôda feita em crastas de baixo até uma cabeça que faz como lua meada, (...) para o meio- dia.(...) E para que não digam como se podia tão alta pedra medir, já disse como era tôda em crastas, até o pé da meia lua. *E estas são de um compasso e aqueles que podíamos chegar medíamos e para estas lançávamos conta às outras e*

518 Ana Paula Avelar, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, p.31

519A. Marques de Almeida, «Aritmetização do real na Sociedade Portuguesa-século XIV-XVII» in, *A abertura do Mundo*, pp. 153-165

520 V. Magalhães Godinho, *op. cit.*, p.86

*achámos sessenta côvados e à meia lua dávamos quatro, posto que ela fôsse de mais, assim fazem sessenta e quatro.»*⁵²¹

Descrevendo antigas pedras no mesmo local calcula que uma delas «(...) *passa de oitenta côvados e tem dez de largo* (...)»⁵²²; quanto às arcas antigas que se encontram nuns compartimentos subterrâneos estabelece para: «(...) *cada uma de quatro côvados em comprido e um e meio de largo e outro tanto de altura* (...)»⁵²³. É igualmente exemplificativo a forma como descreve a Igreja de S. Salvador quando visita *Lalibela*⁵²⁴.

A preocupação com a notação precisa do espaço é patente, por exemplo na configuração da campina onde está instalada a igreja de *Macham Celacem*: «(...) *para a parte de cima será uma légua e para a outra parte duas e para outra três e para outra parte, no baixo que é contra o Sul, serão quatro ou cinco léguas.*»⁵²⁵ Mas a uniformização do sistema de medidas está ainda muito longe e «misturam-se(...) apreciações mais ou menos exactas,(...), com outras de características acentuadamente empíricas que, no entanto, visam ser precisas.»⁵²⁶, conjugando vários tipos de saberes práticos.

Assim, as dificuldades de aferição de medidas são resolvidas de diversas formas pelo autor: o circuito da igreja de *Aba Pantaleão*, em *Aquaxumo* «Não é mais de largueza do peitoril [muro que cerca a igreja] ao corpo da igreja que quanto *três homens juntos puderem andar por mãos.*»⁵²⁷; na terra de *Abugima*, em *Angote/Angôt*, relativamente ao mosteiro em *Acate*, construído numa gruta, menciona que «(...)Ante a porta desta casa está um muro de *dez ou doze braças de comprido e alto*(...) e entre o muro e as portas do mosteiro (...) são *cinco braças* (...)»⁵²⁸; outra igreja a duas jornadas da anterior: «(...) tem uma grande e rica igreja em outra lapa, a qual lapa a meu juízo em ela caberão *três grandes naus com seus mastros e a entrada dela, não é mais que quanto poderão entrar dois carros com seus fueiros.*»⁵²⁹.

521 Álvares, pp. 91/92

522 *Ibd.*, pp. 92 e 93

523 *Ibd.*

524 « (...) está só em uma roca talhada, é muito grande, tem no vão comprido duzentos palmos e de largo cento e vinte. Tem cinco naves, em cada uma sete colunas de quadra, a grande quatro palmos e outro tanto têm as paredes da igreja. As colunas muito bem lavradas e arcos que descem, quantidade e grossura, de um palmo no baixo da abóbada (...)», *Ibd.*, p.134

525 *Ibd.*, p.165

526 Ana Paula Avelar, *op cit.*, p.41

527 Álvares, p.96

528 *Ibd.*, p.128

529 *Ibd.*, p.129

Como podemos constatar as referências oscilam entre padrões mais ou menos uniformizados e ainda muito assentes na medida humana e outros retirados do contexto náutico e militar. Tal é o caso do *tiro de besta* ou *tiro de espingarda*; das medidas em *lanças*; utiliza-se também um espaço padronizado: o campo de *jogo de mancal*, por vezes também chamado *malhão*, uma espécie de jogo da malha⁵³⁰.

As distâncias entre as localidades serão da mesma forma medidas através de um processo empírico, ou seja o tempo levado a percorrê-las, como é patente nos exemplos seguintes: «(...) e a grandeza desta terra de Doba, *será de comprido grandes cinco jornadas*(...)»⁵³¹ ou «Será esta terra de Abugima de *comprido seis dias de caminho e de largo três*.»⁵³². A serra onde vivem os parentes do Preste «(...) dizem ser redonda por cima *andadura de quinze dias* e parece-me que o *será*(...)»⁵³³. A correlação com o sistema incipiente de medição de distâncias etíope, não deixa de ser notado pelo nosso autor:

« Nesta terra nem em todos os reinos do Preste João não há léguas e se preguntais quanto há dêste lugar a tal lugar dizem-nos: - Se partirdes pela manhã quando sair o sol, chegareis quando o sol fôr em tal lugar e se andardes pouco chegareis lá quando encerrarem as vacas à noite; e, se é longe ,dizem:- Chegareis em um sambete, que é uma semana, e, assim, assinam segundo as distâncias. E porque eu disse que de Barué a Barra haveria três léguas e meia até quatro, isto é, ao nosso parecer (...),e, nós as andámos depois por muitas vezes e partíamos de um e íamos jantar ao outro e negociávamos e tornávamos donde partíamos com sol e os da terra contam isto por andadura de um dia, porque caminham muito pouco.»⁵³⁴

A importância assumida pelo quantitativo no quotidiano quinhentista é patente na preocupação da tradução de certas realidades em números, como denotamos nas seguintes observações de Francisco Álvares: «Eu sempre ouvi dizer que havia neste mosteiro [de Bisão] três mil frades e *porque eu muito o duvidava*, vim aí ter uma festa de Nossa Senhora de Agosto para ver se se ajuntariam. (...). *A meu juízo os frades não passariam de trezentos* e os demais mui velhos.»⁵³⁵

530«Há outra casa [entre as ruínas de Aquaxumo] que é mais larga e não tem mais que casa dianteira e uma câmara. Da porta de uma à porta da outra será um jogo de mancal (...)», *Ibd.*, p.93

531 *Ibd.*,p.113

532 *Ibd.*,p.127

533 *Ibd.*,p.153

534 *Ibd.*, p. 51

535 *Ibd.*, p.41

Com efeito torna-se comum entre os viajantes coevos a enumeração de listas de números e dados⁵³⁶. Estes são ainda meramente aproximativos, no entanto, Álvares tem em conta a sua procedência e verosimilhança⁵³⁷.

Esta mentalidade que valoriza o quantitativo em relação ao económico transparece na tentativa, quiçá um pouco confusa, de estabelecimento de equivalências de preços entre os sistemas conhecidos: «Em todos os reinos do Preste João não corre moeda, senão ouro a pêso e o principal pêso se chama ouquia e o que é uma onça faz em pêso dez cruzados e por miúdo meia ouquia e daí doze o drame e dez drames fazem uma ouquia.» Noutra passagem P.e Francisco ensaia uma tentativa de estabelecer o câmbio dos valores etíopes:

«Neste lugar onde se colhe êste sal [que serve como medida de valor e troca] dizem que valem cento e vinte, cento e trinta pedras o drame e o drame (como já disse) vale trezentos reais segundo nosso estimar. E logo em uma feira que está em nossa estrada [Corcora] (...), que será uma jornada, onde se o sal tira, já vale menos cinco, seis pedras, e assim vai diminuindo de feira em feira, Quando chega em côrte vale seis, sete pedras o drame. Eu as vi já cinco o drame quando é inverno. É o sal muito barato onde se tira e muito caro na côrte, porque não corre caminho.»⁵³⁸

Também os tributos pagos ao *Preste* são objecto de escrutínio do clérigo: as colchas ou *basutos* «(...) são de preço o que menos vale, não desce de ouquia e valem dois, três, quatro até cinco ouquias e mais trinta mil panos de algodão de pouca valia que valem dois um drame e à vezes menos.»⁵³⁹ Ao referir o reino de *Angote/Angôt* tenta estabelecer uma correlação entre uma espécie de pás de ferro que usam como meio de troca nessa região e o *cruzado* português, a moeda árabe (o *drame*) e as já referidas pedras de sal etíopes⁵⁴⁰.

O quantitativo estende-se também à noção de tempo, que passa a ser medido, cronometrado, impondo-se tanto o tempo astronómico, abstracto, necessário para a navegação, como o tempo marcado pelo desenrolar do dia, ou marcado pelos serviços

536 Vide, Antoni Maczak, «Renaissance Travellers' power of measuring» in, *Voyager à la Renaissance*, Jean CEARD e Jean Claude MARGOLIN (ed.), *Voyager à la Renaissance*, Actes du Colloque (Tours, 1983), Paris, Maisonneuve & Larose, 1987, pp. 245/253

537 «(...) quanto ao número[de clérigos ordenados numa cerimónia] que nomeei que foram dois mil, trezentos e cinquenta e sete, eu os não contei, mas perguntei a quem tinha o cargo e êle me disse êste número e certo me parece que seria verdadeiro.», Álvares,...,p.260

538 *Ibd.*, p.108

539 *Ibd.*, p.331

540 *Ibd.*, p.127

religiosos, adaptando-se também ele aos imperativos da vida prática. De facto, segundo as palavras de Ana Paula Avelar, «Tendo como um dos propósitos da narrativa o contar o que aconteceu, é essencial localizar o registo, encontrar o modo como o presente e o passado se dispuseram, assinalar os dias, os meses, e os anos. Estas são, a par do fluir cíclico das estações, as *unidades naturais*. Denota-se um cuidado neste registo.»⁵⁴¹

A precisão na localização temporal traduz-se no precisar dos dias e meses, embora mesclado frequentemente com dados do calendário litúrgico. Encontramos este tipo de notações de tempo em Francisco Álvares. Logo no início da sua narrativa Álvares, começa por referir-nos: «(...) chegámos à dita ilha de Maçuá *segunda feira das oitavas da Páscoa, 7 dias do mês de Abril de 1520* (...)»⁵⁴². Outros exemplos da utilização do calendário litúrgico para apoiar a referenciação precisa do tempo, está patente em expressões como «um *Sábado antes da Ascensão*»; referindo ainda, o dia da Santa Cruz de Maio ou de Santa Catarina⁵⁴³. A notação dos dias e meses permite-nos acompanhar cronologicamente a progressão da embaixada em direcção à corte do *Preste* e a sua estadia inicial. Como já vimos, a narração dos seis anos que a missão portuguesa passa em terras etíopes não será tão detalhada, perdendo-se a forma de entradas diárias, mas esta é retomada no final da narração, quando da partida. Também a segunda parte da obra tem numerosas e precisas notações temporais, permitindo acompanhar o regresso da expedição ao reino e à presença do rei.

Por vezes são mesmo dadas referências aproximadas de horas como se denota nos exemplos seguintes: «Á quarta-feira, primeiro dia do mês de Novembro, *uma hora ou duas andadas da noite*, nos mandou chamar o Preste por um pagem.»⁵⁴⁴ ou «Nós jazendo dormindo em nossa tenda, *pouco mais ou menos meia-noite*, ouvimos grande trapala de mulas e gente que passava junto de nós (...)»⁵⁴⁵, recorrendo o autor frequentemente às horas litúrgicas, como as *horas de vésperas*.

No entanto, e como observa Antoni Maczak, «The age still had very little experience with quantifications and not many travellers had personal experience with counting and evaluating figures.»⁵⁴⁶ De facto o pensamento da época, segundo as palavras de Luís Filipe Barreto, «(...) afirma-se por uma lógica de paradoxo que alberga, maioritariamente, a última idade qualitativa do mundo e, minoritariamente, os

541 Ana Paula Avelar, *op cit.*, p 37

542 Álvares, *op cit.*, p.10

543 *Ibd.*, pp.24, 37 e 221

544 *Ibd.*, p.190

545 *Ibd.*, p.239

546 Antoni Maczak, *op cit.*, p. 246

primeiros enunciados duma futura idade quantitativa.»⁵⁴⁷ Com efeito as dificuldades encontradas no uso de uma correcta quantificação e meios de a avaliar são consideráveis, tendo em conta, por exemplo, a enorme diversidade e disparidade das medidas padrão existentes. Contudo, como afirma ainda Antoni Maczak, os viajantes «(...) had to transmit their impressions to their readers(...) they had to translate their often originally vague-impressions into terms familiar to their audience at home. A comparable phenomenon from the motherland was best fit to become the yardstick. There is why the comparative degree happened to be much more useful and informative than the positive one (...)»⁵⁴⁸.

Este recurso ao método descritivo socorre-se do uso da analogia dentro de um enquadramento referencial que permita perceber o diferente, ou seja descrever o que se vê através de «(...) figuras partilhadas pelo sujeito que escreve e pelo seu leitor e ouvinte.»⁵⁴⁹ Também em Francisco Álvares se denota a preocupação em alcançar a precisão descritiva pela analogia, pois, «a clareza discursiva e a aproximação do leitor da descrição é um dos mais constantes cuidados destes autores.»⁵⁵⁰

Vejamos alguns exemplos que encontramos na sua obra: acerca da paisagem junto aos mosteiros na terra do *Barnagais*, refere o autor: «A penedia de que são estas rochas tem o grão dos *muros do Pôrto* de Portugal e são penedos mui grandes.»⁵⁵¹; mais adiante, ainda no reino de Tigré, no lugar de *Abafazem* «(...) está uma mui boa igreja de Nossa Senhora mui bem feita(...). *Entre- Douro e Minho em Portugal há mosteiros desta feição.*»⁵⁵²; em relação à Igreja de *Abas Pantaleão*, em *Aquaxumo* «(...) assim esta é cercada de sepulturas de canto, *como Braga, em Portugal.*»⁵⁵³; sobre o Mosteiro de *Acate* em *Abugima*: «E porque digo que está em cruz é desta maneira: seja *da feição e tamanho de um mosteiro de São Frutuoso que está junto da cidade de Braga no reino de Portugal.*»; na mesma região «Os gados, assim vacas como ovelhas e cabras, muito pequenos, *como na terra da Maia, entre Douro e Minho, em Portugal.*»⁵⁵⁴

As comparações repetem-se a cada passo e não se confinam apenas à zona norte de Portugal, como podemos verificar nas seguintes passagens: «Esta farinha é de

547 Luís Filipe Barreto, *op cit.*, p. 195

548 Antoni Maczak, *op cit.*, p. 246

549 Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente*, p.278

550 *Ibd.*

551 Álvares, p.29

552 *Ibd.*, p. 83

553 *Ibd.*, p.96

554 *Ibd.*, pp.127 e 128

cevada torrada e feita em farinha e com muito pouca água à *alentejana*.»⁵⁵⁵ Trata-se de uma tentativa de, segundo a expressão de Luís Filipe Barreto, «(..)fixar o acontecido nas malhas do conhecido(..)»⁵⁵⁶.

Por vezes são as enumerações das qualidades o meio de transmitir a impressão causada no autor, por intermédio de expressões valorativas. Desta forma as serras podem ser *mui altas* ou *mui grandes*; os animais *formosos* ou *feros*; as aldeias e acomodações *mui boas* ou *mui más*; os objectos e alimentos *mal feitos* ou *bem-feitos*, como um certo pão de cevada, *bem mal feito*⁵⁵⁷.

Para finalizar, o relato corporiza uma intencionalidade. Neste caso tem origem numa missão oficial, cujos objectivos se prendem com o encontro entre dois povos, que comungam de uma matriz inicial cristã e seu conhecimento mútuo. Assim, neste seu relato e nas direcções que toma o seu *olhar* revela-se a intencionalidade de Francisco Álvares no sentido de transmitir o *novo e verdadeiro*, assumindo-se como sujeito consciente da sua actuação pessoal, embora integrado e subordinado ao interesse da nação portuguesa⁵⁵⁸.

A escolha e agrupamento dos *topos* descritivos definiram ou influenciaram a forma europeia de ver/entender/imaginar o chamado reino do *Preste João* nesta obra matricial para a construção de um olhar europeu sobre essas paragens. Com efeito as informações relativas à Etiópia, numa perspectiva de estratégia da política europeia no Oriente e a curiosidade sobre a forma de cristianismo aí praticado, suscitam grande interesse numa Europa onde as lendas dos *Livros de Maravilhas* continuam a circular e a figurar nas bibliotecas da época. Estas serão paulatinamente rectificadas e substituídas por um novo imaginário, construído a partir da percepção do real dentro do molde europeu de apreender⁵⁵⁹ o que lhe é *exótico*⁵⁶⁰. Exotismo esse, que suscita a curiosidade, o espanto e o encantamento do público letrado do Velho Continente.

⁵⁵⁵ *Ibd.*, p.51

⁵⁵⁶ Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento*, p.57

⁵⁵⁷ Álvares, p.173

⁵⁵⁸ Como refere Luís Filipe Barreto, «Ao fazer uma escolha de assuntos a privilegiar, dos elementos a tratar com maior atenção, um autor [com as características de Álvares] (...) , não está a produzir uma escolha individual (...). Pelo contrário, o homem médio (...), faz uma escolha social objectiva que tem em conta os factores-chaves que no seu mundo presidem ao interesse pela viagem e escrita dela resultante.», Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento*, p.135, o que é negavelmente verdade; mas consideramos existir uma zona de subjectividade em cada escrito impossível de ser submetida ao imperativo social. Cf. Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente*, p.149. Daí a possível censura a que teria sido submetido o manuscrito.

⁵⁵⁹ «Assim se absorve o exotismo mitificado por relatos distantes e difusos que foram correndo pela Europa e que agora assumem o registo de um olhar próprio de uma nação europeia.» Ana Paula Avelar, *Visões do Oriente*, p. 273

2.2- A *História de Etiópia* : Discurso histórico em torno do *Reino do Preste*

A obra de Pêro Pais, que pretendemos analisar no nosso trabalho, insere-se na estratégia de missionação da Sociedade de Jesus. Como já vimos a leitura e o exercício da escrita, fazem parte das incumbências desta ordem religiosa que possui, de uma forma geral, uma formação cultural superior à média da época⁵⁶¹, constituindo uma prática frequente, e mesmo obrigatória para os seus membros. Esta escrita servia, na sua maioria, o propósito evangelizador e proselitista católico ou consistia no relato das actividades dos padres da Companhia, patente na abundante correspondência. Mas foram igualmente produzidos tratados, relações de terras e viagens, obras de carácter científico, corografias e descrições geográficas, obras historiográficas, memórias sobre variados temas. Neste contexto institucional e cultural se insere a multifacetada *História...* de Pêro Pais. Também esta obra conhece um percurso atribulado, não tendo tido a ventura de ser publicada em português antes do século XX e apenas conheceu uma edição crítica já no século XXI. Tentaremos, em seguida, acompanhar o seu percurso e conhecer o seu rico conteúdo.

2.2.1- Da Escrita e Destino da Obra

A maioria dos autores reporta a razão inicial da redacção da *Historia de Etiopia* do P. Pêro Pais à rivalidade entre a Companhia de Jesus e a Ordem de S. Domingos no âmbito da missionação ultramarina⁵⁶². De facto os métodos inovadores da Sociedade de Jesus, baseados na sua supremacia cultural, a sua estratégia activa de intervenção no “século” e a eficácia dos seus método, granjearam-lhes desde cedo fortes antipatias no seio da sociedade católica, suscitando «(...) um elemento de concorrência forte na relação com as ordens congéneres e até com outros pólos de poder e interesse na Igreja

560 Sobre a concepção de exotismo e a Literatura da Expansão, Vide, Maria Leonor Carvalhão Buescu, «O Exotismo ou a “Estética do Diverso” na Literatura Portuguesa» in, *Literatura de Viagem-Narrativa, História e Mito*, Lisboa, Cosmos, 1997, pp.565/578

561 Vide, Cap. I do presente trabalho

562 Vide, Hervé Pennec, *op cit.*, p. 245

e na sociedade.»⁵⁶³. Entre essas ordens, salientam-se os Dominicanos e Franciscanos, sendo os primeiros particularmente activos desde os primórdios da Companhia (como por exemplo as posições críticas do teólogo dominicano de Salamanca, Melchior Cano, no Concílio de Trento⁵⁶⁴). Estas rivalidades são particularmente visíveis nas polémicas que estalam além-mar, a propósito da actividade missionária, face ao poder e ascendência da Companhia de Jesus. Para lá das críticas à concorrência desleal, as outras ordens religiosas acusavam os métodos de evangelização inicianos nomeadamente o recurso à coerção e mais frequentemente as práticas de adaptação e acomodação dos missionários jesuítas aos costumes estranhos ao catolicismo de certas regiões, especialmente utilizada em sociedades com um considerável grau de desenvolvimento, como forma insidiosa de condução a Cristo⁵⁶⁵.

É no quadro desta rivalidade entre Jesuítas e Dominicanos que surge em Valência a obra do frade dominicano Luís de Urreta. Em 1610 é publicada a *Historia Ecclesiastica, Politica, Natura, y Moral, de los Grandes, y remotos Reynos de la Etiopia, Monarchia del Emperador, llamado Preste Iuan de las Indias*. No ano seguinte saí do prelo a *Historia de la sagrada Orden de Predicadores, en los Remotos Reynos de la Etiopia*, «(...) aparentemente concebida como uma segunda parte da anterior, mas apresentada como autónoma na folha de rosto que a dá por impressa em 1611.»⁵⁶⁶, que historia uma pretensa penetração dominicana na Etiópia, vinte sete anos após a fundação da ordem, e sua instalação nesse território, com os seus conventos, santos e mártires⁵⁶⁷.

Com efeito, desconhecendo a realidade etíope, Urreta, como ironiza Manuel Severim de Faria, cómodamente instalado «entre os bosques, e delícias de Valencia»⁵⁶⁸

563 José Eduardo Franco, *op cit.*, p.56. Segundo o mesmo autor, «Se a opinião maioritária dos regulares era contrária à Companhia de Jesus (por razões que se prendem com as dúvidas dos especialistas em relação à natureza do seu instituto), (...)o sentimento de hostilidade não deixava de englobar razões de carácter menos nobre, como sejam o receio da sua concorrência e uma certa inveja em relação à sua rápida auferição de privilégios e outras regalias concedidas pelos monarcas e outras figuras de poder político e religioso.»*Ibd.*,pp.103/104

564 *Vide, Ibd.*,p.71

565 Para esta temática, *Vide, Ibd.*, pp.193/242 e Adriano Prosperi, que afirma acerca das estratégias de conversão: «Nessa época, o princípio segundo o qual os príncipes deviam ser conquistados com todas as artes possíveis era algo de óbvio, e a arte que então dominava era a da direcção das consciências. Dominar a consciência dos príncipes equivalia a governar através deles, e, como o fim era bom(...) [a salvação das almas], também os meios deviam ser considerados bons.», «O Missionário» in, *O Homem Barroco*, Lisboa, Presença, 1995, p.165

566 Isabel Boavida, « História e Fábula: a discussão em torno das “Histórias “ de Fr. Luís de Urreta no século XVII » in, *Literatura e História- Para uma prática interdisciplinar*, Actas do Colóquio, Lisboa, Universidade Aberta, 2005, p.181

567 *Vide*, Fr. Luís de Urreta, *Historia de la Sagrada Orden de Predicadores, en los remotos Reynos de la Etiopia...*, Valência, Casa de Juan Chrysostomo Garriz, 1611

568 Manuel Severim de Faria, «Vida de Diogo de Couto» in, Diogo de Couto, *Da Asia de João de Barros e de Diogo do Couto*, Vol. 10, Década Quarta, Parte Primeira, Lisboa, Na regia Officina TYpografica, 1788, p.XVIII

efabula um reino maravilhoso e ortodoxamente católico. Mas para além do carácter fantasioso das obras, e como não deixa de apontar o próprio Pais, «O q principalmente pretende Fr. Luís de Urreta no 2º Tomo de sua historia Ethiopica, he mostrar, q a religião do glorioso S. Domingos tem muitos e prodigiosos santos nas terras q senhorea o Preste João(...)»⁵⁶⁹, retomando a ideia ao afirmar que «(...)a principal cousa, q frei Luiz de Urreta pretende em sua Historia Ethiopica, seja mostrar q os Emperadores de Ethiopia e seus vassallos não são nem forão nunca christãos cismaticos, senão muito obedientes a santa Igreja romana(...)»⁵⁷⁰. O provável objectivo das obras de Urreta seria provar a antiguidade da presença dominicana na Abissínia⁵⁷¹ e o êxito do catolicismo, tentando desacreditar a acção jesuíta nessa região. Pelo menos assim o entendem os membros da Companhia, além do mais, confrontados com as histórias incríveis contidas nas obras. Estes relatos fantasiosos redigidos pelo dominicano⁵⁷² foram sujeitas ao escrutínio da Companhia de Jesus e à consequente crítica que visava sua falta de lucidez e a falsidade de informações registadas⁵⁷³.

De facto, a obra de Fr. Luís de Urreta, *Historia Ecclesiastica, Politica, Natural, y Moral, de los grandes e remotos Reynos de la Etiopia...*, centra-se num « (...) problema da definição de limites entre a história e ficção literária. Para os padres jesuítas envolvidos, essa delimitação era um imperativo à luz da lógica racionalista que se instalava nos discursos. Na (...) obra de Fr. Luís de Urreta esses limites foram suspensos, cabendo nela tópicos que tinham tido lugar nos Livros de Maravilhas e Cavalarias.»⁵⁷⁴ De facto, Urreta recuperando a tradição da *Carta do Preste João das Índias*, ou misturando informações de proveniência diversa (a sua principal fonte seria

569 Pais,, Vol. II, p. 216; provavelmente Urreta reporta-se aos primeiros enviados ao Preste/Imperador da Etiópia, no século XIV, *Vide*, cap. I do presente trabalho

570 Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 311

571 O que tenta fazer confundindo a presença dominicana com referências a frades, provavelmente do Oriente, muito antes do nascimento de S. Domingos. *Vide, Ibid.*, p. 150

572 Segundo Isabel Boavida, essa obra, apesar de uma certa qualidade literária, ter-lhe-ia valido o descrédito póstumo mesmo no seio da sua ordem desaparecendo inclusive do inventário, por ela verificado, da livraria do Real Convento de Predicadores de Valência, terminado em 1699. *Vide, op. cit.*, pp. 182-183

573 *Vide*, Cap. I do presente trabalho

574 Isabel Boavida, *op cit.*, p. 190

um alegado etíope de nome João Baltasar⁵⁷⁵), transmite uma visão fabulosa de uma pretensa realidade etíope⁵⁷⁶.

Se os conhecimentos jesuítas desautorizam a versão de Urreta, é necessário repor a verdade, com a experiência adquirida no terreno. A refutação mais sistemática e pormenorizada da obra do frade dominicano pertence ao P. Pêro Pais.

De facto, como sublinham os autores da recente edição crítica da sua obra, « (...) a redacção da *História da Etiópia* (...) está em primeiro lugar, ligada a um assunto europeu peninsular: a querela entre duas ordens religiosas sobre os territórios de missão, recortada por jogos políticos envolvendo as cortes portuguesa e espanhola.»⁵⁷⁷

Todavia, a origem do pedido ou ordem para a redacção da obra de Pais é difícil de apurar. Segundo Hervé Pennec, tal instrução não se encontra na correspondência do Geral da Companhia, Claudio Aquaviva⁵⁷⁸. Mas no Prólogo da obra, Pais refere que se dedicou à sua execução, «(...)por me encarregar o Padre Provincial da India [o P.e Francisco Vieira] q o fizesse(...)»⁵⁷⁹.

Também dificilmente se estabelece uma data precisa para a sua redacção. Alberto Feio considera que Pais teria começado a recolher notas e a escrever desde 1607 com base na referência de uma carta do P. Luís de Azevedo e numa relação enviada ao Provincial por Pais, *Relaçam da entrada dos P.es da Compo^a de Jesu em Aethyopia, e de algumas cousas que nella fizeram* (1608-1609)⁵⁸⁰ (embora neste caso, sem ligação a Urreta que ainda não havia publicado a sua obra). No entanto, mais recentemente, Hervé Pennec infere a data do início da sua redacção a partir da provável chegada à Etiópia da obra de Urreta, cerca de 1613 (no mesmo lote de livros constaria a compilação de Fernão Guerreiro) e de referências ao trabalho a levar a cabo em duas

575 «(...) será bem de advertir, q, demais de q quasi todas as informações q João Baltasar deu a frei Luiz de Urreta, não só no que toca a cousas ecclesiasticas de Ethiopia, mas também nas politicas da paz, e da guerra, ritos e costumes, são meras ficções e cousas prodigiosamente fabulosas nas descrições geographicas, situação, graduação de terras, Reynos, Provincias, mares, ryos e alagoas não diz cousa com cousa, senão tudo tão misturado e com tão grande confusão, q não há quem o entenda; e nos nomes proprios das cousas he necessario adivinhar pera saber de q falla;(...)» Pais, Vol. I, pp.13/14; sobre a origem ou construção deste personagem, Vide, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp.24/25

576 Sobre o assunto Manuel João Ramos sublinha que a polémica entre as duas obras se manifesta ainda «(...)como um expressivo sinal da estreita dependência ideológica que o olhar seiscentista europeu sobre a Etiópia ainda manifestava em relação ao molde discursivo da Carta do Preste João.», que influencia não só a ficção dominicana, como parte da estratégia de conversão jesuíta, ao incidir especialmente sobre o Imperador, partindo da concepção da autoridade do rei como soberano e sacerdote, manifesta na Carta. Segundo o mesmo autor importaria proceder a uma análise comparativa entre este texto e outros, que circulariam na Europa à época, como o texto de Pietro Duodo sobre a Etiópia, de 1578, Vide, Manuel João Ramos, «O Destino Etíope do Preste João» in, *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens...*, pp.249/250 e nota 20

577 «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.21

578 Hervé Pennec, *op. cit.* p.247

579 Pais, p.3

580 Alberto Feio, *op. cit.*, p.XXX

cartas, uma dirigida ao provincial de Goa, o P. Francisco Vieira e outra ao seu mestre, Tomás de Ituren, de 1615⁵⁸¹.

Depois de estudar com cuidado as obras de Urreta e de enviar um relatório ao Provincial, Pais terá sido encarregue da redacção da obra, c. 1615⁵⁸², tarefa que se estendeu até 1622, tendo coincidido praticamente com a data da sua morte (a mais provável é 20 de Maio do mesmo ano⁵⁸³). A dedicatória ao Geral da Companhia de Jesus, Mutio Vitelleschi, no manuscrito existente nos arquivos da Companhia de Jesus em Roma, tem precisamente esta data embora alguns autores (P. Manuel de Almeida e Baltasar Teles) situem o dia da sua morte no início do mês. De qualquer forma essa página manuscrita apresenta algumas linhas truncadas e as cinco últimas são escritas por uma mão diferente, assim como a data e a assinatura⁵⁸⁴. Possivelmente devem-se ao superior da missão P.e António Fernandes que assistiu Pais nos seus últimos momentos, e cuja letra apresenta grande similitude com a caligrafia dessas linhas⁵⁸⁵.

A questão da sua finalização pode ser discutível uma vez que a obra permanece na Etiópia até 1624, não tendo sido enviada pelo superior, ou dependendo da finalização da redacção do Livro II, a partir de notas que Pais havia ditado ou mais provavelmente deixado apontadas, uma vez que o estilo e a estrutura permanecem idênticos, diferindo apenas a letra do manuscrito. O final do segundo Livro pode ter sido redigido pelo P. Manuel d' Almeida, chegado à Etiópia nesse ano, como visitador da missão. Conhecedor do manuscrito, Almeida propõe mesmo a sua impressão e até tradução para latim numa das suas cartas, para permitir uma mais fácil divulgação da obra, sublinhando o facto de a crítica a Urreta ser feita por outro espanhol, o que afastaria qualquer ideia de preconceito por parte dos membros portugueses da Companhia. Juntamente com a referida carta terá remetido o manuscrito de Pais para a Índia (Maio de 1624)⁵⁸⁶.

Uma vez na Índia o manuscrito fica na posse do novo patriarca da Etiópia, D. Afonso Mendes, na residência de Baçaim, onde terá sido consultado, situação comprovada pela correspondência de Mendes e pela existência de uma nota por si

581 Vide, Hervé Pennec, *op cit*, pp.249-250 e «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp.29/30

582 Vide, Hervé Pennec, *op. cit.*, p. 251

583 *Ibd.*, p.252 e «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp. 30/31

584 «As correcções que foram feitas não foram favoráveis a Páez. (...) O que foi, de facto, rasurado pelo corrector foi o requerimento de que a obra pudesse “sair à luz”, o que parece ser a manifestação clara de um desejo de ter a obra impressa. Pode estranhar-se, no entanto, o facto deste pedido de permissão ser endereçado directamente ao geral da Companhia (...), ultrapassando a hierarquia, uma vez que a refutação fora encomendada a partir de Goa à qual estava adstrita a missão etíope.», «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p. 31

585 Vide, *Ibd.*

586 *Ap.*, Hervé Pennec, *op.cit.*, pp. 256-257

manuscrita (fl. 537), sem relação com o conteúdo e datada de 4 de Dezembro de 1624⁵⁸⁷. Mas o texto de Pais não seguiu para a Europa; pelo contrário, terá retornado com o patriarca à Etiópia a partir de 1625. Com efeito, segundo Hervé Pennec « (...)à la difference du rapport favorable de d'Almeida pour une édition et large diffusion en Europe, il jugea l'oeuvre inadaptée à une publication. Il y aurait eu un second blocage dès 1624, un processus de censure dans les milieux jésuites de l' Inde à l' égard de l' *Historia de Ethiopia* de Pero Paes.»⁵⁸⁸ Existe pois, na opinião deste autor, uma censura implícita no posterior pedido de reescrita da obra a Manuel d' Almeida. Este refere na sua correspondência, a *Historia* de Pais não teria sido impressa visto ter ficado inacabada, estar mal estruturada ou ainda apresentar incorrecções no seu português⁵⁸⁹.

Hervé Pennec propõe uma explicação para o silêncio a que foi votada:«(...) le principal étant l'incompatibilité entre la *refutatio* et l'histoire.(...) C'était une réfutation qu'on lui avait commandée et pas une refutation-histoire. Or Paes proposait une formule tout à fait nouvelle: une histoire au ressort polémique.»⁵⁹⁰. Esta postura não seria, segundo Hervé Pennec, comportável para a mentalidade jesuíta da época. Uma coisa era o exercício da polémica, outra a escrita da história, utilizando o estilo correcto; «(...) elle doit être écrite dans une langue subtile, plus recherchée et correcte, agrémentée de nombreuses références aux Anciens, aux Écritures et être cohérente et ordonnée (...)»⁵⁹¹. Assim a obra de Pais, não satisfazendo os objectivos dos seus superiores no Oriente, é vetada pela assembleia reunida a propósito da prática anual dos *Exercícios Espirituais*⁵⁹² na residência etíope de *Gorgora*, no Natal de 1625. Sublinha-se a actuação neste processo do P. António Fernandes, também ele a braços com uma obra de refutação dos erros religiosos dos etíopes, que ao contrário da de Pais, será publicada⁵⁹³.

Desta forma a não publicação da *História de Etiópia* prende-se, para Pennec, com a inadequação do seu modelo, que conciliava a polémica com a escrita da história. «A crítica que se pode apontar a Pedro Páez foi a de que ele se permitiu fazer o que não lhe tinha sido pedido. Tinha-lhe sido pedido para escrever uma refutação e não uma refutação-cum-história.(...) Páez propunha uma nova fórmula: uma história de natureza

587 Vide, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.33

588 Hervé Pennec, *op. cit.*, p.259

589 *Ap.*, *ibid.*, pp. 264 e 268

590 *Ibid.*, p. 264

591 *Ibid.*, p. 265

592 Cf. *ibid.*, p.265

593 Vide, Cap. I do presente trabalho

essencialmente polémica. Isto foi o que o levou a pesquisar (...), de forma a verificar ou contradizer as pretensões de Urreta.»⁵⁹⁴ De facto, Manuel d'Almeida na sua reescrita, abandona o primeiro aspecto que remeterá para um apêndice, mas manterá as restantes informações, especialmente os dados sobre a terra.

Por outro lado talvez o seu conteúdo não fosse o exactamente desejado pela Companhia e autoridades portuguesas para contrariar Urreta: há um certo tom contraditório entre os supostos êxitos da missionação católica e a referência à dificuldade encontrada no seio de uma cultura antiga para implantar uma nova concepção religiosa que afectava costumes arraigados a despeito da vontade e esforços do Imperador. Tal nos confirma o próprio Pais no final da sua obra⁵⁹⁵. Ou talvez a *Historia...* fosse, simplesmente demasiado extensa e o seu conteúdo demasiado heterogéneo. A tese da incompletude, imperfeição, e pobreza de estilo da obra de Pais foi aceite durante um longo período. Sabia-se da existência dessa obra, que teria estado na base do manuscrito de Manuel d'Almeida. Este foi, por sua vez, depurado por Baltasar Telles, sendo a obra deste último unânime aceite⁵⁹⁶. A utilidade do manuscrito de Pais era a de ter servido de fonte de informação para os escritos posteriores, embora certos autores denotassem que a passagem referente às nascentes do Nilo, publicada por Kircher, retirada de Pais, não coincidissem com a de Almeida⁵⁹⁷. A obra que tantos anos de vida e pesquisa haviam custado ao P. Pais é remetida aos arquivos da Companhia em Roma (ARSI, Goa 42).

Mas existe um segundo manuscrito. Trata-se de uma cópia que pode ter sido feita depois do envio para a Índia do manuscrito original, hipótese de Hervé Pennec baseada na nota que o Patriarca Afonso Mendes redigiu no original e que é igualmente copiada neste segundo manuscrito. Outra possibilidade proposta pelo mesmo autor é a de esta cópia poder também ter sido redigida na Etiópia⁵⁹⁸. Esta última hipótese tem por base a semelhança entre a caligrafia deste segundo manuscrito e a do final do Livro II, transcrito na Etiópia após a morte de Pais como já referimos⁵⁹⁹. Nessa mesma

594 «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p. 34

595 «(...)cõ tudo isso não pode effectuar o q pretende, porq, ainda q desta maneira tenha acquirido a si m.tos, os mais dos frades, e clérigos estão muy pertinazes, e continuamente andão amotinando o povo ignorante, e ainda a m.tos dos grandes metem em cabeça q nossa fee he falsa, e q há excomunhão cõtra os q ouvem nossa doutrina, e q o Emperador, e Eráz Cela Christõs, seu irmão te trocado sua antiga fee, e pretendem q todos a troquem, co q cada dia fazem alevantar cõtra o Emperador novas e perigosas embrulhadas.», Pais, Vol.III, p.247

596 Vide, Cap. I do presente trabalho

597 Cf., M. W. Desborough Cooley, «Notice sur le Père Pedro Paez», *Bulletin de la Société de Géographie*, 1872, pp.533/545; Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, *Dicionário Bibliográfico Português* e Audrey Bell, *A Literatura Portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, pp.268/269

598 Hervé Pennec, *op.cit.*, nota 58, p.258

599 Idêntica hipótese é subscrita por Alberto Feio, *op. cit.*, p.XXVII

caligrafia aparecem notas e correcções à margem do manuscrito original, que são transcritas também no segundo, provavelmente por um membro da missão. Após a expulsão da missão católica, o manuscrito deverá ter sido depositado no Colégio de Rachol⁶⁰⁰. Trata-se do manuscrito do Arquivo Distrital de Braga (ADB, Ms 778)⁶⁰¹.

Apenas no século XX foram publicados ambos os manuscritos. O de Roma, foi redescoberto pelo erudito jesuíta Camilo Beccari e incluído na colectânea *Rerum Aethiopicarum scriptores occidentales inediti*, Tomos II e III, publicado a partir de 1904-1905, em Roma⁶⁰². Pais é, desta forma, revelado à comunidade científica, como assinala F.M. Esteves Pereira num artigo coevo⁶⁰³. Quanto à cópia da Índia, o chamado códice do Conde da Barca, pois integrou o seu espólio, sendo adquirido pelo Arquivo Distrital de Braga, foi publicado entre 1945 e 1946, em três volumes, no Porto⁶⁰⁴. A existência de prováveis erros (por exemplo quanto ao género) ou a ausência de um critério quanto à grafia de palavras, que tanto aparecem abreviadas como por extenso ou à utilização indiscriminada de maiúsculas e minúsculas, parecem atestar uma cópia paleográfica do manuscrito⁶⁰⁵. Esta edição não incluiu aparato crítico. Alberto Feio refere as consideráveis diferenças em relação à edição de Beccari, não tendo sido efectuado, no entanto, um confronto entre as duas.

No entanto, foi editada muito recentemente uma nova edição crítica preparada por uma nova geração de autores, apaixonados pelos estudos etíopes, o antropólogo Manuel João Ramos e os historiadores Hervé Pennec e Isabel Boavida, a cargo do Instituto Português do Livro e da editora Assírio e Alvim, estando igualmente projectada a sua tradução em espanhol e inglês. Desta forma o P. Pais conhece

600 Vide, Alberto Feio, *op cit.*, p.XXIX

601 Importa sublinhar o importante espólio relativo à missão jesuíta deste arquivo : além da obra em questão, possui uma colecção de cartas ânuas (ADB 779), de 1607 a 1653), em grande parte inéditas, salvo a selecção publicada por Aurélio de Oliveira em 1999. A colecção inclui uma carta assinada por Pais de 1608, que comprova a autenticidade do manuscrito de Roma. Parece ter advindo da Royal Society (para onde poderão ter sido levadas por qualquer curioso inglês que os teria adquirido de passagem na Índia portuguesa, após a expulsão jesuíta no século XVIII), como oferta ao então ministro plenipotenciário em Haia, António Araújo de Azevedo, Conde da Barca, no final do século XVIII. Vendida pelos seus herdeiros já no século XX ao médico Manuel de Oliveira, veio posteriormente a ser adquirido pelo Arquivo Distrital de Braga em 1926. Cf., *De fora, Da terra...*, *op cit*; sobre a origem e o destino dos manuscritos do Arquivo de Braga ver também, Alberto Feio, *op. cit.*, pp.XXVII-XXXVI

602 Ironicamente também as obras de Afonso Mendes e Manuel d'Almeida serão pela primeira vez publicadas a par da de Pais, na mesma colectânea, organizada por Beccari.

603 F. M. Esteves Pereira, «Documentos Inéditos para a História e Geographia da Ethiopia», *Revista Portuguesa Colonial e Marítima*, 12ºano, 2º sem., nºs 139 a 144, vol. 24, Lisboa, Livraria Ferin, 1908/1909

604 Pêro Pais, *História de Etiópia*, 3 Vols., Biblioteca Histórica- série ultramarina nº5, leitura paleográfica de António Lopes Teixeira, 2º conservador do Arquivo Distrital de Braga, introdução de Elaine Sanceau e nota bibliográfica de Alberto Feio, Porto, Livraria Civilização, 1945/1946. O último volume contém um índice onomástico organizados por Cecilda L. de Figueiredo Pereira e Carlos Cidraes Rodrigues e uma corrigenda.

605 «(...) a leitura paleográfica apresenta várias lacunas que não foram detectadas durante a revisão de provas.», «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.14

finalmente uma edição actualizada do seu trabalho no qual se confrontaram as várias edições, tendo por base o manuscrito autógrafo de Roma (Livros I, III e IV) e o copiado (II)⁶⁰⁶. Respira finalmente à «luz do dia» e se o projecto da tradução se concretizar, conhecerá a internacionalização.

2.2.2-Da Estrutura e da Narrativa

Vejamos agora com maior pormenor a obra redigida por Pais e algumas características da sua escrita. A sistematização da informação escrita é, como vimos, uma componente determinante nos procedimentos da Sociedade de Jesus e dos seus missionários. Se o ponto de partida de elaboração da sua *História...* é, como já vimos, a polémica despoletada pela obra de Fr. Luís de Urreta, vejamos como Pais estrutura o seu conteúdo e qual a concepção de escrita histórica em que se enquadra.

A *História de Etiópia* inicia-se com uma dedicatória ao Geral da Companhia, o P. Mutio Vitelleschi, na qual Pais declara que o seu desejo de narrar as novas da Etiópia a uma Europa que «pouca noticia tinha dellas», fora posto em prática a pedido do Provincial da Índia, especialmente no que diz respeito ao historiar da acção dos padres que partiram do reino com o primeiro partiarca João Nunes Barreto⁶⁰⁷. A dedicatória está datada da Corte do Imperador em *Dencês*, 20 de Maio de 1622.

Segue-se o Prólogo, onde Pais afirma a importância do registo escrito como garante da permanência da memória, concepção que se denota nos escritos da época⁶⁰⁸. Pais retoma como exemplo a tradição bíblica, e a importância de registar os factos memoráveis tanto os positivos como os negativos, «(...)q esse he o fim da historia, como diz S. Augustinho, (...), contar com toda a verdade assi o mal como o bem de quem o tem.»⁶⁰⁹ Outras finalidades da escrita histórica consistem na divulgação de sucessos notáveis e ainda na recreação que proporciona o relato de factos de locais remotos, a quem não tem acesso a eles *in loco*. A concepção histórica de Pais insere-se,

606 O Manuscrito de Braga encontra-se em avançado estado de degradação, impossibilitando a apreensão total do texto. *Vide, ibd.*, p. 46

607 Pais, ,p.3

608 *Vide*, Ana Paula Avelar, *op. cit.*,p.24

609 Pais, ,p.3

desta forma, na concepção vigente nos séculos XVI e XVII: a História deve coligir factos e acontecimentos com verdade e precisão, e o seu objectivo é a preservação da memória de feitos notáveis ou dramáticos e a transmissão de ensinamentos aos vindouros⁶¹⁰. Nesta concepção de História influenciada pelos modelos clássicos, no sentido da descrição de feitos passados e coevos, mesclam-se esses mesmos factos históricos considerados dignos de nota, com as informações geográficas, antropológicas e culturais, como parte integrante do discurso histórico. Característica esta usual nos escritos da Expansão, onde o habitual não é a separação dos campos, mas a complementaridade temática⁶¹¹.

Mas acima de tudo, a História, segundo Pais, deve obedecer a uma preocupação de rigor e verosimilhança e daí a importância da informação disponível para o historiador. A utilização de falsas informações, afirma-nos Pais, é a principal causa dos erros contidos nas obras históricas, tanto antigas como modernas. Essa falta de aferição das informações é exemplar na obra de Urreta. Por tal, a intenção de Pais é a reposição da verdade, com base na sua experiência e defendendo o rigor da escrita histórica, como memória e exemplo fiel do passado, segundo a matriz aristotélica de narrar o que acontecera com propriedade, mesmo nela inserindo a *novidade*.

Desta forma a afirmação da precisão e o carácter fidedigno do relato são outra das preocupações de Pais, por contraposição a Urreta. Partindo da confrontação entre os factos narrados por este, Pais passa a repudiá-los e emendá-los, sublinhando repetidamente quão *falsas*, *fabulosas*, *imaginarias*, *contraria a verdade* ou *fora do caminho*, segundo expressões utilizadas pelo autor, quando não contraditórias, são as *portentosas patranhas* redigidas pelo valenciano. Por oposição à concepção rigorosa da História, a obra de Urreta é remetida inexoravelmente para o campo da ficção: «Pello q disse muito bem frei Luiz de Urreta no principio do Prologo de sua historia q as cousas q escrevia erão todas novas, não vistas ne lidas em author (...); *porq. Afora dos livros de cavalarias , q profissão ficções, não parece q haverá nenhu q tenha tantas , (...)*»⁶¹². É frequente Pais afirmar que dado capítulo apenas se deve à amplitude com que Urreta deu asas à sua imaginação, havendo por isso que repôr a verdade.

Todavia, Pais também considera que Urreta, podia ter sido vítima da sua credulidade, afirmando: « Não digo isto por desfazer no piadoso zello com q se deve

610 Vide, Marília dos Santos Lopes, *op. cit.*, p.232

611 Vide, Luís Filipe Barreto, «As Grandes Obras Portuguesas de Carácter Geográfico» in, *Portugal no Mundo*, pp.46/47

612 Pais, Vol. I, p. 9

presumir , q o P.e frei Luiz de Urreta escreveo; senão pera mostrar o q merecem as falsidades grandes cõ q João Baltasar o enganou.»⁶¹³ Mas Urreta, se não é responsável pelas informações veiculada-as, é-o pela falta de capacidade crítica e de discernimento, pelo desinteresse na confirmação e nas contradições em que incorre: «Contudo me parece muy provavel q não informarão a frei Luiz de Urreta desta man.ra, *senão q se confundio com os papeis de João Balthasar,(...) e acreçentou m.to mais* assi como a outras cousas q lhe disse João Balthasar(...)»⁶¹⁴.

Façamos então uma breve análise da estrutura da *História...* de Pêro Pais⁶¹⁵. O Livro I e o II não são assinalados por qualquer espécie de título. Neles Pais agrupando os temas por capítulos, contrapõe todas as informações veiculadas por Fr. Luís de Urreta nos seus livros de 1610 e 1611, que são reproduzidos por Pais em extensas citações. O Livro I versa as características do Império etíope e dos seus habitantes. Se o seu ponto de partida foi a necessidade de refutação da obra do frade valenciano, conferindo uma tónica polemista à obra, Pais alarga-se na caracterização da realidade etíope com a qual tomou contacto ao longo da sua vivência e deslocações que efectuou naquelas paragens. Esta característica confere à sua história características do que Luís Filipe Barreto categoriza como uma *Sistemática Descritiva*, na sua sistematização de obras da Expansão portuguesa, onde engloba obras de carácter geográfico/antropológico⁶¹⁶.

O Livro II aborda desenvolvidamente a questão religiosa seguindo ainda a estratégia de refutação do frade valenciano ponto por ponto ao mesmo tempo que descreve a realidade etíope coeva no relativo a esse tema.

O terceiro Livro inicia-se com a história do Imperador anterior à embaixada de Francisco Álvares, seguindo uma ordem cronológica, onde no devido momento é inserido o relato da missão dos companheiros do Patriarca D. João Nunes de Barreto, encabeçada por D. André de Oviedo e dos que lhe sucederam, articulando a história da missão jesuíta com a história política etíope⁶¹⁷. Ao narrar os êxitos e os falhanços da história das missões naquela área, introduz a sua tentativa pessoal de alcançar a missão do *Preste* e seus longos sete anos de cativo no sul da Península arábica, introduzindo na obra um espaço narrativo de cunho memorialista e autobiográfico, assim como de

⁶¹³ *Ibd.*, p.10

⁶¹⁴ *Ibd.*, p. 285

⁶¹⁵ *Vide, Anexos, Quadros 3*

⁶¹⁶ Luís Filipe Barreto, *op. cit.*, pp. 48/49

⁶¹⁷ «(...)pois juntam.te cõ referir as historias dos Emp.res pretendemos tratar das missoens q os P.es da Comp.a fizerão a Ethiopia em tempo de cada hu delles.», Pais, „Vol. II, p.368

relação de viagens terrestre, contendo ainda alguns elementos de relato de viagem marítima. Se no Livro III se mantém as desmistificações a Urreta em certos capítulos⁶¹⁸, estas desaparecem a partir do capítulo XII e não constam já do Livro IV, tendo ultrapassado o âmbito cronológico das referências do dominicano.

Neste último Livro, Pais retoma esta linha cronística, mas centra-se nos inícios e sucessos da missão coeva. Nesta parte da obra, Pais continua a crónica dos três últimos imperadores até à data do final da redacção da sua obra, narrando as vicissitudes da política interna etíope, com as revoltas, morte e sucessão dos vários imperadores, conjugada com o relato da bem-sucedida chegada do P. Melchior Carneiro à missão da Etiópia e a sua própria entrada naquela região e seu relacionamento com a corte, nos quais Pais se assume como uma personagem principal. Constituí uma crónica dos sucessos da missão católica até à aceitação do catolicismo por este último monarca e as dificuldades encontradas nesse processo, englobando ainda a correspondência encetada com o Papa, o rei de Espanha e Portugal e as autoridades portuguesas na Índia. Nesta parte da obra, na sequência das tentativas de contactos políticos e diplomáticos com os estabelecimentos portugueses no Oriente, insere-se ainda um outro relato de viagem terrestre: a viagem do P. António Fernandes até ao reino de *Zenierô*, nos confins do reino etíope e o seu regresso.

Por esta breve resenha podemos constatar a heterogeneidade de conteúdos da obra, que partindo do propósito polemista, seguindo as regras da *confutatio*⁶¹⁹, se assume como uma narração histórica, por vezes de tonalidades apologéticas em relação ao desempenho missionário da Companhia de Jesus na Etiópia; possui uma componente de relato de memórias, de relação de viagens e uma forte vertente descritiva e de teor geográfico e etnográfico, sendo que estes dois últimos aspectos são os que nos interessam em particular na elaboração deste trabalho.

Em certas passagens, a narração assume um tom quase “diarístico”, como no caso do relato do cativo dos padres Pais e Monserrate na Arábia ou a entrada de Pais na Etiópia e o percurso até alcançar a residência da missão. No entanto e devido à componente fortemente descritiva, a notação cronológica não será o fio condutor da narrativa nos dois primeiros Livros. A sua lógica interna parece ser antes temática. A narrativa pautada pelo avanço cronológico apenas é adoptada no Livro III e IV, em que

618 Cf. A estrutura de capítulos de Luís de Urreta, *Historia eclesiastica, poliyica, natural, y moral, de los grande y remotos Reynos de la Etiopia...*, Valência, Casa de Pedro Patrício Mey, 1610 e Pêro Pais, *op cit*.

619 Vide, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p. 13

Pais assume um modelo cronístico da narração dos reinados dos monarcas etíopes e concomitantemente a narração da história da missão católica.

Efectivamente, como sublinha Hervé Pennec, a *Historia de Etiópia* é, acima de tudo, uma história da missão jesuíta na Etiópia, destacando-se o seu carácter auto-representativo. Segundo os autores da mais recente edição: « A *História da Etiópia* é (...) o resultado de uma experiência vivencial de vinte anos, que oferece aos leitores não apenas uma elaborada apresentação da história etíope, mas também uma rica e original descrição etnográfica da sociedade (...) e onde se lê em filigrana a vontade de enxertar, como episódio de suprema relevância, a própria história da missão jesuíta que Páez sentia protagonizar.»⁶²⁰

Ainda segundo Hervé Pennec, a obra evidencia também uma representação da Etiópia segundo uma nova perspectiva: a de europeus que se fixam no país, tendo em mente um projecto de longo prazo, que aprenderam a língua e convivem com a cultura local e têm acesso a novas fontes de informação, distanciando-se dos anteriores relatos de viajantes ou visitantes de circunstância⁶²¹, no desempenho de qualquer tipo de missão mais ou menos demorada e por força de variadas circunstâncias, como é o caso do P. Francisco Álvares, João de Bermudes ou Miguel de Castanhoso.

Outra questão curiosa que esta obra suscita é a do idioma em que foi escrita, o português, sendo Pais natural de Castela. Podemos ter em conta a divulgação da língua castelhana na corte portuguesa e o seu uso frequente nos círculos culturais, além do considerável número de obras impressas em Portugal entre os séculos XVI e XVII escritas em castelhano⁶²². Mas esta constatação apenas reforça a questão de que teria sido fácil redigir esta *Historia* em castelhano. Como tentativa de explicação podemos sublinhar a forte presença e implantação da Sociedade de Jesus no nosso país e império, ao contrário de Espanha onde parece ter sido mais questionada pelas restantes ordens religiosas. Daí a cautelosa neutralidade face à União Dual mantida pelos inicianos em Portugal, não contestando o poder político, mas não pretendendo simultaneamente ser associados ao governo espanhol⁶²³.

Esta distinção de esferas de influência entre o império português e o espanhol pode ter-se reflectido no trabalho de Pais. O facto é que este estava ao serviço da

620 *Ibd.*, p.26

621 *Vide*, I Hervé Pennec, *op. cit.*, p.242

622 *Vide*, Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Carvalho, *História Crítica da Literatura Portuguesa: Maneirismo e Barroco*, Vol. III, Verbo, 2001, ; Ana Isabel Buescu, *D. João III*, p. 249

623 *Vide*, José Eduardo Franco, *op. cit.*, pp. 127/132

Província portuguesa da Companhia de Jesus e a ordem para a escrita da sua obra teria partido do Provincial de Goa. Além do mais, tendo feito parte dos seus estudos em Coimbra e no Colégio de Goa, Pais conhecia a língua portuguesa e terá optado, na nossa opinião, por redigir a sua *Historia* em português. Em reforço desta ideia, Pais elogia e defende a nação portuguesa em várias passagens, embora nunca renegue a sua origem castelhana⁶²⁴. Embora domine o português, denota-se a presença de certos «castelhanismos» mas de carácter residual⁶²⁵, que serviram de base à censura da sua obra dentro da Companhia, sublinhando a imperfeição da língua.

Por outro lado, o modelo da escrita histórica da época deveria obedecer a uma determinada forma de registo. Com efeito, a História, segue um modelo a nível da concepção e da escrita, segundo o princípio da *imitatio*. Como refere Ana Paula Avelar «O modo de escrever a História subscreve um modelo que parte do princípio humanista da *mimesis* clássica. A *ars historica* teria a sua génese a partir da definição aristotélica dos géneros elaborada na *Poética* e da distinção entre Poesia e História (...)»⁶²⁶, em que a última se remete para o que sucedeu no passado. Quanto ao estilo «(...)subscreve a eloquência no seu registo. A arte da História está indissolivelmente ligada à arte retórica; afinal ambas procuram demonstrar e encantar.»⁶²⁷ Ora a retórica é um dos elementos decisivos do ensino jesuíta, dada a importância das «técnicas de argumentação e domínio da palavra.»⁶²⁸; além do mais estamos numa época em que, se a poética ainda faz sentir a sua influência, com o seu ideal de equilíbrio e clareza, as ideias de engenho e arte, na criação literária como exemplo de virtuosismo técnico, para edificação e recriação, se impõem⁶²⁹. Vigora o gosto pela vasta síntese histórica, plena de demonstrações de erudição num estilo elaborado⁶³⁰. Como refere Ivo Carneiro de Sousa, apropósito da obra mais tardia de Baltasar Teles: «Esta estrutura oferece um

624 Em relação às mentiras de Urreta Pais indigna-se: « (...) porq não he razão se permita q livro livro de tantas mintiras, e q tanto tocão na honra e fama de hua nação tão catholica como a portuguesa, de quem ainda os mouros ,e Turcos, com serem tão grandes seus inimigos affirmão (como eu ouvi muitas vezes em sette anos q me tiverão cativo (...) q não há nação mais fiel e verdadeira q a Portuguesa(...)» e mais à frente afirmará também em resposta a Urreta acerca dos portugueses no ultramar:« (...) se há gente desapegada de sua patria, e q menos caso faça de climas estranhos a sua natureza he a Portuguesa. Porq nação cometeo senão a portuguesa navegaçoens tão compridas, tam arduas, e difficultosas(...) ? Q gente descobrio terras tão remotas e afastadas das suas? Quem abrandou, e domesticou mais barbaras e incognitas naçoens q os Portugueses? E com sua assistencia, exemplo e doutrina seduzirão m.tas dellas a nossa S.ta fee Catholica.», Pais, Vol. I, p. 10 e Vol. II, pp. 275/276

625 Para a questão do texto *Vide*, , «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp. 48/50

626 Ana Paula Avelar, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, p.26

627 *Ibid.*, p.344

628 Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Carvalho, *op. cit.*, p.17

629 *Ibid.*, p.21

630 *Vide*, António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 6ª ed., Porto, Porto Editora, s.d., p. 419

modelo de narrativa histórica (...) largamente esgotada num problema de compilação literariamente atractiva e competente das verdadeiras fontes(...)»⁶³¹.

Pais, pelo contrário, tem um estilo simples, directo e despretencioso, afastado do artificialismo que se imporá ao gosto da época. Mas, como afirma Hernâni Cidade⁶³² o seu desempenho nas longínquas missões e as incumbências práticas podem ter originado a um estilo mais sóbrio e natural, no qual a necessidade de transmitir uma realidade diferente produziu uma escrita minuciosa e concreta, “chã”. Além do mais, os registos cuidadosos e exaustivos, a preocupação de ilustrar, de dar a conhecer, continuando a tradição de Quinhentos, sobrepõem-se aos cuidados de estilo. Assim, a informação e descrição do desconhecido é de tal forma empolgante que dispensa os artificialismos formais que outros géneros cultivarão nesta época⁶³³. Sob estes pontos de vista talvez se possa interpretar a rejeição ou indiferença dos seus superiores perante a obra de Pais e as várias críticas ao estilo utilizado que lhe foram feitas no decorrer do século XVII.

Predomina no seu discurso escrito, a pessoa do autor que narra e descreve as suas experiências e o que vê, na primeira pessoa (embora utilize bastantes vezes o pronome “nós”, englobando os seus companheiros de missão), ainda que por vezes assuma a posição de mero narrador ao relatar outros acontecimentos ou histórias a que teve acesso.

A utilização do discurso directo é frequente, conferindo vivacidade à narrativa, assim como a transcrição de diálogos, especialmente nas suas entrevistas com o Imperador. A interpelação ao leitor é várias vezes utilizada, como demonstram os exemplos seguintes: «(...) e por aqui vai contando tantas cousas q se ouverão de referir, fora (...) *cansar ao leitor* com q he muito alheio e muy diferente do q em Ethipia se usa.»⁶³⁴, ou apelando à sua cumplicidade como neste exemplo a propósito da conversão ao catolicismo de *Suseneos/Seltân Çaguêd*: «(...) *o q tenho por certo folgará de ver o leitor, ainda q seja comprido* (...)»⁶³⁵.

A resposta ao frade de Valência, para lá da correcção das informações e dos desmentidos, é frequentemente a ironia e o riso. O recurso à ironia é utilizado para

631 Ivo Carneiro de Sousa, *A Crónica como Missão-A História da Etiópia-a-Alta ou Preste João do Padre Baltasar Teles (1660)*, Lisboa, Granito, 1998, p.127

632 Hernani Cidade, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, Vol. I, 3ª ed., Coimbra Editora, 1951, pp.291/298

633 Idem, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina*, Vol. II, Séculos XVII e XVIII, Coimbra, Arménio Amado, 1964, p.147

634 Pais, Vol I, p.108

635 *Ibd.*, Vol.II, p.30

repudiar as fantasias de Urreta, no sentido de as desacreditar por tão absurdas que não merecem outra recepção que não seja a incredulidade e o sarcasmo, como podemos constatar nos seguintes comentários: acerca das fabulosas riquezas em pedrarias que Urreta refere, diz-nos Pais, «(...) se não quiser alguém dizer *q estas pedras tem a propriedade dos Anjos q não occupão lugar; o q ainda q se não possa verificar de cousas corporais, facilmente concederei eu, q estas não occupaão lugar*, pois na verdade não são mais q imaginarias e fabulosas»⁶³⁶; acerca do rio *Marâb*, que Urreta chama Negro, e entre muitas imprecisões, a nível geográfico, o dominicano atribui-lhe grande riqueza em ouro e pedras preciosas, pérolas e âmbar, Pais comenta: «(...) não se acha nelle ouro nenhu; nem os Robis, Zafiras; Esmeraldas e Topazios m.to finos, q diz, *antes topadas m.to finas; porq não faltão calhaus q quebrem os pees dos q se descuidão ao passar, q não he tão grande rio q se não passe a pee ainda no Inverno.*»⁶³⁷

Pela narração de Pais perpassam inúmeros momentos de convívio na Corte em que as efabulações contidas na obra de Fr. Luís de Urreta provocam o riso do Imperador e dignitários etíopes. São dignas de nota pelo seu ridículo, as efabulações acerca dos animais: quer uma incrível descrição dos hábitos dos gatos de algália, como a pretensa caçada ao rinoceronte com o auxílio de uma macaca; quer alusão ao fabuloso pássaro do paraíso ou a história das formigas garimpeiras de tamanho descomunal⁶³⁸, perante a qual «(...) não pode o Emperador conter-se, quando lho contei, senão q, rompendo por toda sua mesura e gravidade, rio bom pedaço, e festejou muito a patranha(...)»⁶³⁹.

Para a sua descrição da sociedade, natureza e história etíope, Pais procura um critério de veracidade que garanta o valor das suas informações, ou por outras palavras, a instauração de uma nova autoridade face à necessidade de desmistificação de Urreta⁶⁴⁰. A construção retórica da obra de Pais centra-se «(...) na apresentação dos dados “verdadeiros”, autorizados pelo conhecimento directo ou pelo recurso a fontes documentais europeias e etíopes(...)» em oposição à «(...) citação de passagens mais ou

636 *Ibd.*, Vol. I, p. 90

637 *Ibd.*, pp.224/225. Podemos destacar ainda outra passagem: «Cousa muy maravilhosa q demais de tão grande multidão de ouro seja tal q tijjolos de tres dedos de grosso se dobre e enrole, como se fora massa; nem nos houvera de ser de menor admiração, se nos fora concedido entrar naquella salla das pedras preciosas(...).Mas sobretudo ouveramos de ficar atonitos, e pasmados, se nos alevantarão aquelle tablon de fino ouro, com q está cuberto o penhasco em q a industriosa natureza, desocupandose das obrigaçoens forçosas, se esmerou tanto, q pos nelle juntas todas as pedras preciosas, q por diversas partes do mundo costuma criar repartidas.», *Ibd.*, pp. 89/90

638 *Ibd.*, pp.200/202, 207 e 240

639 *Ibd.*, p.240

640 Isabel Boavida, *op cit.*, p. 187

menos longas dos livros de Urreta que lhe pareceram enexactas ou falsas para as refutar(...)»⁶⁴¹.

A estratégia da escrita de Pais não se afasta muito da utilizada por Álvares, aproximadamente um século atrás: a experiência pessoal como garante de veracidade e a recolha de dados junto de testemunhos credíveis. Logo no início da sua obra, Pais apresenta-nos o seu programa e método: «(...) no principal *falarei de vista e experiência* e não por informações (...); e no demais as *tomarei das pessoas mais importantes deste Imperio*; e em tudo o que escrever, ora toque aos Portugueses, ora aos de Ethiopia falarei desinteressadamente co clareza e sem encarecimentos; (...)».⁶⁴²

Assim o testemunho da sua experiência pessoal e a sua longevidade na missão etíope (18 ou 19 anos), constituem uma base para essa autoridade assumida. Como nos refere Pais «(...) não há cousa nenhua q [Urreta] diga co a verdade do q quá se passa como *eu tenho visto em 18 annos, q há q entrei em este Imperio, e o mais deste tempo gastei na Corte*; (...)»⁶⁴³. O testemunho presencial e repetido é garante de veracidade, mesmo perante, o que pela sua estranheza, parece incrível: «Sobre ella [lagoa de Dambiâ] *vi deçer m.tas vezes* das nuvens mangas como redemoinho e levantavão tanta agoa (...) e co tanta furia q, *se o não vira, não o pudera crer*; (...)»⁶⁴⁴.

Também as informações que reúne têm subjacente uma preocupação de credibilidade. O P. Pais recolhe dados junto a personagens cujo conhecimento das realidades em questão dificilmente pode ser posta em causa, tanto pelo cargo que ocupam ou pela sua longevidade, como pela experiência em determinada situação. Movimentando-se na Corte, tem aí um precioso terreno de prospecção: os familiares do Imperador, os *Grandes* da Corte, os altos oficiais e o próprio Imperador, como o jesuíta não deixa de sublinhar: «(...) segundo a informação q me derão os *Principes* (...), e *outros senhores da Corte e o Emperador Seltân Çaguêd*, a que, *pera mais me çertificar*, por ter mais confiança pera fallar co elle, lhe perguntei de proposito as cousas principais, dizendo q as queria escrever; (...)»⁶⁴⁵.

O P. Pais salienta particularmente as personagens de provecta idade, referindo numerosas informações de *frades muito velhos* (perto dos sessenta ou setenta anos ou até oitenta anos); socorre-se ainda de informações provenientes do povo, não

641 «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p. 28

642 Pêro Pais, Vol. I, p.11

643 *Ibd.*, p.157

644 *Ibd.*, p. 235

645 *Ibd.*, p.100

descurando os testemunhos dos descendentes dos portugueses, que formam o núcleo do seu “rebanho” católico, e que lhe relatam factos e reminiscências ouvidas a seus pais. Também entre estes os anciãos são uma fonte de eleição pois podem aferir dados coevos e relatos do passado. Entre eles, Pais distingue, em várias passagens, o capitão dos portugueses, João Gabriel, homem que alia a idade à ilustração e ao posicionamento na Corte⁶⁴⁶. Também é igualmente referido o veneziano João António, residente na Etiópia à largos anos⁶⁴⁷.

A estratégia de confirmação das suas inquirições está bem patente nesta passagem: «(...)tudo por informação de Erâz Cella Christôs irmão do Emperador e do thesoureiro, q não me avião de enganar, dizendo menos do q era; porq demais de serem homens tão graves e de grande primor, se confissão comigo, e lhes declarei q lho perguntava pera o escrever.»⁶⁴⁸. Pais repete ao longo da sua *História*, por oposição às *mentiras e patranhas* de Luís de Urreta, a preocupação em se *certificar mais, para mais se enteirar* ou *pera averiguar esta verdade*, sublinhando a *diligencia grande q fiz pera tirar em limpo* certos factos, recorrendo a *personas de vista e fidedignas* ou a *homens de muito crédito*.

Frequentemente o seu conhecimento pessoal e esses testemunhos, constituem a única fonte que o padre tem à mão para redigir a sua obra. Por exemplo em relação às histórias dos imperadores *Za Denguêl* e *Iacob*, mortos prematuramente, afirma, «(...) não poderei referir aqui mais q o q me contarão algumas pessoas grandes, q continuarão sempre seu paço, e o q eu passei cõ elles(...)»⁶⁴⁹. O relato da conversão do Imperador ao catolicismo também revela o testemunho directo do P. Pais, que estando na Corte, teria presenciado os acontecimentos, reproduzindo os discursos do Imperador e os diálogos que mantém com os seus opositores⁶⁵⁰.

Contudo, Pais recorre igualmente às fontes que encontra no local, ou seja a velhas crónicas e livros religiosos abexins⁶⁵¹. Como afirma Hervé Pennec, as competências linguísticas adquiridas pelos Padres da Companhia, permitem a

646 «(...)o Capitão, (...)e se chama João Gabriel, homem de muito ser, me disse q sendo pequeno, esteve 3 annos continuos naquelle mosteiro aprendendo os livros de Ethiopia, e q nunca vira tal cousa, nem atee agora q he de idade 70 annos ouvira falar nella a ninguem, com andar ordinariamente no paço dos Emperadores(...)», *Ibd.*, Vol.II, pp.228/229

647 « (...) e assi o affirma hu veneziano q se chama João Antonio, q diz q há 32 annos q quá entrou, e o capitão dos Portugueses por nome João Gabriel, homem de 66 annos, q de minino se criou co o P.e Patriarcha Andre de Oviedo diz q nunca vio, nem ouvio q em Etiopia ouvesse tal Conselho[latino]. O mesmo testificarão muitos homens velhos f.o de Portugueses, q tambem se criarão na casa do Patriarcha, (...)»*Ibd.*, Vol. I, p.160

648 *Ibd.*, Vol.I, p.239

649 *Ibd.*, Vol. III, p.9

650 *Vide, Ibd.*, Vol. III, Cap. XXI e Cap. XXII, pp.146/159

651 *Vide, Anexos, Quadros 4*

recuperação dos registos históricos locais e sua utilização e divulgação na Europa⁶⁵². Por outro lado, o que está escrito pode ser confrontado e cotejado com outras informações, constituindo um garante de verdade.

Assim, Pais inicia a sua obra precisamente com a história da origem da linhagem dos imperadores etíopes, que se reporta à lenda bíblica da rainha de Sabá e de Salomão. Para tal socorre-se de um velho texto local: «Atee aqui são palavras de hu livro, q se guarda na Igreja de Agçum, e não continua mais a historia; (...)»⁶⁵³. Este documento, facultado pelo imperador *Suzeneôs/SeltânÇaguêd*, corresponde certamente à obra *Glória dos Reis (Kebra Negast)*, que narra a lenda fundadora da dinastia etíope, que Pais traduz, incorporando um resumo no seu texto⁶⁵⁴.

O facto de Pais incorporar esta narrativa de carácter lendário a par de fontes tidas como credíveis, poderá dever-se à importância deste texto para fundamentação e enobrecimento da origem da linhagem imperial etíope, consubstanciando simultaneamente a distinção do povo etíope em relação aos povos que os rodeiam. Por outro lado, e dado o seu carácter fundador/legitimador, é, na nossa opinião, uma forma óbvia de iniciar uma história da Etiópia, uma vez que corporiza os fundamentos que caracterizam e individualizam o reino e justificam simbolicamente a sua existência.

Todavia o espírito crítico de Pais não deixa de se denotar na utilização destas fontes, ao referir, em relação à lenda da condução da Arca da Aliança para a Etiópia: «(...) tudo he historia apocrifa, e fabulosa; porq o contrario ensina a Sagra Escripura no 2º Livro dos Machabeus (...)»⁶⁵⁵. Aliás Pais apressa-se a desconstruir a lenda do transporte de forma oculta da Arca da Aliança para a Etiópia e sua guarda no templo de *Dêbra Maquedâ*, tendo tal história como *fábula* e *patranha* mantida pelos frades, afirmando, «E muitos, em Ethiopia, tem esta historia por falsa, ainda q os frades de Agçum sempre affirmão q está em sai Igreja esta Arca.»⁶⁵⁶

Junto desse livro na Igreja de *Agçum*, Pêro Pais encontrou duas listas ou *Catalogos de Emperadores*, traçando a linhagem da dinastia real coeva. Pais não deixa de assinalar as disparidades de número e nomenclatura entre ambas, embora as reproduza na sua obra, de forma a corrigir as imprecisões onomásticas tanto de Álvares,

652 Hervé Pennec, *op.cit.*, p.270

653 Pais, Vol. I, p.41

654 Texto possivelmente de origem egípcia, traduzido para a língua gúeze por volta do século XV. Vide, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp. 828/829

655 Pais, Vol. I, pp. 41/42

656 *Ibd.*, p.42

como as efabulações de Urreta⁶⁵⁷. Pais consultará velhos manuscritos depositados na mesma Igreja. O próprio imperador faculta-lhe velhas crónicas dos seus antecessores, como é o caso do livro que relata a história de *Zara Iacob*, ao qual Pais atribui grande rigor⁶⁵⁸ (Livro I).

Quando se ocupa especificamente da história dos imperadores, Pais lamenta a escassez de fontes de história etíope e a falta de empenho na cultura escrita por parte dos etíopes, ou a possível perda desses testemunhos nas constantes incursões muçulmanas e dos povos gentios. Com efeito, o Padre só encontra crónicas régias escritas a partir de finais do século XV, que segue, embora com lacunas até ao imperador coevo. De facto, ao pretender relatar a história dos três imperadores que reinaram desde a sua entrada em solo etíope até ao final da obra, em 1622, Pêro Pais refere que em relação aos dois primeiros imperadores, *Za Denguël* e *Iacob*, devido à curta e conturbada história dos seus reinados, não haviam sido objecto de um relato escrito, «(...) porq, se isto se não faz vivendo o mesmo Emperador, ou não lhe fica filho q o mande fazer, ninguem quer tomar esse trabalho(...)»⁶⁵⁹, desvendando assim a estratégia da escrita da história imperial etíope, que dependia do governante ou da ligação com o seu sucessor. Nestes casos, Pais reporta-se aos testemunhos orais e ao seu próprio conhecimento directo desses imperadores, assim como em relação aos acontecimentos que envolverão a morte de ambos e ascensão ao trono de *Suzeneôs/Seltân Çaguêd*. Este último, com uma maior longevidade no trono etíope, teve a oportunidade de mandar escrever o relato não só da sua ascensão, como da sua anterior história pessoal⁶⁶⁰.

Sobre a forma como Pais utiliza estes documentos, mais precisamente a crónica deste último imperador, várias pistas são-nos propostas por Hervé Pennec⁶⁶¹. A maioria destas crónicas teriam sido resumidas ou citadas, todavia a de *Suzeneôs* é largamente traduzida e integrada no corpo da obra. Com efeito, dada a boa vontade deste imperador face ao catolicismo, a sua crónica presta-se à justificação da presença jesuíta

657 *Ibd.*, pp.55/59 ; Pais declara: « E porq pode ser q em alguns livros de Portugal, fallando de hus mesmos Emperadores, se achem nomes diferentes, por causa da diversidade destes Cathalogos, pera q isto não cause confusão, senão q se saiba de onde procede, os porei aqui ambos (...)», *Ibd.*, p.56

658 Pais, *op. cit.*, Vol. I., p. 60

659 *Ibd.*, Vol. III, p.9

660 *Ibd.*, p.145

661 Sobre a inclusão da *Crónica de Suseneos* nas obras de Pais e de Almeida e o tipo de tradução ali feito e a comparação com a tradução de F. M. Esteves Pereira em 1892 e 1900 do manuscrito da dita crónica trazida para a Biblioteca Bodleiana de Oxford por James Bruce, no final do século XVIII, *Vide*, Hervé Pennec, *op cit.*, pp.287/297 ; segundo os editores da recente edição de Pais, a tradução feita por Pais e incluída na sua *História*, reportar-se-ia a uma versão da crónica anterior à sua versão final, divulgada na edição de F. M. Esteves Pereira. *Vide*, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.59

na Etiópia⁶⁶², colocando-se no entanto a questão de uma possível exclusão ou acrescento de passagens por determinação de Pais.

Desta forma, segundo Pennec⁶⁶³, assiste-se, por parte de Pais, a uma utilização complementar dos relatos: por um lado a longa tradução dos manuscritos locais; por outro o seu próprio testemunho dos acontecimentos, no que diz respeito ao papel da missão e propagação do catolicismo. Tal é confirmado pelo próprio P. Pais: «Até aqui são palavras da Historia do Emp.or Seltân Çaguêd como estão em seu livro; mas o autor diz muy pouco do m.to que elle fez e trabalhou por introduzir em seu Imp.o as cousas de Nossa s.ta fee (...). A causa disto foi porq o Escritor era naqlle tempo m.to contrario as cousas de nossa s.ta fee, por não as entender(...)»⁶⁶⁴.

Outro tipo de fontes etíopes são referedadas; as cerimónias religiosas são objecto de grande curiosidade para Pais, que tenta consultar livros religiosos sempre que possível, numa estratégia de aferir informações, recorrendo aos préstimos do Imperador e de seu irmão ou aos principais dos mosteiro. Reproduz ofícios e orações da igreja copta abexim a partir de manuscritos que obtém de mosteiros ainda que com dificuldades, como nos confessa:«(...) tirei de hu livro q escondidam.te e em m.to segredo me deu hu frade meu amigo.»⁶⁶⁵

Merece especial interesse ao P.e Pais «As historias destes dous fundadores [das ordens religiosas etíopes] trabalhey m.to por aver, mas não pude alcaçar senão as de Abbâ Taquelâ Haimanôt (...)»⁶⁶⁶, com o objectivo de refutar dados de Urreta acerca de um assunto central na polémica, as ordens religiosas na Etiópia. Assim irá traduzir e incluir no seu trabalho, num longo excerto, a *Historia de Abbâ Taquellâ Haimanôt*⁶⁶⁷.

Outro documento etíope que terá possivelmente passado pelas mãos do P. Pais, presente na corte, foi a carta de 2 de Junho de 1621, endereçada pelos frades de *Tigré* ao Imperador depois da interdição da observância do Sábado. Socorrendo-nos ainda da profunda análise textual efectuada por Hervé Pennec para a compreensão da utilização das fontes etíopes em Pais, constatamos que o autor reproduz uma versão abreviada do tratado do *Refúgio da Alma*, originalmente dividido em dez capítulos e do qual «Les

662 «La volonté des écrivains jésuites semble avoir été de citer in extenso cette Chronique qui pouvait légitimer leur présence en Éthiopie.», Hervé Pennec, *op cit.*, p. 290

663 *Vide, Ibid.*, p.290

664 Pais, *op.cit.*, Vol. III, p. 145

665 *Ibid.*, Vol. II, p.110

666 *Ibid.*, p.154, Pais completa a informação quanto à história da outra ordem religiosa: «(...) a de Abbâ Stateus não pude aver porq alem de se acharem poucos livros della, não os querem emprestar por lhe parecer q os buscamos pera ver se se acha nelles alguma cousa (...) com q se refutem seus erros (...)», *ibid.*

667 *Ibid.*, pp.167/204

morceaux choisis par l'historien jésuite sont en relation avec l'édit promulgué par le roi en 1620(...). Le long passage sur la question du sabbat est le seul qui garde toute sa cohérence les autres n'étant que des extraits mutilés du traité.»⁶⁶⁸.

Esta utilização dos documentos abexins revela o conhecimento das línguas autóctenes. Daí que numerosos apontamentos de etimologia apareçam na *Historia...*, quer a propósito da titulação real⁶⁶⁹; quer na descrição dos oficiais da corte⁶⁷⁰; quer na dos diferentes dignidades religiosas⁶⁷¹; quer nos nomes das igrejas, dos imperadores, das terras, dos objectos do quotidiano, da natureza⁶⁷², numa tentativa de transliteração fonética,«(...) cujo significado apresentou em apontamentos metalinguísticos»⁶⁷³. Os dois exemplos que se seguem ilustram como a etimologia é igualmente uma forma de corrigir as imprecisões de outros autores, nomeadamente o inevitável frade Urreta. Assim a respeito das fortalezas na Etiópia diz-nos:

« Mas pera q melhor se entenda o nome desta fortaleza, se hade advertir, q na lingua de Ethiopia todo o monte e rocha, cujo cume se pode defender a gente de seus inimigos se chama Ambâ; e destes há em Ethiopia muitas e muito fortes; por onde o nome proprio daquelle lugar, onde se guardão os descendentes dos Emperadores antigos, não he Ambâ (...), senão Guixên, q quer dizer achou-se.»⁶⁷⁴

Também a palavra mosteiro, *debrâ*, se confunde com monte na língua utilizada pelos etíopes, mas Pais elucida-nos que «(...)ordinariam.te edificação em Ethiopia os mosteiros nos montes, daqui veo chamarem tambem ao mosteiro Dêber,e quando querem dizer o mosteiro de tal parte acrescentão esta letra A e dizem Debrâ (...)»⁶⁷⁵.

Outra base da narração do P. Pais foram testemunhos escritos dos autores ocidentais que o precederam em terras etíopes. e as missivas dos missionários, eram

668 Hervé Pennec, *op. cit.*, p. 305

669 Pais., Vol. I, p. 61

670 *Ibd.*, pp. 47/51

671 *Ibd.*, Vol. II, p. 113

672 Este interesse estende-se ao nome dos diferentes povos e nações. A partir da sua experiência entre os turcos, Pais procura descodificar a origem da terra de Rum, de onde teriam chegado homens santos à Etiópia, no início do cristianismo: «Alguns por esta palavra (...) entendem Roma.. Outro affirmão q não quer dizer Roma, senão outra terra q senhorea o Turco chamada Rum, e della vem chamar aos Turcos Rumes; ainda q estando eu cativo entre elles, me disserão, q aos q são Turcos de nação não os chamão rumes, senão aos q são de Casta Christãos (...)», *Ibd.*, pp. 11/12

673 «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp. 44

674 Pais, Vol. I, pp. 65/66

675 *Ibd.*, Vol. II, p. 206

tidas como documentos de probidade inquestionável, assim como cartas oficiais das quais Pais obteve cópias⁶⁷⁶.

Entre os vários tipos de correspondência que o autor reproduz com abundância podemos começar por destacar, as missivas reais datadas da época da sua presença na Etiópia. Consistem essencialmente na correspondência trocada entre os imperadores etíopes, o Papa e o rei de Portugal e ainda, o governador da Índia. Cartas estas que foram concebidas com o apoio ou orientação dos padres da Companhia, e de Pais em particular, a quem cabia igualmente a sua tradução e o envio, a partir da sua missão em Tigré para algum porto, de onde pudessem seguir para a Índia.

È novamente Hervé Pennec que propõe uma releitura e o papel deste tipo de fontes na obra de Pais. Primeiramente há que evidenciar o papel determinante dos Padres da Companhia nesta correspondência: não só no seu possível encorajamento e redacção, mas igualmente na sua tradução para espanhol ou português. O próprio Pais explicita a sua participação na redacção dessas epístolas e o motivo porque se encontram na sua posse: «(...)fiz que mandasse tresladar as cartas em papel, q estavam em pregaminho e fazião grande volume(...). Enviava hu frade por embaixador; mas depois não se atreveo a hir por medo dos Turcos; e, assi me entregou as Cartas pera q as mandasse secretamente, cujos treslados porei aqui(...)»⁶⁷⁷.

Quando Pais recua aos primórdios da acção jesuíta na Etiópia, socorre-se de igual forma, das missivas dos seus correligionários, documentos provavelmente conservados na missão de Fremona (cópias ou rascunhos), como é o caso de uma carta do punho de D. André de Oviedo, como nos afirma Pais «(...) mas porq falando o P. Bispo Dom Andre de Oviedo delle [Imperador Claudio e a rejeição da igreja de Roma], e de seus vassalos declarou isto mesmo por sentença, a qual eu tenho na minha mão assinada da propria sua a refirirei aqui por suas mesmas palavras, q são as seguintes: (...)»⁶⁷⁸.

Outra fonte à qual o P. Pais recorre frequentemente para os eventos relacionados com a Companhia de Jesus anteriores a 1607 e 1608 é precisamente a compilação de cartas ânuas e outra correspondência, nas relações anuais organizadas pelo P. Fernão Guerreiro. A relação correspondente ao território etíope teria sido publicada em Lisboa

⁶⁷⁶ Vide, *Anexo*, pp.8/10

⁶⁷⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. III, pp.40/41

⁶⁷⁸ *Ibd.*, Vol. II, pp.62/63

em 1611⁶⁷⁹ e estaria na posse do missionário⁶⁸⁰. Pais irá utilizá-las com frequência, embora não de forma sistemática, uma vez que se denota uma contextualização e até actualização da informação nela constante.

Para os primeiros tempos da missão jesuíta, a fonte de Guerreiro revela-se preciosa, como, aliás, afirma o próprio P.e Pais, «(...) P.e Fernão Guerreiro de nossa Comp^a, a quem principalm.te sigo em as cousas desta missão do P.e patriacha D. João Nunes Barreto, e seus comp.os porq demais de ser homem m.to exacto em suas historias, e de grande authority tinha em seu poder os originaes desta Carta, e de outras (...)»⁶⁸¹.

Segundo a tese de Hervé Pennec, as cartas enviadas pelos dirigentes abexins à Europa e já por nós referidas, teriam sido igualmente copiadas por Pais da obra de Guerreiro⁶⁸² com base na coincidência das missivas apresentadas em ambas as obras. No entanto, e apesar da presença e do papel determinante de Pais nas relações entre a corte etíope e o império português, é possível que as cartas publicadas fossem as únicas existentes e as demais se tivessem perdido, podendo fazer sentido afirmação de Pais acerca das cartas do Imperador datadas de 1607: «Das demais cartas q escreveo, não achei mais q esta.»⁶⁸³.

Uma destacada obra para o conhecimento da Abissínia é a já referida *Verdadeira Informação...* do P. Francisco Álvares. Foi uma fonte amplamente utilizada por Pais que o refere amiúde, indicando mesmo a edição utilizada, ou seja a versão castelhana de Fr. Tomás de Padilha⁶⁸⁴ : «(...) pella razão q dá o padre frei Tomaz de padilha em o prologo q acrescentou a historia Ethiopica de Francisco Alvares, quando a tresladou de Portugues em castelhano(...)», acrescentando no Livro II em relação a uma citação que Urreta pretende ter feito do livro de Francisco Álvares, «(...) eu não achei

679 Fernão Guerreiro, *Relaçam annual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Jesus, nas partes da India Oriental, & em algumas outras da conquista deste Reyno nos annos de 607.&608.& do processo da conversão & christandade daquellas partes, com mais hua addiçam à relaçam de Ethiopia. Tirado tudo das cartas dos mesmos padres que de lá vierão, & ordenado pello Padre Fernão Guerreiro*, Lisboa, Of. de Pedro Crasbeck, 1611

680 «Les missionnaires ont dû recevoir le livre de Guerreiro en même temps que ceux de Urreta. Le fait que dans le développement de son Histoire, Pero Paes utilise à plusieurs reprises le livre de Guerreiro ne peut que confirmer cette hypothèse.», Hervé Pennec, *op. cit.*, p.278

681 Pais, Vol. II., p. 266

682 Hervé Pennec, *op.cit.*, pp.278/279

683 Pais, p. 170; além do mais o próprio Pennec sustenta que estas cartas no texto de Pais são colocadas num contexto mais amplo, que permite uma melhor percepção das condicionantes e objectivos, quer do lado português, quer do lado etíope. Vide, Hervé Pennec, *op cit.*, pp.279/280

684 Tradução em castelhano de Fr. Tomás de Padilha, *Historia de las cosas de Etyopia en la qual se cuenta muy copiosamente el estado, y potencia del Emperador della(que es el muchos na pensado ser El Preste Juan) com otras infinitas particularidades assi de la religion de aquella gente, como de sus cerimonias, segun que de todo ello fue testigo de vista Francisco Alvarez, Capellan d'El-Rey D. Manoel*, Anvers, Juan Steelsio, 1557, *ap.*, Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, 2ªed., Tomo II, Lisboa, 1931 (1ª ed. Lisboa, 1747), p. 93

as palavras q alega por elle não citar o lugar, ne a historia de Francisco Alvares q eu tenho estar repartida em capitulos, ne ter index por ser m.to antiga,(...)»⁶⁸⁵. Com base nesta descrição da obra consultada, C.F. Beckingham, defende que a edição consultada é a de Antuérpia (a primeira edição), uma vez que é a única que não possui uma tábua das matérias, facto corroborado pelos autores da edição de 2008 da obra de Pais⁶⁸⁶.

Pais recorre frequentemente a Álvares como fonte fidedigna para a descrição da Etiópia, testemunho autorizado pela sua longa permanência naquelas paragens, como atesta o jesuíta: «Tambem não tenho duvida senão q pera affirmar (...) *se teria informado m.to bem* (...)»⁶⁸⁷. A informação contida na obra de Álvares é usada em várias passagens, com destaque para sua descrição das igrejas de *Lalibela* :«(...) porq falla de vista, porei suas mesmas palavras(...)»⁶⁸⁸. E Pais sublinha o cuidado com a precisão da informação que orientou as descrições de Álvares: «(...) refirirei q elle escreveo a q *se deve dar mais credito, pois co curiosid.de notou as medidas*, e tudo o demais; e não falou a vulto como aquelles a que eu perguntei, q nenhu me soube declarar essas cousas.»⁶⁸⁹ Ao referir a história do imperador *Lebenâ Denguil/David/Onâg Çagued*, que reinava na época da embaixada de que Álvares fez parte, remete-nos para a obra deste último⁶⁹⁰.

Apesar das provas de credibilidade demonstradas nas passagem citadas, Pais não hesita, porém, em corrigir as informações de Álvares quando se impõe, sublinhando os casos em que o clérigo Quinhentista veicula informações imprecisas ou incorrectas: «Nem tambem parece certo o q diz, q Pero de Covilhâ affirmou a Francisco Alvres, q no Reyno de Begmêder há hu monte muito grande todo de prata(...) q fazião hua cova se q aly lhe davão fogo(...); e q corria a prata como ribeiras. *Isto não foi só encarecimento, mas patranha*; (...)»⁶⁹¹.

Contudo, as imprecisões de Álvares são na sua maioria justificadas pelo padre jesuíta, atribuindo-as à falta de conhecimento apurado da língua, à mudança de

685 Pais, Vol. I, pp.64/65 e Vol. II, p. 156

686 Vide, C. F. Beckingham, «Francisco Alvarez and his book on Etiopia» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, nota3, p. 11 e «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.41

687 Pais, Vol.I Ibid.,p. 149

688 Ibid Vol II.,p. 129

689 Ibid., , p. 127

690 «Estiverão seis annos em estas terras onde lhes soccederão m.tas cousas, que refere compridam.te o mesmo Fr.co alvares em a historia Ethiopica q inprimio intam.te cõ as cartas, q, sendo já Emperador, escreveo a ElRey Dom Manoel, e a El Rey Dom João(...), e o q prim.ro tinha escrito a Emperatriz Helena (...), pello q me pareço escusado determe em ellas, senão passar aas q não são tão sabidas em Europa.», Ibid.Vol. III, p.260.

691 Ibid.,Vol.I, p.212

costumes desde a época da sua embaixada, aos percalços do caminho⁶⁹² sofridas pelo prelado.

No caso do episódio de D. Cristovão da Gama, Pêro Pais recorrerá também a outro registo escrito apartir de uma fonte presencial, consultando Fernão Guerreiro, que compilara os elementos, «(...)tomados, (como elle diz) de Miguel de Castanhoso, hu dos Portugueses q entrarão em Ethiopia cõ D. Christovão da Gama; a quem como *teste.^a de vista se deve dar todo o crédito.*»⁶⁹³ Registo esse, confrontado por Pais com testemunhos orais dos descendentes do contingente português, incluindo um ancião, «(...)q, sendo pequeno acompanhou a D. Christovão, desde q entrou atee ao dia q foi desbaratado(...)»⁶⁹⁴.

A forma de utilização destes textos e documentos (incluindo os de Urreta) é, além do recurso à paráfrase e ao resumo, a transcrição de excertos mais ou menos longos e por vezes na íntegra, como no caso de certas missivas, e de citações, das edições que possuí, em português ou espanhol em relação aos textos europeus; os textos etíopes são transcritos após a tradução. A referenciação da obra e página, assim como o local onde se encontra, especialmente neste último caso, são-nos identicamente transmitidas⁶⁹⁵.

Do elenco das obras que Pais tomou como fontes e utilização dos seus dados na escrita da *Historia...*, acrescida da necessidade de denegação comprovada da versão de Fr. Luís de Urreta, podemos detectar a preocupação de uma leitura rigorosa das fontes, que afaste a narrativa histórica do domínio da lenda e da ficção obedecendo a um ideal de veracidade. Como afirma a dado passo o autor acerca da escrita da história de Urreta «Bem claro se vê nisto *quão mal guardou aqui o Autor as regras, e leys da historia*, pois a primeira (...) *he não se dizer cousa q seja falsa*, nem ainda dar ocasião de q possa aver tal suspeita (...)»⁶⁹⁶.

Como refere Isabel Boavida, «O testemunho escrito resultante da experiência pessoal deve ser posto ao mesmo nível que o testemunho presencial»⁶⁹⁷. Veracidade

692 «(...) mas não he maravilha q errasse, porq como era estrangeiro, e hia tão de passo e co tanto trabalho, como elle diz, por aquelles caminhos, não se podia informar tão em particular das cousas, nem examinar tanto como era necessario as relaçãoes q lhe davão; q ainda q fossem tiradas dos livros da terra, pedião muito exame, por estarem quasi todos cheios de patranhas.», *Ibd.*, pp. 101/102

693 *Ibd.*, Vol. I, p. 244; os autores da nova edição de Pais afirmam: «Embora Páez apresente F. Guerreiro como a fonte documental do episódio militar, na prática citou livremente a *História de Castanhoso* (...)», «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.42

694 Pais, Vol. I, p. 244.

695 *Vide*, «Introdução» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p.43

696 Pais, Vol. II, p.274

697 Isabel Boavida, *op cit.*, p. 188

essa que assenta no crédito atribuído às fontes, ou seja, no«(...) carácter moral, ou virtude, do informante, do autor(...)» e a maneira como coligira as suas próprias informações na medida em que fora uma testemunha presencial ou ainda a credibilidade de quem o havia informado⁶⁹⁸.

Esta preocupação de rigor, reflectida na análise heurística e crítica das fontes, nos critérios de veracidade, na isenção empregue na consideração dos factos, pese embora o ideário a defender quanto à missionação da Companhia de Jesus, poderia eventualmente advir da formação universitária jesuíta de que Pais usufruira. De facto denota-se neste autor, para além do seu programa ideológico e religioso, uma preocupação de rigor que o leva a avaliar uma a uma as informações de Urreta, procurando estabelecer, quando possível, as causas dos seus enganos e falsas informações, em histórias mal interpretadas, procurando uma justificação plausível para a origem de algumas afirmações de Urreta e do seu pretenso informador.

Pais revela o seu espírito crítico ao corrigir falsas acepções e imprecisões nas informações com que depara, quer constem em Urreta, quer nos velhos livros etíopes, ou outros autores. A base destas refutações tem como fundamento na maior parte dos casos, informações que recolhe no terreno, junto a personagens avalizadas, como já referimos, ou a sua própria experiência: o ver e constatar com base no seu senso-comum e raciocínio lógico⁶⁹⁹.

Na senda dos autores do século XVI, também as informações duvidosas dos autores antigos são postas em causa face à experiência pessoal. As várias teorias antigas sobre a origem das cheias de Nilo são, no dizer do autor, «mil disparates»⁷⁰⁰, incluindo a teoria de Aristóteles⁷⁰¹, acerca da qual afirma,: «*Tudo isto vai m.to fora da experiencia, q não pode enganar como o discurso dos homens*, tem mostrado, não somente aos naturais de Ethiopia, mas a todos os de europa, q estamos nella, (...)». Esta

698 Exemplo desta posição é a seguinte passagem: apesar das histórias fantasiosas de Urreta sobre a utilização dos símios na Etiópia, o autor : «(...) não reprovando o q traz do P.e Joseph de Acosta, de que diz q tratando das cousas naturais do Peru, refere cousas semelhantes das Monas, e de hua q a mandavão por vinho a Taberna, e se lhe dizião algua cousa os rapazes, punha a vasilha perto de algua porta, e hia apos elles as pedradas, e como fujião , a tornava a tomar e prossegui seu caminho. Em isto não tenho q falar, porq sei muito bem q aquelle P.e não avia de escrever cousa por certa q não o fosse muito.». Pais, Vol. I.p.201

699 Disto são exemplos, entre outros a denegação da lenda de que as avestruzes apedrejariam os que as seguem, facto não verificado pelo autor quando as observou na cerca do rei, correndo com os pagens. Portanto depreende que algumas pedras poderiam saltar devido à força com que correm, e apenas isso estaria na base dessa informação. *Ibd*, pp. 204/205

700 *Ibd*.,p.217

701 «Até Aristoteles principe dos Philosophos, em hu livro q fez, de inundatione Nili, disse q ao longo do do nilo há m.tas fontes, q no inverno estão fechadas e no verão co a quentura do sol se dilata a terra e assi, sahindo ellas, creçe o Rio.», *Ibd*.,p.217/218

pois he a verdadeira causa da enchente anual do Rio Nilo; (...). *Todas as demais, q dão, são fabulas e meras imaginaçoens.*»⁷⁰²

Apenas numa passagem o autor, embora não emita qualquer opinião sobre a sua veracidade, mencionará um ser lendário e isto a partir do testemunho de descendentes de portugueses sobre um episódio passado no reino de *Gojâm*, no qual «(...), andando à caça virão em hu valle hu fermoso Cavallo co a coma [sic] muito comprida e o cabo q chegava ao chão;(...) em os vendo fugio cõ m.ta velocidade(...); e ainda q não enxergarão se tinha corno na fronte ou não, lhes *pareceo q não podia ser senão unicornio.*»⁷⁰³

Numerosas citações no decorrer da obra denotam o conhecimento de autores clássicos antigos⁷⁰⁴. São igualmente referidas passagens dos vários Evangelhos como forma de ilustração exemplar do seu discurso ou de rebater argumentos religiosos etíopes. As passagens de comentários bíblicos são reproduzidas em latim. Durante o seu cativeiro na Arábia, mostra ter conhecimento do *Corão*, para contradizer os argumentos teológicos muçulmanos⁷⁰⁵. Pais mostra-se igualmente conhecedor de autores contemporâneos e seus correligionários. Tal é o caso da obra *Historia Natural y Moral de las Índias*, publicada em Sevilha em 1590, do P. José de Acosta, professor, visitador e provincial da Companhia no Peru, tendo igualmente conhecido o México⁷⁰⁶. Toda esta panóplia de conhecimentos da cultura clássica e cristã, antiga e contemporânea, atesta uma certa solidez da sua formação, como era apanágio ou dever dos membros da Companhia

A técnica descritiva empregue por Pêro Pais assenta, tal como vimos a propósito do autor anterior, numa preocupação de precisão, no sentido de possibilitar uma espécie de “visualização” aos seus leitores, no quadro de um experiencialismo veiculado através do recurso à medida e à analogia. De facto como refere Luís Filipe Barreto, o «(...)experiencialismo renascentista (...) é ainda nos inícios do século XVII a situação dominante (em *especial* na forma de realismo empírico)(...)»⁷⁰⁷.

Se considerarmos a forma de enunciação das medidas de espaço, estas apresentam grandes similitudes com as utilizadas pelo P. Francisco Ávares: também

⁷⁰² *Ibd.*

⁷⁰³ *Ibd.*, p.196

⁷⁰⁴ *Vide*, *Anexos*, Quadros 4 B

⁷⁰⁵ *Ibd.*, Vol. II, p. 395

⁷⁰⁶ *Vide* referência a esta obra em Pais, Vol. I., p.201

⁷⁰⁷ Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e renascimento...*, p.191

Pais afere as medidas em *tiros de espingarda* ou *tiros de pedra* ou de *funda*⁷⁰⁸; as *lanças* e *varas*⁷⁰⁹ são outra forma de medida, assim como as *braças* marítimas⁷¹⁰. Um bom exemplo é a descrição das tentativas de Pais e de seus companheiros para medirem as famosas nascentes do Nilo:

« Fiz meter hua lança em hu dos olhos [das nascentes do Nilo], (...) ; e entrou onze palmos e parece q topava em baixo em as raizes de arvores, q estão na borda, (...). O 2º olho da fonte está mais abaixo pera Oriente, como hu tiro de pedra do 1º; e metendo nelle a lança, q era de 12 palmos, não se achou fundo. Hu Portugues tinha primeiro amarrado duas lanças q ambas tinham 20 palmos, e metendoas tão pouco achou fundo; (...)»⁷¹¹

Como se vê nesta passagem o sistema de medidas utilizados continuam a conjugar referências de vários tipos, quer militares e náuticos, quer anatómicos, utilizando a medição em *palmos*, e *passos* e o próprio corpo humano (sobre o percurso inicial do rio Nilo diz-nos Pais: «(...)e tendo andado como hu quarto de legoa, se descobre a agoa entre huas pedras e faz hua ribeirinha q, quando a eu vi, não era de *grossura de hu homem*;(…)»⁷¹²) e ainda as *léguas* e os *côvados*⁷¹³. As referências passam ainda por outras formas de «ilustração» como é patente na descrição do muro de uma povoação onde a corte se sediara, por algum tempo:«(...) com largura q podião andar por cima folgadamente *dous homens de cavallo hombro por hombro*;(…)»⁷¹⁴ ou da ilha de *Dec*, no lago *Dambiâ* «(...) tão grande q me affirmou o Governador della q *lavravão dentro quatrocentas juntas de bois*.»⁷¹⁵

As dimensões totais do reino do Preste, suscitaram a curiosidade do nosso padre, que tenta a partir de estimativas variáveis, estabelecer um cômputo em léguas e dias de caminho⁷¹⁶, salvaguardando, no entanto a ideia da dificuldade da aferição

708 «O assento desta Ambâ he em hus campos não muito chãos, porq tem muitos altos e baixos, e pera o Oriente como dous tiros de espingarda hus montes muito altos (...)» A altura he tão grande q co dificuldade chegará funda, toda rocha talhada (...)» Pais, Vol I, pp.70/71

709 Acerca do circuito real e a cerca de cortinas de algodão: « (...) se sustentão em varas mais altas q hu homem e a roda dellas fica hu campo de 40 lanças de largo cada hua de 15 palmos; (...)» *Ibd.*, p.136

710 Acerca das Cataratas de Alatâ: « (...) cae a pique por huas rochas , q terão d'alto quatorze braças; e será necessario funda pera chegar com pedra de banda a banda; (...)» *Ibd.*, p. 216

711 *Ibd.*, p.214

712 *Ibd.*, pp.215/216

713 Sobre a fonte do rio Marâb «(...) está entre duas rochas, hua afastada da outra dezasseis covados, e de alto terão vinte. Como a agoa sae dentre ellas, vai por hua lagem cham 36 passos; e logo cai a pique por uma rocha(...)» *Ibd.*, p.225

714 *Ibd.*, p.174

715 *Ibd.*, p.232

716 Tentativa de Pais de aferição das dimensões do país: de norte a sul, « Perguntei a muitos quantos dias seriam de caminho, e achei muita variedade entre elles;» , e interrogando o imperador e a corte « (...) fazendo conta cõ

exacta das dimensões do país, como nos afirma: «(...) *ne ainda eu com estar quá poderei fallar mathematicamente nas distancias e situaçoens das terras, assi por não ter instrumentos ne cousa de q me ajudar (...); mas computando pouco mais ou menos pello q cõmummente costumão de andar em hum dia, colligirei as distancias com a maior probabilidade q puder.*»⁷¹⁷

É curioso denotarmos nesta passagem do discurso de Pais a sua preocupação com o estabelecimento «matemático» das distâncias e a necessidade de instrumentos de medição para a quantificação de dados que permitiriam ultrapassar o cálculo aproximativo e os dados empíricos, apontando para um novo tipo de mentalidade em que o conhecimento será pautado pelo experimentalismo e pelo quantitativo expresso em termos matemáticos⁷¹⁸. Da mesma forma, o P. Pais lamenta a impossibilidade de referir com exactidão as localidades etíopes pois, «(...)pera falar justam.te por graos, nem cá temos instrum.tos pera poder tomar altura, nem cousa em q o ver(...)»⁷¹⁹. Com efeito, segundo de José Eduardo Franco, é «De destacar nesta época [séculos XVI/XVII], o esforço da Companhia de Jesus em incrementar o ensino da matemática e de outras disciplinas afins.»⁷²⁰, contrariamente a uma velha imagem de bloqueio ao progresso científico que tem prevalecido até recentemente na concepção do ensino e da cultura da Companhia de Jesus. De qualquer forma estas considerações de Pêro Pais são pequenos apontamentos que estabelecem uma ponte entre a aspiração de precisão quantificável e controlada da realidade e uma forma de percepção ainda maioritariamente experiencialista e empírica.

Como Francisco Álvares, também Pêro Pais indica com frequência estimativas numéricas, por exemplo referentes aos homens de armas da comitiva imperial⁷²¹.

elles achou 45 dias de caminho; outros disseram q erão 50, q contados a 8 legoas q poderão andar cada dia, são 400 legoas, e se quisermos entender a 10 por dia (q conforme elles sinalavão a distancia, não o erão), então somarão 500.» Quanto ao sentido este/oeste: « (...) dizem que serão trinta dias de caminho de huma parte a outra, q contados a 8 legoas, são 240. E se quisermos q tambem se contem a dez, então serão 300 legoas: E assi, quando alguns authores dizem q era tres meses e mais de caminho de hu estremo a outro (...), parece q entenderão das jornadas q faz o Preste João, quando caminha, q serão de tres ou quatro legoas; (...)», *Ibd.*, p.14

717 *Ibd.*, p. 14

718 Luís Filipe Barreto, *op. cit.*, p.192

719 Pais, Vol. II, p.217

720 Este autor sublinha o papel da formação técnico/científica da Aula da Esfera do Colégio de Stº Antão e a importância deste tipo de saber para a sua actuação missionária. Além do mais «(...) a implantação multinacional da Companhia de Jesus permitia (...), através da sua rede de correspondência e de mobilidade dos seus membros, estarem informados e actualizados acerca das inovações científicas que iam surgindo pela Europa fora.(...)Disso mesmo é significativo exemplo o facto de os Jesuítas portugueses estarem a par das revolucionárias teorias de Galileu, bem como o facto da rápida introdução em Portugal do telescópio, pouco tempo depois de ter sido inventado em Itália.», iniciando a sua divulgação nos territórios ultramarinos. José Eduardo Franco, *O Mito dos Jesuítas*, Vol I, pp293/294

721 «Muitas vezes desejei saber quanta gente limpa de guerra iria ordinariamente cõ o Emperador (q a outra cõ dificuldade se pode contar), e nunca me souberão dar rezão (...). Quanto a vez q eu vi mais, não cuido q passavão de quarenta mil (...)», Pais, Vol.I, p.135

Preocupa-se também com equivalências de valores, caracterizando a unidade de troca etíope: a pedra de sal, da seguinte forma:

«(...) cada hua tem oito dedos de comprido e dous e meio de largo pouco mais ou menos; (...)e com estas pedras se acha melhor o q querem, q com ouro em m.tas partes, e valem mais ou menos conforme a maior ou menor distância da parte onde se cortão (...).Aqui na Corte, onde vem de 16 ou 18 dias de caminho, 32 valem hu cruzado, e alguas vezes mais, e outras menos (...). O ouro dão por peso feito em pedacinhos, e o ordinario peso chamão Oquêa, q são oito venezianos de peso justamente; e mea Oquêa, e daqui vão diminuindo até peso muito pequeno (...)»⁷²²

Tal como em Álvares os produtos etíopes (especialmente as dádivas e os tributos pagos aos Imperador⁷²³) são constantemente avaliados na moeda lusa, entre eles os famosos cobertores de algodão, que também Francisco Álvares tinha salientado, e que segundo Pais «(...) são alguns tão bons, q custão dez Cruzados.»⁷²⁴; ou as manilhas de ouro oferecidas aos grandes senhores da Corte avaliadas em duzentos ou trezentos cruzados⁷²⁵.

Outra preocupação de Pais é de estabelecer uma equivalência entre as medidas etíopes e as peninsulares, quer seja no estabelecimento das distâncias: «Suas jornadas são curtas, mas quando lhes releva, as fazem não menos compridas como em espanha, e não fálão por legoas; porq não dividem os caminhos com semelhante partição, senão por dias.»⁷²⁶; quer nas medidas utilizadas para os diversos produtos da terra: «Pera o algodão tambem tem seu peso; e os pannos q fazem delle, e as sedas e roupa q lhes vem de fora medem por covados; o mantimento, mel, e manteiga com certas medidas; (...)»⁷²⁷; o mel pago como tributo ao Imperador, «(...)dá quinhentos caloes[sic], q terá cada hu pouco menos da medida, q em Castella chamão arroba.». Já outro tipo de mantimentos apenas perfazem aproximadamente quatro *fanegas de castella*⁷²⁸.

São igualmente referenciadas notações precisas de tempo, quando envolvem episódios que podem ser correctamente balizados, especialmente os decorrentes da experiência pessoal de Pais: o dia, o mês e o ano, assim como intervalos de

⁷²² *Ibd.*,p.182

⁷²³ *Ibd.*,p.236

⁷²⁴ *Ibd.*,p. 211

⁷²⁵ *Ibd.*,p.91

⁷²⁶ *Ibd.*,p.182

⁷²⁷ *Ibd.*

⁷²⁸ *Ibd.*,p. 237

anos/meses/dias. Por vezes Pais indica também a data do calendário litúrgico: *dia da Ascensão*; dia de *Todos os Santos*, parecendo, no entanto preferir as indicações do calendário profano.

Encontramos em Pais a mesma “dicotomia” patente em Álvares no sentido de uma preocupação em descrever e precisar com recurso à medida possível e ao número, assim como à semelhança qualitativa. Nesta estratégia de descrição baseada na analogia, embora Pais se reporte a um horizonte comparativo um pouco mas vasto do que o do P. Francisco Álvares, que consiste no conjunto da Península, com numerosas referências à sua Castela natal⁷²⁹, aliás já patente nas medidas indicadas, e a título mais alargado, à própria Europa.

Na verdade o universo referencial do autor é o europeu ou o conhecido dos europeus. É à fauna, flora e costumes europeus que Pais se reporta na descrição do que não tem equiparação na Europa ou partindo de possíveis analogias entre ambas as realidades. Por tal, existe na Etiópia uma semente desconhecida na Europa, mas semelhante à linhaça, existem tubérculos também desconhecidos, semelhantes a nabos; outras sementes são semelhantes à mostarda; por certas árvores sobe «(...) hua cousa como jazmim, q chamão endôd, seu fruto he como cachinhos de pimenta(...)»⁷³⁰. Um grande peixe pescado no rio é como o cação; as grandes aves da Lagoa de Dambiã são comparadas a cisnes. Os cães mesmo os maiores, «(...) os q servem pera Çaça não chegam aos galgos d’ Espanha(...)»⁷³¹, enquanto as perdizes são maiores que as europeias e existem rolas e corvos pretos semelhantes aos europeus⁷³²; o linho equipara-se ao cultivado em Espanha e «(...) os rabaos [sic] se come m.to bem; e ainda não queimam tanto como os de Portugal.(...)»; e «(...) alhos há em grande abundancia e cabeças tão fermosas, q não lhes fazem vantagem as melhores de Espanha.»⁷³³.

Entre a realidade portuguesa ou espanhola como referência, o P. Pais opta mais frequentemente pela última, com a qual se mostra mais familiarizado, como demonstra na seguinte passagem sobre a localização do mosteiro de Aleluia: «(...) podia dizer hu disparate tão grande como he, q do famoso mosteiro de Alleluya se descubra o monte de Amharâ; porq não he menos q dizer q da ribeira de Lisboa em Portugal se descobre

729 Sobre a igreja d Stª Maria de Sião em Aksum revela-nos «Hua cousa he digna de se advertir, q conforme a esta conta se começou a edificar a Igreja em honra da Virgem vivendo ainda a Senhora como a Capella del Pilar em Çaragoça de espanha.», *Ibd.*, Vol.II, p. 126

730 *Ibd.*, p.72

731 *Ibd.*, p.196

732 *Vide, ibd.*, pp.203 e 204

733 *Ibd.*, p.213

Coimbra; ou pera fallar das terras q tenho melhor vistas, q de Segovia se descubra el Alhambra de Granada.»⁷³⁴

Porém, para lá do rigor e objectividade do seu espírito e do apego à verdade, Pais é um homem do seu tempo e um religioso da Companhia de Jesus. No seu historiar dos imperadores abexins e sua relação com os sucessos da missão católica e feitos dos portugueses nas terras etíopes, a narrativa de Pais assume frequentemente uma intencionalidade e um conteúdo marcadamente religioso em prol do catolicismo, que comporta uma visão providencialista e a introdução do milagroso. O episódio de D. Cristovão da Gama consubstancia esta interpretação, sendo o jovem Gama enaltecido como uma personagem de excepção no quadro dos objectivos portugueses e num sentido mais restrito, da própria Companhia. Ou seja, D. Cristóvão da Gama torna-se um herói, ao protagonizar o resgate de uma cristandade ameaçada, sendo que o seu auxílio militar, ao preservar esse espaço religioso, o torna uma peça fundamental para o avanço proselitista da Companhia, assumindo ainda foros de santidade através do seu martírio. Desta forma os relatos milagrosos que rodeiam a morte de D. Cristovão são referidos e aceites pelo autor⁷³⁵ que ensaia a confirmação dos factos: «E perguntando eu agora a alguns frades por isto, me disserão q o ouvirão contar a outros mais velhos *por cousa m.to certa; e todas estas cousas atribuem a querer Deos honrara seu servo* e mostrar quanto lhe agradou em sua vida e morte; e todos grandes e pequenos o têm e apregoão ate agora por *grande martir*;(...)»⁷³⁶.

O sucesso na batalha dos companheiros de D. Cristovão com os muçulmanos é atribuído à protecção divina, para sua glorificação, e mais especificamente por intercessão da Virgem da Piedade⁷³⁷. Mais tarde o mesmo providencialismo será evocado quando da vitória do Imperador *Suseneos* sobre uma rebelião, apresentada como uma dádiva do Céu e milagre, face á disparidade das forças e ao facto de não terem existido baixas por parte das forças do imperador⁷³⁸.

⁷³⁴ *Ibd.*, pp.44/45

⁷³⁵ *Vide, ibd.*, pp.269/270

⁷³⁶ *Ibd.*, p. 270

⁷³⁷ «(...) e foi cousa maravilhosa, q com ser esta batalha tão travada(...) não morreo nenhu. Por onde se pode ter por sem duvida q a Virgem da Piedade (a quem antes de entrar na batalha se encomendarão) a teve delles, e lhes alcançou do Pay das misericordias esta tão grande.», *Ibd.*, p. 278

⁷³⁸ :«Respondi q por tal [por milagre] o tinha eu tambem, e q o Snor o fizera pera mostrar o quanto lhe agradava o defender S. Mag.de as cousas da S.ta fee (...)» e por tal «(...) se podia ter por certo q Deos lhe quis dar a Coroa do Imp.o pera se servir delle em cousas tão importantes.» *Ibd.*, Vol. II, pp. 51/52 e Vol.III, pp.79

Outra personagem crucial para a justificação da presença jesuíta é a do primeiro Patriarca, D. André de Oviedo e o exemplo de todas as dificuldades que enfrentou, tornando-se assim uma figura tutelar da missão. O seu exemplo assume um carácter de santidade pelas provas de abnegação e persistência que deu em vida, originando uma hagiografia milagrosa de Oviedo, iniciada ainda em sua vida (embora estando já desterrado em *Fremona*) e uma apologia da santidade da sua vida em condições tão difíceis, que lhe teria conferido até dons de profecia. Após a sua morte numerosos milagres são-lhe atribuídos, especialmente salvamentos da missão católica em casos de levantamentos militares ou invasões de gentios. A pobreza da sua vida e o empenho no seu trabalho de apostolado, levam Pais a compará-lo a Cristo, na prossecução do objectivo que os Padres da Companhia tinham por sagrado⁷³⁹. Também são atribuídas qualidades milagrosas à sepultura de Oviedo, sublinhando Pais o culto da figura do Patriarca e a apologia da sua vida como modelo cristão.

O mesmo sucede com os restantes padres dessa primeira missão, que lá permaneceram e morreram em condições adversas. O superior da missão após a morte de Oviedo, Manuel Fernandes, é outro exemplo de apostolado, sendo-lhe atribuído o dom da premonição⁷⁴⁰. Outro membro da missão, Francisco Lopes, além de exemplo da vivência cristã, teria uma aura de santidade no final de sua vida, rodeando-o um resplendor de graça divina que provocaria mesmo o respeito do imperador Malâc Çaguêd, desfavorável aos católicos⁷⁴¹.

O culto dos mártires é também exemplificado pelas tentativas de recuperação dos restos mortais de D. Cristovão da Gama pelo P. Pais e de Abraham de Georgis pelos padres Luís de Azevedo e Lourenço Romano ao aportarem a *Maçuâ*, ambas em vão⁷⁴². Esta espécie de dimensão profética dos feitos jesuítas na Etiópia é coadjuvada por uma série de histórias edificantes em prol da fé cristã e/ou católica, que o autor vai coligindo ao sabor da narração⁷⁴³. A eficácia/poder da fé católica é comprovada por

739 «(...)cô grande perseverança, pedindo a Nosso Snor em suas Oraçoens tivesse por bem de os liviar, e dar graça com q deixassem sua perfídia e se sojeitassem a santa Igreja Romana.» *Ibd.*, p.333

740 *Ibd.*, p.343

741 *Ibd.*, pp.345/347

742 *Vide Ibd.*, Vol. I, p. 270; Vol. II, p. 413; Vol. III, p.65

743 Tal é o caso da história da donzela entrevada de Ormuz como exemplo de abnegação cristã e de confiança na fé. Quando do seu cativeiro em Heinan, na Arábia, Pais trancreve a história contada pela mulher de Pegu, também cativa, sobre a persistência dos portugueses e em particular de um negro, na sua fé e no seu martírio como exemplo de constância; ou a profecia do castigo divino proferido pelo jovem sírio, criado dos padres, quando do seu interrogatório e tortura pelos turcos, profecia que se teria concretizado, suscitando o respeito dos seus captores; ou ainda o relato do jovem cristão, que renegara sua fé e encorajado pelos padres, regressa à Índia, onde retoma a religião cristã e se dedica à penitência, como testemunha Pais quando finalmente é libertado do seu cativeiro *Vide, ibd.*, Vol. II, pp.376/377; pp. 384/385; p. 388 e pp.395/397

vários episódios, que se entrelaçam na narração, sempre que surge uma oportunidade para fazer uma apologia do credo católico.

Decorrentes da estratégia que preside à obra, ou seja, a justificação da presença jesuíta na Etiópia, as dificuldades da missão da Companhia não deixam de ser devidamente apontadas, comprovando a dedicação e esforço dos seus membros. Portanto, é necessário sublinhar, sem deixar margem para dúvidas, o carácter cismático do cristianismo abexim, opondo-lhe o, martirológio e a esforçada acção dos missionários, face à resistência da população abexim em abandonar as suas crenças⁷⁴⁴.

Todavia em relação ao imperador coevo, justifica-se plena e entusiasticamente o empenho da missão. De facto, se os obstáculos fortalecem a fé e a vontade dos missionários, é, por outro lado, necessário enviar sinais positivos para a Europa, mas igualmente procurar apoios para a estratégia inaciana, centrada na influência junto aos governantes, claramente exposta nos objectivos relatados pelo próprio Pais acerca da correspondência de Filipe II⁷⁴⁵.

Justificar a presença da missão católica jesuíta em território etíope e repor uma verdade falseada na obra de Urreta será o pretexto para Pais proceder a toda uma descrição do território e gentes da Etiópia, abordando diversos tópicos ao retratar a realidade dessa região africana. Serão os tópicos, presentes em Álvares e Pais, que iremos analisar no próximo capítulo, para que, conduzidos, também nós, pela escrita de ambos, conheçamos a Etiópia que se prontificaram a revelar-nos através do seu *olhar*. E nas suas descrições, a despeito «(...) de todas as condicionantes decorrentes dos objectivos previamente traçados e da preocupação quase obsessiva em os atingir, não raros são os momentos em que o viajante se liberta dessa tensão e se deixa fascinar pela novidade do mundo envolvente.»⁷⁴⁶. Procuraremos, pois, acompanhá-los nesse fascínio.

744 «(...) obediencia à Stª Igreja Romana, digo q prouvera a divina misericordia q assi o fizerão e guardarão, porq não se perderão tantos milhares de almas como por falta disto até oje se perderão e se lhe hão de perder, se sua divina magestade não aplacar sua ira; e lhes der particular graça pera q se sojeitem à sua Stª Igreja Romana e à doutrina q ella ensina.», *Ibd.*, 110/111

745 «Em a prim.ra missão,(...) escrevi eu a S. Mag.de o q nelle tinha passado, e o estado em q estavam as cousas, e como o novo Emp.or era homem de tam bom entendim.to e partes, q se podia esperar todo o bom successo acerca da redução de seu Imp.o(...), e gosto as cousas de nossa s.ta fee e mostrava affeição a ellas; pello q sua mag.de determinou de lhe escrever(...); pera cõ isto o affeioar mais e obrigar a q tivesse cõ elle amizade, e correspondência (...), cousa tão importante pera o q se pretende, q sem ella mal se pudera nunca a affeioar.», *Ibd.*, Vol. III, pp.194/195

746 Horácio Peixoto de Araújo, « O fascínio do diferente nos relatos de viagens pelo Oriente» in, *O olhar do Viajante- dos navegadores aos exploradores*, Lisboa, Almedina, 2002, p.39

CAPÍTULO III- No Reino do Preste: A Historicidade dos Olhares na Verdadeira Informação... e na História de Etiópia

«Depois q entrei em este Império d’Ethiopia(...), e comecei a ver as cousas delle, entendi quã pouca noticia se tinha dellas em Europa; pello q desejava sempre dar algua aos daquellas partes (...)», Pêro Pais, *Historia de Etiópia*

As obras analisadas neste trabalho têm, como já vimos, um conteúdo vasto e heterogêneo que alia a componente de descrição geográfica à da história natural e da abordagem antropológica. Todos estes elementos são parte integrante do que na época constituía o «historiar exemplar». A descrição das terras e especificação das suas demarcações, suas características físicas, seu povo e costumes, fazem parte integrante tanto do relato das viagens e peripécias da embaixada ao *Preste*, no caso de Álvares, como na narração dos progressos do catolicismo e da actuação da Companhia de Jesus na Etiópia, no caso de Pais.

Encetaremos, pois, o percurso pela Etiópia historiada nas obras dos padres Francisco Álvares e Pêro Pais. O nosso propósito, é acompanhá-los através das impressões colhidas em território etíope, através dos *olhares* que nos transmitiram. Pretendemos analisar os tópicos delimitados e abordados pelos autores e sua convergência ou afastamento, confrontando os textos. Textos estes, que seguindo o sistema de referências culturais já abordadas, irão moldar o encontro com uma *outra* realidade tanto geográfica, natural e humana, como cultural e social.

O conteúdo descritivo destas obras agrupam-se segundo temáticas que parecem ser comuns às obras coevas análogas, ou produzidas no contexto da Expansão portuguesa, como nos refere Francisco Bettencourt, que as denomina, «estereótipos descritivos»⁷⁴⁷. A essa expressão preferiremos a de «tópicos descritivos», a cuja categorização intentámos proceder nos textos sobre a Etiópia/*Reino do Preste* de

⁷⁴⁷ Francisco Bettencourt, *op. cit.*, p.102

Francisco Álvares e Pêro Pais⁷⁴⁸. Com efeito tentámos descortinar quais os aspectos privilegiados pelos nossos autores e de que forma se situam no interior da obra, dentro de uma elencagem geral de descritores como a localização geográfica, a paisagem e a natureza; os habitantes e seu aspecto; organização social e costumes; artefactos e indústria; sistema de crenças, que se desdobram noutras tantas subcategorias. Estes tópicos respondem a interrogações e curiosidades perante o *novo* ou *diferente*, ou por outras palavras, constituem uma forma de descrever o *exótico* em relação à cultura europeia, que a nível literário Maria Leonor Carvalhão Buescu apodou de «estética do diverso»⁷⁴⁹, como forma de integração de uma outra realidade⁷⁵⁰ presente na abordagem historiográfica portuguesa coeva «(...) que remete para a apropriação de marcas de exotismo de algum modo vinculado a uma antropologia nascente(...)»⁷⁵¹.

Teremos, porém, em conta não só a especificidade desses tópicos seleccionados pelos autores, mas igualmente a forma como nos são transmitidos. Com efeito como refere Ana Paula Avelar, as viagens marítimas provocaram a descoberta/encontro de uma diferente realidade, e tornaram necessária a sua apreensão e descrição, assim como a construção de modelos descritivos que servissem esse fim afirmando, «A chegada levou ao confronto com a novidade e com a necessária apreensão do *Outro*, iniciando-se um processo de construção de uma imagem (...)»⁷⁵². Segundo a mesma autora «O processo encontrado para a exposição do olhar reportar-se-á igualmente aos desígnios propostos pelo sujeito autoral, pelo solo da sua vivência, pelo objectivo da sua escrita.»⁷⁵³, afastando a nossa compreensão histórica actual de qualquer veleidade de acesso a uma perfeita objectividade dos textos estudados, embora estes fossem encarados pelos seus autores «(...) como uma via de acesso *real*.»⁷⁵⁴, num processo de

⁷⁴⁸ Vide Anexos, Quadros 5

⁷⁴⁹ Maria Leonor Carvalhão Buescu, «O Exotismo ou a “Estética do Diverso” na Literatura Portuguesa» p. 567

⁷⁵⁰ «(...)o exótico é o diferente e é também diferente do fabuloso, do mítico e do fantástico, porque infixado no real. Pressupõe uma certa atitude mental, uma sensibilidade particular no contexto de uma viagem ou de uma permanência num algures alheio, ao recolher vivências e imagens recorrentes; ao modelar o colectivo através de um registo diferencial, sujeito, em maior ou menor grau, a uma manipulação artística dos dados da realidade(...)», *ibid.*

⁷⁵¹ *Ibid.*, p. 569

⁷⁵² Ana Paula Avelar, *op. cit.*, p. 117

⁷⁵³ *Ibid.*, p. 117; A existência, para além da mundividência do autor, de linhas programáticas, ideários e estratégias subjacentes ao discurso conduzem à questionação por Horácio Peixoto de Araújo da asserção de olhar ingénuo dos viajantes perante a *novidade*, referindo-se em concreto aos relatos dos missionários jesuítas de finais do século XVI e do XVII, pois estas viagens são realizadas «(...) com objectivos previamente definidos e bem precisos, o que, à partida, representava já uma forte condicionante do “olhar”», Horácio Peixoto de Araújo, «O fascínio do diferente nos relatos de viagens pelo Oriente», in, *O olhar do Viajante- dos navegadores aos exploradores*, pp. 37

⁷⁵⁴ Ana Paula Avelar, *op. cit.*, p. 276

tentativa de mimetismo dessa realidade, segundo o conceito aristotélico de narração do sucedido⁷⁵⁵.

De facto e a despeito dos objectivos de autenticidade almejados pelos autores coevos, a visão que nos legaram é produto de «(...) uma construção do objecto, segundo condições culturais e mentais do observador(...)»⁷⁵⁶, remetendo-nos para uma noção de *reconstrução* ou *recriação*⁷⁵⁷, assim como para os conceitos de *imagem* e de *alteridade*. Com efeito, estes relatos representam a transposição para a escrita, do conhecimento de uma realidade exterior e estranha ao autor segundo as suas categorias mentais e formas de representação da cultura de onde procedem, para poder ser transmitida de forma assimilável ao público europeu. Ou seja, como num jogo de espelhos, o encontro com e a descrição do *Outro*, ao mesmo tempo reflecte o *Eu* de um autor, de uma sociedade e da época em que se insere e contribui para a sua auto-identificação. Nas palavras de Ana Paula Avelar «Este é, com efeito, um *saber construído* que, sem dúvida, desvenda muito mais sobre o observador do que sobre o observado.»⁷⁵⁸ Todavia, e como defende a mesma autora, «(...) a associação do real com a sua representação, a sua imagem, oferece o quadro formal não só da *inteligibilidade* mas também da *pensabilidade* do mundo.»⁷⁵⁹

Importa em seguida apurar as formas de construção da visão do *Outro* nos nossos autores. Que tipos de representação veiculam eles das terras e da sociedade abexim, representação essa construída a partir do *Eu* social, cultural e pessoal do autor. Simultaneamente pretendemos compreender a valoração que os autores nos transmitem de uma diferente realidade e perceber uma continuidade, do ponto de vista diacrónico, na matriz descritiva de ambos, tendo em conta a intencionalidade que preside à redacção das suas respectivas obras, dentro de conjunturas político/culturais separadas por um século. Por outras palavras interrogámo-nos de que forma estes processos de construção da imagem do *Outro* são influenciados pela herança de

⁷⁵⁵ *Ibd.*, p. 268

⁷⁵⁶ José da Silva Horta, «O Africano: produção textual e representações (séculos XV-XVII)» in, *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens*, Fernando Cristovão (coord.), Lisboa, Cosmos/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa, 1999, p. 261

⁷⁵⁷ *Ibd.*

⁷⁵⁸ *Ibd.*, p. 188

⁷⁵⁹ *Ibd.*, p. 127; também Luís Filipe Barreto defende que «(...) toda a descrição está limitada (...) ao ângulo perceptual onde a escrita é formulada, ao código de interpretação a que pertence o sujeito discursivo.(...) Nesse ângulo reside o referente motor, o critério de verdade fabricante do criterioso discurso sobre o real. Toda e qualquer descrição surge à superfície envolta (...) numa marca de objectividade que dá o estatuto de realismo e verosimilhança ao texto. Aparente instância porque todo e qualquer *anotado* remete obrigatoriamente para um *notado*.», *Descobrimentos e Renascimento...*, pp. 59/60

construções arquetípicas⁷⁶⁰ e de que forma um texto *fundador* marca uma posterior imagem e de que maneira esta evolui em relação aquele.

1- Do Espaço Natural

«Muytas e grandes differenças tem os authores entre si sobre quantos, e quais sejam os Reynos, e Provincias, q se comprehendem debaixo deste nome Ethiopia;(...)»

«(...) em nenhua parte vi nem ouvi dizer q ouvesse tantos animais, nem tão differentes sorte delles, como dizem q há em Ethiopia e eu em parte tenho visto(...)», Pêro Pais, *História de Etiópia*

A compreensão do *Outro* engloba igualmente o quadro físico que o cerca; desta forma a própria natureza é ela também um elemento de alteridade, que modela o modo de vida das sociedades locais e condiciona a observação e os juízos dos autores⁷⁶¹. Sendo este reino do *Preste* uma realidade essencialmente continental, a Etiópia é das primeiras regiões africanas em que se avança para um conhecimento do interior do seu território e se procede ao seu registo. Assim, as suas descrições do espaço natural, embora funcionem como um enquadramento das missões centrais que, quer Álvares, quer Pais, devem desempenhar, constituem uma importante vertente de ambas as narrativas, tanto pelas condicionantes que a sua dimensão e estranheza impõe, como pelo maravilhamento, eufórico e bastas vezes disfórico que frequentemente, desperta nos autores.

⁷⁶⁰ Ana Paula Avelar, *op. cit.*, p. 117

⁷⁶¹ Vide, Michel Mollat du Jourdin, *in*, «L'Altérité, découverte des découvertes» *in*, *Voyager à la Renaissance*, *in*, Jean Ceard e Jean Claude Margolin (ed.), *Voyager à la Renaissance*, Actes du Colloque (Tours, 1983), Paris, Maisonneuve & Larose, 1987, p.307

1.1- Da Configuração Geográfica

A *Etiópia*, segundo o grego antigo significava «a terra dos homens de rosto queimado» ou seja dos «homens negros»⁷⁶². Sob este nome designava-se todo o território para lá das regiões africanas dominadas pelo Islão, ou seja, confundia-se com a África subsaariana, de acordo com a tradição da geografia antiga de autores como Pompónio Mela e Solino que influenciaram as concepções medievais patentes por exemplo em Stº Isidoro de Sevilha.

A influência desta corrente geográfica fazia-se ainda sentir no século XVI⁷⁶³. Segundo as palavras de Luís de Albuquerque, «(...) uma tradição geográfica estabelecida desde os primeiros séculos da era cristã dava o nome de Etiópia a uma larga região que se estendia do Atlântico à contra costa; os seus limites setentrionais seriam, de ocidente para nascente, a Maurítânia (prolongada até ao rio dos Negros [o Nilo]), a Núbia e o Egipto.»⁷⁶⁴, englobando ainda as regiões a sul do Nilo e o local das suas misteriosas nascentes.

A redescoberta de Ptolomeu de Alexandria (séc. II d.C.) e da sua *Cosmografia*, recuperada na Itália do séc. XV (publicada pela primeira vez em Viena em 1475), abala as convicções desta geografia antiga e medieval, assente na noção de uma *oikoumenê*, identificada com a *christianitas*, que se restringia a um bloco continental setentrional englobando a Europa, parte da Ásia e da África, rodeado de mar, não ultrapassando a linha do Equador⁷⁶⁵. Na sua obra, Ptolomeu contraria a crença de uma terra não habitável para além do Equador, apontando para um prolongamento

⁷⁶² Vide, Luís Filipe Thomaz, «Abexins, Abássia, Abissínia e Etiópia» in, *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Luís de Albuquerque (dir.), Vol.I, p.7

⁷⁶³ Vide, Luís de Albuquerque, «A Localização da Etiópia» in, *Introdução à História dos Descobrimentos*, pp.170/179

⁷⁶⁴ *Ibid.*, p. 172

⁷⁶⁵ Para lá desta linha desenhar-se-ia um continente no hemisfério meridional, a terra austral, onde habitariam os antípodas, seres fabulosos que já não pertenceriam à espécie humana. Mas, por esta concepção ser contrária à teologia cristã, que defendia a universalidade da palavra divina transmitida pelos Apóstolos, Stº Agostinho e outros pensadores cristãos rejeitam a existência dos antípodas e a possibilidade de existência física na zona meridional. Por outro lado acredita-se na existência de comunidades cristãs perdidas do contacto com a *Christianitas*, cada vez mais restrita à Europa. Vide, W.G.L. Randles, «Quelques Modifications apportées par les grandes Découvertes à la Conception médiévale du Monde», *Revista da Faculdade de Letras*, 3ª série, nº 3, Lisboa, Faculdade de Letras, pp. 65-88

meridional do continente africano e identificará o sul de África com a *Etiópia*. Além do mais situará as lendárias nascentes do Nilo nas *Montanhas da Lua* no coração dessa região⁷⁶⁶.

Nesta vasta zona que se estende do Atlântico ao Índico e pelo interior do continente, distinguem-se, tal como no caso da Índia, diferentes regiões: a *Etiópia Ocidental* ou *vel-Barbaria* ou ainda *Hespéria*, ocupada por povos em estado selvagem e a *Hespérida* ou *Etiópia Oriental*, onde se situaria, algures, o reino do magnífico *Preste*⁷⁶⁷. Por vezes as *Etiópias* são três: a *Oriental*, a *Austral* e a *Ocidental*. Estas concepções guiam ainda os navegadores portugueses. Por exemplo Duarte Pacheco Pereira distinguirá três Etiópias: a *Superior/Alta* identifica-se com a Índia; a *Inferior/Baixa* subdivide-se por sua vez na Guiné e na região a sul do Egipto; a *Etiópia sob-Egipto*, estender-se-ia do cabo Guardafui até ao da Boa Esperança⁷⁶⁸.

Assim a *Etiópia Oriental* ou *Superior/Alta*, estando para lá do Nilo, oscila entre a África e a Ásia. Daí a atribuição das *Índias* ao reino do *Preste*, embora o plural da sua nomenclatura, com o tempo, se torne um resquício das antigas concepções, pois «(...) no decurso do século XVI, com as explorações portuguesas no Oriente, desfazem-se as principais incertezas toponímicas, (...) e no conjunto o termo *Índia* tende a restringir-se ao Hindustão-Dekkan.»⁷⁶⁹.

Porém, o conhecimento do interior meridional do continente africano permanece ainda largamente subsidiário da geografia ptolemaica, continuando a seguir-se as indicações desse autor quanto à configuração dos rios e outros acidentes geográficos e a sua divisão em várias regiões (a *Barbaria*, a *Numídia*, a *Líbia* e a *Etiópia*). A vasta zona continental designada por *Etiópia* e identificada por vezes com regiões tão díspares e longínquas entre si como a Guiné, o Congo, o Monomotapa, o território a sul do Egipto, e uma zona indefinida que se estenderia até ao sul do continente, apenas progressivamente será restringido.

Também a sua nomenclatura se apresenta variável: *Etiópia* (*æthiops*) é o nome utilizado pelos gregos, inicialmente para designar a região da Núbia, sendo igualmente adoptado pelos povos autóctones nos primeiros séculos cristãos (*Ityopya*). Contudo, a

⁷⁶⁶ « (...) Ptolomeo (...) anotó la teoría de el Nilo nacía en dos lagos en el interior de África, al pie de una cordillera de nieves perpetuas que llamó “montañas de la Luna”, en razón del fulgor que despendían el hielo e la nieve cuando daba sol sobre los cumbres.», Javier Reverte, *Dios, el Diablo y la Aventura, - La historia de Pedro Páez...*, p.194

⁷⁶⁷ Cf., Luís de Albuquerque, *op cit.*, pp. 170/179 e «Etiópia» in, *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, p. 477

⁷⁶⁸ V. M. Godinho, *op cit.*, p. 173 e «Etiópia» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp. 820/821

⁷⁶⁹ V. M. Godinho, *op cit*, p. 174

designação árabe para o reino cristão copta (zona central da actual Etiópia e Eritreia) é *Habbas*, do termo *habash/ habasha* e seus habitantes os *ahäbish*, de onde provém o etnónimo português *abexim*, adaptado a partir do século XVI, com base no qual se constrói o topónimo *Abexia* ou *Abexina*, existindo já uma forma latina, *Abássia*, utilizada especialmente por eruditos, de onde derivará o termo *Abyssinia*, utilizada na segunda metade do século XVI⁷⁷⁰. Ambos os etnónimos e topónimos são utilizados na época dos autores, como nos afirma Pêro Pais «(...) há hu nome quasi geral pera toda a terra e os moradores della q he Habêx (...). Isto não somente entre si huns aos outros, mas principalmente os Mouros e Turcos à terra e aos moradores chamão Abêx, posto q (...) quando fallão de soo a terra, todos a chamão Ethiopia, e este nome he mais proprio, e assi os naturais nas cartas e livros q escrevem deste só usão (...)»⁷⁷¹. Por outro lado a designação *Terra/Reino do Preste João*, associada à região⁷⁷², permanecerá como termo corrente até finais de seiscentos.

Entremos então no *reino do Preste* acompanhando os nossos autores. Começaremos por segui-los na tentativa de uma compreensão do espaço natural que o caracteriza, onde incluímos a localização e avaliação global do território, dos seus limites, das regiões com que confina, e dos povos que o cercam.

1.1.1- Da Localização e Reinos da Etiópia

No contexto do conhecimento do interior e dimensões do continente africano, e delimitação do espaço específico da própria Etiópia/Abissínia, entende-se a importância do relato da viagem de 1520, de Francisco Álvares e das informações que veicula, para o entendimento geográfico europeu da região. Empreendendo um longo percurso no seu interior, irá anotando cuidadosamente as terras e os acidentes geográficos por onde passa a caminho da corte do *Preste*, designando as províncias ou senhorios em que se integram.

A consideração do território sob o senhorio do imperador da Etiópia pelos autores analisados engloba, efectivamente, não só as regiões que conhecem *in loco*,

⁷⁷⁰ Cf. Luís Filipe Thomaz, , «Abexins, Abássia, Abissínia e Etiópia» in , *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol.I, p.7 e «Abexim» e «Etiópia» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp. 805/806 e 820/821

⁷⁷¹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 21

⁷⁷² Vide, Capítulo I do presente trabalho

como revelam a preocupação, quer em enumerar as diferentes terras compreendidas no Império etíope, tanto a nível geográfico como administrativo, quer em delimitar as suas fronteiras à luz do que conseguem apurar.

Seguindo o percurso da missão portuguesa na narrativa de Álvares, constatamos a divisão do território etíope em regiões, ou reinos, sendo estes, por sua vez, subdivididos numa espécie de senhorios menores ou *capitanias*, alguns deles percorridos e visitados pelo autor⁷⁷³. Começemos por acompanhá-lo no seu percurso desde o porto de *Maçuá*, na costa etíope do Mar Vermelho, de onde a embaixada portuguesa avista o primeiro local sob o senhorio do *Preste*, «(...) o lugar de Arquico era de cristãos e era de um senhor que se chama Barnagais súbdito do Preste João(...)»⁷⁷⁴. A partir deste lugar, a expedição interna-se em território africano.

A embaixada entra, assim, no reino do *Barnagais* ou *Senhor do Mar*, que se situaria para Levante, na costa do Mar Vermelho. O autor nomeia algumas capitanias sob a jurisdição desse senhor, que se localizariam «(...) para a parte do Egipto e Arábia(...)»⁷⁷⁵ e que fariam fronteira com aquele. Daí até *Suaquém*, onde começava o Egipto, localizavam-se as terras *Dafela* e de *Canfela*, de dois senhores, também eles súbditos do *Barnagais*.

No seu caminho, a embaixada passa por *Baruá/Debaroâ*, a cabeça desse senhorio; no reino de *Tigrei/Tigrê* aproxima-se de *Aquaxumo/Agçum*, antiga cidade da dinastia aksumita. Estancia num lugar de mouros, que denomina *Manadelei* (*Makalle*). Penetra em seguida no reino de *Angote/Angôt*, que tem fronteiras com terras de mouros a Levante. Nesse reino situa Álvares a *serra dos Infantes* onde eram colocados os familiares do Preste. Também ali se localizariam as famosas igrejas monolíticas de *Lalibela*. A oeste desta região situava-se *Abugima*, na terra do *Abimerás*, senhorio atribuído ao embaixador *Zagazabo/Çagâ Za Ab*.

A comitiva portuguesa alcança depois o reino de *Amara/Amhâra*, onde continua a sua progressão através de grandes montanhas e ínvias passagens como a de *Aquia Fagi*, de tal forma íngremes, cuja tradução seria, segundo o autor, *Morte de Asnos*⁷⁷⁶, chegando finalmente às Portas de *Badabaxa* ou *Terra Nova*⁷⁷⁷, que marcavam a divisão entre os reinos de *Amara/Amhâra* e de *Xoa/Xaoâ*. Neste último reino encontrarão

⁷⁷³ Vide, *Anexos* Quadros 6 A e C

⁷⁷⁴ Álvares, *op. cit.*, pp.10/11

⁷⁷⁵ *Ibd.*, p. 62

⁷⁷⁶ *Ibd.*, p.169

⁷⁷⁷ *Ibd.*, p. 170

finalmente o arraial do *Preste*. Daí retornarão com a corte pelas anteriores passagens para o reino de *Amara/Amharâ*, onde o monarca etíope instala a sua corte em finais de Dezembro de 1520, junto à igreja de *Macha Celacem/ Mecâna Çelace* ou da Trindade⁷⁷⁸.

São ainda referidos os reinos de *Fatiga/Fatagâr*, a Sudeste, e mais para o interior o reino de *Oija/ Ôye*, local onde Álvares teria assistido à festa do *tabuquete* ou dos reis, na qual se celebra o baptismo⁷⁷⁹.

Para Sudoeste, Francisco Álvares refere o reino de *Gorage/Guraguê*, onde teria passado um período de Quaresma acompanhando a corte ali estacionada. Segundo ele localizar-se-ia, «(...) no extremo de uma terra de gentios que se chamam gorages(...)»⁷⁸⁰. Também a Oeste de *Xôa/ Xaoâ* e provavelmente a Norte de *Gorage/Guraguê*, situava-se o distante, mas fértil reino de *Damut/Damôt*.

Continuando a progressão geográfica, agora para Noroeste, refere-nos Francisco Álvares, o reino de *Gojame/Gojâm*, que em grande parte teria pertencido à rainha *Helena/Elleni*. A norte deste reino fica o reino de *Bagamidri/Bagamedêr*, segundo o autor, o maior da terra do *Preste*, confinando a norte com as fronteiras do reino de *Amara*, e ainda com os limites do reino de *Angoir (Angote)/Angôt* e do reino de *Tigre/Tigrê* por «mais de duzentas léguas»⁷⁸¹. No final da Parte I da sua obra preocupar-se-á em tentar estabelecer os reinos e senhorios que compõem o domínio do *Preste João* e os seus reinos limítrofes, afirmando «Estas são as confrontações que eu pude saber dos reinos e senhorios do Preste João e deles soube de ouvida e os mais poucos de vista.»⁷⁸².

Entre a disparidade de povos e suas formas de inclusão nos senhorios do Preste constatada pelo clérigo e a imprecisão na delimitação do território etíope, continua a vigorar no relato de Álvares, o desconhecimento da extensão completa do reino abexim tanto para sul como para oeste e a sua situação exacta no continente africano, pelo que este autor mencionará ainda uma certa proximidade com o sul do continente africano, quando refere a utilização de sal etíope como moeda nos reinos limítrofes dos mouros e gentios, alcançando, esse tráfico, o reino africano de Monomotapa⁷⁸³.

⁷⁷⁸ Vide, *ibid.*, p. 246

⁷⁷⁹ *Ibid.*, p. 337

⁷⁸⁰ *Ibid.*, p. 305

⁷⁸¹ *Ibid.*, pp. 361/362

⁷⁸² *Ibid.*, p. 363

⁷⁸³ *Ibid.*, p. 108

Aproximadamente um século mais tarde, Pêro Pais ainda se reporta ao conceito alargado do território designado por Etiópia que vigorava na Europa, advertindo: «(..) porq como este nome Ethiopia seja tão lato, (...) compreende m.tas outras terras e maiores q as q senhorea o Preste João não se segue, q por nomearem Ethiopia se entenda precisamente das terras do Preste João(...)»⁷⁸⁴. No entanto as suas noções da configuração do continente africano parecem mais precisas do que as do clérigo quinhentista. Por tal corrige, em várias passagens, concepções que circulam ainda na Europa, como a da proximidade de ambas as costas do continente africano, acerca da qual afirma: «Ne são tão vizinhos os Reynos de Monomotapa e Congo (...); antes he tão grande a distancia q não somente não tem comunicação co elles, mas ne ainda lhe sabem o nome.»⁷⁸⁵; ou a ideia de um rio, que nascendo na Etiópia, desaguaria no oceano Atlântico, perto de Cabo Verde, acerca do qual Pais afirma, ser:«(..) hu absurdo e impossibilidade tão grande(...) pellos m.tos e grandes reynos e Provincias incognitas, e nunca ouvidas em Ethiopia, q estão entre ella e cabo Verde; (...)»⁷⁸⁶.

No entanto, e face ao desconhecimento do interior do continente e de sua real extensão, uma vez que as informações ao alcance dos portugueses e europeus sobre a geografia de África são de carácter parcelar, seguindo o ritmo das visitas às zonas costeiras, há uma ideia que perdura ainda nesta época: a de uma possível ligação por terra aos portos da costa oriental africana do Índico de fácil acesso aos portugueses⁷⁸⁷. Esta rota evitaria o “anel” turco e muçulmano no Mar Vermelho e todas as dificuldades e perigos inerentes a este caminho para a Etiópia. Esta ideia tomou forma em 1613, quando o imperador *Suzeneôs/ Çeltân Çaguêd* decidiu enviar uma embaixada a Filipe III⁷⁸⁸ através de uma rota continental que pretendia alcançar a partir do Sudoeste do seu reino, o estabelecimento português de Melinde⁷⁸⁹, seguindo daí para a Índia e Europa respectivamente. Assim em Março desse ano parte do reino de *Dambiâ* uma expedição encabeçada pelo embaixador *Fecûr Egzî*, convertido ao catolicismo,

⁷⁸⁴ Pais, Vol. II, p.148

⁷⁸⁵ *Ibd.*, Vol. I, p.213

⁷⁸⁶ *Ibd.*,p.225

⁷⁸⁷ Numa carta de D. André de Oviedo ao Papa, datada da Etiópia, 15 de Junho de 1567, é referido em relação ao reino de *Damut* «(...) q he hua região muy grande e vasta (...); e se diz q por hua parte chega a terras del-Rey de Portugal, q chamão de Moçambique e Sofala.», *ap.Ibd.* Vol. II, p. 303

⁷⁸⁸ Desejando o Imperador enviar um embaixador ao Papa e ao Rei e «(...) vendo q não o podia fazer por mar, por causa dos Turcos, determinou de o fazer por terra pera a costa de Melinde, q he de Portugueses; porq conforme as enformações q deste caminho lhe derão, tinha por mui provavel a passagem(...)», *Ibd.*, Vol. III, p. 197

⁷⁸⁹ São no entanto advertidos no decorrer da viagem «(...) foi falar cõ o P.e hu homem natural da qlla terra, q tinha andado em Castella e se embarcou em Portugal pera a India e depois passou cá com intento de abrir caminho pera Angola, e lhe disse q hia morrer sem proveito; porq de nenhuma maneira podia passar por aly a costa de Melinde(...)», *Ibd.*,Vol. III,p.211

acompanhado pelo P. António Fernandes, membro da missão. A expedição atravessou o sul da Etiópia: atravessando o reino de *Gojâm*, cruzou o Nilo Azul e penetrou no reino limítrofe de *Nareâ*, devendo dali seguir caminho, atravessando uma enorme extensão de terra desconhecida⁷⁹⁰. De facto, esta embaixada não logrou alcançar os seus objectivos, regressando um ano e sete meses depois, mas permitiu aumentar o conhecimento dos territórios africanos a sul da Etiópia. É provável que a afirmação de Pais «(...) Moçambique está muito longe daqlla terra, e há no meo, segundo dizem, tantos desertos, e gentes tam incognitas, q não tem comercio co Moçambique, mas parece q ne o podem ter, ainda q queirão.»⁷⁹¹, advenha das informações obtidas com a expedição do seu companheiro.

Pais recusa igualmente a proximidade com o sul do continente africano (Cabo da Boa Esperança) com base no desconhecimento dos próprios habitantes para lá dos limites do império, onde «(...)há mattos, e desertos infinitos habitados de feras, q se não podem passar(...)»⁷⁹².

A preocupação em delimitar e especificar os senhorios do chamado *Preste* é igualmente uma preocupação do P. Pais, da qual se ocupa logo no início da sua obra⁷⁹³. Enumera um conjunto de trinta e cinco reinos e dezoito províncias segundo uma lista obtida junto dos secretários do Imperador, embora em relação aos primeiros o autor afirme que muitos talvez não mereçam essa designação⁷⁹⁴. No entanto não se detém numa descrição pormenorizada dessas regiões nem nos elucida sobre a diferença entre reinos e províncias. A sua enumeração de regiões é difícil de localizar na totalidade, embora muitas constem do Mapa incluído na obra do P. Manuel de Almeida, impresso na obra editada de Baltasar Teles. E, apesar da diferente grafia utilizada, é possível identificar alguns com os reinos já mencionados por Francisco Álvares, provavelmente os reinos nucleares do Império etíope.

⁷⁹⁰ Por sua vez em 1624, o P.e Jerónimo Lobo, tentou o itinerário inverso, partindo de Melinde com o fito de alcançar a Abissínia por terra, percurso que igualmente se gorou., *Vide*, Kurt Krause, «Os Portugueses ba Abissínia» in, *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, Nºs 11-12, 31ª Série, Lisboa, Novembro/Dezembro de 1913, pp. 382/383

⁷⁹¹ Pais, ,Vol. I, p. 228

⁷⁹² *Ibd.*, Vol. II, pp. 214/215

⁷⁹³ «Tratando pois de só esta parte, q senhorea o Preste João, sua compridão corre de norte a sul, e toda ella está posta entre os Tropicos debaixo da zona torrida; e começa de perto de Çuaquê de uma terra q se chama Focâi; e vai discorrendo pera o sul até a terra q chamão Bahâr Gamô; (...) Sua largura, por onde a tem maior, começa do estremo da Provincia de Bur, de uma terra q se chama Hazô, q está depois de entrar as portas do estreito do Mar Roxo, e vai discorrendo quasi pera o Essudueste atee uma terra , q chamão Ombareâ (...)», *Ibd.*, Vol. II, p.14 ; *Vide Anexos*, Quadros 6 A e B

⁷⁹⁴ Pais, Vol. II, p. 15

Alguns reinos não parecem constar na sua lista (que muitas vezes não se coaduna com as referências aos senhorios do monarca etíope ao longo do seu texto), como é o caso do reino mouro de Adel, tão referido pelo seu antecessor, e ao qual também Pais aludirá⁷⁹⁵.

As restantes informações que obtemos de Pais acerca das terras do *Preste* surgem, pois, a propósito dos factos que descreve e das suas deslocações no interior do Império. O centro do império abexim na época corresponde, segundo o testemunho do missionário, aliás em consonância com Álvares, ao núcleo de territórios sitos no que será hoje o Norte e o Noroeste da Etiópia e a actual Eritreia: *Amharâ*, *Begmedêr*, *Tigré*, *Gojâm* e o reino da *Dambiâ*, este último não mencionado por Francisco Álvares.

Em relação ao reino de *Amharâ* e a propósito da célebre serra onde era tradição guardar os familiares do Imperador, *Guixêm Ambâ*, (e que Álvares tinha localizado no reino de *Angote/Angôt*) afirma Pais: «Está no limite de hum reyno q chamão de Amharâ, q antigamente era o meo do Imperio, mas agore he quasi o extremo pera a banda do sul; porq huns gentios, q chamão Galas, forão tomando por aquella parte muito grandes terras poucos tempos há (...)»⁷⁹⁶. Quanto ao reino de *Tigrê*, situa-o na província, não mencionada na sua enumeração, de *Tamben*. Desfaz a ideia de Álvares de que os territórios do chamado *Barnagais* constituíssem um reino só, especificando que fazem parte da costa litoral do reino de *Tigrê*⁷⁹⁷. Também confirma a localização do núcleo histórico da Etiópia nesse reino, à volta da antiga cidade de *Agçum*, que se situa perto da costa.

O reino interior de *Dambiâ* assume no relato de Pais, considerável importância. Este reino «(...) muito dentro deste Império(...)»⁷⁹⁸, separado a Sul do reino de *Gojâm* pela lagoa de *Dambiâ*, havia-se tornado a região preferida para o assento da corte no início do século XVII. Também uma nova missão jesuíta se instalará na região data. Daí que as deslocações do P. Pais se situem essencialmente entre os reinos de *Tigrê*, onde se localiza a casa inicial da missão, em *Fremonâ*, e *Dambiâ*, local onde reside habitualmente, junto da corte.

A diversidade de regiões e povos que compõem o extenso país que é a Etiópia são devidamente assinaladas pelo P. Pais «(...) os mais cortesãos, nobres e poderosos,

⁷⁹⁵ *Ibd.*, Vol I, p. 229

⁷⁹⁶ *Ibd.*, p. 70

⁷⁹⁷ «(...) as terras que governa Tigré Mohôn [o senhor do reino de Tigré] não são reyno, senão hua çerta parte do reyno de Tigré, mas são terras largas(...); e se por Barnagasso quer [Álvares] dizer Bahâr Nagâx (...) este governa outras terras do reyno de Tigré da banda do Mar Roxo q chegão perto de Arquico(...)», *Ibd.*, p. 220

⁷⁹⁸ *Ibd.*, Vol. I, p. 15

geralmente fallando, são os q chamão Amharâs; Os demais tem muitos e diferentes nomes conforme a suas famílias e as Provincias onde moram, pello que em só hu reyno há gente de muy diferentes nomes (...)». Por outro lado, Pais atesta a diversidade linguística do Império abexim, destacando «As lingoas q ha em este Império são muitas e muy diferentes, ainda em hu só reyno; a mais universal e cortesaam he a que chamão amharâ; lingua q na eloquencia se parece muito cõ a latina.»⁷⁹⁹, referindo ainda a existência de uma língua específica para os escritos religiosos.

Mas para a compreensão da extensão e situação geoestratégica do império abexim os nossos autores ocuparam-se igualmente da tentativa de delimitação das suas fronteiras e da identificação dos povos vizinhos.

1.1.2- Dos Limites da Etiópia

Quanto à delimitação do reino etíope⁸⁰⁰, informa-nos o P. Álvares a partir do seu ponto de entrada, *Maçuá*, no Mar Vermelho, que logo a Sul se encontram terras de «mouros alarves»⁸⁰¹ e uma sucessão de senhorios mouros ao longo da costa até ao Golfo de Adém, que se estendem para o interior, fazendo fronteira com os territórios etíopes, aproximadamente a Sudeste. Assim o refere Álvares a propósito de um encontro com o senhor de *Balgada*, no reino de *Tigrei/Tigrê* «(...) as guerras que êles tinham com os mouros que partiam suas terras de contra o mar e que nunca cessavam de guerrear (...)»⁸⁰². Com efeito, nesta região situavam-se vinte e quatro senhorias mouras, intituladas *Doba*, de mouros aguerridos, afectando especialmente as fronteiras do reino de *Angote/Angôt*, onde se verificam frequentes assaltos e incursões mouras, com retaliações duras por parte dos etíopes⁸⁰³. Também a região de *Janamora*, sofre frequentes ataques, nos quais são queimadas as casas e igrejas e o gado roubado. Por tal, afirma o autor que são seus habitantes bons guerreiros «(...)porque sempre tem o ôlho sôbre o ombro.»⁸⁰⁴.

⁷⁹⁹ *Ibd.*, p. 21 e 18

⁸⁰⁰ *Vide, Anexos, Quadro 6 C e 7 A*

⁸⁰¹ Álvares, .,pp.355

⁸⁰² *Ibd.*,p. 107

⁸⁰³ «(...) achámos as cabeças [de mouros] penduradas nas árvores sôbre a estrada (...) e havíamos mêdo e nojo de passar por baixo delas.» *Ibd.*,pp.116/117

⁸⁰⁴ *Ibd.*,p.122

Ainda para Levante situam-se os reinos mouros de *Adel*⁸⁰⁵ e já para o interior, o de *Adea*, ambos sujeitos ao *Preste*. A meio deste último, em direcção a Poente, iniciam-se territórios de gentios: o primeiro é a terra de *Ganze/Ganz*, habitada por gentios e cristãos; segue-se o grande território de *Gamu/Gambô*.

A Sul dos territórios do *Preste* situam-se terras de gentios, que habitam o reino de *Damute/Damôt*. Ainda mais a Sul situar-se ia o reino as amazonas, «se as aí há»⁸⁰⁶, como afirma cepticamente Francisco Álvares. A oeste ficam igualmente terras de povos gentios como os *cafates/Gafates*⁸⁰⁷, *aganos/Agôus*⁸⁰⁸ e outros, além de tribos muçulmanas, a noroeste, que ocupam as regiões semi- desérticas do que será hoje o actual Sudão. Por sua vez o Norte da Etiópia confina com as terras da Núbia, para lá das quais está o fértil vale do Nilo. Na primeira metade do século XVI os monarcas etíopes parecem deter ainda alguma autoridade ou capacidade de resposta militar face aos povos gentios e muçulmanos que cercam as suas fronteiras, embora a situação seja instável.

Na época de Pais o cerco às fronteiras do império etíope agudizou-se, sofrendo este a pressão dos potentados árabes e das tribos gentias, nem sempre pacíficas⁸⁰⁹. No início do sec. XVII, a Etiópia é um estado sitiado, com pouquíssimas saídas para o exterior e a braços com agitação interna e incursões inimigas que lhe cerceiam o território. A Levante «(...) ne ainda na costa do mar Roxo tem oje porto nenhu; q todos lhe tomarão os Turcos há mais de 60 annos (...)»⁸¹⁰.

Contudo, a maior ameaça na época de Pêro Pais aos reinos limítrofes e à própria integridade territorial do império etíope é representada pelas tribos pagãs de pastores (os povos *Oromo*), que habitavam a sul do território etíope, e cobiçam os férteis planaltos abexins. No século XVII o seu avanço para norte é imparável, assolando vastas áreas pertencentes ao Império. Referências a estas tribos nómadas, denominadas *Galês* por Pêro Pais, aparecem com frequência ao longo de toda a obra, a propósito dos assaltos e incursões em várias províncias. Assim, afirma o autor: «(...) ainda q seus antecessores [do Imperador] possuem todos estes reynos e provincias de alguns delles senhoreava elle agora pouco, por terem tomado a mor parte huns gentios q chamão

⁸⁰⁵ O rei mouro de Adel «Dizem que é estimado e havido entre os mouros por santo, porque continuamente faz guerra aos cristãos e assim dizem que é provido do Rei de Arábia e do Xequo de Meca e doutros reis e senhores mouros de muitas armas e cavalos (...)», *Ibd.*, p.315

⁸⁰⁶ *Ibd.*, p. 358

⁸⁰⁷ *Ibd.*, p. 360

⁸⁰⁸ *Ibd.*, p. 362

⁸⁰⁹ Vide, *Anexos*, Quadro 6 D e 7 B

⁸¹⁰ Pais,, Vol. I, ,p. 15

Gâla(...)»⁸¹¹. E mais à frente especifica a ameaça dos *Gâlas* aos limites geográficos do império. Estes são uma ameaça no reino de *Nareâ*, como nos é relatado a propósito da viagem do P. António Fernandes para Sul; atacam repetidas vezes o reino de *Gojâm*; atacam as populações de *Gafates*, *Agôus* e de *Damotes* nos limites a Poente do Império. Os seus avanços repercutem-se até aos reinos de *Amhâra*⁸¹² e de *Begmedêr* e a leste estão nos limites do reino de *Angôt*; ocupam todo o reino de *Ôye*⁸¹³ e alcançam mesmo a região de *Tigrê*.

Assim e em relação à época de Álvares, encontramos na obra de Pais um novo centro geográfico de poder no interior do território, a província de *Dambiâ*; no entanto deparamos com uma idêntica menção a reinos centrais do Império etíope, assim como aos reinos vizinhos, seus tributários, com os quais a convivência nem sempre parece ser pacífica. De facto, a Levante e ao longo da costa do Mar Vermelho, os estados muçulmanos e a presença turca, consolidaram-se na época de Pais; a Norte e a Poente encontram-se tribos gentias, nalguns casos relativamente assimiladas; de Sul para Norte, a irresistível progressão dos *Oromo/Galâs*, esboroa os antigos limites do Império abexim, cuja extensão, na época de Álvares parecia ser, senão maior, pelo menos mais segura, a despeito da sempre latente ameaça moura a Oriente.

1.2 – Da Natureza

No relativo às matrizes do olhar dos nossos autores sobre a natureza, estas pertencem ainda à cultura clássica e cristã, marcada pelas concepções do mundo e da natureza veiculadas por autores antigos como Aristóteles, Ptolomeu e Galeno e a própria Bíblia. Como refere Luís Filipe Barreto, a ontologia e epistemologia da época são determinadas pelo chamado paradigma «orgânico/qualitativo», onde o aristotelismo naturalista se concilia com a concepção organicista do mundo e com uma visão empírica, factual, e informativa dos exploradores e viajantes portugueses da época. Visão, que pode criticar, corrigir e superar os dados antigos, mas não rompe com o

⁸¹¹ *Ibd.*, p.15:«(...) tres ou quatro reynos e alguas Provincias as milhores q o Emperador tinha, e oje são [os *Gâlas*] señores absollutos delles, sem aver quem os possa tirar de suas mãos; (...)»; *ibid.*, p.287

⁸¹² A este propósito refere autor:«(...) desejei mt. Hir lá [ao reino de Amharâ], e o ouvera de fazer(...), se o perigos dos ladroens não fora tão grande, por causa dos Gâlas, q por aquella parte fazem guerra.», *ibid.*, Vol. I, p. 65

⁸¹³ *Ibd.*, Vol. I, p.288

antigo quadro de referências culturais⁸¹⁴. As formas de classificação pautam-se ainda pela distinção clássica entre os três reinos da Natureza (o animal; o vegetal e o mineral/geológico), segundo a classificação de Aristóteles e de Plínio.

A forma de notação da natureza é pautada pela preocupação em descrever a *novidade*, de forma a possibilitar o seu reconhecimento por parte do leitor, graças ao sistema de semelhanças/diferenças estabelecidos com a realidade conhecida. Mas, o deslumbramento e deleite ou espanto e estupefacção, face ao diferente, por vezes de dimensão incomensurável, também é uma das características destas descrições, assim como a preocupação de apreciação prática e utilitária, mesclando-se o conhecimento de espaço natural com a avaliação da riqueza e potencialidades da terra, através da observação atenta da fauna, flora, orografia, hidrografia, clima e ainda em frequentes referências, aos recursos minerais.

1.2.1- Da Orografia, Hidrografia e Clima

Iniciaremos a nossa análise do espaço natural etíope pela descrição da orografia e da paisagem etíope, seus recursos hídricos e referências à sua especificidade climática. As notações sobre a paisagem e a orografia⁸¹⁵ são especialmente abundantes na obra do P. Francisco Álvares, dada a sua componente de itinerário terrestre, que narra progressão da embaixada portuguesa do litoral para o interior do território, até à corte do monarca etíope. Por conseguinte, são descritas as terras atravessadas, embora o autor não deixe de referir, sempre que possível, características de outras regiões, das quais toma conhecimento em outras circunstâncias ou em segunda mão.

A principal impressão que Álvares nos deixa da paisagem abexim é o carácter fortemente acidentado do seu relevo, em que se sucedem extensos planaltos e elevadas montanhas, com enormes desfiladeiros, abismos assustadores, passagens íngremes e vales fundos. Com efeito, a expedição do embaixador parte da campina de *Arquico*, no litoral do reino de *Tigrei/Tigrê*, caminhando pelo leito de ribeiras secas, mas depressa se encontra entre «serranias mui altas» de ambos os lados⁸¹⁶. O caminho parece resumir-se, como descreve o nosso autor, a «(...)mui bravas serras de montanha,

⁸¹⁴ Luís Filipe Barreto, «As Viagens Marítimas e a Nova Visão do Mundo e da Natureza» in, *Portugal no Mundo*, Vol. III, pp. 86/87 e *Idem*, «A Herança dos Descobrimentos» in, *Revista do Icalp* pp.6/7

⁸¹⁵ *Vide Anexos*, Quadro 8

⁸¹⁶ Álvares, ,p. 21

subidas e descidas e mau caminho de pedras.»⁸¹⁷ No território governado pelo *Tigremahon*, na mesma região, começam a calcorrear caminhos ainda mais íngremes, onde se erigem mosteiros. Trata-se das *Ambas*, nome dado às serras da Abissínia, de encostas escarpadas e a pique e pequenos cumes planos ou vastas esplanadas elevadas, constituindo uma espécie de fortalezas naturais⁸¹⁸.

As altas serranias alternam com montes e veigas que correm entre os sopés das serras ou terras chãs. O mesmo se verifica no reino de *Angote/Angôt*, em que às zonas planas parecem suceder-se novos desfiladeiros. Todavia, penetrando a expedição no reino de *Amarâ/Amharâ*, a orografia parece mudar. Neste reino percorrem campinas alagadas, utilizadas como pastagens e paúis infestados de mosquitos⁸¹⁹ até a uma dramática mudança de cenário, deparando para a parte do Levante, com novas serras, prosseguindo por entre as inclinadas vertentes e desfiladeiros, ladeados de precipícios. Os viajantes franqueam apertadas passagens naturais, entre a rocha, nas quais são colocadas portas e onde se pagam direitos de passagem.

Álvares não deixa fazer referências, embora de forma mais sucinta, à orografia de outras regiões que vislumbra ou por onde passará durante a sua prolongada estadia. As campinas *Xoâ/Xaoâ*; serranias na região de *Angote/ Angôt*; campos ligeiramente acidentados na região de *Fategar/Fatgâr*, onde Álvares também esteve com a corte; por sua vez na terra de *Gorage/Guraguê*, encontra uma zona de campina; nos limites do reino, as regiões montanhosas inóspitas e insalubres e sem acessos servem de desterro aos inimigos do imperador⁸²⁰: a sudeste, uma agreste montanha no limite do reino de *Adel*, ou a alta e gelada serra no reino de *Damute/Damôt*, a sudoeste.

As adversidades orográficas do acidentado maciço da Etiópia marcam e dificultam a progressão no terreno da missão diplomática portuguesa. Acerca da distância entre dois mosteiros no *Tigrei/Tigrê*, afirma-nos o autor, «(...) é uma légua de mui fragosa terra, está em um pico mui alto e para toda a parte dele olhando *parecem as profundezas do inferno*.»⁸²¹ Esta comparação dos desfiladeiros com a paisagem infernal é repetida no desfiladeiro de *Aquia Fagi* (que significaria *morte de asnos*).

Com efeito Francisco Álvares sublinha repetidas vezes a *braveza das serranias*; os *maus e perigosos passos*; as «(...) *fossas fundas descentes aos abismos*, as mais que

⁸¹⁷ *Ibd.*, p.47

⁸¹⁸ Vide, Kurt Krause, «os Portugueses na Abissínia», Segunda Parte in, *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, nºs 3-4, 32ª Série, Lisboa, Março-Abril de 1914, p.85

⁸¹⁹ Álvares, p. 170

⁸²⁰ «(...) que ali mandavam os homens que logo haviam de morrer.», *Ibd.*, pp. 337/339

⁸²¹ *Ibd.*, 39

homens nunca viram, nem se pode crer sua *fundura*.»⁸²² ou as inóspitas veredas «(...) por *serras e matos endiabrados*(...)» e a existência de «(...)caminhos *muito estreitos, e maus e perigosos passos*, assim de uma como da outra parte, rocha talhada, cousa para se não crer.»⁸²³

Com efeito uma constante na evocação da paisagem é o seu relacionamento com as dificuldades e obstáculos que surgem e que devem ser transpostas pelo viajante. Como refere Luís Graça «A paisagem aparece assim, funcionando como referencial da acção descrita (...) [mas] o que interessa ao viajante é sobretudo, traduzir a dificuldade da sua jornada, objectivando na paisagem. Esta surge, assim, na acção, como a dificuldade espacial que o viajante suporta e vence.»⁸²⁴, facto que não deixa de conferir um interesse especial à narrativa pelo elemento de estranheza e perigo que introduz. De facto, um dos tópicos recorrentes relativos à paisagem africana é o da enormidade dos obstáculos naturais e do sofrimento dos viajantes na tentativa de os superar.

Este tópico está também presente em Pais e na sua experiência nos duros caminhos da Abissínia, contribuindo para exacerbar o sentido de abnegação cristã inerente à sua missão, quer quando da sua entrada na Etiópia, quer seja a caminho do mosteiro de *Aleluia*, aludindo às «asperas serras» no reino de *Tigré*, quer no percurso de *Dambiâ* para *Gojâm*, «(...) atravessando serras, e valles sem caminho cõ tanta lama(...)»⁸²⁵. Aliás este autor não deixa de sublinhar as altas e escarpadas serras que «(...)há quasi em quantas terras senhorea o Preste João e por extremo frias(...)»⁸²⁶.

As indicações que Pêro Pais nos dá sobre a orografia da Etiópia são mais esparsas do que na obra de Álvares, embora ao longo da sua história aluda à paisagem a propósito das muitas deslocações que ali efectuou. No entanto, nas poucas descrições que nos legou, verifica-se uma idêntica notação dos acidentes orográficos e dificuldades dos caminhos especialmente no Inverno, na época das chuvas. Também são referidas as dificuldade nas travessia dos rios como no caso da sua travessia do rio *Tacacê* «(...) por aqui [no reino de *Tigrê*] o passei eu a vao no verão co m.to grande trabalho(...)»⁸²⁷, além do perigo que constituem os ataques dos crocodilos e hipopótamos.

⁸²² *Ibd.*, p.167

⁸²³ *Ibd.*

⁸²⁴ Luís Graça, *A Visão do Oriente na Literatura Portuguesa de Viagens: Os Viajantes Portugueses e os Itinerários Terrestres (1560-1670)*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983, p.73

⁸²⁵ Pais., Vol. III, p. 49

⁸²⁶ *Ibd.*

⁸²⁷ *Ibd.*, Vol. I, p. 227

Com efeito, uma componente da paisagem que se destaca no relato dos autores é a rede hidrográfica⁸²⁸. Mas no caso da Abissínia esta é «dominada» pela questão das misteriosas nascentes e curso do rio Nilo, famoso já desde a Antiguidade e cuja importância levou à sua incorporação na mitologia cristã como um dos rios que nasciam no paraíso terrestre, como não deixa de referir o P. Pêro Pais⁸²⁹. Segundo a geografia ptolemaica as suas origens perdiam-se numas remotas *Montanhas da Lua*⁸³⁰ algures no interior de África. Na sua esteira Duarte Pacheco Pereira cerca de 1505, «(...) coloca as suas nascentes (...) nas serras fragosas do cabo da Boa Esperança.»⁸³¹. Mas a maioria da Europa culta do início do século XVI, identificando o continente africano com a Etiópia, localiza ali as fontes do célebre rio.

Desta forma a embaixada de 1520 deveria colher toda a informação possível sobre o Nilo. Francisco Álvares vai fazendo alusões ao Nilo ao longo da sua jornada pelo interior da Etiópia: a propósito da serra onde guardavam a família do *Preste*, no reino de *Angote/Angôt*, informa-nos que esta se estenderia para oeste até «(...) ao reino de *Amara* do *Bagrimidir* que é sôbre Nilo e é daqui mui longe.»⁸³²; o rio correria ao longo deste último reino⁸³³; no reino de *Amara/Amharã*, em relação à cordilheira que se avista da zona de campinas, afirma o clérigo: «Dizem que correm estas fossas até Nilo que é de aqui mui longe (...)»⁸³⁴; também revela, segundo informação recebida, que duas grandes ribeiras existentes nas valuras das serras que dividem o reino de *Amara/Amhâra* do de *Xoa/Xaoâ*, a ribeira de *Anecheta* e a de *Gemá*, se juntariam e seriam subsidiárias do Nilo.

O reino de *Gojam/Gojâm* é identificado como a terra das nascentes do Nilo ali chamado *Gion*⁸³⁵: «(...) dizem que neste reino nasce ou sai o rio Nilo(...) e dizem que há nêles grandes lagos como mares(...)»⁸³⁶. Desta forma, para Francisco Álvares, o Nilo situar-se-ia para poente, na confluência com a terra dos Núbios, parecendo ter já a noção da inflexão do seu curso para este, no limite de *Gojâm*. A informação definitiva e sucinta sobre o assunto dá-nos Álvares no resumo apresentado ao Arcebispo. Ali é

⁸²⁸ Vide Anexos, Quadros 9 A e B

⁸²⁹ «(...) como tem pera si os S.tos Antigos e quasi todos os Doutores modernos, he o q a divina escritura, Gen 2, chama Gehan e o poem no segundo lugar, quando nomea os quatro, q sahião do Paraíso (...)» Pais., Vol. I, p. 214

⁸³⁰ Hoje identificadas com as montanhas Rwenzori entre o lago Albert e o lago Edward, no actual Zaire

⁸³¹ Maria Emília Madeira Santos, *Viagens de Exploração Terrestre dos portugueses em África*, Lisboa, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978, p. 113

⁸³² Álvares, *op. cit.*, p. 154

⁸³³ *Ibd.*, pp. 169/170

⁸³⁴ *Ibd.*, p. 167

⁸³⁵ *Ibd.*, p. 360

⁸³⁶ *Ibd.*, p. 361

registado, que embora Álvares não tenha chegado a ver o Nilo, não esteve longe dele e outros membros da embaixada teriam ido até ao local da sua nascente, num grande lago no referido reino⁸³⁷.

Segundo Maria Emília Madeira Santos, as grandes lagoas apresentadas por Álvares como as nascentes do Nilo, referem-se ao lago *Tana*⁸³⁸. Quanto a outros dados sobre a hidrografia etíope, o P. Álvares menciona as numerosas ribeiras com que depara ao longo do seu caminho, que enchem durante as trovoadas do Inverno abexim. Estas ribeiras por vezes estabelecem a fronteira entre diferentes regiões e senhorios⁸³⁹. Quando refere o reino de *Damute/Damôt*, para poente, comenta que «(...) dizem nascer um grande rio e contrário ao Nilo, porque cada um vai para sua parte: Nilo para Egipto; dêste outro ninguém da terra sabe para onde vai, sómente presumem que vai para Manicongo.»⁸⁴⁰

Pais tratará a mesma questão, porém de forma mais sistematizada, agrupando em capítulos os principais rios e lagos do Império. O primeiro rio referido é o Nilo⁸⁴¹. Com efeito, Pais terá sido dos primeiros europeus⁸⁴² a visionar as modestas nascentes do principal afluente do Nilo, o *Abbai* (*Abaoi*, segundo Pais) ou Nilo Azul, confundido na época com a totalidade do rio, do qual nos diz «(...) tem sua fonte no reyno de Gojâm em hua terra q se chama Çahalâ, (...)»⁸⁴³. Pais descreve em pormenor as nascentes⁸⁴⁴ e traça o percurso sinuoso do Nilo Azul na região, formando uma espécie de anel a Oriente em volta do reino de *Gojâm*, tocando a norte as províncias de *Begmêder* e de *Amharâ* e a sul a região de *Damôt*, banhando ainda as regiões de *Xâoa* a sudoeste. Ao inflectir para oeste e noroeste, rodeando o *Gojâm*, aproxima-se mesmo do local de nascente. A partir daí saí das fronteiras do império etíope⁸⁴⁵, penetrando em terras de gentios na sua viagem para o Cairo⁸⁴⁶. Pais não deixa de salientar igualmente a passagem do Nilo Azul pelo lago *Tana/Lagoa de Dambiâ*, por ele cuidadosamente

⁸³⁷ *Ibd.*, p. 425

⁸³⁸ Maria Emília Madeira Santos, *op. cit.*, p. 113; Pais denomina-o *Lagoa de Dambiâ*

⁸³⁹ *Vide*, Álvares, *op. cit.*, p. 82

⁸⁴⁰ *Ibd.*, p. 359

⁸⁴¹ «E o primeiro, q se oferece como mais insigne, he o grande e famoso rio Nilo, (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 214

⁸⁴² É necessário ter em consideração a provável presença de membros da embaixada de 1520, como nos refere Álvares e talvez a de alguns dos elementos da expedição de Cristovão da Gama ou seus descendentes, como já havia sido salientado no artigo de M.W. Desborough Cooley, « Notice sur le Père Pedro Paez » in, *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, 1872

⁸⁴³ *Vide*, Pais, Vol. I, p. 214

⁸⁴⁴ *Ibd.*, Vol. I, p. 175

⁸⁴⁵ Quando da viagem de António Fernandes, o grupo é forçado a atravessar o Nilo que cerca o *Gojâm*, para se dirigir ao reino de *Nareâ*. «(...) e cõ hir por aquella parte muy furioso, não acharão outra embarcação mais que hua como Jangada, que tinha de hua e outra banda amarradas m.tas cabaças(...)», *Ibd.*, Vol. III, p. 204

⁸⁴⁶ *Ibd.*, Vol. I, pp.215/217

observada⁸⁴⁷. Sendo as nascentes deste rio um pouco a oeste do lago e o facto de o seu leito se atravessar nas águas deste, Álvares teria localizado das fontes do Nilo nesse local.

Porém «O grande erro dos Jesuítas [que era a ideia em geral e não apenas desta Ordem] foi terem identificado o verdadeiro Nilo com o Nilo Azul, principal afluente daquele famoso rio. O império abexim não atingia a zona de confluência dos dois cursos de água, junto da moderna Cartum, já sob o domínio dos Árabes.»⁸⁴⁸ Todavia, durante largos séculos, com base nos testemunhos e representações cartográficas destes missionários, a Abissínia foi tida como local das nascentes do Nilo⁸⁴⁹.

Pais não deixa de referir a catarata de *Alatâ*, quando o rio deixa o lago na direcção Sueste, da qual nos deixa uma forte impressão visual: «Como sae da lagoa, vai declinando pera o Sul muy devagar e tendo andado como cinco legoas, chega a hua terra q chamão Alatâ, onde cae a pique por huas rochas, q terão d'alto quatorze braças; (...) e no Inverno da pancada q dá em baixo se levanta agoa como fumo no ar, tanto q se vê de m.to longe, como eu vi m.tas vezes; (...)»⁸⁵⁰.

Outra questão relacionada com este rio e que desde sempre intrigara os geógrafos e historiadores é a causa das cheias do Nilo em pleno Verão. Álvares adianta uma explicação bastante plausível, conhecendo as condições climáticas da Etiópia, onde a época das chuvas decorria de Junho até Setembro, engrossando o caudal do suposto Nilo, cuja cheia no Egipto se iniciaria na segunda metade do mês de Setembro⁸⁵¹; explicação que é plenamente corroborada e exemplificada por Pais⁸⁵².

Pais enumera ainda alguns dos maiores rios que encontra na Etiópia preocupando-se em estabelecer o local das nascentes, desenhar o seu percurso e as características do seu caudal conforme as estações, e as capacidades produtivas que

⁸⁴⁷ Vide, *Ibd.*, p. 216

⁸⁴⁸ Maria Emília Madeira Santos, *op. cit.*, p. 116

⁸⁴⁹ Apenas no final do século XVIII tal consideração é posta em causa e as nascentes do Nilo (do chamado Nilo Branco) voltam a ser localizadas a sul, constituindo um fascinante mistério a desvendar para os exploradores da segunda metade do século XIX, no contexto da estruturação do Império Britânico e das viagens de exploração ao interior do continente promovidas na era vitoriana. Além da anterior viagem de James Bruce em 1770, às fontes do Nilo Azul, podem mencionar-se as expedições no território etíope de Charles Tiltstone Beke (c. 1840) e de Antoine Thomson d'Abbadie (1838), que confirmam o curso do Nilo Azul; em 1858 a famosa expedição de Richard Burton e John Hanning Speke alcança o lago Tanganica e Speke chega ao lago Victória, considerando-o a nascente do Nilo Branco; em 1860, a expedição de Speke e Grant explora o lago até às Rippon Falls, hoje Owen Falls; 1862 Samuel White Baker e sua mulher chegam a o Lago Albert, um afluente do Nilo. A exploração da zona do lago Tanganica continua com a célebre expedição de 1866 de David Livingstone, ao qual se junta o jornalista americano, Henry Morton Stanley em 1871. As fontes do Nilo Branco eram localizadas até recentemente no Burundi, penetrando no lago Victória; mas em Abril de 2006 uma expedição britânica e neozelandesa “empurrou” as fontes mais 107 Km para a floresta Nyungwe, no Ruanda.

⁸⁵⁰ Pais, Vol. I, p. 216

⁸⁵¹ Álvares, p. 425

⁸⁵² Pais, Vol. I, pp. 217/218;

confere às terras que banham, além da provável situação da sua foz. Tal é o caso do *Tacacê*, na zona centro/norte da Etiópia, afluente do Nilo, que muitas vezes atravessou nas suas deslocações, afirmando sobre o seu caudal: «(...) he m.to grande (...) porq traz m.ta agoa e não espraya muito(...)». Junto à província de Dambiâ, tem o rio Tacacê, menor caudal, «(...) porq espraya; e assi pello mais fundo do vão não chega a agoa mais q a cinta; he muito clara, mas no principio do Inverno q se começa a enturvar (...)»⁸⁵³.

Refere-se ainda ao rio *Marâb* de dimensões mais reduzidas, que corre na zona norte do Império. Quando alcança as regiões desérticas, o seu leito situa-se sobre areia solta e segundo o capitão dos portugueses que havia já viajado por aquelas partes áridas, «(...) pera beber cavavão na areia outo palmos de fundo e ás vezes doze e achavão m.ta agoa, q corria e peixe q tiravão com anzol, e elle comeu dous grandes.»⁸⁵⁴. Segundo alguns habitantes este rio alcançaria ainda o *Tacacê*, afluente do Nilo, certamente apenas em anos de maior caudal; nos restantes esgotar-se-ia na rega⁸⁵⁵.

No sul da Etiópia, Pais salienta outros dois grandes rios, sempre em comparação de grandeza com o Nilo: «Entre outros m.tos rios, (...), muy Caudelosos, e de grande nome, depois do Nilo (...), são *Zebê*, de que dizem alguns em Ethiopia q ainda he maior q o Nilo, co o não ser, e *Haoâx*, q tambem affirmão compete m.to em grandeza co elle.»⁸⁵⁶. Este último corria a Sul do Império. Quanto ao rio *Zebê*, situa-se este a Sudoeste, no limite do império abexim, banhando o reino de *Narêa*⁸⁵⁷.

Pais mostra-se de igual forma preocupado em referir os lagos existentes no Império, afirmando: «São tantas as lagoas q há em as terras q senhorea o Emperador de Ethiopia, q fora cousa m.to comprida e pode ser q molesta ao leitor falarmos de todas ellas; pello q não nomearei mais q algumas das maiores (...)»⁸⁵⁸. Novamente se denota a preocupação da sua localização, características e estabelecimento de um perímetro aproximado, detendo-se Pais, com especial pormenor na consideração da *Lagoa de Dambiâ*.

As suas nascentes, assim como os rios que ali desaguam não são mencionados e as dimensões apontadas são tidas como muito exageradas, o que explicaria a sua

⁸⁵³ *Ibd.*, p. 227

⁸⁵⁴ *Ibd.*, p. 226

⁸⁵⁵ *Vide, Ibd.*, e Kurt Krause, *op. cit.*, p.104

⁸⁵⁶ Pais, Vol. I, p.228

⁸⁵⁷ *Ibd.*, Vol. III, p.214

⁸⁵⁸ *Ibd.*, Vol. I, p.231

considerável extensão na carta de Almeida⁸⁵⁹. Pais refere igualmente as suas numerosas ilhas, muitas delas com importantes mosteiros, avançando com o número total de vinte e um⁸⁶⁰ (embora este número não esteja ainda confirmado, parecendo haver flutuações na contagem). Na época de Pais, este *mar de Dambiâ*, actualmente conhecido como lago *Tana*, é o ponto nevrálgico do país e local de fixação dos monarcas etíopes.

Tal não acontece na época do P. Francisco Álvares, que não alude à região ou ao lago, embora refira, como já dissemos os «grandes lagos» na região do *Gojâm*. Este autor alude especificamente apenas ao lago *Hâic*, nas fronteiras dos reinos de *Angote/Angôt* e de *Amara/Amharâ* e considera-a o maior da Abissínia⁸⁶¹. Também Pais refere este lago *Hâic*⁸⁶², assim como o de *Zôai* no reino de *Ôye*, a Sudeste da Etiópia, avaliando o seu tamanho e assinalando um mosteiro numa das suas ilhas⁸⁶³. É provável que o *Zôai* se identifique com o grande lago que Álvares coloca na região seca do reino de *Adel*, para sul e a Levante, mencionando uma ilha em que teria sido construído um mosteiro⁸⁶⁴.

Encontramos, pois, em ambos os autores, a preocupação de uma referenciação mais completa possível dos recursos hídricos etíopes, embora Pais revele uma preocupação de sistematização com a sua enumeração, descrição e tentativa de fixação das principais características, englobando-se na sua forma de abordagem pragmática do espaço físico, sob uma perspectiva «utilitarista», como aliás nos afirma o próprio: «Já q tratamos da fertilidade das terras, q senhorea o Preste João, não será fora de proposito dizer agora alguma cousa dos principais rios e lagoas, q também a fertilizão e fazem mais abundante.»⁸⁶⁵

Outro factor que exacerba as dificuldades das viagens em África é o clima. Também este aspecto é anotado pelos autores⁸⁶⁶, não de uma forma sistemática mas, essencialmente, a propósito de episódios circunstanciais e da maneira como afecta as suas andanças. Álvares e os seus companheiros são confrontados com as dramáticas mudanças do clima, pois como nos declara o clérigo, a certa altura do percurso «Começámos aqui entrar em terra que de dia eram grandes calmas e de noite grandes

⁸⁵⁹ Vide, Kurt Krause, *op. cit.*, pp. 106/108

⁸⁶⁰ Pais, Vol. I, p.232

⁸⁶¹ Álvares, pp. 159/160

⁸⁶² Pais., Vol. I, p. 231

⁸⁶³ *Ibd.*, p. 231

⁸⁶⁴ Álvares, ,pp. 340/341

⁸⁶⁵ Pais, Vol. I, p. 214

⁸⁶⁶ Vide, *Anexos*, Quadro 10

frios.»⁸⁶⁷. Tanto mais que a Abissínia conhece várias zonas climatéricas desde o extremo calor na costa do Mar Vermelho e proximidade das regiões desérticas, passando pelas temperaturas moderadas das terras altas (que seria o caso de *Dambiâ*), até ao extremo frio das regiões de altos cumes montanhosos⁸⁶⁸. Acresce que o ritmo das estações do litoral até aproximadamente à região montanhosa de *Tigrê*, se opõem ao das estações do interior montanhoso⁸⁶⁹. Segundo afirma Kurt Krause, «(...) a escarpada vertente horizontal da região montanhosa é o limite metereológico(...)»⁸⁷⁰.

Esta dualidade de estações climáticas, por vezes patentes no mesmo reino é percebida tanto por Álvares como por Pais. Este último expõe o funcionamento do clima com bastante clareza: «(...) quando he Inverno pera a banda do mar roxo, q lá começa em fins d' Outubro e dura até fevereiro e março; quá pella terra dentro he Verão; e quando quá he Inverno q começa no fim de Maio e dura atee Outubro, laa he verão, e he cousa maravilhosa, q huas serras são sempre os limites do Inverno e do Verão ; (...)»⁸⁷¹. O missionário relaciona mesmo as mudanças climáticas com o horário solar⁸⁷². Também Francisco Álvares referira que «(...) nesta terra há invernos divididos em temporadas(...)», identificando esta estação com o período das chuvas (Fevereiro, Março e Abril) na serra de *Bisã* e na de *Cama* no reino de *Tigrei/Tigrê*, e em *Doba*⁸⁷³. Tendo chegando à costa do Mar Vermelho em Abril, a embaixada portuguesa, atravessa no início do seu percurso, uma zona de clima quente, no início da estação seca. Desta forma podem trilhar ribeiras secas, sofrendo embora com o calor (o autor referirá mais tarde que em Arquico eram as «(...)calmas grandes e inoportáveis(...)»⁸⁷⁴) e a falta de água.

Porém, avançando pelo interior da terra abexim, deparam com uma mudança de estação: é a época de inverno com fortes chuvas e trovoadas. As dificuldades de progressão acentuam-se nos trilhos constituídos pelos leitos secos das ribeiras, como exemplifica o autor, «Saindo destas serras entramos em ribeiras secas, que no tempo do inverno são grandes, seja enquanto duram as trovoadas. Trovoada acabada, ribeira sêca.»⁸⁷⁵, perdendo a sua relativa segurança e dando origem ao pitoresco, mas perigoso,

⁸⁶⁷ Álvares, p. 163

⁸⁶⁸ Vide, Kurt Krause, *op. ci.t.*, pp. 88/91

⁸⁶⁹ *Ibd.*, pp. 91/95

⁸⁷⁰ *Ibd.*, p.91

⁸⁷¹ Pais, ., Vol. I, p. 195

⁸⁷² *Ibd.*, p. 208

⁸⁷³ Álvares, , pp.63 e 113

⁸⁷⁴ *Ibd.*, p.372

⁸⁷⁵ *Ibd.*, p.47

episódio, sucedido ao grupo enquanto caminhava ao longo das serras junto à capitania de *Janamora*, no reino de *Tigrei/Tigrê*⁸⁷⁶.

O Inverno parece ser especialmente difícil para os viajantes. Álvares narra que «E andámos êste caminho em três dias *pelos bravos invernos* perdendo-se-nos quanto levávamos.» De facto, como não deixa de referir, durante o Inverno os habitantes evitam as deslocações no interior da Etiópia, mas como afirma Álvares, «(...)e nós todavia dávamos pressa a nosso caminho, porque não sabíamos a usança da terra, nem o perigo a que nos metíamos.(..)»⁸⁷⁷

Também o P. Pais nos referencia, embora de forma mais esporádica, o clima etíope. Tal é o caso do Inverno de 1604 (de Julho a Setembro) no reino de *Gojâm*, onde se depara com grandes chuvas e enchentes nas ribeiras, que o forçam a «(...) ne sahir quasi de casa; e depois sendome forçado hir pera outra p.te, achei em Outubro tantas lamas, q não podia caminhar a mulla senão co m.to trabalho.»⁸⁷⁸ Alude também ao mau tempo no reino de *Amharâ* e relata-nos os ferozes furacões sobre a lagoa de *Dambiâ*, por ele testemunhados⁸⁷⁹.

Sobre o clima etíope informam-nos ainda os nossos autores da frigidez extrema das terras altas de *Abugima* a ocidente do reino de *Angôt* e das amplitudes térmicas no reino de *Amaharâ*; do «frigidissimo» clima da terra de *Cemên* ou dos vales «quentes e doentios» no reino do *Tigrê*, assim como as terras baixas perto dos cursos de água «muito doentias» do reino de *Angôt*⁸⁸⁰. Mas a apreciação geral é-nos transmitida pelo P. Pais: «Quasi todas as terras, q senhorea o Preste João, tem bons ares, são muy temperadas e sadias(...). Cotudo há algumas terras baixas, onde faz grandes calmas no fim do verão quando começa a chover há nellas m.tas doenças e morre gente; (...)»⁸⁸¹

O clima como condicionante das missões a efectuar pelos autores e suas inclemências são devida e coincidentemente sublinhadas pelos autores, ilustrando outro tópico de «estranheza» ou diversidade face à sua terra de origem. Já na sua sistematização, ao referir-se ao clima, Pais opta por se centrar na benignidade do clima e salubridade ou insalubridade dos ares, ainda dentro da visão prática e avaliadora dos recursos que orientam as descrições da terra.

⁸⁷⁶ Vide anexos, Quadro 11

⁸⁷⁷ Álvares, p. 74

⁸⁷⁸ Pais, Vol. I, p. 221

⁸⁷⁹ Ibid., pp. 235/236

⁸⁸⁰ Pais, pp. 208/209 e Álvares, op. cit., p. 124

⁸⁸¹ Pais, p. 208

1.2.2-Da Flora e Fauna

Das mais importantes componentes descritivas quanto ao espaço natural são sem dúvida as notações referentes à flora e fauna. A primeira tem um forte peso na notação espacial, onde são igualmente integradas as várias espécies de animais. De resto esta componente descritiva entrelaça-se com a, já mencionada, descrição orográfica e hidrográfica uma vez que o espaço vegetal das margens dos rios e lagos e a fauna das suas águas são frequentemente agrupadas na mesma passagem do texto. Por outro lado esta componente de descrição natural, faz, como já vimos, parte integrante do historiar, segundo a concepção clássica, numa matriz que segue autores como Aristóteles, Teofrasto, Discórides, Heródoto e Plínio, mas de forma alguma assume o aspecto de uma consideração de carácter *científico*.

Esta componente de descrição botânica, zoológica centra-se no real, afastando-se das visões da natureza simbólico/alegóricas da literatura medieval. A natureza como *locus amoenus* dá lugar a um espaço concreto, que deve ser entendido ou quase *visualizado* pelo leitor. Do *hortus conclusos* da imagética medieval, deparamos com um espaço vegetal e animal não circunscrito e nem sempre domesticável.

Os autores partem do conhecido para descrever o que é novo, estabelecendo um sistema de semelhanças e contrastes com a realidade conhecida de cada um, adaptando-se o diferente ao familiar como forma de inteligibilidade. Mas por vezes a diferença é de tal ordem que é necessário sublinhar o exotismo irreduzível de determinada morfologia, sendo utilizada a nomenclatura indígena para identificar tal planta ou animal. Mas neste apreender da natureza, para além de abarcar o novo, que provoca estranheza, deslumbramento, espanto, repulsa ou constitui um factor de perigo, está presente e coexiste uma visão prática e utilitária, avaliando-se os recursos economicamente relevantes território. E esta vertente domina fortemente ambos os textos.

Vejamos então o que nos narram os autores sobre estes dois aspectos da natureza etíope. Se em Álvares, as descrições da fauna e da flora e de outros recursos naturais são feitas segundo os progressos da viagem ou dos episódios dignos de referência, em Pais agrupam-se em capítulos diferenciados, onde são enumeradas as espécies e subespécies do mundo natural, ocupando um considerável espaço no texto,

substituindo, neste caso, a sistematização temática, a descrição ao sabor do percurso, patente no texto de Álvares.

Começemos, pois, pela flora descrita pelos nossos autores⁸⁸². Ambos aliam a descrição das espécies silvestres às cultivadas. Álvares inseri-las-à no percurso da embaixada, como já referimos, enquadradas na paisagem das diversas regiões que percorre. A província de *Tigrei/Tigrê* é, de longe, a que detém maior número de notações. Mal partem de *Arquico*, na costa, o autor faz notar a existência de muitas e diversificadas árvores nas margens das ribeiras, na sua maioria sem fruto entre as quais se salientam algumas espécies: as macieiras de anáfega; a árvore do tamarindo, que o autor parece desconhecer e palmeiras bravas⁸⁸³. De igual forma é anotado o cultivo das regiões atravessadas, mesmo nas zonas mais agrestes. A apreciação do espaço natural é dominado, como já referimos por um «pragmatismo economizante»⁸⁸⁴, que se denota na inventariação e avaliação dos recursos vegetais. Assim, conforme avança, a embaixada começa «(...) a achar gente da terra que guardavam milhares de milho zaburro e de longe vem semear a estas terras e serras enroscadas que fazem nestas montanhas (...)»⁸⁸⁵, cuidadosamente guardada das investidas dos animais. As terras cultivadas especialmente com cereais (além do milho, Álvares cita igualmente sementeiras de trigo e cevada), alternam com arvoredos, destacando o autor, «(...) os formosos azambujais que parecem olivais novos, porque são muitas vezes roçados e cortados para dar trigo e cevada.»⁸⁸⁶.

O sistema de regadio, possibilita a produção, não só de cereais, como também de leguminosas e ervas de cheiro, repetidamente enumeradas pelo autor. De salientar ainda a referência que faz aos vinhedos existentes no *Mosteiro de S. Miguel*: «(...) tem muitas infindas vinhas de latada e mui boas, fazem delas muita passa, vêm em muito bom tempo que começam em Janeiro e acabam em Março.»⁸⁸⁷

À medida que progride no interior do território etíope, Álvares continua a anotar as características da paisagem vegetal, quer se refira aos espinheiros que rodeiam o percurso junto à terra de *Doba*; quer à densa vegetação no reino de *Angote/Angôt*, ou as

⁸⁸² Vide Anexo, Quadro 11 A e B

⁸⁸³ Segundo Alfredo Margarido, a palmeira era uma espécie já largamente conhecida dos europeus, graças à sua existência na bacia do Mediterrâneo, Vide, *As Surpresas da Flora no Tempo dos Descobrimentos*, Lisboa, Elo, 1994, p.46

⁸⁸⁴ Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento...*, p. 138

⁸⁸⁵ Álvares, p.23; Este milho zaburro referido por Pais deve identificar-se com o milho miúdo ou painço. Vide, A.J. R. Russell-Wood, *Um Mundo em Movimento*, Lisboa, Difel, 1998, p.251

⁸⁸⁶ Álvares, p. 111

⁸⁸⁷ *Ibd.*, p.98

terras dedicadas a pastagens ou as lavouras nos planaltos ou nas veigas junto aos cursos de água.

Frequentemente associada à referência ou enumeração dos produtos está a sua abundância e qualidade, como se pode denotar ainda em relação à serra de *Abugima*: «(...)E os mantimentos destas serras, tudo são cevadas em os baixos, tudo são trigos nos vales, os melhores que se podem dizer de muito bons.»⁸⁸⁸ Mas em terras de *Angote/Angôt* as maiores produções são milho e legumes além dos muitos limões e cidras. Também no mosteiro situado numa ilha do lago *Haik* se cultivam citrinos.

Ao passarem para a região de *Amara/Amharâ*, verifica-se uma mudança na paisagem: o milho dá lugar ao trigo e à cevada. Exemplo da abundância da produção de alguns locais desta província é a descrição da campina da igreja de *Macham Celacem/Mecanâ Çelace*: «Maravilhosa terra, sem aí haver um palmo que não seja aproveitado e semeado de tôda a semente, salvo milho(...). Êste campo tem todo ano novidade, uma tirada outra semeada. Pelas costas desta igreja corre uma formosa ribeira (...)e sai dela água para regar gram parte das lavouras(...)»⁸⁸⁹. Mas nas valuras das serranias entre *Amara/Amahrã* e *Xoa/Xaoâ* apenas se cultivam milho e favas.

No que diz respeito à vegetação silvestre, a abundância de uma espécie de mangericão é sublinhada por Francisco Álvares e a enumeração das espécies resume-se às que existem na Europa: aciprestes, ameixieiros e salgueiros. Nenhuma outra é referida talvez pela sua estranheza em relação à flora conhecida e consequente dificuldade na exemplificação. Ou por outro lado, se a descrição funciona aqui pela ausência de determinada espécie familiar ao autor, depreende-se a possibilidade de muitas das espécies existentes serem familiares, uma vez que são reconhecidas pelo nosso autor na relação que delas faz ao longo da obra. Outras vezes a inventariação das espécies vegetais associa-se à avaliação do seu potencial na alimentação, partindo da similaridade com espécies iguais ou idênticas na dieta da sociedade da qual provém o autor, como ilustra Álvares na seguinte passagem «As árvores que não são azambujeiros não são de nós conhecidas e tôdas são sem fruto.» Referindo as espécies hortícolas, frutículas e ervas de cheiro afirma «(...) a terra cria isto, como cousa brava e criará tudo quanto lhe plantarem e semearem.»⁸⁹⁰.

⁸⁸⁸ *Ibd.*, p. 127

⁸⁸⁹ *Ibd.*, p. 165

⁸⁹⁰ *Ibd.*, p.29

Desta forma as potencialidades agrícolas são constantemente anotadas: as largas campinas e numerosos vales e ainda os planaltos no cimo das serras, como no local de *Acel* que estaria «(...) sentado em um pequeno cabeço, *entre duas ribeiras e boa campina(...)*»⁸⁹¹. Nesta perspectiva são avaliadas as notícias que chegam a Francisco Álvares do reino mouro de *Adeâ*, que «(...) diziam ser um reino *mui frutífero* e de *grandes arvoredos* em tanta maneira que não podiam caminhar sem cortarem árvores e fazerem caminhos.»⁸⁹²

No resumo apresentado ao arcebispo de Braga no final do seu volume, Álvares sumariza de forma objectiva as características essenciais da paisagem etíope, «Há aí terra muito chãs em algumas partes e em outras montanhosas e contudo são terras *frutíferas(...)*. *Em tôdas as terras há grandes criações de gado.*»⁸⁹³

Pais utiliza a sistematização também no referente a este tema, mas agrupa sintomaticamente as informações sobre a flora no capítulo sobre os recursos e a fertilidade da terra, revelando a sua consideração eminentemente utilitária. A flora é destacada em função da sua utilização na alimentação, na farmacopeia, no artesanato, ou simplesmente assinalando o seu carácter exótico. Por vezes discorre sobre algumas espécies a propósito de uma determinada região mencionada. Assim, quando fala da serra de *Guixêm* em *Amharâ*, depois de salientar a inexistência de árvores de fruto, além duma árvore autóctene, o *Coço*, cujo fruto tem qualidades medicinais, descreve ainda o arbusto do *Endôd* que cresce nas encostas, fonte de um solvente para lavagem de tecidos⁸⁹⁴. Como vemos a dimensão prática da utilização dos recursos é uma vertente quase sempre presente. Esta visão utilitária da natureza está bem patente na descrição feita por Pais de uma espécie de palmeira brava, talvez semelhante à figueira-da-índia, o *Encêt*⁸⁹⁵.

Quanto à restante vegetação silvestre, refere os grandes espinheiros; os altos cedros que «(...) não tem copa como os de espanha, senão os ramos espalhados, (...)»⁸⁹⁶, e cujas matas parecem abundar no reino de *Gojâm* não descurando de afirmar que «(...) he madeira muito cheirosa e muito boa pera casas(...)»; as enormes *Zaguebâ* de «(...) madeira branca e fermosa (...)»⁸⁹⁷; o pau-preto; o formoso *Angelim*; e muitos

⁸⁹¹ *Ibd.*, p. 161

⁸⁹² *Ibd.*, p. 340

⁸⁹³ *Ibd.*, p. 424

⁸⁹⁴ Pais, Vol. I, pp. 71/72

⁸⁹⁵ *Ibd.*, p. 214

⁸⁹⁶ *Ibd.*, p. 232

⁸⁹⁷ *Ibd.*, p. 211

outros tipos de árvores não conhecidas na Europa entre as quais destaca a curiosa *Demâ*⁸⁹⁸. São referidos igualmente tamarindeiros ao longo das ribeiras, assim como arbustos de jasmim, «(...) q também se dão pelos matos com outras m.tas flores cheirosas.»⁸⁹⁹, plantas que talvez se identifiquem com o manjeriço perfumado já referido por Álvares.

Quanto à produção agrícola, uma vez que a intenção principal do P. Pais não seria a descrição dos terrenos percorridos ao longo de uma viagem, as referências feitas são mais esparsas a nível de localização espacial, mas mais sistematizadas, agrupando-se maioritariamente no capítulo já referido, segundo o método da enumeração. O autor começa por sublinhar a fertilidade da terra que «(...)he muito *grande*; porq ainda q há algumas menos frutuosas, são poucas as q se não se meão cada anno, sem nunca descansar; e em algumas dellas se recolhem *dous frutos cada anno, não somente em os valles, onde se podem regar, mas em os campos; (...)*»⁹⁰⁰. Com efeito, segundo Kurt Krause, a fertilidade dos solos permitia pelo menos duas colheitas anuais, podendo coexistir plantio e colheita em zonas ricas em água⁹⁰¹.

O tipo de espécies coincide com as referenciadas pelo P. Álvares, destacando-se os cereais e leguminosas. As espécies desconhecidas ou autóctenes, a *Daguça* e o *Tef*, não deixam de ser igualmente descritas⁹⁰². No que às sementes produtoras de óleo se refere, Pais destaca o gergelim e o *Nug*, uma semente local⁹⁰³. De igual forma são enumeradas as árvores de fruto de que «(...)não há de tantas diferenças como em Espanha,(...)»⁹⁰⁴. No seu artigo de 1914, no qual analisa longamente os dados conhecidos à data sobre a realidade etíope e os compara com as informações destes e de outros autores quinhentistas e seiscentistas, Kurt Krause interroga-se sobre a proveniência destas espécies de árvores de fruto mediterrâneas, nomeadamente os citrinos nomeados por Pais e sua possível introdução na Etiópia pelos portugueses⁹⁰⁵.

⁸⁹⁸ *Ibd.*

⁸⁹⁹ *Ibd.*, p. 211

⁹⁰⁰ Pais, Vol I p. 209

⁹⁰¹ *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*, p.120

⁹⁰² *Ibd.*, p.209; O *Tef* é uma espécie autóctene. «(...) cultiva-se em todas as partes do país(...); é uma espécie de milho painço, cujos grãos, moídos em farinha, eram usados para o fabrico do pão(...)a “dagussa” ou “azza”(…) . É cultivada em grande quantidade, por toda a parte, visto prepara-se da mesma uma espécie de cerveja, o chamado Sava(...); para o fabrico do pão encontra o respectivo grão só diminuto emprego.», Kurt Krause, *op. cit.*, pp. 119/120

⁹⁰³ Pais, Vol. I, p.210; segundo Krause, o *Nug* é uma das principais oleáceas, de origem africana, cultivada a uma altura de 1200 a 1800 m., de cujos frutos se extrai óleo alimentar. *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*, p. 120

⁹⁰⁴ Pais, Vol. I, p.210; é provável que as *figueiras da Índia* correspondam às bananeiras (*musa paradisiaca*), introduzidas na costa Oriental africana antes da chegada dos europeus pelos árabes. *Vide*, V. M. Godinho, *op. cit.*, p.400 e A J. R. Russell-Wood, *op. cit.*, p. 246

⁹⁰⁵ *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*, p. 122

Mas Álvares já havia testemunhado, como vimos, espécies idênticas no início do século XVI. Avançamos com a possibilidade de que este tipo de espécie tenha sido importado via contactos com a civilização árabe.

Pais não esquece as espécies locais como o fruto chamado *Xe*, de umas grandes árvores, e que «(...)no sabor, cõr,e feição se parece co Datil (...)»⁹⁰⁶; salienta também, as árvores intituladas *Docomâs*, no reino de *Nareâ*, «(...) cuja fruta he doce e parece azeitona madura(...)»⁹⁰⁷.

Mas os intercâmbios civilizacionais verificam-se já no campo da produção agrícola, com a instalação das missões jesuítas e a influência dos seus gostos e costumes alimentares. Desta forma, refere-nos o P. Pais que «(...) agora faz dous annos nos veo da India semente dallas [alfaces], de Couves Chicorias, e tudo se começa a dar m.to bem; juntamente veo semente de malagueta e já há muita e folgão co ella.» e «Tambem semearão pouco há Palmeiras de coco, e começo já a dar fruto, e de Datiles há alguas pequenas, (...)», além de papaias da Índia que se aclimataram muito bem⁹⁰⁸.

O Imperador aparece como um entusiasta das novidades que os missionários trazem não só da Europa, como também da Índia. Na região onde tem a sua corte, *Dambiâ*, iniciou uma horta na qual introduziu novas espécies de árvores de fruto regadas por uma nora⁹⁰⁹, assim como a plantação de uma vinha, que vingou rapidamente⁹¹⁰. Estas produções são defendidas por decreto real, determinando que os produtores de vinha e pomares não perderiam jamais as suas terras, mesmo em caso de traição⁹¹¹, conquanto existissem uma espécie de parreiras locais⁹¹² já referidas por Álvares⁹¹³.

Pais considera ainda a possibilidade de aclimação da oliveira pois «Tudo o q se semear e plantar nesta terra, parece q se dará, particularmente oliveiras; porq há m.tos zambugeiros, e tem o fruto quasi tão grande como azeitonas (...)»⁹¹⁴, tal como Álvares havia já denotado.

⁹⁰⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.210

⁹⁰⁷ *Ibd.*, Vol. II., p. 214

⁹⁰⁸ *Ibd.*, Vol. I, pp. 210/211

⁹⁰⁹ *Ibd.*, p. 232

⁹¹⁰ *Ibd.*, pp. 210/211

⁹¹¹ *Ibd.*, p. 211

⁹¹² *Ibd.*, p. 210

⁹¹³ Segundo Krause, baseando-se noutros autores, a videira teria sido introduzida a partir do Iémen ou cresceria em estado natural. Na época em questão o seu cultivo era efectuado praticamente apenas junto aos mosteiros e igrejas. Vide, Kurt Krause, *op. cit.*, p. 122

⁹¹⁴ Pais, , Vol. I, p. 211

Por outro lado e dentro desta perspectiva pragmática, a visão de Francisco Álvares a nível da valoração do espaço natural abexim prende-se, não só com a enumeração e consideração das diferentes espécies, como com a valoração da capacidade autóctene de aproveitamento dos recursos oferecidos pela terra, insatisfatória segundo o ponto de vista do autor. O seu olhar acusa as potencialidades desperdiçadas da terra e anota a ausência das culturas valorizadas em Portugal: por exemplo, acerca do mosteiro de *Bisão*, no reino de *Tigrei/Tigrê*, afirma «Estes frades deste mosteiro (...) *podiam fazer bemfeitorias* de criar árvores e vinhas, fazer jardins e hortas por seus exercícios e *nada fazem*. A terra é para dar tudo segundo se vê pelo que está ermo e *êles não plantam nem criam outra nenhuma coisa q*, senão milhos e colmeias.»⁹¹⁵. Acerca das plantas de fruto e ervas de cheiro que crescem bravas nos vales do mosteiro de *S. Miguel*, na mesma região, «(...) e tudo mal *aproveitado* porque *não são homens bemfeitores* (...)»⁹¹⁶. Considera igualmente, a propósito de um passo na paisagem, que «As mais das matas destas serranias são mui grandes azambujais de que *se poderiam fazer bons olivais*.»⁹¹⁷

A *falta de engenho* ou de conhecimentos técnicos dos habitantes locais a nível do aproveitamento dos recursos agrícolas é frequentemente sublinhado «(...) neste tempo [da Quaresma] não há aí berças que êles as não têm senão enquanto chove, *por seu mau engenho*, porque há aí muitas e boas águas para hortas e pomares e outras bem feitorias se fazer quisessem.»⁹¹⁸ e referindo-se à entrada do reino de *Amara/Amharã*, afirma «Estas campinas não eram aproveitadas senão de pastos por serem apaúladas e *não saberem tirar as águas* (...)»⁹¹⁹. Da mesma forma é apontada a falta de empenho no reino de *Xôa/Xaoâ*, «Não viram a nenhum lavrador e morador seis alqueires de sementeira, sendo a terra a melhor que se possa dizer, *porque não há quem a queira aproveitar*.»⁹²⁰ Mesmo a sua rápida incursão no reino de *Fategar* não obsta a uma descrição precisa dos seus recursos naturais⁹²¹.

Deparamos com idênticas constatações por parte do P. Pêro Pais, coincidindo de perto com as observações de Francisco Álvares, quando avalia a disposição da terra

⁹¹⁵ Álvares, p. 43

⁹¹⁶ *Ibd.*, p. 29

⁹¹⁷ *Ibd.*, p. 47

⁹¹⁸ *Ibd.*, pp. 297/288

⁹¹⁹ *Ibd.*, p. 163

⁹²⁰ *Ibd.*, p. 173

⁹²¹ Este reino de Fategar, o que dele vimos (...) todos aproveitados de grandes sementeiras de trigos e cevadas e assim muito grandes várzeas e campos outro-sim (...); e de grande criação de todo o gado: vacas, ovelhas e cabras, éguas pequenas e mulatos (...), dizem (...) ser terra muito rica e está no cimo dela uma lagoa, e que há nela quatro léguas, de que vinha à côrte muito infindo pescado e laranjas, limas e cidras e figos da Índia.», *Ibd.*, p. 315

para o cultivo de oliveiras a partir da pujança dos zambujeiros e de seu fruto: «(...) não porq os enxertassem nunca, *q elles não o sabem fazer*, senão por a terra lhes ser acomodada.»⁹²². Novamente é assinalada a falta de empenhamento além dos conhecimentos técnicos quando o autor assinala que na terra de *Dambiâ* «(...) se puderão fazer ortas de m.ta recreação, *se a gente fora curiosa, mas não se dão a isso; (...)*»⁹²³, ou mesmo na forma de atrelar os animais às charruas, que limitam o seu rendimento⁹²⁴, sendo, de resto, as terras consideradas férteis e «*abundantes de mantimentos*».⁹²⁵

Analisaremos em seguida outro importante vector a ter em conta pelos autores na análise do espaço natural: a fauna nas suas múltiplas variantes. Vamos, pois, acompanhá-los nas notações que nos deixaram da história zoológica da Etiópia⁹²⁶.

Na mesma perspectiva de avaliação da riqueza ou potencialidades da terra, os nossos autores nomeiam frequentemente a produção agro-pecuária etíope. Álvares descreve grandes pastos em vales e campinas e aponta amiúde os seus «infundos e formosos gados» compostos por vacas, cabras e ovelhas. Em certas regiões referirá a criação de animais variados. No lugar de *Ingabelu* no reino de *Angote/Angôt* refere as «infundas galinhas» que a embaixada poderia adquirir por baixo preço. Mas a produção marcante no reino do *Preste* é a de gado bovino como se atesta pela seguinte passagem, referente ao reino de *Tigreil/Tigrê* «Subíamos às tardes nos cabeços a ver as formosas vacarias que se recolhiam nas faldas do lugar e cabeços dêle. Apodavam os da nossa companhia a cinquenta mil vacas, não digo mais número e porém não se pode crere a multidão que é.»⁹²⁷

A grande quantidade de gado bovino é igualmente atestado por Pais, assim como os cuidados no apuramento da raça. Segundo ele «Tem alguns bois m.tº grandes q chamão Guêch, e crião os de pequeninos co leite de duas vaccas; e não lavrão co elles; não serve ordinariamente senão pera comerem os senhores. Os cornos destes são tão compridos e grossos q se servem delles pera levarem o vinho de mel (...)»; quanto aos restantes tipos de gado «Cabras e Ovelhas não são m.tas ne de boa carne (...)»⁹²⁸.

⁹²² Pais, *op. cit.* Vol. I, ,p. 211

⁹²³ *Ibd.*, p. 232

⁹²⁴ « (...) os Campos não os lavrão de nenhuma maneira senão com bois; e poemlhes o jugo no pescoço da mesma maneira q em Espanha os poem as mullas, e assi cansão muito e lavrão pouco.», *ibid.*, p.182

⁹²⁵ *Vide, ibid.*, pp. 208

⁹²⁶ *Ver Anexo*, , Quadros 12 A e C

⁹²⁷ Álvares, pp. 113/114

⁹²⁸ Pais, Vol. I, p196

Os animais de transporte e carga são igualmente mencionados: consistem basicamente em mulas, camelos, jumentos mansos, sendo utilizados também bois para grandes cargas, como no caso de expedições militares. Quanto aos cavalos, Álvares refere-os no final do relatório que teria feito ao Arcebispo de Braga e que termina precisamente com o modo de criação dos belos cavalos que importam do Egipto e onde afirma: «Os cavalos naturais da terra (...) são muitos e não bons, porque são como bêstas galegas(...)»⁹²⁹.

Também Pais refere os «(...)Cavallos muito bons no Reyno de Tigrê e outros milhores, q lhes vem do reyno de Dequin q he de mouros (...). Os demais Cavallos do Imperio comumente são pequenos, mas fortes e correm bem.»⁹³⁰

A apicultura, que parece ter proporcionado uma considerável produção de mel e cera, é também nomeada por Álvares⁹³¹, que no final da sua obra refere a grande quantidade de abelhas nos bosques e montes e as colmeias em casa dos lavradores e nos mosteiros.

Se para Álvares as descrições da fauna africana se inserem essencialmente na paisagem e na própria acção, decorrente do percurso da embaixada portuguesa, já para Pais essas descrições são remetidas para um capítulo específico sobre os animais domésticos e «bravos», ou incluídas na descrição dos rios e lagos, onde não falta referências mais ou menos detalhadas à sua respectiva fauna. Ao enumerar as diferentes e vastas espécies de animais que se podiam encontrar no império abexim, que «(...) há de todas as castas de mansos q há em Europa(...)»⁹³², Pais salienta ainda o grande número de cães e de formosos gatos⁹³³.

Mas o verdadeiro desafio em termos de vivência e descrição para os nossos autores será a fauna selvagem, característica do continente africano e profundamente «exótica» para os visitantes europeus, pois tal como nos diz Pais, «Dos animais silvestres ha m.tas mais diferenças q em Europa.»⁹³⁴. Ambos os autores procurarão inventariá-los e retratá-los mediante a escrita.

⁹²⁹ Álvares,,p. 426

⁹³⁰ Pais,, Vol. I, p. 165

⁹³¹ Vide, *Anexos*, Quadro 13 B

⁹³² Pais,, Vol. I, p.195

⁹³³ *Ibd.*,p. 196

⁹³⁴ *Ibd.*

Mal entra no sertão etíope, o P. Francisco Álvares informa-nos logo da multiplicidade de espécies animais ali existentes, de tal forma abrangente, que opta por sublinhar as espécies que lá não encontra, na enumeração que faz⁹³⁵.

As «alimárias bravas» são frequentemente referidas na sua grande diversidade e quantidade, constituindo um perigo e uma adversidade para os viajantes. A maior parte das anotações de Álvares dizem respeito ao reino de *Tigrei/Tigrê*. Os felinos e outros animais ferozes ali existentes são enumerados e a sua coexistência com os humanos avaliada de uma maneira um pouco ingénua: «Animais feros muitos:(...)E dêstes feros animais nunca ouvi dizer que fizessem mal, pôsto que a gente da terra lhes há muito grande mêdo.(...)»⁹³⁶, comprovada pela história de um leão que, contra o hábito, teria atacado uma pessoa perto de *Baruá/Debaroâ*.

Todavia, a coexistência entre a embaixada lusa no seu percurso para a corte do *Preste* e os felinos selvagens que abundam no seu reino não se revelará sempre tão pacífica. A população local receia-os⁹³⁷ e o trajecto da embaixada portuguesa é frequentemente perturbado por ataques nocturnos de felinos. O grupo passa as noites dentro de cercados de igrejas ou de aldeias. Se pernoitam em campo aberto cercam o acampamento de fogueiras. Mas os ataques de felinos ao gado bovino e muar das casas etíopes durante a noite parece ser frequente⁹³⁸. Também na região de *Angote/Angôt* sucedem-se os ataques nocturnos dos ditos, felinos, que Álvares designa como tigres⁹³⁹. Por vezes a situação tornava-se difícil, como o caso da noite passada no lugar de *Acel*, no reino de *Amara/Amharã*: «Tivemos sábado e domingo em um campo, ao pé do lugar, onde os nossos andaram, tôda a noite, às lançadas com os tigres que nos combatiam rijamente, seja, as mulas e a nossa gente não dormiram tôda a noite.»⁹⁴⁰ Estes ferozes e incomodativos felinos não serão os tigres que conhecemos, como é óbvio; vários autores avançaram com diversas identificações desses atacantes nocturnos, tendo sido considerados hienas⁹⁴¹ ou onças/ panteras⁹⁴², hipótese que nos parece mais plausível assim como a de ataques de leoas. Também Pais quando nos

⁹³⁵ Álvares,...p. 22

⁹³⁶ *Ibd.*,p. 59

⁹³⁷ « Êles [frades de Bisão], nem outrem, como é noite, não siem mais de suas casas com mêdo dos feros animais que há na terra e os que guardam os milhos tem mui altas estâncias sôbre as árvores em que dormem de noite. », *Ibd.*,p. 43

⁹³⁸ *Ibd.*,p. 104

⁹³⁹ *Vide, Ibd.*,pp. 125 e 142

⁹⁴⁰ *Ibd.*,p.161

⁹⁴¹ Cf. Luís de Albuquerque,*Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses-séculos XV e XVI*, Vol. II, Lisboa Caminho, 1987, p. 63 e Rui Manuel Loureiro,*op. cit.*, p 132

⁹⁴² Cf. Rui Manuel Loureiro, *Ibd.*, e Elaine Sanceau, *Em Demanda do Preste João*, Porto Livraria Civilização, s.d

narra a sua entrada em território abexim, inclui um impressionante, se bem que pacífico, encontro com um leão⁹⁴³.

São ainda referidos por Álvares, o grande número de porcos monteses em manadas além dos «infintos elefantes»⁹⁴⁴ nas várzeas ou nas montanhas. Quando refere o lago *Haik*, na região de *Amara/Amharã*, o clérigo depara com uma espécie inusitada, «Há neste lago muito grandes alimárias a que chamam nesta terra gomaras, dizem que são cavalos marinhos(...)»⁹⁴⁵, correspondentes aos hipopótamos.

Álvares anota a variedade de aves existente, assinalando a quantidade de «(...)tôdas outras aves que dizer se possam(...)»⁹⁴⁶; refere igualmente a grande população de aves nas altas fragas entre *Amara/Amaharâ* e *Xoâ/Xaoâ*⁹⁴⁷ e a de aves aquáticas nas campinas de *Huaguida*, em *Amara/Amharã*⁹⁴⁸.

A descrição dos animais concentra-se frequentemente com uma perspectiva pragmática de consumo e «(...)em função de uma realidade de origem(...)», como sublinha Luís Graça⁹⁴⁹. Nesta vertente distingue-se a importância da caça como prática de fruição, mas também de aprovisionamento do grupo. Assim Francisco Álvares assinala a grande quantidade e diversidade de caça disponível de mamíferos e aves, pois «(...) é tôda a caça quási mansa, porque não é corrida(...)»⁹⁵⁰. A propósito de um rio junto de *Baru* (Sudoeste), Álvares salienta a boa pesca e as patas bravas, adens e marrecas, assim como «vacas bravas» e lebres⁹⁵¹ que contribuiriam para a dieta dos membros da embaixada. Esta abundância de caça e pesca, apontada pelo autor conjuga-se com a constatação da falta de capacidade etíope como um sinal de atraso técnico/cultural, prendendo-se com a *falta de engenho* dos naturais da terra no que diz respeito ao aproveitamento das suas potencialidades naturais, como se depreende do seguinte comentário « (...) porque ainda que queiram comer peixe [durante a Quaresma] (...) não o têm do mar e nas águas doces muito pescado há onde há ribeiras, e, porém *há aí muito pouco engenho para os tomar* (...)»⁹⁵².

⁹⁴³ Pais, Vol. II., p. 21

⁹⁴⁴ Álvares, p. 121

⁹⁴⁵ *Ibd.*, p. 160

⁹⁴⁶ *Ibd.*, p. 59

⁹⁴⁷ *Ibd.*, p. 170

⁹⁴⁸ *Ibd.*, p. 173

⁹⁴⁹ Vide, Luís Graça, *op. cit.*, p.149

⁹⁵⁰ Álvares, p. 75

⁹⁵¹ *Ibd.*, pp. 58/59

⁹⁵² *Ibd.*, p. 297

. Daí a crítica do autor, dirigindo-se, não sem espanto perante tal desperdício, aos seus possíveis leitores europeus: «Dirão que como há aí tanta caça na terra e pescado no rio, sendo a terra tão povoada? Digo que ninguém caça, nem pesca, *nem tem engenho, nem maneira, nem vontade para o fazer, por isso é a caça muito boa, (...)»*⁹⁵³ É a propósito das aves de rapina que Pais faz uma alusão à falta de conhecimentos cinegéticos dos etíopes, afirmando a sua incapacidade para as utilizar na caça⁹⁵⁴.

Na referenciação das espécies, o habitual em Álvares é a sua enumeração ou uma breve comparação com as espécies da sua terra natal. No entanto uma espécie piscícola do lago *Haik* em *Amara/Amharã*, é cuidadosamente descrito talvez devido à excelência do seu paladar e à sua contribuição para o regime alimentar dos portugueses. Trata-se de «(...)um pescado propriamente congro e, assim, é muito grande, tem a mais feia cabeça que se dizer pode e feita como grande sapo e o couro sôbre a cabeça parece pele de lixa, o corpo é mui liso (...) e é o mais gordo e saboroso que no mundo se pode achar peixe.»⁹⁵⁵

Os símios são particularmente notados na progressão pelas terras etíopes destacando-se provavelmente os babuínos, retratados da seguinte forma: «São mui grandes como grandes carneiros e do meio por diante felpudos como leões.»⁹⁵⁶ No relatório apresentado ao Arcebispo de Braga no final da sua obra, Álvares afirma que a quantidade de símios era de tal ordem que implicava a guarda das colheitas de cereais durante o dia, na província de *Tigrei/Tigrê*, no reino do *Barnagais*.

No mesmo contexto de animais que pela sua abundância se tornam uma ameaça para a produção agrícola, Francisco Álvares refere-se largamente às terríveis pragas de gafanhotos que assolam a Abissínia. Caracteriza-os como uma espécie de cigarras grandes, de asas amarelas que, «(...)quando vêm de caminho um dia antes o sabem, não porque os vejam, senão porque vêm o sol amarelo e a terra amarela, seja, a sombra que sôbre ela dá.»⁹⁵⁷ Quando a praga se abate sobre uma terra, «Não é para crer sua multidão que cobrem a terra e encham o ar, tiram a claridade ao sol. (...) E onde chega, fica a terra como de lhe porem fogo.»⁹⁵⁸

⁹⁵³ *Ibd.*, p. 59

⁹⁵⁴ Pais, , Vol. III, p. 205

⁹⁵⁵ Álvares, , p. 160

⁹⁵⁶ *Ibd.*, p. 47

⁹⁵⁷ *Ibd.*, p. 76

⁹⁵⁸ «(...) não são gerais em todos os reinos cada ano, porque se o fôssem seria a terra deserta segundo a destruição que fazem (...), *Ibd.*

Também Pais detém uma visão pragmática quanto à fauna referindo-se igualmente à avaliação dos danos causados por certas espécies vistas como pragas em função do dano causado às colheitas, como os ratos e répteis e mesmo algumas aves, como nos afirma o missionário a propósito de umas pequenas aves pardas, os *Ibrôch*. Pais alude outrossim ao flagelo que constituem as pragas de gafanhotos, num episódio por si presenciado na missão de *Fremonâ*, no *Tigrê*. O P. Álvares, no que a insectos diz respeito, refere-se ainda aos terríveis mosquitos junto dos paus do lago *Haik* em *Amara/Amharã* que durante a noite os «houveram de matar»⁹⁵⁹.

Na mesma óptica, Pais não deixa de apontar, pela quantidade e variedade existente, os primatas, equiparados a uma verdadeira praga pelos estragos que provocam nas sementeiras. São localmente designados por *Zenyerô* e por *Gureçâ* (os de pelagem branca), e o autor não deixa de apontar a sua grande agilidade e descaramento no furto das colheitas. Alguns «Trazem por brinco em as casas com cadea assi de huns como de outros, mas muito poucos.»⁹⁶⁰. Pais salienta ainda o dano causado pelos gatos monteses e por uma espécie de furões, nas galinhas e noutros animais domésticos⁹⁶¹. Mas, o que particularmente fascinou este autor foi a diversidade e abundância da vida selvagem (felinos, símios, as diversas espécies de aves, peixes nos lagos).

Nas informações esparsas que nos dá fora dos capítulos específicos que Pais dedica à fauna etíope, podemos denotar algumas referências à vida selvagem, que salienta, como já vimos, a grande quantidade de animais no Império. Quando se detém com maior detalhe na serra de *Guixêm*, na província de *Amharâ*, refere os inevitáveis *Bugios* e uma espécie de roedores equiparados aos coelhos que «(...)não tem as orelhas compridas como os de Espanha, e os dedos dos pees e mãos também diferentes dos domesticos;(...)», além de algumas «cobras peçonhentas»⁹⁶²; afirma ainda que os elefantes da Etiópia, não são domesticados, embora se encontrem muitos em estado selvagem⁹⁶³.

Contudo Pêro Pais centra basicamente as referências à fauna na sistematização a que procede nos capítulos a ela dedicados, distinguindo animais em geral e aves. A caracterização e classificação das espécies são feitas em relação ao que conhece ou o que é similar ao conhecido. No caso do rinoceronte ou *Abbadas*, depois de os

⁹⁵⁹ Álvares, ., p.163

⁹⁶⁰ Pais, Vol. I, p. 199

⁹⁶¹ *Ibd.*, p. 199

⁹⁶² *Ibd.*, p. 72

⁹⁶³ *Ibd.*, p. 163

descrever, afirma, «(...) só me faz duvida se são Abbadas, porq tem dous cornos hu sobre os narizes; e outro na testa; e a Abbada, q eu vi em Madrid o anno de 1587, não me lembra se tinha mais q hu aserrado. Os de quá tem dous(...)»⁹⁶⁴.

O autor vê-se, por conseguinte, diante de certas dificuldades para o estabelecimento de uma tipologia e classificação dos espécimes. Situação agudizada quando o animal parece ser desconhecido do autor. Tal é o caso da girafa, detalhadamente descrita pelo padre⁹⁶⁵. Também as zebras, os *Jumentos do mato*, suscitam a curiosidade de Pais, que delas, nos oferece uma ilustrativa visão, plena de encantamento e minúcia⁹⁶⁶. Acerca desta espécie refere ainda o autor, «Estes animais não se achão senão em terras m.to quentes, e são poucos e assi muito estimados; são de corpo maiores q há em Espanha.»⁹⁶⁷. O autor mantém, pois, o princípio de similaridade com os jumentos da sua terra natal; o mesmo princípio é aplicado a outras espécies; já os felinos são devidamente conhecidos, existindo embora excepções: «Leons, Tigres, Onças, mas não tão ferozes como os q trazem de Africa pera Espanha. Há também outro animal, q chamão Guecelâ, do tamanho de hu Leão e dizem muito bravo e feroz; sua pelle tenho vista, e o cabello he muito masio e preto.»⁹⁶⁸

Algumas espécies são destacadas por Pais quer pelo seu carácter estranho e desconhecido, quer pelo seu aspecto estético, como pela sua estranheza ou ferocidade. Estão na primeira categoria as pormenorizadas e encantadas descrições que nos dá da girafa, cujo corpo coberto de «(...) rodas muito vermelhas tão grandes como a palma da mão, q lhe dão muita graça(...)»⁹⁶⁹ e da zebra, «(...) de estremada fermosura; porq parece q os estiverão pintando cõ pincel (...)»⁹⁷⁰. De sublinhar igualmente o relato que nos dá das migrações dos numerosos groux que cobrem o Lago de *Dambiâ* na respectiva época⁹⁷¹; na segunda categoria insere-se a estranheza em relação ao rinoceronte, do qual «(...) affirmão q tem o Corpo tão grosso ou mais q hua vacca, os olhos m.to pequenos e a pelle tão dura q co diffcultade a podia passar hua lança; (...)»⁹⁷²; e o espanto perante a ferocidade dos hipopótamos do lago *Dambiâ*⁹⁷³, dos quais afirma «A cousa mais fera e monstruosa q nesta lagoa há, he hu animal, a q a gente da terra chama

⁹⁶⁴ *Ibd.*, p. 197

⁹⁶⁵ *Ibd.*

⁹⁶⁶ *Ibd.*, pp. 197/198

⁹⁶⁷ *Ibd.*, p. 198

⁹⁶⁸ *Ibd.*

⁹⁶⁹ *Ibd.*, p. 197

⁹⁷⁰ *Ibd.*, pp. 197/198

⁹⁷¹ *Ibd.*, p. 205

⁹⁷² *Ibd.*, pp. 196/197

⁹⁷³ *Vide, Anexo, Quadro 13 D*

Gumari e os Portugueses, q vierão co Christovão da gama, chamavão Cavallo marinho, e parece q o será, conforme ao q ouvi dizer na India aos q virão Cavallos Marinhos.»⁹⁷⁴. Tendo-se já a ela referido a propósito do rio Nilo, é nesta passagem que nos dá a sua descrição mais completa, assim como uma análise do seu comportamento. O que parece ter chamado a atenção deste autor em relação a esta espécie, para lá da sua abundância no referido lago e da sua imponência e estranheza, seria a ferocidade do seu comportamento.

Nas suas referências aos animais selvagens o autor faz ainda menção a outras espécies como os lobos, estes especialmente perigosos, pois «(...)não tem conto, e tão bravos, q no matto arremessam a gente de dia, e de noute vem m.tas vezes entrar dentro das çercas, (...)»⁹⁷⁵, o que nos remete para os ataques sofridos pela expedição de Álvares e para a questão da espécie de animal atacante. O olhar pragmático na apreciação da natureza faz-se sentir na descrição do gato da algália e a sua recolha⁹⁷⁶.

Pais dedica um capítulo à parte às diferentes espécies de aves, sobre as quais afirma, «(...) tambem se achão m:tas diferenças e varias sortes de Aves; porq tem quasi todas as q são comuns em Europa e outras m.tas la nunca vistas.»⁹⁷⁷. Entre estas podemos incluir o deselegante pássaro «(...)a q chamão Eceitân farâz, cavallo do diabo por ser muy feo, e do pescoço pera o cabo muy comprido, e andar m.to mal, posto q ligeiro(...)»⁹⁷⁸, animal que em relação à falta de formosura emparelha com a ema ou avestruz, como atesta o autor⁹⁷⁹. Pêro Pais destaca a quantidade das aves aquáticas, declarando «Das Aves, q andão em os Rios e Lagoas, há m.tas mais sortes q de outras nenhuas, e tantas q não tem conto; (...)»⁹⁸⁰.

Também a fauna dos rios e lagos, nomeadamente do Nilo, do rio *Tacacê* e da lagoa de *Dambiâ*, é referida, não só na abundância de espécies piscícolas⁹⁸¹, mas igualmente pela imponente presença e ferocidade do hipopótamo. O pormenor na descrição dos diferentes comportamentos dos animais que suscitam a sua atenção está patente não só no já referido extenso comentário e exemplos sobre o comportamento do hipopótamo, como na seguinte descrição de um peixe, obtida a partir da informação de um pescador local, que Pais teria encontrado nas margens da lagoa de *Dambiâ*:

⁹⁷⁴ Pais, Vol. I., p. 234

⁹⁷⁵ *Ibd.*, p. 198

⁹⁷⁶ *Ibd.*, pp. 198/199

⁹⁷⁷ *Ibd.*, pp. 202/203

⁹⁷⁸ *Ibd.*

⁹⁷⁹ *Ibd.*, pp. 204/205

⁹⁸⁰ *Ibd.*, p. 205

⁹⁸¹ *Ibd.*, p. 218 e p. 233

« Há outra sorte de peixe de escama do tamanho de hu Besugo ou pouco mais, e de boca grande q como desova anda sempre aly atee q sayão os f.os, e depois os acompanha; e como sente alguma cousa de medo, abre a bocca, e logo entrão à profia quantos podem; e ella fecha a bocca e foge co elles; e como se torna a assegurar, a abre e os larga.»⁹⁸²

Entre a enumeração das espécies por Álvares, em que a abundância e a forma como afectam a progressão da viagem da embaixada ou como condicionam a vida dos habitantes locais se revela o principal vector de referência e a tentativa de classificação tipológica das espécies por parte de Pais e seu fascínio e curiosidade face à estranheza, beleza ou comportamento de algumas, se reparte o discurso descritivo da fauna africana legado pelos autores. Todavia a avaliação do espaço físico etíope passa ainda pela referência à riqueza mineral.

1.2.3- *Dos Minérios*

O sentido prático destes autores, leva-os igualmente a captar todas as referências às riquezas minerais e ao tipo de exploração dos recursos naturais. A existência de ouro e prata são assinalados, sempre que possível. Francisco Álvares e Pêro Pais referem a existência de ouro na terra revolvida pela chuva em *Aquaxumo/Agçum*⁹⁸³. Álvares referirá ainda a existência de ouro nos reinos de *Damute/Damôt* (sendo o seu sistema de recolha semelhante ao anterior: a terra é lavrada e quando vêm, as chuvas deixam o ouro à vista, sendo recolhido de noite por brilhar) e de *Gojame' Gojâm*⁹⁸⁴, onde haveria grande abundância deste metal.

Por seu lado Pais anota que «Minas de ouro ha alguas, particularmente no Reyno de Nareâ, mas o melhor he o q tirão de hu rio grande, q chamão Bebêr, lavando a area da praya (...)» ou mergulhando para trazer areia do fundo; no reino de *Fazcolô*, o ouro viria pegado à ponta dos bambus queimados⁹⁸⁵.

⁹⁸² *Ibd.*, pp. 233/234

⁹⁸³ Cf., Álvares, , p. 92 e Pais, , Vol. I, p. 209

⁹⁸⁴ *Vide*, Álvares, pp. 359 e 361

⁹⁸⁵ Pais, , Vol. I pp. 208/209

Da mesma forma são assinaladas minas de prata em vários locais do reino⁹⁸⁶, por ambos os autores, embora Pais refira «(...) nunca ouve tanta prata em as terras do Preste João q lhe não fosse necessario compralla aos Turcos, com lha venderem bem cara; (...)»⁹⁸⁷.

Quanto a outros minérios, afirma o P. Pais, «Ferro há em m.tas partes; e chumbo em alguas, mas disto tão pouco q quasi não lhes basta pera pelouros de suas espingardas; (...)»⁹⁸⁸; Álvares afirmara em relação ao reino de *Angote/Angôt* a existência de moedas de ferro «(...) feito como pás, que para nada aproveitam naquela feição, senão para fazerem outra cousa.»⁹⁸⁹. A mesma incapacidade técnica é referida quanto à exploração dos recursos agrícolas, aplica-se aos minerais; o ferro do reino de *Angote/Angôt* tem uma utilização limitada e Álvares relata-nos quanto à extracção de prata: «Ouvi dizer a muitas pessoas que neste reino do Bagamidri havia uma serra que tinha muita prata e *que a não sabiam tirar* e quando alguma tiravam era desta maneira, seja, que onde viam alguma furna ou lapa, que a enchiam de lenha e punham-lhe o fogo (...)»⁹⁹⁰, embora Pais desminta categoricamente esta técnica e extracção de prata⁹⁹¹; no seu relatório ao arcebispo de Braga, Álvares anota sucintamente que «Na terra há ouro e prata, cobre, estanho e *não o sabem tirar das minas.*»⁹⁹² As mesmas considerações de insuficiência técnica se repetem relativamente à mineração em Pêro Pais⁹⁹³.

A abundância de sal, a Levante, é sublinhada por Francisco Álvares, que afirma sobre as terras do *Balgadarobel*, que ficam a Sul e confinam com o Mar Vermelho: «Há em ela a melhor cousa que há em Etiópia, seja o sal que em toda a terra corre por moeda, assim nos reinos e senhorios do Preste (...). Este sal é de pedra tirado em serra (segundo dizem) e vem de feição de adobes.»⁹⁹⁴ Pais afirma que a principal fonte de sal é uma determinada região de onde se retiram pedras «(...)cada hua tem outo dedos de

⁹⁸⁶ Cf., Álvares, pp.110 e 362 e Pais, Vol. I, pp. 95 e 209

⁹⁸⁷ Pais, Vol. I, p. 213

⁹⁸⁸ *Ibd.*

⁹⁸⁹ Álvares, p. 127

⁹⁹⁰ *Ibd.*, p.110 ou 362?

⁹⁹¹ « Nem tambem parece certo o q diz, q Pero de Covilhã affirmou a Francisco Alvres, q no Reyno de Begmêder há hu monte muito grande todo de prata (...) q fazião hua cova se q aly lhe davão fogo , (...); e q corria a prata como ribeiras. Isto não foi só encarecimento, mas patranha; (...)», Pais, Vol. I, p.212

⁹⁹² Álvares, p. 421

⁹⁹³ «(...) só ouro sahia do Imperio; porq co isto ciontratão co os mercadores de outras naçoens; e prata nenhua (...), antes a trazem sempre comprada do porto aos Turcos (...); não porq falem minas de prata, senão porq parece q a não sabem tirar (...)»; na terra de Ombareã, perto de Gojâm, «(...) há bom ouro, mas ne aly o sabem tirar, q são Cafres buçais e grosseiros.», Pais, Vol. I, pp.95 e 209

⁹⁹⁴ Álvares, pp. 107/108

comprido e dous e meio de largo pouco mais ou menos(...)», embora noutras exista «sal miúdo»⁹⁹⁵.

Outra importante riqueza que parecia não escassear na época, pelo menos no planalto interior do reino, era a água: numerosas ribeiras são assinaladas, como vimos, pelo P. Álvares, no decorrer do seu percurso e o P. Pais afirma mesmo «As agoas, assi das terras quentes como das frias, comumente são boas e sadias.»⁹⁹⁶

Deparamos pois, por parte dos nossos autores, entre visões de uma flora desconhecida, percalços da orografia e os perigos suscitados pela fauna africana, com uma espécie de consideração pragmática na observação dos recursos e possibilidades da terra, da natureza abexim.

2- Do Espaço Humano e Social

«Casam-se nas partes de Portugal e Espanha por amores
e por verem bons rostos e as cousas de dentro lhe são escondidas,

⁹⁹⁵ Pais, , Vol. I, p.182

⁹⁹⁶ *Ibd.*, p. 208

nesta terra bem podem casar por verem tudo certo.», Francisco Álvares, *Verdadeira Informação...*

«Os Paços reais , (...) são tristes casas terreas cubertas de palha;(...)», Pêro Pais, *História de Etiópia*

A componente humana e respectiva organização social, tal como o espaço físico, foi objecto da curiosidade dos autores e, por conseguinte, minuciosamente descrita, numa tentativa de captar, decodificar e transmitir uma outra realidade etnológica e civilizacional⁹⁹⁷. As descritivas do *outro* civilizacional assentam em tópicos, no que diz respeito à vida material e espiritual, que visam a aparência física e costumes; o modo de organização social e o sistema de crenças⁹⁹⁸. Com efeito, «(...) é suposto o autor preencher determinados itens ao descrever uma região e o seu povo. A definição desta “grelha “ etnográfica é sobretudo marcada pela descrição geográfica e cultural de Heródoto e pelas suas ulteriores apropriações.»⁹⁹⁹ Com efeito e segundo Ana Paula Avelar, a estratégia discursiva da *Ars Historica* deste autor clássico preconiza a análise dos costumes e dos valores culturais de uma determinada sociedade¹⁰⁰⁰.

A partir destes núcleos descritivos os autores analisados traçam a sua representação do reino etíope intentando não só a sua compreensão, como também a exequibilidade dos pressupostos da sua missão face às condições com que deparam, não descurando desta forma, o ponto de vista pragmático na consideração da sociedade, que também já havíamos denotado na sua observação da natureza.

Começaremos por analisar a descrição dos habitantes do império etíope, seus comportamentos, usos e costumes, o sistema de ensino e práticas culturais, a organização do comércio e da produção artesanal. Veremos em seguinte como se estrutura a sociedade etíope em termos políticos e administrativos, e a forma de

⁹⁹⁷ Como afirma Luís Filipe Barreto, «O campo de discursos sobre o *Outro civilizacional*, na sua forma maioritária (...), constitui um dos lugares mais ricos das Cultura Portuguesa renascentista e um dos frutos mais complexos dos Descobrimentos.», *Descobrimentos e Renascimento*, 2ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p. 61

⁹⁹⁸ Vide, *Ibd.*, p. 10 e José da Silva Horta, *op. cit.*, pp. 275/276

⁹⁹⁹ José da Silva Horta, *op. cit.*, p. 276

¹⁰⁰⁰ Vide, Ana Paula Avelar, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, p. 144

aplicação da justiça. De igual forma observaremos, num terceiro ponto, o sistema de crenças vigente que «(...) constituem sempre um núcleo fundamental de diferenciação do Outro.»¹⁰⁰¹. A informação de carácter religioso revela-se de capital importância para ambos os autores, não devido só ao papel que ambos ocupam na sua sociedade de origem, mas igualmente na etíope, sendo ambos representantes e transmissores (especialmente Pais) da civilização e religião europeia naquelas paragens africanas¹⁰⁰².

Tendo em conta estas descrições procuraremos concomitantemente aferir a valoração feita da sociedade etíope pelos dois autores estudados, e a sua proximidade em relação a conceitos valorativos gerais, que balizam a percepção geográfica e antropológica coeva, decorrente da comparação com o universo referencial de origem a partir do qual se classificam e hierarquizam os povos e civilizações não europeus. Como afirma Luís Filipe Barreto, «Este espelho antropológico, da identidade e diferença, realiza-se a partir duma óptica vertical e eurocêntrica.»¹⁰⁰³ Ou seja, a percepção e valoração do *Outro* racial, civilizacional faz-se em função de uma realidade europeia e da crença, embora com gradações, na superioridade da civilização europeia a nível tecnológico, ideológico/religioso e sociocultural, escorada no que o mesmo autor intitula, «antropologia filosófica cristã»¹⁰⁰⁴. Esta baliza a consideração do outro civilizacional, a nível da distância/proximidade ou da possibilidade da sua integração no modelo civilizacional do qual o autor é representante e preside à transmissão de um juízo de valor sobre a sociedade em questão, sempre em função da realidade conhecida, entre a analogia e a diferença¹⁰⁰⁵, e entre a aceitação e a recusa face aos valores e características da sociedade de origem¹⁰⁰⁶.

Assim, existe uma espécie sistematização de categorias ou um «(...)quadro operatório assente nas informações e teorias herdadas da antiguidade clássica greco-

¹⁰⁰¹ José da Silva Horta, *op. cit.*, p.277

¹⁰⁰² Como refere Ana Paula Avelar, ainda a propósito de Francisco Álvares, e que poderíamos igualmente alargar a Pêro Pais, «Particular relevo é dado (...) aos contactos pessoais estabelecidos com o rei etíope, nomeadamente as conversas travadas acerca de assuntos teológicos, prática aliás corrente aquando do confronto de mundividências diferentes e que se pretendem próximas.», *op. cit.*, pp. 225/226

¹⁰⁰³ Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento*, p. 138

¹⁰⁰⁴ *Ibid.*, pp.139/140

¹⁰⁰⁵ Como refere José da Silva Horta «Para transmitir é necessário (...) tornar compreensível o que se percepcionou.(...) O observador retrata a novidade humana(...) de modo a torná-la o mais possível familiar, isto é: interpreta-a para si próprio e para os outros membros da sua cultura de origem (...)». Esta assimilação da novidade é realizada(...) pelo acto de comparar e de classificar à luz dos códigos culturais do Sujeito.», *op cit*, p.266

¹⁰⁰⁶ «A dominância da centração funciona através dum quadro referencial de valores próprios, tanto materiais como espirituais, que se utiliza como gramática da semelhança e diferença para situar o homem outro e, assim, ensaiar a sua possível compreensão e apreensão enquanto realidade humana (...)», Luís Filipe Barreto, «A Herança dos Descobrimentos», in, *Revista do ICALP*, p. 11, [on line]disponível em <http://www.instituto camoes.pt> (acesso em 4 de Janeiro de 2006), p.10

latina e da medievalidade cristã(...)»¹⁰⁰⁷, traduzido em tipologias que caracterizam valorativamente os habitantes e o estágio civilizacional das sociedades: o tom da pele, *branco/pardo/negro* em todos os seus matizes; a *polícia/selvajaria/barbárie* dos costumes e organização sócial; *cristão/herexe/gentio/idólatra /mouro/judeu*, quanto ao sistema de crenças; *engenho/falta de engenho*, quanto ao grau de desenvolvimento material¹⁰⁰⁸. «O processo de classificação (...), parte dessas categorias pré-construídas, dos conteúdos que lhe estão associados, ou (...) das metamorfoses que as categorias sofrem no confronto com as especificidades humanas retratadas.»¹⁰⁰⁹

Este confronto e convívio com uma *outra* sociedade na qual, por razões diversas, os autores tiveram de se integrar durante consideráveis períodos de tempo, tendo a possibilidade de a observarem a partir do seu interior e sendo obrigados, pelo menos momentaneamente, a ultrapassarem ou conviverem com as diferenças culturais¹⁰¹⁰, permitirá um progressivo, mas paulatino e parcelar descentramento da visão eurocêntrica em prol da aceitação da diversidade e multiplicidade e do abrandamento da norma de funcionamento social dos autores¹⁰¹¹. De facto partindo destas categorias, numa tentativa de retratar uma realidade desconhecida /diferente, assiste-se ao aparecimento de apontamentos fugazes onde se denotará, no avançar de Quinhentos, uma certa aceitação da *diferença* do *Outro*¹⁰¹².

1.1- Dos Habitantes, Usos e Costumes

Vejamos, então a abordagem feita pelos padres Álvares e Pais aos tópicos descritivos centrados nos habitantes e suas vivências e hábitos, que incluem a aparência

¹⁰⁰⁷ *Ibd.*, p. 8

¹⁰⁰⁸ *Vide*, Francisco Bethencourt, «O Contacto entre Povos e Civilizações» in, *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Temas e Debates, 1998, pp.102/104; Luís Filipe Barreto, «As grandes Obras Portuguesas de Carácter Geográfico» in, *Portugal no Mundo*, Vol. III, p. 46; José da Silva Horta, *op. cit.*, p.276

¹⁰⁰⁹ José da Silva Horta, *op. cit.* p. 276

¹⁰¹⁰ Segundo Anthony Disney, os viajantes terrestres ou os que se internam nos territórios são obrigados a aceitar, pelo menos de forma transitória, os costumes dos povos locais, transpondo diferenças culturais e possibilitando uma compreensão mais genuína de outras sociedades. *Vide*, «Navigating Literary waters: truth, lies and representations...», in *Literatura de Viagem- Narrativa, história, mito*, pp.121/133

¹⁰¹¹ *Vide, Ibd.*, p.185 e Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento*, pp. 60/61

¹⁰¹² Como afirma Luís Filipe Barreto, «A aceitação do Outro como manifesto diferencialista, *diferente* nem contrário nem inferior, é uma conquista (...) do segundo andamento do Renascimento.», quando « (...) uma parte dos sujeitos e unidades discursivas abandona, ainda que apenas parcialmente, a visão etnocêntrica e a crença de que os seus padrões de mundo e vida são e devem ser a norma(...)», *Descobrimentos e Renascimento...*, pp. 60/61; também Ana Paula Avelar refere que se a construção do olhar do português sobre os novos espaços é marcada pela marca da sua superioridade, observam-se, gradualmente traços onde se verifica uma descentração progressiva dessa posição. *Vide, op. cit.*, p., 278

física dos habitantes do império abexim, quer na sua tipologia física, quer no modo de vestir; o seu comportamento, valores e rituais que marcam a vida social; seus variados usos e costumes; o tipo de povoamento e de habitação; sua tradição cultural; capacidade produtiva; rotas e trocas comerciais, num *olhar* alargado que ambos os autores nos transmitiram sobre a sociedade abexim.

1.1.1- Dos Habitantes e sua Natureza

Começaremos pela descrição dos habitantes, quer no seu aspecto físico, como no seu trajar e na sua índole. Considerando o caso dos povos africanos, em particular, estes sofrem *a priori* de uma conotação negativa, herdeira do conceito antigo e medieval que ligava a cor escura da pele ao mal¹⁰¹³ assim como a crença, segundo a tradição bíblica, na filiação desses povos aos descendentes amaldiçoados de Cam, filho de Noé, que teriam ocupado aquela parte da terra¹⁰¹⁴. Esta é a ideia subjacente na consideração destes habitantes embora existam matizes mais positivos na sua valoração, ligados à sua gentilidade, que permitiria uma mais fácil conversão ao catolicismo ou decorrentes da identificação do reino cristão do *Preste João* naquele continente¹⁰¹⁵.

Desta forma e quanto aos traços somáticos dos habitantes da Etiópia, ambos os autores se preocupam com a gradação dos tons da pele, além da constituição física geral dos etíopes e das várias populações sujeitas ao Imperador e habitantes de regiões limítrofes.

De denotar que os etíopes se enquadram num grupo fenotípico algo indeterminado, caracterizado pelo seu aspecto «baço»: apesar de cristãos são de cor «escura», mas não são considerados exactamente «negros»: Como refere Pais «Os

¹⁰¹³ Do termo “etíope” (de *aethiops* = face queimada) coexistem dois significados dominantes na Idade Média (bem como na Antiguidade) por um lado são “etíopes” o conjunto dos povos submetidos ao rigor do sol; por outro lado é a designação espontânea do Negro(...).A assimilação do Etíope à negritude do demónio está relacionada com a estadia prolongada deste no Inferno, mas também com a evocação da cor negra, das consequências do calor na zona tórrida donde provém(...)», Luís de Albuquerque, António Luís Ferronha, José da Silva Horta *et alli*, *O Confronto do Olhar*, Lisboa, Caminho, 1991., p. 47

¹⁰¹⁴ Manuel João Ramos, «O Destino Etíope do Preste João...», in *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*, pp.245/246

¹⁰¹⁵ Vide, José da Silva Horta, «A Imagem do africano pelos portugueses antes do Contacto» in, *O Confronto do Olhar*, pp.52/63

moradores destes reynos e provincias cõmumente são de cõr baça, mas alguns se achão quasi tão alvos como Portugueses (...)»¹⁰¹⁶.

A constatação do aspecto físico e do vestuário (ou ausência dele) da população etíope, semelhante às dos africanos subsaarianos, embora os primeiros fossem cristãos e supostamente gozando de um maior grau civilizacional, é feita por Álvares, logo no início da sua viagem, a caminho do mosteiro de Bisão, no qual depara com um grupo de «(...)gente quási nua que lhes aparecia quanto tinham e muito negros e eram cristãos e as mulheres alguma mais cobertura traziam, mas era mui pouca.»¹⁰¹⁷. No entanto, o senhor local, o *Barnagais*, afirma-se pela sua distinção a despeito da cor da pele¹⁰¹⁸; igual consideração é feita em relação ao “fidalgo” que encontram no início da sua viagem, *Frei Mazqual*, pois este, «(...) em sua pretidão era gentil homem (...) chegou a nós como homem bem criado e ensinado e cortês.»¹⁰¹⁹ Esta apreciação positiva estende-se a outros fidalgos e dignitários: o *Tigremahon* é «(...) um velho bem apessoado e reverendo(...)»¹⁰²⁰.

De resto no império etíope, coexistem vários tipos rácicos. Na referência à comitiva da rainha moura de *Adea*, Álvares não deixa de apontar a cor «não muito preta» dos seus membros¹⁰²¹; sobre os habitantes das terras dos *cafates/gafates* afirmamos que é «(...) gente não muito preta e grandes de corpos.»¹⁰²², embora fossem gentios que atacavam os súbditos do *Preste*. Pais, por sua vez, considera que a guarda do Imperador é tão preta como as armas que empunha¹⁰²³; e da guarda de espingardas, «(...) boa parte delles mancebos muito alvos, porq são filhos de Turcos, q aqui se fizerão Christãos, (...)»¹⁰²⁴.

A gradação dos tons da pele e aspectos somáticos são cuidadosamente apontados no que à figura do *Preste*/Imperador diz respeito, como se denota na descrição que Álvares faz do Imperador coevo, *Lebenâ Denguîl*: «Na idade, cõr e estatura é de homem mancebo não muito prêto, seria de cõr castanha ou de maçã baionesa, não muito parda e em sua cõr bem gentil homem, mediano de corpo. (...). Tem o rosto redondo, grandes olhos, nariz alto no meio(...)»¹⁰²⁵. Com o intervalo de um

¹⁰¹⁶ Pais, Vol. I, p. 16

¹⁰¹⁷ Álvares, *op. cit.*, p.23

¹⁰¹⁸ *Ibd.*, p.20

¹⁰¹⁹ *Ibd.*, p. 20

¹⁰²⁰ *Ibd.*, p. 102

¹⁰²¹ *Ibd.*, p.333

¹⁰²² *Ibd.*, p. 360

¹⁰²³ Pais, Vol. I, p.133

¹⁰²⁴ *Ibd.*, p. 133

¹⁰²⁵ Álvares, p. 214

século aproximadamente, Pais dá-nos uma descrição similar do monarca etíope de então, *Suzeneôs*, de cor baça, «(...)olhos grandes e fermosos; o nariz afillado, os beiços delgados, a barba preta (...)», considerando-o «(...)de corpo dos mais bem dispostos de sua Corte(...)»¹⁰²⁶.

Apesar da cor, o tipo físico etíope é positivamente valorado por Pais, que afirma serem os habitantes no seu geral «(...) *comum.te m.to bem estreados, de cor baça, beiços delgados, narizes proporcionados e olhos grandes e fermosos*, (...)»¹⁰²⁷. No referente às mulheres afirma mesmo serem «(...) *alguas* (...) *quasi tão alvas* como Portuguesas (...)»¹⁰²⁸. Todavia ambos os autores não deixam de referir o «negro» em sentido pejorativo: Álvares afirma de a existência de «(...) mui ruim gente, muito preta e muito má.»¹⁰²⁹ já para além dos limites ocidentais do reino, após uma região desértica; Pais, por sua vez, contrapõe à descrição positiva dos habitantes da Etiópia «(...) q em alguas terras, q o Emp.or senhorea, aja *Cafres feos*, a que os Abexins tem por escravos.»¹⁰³⁰ Estabelecem desta forma uma clara distinção entre os abexins cristãos, *baços* e de aparência agradável e os cafres, gentios, negros e feios.

Pais assinala ainda a sua resistência física: «Tem a gente de Ethiopia comumente boas feçoens no rosto; os Corpos fortes e robustos, soffredores sobremaneira de trabalhos, fome, sêde, calmas, frios e vigias; (...)»¹⁰³¹. Destaca igualmente, este autor, a sua longevidade, fruto de uma educação pouco protegida¹⁰³², afirmando que «(...) há muitos homens de cem annos muito bem dispostos, e ainda vi alguns de cento e vinte e de cento e trinta com boas forças.»¹⁰³³

Mas apesar da consideração favorável quanto ao aspecto da população abexim, para Álvares, a distinção é clara, em relação aos povos do Médio Oriente e europeus, afirmando «(...) e porque os de Jerusalém são gente branca, a nós quando a esta terra chegámos nos chamavam cristãos de Jerusalém.»¹⁰³⁴. Pêro Pais, ao relatar a história do

¹⁰²⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.119; este tipo de descrição aparece novamente relativamente ao Imperador Za Denguîl: «Era homem alto de corpo, bem apessoado, de cor baça; os olhos grandes; nariz afilado e beiços delgados; e segundo me disserão, tinha 26 annos.», *ibid.*, Vol. III, p. 33 Pais descreve muito favoravelmente o Imperador Suzeneôs, noutra passagem da sua obra, como «(...) homem de 33 annos, alto de Corpo e bem proporcionado; os olhos grandes, nariz afilado, e os beiços delgados, de rosto alegre e a cor baça (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. III, p. 78

¹⁰²⁷ *Ibid.*, Vol. II, pp. 133/134

¹⁰²⁸ *Ibid.*, Vol. I, p. 168

¹⁰²⁹ Álvares, ,p. 162

¹⁰³⁰ Pais, Vol. II, pp. 133/134

¹⁰³¹ *Ibid.*, Vol. I, p. 175

¹⁰³² « (...) e de se criarem desta maneira e sem mimo lhes vem serem depois robustos , e de boa saude; e ordinariamente passam dos 80 annos com boas forças e desposição, e dizem q muitos ainda de cem annos as tem; (...)», *Ibid.*,p. 16

¹⁰³³ *Ibid.*, p. 208

¹⁰³⁴ Álvares, p.355

imperador *Suzeneôs/Seltân Çaguêd*, que manda cativar a população do extremo do reino de Gojâm, perto do Nilo, pela ausência de pagamento dos tributos, refere-se a estas gentes como sendo «(...) *quasi tão alvos como nós*(...)» e a semelhança de tipo físico provoca a piedade do jesuíta, relatando-nos ele: «(...) era cousa q movia a grande compaixão (...) ver trazer amarrados *meninos tão formosos quasi como os dos Portugueses e molheres tão mimosas* q se não podião bulir.»¹⁰³⁵

Ambos os autores detalham-se na descrição do vestuário dos diversos estratos sociais uma vez que este indicia não apenas claras diferenças civilizacionais, que se relacionam frequentemente com considerações morais, como constitui um referencial do nível de desenvolvimento social a nível do povo, assim como de distinção e aprumo, revelando a riqueza e prosperidade da terra, nas classes dirigentes¹⁰³⁶.

Francisco Álvares sublinha a exiguidade do vestuário dos habitantes comuns, e principalmente no caso das mulheres como exemplifica na passagem referente às terras senhoreadas pelo *Tigremahon*. A falta de pudor no vestuário, especialmente no feminino, é convenientemente assinalada no seu desvio às regras morais europeias na revelação do corpo, afirmando Francisco Álvares: «As mulheres casadas trazem mui pouca cobertura, e *menos vergonha* as solteiras (...)»¹⁰³⁷, comentando mais à frente que «As *moças andam de mal em pior, são mulheres de vinte ou vinte e cinco anos, e trazem as mamas até à cinta e descoberto seu corpo galante cheio de continhas por cima dele.*»¹⁰³⁸.

Também Pais refere os poucos trajes das gentes do povo, que «vestem como podem»¹⁰³⁹, cobrindo-se com panos brancos de algodão, couro ou tecidos ásperos que Pais compara a cilícios. Especifica o aspecto geral das mulheres, anotando que «(...) e todas andam descalças, e muitas vezes descubertos dos peitos pera cima;(...)»¹⁰⁴⁰. Mais adiante o autor entrará em maior pormenor, anotando o vestuário dos lavradores e suas mulheres e materiais de que são feitos, no geral e dias de festas e santos¹⁰⁴¹. O vestuário como sinal do nível civilizacional é sempre anotado. Assim Álvares refere-nos a «gente suja e mal vestida» da região de Huaguida¹⁰⁴².

¹⁰³⁵ Pais, Vol. III, p.117

¹⁰³⁶ Vide, *Anexos*, Quadros 13 A e B

¹⁰³⁷ Álvares, *op.cit.*, p.86

¹⁰³⁸ *Ibd.*, p.101

¹⁰³⁹ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 17 e 18

¹⁰⁴⁰ *Ibd.*, p. 170

¹⁰⁴¹ *Ibd.*, pp.169/170

¹⁰⁴² Álvares ., p. 172

A preocupação pelo detalhe leva a que os adornos, atavios e penteados não sejam descurados pelos nossos autores. Quanto às mulheres do povo, o P. Álvares alude às contas que as jovens usam sobre o corpo descoberto especificando o efeito causado. Também os cabelos e penteados são motivo de descrição, afirmando o clérigo, «(...) trazem as cabeças em duas partes ou em duas ordens, a uma desce até os ombros e a outra chega sôbre estas pelas orelhas.»¹⁰⁴³ Usos mais uma vez corroborados pelo jesuíta ao referir que os colares coloridos usados pelas mulheres e a forma similar dos penteados. O P. Pais refere ainda a prática de incisões feitas na pele como adorno pessoal¹⁰⁴⁴. Outro ponto de interesse abordado pelo jesuíta é o facto de existirem uma espécie de regra, que impedia o uso pela população não nobre de outro tecido que não fosse o algodão, em desuso na época coeva, mas devidamente assinalada¹⁰⁴⁵.

Em contraste com o despojamento do vestuário das classes populares, o vestuário e atavios das classes altas são notados com todo o pormenor, constituindo um importante sinal que ilustra a posição social do indivíduo e concomitantemente, a riqueza da terra. Assim nos descreve o P. Francisco Álvares os mordomos ou privados que acompanharam a embaixada no recinto real, quando da sua chegada à corte. Os sinais de grandeza e riqueza são procurados na apreciação das vestes dos grandes senhores, ideia expressa nas considerações de Álvares sobre a rainha de *Adea*: «Vinha esta Rainha *bem como rainha* (...)»¹⁰⁴⁶. No entanto as tentativas de equiparação com o modelo europeu são por vezes defraudadas, para espanto do autor, como no caso da indumentária do chefe militar *Rás Aderrão*, que o autor encontra por duas vezes na corte do *Preste*¹⁰⁴⁷, ideia que o autor expressará no relatório do Arcebispo ao referir que o costume era andarem os grandes oficiais da corte apenas cobertos, da cintura para cima, com uma pele de carneiro atravessada no tronco¹⁰⁴⁸.

Aliás Álvares não deixa de notar o aparato dos senhores abexins: no caso do *Tigremahon*, mostra-se positivamente impressionado ao encontrá-lo e a sua mulher no caminho: «(...) vinham cada um em sua mula em *mui bom aparato, como grandes senhores que são* (...)»¹⁰⁴⁹, porém em relação ao Barnagais afirma: «O serviço deste Barnagais, posto que é grande senhor e entitulado rei, é *mui pobre estado*(...)»¹⁰⁵⁰.

¹⁰⁴³ *Ibd.*, p.164

¹⁰⁴⁴ Pais, Vol. I., p. 141

¹⁰⁴⁵ *Ibd.*, p. 169

¹⁰⁴⁶ Álvares, p.333

¹⁰⁴⁷ *Ibd.*, p.61

¹⁰⁴⁸ *Ibd.*, p. 418

¹⁰⁴⁹ *Ibd.*, p. 102

¹⁰⁵⁰ *Ibd.*, p. 71; *Ibd.*, pp. 144/145

Quanto às mulheres, parecem deslocar-se cobertas de panos de algodão de cor escura, que lhes cobrem também os rostos, como é o caso da mulher do *Tigremahon*¹⁰⁵¹; a já referida rainha moura de *Adea* na corte do *Preste* enverga, por seu lado, «(...) vestidos de brocado e veludo e camisas mouriscas da Índia.»¹⁰⁵².

Da mesma forma se detalha o P. Pêro Pais na descrição do vestuário dos grandes senhores, que à semelhança da rainha moura do século XVI, sofrem a influência, quer nos tecidos utilizados, quer no corte, da Índia ou do império Turco¹⁰⁵³ e mesmo da moda portuguesa¹⁰⁵⁴. Este autor discorre longamente sobre a forma antiga (remontando provavelmente à época de Francisco Álvares) de trajar dos senhores na corte, ou seja a já referida ausência de camisa e o peito coberto de peles de animais como o leão ou do *Gueçelâ* negro, e a nova forma de apresentação das classes altas, tanto masculina como feminina, incluindo as vestes, o calçado, os penteados e formas de cobrir a cabeça demonstrando uma maior sofisticação e pormenor em relação ao anterior relato. Os adornos e jóias masculinas são enumerados: quer as compridas correntes de ouro que caiem pelas costas e descem até à cintura, rematadas por campainhas; quer as cruzes que os menos abastados trazem ao pescoço; quer os punhais que se usam à cinta com punho e bainha dourada.

O traje dos cortesãos é positivamente avaliado por Pais, quer no corte das vestes ou nos tecidos utilizados na época coeva, em comparação com a época anterior¹⁰⁵⁵. Pais relata-nos que sobre as camisas compridas de tecido fino da Índia, apertadas na cinta, envergam um gibão comprido de mangas largas do mesmo tecido que se usa aberto ou uma Cabaia.

O vestuário das senhoras etíopes é primorosamente descrito, não sem um certo encanto pelo P. Pais, que enumera as várias peças do vestuário das mulheres de alta condição, incluindo o modelo, a qualidade dos tecidos e sua proveniência, os adornos e penteados observados com toda a atenção pelo jesuíta, assim como os seus atavios, sejam os «(...)colares de ouro muito fermosos (...)»¹⁰⁵⁶, ou os atavios usados nos cabelos como as grinaldas de pequenas flores de ouro e prata que as donzelas usam sobre as

¹⁰⁵¹ *Ibd.*, p. 102

¹⁰⁵² *Ibd.*, p. 333

¹⁰⁵³ Pais, Vol. I, p. 125

¹⁰⁵⁴ *Ibd.*, p. 17

¹⁰⁵⁵ *Ibd.*, pp. 166/167

¹⁰⁵⁶ *Ibd.*, p. 168, *Ibd.*, pp. 17/18

tranças¹⁰⁵⁷, não esquecendo os trajes femininos de viagem que remetem para a descrição já referida de Álvares.

Nesta descrição da indumentária e aspecto dos abexins, o P. Pais não descarta as crianças, referindo as crianças do povo que se criam praticamente sem roupa e os filhos dos nobres, que dispensam o calçado e não cobrem a cabeça, aludindo igualmente ao seu cabelo e penteado *muito bem cõçertados*¹⁰⁵⁸.

Em ambos os autores se denota uma minúcia descritiva no aspecto físico da população etíope, desenvolvida de forma mais sistemática e precisa pelo P. Pais, especialmente no que diz respeito ao vestuário, adornos e penteados, detendo-se nos mínimos detalhes de várias peças de roupa, ou na descrição dos brincos femininos ou ou ainda o engraçado penteado das crianças¹⁰⁵⁹.

Também a índole deste povo é objecto do escrutínio dos autores¹⁰⁶⁰. Francisco Álvares refere o seu carácter desconfiado, e podemos inferir, pelas descrições das andanças da embaixada pela corte abexim e relacionamento entre portugueses e os naturais, o seu carácter esquivo e por vezes fugidio, mas de uma forma geral amável e cortês. Daí o espanto e desagrado face às sanguíneas reacções dos membros da comitiva portuguesa em concorrência entre si, pois o recato, a compostura e a fleuma parecem fazer parte do temperamento abexim, como assinala devidamente o P. Pais¹⁰⁶¹. Como salienta o missionário, um traço marcante da sua índole é o comedimento e aversão às efusões de emotividade: «(...) de tal maneira refrião suas paixões naturais, ou por melhor dizer, as dissimulão, q por mais agastados q estejam huns dos outros, raramente o mostram, (...), antes são mais corteses e brandos em suas palavras; sem por nenhu caso haver as descomposturas q entre outras nações há (...)»¹⁰⁶². Desta forma evitam tratar de assuntos directamente, preferindo perder tempo com mediadores, a correr o risco de perder «(...) honra, e primor, q se pode menoscar cõ algua mostra de paixão ou descompostura nas palavras (...)»¹⁰⁶³.

Na narrativa de Álvares e de uma forma geral os abexins revelam-se um povo pacífico, humilde e conciliatório (veja-se a aceitação da procissão portuguesa contra a praga de gafanhotos; ou as tentativas de conciliação dos grupos desavindos da

¹⁰⁵⁷ *Ibd.*, p. 169 e 168

¹⁰⁵⁸ *Ibd.*, p. 16

¹⁰⁵⁹ *Ibd.*, p. 168

¹⁰⁶⁰ *Vide, Anexos, Quadro 14*

¹⁰⁶¹ Pais, Vol. I, p.16

¹⁰⁶² *Ibd.*

¹⁰⁶³ *Ibd.*, p. 17

embaixada). Álvares sublinha ainda o seu carácter conformista, afirmando «E êles nesta terra qualquer cousa que lhes acontece de bonança ou perda, tudo dizem que Deus o faz.»¹⁰⁶⁴

Pais discorre mais largamente sobre a índole etíope, que teria conhecido bem devido à sua larga permanência naquelas terras, salientando a sua brandura e a importância da harmonia ¹⁰⁶⁵, o que não impede algumas vinganças. De igual modo é louvada a sua piedade para com os pobres¹⁰⁶⁶. Avalia favoravelmente, pelo menos os membros da corte, com os quais teria mantido um convívio mais próximo, afirmando, «No entendimento, q he o melhor do homem, não lhes fazem comumente vantagem os melhores da Europa, como o temos bem experimentado na gente nobre(...)»¹⁰⁶⁷.

Todavia sobre aspectos negativos da sua natureza, Pais refere a inclinação para a mentira ou para o pouco credível (segundo o P. Pais o Imperador *Malâc Çaguêd* sentenciava repetidas vezes «(...) mintiras de Ethiopia e cobiça de Egípcios(...)»¹⁰⁶⁸) e a tendência para o exagero, afirmando o jesuíta «(...) cousas pequenas engrandecem muito em Ethiopia (...)»¹⁰⁶⁹. Também Álvares refere no seu sumário ao Arcebispo a pouca inclinação para a verdade e simultaneamente a sua puerilidade face à religião¹⁰⁷⁰.

De salientar que ambos os padres parecem ter tido uma relação afável com a população etíope, que bastas vezes recebia com agrado os viajantes portugueses embora a comitiva portuguesa de 1520 tivesse sido várias vezes apedrejada pela população durante as suas deslocações, entre outros incidentes menores. Mas o convívio entre abexins e o P. Francisco Álvares parece ter sido fácil e agradável com numerosas referências a várias personagens com quem travou relações de amizade e mesmo sentimentos de empatia pela população, expressos em determinados momentos¹⁰⁷¹; também o P. Pais, como já vimos, goza de um bom acolhimento na corte, como ele não deixa de referir «(...) porq (...) sempre me fizerão muitas honras e merces sobre merces, não somente os Principes e Grandes, mas em particular tres

¹⁰⁶⁴ Álvares, pp. 102/103

¹⁰⁶⁵ Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp. 175/176

¹⁰⁶⁶ *Ibd.*, p. 176

¹⁰⁶⁷ *Ibd.*

¹⁰⁶⁸ *Ibd.*, p. 8

¹⁰⁶⁹ *Ibd.*, p. 82

¹⁰⁷⁰ Álvares, p. 423

¹⁰⁷¹ Empatia bem patente nas seguintes passagens: «A gente que desta terra se ia achámos caminhos cheios de homens, mulheres e meninos a pé, e deles nos braços seus fatinhos nas cabeças, mudando-se para terra onde achassem mantimento. Era uma piedade de os ver.»; quando o autor admoesta um frade que viu na capitania de Janamora armado «com frechas ervadas». Este responde-lhe que os mouros lhe queimaram a igreja e colmeias e roubaram-lhe o gado, entristecendo-o de tal forma que «(...) por isto trago esta peçonha para matar quem me matou. Não soube o que lhe responder, à tristeza que lhe vi em seu rosto e senti em meu coração.», *Ibd.*, pp. 80 e 122

Emperadores (...)»¹⁰⁷². Deste entendimento resultam condições favoráveis para o conhecimento do funcionamento da sociedade abexim por parte dos dois autores.

1.1.2- Das Sociabilidades

Tendo em conta o tempo passado naquelas paragens e o convívio de perto com os seus habitantes, os autores descrevem abundantemente as regras que pautam as formas de sociabilidade e usos da sociedade abexim.

As formas de cortesia, que regulam o convívio em terras da Abissínia, são descritas pelos dois autores, em breves apontamentos por Álvares e de forma mais sistemática por Pais. Mas o primeiro não deixa de referir o modo de saudar um senhor, como exemplifica com a recepção do *Barnagais* ao fidalgo da casa do *Preste*: «(...) saíu o Barnagais a o receber fora do lugar (...) com muita gente e êle nu da cintura para cima e ali se pôs o fidalgo no mais alto que todos e a primeira palavra que disse foi:- El- Rei vos manda saudar. A esta palavra todos foram com a mão ao chão, que é a mesura e reverência desta terra (...)»¹⁰⁷³. Refere ainda Francisco Álvares que «Todos estes homens honrados trazem peles de carneiros ao pescoço ou ombros e o que traz pele de leão, tigre ou onça é mais honrado, quando chegam diante do senhor tiram a pele, como nós tiramos o barrete.»¹⁰⁷⁴, assim como o hábito dos cavaleiros se apearem ante uma igreja¹⁰⁷⁵ ou antes de penetrar no arraial do *Preste*¹⁰⁷⁶ ou quando encontram outro senhor.

Pêro Pais detalha-nos um pouco mais estas cortesias, confirmando o hábito de um senhor se apresentar de peito nú perante outro de mais elevada condição: «(...) e não somente hade falar em plural o menos nobre, mas hade baixar o pano q traz em lugar de cappa, de maneira q descubra pello menos hu hombro; e tal pode ser o senhor

¹⁰⁷² Pais, , Vol. I, p. 22

¹⁰⁷³ « È usança desta terra ouvir a palavra que o Preste manda , fora de casa e a pé e aquêle a que vem há-de estar nu da cinta acima até que seja dada e se é contentamento do Preste João, acabada de a dar logo se veste, se é em seu descontentamento, fica nu como a ouviu.», Álvares, p. 67

¹⁰⁷⁴ *Ibd.*, p. 72

¹⁰⁷⁵ Ao aproximarem-se da igreja de Maçam Celacem «(...) vieram a nós homens muito apressurados dizendo que nos apeássemos, o que logo fizemos por sabermos que assim é seu costume (...) e por reverência desta que é grande, pareceu-nos que se apeavam mais longe.», *Ibd.*, p. 164; também Pais menciona este hábito, referindo . Se aos q vão a cavallo lhes he necessario passar diante de alguma Igreja, se apeão (...) antes de chegar a ella, e vão a pé atee passarem hu pedaço.», Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 132

¹⁰⁷⁶ Levando o autor a dita pimenta ao arraial do Preste « (...) achámos um mensageiro que nos disse que trazia palavra do Preste e apeou-se para no-la dar e nós apeámo-nos para a receber, porque é assim seu costume de darem a palavra de el-Rei em pé e em pé ser ouvida. (...) [junto ao arraial do Preste] Descavalgámos um pedaço atrás (segundo seu costume) (...)», Álvares, *op. cit.*, pp. 186/187

co q fala, q tenha obrigação de descobrir ambos os ombros e ainda cingir o panno na cinta; (...)»¹⁰⁷⁷, reafirmando que «(...) ne tira ninguem a outro o barrete por mais grande q seja (...)»¹⁰⁷⁸. Estas formas de saudação entre senhores e iguais e outras práticas indiciadoras de respeito estão bem resumidas na seguinte passagem de Pais, descrevendo as formas de cortesia, que: «(...) são por a mão direita no peito, e baixar a cabeça dizendo : Biçôn ayaoêl q quer dizer: o mal não esteja em vós (...) e entrando em casa de homem grande cinge o pano e tira os çapatos. Quando os homens grandes vão de hua terra a outra e visitão seus parentes, ou iguais, se dão paz no rosto; e todos, quando entrão na Igreja, tirão os çapatos e ficão cõ a cabeça cuberta (...)»¹⁰⁷⁹. Nestas considerações ambos os autores terão certamente em conta, embora não o afirmem explicitamente, as diferenças face às regras de cortesia da sua própria sociedade e a estranheza ou carácter diferente destas.

Também neste âmbito, largo espaço é reservado pelos autores aos hábitos alimentares que marcam um espaço de convívio, bastas vezes por eles partilhado, constituindo um indicador muito forte das diferenças culturais e da valoração feita de determinada sociedade por aquele que a descreve¹⁰⁸⁰. Com efeito, o tipo de alimentos e a sua preparação, é um campo onde se revelam, de uma maneira geral, grandes clivagens entre as culturas locais e a europeia¹⁰⁸¹.

O P. Francisco Álvares é mais detalhado e prolixo nas suas referências às experiencias gastronómicas passadas na Etiópia, espelhando esse choque cultural, quando nos relata a recusa dos portugueses face aos mantimentos fornecidos pelos etíopes no início do seu percurso, «(...)não aceitámos o comer que nos davam que era usança da terra. Esperámos e veio-nos o comer, seja, cinco bolos grandes de pão de trigo e um corno de vinho de mel (...)»¹⁰⁸². Contudo o pão característico da terra consiste numa espécie de bolo de cereais de formato grande e, por vezes, come-se uma espécie de papa de farinha mal amassada. A má qualidade do pão, feito de cereais diferentes do trigo é várias vezes apontada Álvares comenta a dada altura «(...) comemos pão de cevada bem mal feito (...)»¹⁰⁸³. As considerações de Pais sobre o pão etíope são semelhantes.

¹⁰⁷⁷ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 179

¹⁰⁷⁸ *Ibd.*, p. 186

¹⁰⁷⁹ *Ibd.*, p. 17

¹⁰⁸⁰ *Vide, Anexos, Quadro 15*

¹⁰⁸¹ *Vide, Alfredo Margarido, A Surpresas da Flora no Tempo dos Descobrimentos*, Lisboa, ELO, 1994, pp.80/81

¹⁰⁸² Álvares, *op. cit.*, p. 51

¹⁰⁸³ *Ibd.*, p. 173

Quanto ao vinho ou bebida local, é feito de mel, servido habitualmente num corno, pois como afirma Álvares «Não se espante quem ouvir corno de vinho, porque dos grandes senhores e do Preste João, cornos de boi são suas vasilhas para o vinho e há aí corno de cinco, seis canadas.»¹⁰⁸⁴. Em suma, como afirma Francisco Álvares «Por tôdas esta terra fazem pão de tôda a semente (...) e assim fazem vinho de muitas destas sementes e o vinho de mel é muito melhor que todos.»¹⁰⁸⁵ Produz-se contudo vinho de uvas nas terras do *Preste*, como testemunha o autor num jantar na corte durante uma estadia em *Gorage/Guraguê*, referindo os «(...) bons vinhos em que entram vinhos de uva e de bons cheiros e muito vermelhos (...)»¹⁰⁸⁶.

O mel é, efectivamente, uma produção abundante nas terras etíopes; nas terras do *Balgadarobel (Tigrê)*, o fidalgo envia ao embaixador uma vaca e «(...) um grande cântaro de mel alvo como neve e rijo como pedra(...)»¹⁰⁸⁷.

A alimentação básica da terra consiste em carne do abundante gado ali criado, especialmente o bovino, embora Álvares prove no lugar de *Salote* galinhas cozidas em manteiga¹⁰⁸⁸. Pais refere o consumo de carne de vaca, carneiro, cabra, galinhas e perdizes, evitando-se no entanto o porco, as lebres e os coelhos¹⁰⁸⁹.

Desta forma, a carne, o pão ou farinha, o mel, a manteiga e a bebida fermentada de mel, parecem constituir a dieta básica dos abexins e desta forma é a embaixada portuguesa de 1520 aprovisionada, como nos afirma Francisco Álvares «Tanto que fomos aposentados mandou-nos o Preste João três pães grandes alvos e muitas jarras de vinho de mel e uma vaca.»¹⁰⁹⁰; conquanto o autor refira a existência de hortas e de árvores de citrinos nos mosteiros e de vinhas e pêssegos na terra de *Gorage/Guraguê*¹⁰⁹¹.

Álvares faz ainda referência a situações específicas, como a alimentação dos frades do convento de *Bisã* (pão redondo de milho zaburro, cevada e sementes de tafo e couves sem sal ou azeite¹⁰⁹²); os produtos consumidos durante o apertado regime da Quaresma (couves e fruta se existir; molho de sementes com pão; bebidas de cereais, evitando o leite, a manteiga e o vinho, além da carne e peixe). Refere também o hábito

¹⁰⁸⁴ *Ibd.*

¹⁰⁸⁵ *Ibd.*, p. 117

¹⁰⁸⁶ *Ibd.*, p. 310

¹⁰⁸⁷ *Ibd.*, p. 107

¹⁰⁸⁸ Álvares, p. 48

¹⁰⁸⁹ Pais, Vol. I, p. 181

¹⁰⁹⁰ Álvares, p. 181

¹⁰⁹¹ *Ibd.*, p. 310

¹⁰⁹² *Ibd.*, p. 40

da refeição única por dia, à noite. No entanto, num apontamento Pais revela-nos o horário das refeições dos grandes senhores «(...) que q he ordinariamente antes das dez da manhã e às cinco da tarde (...)»¹⁰⁹³.

As considerações do P. Pais sobre o regime alimentar etíope são bastante coincidentes com as de Álvares: refere a bebida fermentada à base de mel e outra à base de cereais, a que chamam *sauna/sanha* feita de cevada ou outros cereais, também nomeada por Álvares, a propósito da dieta da Quaresma¹⁰⁹⁴. Sobre a preparação dos alimentos, Pais informa-nos que «(...) das milhores iguarias pera alguns he a Carne de Vaqua crua, q acabandoa de matar a poem na mesa, e dando-lhe alguns golpes, lhe botão em cima seu mesmo fel; (...); e dizem q lhes sabe muito bem(...)»¹⁰⁹⁵. Pais afirma mesmo, que caso a carne arrefeça, depois do abate do animal, já não é tão apreciada¹⁰⁹⁶. Também Álvares havia já mencionado esta forma de consumir a carne, afirmando no sumário do Arcebispo, «Muitos comem carne crua e outros assadas nas brasas e outros sôbre lenha e sôbre bosta de bois, onde não há lenha.»¹⁰⁹⁷.

A alimentação marca, pois, fortemente as diferenças culturais, não só na forma de confeccionar (ou não) os alimentos e na natureza destes, mas também nos utensílios utilizados e forma de tomar as refeições. Os membros da embaixada resistem a certo tipo de alimentos, e estranham o pão e o vinho e a ausência de azeite, característicos da sua dieta mediterrânica¹⁰⁹⁸. Como nos relata Álvares durante uma refeição de galinha cozida sentem estranheza em comer sem pão a acompanhar, mas depressa se acomodam tanto quanto possível aos hábitos locais como pragmaticamente afirma, «Depois desta comida muitas vezes comíamos carne sem pão e pão sem carne e pão sem sal, porque se não costuma na terra, e pão molhado na água e na pimenta, assim que nos esqueceu o primeiro espanto.»¹⁰⁹⁹ E certas preparações culinárias etíopes chegam mesmo a ser bastante apreciadas como a «(...) vitela tôda inteira posta em pão, seja em empada, tão bem adereçada que nos não podíamos faltar dela.»¹¹⁰⁰ Por outro lado, o mesmo autor anota que o gengibre e a pimenta são condimentos usados sem parcimónia¹¹⁰¹, revelando um novo inconveniente da cozinha abexim.

¹⁰⁹³ Pais, Vol. I, p. 176

¹⁰⁹⁴ Álvares, p.243 e Pais, ,Vol. I, pp. 181/182

¹⁰⁹⁵ Pais, Vol. I, p.181

¹⁰⁹⁶ *Ibd.*, p. 186

¹⁰⁹⁷ Álvares, *op. cit.*, p. 417

¹⁰⁹⁸ *Ibd.*, pp. 117 e 243

¹⁰⁹⁹ *Ibd.*, p. 85

¹¹⁰⁰ *Ibd.*, p.181

¹¹⁰¹ *Ibd.*, p. 343

Francisco Álvares, mais prolixo na narração das suas experiências pessoais, proporciona-nos vários relatos de refeições em terras etíopes. Entre elas destaca-se a o jantar com o *Angoterás* (senhor de *Angote/Angôt*) no qual é descrito não só o teor dos pratos servidos, como o mobiliário e a etiqueta alimentar de forma muito expressiva¹¹⁰². Nela é patente a incompatibilidade das dietas. Da ementa consta pão de somenos qualidade (de trigo, cevada, milho, grãos, tafo) e sobre este, um pedaço de carne crua e três qualidades de molhos ou caldos, que Álvares identifica como «(...) salsa de Palmela, um dente de alho, outro não sei de quê. Nestas potagens entrava lixo de vaca e o fel que nesta terra hão por muito estimado manjar(...)»¹¹⁰³. Perante estas iguarias afirma o clérigo, «Destas potagens não quisemos nós comer e mandou o Embaixador vir o nosso comer que tínhamos muito bem feito, porque *não podíamos comer suas viandas, nem eles comiam das nossas.*»¹¹⁰⁴. Finalmente os hospedeiros da embaixada reconhecendo a diferença de costumes aprovisionavam-nos de carne assada ou cozida de vaca e também galinha e carneiro, e já na corte do *Preste* refere uma refeição de «(...)mui gordas galinhas assadas e gorda vaca cozida com boas couves, (...) porque *as comidas não são como as nossas.*»¹¹⁰⁵.

Se a culinária etíope não é muito satisfatória ao paladar dos nossos autores, também a baixela etíope é muito modesta, tal como ambos referem. Os recipientes são em barro preto, não existindo mesa propriamente dita, nem toalhas ou guardanapos, o que marca uma forte diferença cultural, numa época em que as regras de civilidade, especialmente no campo alimentar se vão impondo e tornando progressivamente mais importantes na sociabilidade das classes altas europeias. Os etíopes, segundo o P. Álvares, «Comem em umas gamelas chãs como bandejas de mui grande largueza, sem toalhas, nem guardanapos. Têm bacios de barro muito prêto (...) e púcaros do mesmo barro porque bebem água e vinho(...)»¹¹⁰⁶. A presença de um jarro e um copo cristalinos e de uma taça de prata, são devidamente assinalados como peças de exceção¹¹⁰⁷. Sobre os hábitos alimentares dos abexins refere Pais:

«(...) e assi sempre come no chão sobre huas taboas redondas co a borda de dous dedos de alto(...). A esta mesa chamão Gahêta: e não poem sobre ella toalha, nem guardanapo, senão huas

¹¹⁰² Vide, *Anexos*, Quadro 16 B

¹¹⁰³ Álvares, p. 146

¹¹⁰⁴ *Ibd.*, pp. 117/118

¹¹⁰⁵ *Ibd.*, p. 145

¹¹⁰⁶ *Ibd.*, p. 417

¹¹⁰⁷ Vide, *Ibd.*, p. 272

apas muito delgadas de trigo, ou de outras semnetes (...); e sobre ellas os pratos co o comer e pão como o nosso de trigo.»¹¹⁰⁸

Salienta ainda este autor a prática corrente de hospitalidade entre os etíopes, pois «(...) atee os mouros e gentios, q vem de outras partes, os recebem e tratão muito bem, como eu vi fazer a muitos; (...)»¹¹⁰⁹.

Ainda relativamente às formas de sociabilidade, e segundo a narrativa de Álvares, nem todas as formas de entretenimento dos portugueses parecem ser compartilhadas pelos etíopes: a caça é-lhes indiferente («(...)é a caça mui desenfadadiça aos portugueses, que os da terra pouco nojo lhe sabem fazer, pôsto que dela recebam muito dano em seu país.»¹¹¹⁰), embora Pais refira a prática da caça ao rinoceronte a cavalo e com lanças curtas¹¹¹¹; uma representação levada a cabo no dia de Reis perante o *Preste*, «(...) não foi estimada nem quási olhada(...)»¹¹¹²; os festejos dos portugueses são olhados com curiosidade: «(...)mandou dizer o Preste que cantássemos, bailássemos à nossa guisa e tomássemos prazer. E logo começaram os nossos de cantar cantigas em um cravo que aí tínhamos e depois cantigas de bailes e de terreiro.» O *Preste* vigia sendo necessário estar atento para «(...) que se não passasse entre nós cousa deshonest.»¹¹¹³

Ambos os autores fazem referência aos instrumentos musicais existentes, revelando a importância da música na vivência quotidiana, religiosa e laica nesta época (não esqueçamos que a embaixada integra um *tangedor de órgão*). Desta forma Álvares enumera uma série de instrumentos locais, de sopro, percussão e cordas, no que será secundado um século depois por Pais¹¹¹⁴. Os instrumentos musicais abexins e a música que interpretam são igualmente pouco apreciados. Ambos comentam a mediocridade das trombetas e charamelas e de uma espécie de harpa tocada na corte, em relação aos instrumentos musicais ocidentais¹¹¹⁵. Pais leva mesmo a cabo uma analogia

¹¹⁰⁸ Pais, Vol. I, p. 181

¹¹⁰⁹ *Ibd.*, p. 1517

¹¹¹⁰ Álvares, p. 52

¹¹¹¹ Pais, Vol. I, p. 202

¹¹¹² Álvares, p. 253

¹¹¹³ *Ibd.*, p. 253

¹¹¹⁴ Cf., « Há aí trombetas e não boas, há aí muito atabales de cobre que vêm do cairo e outros de pau que têm couro de ambas as partes. Há aí pandeiros como os nossos e bacias grandes com que tângem. Há aí frautas e uns instrumentos de cordas, quadrados, como harpas a que êles chamam David moçanco, quere dizer : harpa de david. Estes tângem ao Preste e não bem.», *Ibd.*, p. 424; « Os atabales são de cobre, e alguns de pao cubertos co couro de vacca, e outros como tambores. Tem trombetas, charamelas, ainda q não tão boas como as nossas Violas e outros instrumentos a modo de harpas, co q fazem arrezoadá musica. », Pais, Vol. I, p. 183

¹¹¹⁵ *Ibd.*, pp. 183 e Álvares, , 424

depreciativa com uma ave da região de *Dambiâ*, ao afirmar «Há outras Aves quasi tão grandes como hu cisne, mas co soo o peito e pontas das asas brancas (...) quando gritão se parecem co as charamelas q elle [o Vice-rei da região] leva sempre diante e *lhe fazem assaz roim música.*»¹¹¹⁶. Desta forma se reforça a noção de falta de apuro técnico e sofisticação da civilização etíope coeva.

1.1.3- Das Ritualidades e Usos

Os rituais que presidem à vida e costumes da sociedade abexim valeram igualmente a atenção de Francisco Álvares e Pêro Pais: são referenciados os ritos e costumes matrimoniais e de baptismo; as práticas funerárias e os rituais de luto; os costumes referentes às heranças¹¹¹⁷.

As regras flexíveis que presidem ao matrimónio e às relações entre homens e mulheres impressionam especialmente Francisco Álvares. Isto pelo facto de a poligamia ser autorizada pelo poder temporal, desde que o homem tenha suficientes bens para sustento de suas mulheres, embora a Igreja desaprove esta prática com a excomunhão e a expulsão¹¹¹⁸. No entanto a desaprovação da Igreja não parece moderar este costume, referindo o clérigo vários exemplos de homens que têm duas ou três mulheres. Também alude ao hábito de tomarem mancebas, que são numerosas no lugar de *Baruá/Debaroâ*, local da corte do *Barnagais* e morada de outros senhores.

De qualquer forma o casamento apresenta-se como uma instituição bastante maleável na sociedade abexim coeva. «Nesta terra não são fixos os casamentos, porque por qualquer causa se apartam.»¹¹¹⁹ e, embora existam contratos de casamento com cláusulas para divisão de bens em caso de separação, estas são pouco aplicadas e «(...) e assim se apartam quando querem, assim êles como elas.»¹¹²⁰ O P. Francisco Álvares testemunha muitos destes divórcios de grandes senhores como assegura ao afirmar «(...) assim destes apartamentos vi e sei muitos(...)»¹¹²¹. O mesmo sucede com novas uniões, mesmo entre antigos cunhados. Além do mais as mulheres, pelo menos as de classe alta, parecem ter uma razoável liberdade face ao matrimónio, como comenta

¹¹¹⁶ Pais, Vol. I, p. 204

¹¹¹⁷ Vide, *Anexos*, Quadro 16

¹¹¹⁸ Álvares, *op. cit.*, p. 53

¹¹¹⁹ *Ibd.*, p. 53

¹¹²⁰ *Ibd.*, p. 55

¹¹²¹ *Ibd.*

Álvares a propósito de uma irmã do Imperador «(...) a qual fazia o que queria e o marido não ousava entender nisso com medo do Preste e também por não ser nesta terra a errada das mulheres muito estranhada, (...)»¹¹²².

Pais, por seu lado, refere a existência da interdição de casamento entre parentes até ao sétimo grau, desposando-se habitualmente membros de outras famílias, embora alguns não observem a restrição¹¹²³. Conquanto se mostre mais lacónico sobre as práticas matrimoniais, este autor, não deixa de referir a facilidade do divórcio e de um novo casamento e as diferentes considerações morais que presidem nesta sociedade às relações entre homens e mulheres: «A fornicção simples não confessão os mais delles, porq não a tem por peccado ; tanto q m,tas vezes se concertão os q não são casados pera estar por algum tempo juntos, e vão a algum frade; (...)»¹¹²⁴. O missionário refere a tolerância com que os confessores encaram as relações de mancebia, absolvendo os penitentes e chegando o *abunán Petrós* a aconselhar um grego que vivia com três mulheres que não as abandonasse e as tratasse por igual; Pais pelo contrário recomenda o casamento com uma e as expulsão das restantes¹¹²⁵. Ambos os religiosos admoestarão, sempre que têm oportunidade, seus conhecidos abexins que mantinham mais que uma esposa. Tal é o caso do hospedeiro de Francisco Álvares, que seguindo os conselhos do clérigo, tendo três mulheres, se separou de duas, ficando com a mais nova¹¹²⁶. Também Pêro Pais, adverte o governador do *Tigrê*, da gravidade de manter duas esposas, uma delas viúva de seu irmão, ao que este concordou em afastar-se, relatando-nos Pais, «(...) como o fez logo de que ella ficou bem enfadada.»¹¹²⁷

O facto é que nem mesmo os membros da Igreja guardam castidade. De facto podem casar-se e cometem os pecados idênticos ao homem comum, embora sejam penalizados com a expulsão da Igreja. Por conseguinte e como afirma Francisco Álvares, face à instabilidade dos matrimónios, «E se alguns guardam a ordem do casamento, são ao clérigos que nunca se podem apartar e os lavradores que tem amor às suas mulheres porque lhe ajudam a criar seus filhos e sachar e mondar suas lavouras e á noite quando vêm para casa acham um pouco de gasalhado e assim ou por jeito ou por fôrça são casados tôda sua vida.»¹¹²⁸.

¹¹²² *Ibd.*, p. 330

¹¹²³ Pais, *op. cit.*, p.54

¹¹²⁴ *Ibd.*, Vol. II, p. 79

¹¹²⁵ *Ibd.*,

¹¹²⁶ Álvares, p.53

¹¹²⁷ Pais, Vol. I, p. 124

¹¹²⁸ Álvares, p. 55

A cerimónia de casamento parece, à imagem da instituição, informal e livre como nos revela o P. Pais, ao afirmar «(...) casa cada hu quando quer, e como melhor pode(...)»¹¹²⁹. Por sua vez o P. Álvares entra em maiores detalhes relatando cerimónias de casamento a que teria assistido noutros locais que não a corte, nomeadamente na região de *Tigrê*, cerimónias estas que decorriam fora das igrejas¹¹³⁰.

Ambos os padres abordam o sacramento e o ritual do baptismo seguido da primeira comunhão, feito aos quarenta dias de vida aos rapazes e aos sessenta às raparigas. Segundo Álvares, ambas as práticas seriam muito perigosas para a criança, nomeadamente o perigo do recém-nascido morrer sem baptismo, dado o espaço que medeia o seu nascimento até à cerimónia¹¹³¹. Semelhante prática é corroborada por Pais¹¹³². Francisco Álvares reporta-nos ainda outro costume abexim associado ao baptismo. Assim para receber os óleos, a cabeça da criança é rapada à navalha e marcada com ferro frio entre o nariz e os olhos e nas têmporas como forma de adorno e de melhorar a visão, sublinhando o clérigo que esta prática não é feita por «nenhuma cousa de cristandade»¹¹³³. Ambos sublinham as inadequações rituais face ao catolicismo.

A celeridade empregue nas cerimónias fúnebres parece chocar Francisco Álvares quando procede à sua descrição: não haveria grandes acompanhamentos; o corpo embrulhado vai em catres; usam muito incenso; «Os clérigos vêm por êles e pouco lhe rezam e logo partem com êles caminho da igreja com cruz, turíbulo e água benta, correndo, que não há homem que os alcance.»¹¹³⁴ O morto não entra na igreja e é logo enterrado e nesse local rezam-lhe o Evangelho de S. João. A descrição do P.e Pais, embora muito próxima apresenta alguns pormenores adicionais¹¹³⁵.

Quando o defunto é um fidalgo, é transportado no seu próprio leito, com maior estado, sendo geralmente enterrado num mosteiro, saindo os frades a recebe-lo fora do edifício, sendo objecto de orações no interior da igreja, onde será depositado.

A morte do Imperador ou de um membro da família real implica um maior nível cerimonial, como narra Pais: «Quando morre o Emp.or, o levão tambem em seu leito(...) co grande acompanham.to; porq não só vão os Principes, e grandes, mas todos

¹¹²⁹ Pais, Vol. I, pp. 163/164

¹¹³⁰ Álvares, pp. 53/54

¹¹³¹ *Ibd.*

¹¹³² Pais, Vol. II, p.74

¹¹³³ Álvares, p. 57;

¹¹³⁴ *Ibd.*, pp.57/58

¹¹³⁵ Pais, Vol. II, p.134;

os Snores nobres (...) todos cubertos de doo e as cabeças rapadas como costumão fazer nas mortes dos pais, pera mostrar sua grande tristeza. »¹¹³⁶ O P. Pais assistiu às exéquias do jovem príncipe, filho do imperador *Suzeneôs/Seltân Çaguêd*, para o qual «(...) armarão a tenda e no meo della puserão o Corpo em hu lugar alto co tochas a roda; e pouco depois da mea noute veio o Emperador cuberto de doo co todos os grandes, e fizerão extraordinario pranto atee q amanheceo, q o levarão a enterrar a hu mosteiro, q está em hua ilha d' Alagoa de dambiâ,(...)»¹¹³⁷, sendo o préstito acompanhado pela cavalaria da corte, bandeiras e atabales do imperador «tangendo som de tristeza.»¹¹³⁸.

Segundo o mesmo autor os cemitérios destinam-se apenas a alguns pobres; a maioria é enterrada na área das igrejas e os nobres, como foi dito, nos mosteiros. No dia do funeral são distribuídas esmolas para que na igreja se rezem orações pelo defunto durante trinta dias, após os quais oferecem uma vaca aos frades e pobres, esmolas que se repetem, com a oferta de incenso e candeias aos quarenta dias e aos oitenta e novamente quando se completa um ano sobre a morte, na cerimónia de *Fascâr*(lembrança) ou *Fetât* (libertação)¹¹³⁹.

Tanto Francisco Álvares como Pêro Pais descrevem as formas de luto de forma similar: Álvares refere «(...) o seu costume de dó é rapar a cabeça à navalha e não a barba e vestir panos pretos (...)»¹¹⁴⁰; segundo Pais « O dó q usão (...) he raparem as cabeças, até os criados da casa; e a molher e criadas amarrarem pella fronte hua tira comprida de panno branco muito fino de algodão, q lhes vem da India, (...); e ambas as pontas lhes caem sobre as costas. O vestido he preto, e trazemno hu anno. Os parentes vestem azul (...)»¹¹⁴¹.

Os contidos etíopes exteriorizam fortemente a sua dor perante a morte, dando lugar a grandes choros e brados; batendo nos peitos, os homens lançam-se violentamente ao chão; as mulheres arrancam os cabelos e arranham as faces. Face a as tais manifestações de dó ambos os autores declaram a sua emoção.

Alguns indícios nos são dados acerca da distribuição dos bens dos defuntos. Álvares refere-se às partilhas da herança da mãe do *Preste*, em *Xoa/Xaoâ* sendo as terras repartidas em três partes, para si e duas irmãs; a sua é repartida pelas suas duas

¹¹³⁶ *Ibd.*, p. 135

¹¹³⁷ *Ibd.*, Vol I, p. 185

¹¹³⁸ *Ibd.*, Vol. II, p.135

¹¹³⁹ *Ibd.*, Vol. I, pp. 135/136

¹¹⁴⁰ Álvares, , p. 312

¹¹⁴¹ Pais, Vol. I, p. 184

filhas pequenas. Existe portanto um direito feminino à herança. Os bens são constituídos por terras, incluindo a sua produção pecuária. Das heranças constam ainda bens móveis como ouro e seda¹¹⁴² (e provavelmente jóias e tecidos ricos). Pais é mais específico quanto aos costumes que regulam as heranças, às quais se deduzem as ofertas das esmolas a dar durante o ano seguinte ao da morte: «(...) por morte do marido, a mulher leva um terço dos bens ou menos, conforme acordado e mais o que lhe dão por rapar a cabeça e os bens que trouxe; os herdeiros são os pais. E sem acordo ficam ainda com aquele terço.»¹¹⁴³ No entanto «Se os pais já faleceram, fica a mulher com tudo. A mulher tem direito a duas partes; o filho mais velho também; os restantes uma parte.»¹¹⁴⁴

Usos ritualizados, minuciosamente apontados pelos autores e que se distanciam dos costumes dos seus países de origem, destacando-se no entanto, pela discordância e desaprovação expressa em relação a preceitos e sacramentos religiosos, a questão do baptismo e a prática da poligamia ou ainda a facilidade do divórcio e a liberalidade das relações entre homens e mulheres.

1.1.4- Do Espaço Urbano e Habitações

A forma de ocupação do espaço pelos habitantes da Etiópia, como importante sinal da vivência dos seus habitantes e do grau de desenvolvimento da sua sociedade é igualmente objecto da atenção dos autores¹¹⁴⁵. Este aspecto é especialmente destacado por Francisco Álvares, que desenvolve a sua narrativa a partir do percurso entre os diferentes lugares habitados que atravessam no decorrer das suas jornadas pelas terras etíopes¹¹⁴⁶. Mas os centros de agrupamento populacional com que deparam ambos os autores no reino do *Preste*, não se comparam de forma alguma às cidades que conheciam da Europa ou da Índia. Com efeito, os autores deparam-se com a ausência de uma civilização urbana na Etiópia. Denotam pelo contrário a insipiência urbanística da sua sociedade, a precariedade das construções, e a existência de uma corte nómada abrigada em tendas de pano. Álvares no seu resumo ao Arcebispo declara que «Em

¹¹⁴² Álvares, , p. 316

¹¹⁴³ Pais,, Vol. I, p.183

¹¹⁴⁴ *Ibd.*

¹¹⁴⁵ *Vide, Anexos, Quadro 17*

¹¹⁴⁶ *Vide, Luís Filipe Barreto, «As grandes Obras Portuguesas de carácter Geográfico» in, Portugal no Mundo, Vol. 3, Lisboa, Alfa, 1989, p.58*

tôda a terra não há lugar que passe de mil e seiscentos vizinhos e dêstes poucos e nenhum lugar cercado, nem castelo, aldeias sem conto, (...)»¹¹⁴⁷. Tal nos declara igualmente o P. Pais:

«Em Ethiopia não há cidades mas q a Corte do Emperador; e onde estão de assento os Viso-reis ou algu Governador grande; e ainda alguas destas puderamos chamar villas; e quando os Visoreis se mudão pera outras p.es (q o fazem muitas vezes, e os Emperadores alguas), ficão aquellas Cidades como villas ou aldeas mui pequenas,...). As demais povoaçoens são villas de poucos vizinhos, e aldeas q não passão de cincoenta casas, e muitas tem menos; porq ordinariamente se juntão alguns onde tem suas lavouras, e alli fazem suas casinhas; (...)»¹¹⁴⁸

Com efeito o desenvolvimento dos núcleos urbanos depende da presença da corte. Mas sendo esta essencialmente uma corte itinerante, mal se pode dar o título de cidades a estes aglomerados dos quais Pais dá vários exemplos. Tal é o caso do arraial do imperador *Glaudeôs* no reino de *Ôye*¹¹⁴⁹, que após a sua morte e mudança de local pelo seu sucessor desapareceu sem deixar rasto. Outra cidade referida por Pais é *Gubâi*, junto da lagoa de *Dambiâ*, erigida c.de 1574 por *Zerza Denguîl/Malâc Çaguêd*, quando ali instalou a sua corte, que se compunha essencialmente de «(...) casinhas terreas, baxas e cubertas de palha (...)»¹¹⁵⁰. Mas partindo esse monarca da sua cidade esta despovoou-se por completo. Quando Pêro Pais entrou na Etiópia em 1603, tinha o imperador *Iacob* a sua corte na mesma região, no local de *Côga*, reduzida na época a 150 casas.

O novo imperador, *Suzeneôs/Seltân Çaguêd*, instala-se na península de *Gorgora*, no lago *Dambiâ*, que posteriormente abandonaria, na sequência de uma epidemia e se despovoaria em prol do lugar mais ameno e salubre de *Dencâz*¹¹⁵¹ que, segundo Pais, mal teria 15 mil habitantes. Este autor também nos dá algumas pistas sobre a organização incipiente destes lugares, sendo o espaço estruturado em redor da habitação/tenda real e o terreno atribuído pelo monarca aos diferentes senhores; em redor os campos são utilizados como pasto para o gado, declarando Pais que « Em as

¹¹⁴⁷ Álvares, *op. cit.*, p.417

¹¹⁴⁸ Pais, *op.cit.*, Vol. I, p. 164

¹¹⁴⁹ *Ibd.*, p.287

¹¹⁵⁰ *Ibd.*, pp. 173/174

¹¹⁵¹ *Vide, Ibd.*, Vol. III, p. 143

Cidades dos VisoReys não há tanta ordem; e em as villas e aldeas quasi nenhua (...)»¹¹⁵².

Já na sua progressão pelo interior do território, Francisco Álvares encontra e estancia em numerosos lugares, por vezes localizados nas fragas e montes, rodeados pelos campos cultivados, ou nas campinas. Estes núcleos são geralmente de pequenas dimensões, possuindo uma igreja, que parece ser o principal edifício público na Abissínia: «(...) Há muitos infindos lugares afastados da estrada e, em todos igrejas.»¹¹⁵³. Frequentemente estão afastados das vias e situados nos altos como medida de prevenção contra assaltantes; ideia reforçada por Pais: «(...) ordinariamente morão em lugares altos, mas por m.ta calma q faça, se poem à sombra, achão fresco.»¹¹⁵⁴

Na época de Pais as incursões dos *Galás* contribuíram decerto para abalar a frágil organização urbana da Etiópia, especialmente nos reinos fronteiriços. Pais afirma «(...) pello q, deixando algumas serras e desertos q não se habitão, o demais está cheo destes lugarinhos, particularmente agora; porq depois q huns gentios, q chamão Gâlas forão entrando pellas terras (...)»¹¹⁵⁵. De qualquer forma a estrutura urbana etíope parece ter-se limitado a um sistema de aldeias e lugares, de dimensões reduzidas, caracterizando-se pela quase ausência de edifícios públicos, e precariedade dos materiais de construção, como exemplifica Pais na passagem, referente à antiga cidade de *Agçûm/Aksum* no *Tigrê*¹¹⁵⁶. Estas aldeias são muitas vezes caracterizadas como *muito más; muito pobre e maltratadas* por Álvares; Pais, ao referir-se à suposta antiga cidade de *Sabba*, afirma que apenas existe uma aldeia *muito triste* com este nome¹¹⁵⁷.

Todavia, Álvares parece atribuir certa importância dentro do contexto urbanístico desta sociedade ao aglomerado populacional da região de *Baruá/Debaroâ* e redondezas quando descreve a sua estrutura. Os seus arredores caracterizam-se pela existência de agrupamentos de dez a quinze casas com um curral para o gado bovino, muar e outro, cercado e fechado por uma porta encerrada durante a noite para protecção dos animais selvagens¹¹⁵⁸. Quanto ao lugar de *Baruá/Debaroâ*, propriamente dito, refere o autor, «(...) é mui bom e está assentado em uma rocha mui alta sôbre uma ribeira, sôbre a qual estão assentadas as casas del-Rei a que chamam *betenegus* (...).

¹¹⁵² *Ibd.*, p. 166

¹¹⁵³ Álvares, p. 166

¹¹⁵⁴ Pais, p. 208

¹¹⁵⁵ *Ibd.*, p. 164

¹¹⁵⁶ *Ibd.*, pp.172/173

¹¹⁵⁷ *Ibd.*, p. 92

¹¹⁵⁸ Álvares, p. 62

Estão mui bem assentadas à maneira de fortaleza.»¹¹⁵⁹ Calcula que o lugar tenha cerca de trezentos fogos, funcionando como uma espécie de corte, pois ali habita o senhor local e seu séquito, além de outros senhores que pertencem à corte do *Preste* e, sendo local de resolução de muitas demandas¹¹⁶⁰, conhece razoável afluência.

No que diz respeito à arquitectura civil, como menciona Francisco Álvares, no seu relatório no final da obra, «(...)as casas comunmente ou as de mais são redondas e tôdas térreas cobertas de terrados ou de palha, currais derredor.»¹¹⁶¹ A “pobreza” da arquitectura etíope pode ser explicada pelo carácter itinerante da sua corte e a precariedade dos cargos e da posse da terra dos senhores, como adiante veremos, além da importância da actividade pastoril e da riqueza móvel e ainda da má qualidade dos materiais e técnicas de construção. De facto, a corte habita em tendas na época de Francisco Álvares, mas os mais pobres do seu séquito «(...) se abalam para perto, (...) levam consigo suas pobres casas assim feitas e colmadas como as tinham e se vão para mais longe e levam a madeira que são umas vêrgas.»¹¹⁶² Contudo, na zona mais quente, próxima do Mar Vermelho, zona de pouca chuva «(...) fazem casas de terrado não de chunambo, senão de terra bem batida, e todas erão terreas (...)»¹¹⁶³. Este autor não deixa de denotar as particularidades da habitação nas diversas regiões, sejam as casas abrigadas dos ventos nas campinas de *Xôa/Xaoâ*, sejam as casas construídas nas rochas, no reino de *Gorage/Guraguê*¹¹⁶⁴.

Igualmente no seu relatório ao Arcebispo, Álvares irá sublinhar que «Nascem muitas águas, mas não há nenhuma fonte feita de pedra. (...) Esta terra não há aí ponte de pedra nem de pau.»¹¹⁶⁵ Com efeito não existe na Etiópia coeva saber arquitectónico e capacidade de construção e a menoridade técnica das construções etíopes é frequentemente apontada.

As descrições feitas por Pais das construções civis etíopes concordam com a situação descrita por Álvares um século antes: as casas são baixas e térreas, algumas rectangulares, outras redondas, cobertas de palha que se estende até à parede da casa; os materiais de construção são pedra, barro ou pau, concluindo Pais «(...) todas as demais casas são roíns como digo(...)»¹¹⁶⁶; as casas de terrado constituem pequenos

¹¹⁵⁹ *Ibd.*, p. 58

¹¹⁶⁰ *Ibd.*, p. 52

¹¹⁶¹ *Ibd.*, p. 417

¹¹⁶² *Ibd.*, p. 229

¹¹⁶³ *Ibd.*, pp. 164/165

¹¹⁶⁴ *Ibd.*, pp. 172/173 e p. 306

¹¹⁶⁵ *Ibd.*, p. 420

¹¹⁶⁶ Pais, Vol. I, pp. 128/129 e p. 164

agrupamentos rodeadas por cercas de espinho, onde vivem com os seus animais e com uma porta que é fechada à noite. Segundo Pais, praticamente todas as casas existentes são de terra batida e de um só piso, pois as de vários sobrados pouco duravam, «(...)porq não a sabião fazer(...)»¹¹⁶⁷.

Além das tendas do Imperador, tantas vezes nomeadas por Álvares, Pais refere umas casas mais compridas, mas igualmente térreas e com telhado de palha destinada, aos grandes senhores¹¹⁶⁸. Quando visita o imperador *Za Denguil/Malâc Çaguêd*, numa região entre o *Gojâm* e a *Dambiâ*, Pais menciona que este «estava em huas casas m.to altas, q então mandara fazer pera invernar aly(...). Tinha duas çercas de madeiras altas, e os terreiros dentro muy espaçosos(...)»¹¹⁶⁹, reproduzindo a estrutura do acampamento real.

Contudo o Imperador *Suzeneôs/Seltân Çaguêd* edificará uma habitação digna do seu estatuto, numa península do lago *Dambiâ* graças à importação de tecnologia portuguesa. Como nos relata Pais «Este Emperador (...) fez pouco há hus Paços de dous sobrados co terrado, e no mais alto hua casa, q lhe serve de mirado, e do chão até acima são 60 palmos.»¹¹⁷⁰ E mais à frente descreve em pormenor esta novo e formoso palácio de pedra branca, com vários andares e aposentos e uma bela vista sobre o lago, que constituí o maior edifício civil do Império¹¹⁷¹.

Também a edificação de uma cidade de pedra é de iniciativa do imperador, que ao pretender erigi-la «(...) lançou pregão, q certo dia fossem todos lá co elle e armassem suas tendas da maneira q costumavão no Campo, pera que soubesse cada hu o sitio de sua casa(...)»¹¹⁷².

Mas se tanto na época de Álvares como na de Pais apenas existe um urbanismo incipiente no império etíope, podem denotar-se vestígios de uma anterior civilização com algum impacto urbano. Com efeito dos resquícios arquitectónicos da antiga glória do reino aksumita¹¹⁷³, fala-nos Francisco Álvares detalhadamente ao descrever as

¹¹⁶⁷ *Ibd.*, p. 165

¹¹⁶⁸ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p. 164

¹¹⁶⁹ *Ibd.*, Vol. III, p. 33

¹¹⁷⁰ *Ibd.*, p. 129

¹¹⁷¹ *Ibd.*, p. 165

¹¹⁷² *Ibd.*, p. 166

¹¹⁷³ A partir do século II d.c., a região costeira da Etiópia incluindo a região do *Tigrê*, encabeçada pela cidade de *Aksum*, parece ter tido um papel relevante a nível agrícola e comercial na economia de um pólo centrado no mediterrâneo oriental e Mar Vermelho como ponto de ligação com cidades árabes e indianas, dominada por elites influenciadas pela cultura grega. Por volta do século III, o Cristianismo parece ter penetrado nesta cultura. Esta situação muda com o advento do islamismo no século VII, que fecha o Mar Vermelho aos navios de *Aksum*. Esta civilização entra em decadência, isolada do mundo mediterrânico. Torna-se um estado essencialmente continental, movendo-se o seu centro para o interior sul., Vide, Harold G. Marcus, *A History of Ethiopia*, 1994, University of Califórnia Press, Berkeley/Los Angeles, pp.4/11

ruínas dos antigos edifícios de *Aquaxumo/Agçum/Aksum*, sendo informado que ali teria tido a sua capital a lendária rainha de *Sabbá*. Estas antigas ruínas de uma época de maior esplendor civilizacional, poderiam atestar a glória do reino etíope e consolidar a sua pretensa ligação aos mitos bíblicos de Salomão.

Álvares descreve-nos a povoação da seguinte forma: «Fora desta cêrca há mui grande povoação de mui boas casas o que não há em tôda a Etiópia, muitos bons poços de água de cantaria lavrada e assim nas demais casas as ditas figuras antigas de leões e câis e aves, tudo bem feito em pedra.(...)»¹¹⁷⁴. O autor menciona ainda as estelas «No cimo dêste lugar estão muitas pedras erguidas e outras sem terra e muito grandes e formosas e de formosos labores lavradas(...)»¹¹⁷⁵; mas as suas inscrições são indecifráveis¹¹⁷⁶.

O local é também aludido por Pêro Pais, que ali se dirigiu quando da coroação do Imperador, deparando com as ruínas e antigas: «Os moradores de aquellas terras afirmão q tem por tradição muito çerta aver sido antigamente Cidade muito insigne e a maior q nunca ouve em Ethiopia; e as ruinas dos edificios, q ainda agora aparecem, dão bem mostra de q forão sumptuosos(...)»¹¹⁷⁷. Também Pais alude à sua identificação com a cidade da rainha de *Sabbá*¹¹⁷⁸. As estelas continuam indecifráveis, como nos afirma o jesuíta.¹¹⁷⁹ Mas na época de Pais, a antiga glória de *Aksum* há muito se desvaneceu, sendo agora uma mera «(...) villa pequena(...)»¹¹⁸⁰.

Álvares menciona ainda a outra construção numa elevação junto da dita povoação, repartida em câmaras e celeiros, evidenciando vestígios da colocação de portas; numa delas encontrar-se- iam duas grandes arcas de pedra, que pareciam ter tido uma tampa, que conteriam os tesouros da rainha de *Sabbá*¹¹⁸¹. Curiosamente Pais menciona outrossim a sepultura do rei *Caleb*, junto a *Agçûm*, «(...) feita ao picão em hua rocha(...)»¹¹⁸², incluindo o desenho da sua planta, com menção das portas e sinalização das medidas e da orientação geográfica. Junto à rocha, do lado oriental da

¹¹⁷⁴ Álvares., p. 91

¹¹⁷⁵ *Ibd.*

¹¹⁷⁶ *Ibd.*, p. 92

¹¹⁷⁷ Pais, Vol. I, p. 173 e p. 120

¹¹⁷⁸ *Ibd.*, p. 172

¹¹⁷⁹ *Ibd.*, p. 46

¹¹⁸⁰ *Ibd.*, p. 25

¹¹⁸¹ «(...) estão duas casa debaixo da terra, nas quais homem não entra sem candeia. Estas casas não são de abobada, senão de mui formosa cantaria direita, assim paredes, como por cima. Os cantos em vão afora, o que metem nas paredes é de doze côvados e tão juntos uns dos outros que parece tudo uma pedra.», Álvares, pp. 92/93

¹¹⁸² Pais, Vol. II, p. 241

construção, estaria uma porta cerrada «(...) com forte muro onde dizem q ha m.to ouro.»¹¹⁸³, segundo a legenda da planta.

Outra antiguidade etíope que muito maravilhou o P. Álvares foram as igrejas monolíticas construídas pelo rei *Lalibela* (c. 1185/1225), encantando-se com a sua construção e decoração¹¹⁸⁴, descrevendo algumas delas individual e pormenorizadamente, a saber, as igrejas de Golgota, S. Salvador, Nossa Senhora, Mártires, Santa Cruz, Emanuel e S. Jorge, a cujos pormenores arquitectónicos, o clérigo se refere como *bem lavrados, obras gentis, muito bem obrada, galantes frestas, porta louça*, referindo ainda os relevos em pedra *lavradas muito subtilmente*¹¹⁸⁵. No entanto remata a sua descrição afirmando «Disseram-me que tôdas as obras destas igrejas (...) foram feitas por gibetas, seja, homens brancos, porque *êles bem conhecem não saberem fazer cousa nenhuma bem feita.*»¹¹⁸⁶

Mas estes monumentos parecem não ter impressionado especialmente o P. Pais¹¹⁸⁷, que aliás não as teria visitado pessoalmente, seguindo como afirma, o testemunho preciso de Francisco Álvares¹¹⁸⁸.

Também no seu interior as habitações seculares abexins se revelam austeras. Face à sua exiguidade e modéstia não havia muito para descrever a despeito da capacidade de observação dos autores. O mobiliário parece ser diminuto e estritamente utilitário. Álvares visitando o *Barnagais* refere que este estava «(...)assentado em um catre como é seu costume com pobres cortinas armado(...)»¹¹⁸⁹ e coberto com panos de algodão forte, que o autor denomina *basutos* (« Estes são uns panos que os grandes têm nas camas e são de algodão e guedelhudos como tapêto e não tão tapados (...)»¹¹⁹⁰); nas paredes nuas, estão espadas e pergaminhos grandes pendurados em estacas; no chão as esteiras constituem o assento habitual. O autor não deixa ainda de reparar que as casas

¹¹⁸³ *Ibd.*

¹¹⁸⁴ « A uma jornada desta igreja de Imbra Cristo estão edificios os quais me parecem que no mundo se possam achar outros tais e tantos , e são de igrejas tôdas cavadas em pedras mui bem lavradas (...). A principal é Lalibela. Êste Lalibela dizem que foi um rei na mesma terra oitenta anos (...). Êste mandou fazer estes edificios.», Álvares, p. 132; a descrição deste conjunto de igrejas ocupa os capítulos LIV e LV, pp.132/140

¹¹⁸⁵ *Vide, Ibid.*, pp.132/139

¹¹⁸⁶ *Ibd.*,p. 140

¹¹⁸⁷ « (...) Francisco Alvrez fol 66 [muito as admirou] dizendo q são tantos os edificios de Igrejas cavados em viva rocha q não he possivel q no mundo se achem outros tais ne tantos. Se tivera visto os templos, ou pera melhor dizer as casas do demonio, q na India Oriental tem os gentios dedicados a diversos Idolos; huas feitas ao Picão em rocha viva; outras de cantaria, longe estivera de por tal encarecim.to. (...)», Pais, *op. cit.*, Vol. II, p.126

¹¹⁸⁸ «Com tudo, posto q perguntando aos naturais da terra (...) não os pintam da grandeza q Fr.co Lavres(...)e não falou a vulto como aquelles a que eu perguntei, q nenhu me soube declarar essas cousas.*Ibd.*,p.127

¹¹⁸⁹ Álvares, p.50

¹¹⁹⁰ *Ibd.*,p.331

são pouco varridas¹¹⁹¹. No final da obra, Álvares salienta o tipo de leitos existentes, feitos de correias de couro, por vezes sendo utilizado o simples couro¹¹⁹².

Devido à quase ausência de mobiliário as tapeçarias são muito apreciadas, especialmente na corte, onde, como foi já referido, os senhores habitam em tendas. Estas variam conforme o grau de riqueza do possuidor¹¹⁹³. Álvares descreve-nos uma tenda onde cearam, «(...) a qual era tenda comprida, de cumieira, por cima tôda coberta de cruzeiros de Cristo (...), estava tôda alcatifada e era grande como uma sala (...)»¹¹⁹⁴, iluminada por velas brancas e grandes colocadas numa espécie de castiçais de ferro¹¹⁹⁵.

A quase ausência de mobiliário é também anotada pelo P. Pais: as cadeiras são raras e os senhores, mesmo vivendo já em casas, na nova corte do Imperador, sentam-se em alcatifas à maneira oriental¹¹⁹⁶, conquanto o Imperador tenha adoptado cadeiras e assentos decorados, talvez como forma de distinção e autoridade¹¹⁹⁷. Pais faz igualmente alusão aos fortes panos de algodão, os *Becêt*, já referidos por Álvares, de grande qualidade e capacidade térmica, pelo tamanho do seu pelo, comparando-os aos cobertores de papa europeus e que serviriam de cobertas e colchão nos seus leitos¹¹⁹⁸. Refere uma cama com cortinas, em que o Imperador se recosta¹¹⁹⁹; ao narrar uma sua entrevista com o anterior Imperador, *Za Denguël/Malâc Çaguêd*, relata-nos que «Estava o Emp.or (...) assentado, como he costume dos Emp.res de Ethiopia, sobre hu leito m.to bem conçertado e cortinas muy formosas. (...)»¹²⁰⁰.

Esta ausência de uma civilização urbana e a exiguidade e o carácter essencialmente prático e modesto dos bens domésticos demonstram mais uma vez o carácter pouco desenvolvido da terra do *Preste*, nomeadamente do ponto de vista tecnológico, assim com a exiguidade dos seus recursos.

1.1.5- Da Viagem

¹¹⁹¹ *Ibd.*, p. 71

¹¹⁹² *Ibd.*, p. 471

¹¹⁹³ «(...)uma tenda grande e redonda dizendo que aquela tenda nos mandava o Preste João, e (...) como aquela não tinha nenhuma pessoa (...) senão êle e as igrejas (...)» *Ibd.*, p. 176

¹¹⁹⁴ *Ibd.*, pp. 271/272

¹¹⁹⁵ *Ibd.*, pp. 272/273

¹¹⁹⁶ Pais., Vol. I, p. 181

¹¹⁹⁷ *Ibd.*, pp. 124/125

¹¹⁹⁸ *Ibd.*, p. 211

¹¹⁹⁹ *Ibd.*, p. 91

¹²⁰⁰ *Ibd.*, Vol. III, p. 33

Nesta sociedade sem grandes centros urbanos, com uma nobreza e corte essencialmente itinerantes, os meios de deslocação assumem uma primordial importância¹²⁰¹. No entanto as deslocações por terras abexins parecem pautar-se pela insegurança dos caminhos. O principal problema na coexistência entre europeus da embaixada de 1520 e etíopes parecem ser os frequentes roubos¹²⁰², por bandos de ladrões que parecem pulular pelas terras do Império abexim, fossem os «mouros alarves» que guardavam os rebanhos nas terras do *Barnagais*¹²⁰³, fossem os grupos de assaltantes no reino de *Angote/Angôt*¹²⁰⁴. Álvares refere as caravanas e cáfilas que encontra no seu caminho para a corte. Assim se viaja para protecção face aos ladrões e animais selvagens. No entanto a segurança nem assim é garantida. Na estrada junto aos reinos *Doba*, onde só se viaja em caravana (*negada*) duas vezes por semana, iniciando-se uma em *Manadelei* e outra em *Corcora*, e cruzando-se na travessia da região, estas são, ainda assim, atacadas, como testemunham o sobrinho de Francisco Álvares e um criado do embaixador, que assistem à morte de doze pessoas na frente da caravana pelos povos da região¹²⁰⁵. O perigo é tal que, como nos confessa Álvares, na entrada do reino de *Angote/Angôt*, «(...) nos puseram mais medo que dantes, dizendo que além dos mouros, que havia aí muitos ladrões que andavam entre os matos (...), tínhamos receio e assim nos diziam que fôssemos todos juntos e coma as armas prestes.»¹²⁰⁶

Por este motivo se compreende o pânico do embaixador Mateus, para espanto dos portugueses, quando encontram o fidalgo no início da viagem da embaixada¹²⁰⁷, tal era o perigo em que os viajantes incorriam nas estradas etíopes.

Nem mesmo o arraial do Imperador escapa a este estado de coisas¹²⁰⁸, pois a tenda do embaixador é roubada por duas vezes, tendo sido furtadas peças de roupa e tecidos¹²⁰⁹, levando o autor a afirmar que «(...) êste capitão dos ladrões tem encargo de armar as tendas do Preste e que êle e seus homens não tem mais por seu trabalho que o que furtam.»¹²¹⁰

Os perigosos bandos de ladrões que ameaçam os viajantes nos caminhos da Etiópia, constituem um perigo que se mantém ainda na época do P. Pais, como este nos

¹²⁰¹ Vide, *Anexos*, Quadro 18 A

¹²⁰² Vide, *Anexos*, Quadro 18 B

¹²⁰³ Álvares, p. 355

¹²⁰⁴ *Ibd.*, p. 124

¹²⁰⁵ *Ibd.*, p. 121

¹²⁰⁶ *Ibd.*, p. 124

¹²⁰⁷ *Ibd.*, p. 19

¹²⁰⁸ *Ibd.*, p. 176

¹²⁰⁹ Vide, *ibid.*, pp. 204/205 e 209

¹²¹⁰ *Ibd.*, p. 209

relata no decorrer da viagem que empreende para visitar o Imperador *Iacob*. Os bandos de assaltantes emboscam-se para assaltar o grupo de portugueses e de mercadores a caminho da corte, atraídos pelos tecidos trazidos da Índia¹²¹¹. Mas, um século depois, a ameaça já não se reduz aos bandos de salteadores, mas também aos ataques dos ferozes *Galês*, forçando as caravanas a tomarem vias alternativas, de mais difícil acesso¹²¹².

Ambos os autores enumeram os meios de locomoção e carga: as mulas de carga e de sela, em grande número, ao contrário dos cavalos, que são formosos mas pouco podem caminhar por não serem ferrados; e ainda sendeiros galegos para carga, que têm o mesmo problema dos cavalos; muitos asnos, mais resistentes; muitos bois de carga e nas terras planas, camelos que levam grande carga.

Com o auxílio destes animais as expedições, como a embaixada de D. Rodrigo, avançam por território abexim. Por vezes pernoitam ao ar livre, com os seus haveres à volta de uma árvore¹²¹³; noutra situação, no local de *Barra*, «(...) foram-nos aposentar em uma corte de cabras que escássamente cabíamos nela. E deram-nos para dormir dois couros de bois com cabelo(...)»¹²¹⁴; noutros locais os portugueses são alojados nos *betenigus* (casas de el-rei), casas destinadas aos senhores da terra em viagem. O seu único mobiliário são leitos iguais e um local para fazer fogo¹²¹⁵. Quanto ao aprovisionamento dos viajantes, estava a cargo do senhor de cada local. O que nem sempre funciona como puderam constatar o P. Álvares e seus companheiros¹²¹⁶. O P. Pais exemplifica este principio, notando «(...) em qualquer lugar q chegue a se agasalhar de noute lhes hãode dar pousada e tudo o necessario pera comer de graça, conforme a qualidade das pessoas, q tambem aos homens baixos agasalhão desta maneira; (...); mas em as Cidades não se usa isto; cada hu come a sua custa.»¹²¹⁷

Álvares relata o modo de deslocação em estado, de grandes senhores, como o fidalgo que encontram no início do percurso. Segundo ele «Trazia êste fidalgo muito bom cavalo adestro e formosa mula em que vinha e quatro homens a pé.»¹²¹⁸; o *Abuna* desloca-se com as suas mulas ajaezadas, suas cruces e seus sombreiros¹²¹⁹, assim como o *Preste*, como veremos mais à frente. As grandes senhoras deslocam-se em *esperaveis*

¹²¹¹ Pais, Vol. III, p. 67

¹²¹² *Ibd.*, pp.66/67

¹²¹³ Álvares, p. 24

¹²¹⁴ *Ibd.*, p. 49

¹²¹⁵ *Ibd.*, pp. 98/99 e 107

¹²¹⁶ *Ibd.*, p. 85

¹²¹⁷ Pais, Vol. I, p. 182

¹²¹⁸ Álvares, p. 20

¹²¹⁹ *Ibd.*, p. 267

(liteiras cobertas) negras (em caso de luto) ou brancas. No entanto Pêro Pais revela-nos outras formas femininas de viajar utilizando mulas¹²²⁰.

Tendo percorrido muitas regiões da Etiópia, nomeadamente a zona do lago *Dambiâ*, o missionário refere-se às barcas utilizadas para atravessarem ribeiras e lagos, «(...) fazem de hua palha à man.ra de junco, q, ainda q he de quatro dedos de grosso, como se secca, fica m.to leve e nunca se vão ao fundo, ainda q se virem.»¹²²¹ De uma forma similar já havia Álvares caracterizado as embarcações rudimentares feitas de uma espécie de juncos, que permitiam o acesso ao mosteiro no lago à entrada do reino de *Amarâ/Amharâ*¹²²².

Pais alude também um tipo de jangada utilizada para a travessia do rio *Tacacê* no Inverno; no lago *Dambiâ* anota o perigo que constituíam as investidas dos brutais hipopótamos contra as embarcações «pequenas e fraquas». Com todas estas dificuldades de deslocação era natural a primazia de uma economia de subsistência, assente na produção local, agrícola e pecuária. Vejamos em seguida qual o papel das trocas comerciais e da manufactura na Etiópia coeva.

1.1.6 -Das Trocas e Manufactura

Tentaremos referenciar seguidamente alguns aspectos da vida económica da Etiópia. Como vimos a estrutura económica deste imenso império baseia-se na agricultura e criação de gado. Para além desta actividade de base os nossos autores mencionam um comércio incipiente, cuja falta de desenvolvimento é patenteada por Álvares, ao afirmar «Tudo se acha nestas feiras a troco de outras cousas que moeda, não corre.»¹²²³ Existe, todavia, uma medida de valor, ou sejam as peças de sal, acrescentando o clérigo, «(...) vale e corre como moeda e quem o leva acha tudo o que há mister.»¹²²⁴ Pais reforça esta ideia: «O modo, q comumente tem de comprar e vender, he trocar huas coisas por outras; (...) ou por pedras de sal; e com estas pedras

¹²²⁰ Pais, Vol. I, p. 141

¹²²¹ *Ibd.*, p. 218; *ibid.*, p. 233

¹²²² Álvares, p. 160

¹²²³ *Ibd.*, pp. 69/70

¹²²⁴ *Ibd.*, pp. 108 e 109; « (...) e as feiras são trocar uma cousa por outra, seja, um asno por uma vaca e o que menos vale torna ao outro duas ou tres medidas de pão e por pão compram panos e por panos compram mulas e vacas e o que querem , por sal, por incenso, por pimenta, por mirra, por alcofor e por outras bechucarias (...)» Álvares, ,pp. 69/70

se acha melhor o q querem, q com ouro em m.tas partes (...). E estas lhes servem de moeda, q quá não se bate nenhuma.»¹²²⁵.

Este último autor relata-nos uma tentativa de cunhar moeda, que depressa caiu em desuso, pois « (...) esta moeda não quis receber o povo por ser de cobre, (...); logo se tornarão ao antigo, q he trocar huas cousas por outras, ou comprara co ouro pesado.»¹²²⁶ O «baixo» nível de organização económica e social é sublinhado por ambos os autores pela ausência de certos estabelecimentos especializados que marcam o abastecimento alimentar nas cidades e vilas da Europa, ou seja ambos constataam a ausência de açougues, vendas de vinho e de pão.

Álvares relata-nos a existência de feiras semanais nos principais lugares do reino de *Tigrei/Tigrê*, como *Barra* ou *Baruá/Debaroâ*, onde curiosamente afirma que «Os maiores negociadores destas feiras são clérigos e frades e freiras (...)»¹²²⁷, salientando o lugar de *Manadelei* onde se verificaria grande trato de mercadores e se realizaria uma grande feira à terça-feira, equiparando-o a um grande centro¹²²⁸.

No lugar de *Acel*, em *Amará/Amharâ*, Álvares refere o trato feito por mouros, de escravos, sedas e outras mercadorias¹²²⁹. Também Pais menciona a abundância destas feiras, cujos direitos o *Preste*, atribuí aos senhores locais¹²³⁰. Na corte, existe também um mercado onde, segundo Álvares, «(...) os principais mercadores das roupas e cousas grossas são os mouros e os cristãos vendem cousas baixas, assim como pão, vinho, farinha e carne(...)»¹²³¹. Pais, por sua vez, informa-nos que «(...) um pouco afastado do Arrayal há cada dia feira (excepto os domingos e festas), a q se junta infinidade de gente; e aly se achão roupas de toda a sorte, mantimentos, e as demais cousas necessarias.»¹²³²

Para além deste comércio local, havia, embora em escala reduzida, um comércio externo. De facto, Pais cita a existência de portos, a propósito dos réditos do Império, onde chegam as «fazendas q vem do mar» e de onde se escoam a produção local,

¹²²⁵ Pais, Vol. I, p. 182

¹²²⁶ A tentativa de cunhar moeda na Etiópia na época do reinado de Jacob, sob a regência da Imperatriz Mariâm Cinã, « (...) e seu genro, Erâz Athanathêus, o qual persuadioa todos os Grandes q era bem bater moeda, q antes não se usava (...), e começarão por cobre. A figura era redonda e tão grande como hu venezeano; em hua parte tinha gravada a imagem do Imperador Jacob da cinta pera cima, com coroa na cabeça(...)»*Ibd.*, p. 95

¹²²⁷ Álvares, p. 70

¹²²⁸ «Este lugar de Manadelei é lugar de mui grande trato como grande cidade ou pôrto de mar, aqui acham tôda a feição de mercadorias que há no mundo e naturezas de mercadores e assim tôdas falas de mouros de Giada, de marrocos, de Fêz, de Bugia, de Tunes, turcos, rumes, demes de Grécia, mouros da Índia, de Ormuz, do Cairo e, assim, trazem mercadorias de tôdas partes.» *Ibd.*, p. 114

¹²²⁹ *Ibd.*, p. 161

¹²³⁰ Pais, Vol. I, p. 238

¹²³¹ Álvares, p. 346

¹²³² Pais, Vol. I, p. 137

destacando-se o sal e a cera, mas igualmente marfim e escravos¹²³³, estes últimos já referenciados por Álvares que aponta a sua proveniência do reino de *Damute/Damôt*¹²³⁴, assim como a exportação da riqueza cerealífera do reino de *Tigrei/Tigrê* para a Arábia¹²³⁵. Pais alude a um comércio do Levante para o interior da Abissínia, mencionando o transporte de tecidos da Índia para a corte¹²³⁶. Estas exportações, de artigos de luxo eram pagos com ouro como nos refere o mesmo autor¹²³⁷.

Identicamente muito limitadas parecem ser as actividades artesanais, às quais são feitas apenas breves referências, marcadas essencialmente pelo desfasamento tecnológico em relação à Europa. Assim, com excepção dos fortes cobertores de algodão de boa qualidade já atrás aludidos, os *Basutos* ou *Becêt*, essa falta de apuro artesanal é especialmente denotada no fabrico de tecidos e de vestes. Álvares critica as capas de seda usadas pelos religiosos nos ofícios, «(...) *não bem feitas*(...)»¹²³⁸. Pais afirma categoricamente

«(...) em Ethiopia não há seda, nem sabem como se tece o tafetá; a lã he m.to pouca e grosseira e não a sabem lavar; e assi não fazem della se não huas mantas m.to peores q as com q na nossa terra cobrem os cavallos. Algodão há em abundância, mas nem disso sabem fazer as toucas e os veos (...); antes por seus portos vem quá da Índia (...) [a] roupa fina q em Ethiopia se gasta.»¹²³⁹

Também não sabem fabricar tecidos de linho pois, «(...) a cana botão fora, e a semente recolhem pera certo comer q fazem della.»¹²⁴⁰; por seu lado Álvares afirma: «Há aí linho mas não da fibra, nem se faz pano dele, há muito algodão e panos dele.»¹²⁴¹; quanto à preferência pelo algodão da Índia, será «(...) ou porq o algodão não será tão bom, ou porq *o não sabem concertar*.»¹²⁴²

Aliás o atraso tecnológico da sociedade etíope parece ser um tópico assinalado a cada passo pelos autores: Álvares refere que «Os sinos são como das outras igrejas de

¹²³³ *Ibd.*, p.238

¹²³⁴ Álvares,, p. 358

¹²³⁵ *Ibd.*, p. 63

¹²³⁶ *Vide*, Pais, Vol. III, pp. 66/67

¹²³⁷ *Ibd.*, Vol. I, p. 95

¹²³⁸ Álvares, p. 31

¹²³⁹ Pais, Vol. I, p. 230

¹²⁴⁰ *Ibd.*, p. 210

¹²⁴¹ Álvares, p. 421

¹²⁴² Pais, Vol. I, p. 211

pedra e campainhas *mal feitas*.»¹²⁴³ De igual forma se refere a insipiência do armamento abexim na época de Álvares; um século depois Pais refere que os exércitos do Imperador «(...)co ser gente muito mais lustrosa, e bem armada q seus inimigos, (...) e elles tem muito boas malhas, e capacetes, e grandes e fermosos cavallos; muitas lanças, arcos e frechas, e Espingardas; (...)»¹²⁴⁴, que provavelmente teriam obtido dos portugueses e dos turcos. No entanto a sua capacidade tecnológica permanece diminuta, pois «Não sabem fundir artilharia; ne ainda aproveitarse de outo cameletes q primeiro tomarão aos Turcos.»¹²⁴⁵ Álvares afirma peremptoriamente que os abexins não sabem fabricar barcas; Pais revela-nos a forma de fabrico das pequenas embarcações rudimentares utilizadas no lago Dambiâ.

Devido ao carácter ainda em grande parte itinerante desta sociedade, os bens de maior valor são de natureza móvel: as tapeçarias, cortinas e toda a espécie de panos e vestes ricas são muito apreciadas como referem os europeus na corte do *Preste* à recém chegada embaixada de 1520: «(...) lhes parecia que era bem dar esta pimenta (...) e tôda outra roupa, porque de outra maneira não haveríamos licença da tornada(...) e que antes queriam peças e trapos que cidades, nem reinos (...)»¹²⁴⁶.

Muito valorizados são também os cavalos e o gado muar, precioso para o transporte e o gado bovino, importante para a alimentação, além das apreciadas armas mouriscas ou portuguesas. A troca de presentes entre senhores e a embaixada portuguesa traduz-se frequentemente na oferta de vestuário e tecidos ricos, além das cobiçadas armas, por parte dos portugueses, que recebem cavalos e mulas de valor, ou uma vaca para seu sustento, por parte dos etíopes.

A importância dada à riqueza móvel atesta-se na seguinte passagem de Francisco Álvares referente à deslocação da corte: «Os homens ricos trazem tendas muito boas. Dos grandes fidalgos e grandes senhores não falo, porque cada um deles abala uma cidade ou boa vila assim de tendas como cargas e gentes, mulas cousa sem número nem conto, dos de pé não sei que diga.»¹²⁴⁷ Pelo contrário, as camadas mais baixas da população contentam-se «(...) com peles e outros panos pobres e (...)levam

¹²⁴³ Álvares, p. 69; Pais, Vol. I, p. 177

¹²⁴⁴ Pais, Vol. I, p. 135

¹²⁴⁵ *Ibd.*, p. 183

¹²⁴⁶ Álvares, p. 185

¹²⁴⁷ *Ibd.*, p. 229

conseguiu suas fazendas que tudo é panelas de fazer vinho e escudelas de beber.», sendo os seus abrigos de materiais perecíveis¹²⁴⁸.

A tónica em relação à capacidade produtiva desta região é a da do atraso tecnológico e de uma economia de trocas quase de carácter eventual. Nesta sociedade ainda fechada às trocas comerciais e tecnológicas e aos contactos políticos, iremos analisar em seguida o sistema de ensino e grau de desenvolvimento cultural e assistencial.

1.1.7- Do Conhecimento e Assistência

A sociedade etíope coeva apresenta uma forte tradição de oralidade. Ambos os autores salientam a falta de registos escritos a nível administrativo, diplomático e judicial. Com efeito Álvares afirma, «Na terra não costumam escrever uns aos outros, nem os oficiais de justiça não escrevem nada. Tôda a justiça que se faz e o que se manda, é por mensageiros e palavra. Somente diz que a fazenda do Preste João viu escrever ao entregar e receber.»¹²⁴⁹, corroborado por Pais um século depois, que afirma «(...) nunca escrevem nada por mais grave q seja o negocio; (...)»¹²⁵⁰. Da mesma forma quando da ordenação dos clérigos «Não são assentados em matrícula nem levam carta, nem outra certidão de suas ordens.»¹²⁵¹ A propriedade da terra é delimitada por amontoados de pedra grandes e por uma cabeça de cabra enterrada num deles, perante oficiais do Imperador ou do Governador e testemunhas infantis para que a memória da posse da terra perdurasse, «(...) porq. quá não usão de escripturas.»¹²⁵²

A quase total ausência da prática de registo escrito; o desconhecimento da imprensa, (« (...) escrevem todos de mão, por não terem impressão(...)»¹²⁵³), e a permanência do livro manuscrito e em pergaminho¹²⁵⁴ constituíam um sinal de atraso tecnológico e cultural desta sociedade em relação à europeia, aspecto que parece ser objecto de uma valoração negativa por parte de ambos os autores. O livro, na Etiópia, é

¹²⁴⁸ *Ibd.*

¹²⁴⁹ *Ibd.*, p.422

¹²⁵⁰ Pais, Vol. I, p. 144

¹²⁵¹ *Ibd.*, p. 260

¹²⁵² *Ibd.*, Vol.III, p. 166

¹²⁵³ *Ibd.*, II, p. 14

¹²⁵⁴ « Muitos livros nas igrejas, escritos todos em pergaminho, porque não há aí papel e a escritura língua tígia que é a da primeira terra em que se começou a cristandade.», Álvares, p. 422

um objecto raro, consistindo essencialmente em livros religiosos e em crónicas de carácter histórico, guardados nas Igrejas. Diz-nos Pais sobre as bibliotecas existentes e as características das obras aí contidas que,

«(...) se resolvia antigamente em obra de duzentos livros, q os Emperadores forão lá pondo; (...)e destes e alguns se lhes vinhão de fora, q disso não achei que me soubesse dar razão, juntarão lá aquelles livros quasi todos em pergaminho, q pera a Ethiopia são muitos, porq não há impressão e tardão muito em escrever hu livro, por ser sua letra vagarosa, q não se encadea hua co a outra, q he quasi do corte da hebraica, mas não escrevem pera a mão esquerda comos os Hebreos e Arabios, senão pera a direita como nós (...)»¹²⁵⁵.

No entanto as invasões mouras do século XVI e a destruição de igrejas, ocasionara a perda de muitos destes textos.

Da mesma forma é o ensino restrito e incipiente. Álvares menciona a inexistência de escolas e de mestres; os únicos homens relativamente letrados são os clérigos que se limitam a passar o seu conhecimento aos filhos¹²⁵⁶. Pêro Pais, especifica a situação do ensino na Etiópia coeva. Este não existe de forma organizada: «(...) posto q muitos fação ensinar seus f.os e f.as a ler e alguns tambem a escrever, (...); mas cada hu como quer dá seu f.º a algum frade q o ensine, e lhe paga m.tº bem; e o frade ordinariamente junta seis ou sette, e os tem em sua casa, (...)»¹²⁵⁷ Aprendem também de cor os salmos e por vezes outro livro do Evangelho. Nas classes mais altas acolhem um frade nas suas casas para o ensino tanto dos rapazes como das raparigas.

A fraca qualidade dos mestres, na sua maioria frades, é referida por Pais, segundo testemunhos de grandes senhores da corte, ao referir «(...) não pretendem [os mestres] mais q honra, e fatto; e assi hu dos mais principais de todo o Imperio (...) me disse (...): P.e, não temos mestres; estes nossos frades (...) *nem sabem nada; e se entendem alguma cousa, não se atrevem a dizer.* »¹²⁵⁸

Noções de ciências ou aparelhos de medição são desconhecidos dos etíopes, como afirma Pais, «(...)pella gente da terra ser tão pouco curiosa nesta matéria, q nenhua razão sabem dar(...)»¹²⁵⁹. Desconhecem, por exemplo os relógios, medindo as

¹²⁵⁵ Pais, Vol. I p. 82

¹²⁵⁶ Álvares, p. 65

¹²⁵⁷ Pais, Vol. I, p. 189

¹²⁵⁸ *Ibd.*, p. 190

¹²⁵⁹ *Ibd.*, p. 14

horas pela sombra do sol¹²⁶⁰. Como afirma o padre jesuíta, mesmo os letrados nada sabem de astrologia, medicina, botânica e matemática, mostrando ignorância em relação a conhecimentos considerados correntes como meteoros e o movimento solar¹²⁶¹. Certa ocasião Pais declara ao imperador a futura ocorrência de um eclipse lunar, dizendo o dia e a hora, o que causa espanto na corte. Todos, Imperador incluindo, presenciaram o fenômeno. «Depois me disse q lhe escrevesse em sua lingoa quando havia de haver outros; e dando-lhe juntamente pintado o q havia de tonar da Lua, folgou muito de ver e disse q nada disto sabião os seus.»¹²⁶² Pais sublinha igualmente o seu desconhecimento em matéria de medicina¹²⁶³, acerca da qual havia já Álvares declarado «Não há maneira de física (...)»¹²⁶⁴ Segundo este autor, em caso de enfermidade «(...) tudo se deixa à natureza que não põem outro remédio somente se adoece da cabeça sangrar na mesma testa e se lhe doí a barriga ou as costas ou espáduas, põem-lhe fogo como às bēstas. Às febres não lhes põem remédio.»¹²⁶⁵ Por sua vez, Pais refere que «Os medicos q há em Ethiopia são algus q conhecem ervas, e co ellas curão e ainda destas sabem muito pouco; e o mais ordinario he, quando adoeçem não fazer mezinha nenhua, senão muito grande dieta, atee q a natureza prevalece, ou morre.»¹²⁶⁶ e sublinha a total ausência de hospitais. Já no seu sumário ao Arcebispo, Álvares informara que «Há aí muitos gafos nesta terra e não vivem apartados da gente (...). Há aí muitas pessoas que por sua devoção os lavam e curam suas chagas com suas mãos.»¹²⁶⁷

Os nossos autores dão-nos alguns indícios da farmacopeia abexim, assunto que capta especialmente a atenção do P. Pais referindo o problemas das perigosas lombrigas, que advém do consumo da carne crua, para o qual o remédio seria obtido da polpa do fruto do *Coço*¹²⁶⁸; da casca da raiz da *Corpâ* ou *Guindâ* obtém-se um

¹²⁶⁰ *Ibd.*, p. 177

¹²⁶¹ «(...) e algus dizião q o sol não dava volta por debaixo da terra senão q em se pondo a nosso orizonte virava a roda della; e q o fazer sombra a terra era por causa de huns altos montes q lá havia: atee q lhes mostrei como isto não podia ser (...)», *Ibd.*, p. 84;

¹²⁶² *Ibd.*

¹²⁶³ *ibid.*

¹²⁶⁴ « Não há maneira de física, sòmente põem fogo; em alguma doença põem ventosas sem fogo e, para dor da cabeça, sangram na testa com uma faca posta na veia. E dão lhe com um pau em cima para que tire sangue e porém tomam algumas ervas em beberagem para saírem.», Álvares, p. 417, Álvares

¹²⁶⁵ *Ibd.*, p.173

¹²⁶⁶ Pais, Vol. I, p. 191; afirma ainda: «(...) nem de medicina sabem cousa nenhua; e assi quando adoeçem, não só a gente pobre ; mas os ricos, e senhores grandes, morrem sem fazer remedio nenhu ainda q a doença seja comprida.», *Ibd.*, p. 84

¹²⁶⁷ Álvares, p.421

¹²⁶⁸ « (...) cada dous meses o bebem todos desfeitos em agoa pera hua grave doença, q tem os naturais de Ethiopia, q são hus bichos como lombrigas, mas muito compridos, q se lhes crião no estomago, parece q da crne crua q comem; porq os estrangeiros não tem tal cousa; e he tam forte mesinha q algus morrem della em poucos dias

preparado para quistos e inchaços, de uso universal, pois «Cura homens e bestas, pois também se aplica aos cavalos, mulas e bois.»¹²⁶⁹

Da mesma forma não parece haver uma organização da assistência aos doentes e aos desvalidos que abundariam, sendo várias vezes anotado no texto de Álvares o número de pedintes, aleijados e cegos, e o hábito dos senhores enviarem algumas viandas de sua mesa para os necessitados, o que é confirmado por Pais na seguinte passagem: «Depois q amanhece, as assentão [os pedintes] junto de alguma Igreja ou em rua onde passa mais gente, ou na entrada da Cidade, e aly pedem esmola até q os homenns grandes comem, (...)e então se ajuntão às suas portas, e como acabão de comer, lhes dão o q sobeja.»¹²⁷⁰ A única forma de assistência, dirigida de resto, ao clero e à nobreza, parecem ser as largas esmolas do Imperador aos mosteiros, igrejas e aos «honrados» necessitados e a figura do «pai dos orfãos» que auxilia as viúvas e órfãos dos parentes do Imperador¹²⁷¹.

De resto, no imenso espaço do reino do *Preste*, o controlo dos habitantes parece ser escasso, como nos indica o P. Pais ao afirmar, « (...) cada hu anda por onde quer sem q ninguém lhe pergunte nada; ne inquirem vagabundos; somente há hua cousa, q achando se algu morador do lugar q come e veste bem, sem ter fazenda ou officio (...) , então o juiz daqle lugar q se chama Xum, lhe pergunta que lhe dá aquelle fatto; (...)»¹²⁷²

2. 2- Do Poder Político

botando sangue pella boca. Mas se não a tomão ao tempo q disse, ficão muito magros, e lhes vem a sahir aquelles bichos pellos narizes.», Pais , Vol. I.,pp. 71/72

¹²⁶⁹ «Há outra arvore , de cuja casca da raiz e do leite de suas folhas se aproveitão muito; e he singular remedio pera resolver inchaços antes de criar materia; e antraz ou carbunculo, q he tão perigoso, infalivelmente o sara se o poem logo.», *Ibd.*,p. 191

¹²⁷⁰ *Ibd.*,p. 176

¹²⁷¹ *Ibd.*

¹²⁷² *Ibd.*, pp.170/171

Consideraremos neste ponto as estruturas políticas da sociedade etíope no referente ao poder e autoridade do Imperador; à estrutura administrativa a que preside; o sistema de tributos; o poder militar e as formas de exercício da justiça. Analisaremos também a simbólica que reúne a figura do Imperador e consolida a sua linhagem, expressa na nomenclatura, que pretende espelhar uma imagem de poder.

2.2.1- Dos Imperadores

Quem seria, pois, este Imperador, identificado com o fabuloso mito que corria na Europa? Como exercia e legitimava o seu poder no vasto território etíope? Para responder a estas questões começaremos por analisar as informações transmitidas pelos nossos autores relativas à linhagem dinástica coeva, à organização da corte imperial e seus oficiais, à sucessão e matrimónio do Imperador¹²⁷³.

Para lá da sua identificação feita pelos europeus com o mito do poderoso *Preste João*, a tradição local quanto à origem da linhagem real não era menos lendária. Francisco Álvares encontra numa crónica depositada numa igreja em *Aquaxumo/Agçum/Aksum*, a narração da lenda do encontro entre Salomão e a rainha de *Sabbá* e do filho que ambos tiveram. Este teria regressado aos dezassete anos para as terras de sua mãe, «(...) onde foi grandíssimo senhor. Diz na crónica que senhoreava de mar a mar e que no mar das Índias trazia sessenta navios.»¹²⁷⁴ Segundo a mesma tradição foi enviados por seu pai, acompanhado de oficiais, como competia ao representante de uma casa real. Por conseguinte tanto o monarca etíope como os seus oficiais, cujos cargos eram hereditários, recuavam as suas origens até Salomão¹²⁷⁵.

De facto, como afirma Pêro Pais «Muito se prezão os vassalos do Preste João da nobreza e antiguidade de seus Emperadores q tem por tão sem duvida proçederem de Salomão, q não lhes parece poder nisso aver controversia algua (...), e assi na nobreza de sua descendencia e antiguidade os querem antepor a todos os Reys do mundo.»¹²⁷⁶ Esta lenda veiculada nas crónicas depositadas em *Agçûm/Aksum* é tomada como ponto

¹²⁷³ Cronologia dos Imperadores in, *Anexos*, Quadro I

¹²⁷⁴ Álvares., p. 88

¹²⁷⁵ *Ibd.*, p.364

¹²⁷⁶ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 9

de partida pelo padre jesuíta para historiar a linhagem real etíope¹²⁷⁷. Com efeito, Pais narra em pormenor esta tradição bíblica do filho da rainha de *Sabbá* e de Salomão, *Menilehêc*, o seu retorno ao reino do pai e seu regresso como rei da Etiópia, para que «(...) daly por diante todos os seus sucessores fossem homens da sua geração; porq. Era costume reynarem molheres donzellas, sem casarem nunca (...)»¹²⁷⁸.

Embora Pais analise criticamente alguns pontos desta história tendo como referência a Bíblia e afirme o desconhecimento de que terra teria efectivamente partido a dita rainha¹²⁷⁹, baseia nela a raiz da dinastia real e dos seus principais dignitários.

Esta crónica, consultada pelos dois autores, corresponde certamente ao *Kebra Negast* (*Glória dos Reis*), epopeia nacional, relato fundador da história etíope. Trata-se de «(...) texto cuja forma actual foi fixada em finais do século XIII, na altura da ascensão da chamada dinastia salomónica ao trono imperial(...). Comemoração de uma ideologia de poder inspirada na literatura bíblica (...) faz dos etíopes os herdeiros do povo escolhido do Deus hebraico, e da Igreja cristã monofisita a guardiã da arca da aliança (...)»¹²⁸⁰.

Se a história suscitou dúvidas a Pais, face à certeza indefectível dos abexins («(...) elles sempre se prezarão e estimão oje muito chamaremse israelitas e f.ºs de David(...)»¹²⁸¹), ou por falta de outras referências, o missionário jesuíta incorporou este material lendário na consideração da linhagem real¹²⁸², que encontra desta forma fundamentação e reforço ideológico no livro sagrado da Bíblia¹²⁸³.

Pais transcreve dois catálogos manuscritos encontrados na igreja de *Agsûm/Aksum* que listam os imperadores da Etiópia¹²⁸⁴ desde o filho de Salomão até ao

¹²⁷⁷ Vide, Cap. II do presente trabalho

¹²⁷⁸ Pais, Vol. I, pp. 33/32

¹²⁷⁹ *Ibd.*, p. 30

¹²⁸⁰ Manuel João Ramos, «O Destino Etíope do Preste João » in, *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*, p. 238

¹²⁸¹ Pais, Vol. I, p. 24 e p. 53

¹²⁸² Cf. Juan González Nuñez, que afirma que, este livro dataria do século XIV, tendo sido escrito por um sacerdote de Axum, Isaac, a partir de uma antiga tradição que constava num livro de Alexandria: «a obra(...) é, digamos, assim algo como a epopeia nacional, e como tal tem um duplo objectivo nem sempre consciente: enaltecer as próprias origens e fortalecer as instituições políticas e sociais, dando-lhes estatuto divino.», Juan González Nuñez, *Etiópia: Homens, Lugares e Mitos*, Lisboa, Além-Mar, 1993, p. 34; segundo Harold G. Marcus, «(...) the *Kebra Negast* [was] a pastiche of legends conflated early in the fourteenth century(...)». Yishak, the chief compiler, claimed that he and his colleagues were merely translating an Arabic version of a Coptic work into Ge'ez. In fact his team blended local and regional oral traditions (...) derived from the Old and New Testaments, various apocryphal texts, Jewish and Islamic commentaries, and Patristic writings.» Harold G. Marcus, *op. cit.*, p. 17

¹²⁸³ «Ethiopians became the chosen people(...). The *Kebra Negas* is thus a national epic that glorifies a particular monarchical line and tradition and also indelibly associates Ethiopia with the Judeo-Christian tradition.», *Ibd.*, p. 18

¹²⁸⁴ Pais, Vol. I, pp. 56/59

presente Imperador¹²⁸⁵. Pêro Pais não deixa de assinalar a ausência da dinastia *Zagwes/Zagué*, que após a derrocada do poder aksumita havia ascendido ao poder e consolidando o carácter territorial da nação, afastando-se da esfera de influência do Mediterrâneo. Contudo, Pais informa-nos que esta dinastia havia tiranizado o império durante cerca de 340 anos, segundo informações de conhecedores da história local¹²⁸⁶. E afirma acerca do seu mais conhecido monarca, «(...) Lalibelâ não era dos da casa real, a quem pertencia o Emperio, senão descendente de hu tirano por nome Zagoê (...)»¹²⁸⁷. Efectivamente, esta dinastia de homens de armas foi sempre considerada usurpadora pelos religiosos e após a sua queda foram ignorados nas crónicas¹²⁸⁸.

De facto, incapazes de constituir uma unidade territorial, a coroa ocupada pelos descendentes de *Lalibela* foi usurpada pelo governante de outro reino da região de *Xoâ*, com o apoio da Igreja (1270), iniciando-se a dinastia salomónica cujo novo rei para promoção da sua legitimação «(...) began to circulate a fable about of his descent from King Solomon and Makeda, Queen of Saba, a geneology that(...) gave him traditional legitimacy and provided the continuity so honired in Ethiopia's subsequent national history.»¹²⁸⁹

A mesma tradição cimenta, como vimos a estruturação da casa real e seus oficiais¹²⁹⁰. Segundo Álvares esta tradição apenas se quebrou com os pagens, filhos de grandes senhores, que mais de perto lidavam com o Imperador, nas suas dependências privadas, tendo desta forma fácil acesso a matérias secretas. Foram por isso substituídos por escravos, filhos de reis mouros ou gentios. Os anteriores eram na época apenas pagens de fora (de cabresto, nas viagens ou da cozinha)¹²⁹¹.

O P. Pais enumera os diversos oficiais da corte e suas funções¹²⁹² e reafirma a política real em relação aos pagens, de adoptar «(...) f.os de gentios Gâlas, Agôus e cafres; posto q bem parecidos e dos q não são escravos quasi nenhu há q não seja filho de home muy ordinário (...)»¹²⁹³ e cria-los ao serviço do Imperador, recompensando-os quando crescem com terras e cavalos, para o acompanharem na guerra, pois revelam-se mais leais do que os grandes senhores¹²⁹⁴. De facto a atribuição de cargos nesta corte,

¹²⁸⁵ *Ibd.*, pp. 55/56

¹²⁸⁶ *Ibd.*, p.55

¹²⁸⁷ *Ibd.*, Vol. II, p.236

¹²⁸⁸ *Vide*, Harold. G. Marcus, *op. cit.*, pp. 11/16

¹²⁸⁹ *Ibd.*, p. 16

¹²⁹⁰ *Vide*, *Anexos*, Quadro 22

¹²⁹¹ Álvares, pp. 364/365

¹²⁹² Pais, Vol. I, pp. 47/50

¹²⁹³ *Ibd.*, p.55

¹²⁹⁴ *Ibd.*, p.51

como em tantas outras, provém do tráfico de influências como refere o memo autor «(...) comum.te se torna com o cargo o q na Corte tem mais q falem por elle ao Emperador; ou seja por via da amizade ou por peitas (q cá com os da corte podem mais q outra cousa nenhua)(...)»¹²⁹⁵.

As leis de sucessão do Império Etíope, não seguindo o princípio da primogenitura e podendo ser escolhido por um conselho de oficiais e letrados religiosos qualquer um dos seus herdeiros masculinos¹²⁹⁶, eram motivo de agitação e instabilidade política. Daí o hábito de desterrar o ramo masculino da família imperial para uma montanha agreste com receio de levantamentos e rebeliões¹²⁹⁷. Pais identifica essa montanha com *Guixêm Ambâ*¹²⁹⁸. Eram servidos por escravos e as entradas da montanha eram rigorosamente guardadas; havia oficiais encarregados de estabelecer ligação com eles e de os vigiar.

Francisco Álvares relata-nos histórias de tentativas de fuga dos parentes do rei, um vestido de frade e outro escondido numa moita: «(...) seja coberto de muita rama e, lavradores (...) viram bulir a dita mouta e foram ver que cousa era(...)»¹²⁹⁹ e acharam um tio do Preste, ao qual foram tirados os olhos como pena; também Pais refere a rebelião de um destes príncipes¹³⁰⁰.

Mas na época de Pais este era um costume em decadência. *Naôd* foi o último imperador recluso na montanha, tendo decidido conservar seus filhos junto de si. Os locais de exílio tornaram-se outros. Sob o imperador *Glaudeôs* vigilância sobre os príncipes que ainda lá permaneciam atenuou-se e aqueles começaram a instalar-se nas aldeias. Apenas quinze são ainda sujeitos a vigilância na época de Pais¹³⁰¹.

De forma igual desde a época do imperador *Naôd* o sucessor do trono é o filho mais velho; a eleição reserva-se para o caso da não existência de herdeiros masculinos¹³⁰². A sucessão por via feminina era excluída, o que dava uma apreciável

¹²⁹⁵ *Ibd.*, Vol. II, p.155

¹²⁹⁶ Dos vários filhos da diferentes mulheres «(...)herdava o primogénito. Outros dizem que herdava o que lhe parecia mais apto e mais sisudo. Outros dizem que herdava o que tinha mais aderência (...)» Álvares, p. 150

¹²⁹⁷ «(...) uma roca talhada como muro, direita de cima a baixo, indo homem pelo pé dela e olhando para cima parece que o céu está assentado sôbre ela. Dizem ter três entradas ou portas (...) e mais não (...)»*Ibd.*, p. 150;

¹²⁹⁸ «Daquelle tempo até o Emperador Naôd, q seraõ 212 annos pouco mais ou menos, sempre foi costume meterem os Príncipes em Guixêm Ambâ, e levavãoos como chegavão a Idade de oito annos; e por tempo multiplicarão tanto q chegarão ser mais de quinhentos (...) porq sempre casaraõ, e tiverão lá em cima suas molheres e fi.os (...); Pais, Vol. I, p,97

¹²⁹⁹ Álvares, pp. 156/157

¹³⁰⁰ Vide, Pais, Vol. I, pp. 98/99

¹³⁰¹ «Todos os outros decem de ordinario em o Inverno, e estão em suas aldeas; porq em tempo de chuva he muito trabalhosa asobida pera a gente de serviço q lhes leva lenha, e mantimentos etc.; mas no Verão tornão a sobir por medo dos Gâlas gentios (...)», *Ibd.*, pp. 99/100

¹³⁰² *Ibd.*, p. 114

margem de manobra às mulheres como se depreende do discurso de Pais: «(...) mas as filhas nunca se lhes proibio sahirem a casar a sua vontade (...), porq os filhos destas não podem herdar o Imperio (...); porq se elle não tiver fillos varoens, hãode buscar a que pertença o Imperio por via masculina dos q estão fora (...)»¹³⁰³, embora simultaneamente as afastasse do exercício do poder, excepto pela via do matrimónio.

Ainda segundo Pais, na corte realizavam-se cerimónias de investidura do novo rei (acolhimento na tenda real; recepção das vestes reais; da coroa; da espada e bênção no trono¹³⁰⁴). Todavia este ritual na corte não confere o título de Imperador, mas apenas o de rei. O Imperador deve ser coroado preferencialmente na Igreja de *Agçûm*, em *Tigrê* pela sua tradição ou na igreja de *Garangarêdaz*, no reino de *Amharã*. Pais assiste à coroação de *Suzeniôs* que relata em pormenor¹³⁰⁵.

De denotar que a simbologia do título de rei do Sião atribuído nessa cerimónia ao monarca etíope, se entronca na tradição fundadora judaico-cristã da dinastia (Sião era o monte onde havia sido erigida a residência do rei de Israel, em Jerusalém, tornando-se símbolo de cidade espiritual), remetendo para as pretensas origens dos reis etíopes e para a importância da fé na legitimação da dinastia.

Sobre os matrimónios reais, afirma Pêro Pais que «(...) os Emperadores sempre casarão co a molher q melhor lhes pareceo; e q, se quisessem, ainda co mouras podião casar fazendose Christãs.»¹³⁰⁶. O autor refere que as três imperatrizes que conheceu não eram de alta estirpe; a honra e prestígio advém-lhes do casamento com o Imperador¹³⁰⁷. No entanto era de conveniência que fossem fisicamente atraentes, o que Pais atribui ao facto de estarem rodeados de gentios e muçulmanos e sem condições de obterem princesas da Cristandade. Álvares alude ao incidente diplomático que constituiu a ida de uma filha do rei mouro de *Adea* para casar com o *Preste*, mas «(...) porque tinha os dentes dianteiros grandes, em vendo-a não a quis.». O P. Pais refere o noivado do imperador Jacob com uma moura do mesmo reino¹³⁰⁸.

Após as cerimónias de casamento descritas em detalhe pelo P. Pais¹³⁰⁹, numa data diferente a esposa do imperador é nomeada imperatriz na presença dos grandes,

¹³⁰³ *Ibd.*, p. 97

¹³⁰⁴ *Vide, Ibd.*, pp. 112/114

¹³⁰⁵ *Vide, ibd.*, pp. 116/121

¹³⁰⁶ *Ibd.*, p. 140

¹³⁰⁷ «(...) e assi, ainda q a Emperatriz seja filha do mayor senhor de Ethiopia, quando se offerece fallar della (...), não a nomeiam por seu proprio nome, se a querem honrara, (...) , senão acrescentão ao nome do Emperador esta palavra Mogoçâ, q significa suprema honra, pera declarar q do Emperador, co que casou, lhe veo toda a honra; (...)», *ibd.*,

¹³⁰⁸ Álvares, p. 140

¹³⁰⁹ *Vide, Pais*, Vol. I, pp. 141/142

tomando as vestes imperiais e sendo depois aclamada, seguindo-se festividades. «E daly por diante chamão todos a Emperatriz Iteguê, q parece nome de magestade, q sua propria significação não me souberão declararar (...); mas nem quando dão este nome (..) à Emperatriz nem em outro tempo nenhu lhe poem Coroa na cabeça.»¹³¹⁰

Mas como ambos os autores sublinham era possível aos imperadores abexins terem pelo menos mais duas mulheres legítimas, além da Imperatriz; Álvares refere cinco ou seis mulheres; Pais cita a prática de terem três ou quatro mancebas, para além das esposas¹³¹¹.

Este monarca de antiga tradição rodeia-se de considerável aparato. Com efeito, depois de uma longa jornada por terras etíopes em demanda do seu governante, uma vez alcançada a sua corte, a embaixada de Francisco Álvares é recebida de uma forma que não deixou de impressionar a comitiva como nos relata o clérigo. O recinto fora engalanado com arcos entre os quais se apresentaram vários oficiais da corte. Mas antes de alcançarem os ditos arcos relata-nos o prelado, deparam com um significativo símbolo de poder: «Antes de chegarmos aos arcos estavam quatro leões presos por onde havíamos de passar e de feito passámos. (...) presos por grossas cadeias.»¹³¹² Estes animais, cuja presença na corte já não é mencionada por Pais, parecem constituir um símbolo de autoridade e de força, material e espiritual. Remetem para a já referida lenda fundadora da dinastia, como estandarte da tribo de Judá, símbolo do trono salomónico, de onde adviria a ascendência de Cristo, identificado na Bíblia como o *Leão de Judá*, no sentido da promessa de salvação e alcance de uma terra prometida, consolidando a simbologia de poder do imperador etíope, pela sua ligação ao sagrado¹³¹³.

Álvares não deixa de referir os títulos autóctones do monarca abexim¹³¹⁴: *acegue*, que significa imperador e *negus*, que corresponderia a rei¹³¹⁵. Da mesma forma também Pais refere o título de *Neguz*, ou rei; após a coroação denomina-se *Negûçâ Nagâzt za Ethiopia*, ou seja *Rei dos Reis da Etiópia*, embora na prática este título seja utilizado antes da cerimónia como testemunha o autor¹³¹⁶; inquirindo sobre a

¹³¹⁰ *Ibd.*, pp. 142/143

¹³¹¹ « [os reis anteriores] todos tinham cinco, seis mulheres e haviam filhos delas ou das demais (...)», Álvares, *op. cit.*, p. 150; Cf., Álvares, ,p. 120 e Pais, Vol. I, p. 236

¹³¹² Álvares, pp.. 179/180

¹³¹³ Vide, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, « Leão» in, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994, pp.401/402

¹³¹⁴ Vide, *Anexos*, Quadro 19

¹³¹⁵ Álvares, p.417

¹³¹⁶ Pais, Vol. I, p. 61

significação de *Aceguê*, nome pelo qual é endereçado, conclui que corresponderá à denominação *Majestade*¹³¹⁷. Na prática, Pêro Pais designará recorrentemente o governante etíope pelo título de *Imperador* ao longo da sua *História*.... Mas elucidará convenientemente a titulação usada para o monarca na Etiópia, afastando-o da sua aura lendária e colocando-o ao nível de qualquer soberano, ao declarar: «Demais dos nomes proprios, q os Emperadores tem (...), lhes dão outros gerais, como em os demais reynos se costuma com todos os Reys.»¹³¹⁸

2.2.2 -Do Aparato e da Corte

Depois de muitas protelações, a embaixada consegue finalmente avistar o governante, a 19 de Novembro, respeitando um cerimonial que se repete, com algo de encenação teatral, como nos relata Álvares.

As entrevistas de Pais com os vários imperadores etíopes que ocuparam o trono durante a sua missão na Etiópia, parecem ter sido menos complicadas embora este autor refira regras de etiqueta e de aparato na corte¹³¹⁹. Por exemplo a residência real está sujeita a uma estrita organização¹³²⁰. Mas a antiga reclusão que cercava a figura do Imperador¹³²¹ era um costume do passado, que talvez mantivesse ainda certas reminiscências na época da visita de Francisco Álvares.

Com efeito Álvares refere-nos que nas frequentes deslocações da corte, nas paragens por motivo de festividades religiosas como o Natal, a Páscoa e Santa Cruz de Setembro, é armado um estrado alto, numas das tendas, para que o *Preste* se mostrasse ao povo. Esta prática destinava-se a evitar conjuras palacianas visando um monarca desconhecido e afastado do povo e fora iniciada pelo pai do monarca coevo. O Imperador também se exhibe em público quando vai para a guerra e Francisco Álvares refere igualmente a quebra de reclusão do monarca abexim na cerimónia da igreja de *Macha Celacem/Mecanâ Celacê* (Trindade) no reino de *Amara/Amharâ*, na qual «(...) era muita gente da terra que vinha ver o Preste que caminhava descoberto que nunca o viram.»¹³²². Ora, como nos relata Pêro Pais estas antigas tradições haviam sido

¹³¹⁷ *Ibd.*

¹³¹⁸ *Ibd.*

¹³¹⁹ *Vide Anexos, Quadro 20*

¹³²⁰ Pais, , Vol. I, p. 51

¹³²¹ *Ibd.*, pp. 51/52

¹³²² Álvares, p. 267

gradualmente abandonadas, desde o imperador *David / Onâg Çaguêd*, contemporâneo de Francisco Álvares¹³²³, que frequentara as igrejas com aparato, para onde se dirigindo-se a pé com a sua comitiva e mostrando-se, desta forma, à população.

Nos percursos feitos pelo Imperador é hábito este ser precedido de «(...) muitos porteiros do Paço co hus paos curtos em q tem amarrados huas correas muito compridas, co q fazem afastar a gente pera q dê caminho.»¹³²⁴ Também Álvares refere a presença destes “porteiros” na comitiva que acompanha as saídas do monarca: «Costuma-se ante o rei e ante os grandes senhores, que tem mando, haver homens que trazem azoragues em um pequeno pau e mui comprida correia e quando dão em vão, dão um grande estrondo e fazem afastar a gente.»¹³²⁵

O aparato e cerimonial estão também presentes nas frequentes deslocções do Imperador. Segundo uma informação recolhida pelo P. Pais numa obra sobre os oficiais da corte, quando o imperador em viagem, se apeava, era imediatamente coberto por um dossel¹³²⁶. Mas, já no século XVI, Francisco Álvares descreve a sua deslocção de forma mais visível, embora ainda cercado de cortinas. Passado um século o Imperador de Pais, viaja apenas de chapéu e de coroa segundo a apurada descrição do jesuíta.¹³²⁷

No que diz respeito ao cerimonial da corte e, segundo o P. Pais, sob *Glaudiôs/ Atanâf Çaguêd* todos os Grandes são admitidos à sua presença, mas nus da cinta para cima, num gesto de humildade; sob o jovem imperador *Iacob*, os Grandes passam a entrar vestidos, apenas cingindo uma capa. «Mas agora todos entrão muito bem vestidos; só lhes ficou o cingir o panno por cortezia; (...)»¹³²⁸.

No entanto mantém-se as regras de deferência na corte, à época em que Pais era ali presença assídua, apresentando similitudes com as regras de etiqueta que haviam sido impostas à missão diplomática portuguesa um século antes. De facto, quando algum senhor vem de fora ou é chamado à Corte, mandando avisar da sua chegada, pode ser logo recebido mas, muitas vezes o Imperador fá-los esperar na primeira e depois na segunda cerca que rodeia a tenda real, ignorando a sua presença durante um grande intervalo. E ao entrarem «Ao Emperador não lhe dizem nada,(...), só baixão as cabeças e ficão em pee no lugar q conforme a sua nobreza lhes cabe,(...), atee q o Emperador as [às senhoras] manda assentar(...); mas aos senhores, por grandes q sejam,

¹³²³ Pais, , Vol. I, p.123

¹³²⁴ *Ibd.*, p. 125

¹³²⁵ Álvares, p. 178

¹³²⁶ Pais, Vol. I, p. 129

¹³²⁷ *Vide, Anexos, Quadro 20*

¹³²⁸ Pais, Vol. I, p.52

devagar os manda assentar, e em cadeira por nehu caso, senão no chão sobre alcatifas; (...)»¹³²⁹.

Porém, apesar das dificuldades impostas à embaixada de D. Rodrigo de Lima, o Imperador permitiu-se ser visto a 19 de Novembro e noutras audiências posteriores, possibilitando a sua descrição em aparato pelo clérigo¹³³⁰.

De facto ambos os autores parecem ter ficado favoravelmente impressionados e salientaram a majestade da pessoa dos imperadores coevos (Álvares refere sobre o imperador *Lebenâ Denguîl/Dawit/Onâg Çaguêd*, «Em sua presença e aparato bem parece grande senhor como o é (...)»¹³³¹; Pais declara que *Suzeneôs/Seltan Çaguêd*, «mostrava grande magestade»¹³³²). Ainda quanto à figura do Imperador, a descrição que Pais nos lega da figura em aparato do imperador coevo *Suzeneôs/Seltan Çaguêd*¹³³³ não difere substancialmente daquela que Álvares nos legou uma centúria antes¹³³⁴. No entanto o P. Pais havia-se avistado anteriormente com o Imperador *Za Denguîl/Atanaf Çaguêd*,¹³³⁵, assim como com o imperador *Iacob/Malac Çaguêd II*¹³³⁶, cujas descrições são similares.

Ainda como sinal de majestade, as vestes imperiais são descritas por Pais, quando da coroação de *Za Denguîl /Athânâf Çaguêd*: «Domingo pella manhã sahio o Emperador ricamente vestido de borcado, e setim carmesim co a cadea de ouro ao collo, de q pendia hua cruz muito fermosa, em hu poderoso cavallo muito bem enjaezado(...)»¹³³⁷.

Em relação à cruz empunhada pelo *Preste* na descrição da entrevista de Francisco Álvares e ao suposto ordenamento dos imperadores e sua dignidade religiosa, afirma-nos o padre jesuíta que os imperadores «(...) não trazem cruz por cetro (ne cuido q souberão nunca q cousa era cetro) senão pera mostrar que são diaconos; (...). Estas ordens de diacono tomão os emperadores e homens grandes somente pera poderem comungar e ouvir missa onde a dizem; (...)»¹³³⁸, o que parece ser um uso comum entre os senhores etíopes com base nos costumes litúrgicos que não permitem a entrada dos leigos nas igrejas.

¹³²⁹ *Ibd.*, pp. 179/180

¹³³⁰ Álvares., pp.213/214

¹³³¹ *Ibd.*, p. 214

¹³³² Pais, ., Vol. I, p. 119

¹³³³ *ibid.*, pp. 124/125

¹³³⁴ Álvares, pp.180/181

¹³³⁵ Pais, Vol. III, pp.33/34

¹³³⁶ *Ibd.*, p. 68

¹³³⁷ *Ibd.*, p.119

¹³³⁸ *Ibd.*, p.110

Sobre outro símbolo da dignidade real, a coroa, igualmente referida na descrição do P. Francisco Álvares, Pêro Pais relata-nos a sua aparência no século seguinte onde se denota novamente a influência portuguesa: «(...) hu chapeo de veludo azul escuro de falda larga em a cabeça e a copa toda a roda cheia de chapas de ouro como flor de lis, e no alto seu remate co alguas pedras pequenas engastadas; (...) até este, q em Setembro de 616 fez hua coroa de ouro como as q usão nossos Reys, por hua forma q lhe mandarão da Índia (...)»¹³³⁹.

Embora ambos os autores destaquem estes sinais de aparato no governante etíope, não deixam de detectar indícios de uma certa exiguidade de meios da coroa abexim. Álvares refere a modéstia dos presentes que recebem do *Preste*, como a «(...) sela de cavalo tôda lavrada de laqueca, esta além de ser muito pequena, era muito mal feita e já usada (...)»¹³⁴⁰ e «(...) uma coroa grande de ouro e prata a qual era do Preste João e não é tanta a valia como a grandeza (...)»¹³⁴¹; Pais afirma já sem dúvidas a modéstia da coroa abexim e comprova com os exemplos do imperador *Glaudeôs*, que para recompensar os companheiros de D. Cristóvão da Gama, lhes oferece as suas jóias e de sua mãe, além de terras; por sua vez, o Imperador coevo teve de dispor das suas jóias para fazer face às despesas da guerra¹³⁴². As recompensas do Imperador aos chefes dos seus exércitos consistem em «(...) vestidos de brocado, velludo, damasco e outras peças, q comprão aos Turcos por muito mais do q valem, e juntamente punhais d'ouro como os dos Turcos, ou manhlas d'ouro, q comumente tem duzentos ou trezentos cruzados, e alguas vezes dá duas juntas por mais honra(...)»¹³⁴³. A atestar a exiguidade dos recursos materiais do *Preste*, declara Pais «(...) antes me mostrou o Emperador por grande cousa dous aneis em q tem engastados dous aljofres, q ambos não valem na India seis cruzados.»¹³⁴⁴.

Mesmo o aparato que o Imperador pretende demonstrar na câmara onde recebe as audiências formais, embora esta se rodeie de algum mistério e cerimonial de grandeza especialmente patente na época de Francisco Álvares, limita-se a tecidos ricos e a cadeiras decoradas. A mesa do imperador abexim também se reveste de grande modéstia, apesar do cerimonial que rodeia as refeições do *Preste*¹³⁴⁵, a sua baixela

¹³³⁹ *Ibd.*, pp. 120/121

¹³⁴⁰ Álvares, *op. cit.*, pp. 209/210

¹³⁴¹ *Ibd.*, pp. 285/286

¹³⁴² Pais, Vol. I, pp. 90/91

¹³⁴³ *Ibd.*, p. 91

¹³⁴⁴ *Ibd.*, p. 92

¹³⁴⁵ *Vide Anexos*, Quadro 20

consiste na realidade em tigelinhas de barro preto, como nos descreve Francisco Álvares: «(...) debaixo dêste pátio vinham outros pagens que traziam iguarias em umas grandes ganetas que eram feitas como bandejas de alimpar trigo (...) e traziam em cada uma muitas escondilhinhas pretas de barro em que vêm as iguarias(...) e assim panelinhas pretas como as escudelas com outras iguarias e potagens(...)»¹³⁴⁶. A singeleza do serviço de mesa do *Preste* é igualmente atestada por Pais¹³⁴⁷, que reafirma a preponderância da loiça de barro negro. De qualquer forma a baixela do Imperador parece ter melhorado um pouco na época de Pais pois, além da sua loiça característica de barro preto, tem peças de latão e cobre à maneira turca, vidros do Egipto e pratos e porcelana da China¹³⁴⁸.

Um ponto largamente desenvolvido nas narrativas dos dois autores é a descrição do arraial/corte do Imperador¹³⁴⁹. De facto, na época de Francisco Álvares a corte deste monarca é um imenso arraial como consta no relatório feito ao Arcebispo de Braga: «O Preste João não tem lugar determinado para estar, anda sempre no campo com tendas e sempre terá no seu arraial cinco, seis tendas, entre boas e comunais, e, somenos, gente de cavalo e de mulas haverá sempre na côrte de cinquenta mil para cima.»¹³⁵⁰. Contudo, este arraial tem uma organização própria e bem determinada.

A descrição detalhada de Álvares concorda com a relação que, por sua vez, nos dá o P. Pais sobre o estabelecimento do imenso acampamento que constitui a corte etíope. Também ele sublinha a necessidade deste ser estabelecido numa campina extensa, abundante em água e erva para os animais de guerra e de carga; havendo um ponto mais elevado, este é guardado para a colocação das tendas do Imperador¹³⁵¹.

Obedecendo ao seu carácter itinerante, este arraial gigante põem-se frequentemente em movimento e «(...) a gente que de contínuo por o caminho vai com a côrte não é para se crere, porque certo de cada lugar que abala em três, quatro léguas, é a gente tanta e tão junta que parece procissão de Corpo de Deus em grande cidade(...)»¹³⁵². Na primeira fase da deslocação, o *Preste* avança destacado da corte, ora à frente, ora atrás e a corte segue a sua tenda branca que sinaliza o trajecto e instala-se junto dela, pois «O Preste João poucas vezes caminha que vá seu caminho direito, nem

¹³⁴⁶ Álvares,, pp. 342/343

¹³⁴⁷ Vide, *Anexos*, Quadro 20

¹³⁴⁸ Pais, Vol. I, p. 92

¹³⁴⁹ Vide, *Anexos*, Quadro 21

¹³⁵⁰ Álvares, p. 419

¹³⁵¹ Vide *Anexos*, Quadro 21

¹³⁵² Álvares, p.229

sabe homem por onde êle vai.»¹³⁵³ De facto quando Pêro Pais empreende a descrição desta “corte em movimento“, não se refere os primeiros dias, pois, como afirma, ainda não levavam uma marcha ordenada, tirando os que rodeavam o Imperador, ficando muitos para trás e outros partindo à frente, mas apenas descreve o cortejo quando Imperador avança em estado, ostentando as suas insígnias¹³⁵⁴, facto ao qual também alude Álvares¹³⁵⁵.

De qualquer forma a deslocação do imenso acampamento obedece a uma organização que prevê o lugar de cada senhor e das suas gentes no cortejo. Também a partida, quando organizada, obedece a um ritual que Pais pôde testemunhar¹³⁵⁶. Álvares, por seu lado, revela-se fascinado com o transporte das provisões do Imperador, ou seja o vinho de mel em jarros de barro preto e pão em cestas pintadas, que seguem alternadamente, carregadas à cabeça de criados não muito atrás do Imperador. Da mesma forma refere o transporte dos bens do *Preste*, as roupas e tecidos transportados igualmente à cabeça em cestos de pele de vaca com cadeados de ferro, sendo «cousa sem conto» e o tesouro em cestos menores que são «infinitíssimos»¹³⁵⁷.

Mas para além do cerimonial que rodeia a figura deste imperador, “Rei dos Reis“ da Etiópia, os nossos autores procurarão percepção o poder efectivo exercido pelo *Preste/Negus* sobre os seus vassallos.

2.2.3 -Da Autoridade e Poder

Acompanhando o P. Francisco Álvares na narração do seu percurso pelo império do *Preste*, podemos percepção uma organização em regiões sujeitas ao senhorio do Imperador abexim, mas encabeçadas por senhores¹³⁵⁸, aos quais estão

¹³⁵³ *Ibd.*, p. 230

¹³⁵⁴ Pais, Vol. I, p. 131

¹³⁵⁵ Álvares, pp. 243/244

¹³⁵⁶ Pais, Vol. I, pp. 131/132

¹³⁵⁷ *Vide*, Álvares, p. 245 e pp. 351/352

¹³⁵⁸ *Vide*, *Anexos*, Quadro 22

sujeitos por sua vez outros senhores locais, que têm jurisdição sobre os comandantes militares. Como exemplo, no caso do primeiro governador que Álvares encontrou, senhor das terras localizadas perto da costa do Mar Vermelho, o *Barnagais* ou *Rei do Mar*, este tem sob a sua autoridade outros senhores intitulados *Xuns*, especie de *capitães* divididos por duas extensas *capitanias* (*Xumetas*). Estes servem os governadores locais na guerra e noutras situações. Têm por sua vez poder sobre outros senhores, os *rases* (cabeças), que comandam os homens de armas, os *chavas*. No entanto todos estes senhores, estão sujeitos ao *Preste*, a quem devem direitos entregues ao *Barnagais*, seu representante, que os faz chegar à corte do *Preste*¹³⁵⁹.

As considerações de Álvares prendem-se ainda com tentativas de percepção do poder efectivo exercido pelo *Preste/Negus* sobre os seus vassallos, afirmando a autoridade do Imperador perante os senhores. De facto, segundo o relato de Álvares, a posição destes vários governantes das regiões/reinos que compõem o império depende inteiramente da vontade do *Preste*. Francisco Álvares salienta que o Imperador tem os seus senhorios (reinos e outros) distribuídos por grandes senhores; mas a sua posse é precária, pois a sua destituição é habitual, quer de cargos na corte, quer da governação de senhorios. Como afirma o clérigo « (...), o Preste dá quando quer e toma quando quer (...)»¹³⁶⁰. Esta situação é corroborada um século depois pelo P. Pais, que afirma em relação aos Vice-reis: «(...) o Emperador tira a todos quando quer(...)»¹³⁶¹

Assim estando na corte, Francisco Álvares assiste à deposição, desterro e substituição de grandes oficiais, como o *Betudet*, e o *Tigremahon* (governante de uma parte da região de *Tigrê*)¹³⁶², talvez na sequência da morte da imperatriz *Helena/Elleni*. A autoridade do Imperador parece ser considerável segundo o relato do clérigo: «(...) se lhas tomam [as senhorias] deixam-nos andar cinco, seis, sete anos sem saírem da côrte e em nenhuma maneira podem dela sair sem licença tão obedientes são e tanto temem seu rei (...)»¹³⁶³. Pelo contrário, na época de Pais o poder imperial é frequentemente posto em causa, e a posição do Imperador não parece especialmente segura, como nos relata o missionário: «(...) tudo atee então ardeo em guerras e alevantamentos; e dous destes Emperadores matarão em batalhas os mesmos alevantados; e o Emperador,q

¹³⁵⁹ Álvares., pp. 61/62

¹³⁶⁰ *Ibd.*, pp. 348/349

¹³⁶¹ Pais, Vol. I, p. 109

¹³⁶² *Vide*, Álvares, , pp. 336/340

¹³⁶³ *Ibd.*, p. 349

entrou no Imperio o anno de 1607, q agora vive e se chama Seltân Çaguêd, tambem teve atee oje m.tas guerras e alevantamentos, q lhe derão tanto trabalho, (...)»¹³⁶⁴.

No século XVI muitas terras limítrofes do Império são tributárias do *Preste*¹³⁶⁵, assim como populações muçulmanas que vivem nas zonas orientais do império (pagando direitos em ouro e panos de seda¹³⁶⁶). Da mesma forma recebe o *Barnagais* cujo reino confina com o Levante, sendo o mais próximo do Egipto e da Arábia, cavalos, brocados e sedas; recebendo ainda os direitos do porto de *Arquico* sobre os algodões da Índia¹³⁶⁷. Avançando para o interior os tributos são pagos em ouro, seda, gado muar e bovino¹³⁶⁸. Como atesta Francisco Álvares, «(...) assim pagam as terras e senhorias, cada uma suas cousas segundo suas qualidades e criações.»¹³⁶⁹

Muitas terras estão sobre a posse directa do Imperador, espécie de “reguengos”, sendo cultivadas por escravos; outros lugares, pertença do *Preste*, devem-lhe foros em animais ou produtos da terra, mel e tecidos¹³⁷⁰; recebe também os direitos nas feiras e portos de mar, embora os conceda aos senhores ou os arrende¹³⁷¹.

Todos os camponeses devem ainda uma quantidade certa de produtos a pagar por cada camponês, o *Colo do Imperador*, em rendas das terras ou panos¹³⁷². Esta renda é apurada pelo juiz da terra e alguns lavradores, antes das colheitas; o camponês deve ainda dois potes de mel e duas galinhas, na Páscoa e na Exaltação da Santa Cruz.

Estando na corte, Álvares mostra-se impressionado pelo desfile e pela quantidade de tributos recebidos pelo *Preste* dos vários senhores do reino¹³⁷³. Um século depois um Pêro Pais muito menos impressionado, descreve, por sua vez, os tributos devidos ao Imperador, constatando que as rendas diminuíram nas zonas invadidas pelos *Galês*, e o Imperador prescindindo o Imperador de algumas, como é o caso dos tributos do reino de *Gojâm*¹³⁷⁴. De resto, também segundo Pais, o Imperador recebe dos vice-reis e governadores ouro, cavalos, mulas, seda, e declara «Isto he o ordinario; mas huas vezes dão mais, outras menos, e as vezes perdoam o Emperador m.to de aquillo q lhe prometem, e quando dá estes mandos a seus genros não lhes toma

¹³⁶⁴ Pais, *op. cit.*, Vol. I, p.230

¹³⁶⁵ *Vide, Anexos*, Quadro 23

¹³⁶⁶ Álvares, p. 104

¹³⁶⁷ *Ibd.*, p. 62

¹³⁶⁸ *ibid.*, p. 103

¹³⁶⁹ *Ibd.*, p.141

¹³⁷⁰ Pais, Vol. I, p.238

¹³⁷¹ *Ibd.*

¹³⁷² *Ibd.*, p. 237

¹³⁷³ *Vide, Anexos*, Quadro 23

¹³⁷⁴ *Ibd.*

nada.»¹³⁷⁵ Desta forma além da destruição provocada pelas invasões *Galâs*, a maioria dos tributos ficava na mão dos senhores, concedidos pelo Imperador.

Uma forma de perceber o poder e prestígio do imperador etíope era a sua tradução em riqueza. Segundo Álvares, o *Preste* possuiria um considerável tesouro, composto por seda e roupas da Índia carregadas em grandes cestos cheios; noutros cestos de menores dimensões arrecadaria os direitos recebidos e que aumentavam todos os anos, pelo que teria amalhado um imenso tesouro guardado numa gruta¹³⁷⁶.

Estas histórias são definitivamente refutadas por Pais: o *Preste* não possui algum tesouro amalhado; as rendas que recebe são exíguas. Como afirma o jesuíta «Nem havia lá [na cova perto da casa de Pêro da Covilhã] o tesouro, que ele [Francisco Álvares] cuidava (...). Nem as rendas de ouro foram nunca nem são hoje tão grandes que os Imperadores pudessem atesourar muito(...)»¹³⁷⁷, mal tendo posses o Imperador para mandar fazer uma coroa, na qual engasta, pedras de pouco valor, trazidas do Levante, «(...)huas falsas muito roins, q aqui trazem os mouros não sei se da India, e assi me encomendou muito lhe fizesse vir alguas; e ainda q as q me mandarão tambem erão falsas, com tudo por serem mais lustrosas, folgou muito(...)»¹³⁷⁸.

O dito tesouro parecia resumir-se a peças de tecido rico trazidas por mercadores muçulmanos e algum mobiliário (esquifes), destruídos durante a invasão muçulmana. De facto, como atesta este autor, devido às incursões dos mouros, turcos, dos *Galâs* e das guerras civis, que abalavam o império abexim desde o século XVI, «(...) se diminuirão suas rendas de maneira q não tiverão os Emperadores sobejo q atesourar, ne ainda achavão muitas vezes donde tirar bastantemente pera as necessidades q se lhes offerecia, (...)»¹³⁷⁹. Pêro Pais enfatizará, para lá do poder teórico que o *Negus* detém sobre os restantes senhores do reino, a exiguidade dos tributos que efectivamente recebe e a dificuldade em reunir um exército de grandes dimensões e comenta a descrição dos tributos feita um século antes por Álvares: «(...) digo q quererião mostrar mais apparato do q comumente usão, por estar gente estrangeira em sua Corte; e q o enganarão em o numero do ouro, pera dar a entender q tinham grande riqueza; (...)»¹³⁸⁰. Esta asserção repete-se várias vezes acerca do aparato usado pelo Imperador na época

¹³⁷⁵ Pais, Vol. I, p. 237

¹³⁷⁶ Álvares, pp.351/352

¹³⁷⁷ Pais, Vol. I, p. 94

¹³⁷⁸ *Ibd.*, pp. 91/92

¹³⁷⁹ *Ibd.*, p. 90

¹³⁸⁰ *Ibd.*, p. 240

de Álvares, quer nas suas deslocações à igreja quer em relação às cerimónias de casamento presenciadas pelo clérigo¹³⁸¹.

Outro importante meio de avaliação da soberania efectiva do Imperador é a consideração da sua capacidade militar. Segundo o P. Álvares existiria uma classe de homens de armas, os *chavas*, uma vez que os lavradores não participavam nas guerras; já Pais refere que quando «(...) o Emperador chama, todos hão de hir por força, sem ficar mais q os Villoens q lavrão o campo.»¹³⁸²; no entanto também ele menciona o sustento de uma suposta classe militar que usufruía de terras da coroa com a obrigação de prestar serviços de armas¹³⁸³. De facto, já anteriormente Álvares afirmara que em caso de conscrição os grandes senhores devem reunir os seus homens de armas, perfazendo por vezes cerca de 100 mil homens, e estes providenciam o seu próprio sustento, pois, «(...) porque aí não há soldos que pagar e cada um traz consigo o que há-de comer (...)»¹³⁸⁴. No entanto o P. Pais sublinha a exiguidade do exército que não chegaria aos 200 mil homens «limpos», no seu total¹³⁸⁵ e a sua falta de disciplina que se traduz em desonrosas retiradas face aos aguerridos Galês.

Mas a fraqueza do exército etíope já se havia revelado anteriormente, perdendo o controlo do território quando da invasão moura do *Grahn*¹³⁸⁶ e Álvares, no início do século XVI, revela a dificuldade de manutenção de ordem no exército devido à desobediência e deserção dos soldados, a propósito do envio de auxílio militar ao reino de *Adea*¹³⁸⁷.

De resto, o seu armamento é sumário, consistindo essencialmente em azagaias, arcos e flechas e espadas para os senhores¹³⁸⁸. A menoridade tecnológica desta sociedade revela-se na falta de armamento moderno pois, como denota o mesmo autor, «Capacetes e cascos há aí muito poucos. Estes que aí há são depois que conversam com os portugueses. (...) Não há aí nenhuma bombarda senão dois berços que nós levámos. Espingardas á nossa partida havia em côrte catorze que compravam aos turcos que vêm

¹³⁸¹ «Ate aqui são palavras de Fr.co Alvres, em q se ve o aparato co q o Emperador hia à missa; mas então o querião mostrar mayor q o q usava de ordinário, por ter estrangeiros em sua Corte.»; «(...) mas parece q como a estrangeiro, e de terras tão remotas lhe quiserão mostrar este aparato em seus casamentos, como de proposito lhe mostrarão m.to extraordinario em outras cousas (...)», *Ibd.*, pp. 124 e 125

¹³⁸² *Ibd.*, p. 191

¹³⁸³ *Ibd.*, p. 91

¹³⁸⁴ Álvares, p. 350

¹³⁸⁵ Pais, Vol. I, p. 239

¹³⁸⁶ *Ibd.*, p. 94; *Vide* Capítulo I,

¹³⁸⁷ Álvares, . 340

¹³⁸⁸ «(..) na terra não há muitas [armas] e poucos as têm, senão os chavas(...) e estes têm azagaias, arcos e frechas. Estes grandes senhores têm algumas espadas, terçados e camisas de malha (não muitas).» *Ibd.*, p. 73

aí tratar.»¹³⁸⁹ Daí o interesse dos etíopes pelo armamento português (suas espadas, elmos, couraças e espingardas) e as frequentes perguntas do Imperador sobre o assunto aos membros da embaixada.

Cerca de um século depois, pouco parece ter mudado. O armamento base continuam a ser idêntico. Contudo, «(...) agora tem muitas Espingardas(...) Tem também armas defensivas, como Capacetes, sayas de malha, Adargas brancas, e pretas de couro de Bufaros muito fortes.»¹³⁹⁰ No entanto a sua capacidade bélica permanece limitada «(...)guardão muito pouca ordem militar; e se os dianteiros começam a tornar atras, logo virão todos os demais, q, ainda q antigamente tinham por grande deshonra fugir (...), já não tem esse primor e ponto de honra (...)»¹³⁹¹.

Mas para além da constatação do poder e autoridade a nível senhorial e militar do monarca etíope, ambos os autores se debruçaram sob a forma de exercício da lei e as formas de execução da justiça.

2.2.4- Da Justiça

O exercício da justiça é minuciosamente descrito pelos nossos autores¹³⁹². Álvares refere a disposição da tenda onde se faz justiça, a *cacala*, ou casa da justiça ou da audiência, no arraial do Imperador e os procedimentos dos seus julgamentos, com os testemunhos do queixoso e do réu, sobre a qual se pronunciam uma espécie de desembargadores, dando o juiz-mor, a sentença final, sem alguma forma de registo escrito. As instâncias superiores de justiça são grandes oficiais que perante a tenda do *Preste* prestam audiência, cabendo aquele a pronunciação da sentença.

Pais, por seu lado, indica que os julgamentos têm lugar em casa próprias ou debaixo de sombras [sic], mas por vezes são feitas dentro das casas do juiz. As suas referências do sistema judicial abexim são mais completas e complexas que as de Álvares, revelando-nos os vários tipos de juizes e as várias instâncias e o seus procedimentos; os processos de acusação e de julgamento, similares aos descritos por Álvares, mas referindo a presença de procuradores para ambas as partes e a existência

¹³⁸⁹ *Ibd.*, p. 424

¹³⁹⁰ «As armas de q usão são arcos, e frechas comumente ervoladas, espadas, e lanças compridas, e outras mais curtas, q arremessão; e huas machadinhas de pao m.to duro, com q atirão ao longe; (...)», Pais, Vol. I, p. 182

¹³⁹¹ *Ibd.*, p. 135

¹³⁹² *Vide, Anexos, Quadro 24*

de testemunhas. O Imperador é consultado em casos de adultério, herança ou morte, mas os oficiais que intermediavam o acesso ao monarca na época de Álvares, haviam sido afastados quando da presença de Pais, em favor de juízes, atestando os esforços do Imperador coevo para cercear o poder dos grandes senhores da corte.

As despesas do processo (providimentos dos juízes de primeira instância) são da responsabilidade do acusado; se for provada a sua inocência reverterem para o acusador, recebendo também estes juízes uma quantia paga pelo condenado; nas instâncias superiores, os juízes «(...) tem suas comедыas do Emperador.»¹³⁹³

A nível local, Álvares informa-nos da existência de um ouvidor, podendo intervir o senhor da região ou o caso transitar para a corte e seus juízes¹³⁹⁴. Pais refere a justiça ao nível dos Vice-reis, cuja autoridade abarca a sentença de morte, mas casos de herança ou traição podem ser remetidos para a corte. As aldeias têm um juiz menor designado pelos senhores que preside aos processos locais coadjuvado por um grupo de anciãos e pessoas honradas. Existem ainda oficiais menores para questões específicas como roubos e gado ou escravos perdidos, que ficam ao seu serviço até se achar o dono¹³⁹⁵.

Pais anota igualmente algumas medidas em prol da defesa da população contra os desmandos dos juízes e ouvidores, aliás sem grande eficácia¹³⁹⁶. Álvares alude ainda a duas tendas no arraial que servem de cárcere, ficando a manutenção do preso e dos guardas a cargo do acusador ou do próprio preso¹³⁹⁷, situação verificada pelo Padre, que afirma:«(...) isto sei porque aconteceu a nós os portugueses que fizeram prender por mulas que lhes furtaram e por lhes mandarem dar de comer aos presos e guardas, tornaram a requerer que os soltassem (...)»¹³⁹⁸.

A principal pena judicial é o açoute «(...) nenhuns homens morriam por justiça e que a muitos açoutavam(...)»¹³⁹⁹, embora a morte pudesse resultar dos violentos açoutes, como testemunhou o clérigo¹⁴⁰⁰. Álvares cita outra espécie de castigos: «(...) e alguns tiravam os olhos e a outros cortavam pé e mão segundo a qualidade do crime, porém que êle vira queimar um homem porque fôra achado em dois furtos na

¹³⁹³ Pais, Vol. I, pp.143/147

¹³⁹⁴ Álvares, p. 71

¹³⁹⁵ Pais, Vol. I p. 147 e 166

¹³⁹⁶ *Ibd.*, p. 158

¹³⁹⁷ Álvares, p. 346

¹³⁹⁸ *Ibd.*, p.346

¹³⁹⁹ *Ibd.*, pp. 416/417

¹⁴⁰⁰ *ibid.*, p. 155

igreja.»¹⁴⁰¹ e referencia a decapitação como uma pena decretada pelo *Preste* num caso de agressão de um português por um mouro, o que é igualmente testemunhado por Pais num caso de rebelião¹⁴⁰². Mas a punição mais comum parece ser o açoite e por vezes a pena é comutada pelo Imperador

Pais especifica as penas aplicadas pela justiça abexim: para os casos graves, relacionados com a pessoa do Imperador, o desterro ou encerramento na ilha de *Dec*, no lago de *Dambiâ* ou numa serra, até receberem perdão; anteriormente podiam ser lançados pelas rochas; mas no início do século XVII, as penas mais duras são a decapitação, o corte do pé ou da mão, ou enforcamento, em caso de roubo e homicídio. Em relação ao adultério «(...) nunca se castiga co a morte, senão co pena de fatto (...)»;¹⁴⁰³, o que nos parece confirmar a liberalidade das leis face aos casamentos.

O P. Francisco Álvares faz as suas considerações sobre a justiça abexim no seguimento dos capítulos sobre a disposição da corte; o P. Pais, por seu lado, reúne em dois capítulos as informações sobre o assunto: um sobre a justiça «central» e seus procedimentos e penas aplicadas; outro sobre o seu exercício local. No entanto o primeiro, e a propósito das suas deslocações e experiências, relata-nos variados episódios de âmbito judicial passados com os membros da embaixada ou outros portugueses. É esse o caso relativo ao assassinato em *Arquico* de quatro membros da armada de D. Luís de Meneses por muçulmanos, quando ela aportara em *Maçuá* para recolher, em vão, a embaixada. Justiça não exercida por D. Luís e reiteradas vezes solicitada ao Imperador pelos portugueses. Assim foram presos e conduzidos à corte pela justiça mor vários fidalgos e dois grandes senhores por não terem exercido a justiça e terem dado guarida aos criminosos nas suas terras. Contudo, uma vez aí, e face á ausência de acusação pelos portugueses, que não se encontravam na corte, mas a caminho da costa. Desta forma, os acusados«(...) posto que maltratados, foram livres.»¹⁴⁰⁴

Noutro caso, por ele presenciado, «(...) e doutro genovês (...) lhe furtaram uma mula e confessou o ladrão que a furtara e já não era em seu poder, nem tinha por onde a pagar, julgaram-lho por escravo e vendo-o homem mui valente e que o poderia roubar ou matar, deu ao demo a mula e o escravo.»¹⁴⁰⁵

¹⁴⁰¹ *Ibd.*, pp. 416/417

¹⁴⁰² Cf., Álvares, p. 291 e Pais, Vol. I, p. 147

¹⁴⁰³ Pais, Vol I, p. 149

¹⁴⁰⁴ Álvares, p.327

¹⁴⁰⁵ *Ibd.*

Deste modo constataam os nossos autores o funcionamento da justiça em terras etíopes: existe uma organização, de facto, mas também o seu nível será incipiente: a ausência do registo escrito; o uso da tradição oral e a repetição dos procedimentos e determinações como base do funcionamento do sistema legal; ineficácia das penas e da compensação ao queixoso, frequentemente traduzida em novos encargos e responsabilidades; a dificuldade na sua aplicação devido à vastidão do território, aliada a uma certa brandura das penas e ao costume de delegar na vítima ou sua família o castigo do réu, prática testemunhada e criticada pelo P. Pais, mas justificada pelo Imperador pelo hábito do perdão em troca de pagamento ou por «rogos»¹⁴⁰⁶.

Tendo analisado o modo como os autores perceberam e avaliaram o funcionamento da sociedade abexim na sua vertente político/administrativo/judicial e o papel do Imperador, tanto a nível simbólico como no exercício efectivo de poder, importa agora questionar o papel e as características da vida religiosa, questão central para a problemática do relacionamento luso/etíope, constituindo uma vertente ideológica e categoria fundamental para a consideração do *outro*.

2.3 - Da Religião

A crença, as práticas, os ritos e o comportamento religioso da população e do clero, nesta sociedade cristã, separada do catolicismo por disputas teológicas desde os primórdios da Cristandade, despertam forte curiosidade e convocam a capacidade de observação e análise de ambos os autores. Daí o interesse dos nossos escritores pelos inícios da evangelização na Etiópia; a constatação e análise das diferenças nos conteúdos e nas formas deste tipo de cristianismo e as críticas ou tentativas de correcção daí decorrentes; a verificação aturada dos ritos religiosos; o registo da organização, características e comportamento do clero; dos costumes da população face à religião; e, finalmente a atenção dispensada à caracterização do espaço religioso.

2.3.1- Das Crenças

¹⁴⁰⁶ Pais, Vol. I, pp. 148/149

Sobre os inícios do cristianismo etíope um e outro autor, com base nas fontes e relatos autóctones de que dispõem, fazem alusão, à lenda da conversão da Etiópia por um eunuco da rainha aksumita, *Candácia* evangelizado por S. Filipe. Como nos relata com mais pormenor o P. Pais, baseando-se nas fontes etíopes, antes da viagem da rainha *Sabbá* a Jerusalém, os etíopes eram gentios; depois do seu regresso teriam adoptado o judaísmo, indo a Jerusalém celebrar a Páscoa. Durante esta viagem, o Eunuco da rainha Candácia, havia sido ali convertido por Filipe, divulgando depois o cristianismo na Etiópia. Assim a igreja de Santa Maria de Sião teria sido mandada construir pela rainha Candácia, sendo nomeada em homenagem ao local de onde proviria a sua pedra de ara¹⁴⁰⁷ (Jerusalém), enviada pelos apóstolos.

Esta tradição pode revelar a existência de antigas relações culturais da civilização aksumita com o Médio Oriente. A história do primeiro patriarca, Frumêncio (c.315/c.380), que ali teria aportado vindo do Mediterrâneo Oriental, e consagrado bispo pelo patriarca de Alexandria para fundar a igreja etíope¹⁴⁰⁸, pode relacionar-se com esses contactos.

A antiguidade da devoção ao cristianismo é também admitida por Pais, segundo os mesmos manuscritos da Igreja de *Agçûm*, que relatam a chegada de religiosos ao reino de *Tigrê*, os «nove santos romanos», que para Pais só poderiam vir efectivamente de Roma. Em *Tigré* teriam fundado igrejas com os seus nomes, eram tidos como causa de milagres, sendo venerados como santos, assim como muitos dos seus discípulos, conservando-se o corpo de muitos na província de *Bur* nesse mesmo reino¹⁴⁰⁹. Os etíopes arrogavam-se ainda com base nestas tradições de terem sido os primeiros povos a abraçar o cristianismo, como uma espécie de povo escolhido.

Fosse qual fosse a origem do cristianismo etíope (através da igreja egípcia; contactos comerciais com o Mediterrâneo Oriental ou missionação síria), o facto é que esta igreja de raiz antiga se encontrava separada do apostolado romano por vetustos princípios doutrinários que remontavam ao século IV¹⁴¹⁰. De uma forma muito breve e sem pretender aprofundar a questão, que foge ao âmbito do nosso trabalho, estas divergências teológicas, que os nossos autores também referiram, tinham a sua raiz na oposição entre as doutrinas de Nestório (428/431), patriarca de Constantinopla, que

¹⁴⁰⁷ A pedra de ara /*tabot* «(...) é uma representação da Arca da Aliança(...) e existe em todas as igrejas etíopes, na forma de uma placa de madeira ou de pedra sobre a qual está gravado o nome do orago da igreja. É o *tabot* que faz a igreja e não o contrário.», «Glossário» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, pp. 832/833

¹⁴⁰⁸ Vide, *Ibd.*, p. 805

¹⁴⁰⁹ Vide, Pais, Vol. II, pp.9/12

¹⁴¹⁰ Vide, *Anexos*, Quadro 25

defendia a dualidade divina e humana da natureza de Cristo e S. Cirilo, patriarca de Alexandria (c.370/444), que preconiza a união de ambas as naturezas numa só pessoa. A denominada igreja copta de Alexandria, seguirá a tradição de S. Cirilo recusando posição adoptada por Roma, e pela Igreja do Oriente¹⁴¹¹. São estas antiquíssimas diferenças que os nossos autores encontram muitos séculos depois, na igreja copta etíope, subsidiária da igreja de Alexandria. Esta questão teológica torna-se o pomo de discórdia entre os missionários jesuítas e o clero copta como nos relata o padre jesuíta, no decorrer das disputas teológicas que mantém na corte¹⁴¹². Como confirma o P. Pais,

« Affirmão os Ethiopes vassalos do Preste João, q a natureza humana em Christo N. Sor he igual á divina e q está em toda aprte; e dizem q, depois q a natureza humana se unio á divina pessoa, não se pode dizer q em Christo ha duas naturezas senão hua natureza; e a Dioscoro, q ensinou estes tam grandes erros, tem por santo, e como tal lhe fazem grandes festas cada anno, e a S. Leão Papa; porq diz q estão em Christo duas naturezas, sem se misturarem, confundirem, ne afastarem, lhe tem m.to grande aborrecimt.to e dão nomes bem alheos de gente Christã; (...)»¹⁴¹³,

afirmando que a estas crenças juntam outras «de Patriarchas de Alexandria hereges» como Theodoseó, Cenutheó e Philateós. Condenam também o Papa Leão I, comparando-o a Lúcifer e apelidando-o no livro *Haimanôt Abbô* (Fé dos Padres) como «inimigo Leão maldito»¹⁴¹⁴, assim como ao Concílio de Calcedónia¹⁴¹⁵ ao qual chamam «concilio de Judeos», criticando-o no livro *Mazaguêbt Haimanôt* (Tesouro da Fé).

Outro dos pontos principais da discórdia teológica prende-se com a essência ou natureza da Santíssima Trindade: para os etíopes o Espírito Santo apenas procede de Deus Pai¹⁴¹⁶; para os católicos procede igualmente do Filho. Esta questão deu azo a

¹⁴¹¹ A doutrina de S. Cirilo de Alexandria, levada às últimas consequências por Eutiques, arquiandrita de um convento de Constantinopla, conduz a uma interpretação literal da fusão de ambas as naturezas, sendo a humana absorvida pela divina, originando a corrente do Monofisismo. Esta posição dá origem a um aceso debate no seio da Igreja, que origina a excomunhão de Eutiques e sua rectificação pelo papa Leão I no Concílio de Éfeso de 448; no ano seguinte o patriarca de Alexandria, Dióscoro, adopta a teoria de Eutiques. O protestos junto ao Papa originam um novo concílio, o de Calcedónia em 451 que condena o Monofisismo. A igreja do Oriente balançará entre a ortodoxia e o Monofisismo, ao sabor das intrigas políticas, até acatar definitivamente a doutrina do Concílio de Calcedónia. «Monofisismo», *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. XIII, Lisboa, Verbo, 1972, col.1221/1223

¹⁴¹² Pais, Vol. II, p. 29

¹⁴¹³ *Ibd.*, p. 23

¹⁴¹⁴ *Ibd.*, Vol. I, p. 111

¹⁴¹⁵ *Ibd.*, p.192

¹⁴¹⁶ *Ibd.*, Vol. II, p. 14

uma animada disputa teológica na Corte, entre Pais, o Geral da Ordem de *Abbá Taquelá Haimanót* e outros frades etíopes, com recurso aos respectivos livros sagrados: os etíopes e o Evangelho.

Ambas as Igrejas cristãs divergem ainda na questão das almas racionais, discutidas pelo superior da missão jesuíta, clero e letrados etíope em disputas ou conversas particulares, por vezes na presença do Imperador, quanto à questão da origem da alma (divina para a igreja de Roma e advinda dos pais terrenos para a igreja etíope). Também não concordam na questão do castigo divino (definitivo e imediato após a morte segundo a igreja de Roma ou aguardando até ao dia do Juízo segundo a igreja etíope)¹⁴¹⁷. Pais procura descortinar a origem dos erros e seguidamente tenta rectificá-los, auxiliando-se das Escrituras e livros santos. O autor chega a socorrer-se dos próprios livros etíopes para fazer valer seus pontos de vista¹⁴¹⁸.

Também a ideia de purgatório é desconhecida dos etíopes («(...) dizendo eu a hu proposito q avia purgatorio, hu delles, (...) se rio m.to e co hu modo como se eu dissera hu absurdo nunca ouvido.»¹⁴¹⁹) estranhando, o autor, a ausência de tal crença e seu desconhecimento, face ao uso de esmolas e orações pelos mortos, que lhe dizem ser pelos seus bens. Pais tentará justificar a existência do purgatório com base nas Escrituras, até o Imperador se declarar satisfeito.

O P.Pais aponta os numerosos erros praticados pela igreja abexim no que aos Sacramentos diz respeito. Em relação ao Baptismo, já vimos as reticências dos padres católicos às práticas abexins¹⁴²⁰; além do mais estranham a repetição da cerimónia, tanto no Baptismo anual como em casos de apostasia, voltando-se a administrar o sacramento para reingresso na igreja¹⁴²¹. O sacramento da Confirmação não existe na igreja etíope, como constata o P.e Pais, afirmando também «(...) mais he de maravilhar q não usão do sacram.to de extrema unção (...).»¹⁴²².

A falta de rigor na aplicação de penitências é igualmente objecto de estranheza para o missionário católico, pois «(...) raram.te ou nunca obrigação aos penitentes, q paguem o dño q fizerão, ne restituão o fatto alheo q tomarão, som.te dizem não o façais mais.»¹⁴²³

¹⁴¹⁷ *Ibd.*, pp. 54/59

¹⁴¹⁸ *Ibd.*, pp. 54/57

¹⁴¹⁹ *Ibd.*, p. 137

¹⁴²⁰ Pais, Vol. II, pp. 73/74

¹⁴²¹ *Vide, Ibid.*, Vol. I, p. 153

¹⁴²² *Ibd.*, Vol. II, p. 78

¹⁴²³ *Ibid.*, p. 80

Não encontramos em Álvares este aprofundamento das questões teológicas, dado a sua diferente preparação, função e até desconhecimento da realidade que iria encontrar, assim como o diferente contexto temporal em que se situa. No entanto este autor indicia igualmente diferenças de credo ao responder às questões do *Preste* sobre a autoridade máxima da Cristandade, defendendo o padre a supremacia da Igreja romana, e respondendo-lhe aquele «(...) que se o Papa mandasse cousa que os Apóstolos não escrevessem que o romperiam e se o seu Abuná o mandasse que o queimariam, seja, ao mandado.»¹⁴²⁴ Assim o discurso sobre as práticas religiosas etíopes é marcado desde o início das relações luso-etíopes pela constatação das diferenças fortemente arreigadas entre duas formas de cristianismo.

Desconcertante para os nossos clérigos foi certamente a constatação da observância de costumes de raiz judaica entre os etíopes e a sua conformação com as práticas cristãs. Como afirma Francisco Álvares, «(...) depois soubemos que êles guardavam algumas cousas da Lei velha juntamente com a nova, assim como é o jejum da Quaresma,(...)»¹⁴²⁵. Ou seja os etíopes guardam o sábado segundo a Lei Velha (Lei de Moisés) e o Domingo pela nova (Lei de Cristo)¹⁴²⁶, como confirma o P. Pais. Evitam a carne dos leporídeos e do porco; não ingerem o peixe sem escama; observam a interdição da entrada das mulheres nas igrejas, tidas como impuras após os partos e durante as menstruações e estranham os usos dos portugueses nesta matéria¹⁴²⁷. Outro resquício de judaísmo é patente na prática da circuncisão aos oito dias de vida, sendo «Hua das cousas a q mais afferrados atee oje estão os Ethiopes(...); tanto q elles mesmo dizem se entre elles ficassem alguns sem se çircuncidarem, os teriam por gentios; (...) e assi chamão por grande injuria (Colafá) q quer dizer incircunçiso,(...)»¹⁴²⁸. E no entanto afirma-nos Álvares que não existem judeus nos reinos e senhorios do *Preste*¹⁴²⁹ mas apenas vagas tradições de descendentes em certas regiões. Pais afirma, pelo contrário, a sua presença e de seus descendentes, acantonados em serras abruptas, especialmente na província de *Cemên*, no centro da Etiópia, onde resistem às tentativas de conversão do Imperador, originando confrontos militares¹⁴³⁰.

¹⁴²⁴ Álvares, *op. cit.*, p. 218

¹⁴²⁵ *Ibd.*, p. 38

¹⁴²⁶ *Ibd.*, p.18

¹⁴²⁷ Pais, Vol. II, *Ibd.*, p. 69

¹⁴²⁸ *Ibd.*, pp. 66/67

¹⁴²⁹ Álvares, p. 420

¹⁴³⁰ *Vide*, Pais, Vol. I, pp. 18 e 53

Segundo alguns autores contemporâneos esta questão dos elementos judaicos nos hábitos etíopes, não comprova um pretenso passado ou estreita ligação judaica (ligação, aliás reforçada pela lenda fundadora da dinastia coeva); surgem antes como reforço do elemento judaico, que teria alcançado a Etiópia proveniente do sul da Arábia, onde abundavam as colónias judaicas, talvez na sequência dos contactos comerciais na época aksumita. De qualquer forma esta influência judaica teria recuado perante o avanço do cristianismo e mais tarde do islamismo, permanecendo, todavia, algumas das suas tradições¹⁴³¹.

A estes costumes, misturam-se outras práticas, como a da excisão sobre a qual diz Álvares: «E não se espante quem isto ler, que também circuncidam as fêmeas (...), o que não era na lei velha.»¹⁴³², como sublinha. Também Pais objecta em relação a esta antiga prática, talvez de origem semita, que alastrou a várias regiões de África e a várias comunidades religiosas, sancionada pela suposta lei religiosa, por ele discutida: «(...) e quando perguntamos porq o fazem (...); huns respondem q porq assi o acharão de seus pais, outros q por fermosura, outros q porq assi o manda a ley;(...) ao q lhe respondemos q esta escusa não he bastante pera poderem fazer hua cousa de q tanto se escandalizão os mais Christãos e tão seriamente proibe S. Paulo (...)e prohibirão os Apostolos(...)»¹⁴³³.

Os contactos coma as práticas e ritos de origem religiosa concienalizam os autores da existência de enormes diferenças que marcam ambas as sociedades a nível das crenças religiosas.

2.3.2- Dos Ofícios e Ritos

Ambos os autores falam longamente da forma de celebração dos ofícios etíopes¹⁴³⁴. Segundo Álvares «Em tôdas igrejas e mosteiros tangem às matinas duas horas ante manhã, rezam de cor e sem lume (...). Rezam ou cantam muito alto sem arte de canto e não rezam a versos, senão todos seguem uma cousa. Seu rezar é salmos e

¹⁴³¹ Esta explicação avançada por Juan González Nuñez, parece-nos a mais plausível e não o possível passado lendário e bíblico que entronca os primeiros reis na linhagem de Salomão, *Vide, Etiópia: Homens, Lugares e Mitos*, Lisboa, Além-Mar, 1993, pp. 33/34

¹⁴³² Álvares, p. 56

¹⁴³³ Pais, Vol. II, p. 67

¹⁴³⁴ *Vide Anexos*, Quadro 25

nos dias de festa além dos salmos, dizem prosas, segundo a festa assim a prosa (...)»¹⁴³⁵. Refere, a leitura dos Evangelhos à porta da igreja, onde são apenas admitidos os que receberam ordens religiosas; a comunhão é identicamente dada a todos à porta da igreja, seguida da aspersão com água benta. São igualmente descritos os tipos de ofícios celebrados. Além dos ofícios, Álvares descreve as procissões com cruzes, turíbulos e pedras de ara nos circuitos exteriores das igrejas. O fabrico e aspecto do pão da comunhão são descritos pormenorizadamente.

De igual modo Pais pormenoriza a celebração do rito copta etíope. Alude à hora da celebração; refere os oficiantes, sacerdotes, diáconos e sub-diáconos e suas vestes; a procissão no circuito exterior; as leituras à porta da Igreja e o ritual da missa propriamente dito; e a comunhão distribuída a todos, mesmo na ausência de confissão. Esta comunhão sob as duas espécies (*utraque specie*), como nos informa Pais, não se opondo ao rito católico, distancia-se dele pela possibilidade corrente da comunhão católica sob uma espécie (o pão). O fabrico do pão («tão grande como uma patena, e pouco mais de hu dedo de grosso(...)») e do vinho feito de passas, da Eucaristia são igualmente detalhadamente narrados. Em relação a esta última diz-nos Pais ,

«Ao ineffavel sacram.to da Euch.^a tem os Ethiopes m.to grande devoção e reverencia; porq crem q dittas pellos sacerdotes as palavras de consagração (q segundo me referirão alguns frades são quasi as mesmas q diz a Igreja catholica) deixa o pão de ser pão, e o vinho de ser vinho; e debaixo de seus accidentes está real e verdadeiram.te o corpo e sangue de Christo Nosso Snor (...)»¹⁴³⁶

Todavia o autor não deixa de sublinhar outras diferenças em relação ao rito católico e que suscitam estranheza de parte a parte. Assim, «Não dizem em cada Igreja mais q hua só missa, ainda q aja nella m.tos Sacerdotes, e estranhão m.to q em nossas Igrejas se digão em hu dia m,tas missas, e publicam.te a vista do povo sem cortina.»¹⁴³⁷; o autor refere a ausência do uso de guardar o Santíssimo Sacramento nas Igrejas para levar o viático aos doentes. De facto, para o rito copta, a última comunhão tomada substitui esse viático¹⁴³⁸.

Outra questão é da diferente prática em relação à confissão, já referida por Álvares quando confessa Pêro da Covilhã pela primeira vez em trinta e três anos, pelo

¹⁴³⁵ Álvares, p. 31

¹⁴³⁶ Pais, Vol. II, pp. 82/83

¹⁴³⁷ *Ibd.*, p. 93

¹⁴³⁸ *Ibd.*, p.95

facto de na Etiópia não existir segredo da confissão¹⁴³⁹. Efectivamente a confissão assume um carácter totalmente diferente neste rito: não é dispensada aos condenados¹⁴⁴⁰ e tem um carácter público perante o *Abuná*, sentado num terreiro, com assistência; os pecados são revelados de viva voz e assim são as penitências impostas. No entanto «As penitencias q dão, huas vezes são m.to leves por peccados graves, e outras inoportaveis por cousas m.to leves.»¹⁴⁴¹ Pais critica a falta de rigor nas confissões : o crente pode estar muitos anos sem se confessar e o rol e a forma dos pecados não é esmiuçado; a absolvição é facilmente dispensada sem por vezes ser explicitado o teor do pecado. Também existem as confissões colectivas e correspondentes absolvições depois de orações¹⁴⁴².

Ambos os autores citam o costume de não ser permitida a entrada a seculares dentro da Igreja, sendo por tal a comunhão dada à porta das igrejas. As igrejas dos mosteiros estão interditas a mulheres, mas existem «(...) a q chamão Igreja das molheres, não porq não entrem nellas homens, senão porq tambem ellas podem entrar, mas sempre no lugar q dissemos q lhes pertence.»¹⁴⁴³ As orações são feitas estando os fieis de pé ou sentados no chão e Álvares destaca certos costumes durante os ofícios religiosos como a postura para receber a comunhão, em que «(...) todos vêm com as mãos alçadas ante os ombros e as palmas por diante.»¹⁴⁴⁴; antes da missa todos lavam as mãos e no final não partem sem a bênção, que consiste na ida de um sacerdote com a cruz e a campainha, entoando um salmo, à porta do templo.

Pais enumera ainda outros exemplos da devoção abexim, como a presença dos fieis na Igreja no início dos ofícios, de madrugada, ou os que ficam em casa rezam até ao amanhecer, não descurando as suas práticas religiosas mesmo em viagem.

Como afirma o mesmo autor a prática de jejuns e penitências é corrente entre os fieis abexins¹⁴⁴⁵, especialmente durante a Quaresma, que segundo o P. Álvares se inicia após o Domingo da Sexagésima, cerca de dez dias antes da Quaresma católica. Este período reveste-se de grande rigor e abrange velhos, doentes e até crianças¹⁴⁴⁶: os frades comem uma vez ao dia e apenas ervas; as mães apenas dão leite aos filhos uma vez ao dia. Segundo este autor a alimentação resume-se praticamente a pão e água e a

¹⁴³⁹ Álvares, p. 278

¹⁴⁴⁰ Pais, p. 95

¹⁴⁴¹ *Ibd.*, p.80/81

¹⁴⁴² *Ibd.*, Vol. II, p. 78

¹⁴⁴³ *Ibd.*, p. 130

¹⁴⁴⁴ Álvares, p. 35

¹⁴⁴⁵ Pais, Vol. I, pp. 177/178

¹⁴⁴⁶ Álvares, *op. cit.*, pp. 38/39

algum peixe¹⁴⁴⁷. Pais especifica esta prática, afirmando que os fieis não comem ou bebem até ao por do sol¹⁴⁴⁸.

Este jejum, de tal forma rigoroso, afecta a capacidade de resposta dos etíopes às investidas dos seus inimigos, como nos refere Francisco Álvares a propósito dos ataques dos gentios no *Gorage* ou das investidas mouras nas regiões a Levante¹⁴⁴⁹.

As práticas penitenciais são também intensas durante este período, especialmente entre os religiosos de hábito. Pais refere a prática de longas orações de pé; Álvares narra a história do frade que encontraram em *Janamora*, quando iam para a corte e suas desconfianças infundadas sobre o seu parco regime alimentar¹⁴⁵⁰, além dos penitentes que dormiam na água, num tanque em *Aquaxumo* em determinados dias da Quaresma. Face à estranheza de tal costume, Álvares averigua e revela-nos que os penitentes estão sentados sobre pedras sobrepostas ficando com água pelo pescoço¹⁴⁵¹.

Outra estranha forma de penitência é-nos narrada por ambos os autores, ou seja, o hábito dos anacoretas de fazerem um buraco a determinada altura de árvores de grande porte e ali se isolarem sem nunca mais sair, alimentados por outrem, até a cavidade do tronco se encher, sepultando-os¹⁴⁵².

Álvares, satisfazendo a sua inesgotável curiosidade, vai ver um penitente encerrado numa gruta, durante a Quaresma, relatando «(...) achámo-lo em pé metido em um tabernáculo de parede tamanho como êle, feito (...) como caixa sem cobertura muito acafelada com barro e bosta. Em outra tal lapa junto desta pousavam dois frades moços pequenos que administravam o comer das ervas.»¹⁴⁵³

Aliás o hábito das penitências entre os religiosos etíopes excede largamente o período da Quaresma. Alvares refere-nos frequentes restrições alimentares e o uso de cilícios, por vezes fabricados com cerdas de rabo de boi ou uma espécie de cinta de ferro. O isolamento e fuga do mundo é também uma prática frequente entre os religiosos locais. Pêro da Covilhã, nos seus encontros com Francisco Álvares relata a existência de ermitões « (...) muitos que não tão somente não comiam pão entre a gente, mas que moravam nos grandes bosques e nas mais funduras e mais alturas dos montes, onde acham alguma água onde gente viva nunca chegue.»¹⁴⁵⁴ Também Pais

¹⁴⁴⁷ *Ibd.*, pp. 297/298

¹⁴⁴⁸ Pais, Vol. II, p. 178

¹⁴⁴⁹ *Vide*, Álvares, pp. 307 e 317

¹⁴⁵⁰ *Ibd.*, p. 299

¹⁴⁵¹ *Ibd.*, p. 301

¹⁴⁵² Pais, Vol. II, p. 178

¹⁴⁵³ Álvares, pp. 299/300

¹⁴⁵⁴ *Ibd.*, p. 301 *ibid.*, pp. 301/302

alude a estes eremitas, que passando muito tempo no deserto são considerados santos e as suas revelações muito consideradas¹⁴⁵⁵.

O calendário litúrgico da Igreja etíope pauta-se por festividades sendo as principais, segundo o P. Álvares, semelhantes às da igreja de Roma: Natal, Circuncisão, Epifania; Páscoa, Ascensão e Espírito Santo. Mas no reino de Tigre festejam ainda o S. Filipe («*Castar Felipos*») em Julho¹⁴⁵⁶. Pais refere outra festa em honra de Santo Aleixo, celebrada em Outubro em *Lalibelâ*¹⁴⁵⁷; alude também à celebração da Santíssima Trindade, de especial devoção na Etiópia¹⁴⁵⁸ e à festa da Exaltação da Santa Cruz (*Mäsqäl*)¹⁴⁵⁹ durante a qual se fazem grandes festejos¹⁴⁶⁰. Álvares menciona ainda as celebrações do dia de Ramos¹⁴⁶¹. Descreve igualmente a celebração da Semana Santa, durante a qual os etíopes observam grande respeito, evitando as saudações e vestindo-se de preto e azul, celebrando a Paixão de Cristo¹⁴⁶² nos seus ofícios,

O dia de Páscoa é motivo de grandes celebrações, que se iniciam pela meia-noite com a celebração de matinas, procissão antes de amanhecer, missa à noite, guardando toda a semana até segunda feira de Pascoela. Francisco Álvares sublinha que nas grandes celebrações, que podem durar um dia inteiro, os clérigos abexins fazem «(...) grande ofício de cantar e tanger e bailar e saltar.»¹⁴⁶³

Outra celebração que merece especial relevo é a da Epifania devido à cerimónia do Baptismo anual para todos os crentes em memória do baptismo de Cristo, prática desconhecida dos católicos¹⁴⁶⁴. A cerimónia realizada num tanque de água benzida, foi testemunhada e relatada por Francisco Álvares¹⁴⁶⁵. Também Pais nos descreve em pormenor este ritual¹⁴⁶⁶.

Oa autores referem ainda romarias a túmulos de santos locais e peregrinações a Jerusalém, que se revelam muito difíceis «(...) co ser caminho m.tº comprido e trabalhoso, assi pella muita aspereza, como pellas muitas calmas das terras por onde

¹⁴⁵⁵ Pais, Vol.II, p. 157

¹⁴⁵⁶ Álvares, pp. 42/43

¹⁴⁵⁷ Pais, Vol. II, p. 129

¹⁴⁵⁸ *Ibd.*, p. 14

¹⁴⁵⁹ É uma das principais festividades do calendário litúrgico etíope, celebra a Cruz de Cristo, que teria sido encontrada, por Helena, mãe do Imperador Constantino durante a construção da basílica do Santo Sepulcro (326), associando-se ao final da estação das chuvas. *Vide*, «Glossário» in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, p. 821

¹⁴⁶⁰ Pais, Vol. I, p. 127

¹⁴⁶¹ Álvares, p. 303

¹⁴⁶² *Ibd.*, pp. 304/305

¹⁴⁶³ *Ibd.*, p. 268

¹⁴⁶⁴ Pais, Vol. II, p. 74

¹⁴⁶⁵ Álvares, pp. 252/253

¹⁴⁶⁶ Pais, Vol. II, pp.75/76

passão.»¹⁴⁶⁷, assim como pelo perigo de ataques mouros, como o que se verificou na época de Álvares¹⁴⁶⁸.

Na sua cuidada observação das práticas religiosas, também o clero etíope é observado e analisado, tanto no seu aspecto exterior como no seu comportamento, hierarquia e organização.

2.3.3-Do Clero

Ambos os autores procuram entender a hierarquia e funcionamento da vida religiosa abexim. Álvares salienta a grande quantidade de religiosos sujeitos a regra: «Eu nunca vi igreja de clérigos que não tivesse frades, nem mosteiro de padres que tivesse clérigos, porque frades são tantos que cobrem o mundo, assim nos mosteiros, como nas igrejas, estradas e feiras e em todo o lugar estão.»¹⁴⁶⁹ Distingue os frades dos numerosos mosteiros, encabeçados pelo *aba*, espécie de provincial¹⁴⁷⁰; já no mosteiro de *Brilibanos*, em *XoáXaoâ*, presidia o *Iché*, o segundo na hierarquia religiosa do país¹⁴⁷¹. Este autor afirma-nos que existe apenas uma ordem religiosa, a de Santo Antão do Ermo¹⁴⁷².

Pais distingue também os frades dos clérigos. No que aos primeiros diz respeito identifica porém, ao contrário de Álvares, duas ordens «(...) hua a q chamão de Abbâ Taquelâ Haimanôt, q quer dizer planta da fee; e outra de Abbâ Stateus; e os frades de hua e outra religião se prezão m.to de terem sua origem de Abbâ Arogaoi hu daquelles nove religiosos S.t^{os} (...)»¹⁴⁷³. Sobre a ordem de *Abbâ Stateus* diz-nos que as suas principais casas se situam no reinos de *Tigré* e de *Gojâm*; as casas não dependem umas das outras, apenas tendo precedência na corte o prior do mosteiro de *Bisão*, que se denomina-se *Mêmeher*, ou mestre¹⁴⁷⁴. O superior da ordem de *Abbâ Taquelâ Haimanôt* tem o título de *Icheguê*¹⁴⁷⁵. Apesar da semelhança no seu modo de vida,

¹⁴⁶⁷ *Ibd.*, p. 177

¹⁴⁶⁸ *Vide*, Álvares, pp. 352/354

¹⁴⁶⁹ *Ibd.*, p. 64

¹⁴⁷⁰ *Ibd.*, p. 24

¹⁴⁷¹ *Ibd.*, pp. 70, 127, 171, 285, 365

¹⁴⁷² *Vide*, *Ibd.*, p. 99 e 417/418

¹⁴⁷³ Pais, *op. cit.*, Vol. II, p. 153

¹⁴⁷⁴ *Ibd.*, pp. 154/155

¹⁴⁷⁵ *Ibd.*, p. 155

mantém dissensões sobre a posse de terras e questões sobre a antiguidade da sua fundação e «(...) assi andão em profias sem se acabar nunca de resolver a questão.»¹⁴⁷⁶

Quanto ao clero secular, nas grandes igrejas chamadas *igrejas do rei* existe a categoria de *debeterás*, caracterizados como cónegos. Pela sua categoria também estes cónegos se diziam descendentes dos oficiais enviados por Salomão. De igual forma, Pais refere-se a estes cónegos como a classe dos *Debterôch*, que se ocupam das igrejas, casados e trajados como seculares, com excepção das cruzes que trazem na mão e «(...) quando de novo entrão a servir em alguma Igreja lhes fazem cõ navalha hua letra no ombro direito, e outra nos esquerdo (...)»¹⁴⁷⁷. O seu superior seria o *Licacanate*. Entre as dignidades eclesiásticas, Álvares refere ainda o *Licanete*, espécie de pontífice ou juiz e o *Cabeata*, principal das igrejas do rei, espécie de bispo. A autoridade máxima é o *Abuná* que como esclarece Pais «(...) he palavra arabia, q que dizer P.e nosso(...)»¹⁴⁷⁸, enviado pelo patriarca de Alexandria, sediado no Cairo e que Álvares equipara a papa ou patriarca daqueles territórios¹⁴⁷⁹.

Sobre os recursos do clero adianta-nos Álvares que não recebem o dízimo, vivendo das suas propriedades, das quais recebem rendas e recolhem os seus produtos¹⁴⁸⁰. Pais refere que as casas religiosas vivem de terras atribuídas pelo Imperador, cabendo uma porção ao principal e sendo restante repartido pelos frades. Os noviços enquanto não recebiam terras, eram alimentados pelo principal. No entanto muitos destes mosteiros sofreram a devastação causada pelos mouros e posteriormente pelos *Galâs*, afirmando o jesuíta que «(...) m.tos mosteiros ficarão de todod acabados, e outros tão perdidos q em respeito do q antes erão não lhes ficou mais q quasi o nome(...)»¹⁴⁸¹. Tal é o caso do mosteiro de Aleluia (*Dêbra Hallelô*)¹⁴⁸².

De referir ainda que o clero está sujeito à justiça secular, pois como afirma Pais «(...) julgarem os Juizes do Emperador contra os frades e clerigos quando o merecem, e executaremse suas sentenças, he cousa m.to ordinaria.»¹⁴⁸³

Quanto ao seu aspecto físico e indumentária, Álvares comenta em relação aos frades do mosteiro de *Bisã*, «(...)nas idades e em serem magros e sêcos como pau, parecem homens de santa vida à primeira face.(...) Os vestidos que traziam são panos

¹⁴⁷⁶ *Ibd.*, p. 153

¹⁴⁷⁷ *Ibd.*, p. 130

¹⁴⁷⁸ *Ibd.*, p. 111

¹⁴⁷⁹ Álvares, p. 417

¹⁴⁸⁰ *Vide, Ibd.*, p. 64 e 418/419

¹⁴⁸¹ Pais, Vol. II, pp. 205/206

¹⁴⁸² *Ibd.*, pp. 209/210

¹⁴⁸³ *Ibd.*, p. 156

velhos amarelos e de algodão e andam descalços.»¹⁴⁸⁴ Álvares alargar-se-á noutras passagens à descrição da indumentária destes frades e à sua distinção dos clérigos¹⁴⁸⁵.

Álvares menciona a existência de freiras e o seu alojamento em aldeias e junto aos mosteiros, nos quais não entram, sendo mulheres. Delas afirma «Há mui grande multidão de freiras como de frades, dizem que delas são mulheres mui santas e outras não.»¹⁴⁸⁶

Tal como Álvares, Pais descreve os hábitos dos frades¹⁴⁸⁷, suas habitações onde «(...) cada frade vive em casa sobre si e ordinariam.te as casas são muy pequenas, redondas e cubertas de palha, de modo q fica o mosteiro de feição de hua aldea(...)»¹⁴⁸⁸ e sua ordenação¹⁴⁸⁹, condenando, todavia, a atribuição de hábitos à força a crianças, sem passarem por um noviciado¹⁴⁹⁰. No que diz respeito às religiosas, corroborando as informações de Álvares, relata-nos Pais: «(...) quá nunca estiverão as freiras em mosteiro como em Europa, senão cada hua em sua casinha afastada, (...) mas o comu he estarem onde querem afastadas huas de outras, de man.ra q mais parecem beatas q freiras, (...) comum.te tem mais mundo do q tinhão antes q fossem freiras.»¹⁴⁹¹

Os noviços, enquanto não tem meios de sustento comem juntos, mas não têm leituras durante a refeição, assim como pregações, não se entregando ao trabalho de missionação e «(...) nem hua legoa de sua casa hirão a confessar se não acharem premio.»¹⁴⁹²

Os clérigos apresentam-se como os leigos apenas se diferenciando pela cruz que empunham, pelo cabelo rapado e longa barba¹⁴⁹³.

Uma grande diferença em relação ao clero ocidental é a possibilidade do matrimónio, não podendo, porém, os clérigos tomar outra esposa ou voltar a casar depois da morte desta, sob pena de interdição da entrada na igreja¹⁴⁹⁴. Os seus filhos seguem a mesma função, instruídos pelos pais, o que origina o seu elevado número. Assim por vezes são enviados das igrejas do rei para novas igrejas, noutros locais ou para as igrejas da corte, «(...) porque de outra maneira se comeriam uns aos outros.»¹⁴⁹⁵

¹⁴⁸⁴ Álvares., p. 70

¹⁴⁸⁵ *Ibd.*, p. 37

¹⁴⁸⁶ *Ibd.*, p. 70

¹⁴⁸⁷ Pais, Vol. II, p. 157 e p. 161

¹⁴⁸⁸ *Ibd.*, p. 207

¹⁴⁸⁹ *Vide, Ibd.*, pp. 158/160

¹⁴⁹⁰ *Vide, Ibd.*, p. 158

¹⁴⁹¹ *Ibd.*, p. 161

¹⁴⁹² *Ibd.*, p. 215

¹⁴⁹³ *Ibd.*, p. 118/119

¹⁴⁹⁴ *Ibd.*, p. 114

¹⁴⁹⁵ Álvares, p. 149

A proliferação de religiosos parece justificar um modo de obter sustento, como verifica o P. Álvares ao assistir a uma grande ordenação de clérigos pelo *Abuná* «(...) êle ordenava quási cada dia e sempre grande número, porque vêm a êle de todos os reinos e senhorios do Preste, porque não há aí outrem que ordene estes clérigos.»¹⁴⁹⁶ No relativo à ordenação¹⁴⁹⁷ o clérigo católico escandaliza-se com a exiguidade das vestes acusando a falta de pudor exibida pelo clero quando da sua ordenação « (...) não me parecia bem a grande desonestidade em que vinham aqueles clérigos. (...)me pareceu muito deshonesto e cousa mui vergonhosa clérigos que se ordenavam de missa e haviam de receber o corpo do senhor, virem quási nus amostrando suas vergonhas (...)»¹⁴⁹⁸ e a ordenação de cegos e aleijados, que se revela uma forma de prover aos deficientes. Mas o que mais o impressiona é a atribuição de ordens menores (a categoria de *Zagonal*) a crianças de colo¹⁴⁹⁹, expressando mais tarde, o seu desgosto ao *Abuná* por ordenarem crianças tão pequenas.

Tal como Francisco Álvares, também Pêro Pais alude à cerimónia de ordenação dos sacerdotes, o que se realiza de forma rápida e pouco exigente, ordenando-se sacerdotes que mal sabem ler e reafirmando que ordens menores são até conferidas aos «mininos de mamã». Esta ordenação faz-se a troco de um pagamento cerca de duas pedras de sal, o que, segundo o autor, equivaleria a um cruzado, o que representava muito, pelo grande número dos que se ordenavam. E quando se juntavam para receber ordens, o *Abuna* aproveitava para lhes cobrar serviços, como o aprovisionamento de lenha ou construção de casas, o que levava a que os seus mantimentos se gastassem antes da cerimónia, presenciando este autor queixas feitas ao Imperador sobre esta prática.¹⁵⁰⁰ Novamente se estranha a ordenação de «(...) coxos, mancos e çegos, e destes conheço eu alguns (...)»¹⁵⁰¹.

A nomeação do superior da Igreja etíope está sujeito a longos interregnos ocasionados pela dificuldade de comunicação com o Egipto de onde provém, tendo mesmo o seu pedido ao Cairo, com o envio do pagamento, sido tomado no trajecto ou a sua nomeação dificultada pelas guerras do sultão do Egipto com os turcos como nos narra Francisco Álvares no século XVI¹⁵⁰².

¹⁴⁹⁶ *Ibd.*, p. 260

¹⁴⁹⁷ *Vide, ibd.*, pp. 258/263

¹⁴⁹⁸ *Ibd.*, pp. 260/261

¹⁴⁹⁹ *Ibd.*, p. 262

¹⁵⁰⁰ *Vide, Pais*, Vol. II, pp. 111/113

¹⁵⁰¹ *Ibd.*, p. 114

¹⁵⁰² Álvares, pp. 263/264

Também na época de Pais, o envio desta autoridade religiosa se revela complicada: o *Abuna* eleito tem de partir do Cairo em segredo, pois sabendo as autoridades turcas da eleição, fazem-lhe pagar grandes direitos; outras vezes o imperador etíope manda ouro para obter licença dos turcos. A viagem nunca é por mar, devido à distância e perigo de assalto pelo Paxá de *Suaquém*, «(...) e assi vem por terra com grande trabalho, e perigo de doença; por causa dos desertos, e calores do caminho, em q dizem, q de ordinario gasta 40 dias.»¹⁵⁰³

O ensino da doutrina cristã também se pauta por igual falta de rigor ministrado por frades com conhecimentos e preparação insuficiente¹⁵⁰⁴ («Da Sagrada Escritura te alguns intérpretes m.tº fracos, cheos de erros; e ainda estes alcação poucos; (...)»¹⁵⁰⁵), manifesta nas considerações que sobre eles emite o jesuíta, denunciando a sua ignorância e o seu carácter pouco estudioso¹⁵⁰⁶, apostrofando os *frades Idiotas* e os *Abunas ignorantes*¹⁵⁰⁷. Desta forma Pais sublinha a falta de conhecimentos do clero e a ausência de uma dimensão pedagógica na igreja etíope, não havendo a preocupação de uma instrução geral na doutrina cristã, vertente especialmente cara à acção proselitista da Companhia de Jesus. O autor assinala assim o contraste entre o « (...) m.tº do q ensinão [que] são fabulas e patranhas (...)»¹⁵⁰⁸ acrescentando o facto de não existir o uso da pregação pelo que «(...) quasi nenhu ensino tem a gente popular.»¹⁵⁰⁹, e a acção evangelizadora da Companhia de Jesus, afirmando: «(...) se maravilhão m.to de ver q ensinamos tudo de graça; e muito mais de quão bem declaram os nossos as escrituras porq lha demos tresladada na lingoa de seus livros (...)»¹⁵¹⁰.

No que ao comportamento do clero diz respeito destaca-se a questão do matrimónio do clero e da devassidão que alastra entre os religiosos regulares. Álvares havia já aludido a este costume¹⁵¹¹, mas Pais é especialmente contundente no que a esta matéria diz respeito. Afirma assim «Todos os clerigos são casados; e se se contentarão

¹⁵⁰³ *Ibd.*

¹⁵⁰⁴ « Perguntei a hu frade dos maiores letrados, (...), se aos q examinavão lhe fazião declarar alguns lugares da Escritura; ou lhes perguntavão algua questão de theologia; respondeome rindo; ne os q examinão, ne mesmo o Abuná sabem isso; como lhes hão perguntar ? », *ibid.*, pp. 113/114

¹⁵⁰⁵ Pais, Vol. I, pp. 192/193

¹⁵⁰⁶ « (...) penetrão o Ethiopes tão poucos as Escrituras q ainda outras cousas m.to mais claras, q nellas há, não as entendem ; e os mais delles são tão pouco studiosos, q co serem os seus livros m.to poucos, não sabem o q está nelles; e assim m.tas vezes profião contra alguas cousas nossas q tambem seus mesmos livros ensinão .», *Ibd.*, Vol. II, p. 78

¹⁵⁰⁷ *Ibd.*, p. 79

¹⁵⁰⁸ *Ibd.*, p. 193

¹⁵⁰⁹ *Ibd.*, Vol. III, p. 37

¹⁵¹⁰ *Ibd.*, Vol. I, p.194

¹⁵¹¹ Álvares, pp. 64/65

com suas mulheres fora grande bem (...)»¹⁵¹²; deveriam casar antes de tomar as ordens e morrendo a primeira mulher era-lhes interdito novo consórcio, mas segundo Pais, «(...) ainda me affirmarão por cousa m.to çerta e sabida de todos, q como peitavão, o Abuná lhes tornava dar licença q tornassem a dizer missa, e tivessem aquella molher. (...) Nem me maravilho m.to q os Abunas se ajam desta man.ra co os clerigos (...) roim exemplo, q ordinariam.te dão na mesma materia.»¹⁵¹³

Pior situação se verifica entre os frades, que vivem publicamente amancebados, tal como nas épocas passadas, como ilustra o seguinte extracto da sua obra:

«Chega a tanto a devassidão dos frades, q porq da cerca pêra dentro dos mosteiros não podem entrar molheres, as tem em m.tas partes agasalhadas perto, e aquellas casas chamão Alengue, q quer dizer lugar do mundo; e vão lá quando querem sem os Superiores ne o Abuna acabarem de tirar isso; porq elle he pior; pello menos os q eu conheci, tinham filhos; e quando matarão o derradeiro acharão q tinha sette molheres.»¹⁵¹⁴

E como exemplo desta situação o P. Pais transmite-nos o desabafo do secretário do Imperador diante de um frade especialmente atreito ao pecado carnal¹⁵¹⁵, do qual nem os eremitas parecem estar a salvo, segundo as palavras de Pais¹⁵¹⁶.

De destacar ainda, que também nos territórios do *Preste* encontramos sinais de seitas tidas como heréticas. Álvares refere uma suposta ordem de *Estefarruz*, os construtores de cruzes, que não as adoram pois as têm por simples artefactos feitas por mãos humanas¹⁵¹⁷. Pais refere outra seita local, fundada por um frade, *Za Christos*, que se proclamou Messias, passando os seus seguidores a viver em *Amhará*, e apesar das ameaças do Imperador continuaram a pregar, concluindo Pais «(...) q co m.ta dificuldade se hade acabar de apagar este fogo.»¹⁵¹⁸

Pais menciona ainda «(...) muitos generos de idolatria, q ainda agora estão tão fixos em muitas terras de christãos, (...), q não há poder acabar de tirar, q não adorem as cobras e outros animais, ne offereção muitas sortes de sacrificios ao demonio em as fontes do Nilo, e nos mais altos montes q podem achar; nem falta ao demonio

¹⁵¹² Pais, Vol. II p. 118

¹⁵¹³ *Ibd.*, p. 114

¹⁵¹⁴ *Ibd.*, p. 152

¹⁵¹⁵ *Ibd.*, pp. 152/153

¹⁵¹⁶ *Ibd.*, p. 158

¹⁵¹⁷ Álvares, p. 100

¹⁵¹⁸ Pais, *op. cit.*, Vol. II, pp. 70/73

ministros, (...)»¹⁵¹⁹. Estes rituais feitos por feiticeiros dos *Agôus* de *Gojâm*, no alto das serras e junto às nascentes do Nilo e fortemente contestados pelos missionários, são descritos em pormenor e desconstruído por Pais¹⁵²⁰.

No espaço territorial abexim efectivamente visitado pelos dois padres, é-nos transmitida a supremacia religiosa do cristianismo. Importa em seguida ver de que forma o espaço religioso marca a paisagem e a sociedade.

2.3.4- Do Espaço Religioso

Segundo ambos os autores o espaço edificado que domina efectivamente a paisagem e a arquitectura etíope é o religioso¹⁵²¹. Por conseguinte, aludem frequentemente nas suas obras a igrejas, à sua arquitectura e interior, a mosteiros, suas casa, e seus pomares, hortas e terras de cultivo.

A apreciação que Álvares faz da construção religiosa etíope é geralmente positiva, comparando-a frequentemente às construções da sua terra natal, como se atesta na seguinte passagem: «Junto do lugar, onde pousámos está uma igreja de são Jorge, [no *Tigrê*], casa mui bem ordenada, *quási de feição das nossas*, pequena, abobadada e *mui bem pintada de suas pinturas*, seja apóstolos, patriarcas, profetas (...)»¹⁵²². Noutra passagem menciona a igreja de S. Jorge, no reino de *Amarâ/Amharâ*, cujo interior fora pintado com certa mestria pelo veneziano Nicolau Brancaleão¹⁵²³.

Por vezes denota-se o fascínio pela construção característica local como é o caso da igreja de Nossa Senhora no reino de *Tigreí*, lugar de *Agró*, talhada na rocha. Álvares destaca ainda, a grande igreja de Santa Maria de Sião em *Aksum* e a igreja de *Imbra Cristos (Caminho de Cristo)*, no reino de *Angote*, construída numa gruta, («(...) é muito grande como uma sé e de suas naves grandes e mui bem lavradas e ela muito bem abobadada e tem três capelas mui louças, seus altares bem guarnecidos.»¹⁵²⁴) A sua aprovação face à construção religiosa etíope é frequente como acontece igualmente em relação ao lugar de *Anguguim*, onde se encontraria «(...) uma igreja *bem feita e*

¹⁵¹⁹ *Ibd.*, Vol. I, p. 75

¹⁵²⁰ *ibid.*, p. 215

¹⁵²¹ *Vide, Anexo*, Quadro 26

¹⁵²² Álvares, p. 104

¹⁵²³ *Ibd.*, pp. 240/241

¹⁵²⁴ *Ibd.*, pp. 129/130

muito bem obrada, suas naves sôbre esteios de pedra *mui grossos e mui bem obrados*.»¹⁵²⁵ Bastas vezes Álvares caracteriza a construção como *muito bem-feita e formosa*.

Embora Álvares nos afirme a sua admiração por alguns edifícios religiosos, salienta que «As igrejas de lá [da Etiópia] são bem edificadas, mas *as paredes não são bem obradas* e não armam nada sôbre elas e armam sôbre esteios altos que vão do chão até acima.(...) há muitas imagens pintadas pelas paredes: imagens do Nosso Senhor e de Nossa Senhora e dos apóstolos e patriarcas e profetas e anjos e, em tôdas as igrejas São Jorge. Não tem imagens de vulto.»¹⁵²⁶

Mal inicia o seu périplo etíope, Álvares vai nomeando as casas religiosas que encontra no caminho e que muitas vezes se situam nas inacessíveis fragas, numa adequação entre a natureza e a arquitectura e ainda as necessidades de defesa face a animais e outras populações hostis. Quando estanciou no reino de *Gorage*, com a corte, o autor pode visitar um curioso mosteiro, «incrustado» numa rocha cortada a pique cujo acesso se restringe a uma escada de pau, por razões de defesa, o qual descreverá.¹⁵²⁷

Também o P. Pais refere, embora com menos pormenor e menor encanto, a arquitectura religiosa etíope, cuja decadência verificada no intervalo de um século observa¹⁵²⁸, ilustrando a situação coeva. Os materiais de construção resumem-se à pedra, barro e madeira e referindo a Igreja de St^a Maria de Sião, afirma: «Mas já tudo isto cahio, sem ficar mais q as paredes de fora de altura de dous côvados; e no meo fizeram outra Igreja m.to mais pequena, posto q de três naves com pillares quadrados e m.to grossos; e fica escura por serem as Janellas roins, e estar cuberta de palha (...)»¹⁵²⁹.

Muitos destes edifícios estão em ruínas, outros foram vítimas das incursões muçulmanas do século XVI e dos *Galês* na época de Pais, como é o caso da igreja de *Mecãna Çelace*, outrora local de enterro dos imperadores, queimada pela incursão moura de 1530¹⁵³⁰. Parecem ter sido substituídas por edifícios mais rústicos de madeira ou pedra, cobertos de palha¹⁵³¹.

¹⁵²⁵ *Ibd.*, p. 106

¹⁵²⁶ *Ibd.*, pp. 421/422

¹⁵²⁷ *Ibd.*, pp. 306/307

¹⁵²⁸ «(...) agora será bem ver como se hão na fábrica de seus templos (...); e quanto os antigos erão mais sumptuosos q os dagora, como o mostram bem as ruínas d'alguns e outros q ainda estão em pee.» Pais, Vol. II, p. 125

¹⁵²⁹ *Ibd.*, p. 126

¹⁵³⁰ *Vide, Ibd.*, Vol. II, p. 136

¹⁵³¹ *Ibd.*, Vol. I, p. 77 e Vol. II, p. 126

O autor jesuíta não deixa de descrever, generalizando, o tipo de construção religiosa praticado na época coeva, referindo o aspecto arquitectónico, o interior e a decoração mural¹⁵³². A escuridão no seu interior é várias vezes aludida pelo autor: «(...)tão escuras q dentro da Capella ne ao m.o dia se podia ler sem candea.»¹⁵³³, devido à cobertura de palha ou à sua pequenez. Como afirma o P. Pais, ilustrando a difícil conjuntura por que passa na época o território da Abissínia e se reflecte em todos os planos,

«As Igrejas antigam.te tinham m.tos ricos ornamentos, como affirma Fr.co Alvres fol. 18, falando da Igreja do Mosteiro (Bisan)(...).Mas agora são quasi todas pobres; porq como os Mouros forão Se.res da mór parte da ethiopia 12 ou 15 annos em tempo do mouro (...), e depois os Turcos, e os gentios chamados Gallas fizerão m.tas entradas (...) ficarão as Igrejas roubadas, as suas rendas diminuidas; e os Emperadores, e principes tão quebrados q as não puderam tornar a por no estado antigo.»¹⁵³⁴

Contudo, sob a égide do imperador *Suzeniôs*, também a arquitectura religiosa é impulsionada graças à influência jesuíta e é com satisfação que Pais narra a cerimónia de lançamento da primeira pedra (colocada pelo Imperador e pelo seu herdeiro *Fasiladas*) de uma igreja católica, de pedra, edificada na região de *Dambiâ*, na nova corte que o Imperador pretende edificar «(...) cõforme a traça q nos lhe tinhamos dado(...)». Embora de dimensões reduzidas, Pêro Pais deixa dela um entusiástico relato¹⁵³⁵.

O interior dos templos é de igual forma observado. Francisco Álvares descreve uma série de objectos da liturgia religiosa que decoram os interiores dos espaços religiosos; as cortinas de seda com pequenas campainhas e panos de brocado, brocadilhos, veludo de Meca e chameletes; as pedras de ara nos altares onde está inscrito o orago de cada igreja e sagrada pelo patriarca; os crucifixos e imagens dos retábulos (de Cristo, Nossa Senhora, S. Miguel e eventualmente, outros santos); livros litúrgicos; os cálices que, «(...) são das copas mui largas, pouco menos de escudela

¹⁵³² *Ibd.*, pp. 130 e 133

¹⁵³³ *Ibd.*, Vol. III, p. 156

¹⁵³⁴ *Ibd.*, Vol. II, p.131

¹⁵³⁵ *Vide*, Cap. II do presente trabalho, p. 42 e Pais, Vol. III, p. 157

muito funda e tiram o sacramento com colher.»¹⁵³⁶; os grandes e coloridos guarda-sóis utilizados nas cerimónias religiosas e guardados nas igrejas¹⁵³⁷.

Contudo, acerca dos interiores das igrejas e da capacidade artística etíope coeva, Álvares sublinha o facto de as igrejas terem pinturas murais, mas «(...) *não de ricas obras.*»¹⁵³⁸ Da mesma forma têm «Tem muitos retábulos pequenos antigos *não bem feitos* (...)»¹⁵³⁹; os cálices da igrejas «(...) são mui largos e *mal feitos* e não têm patena.»¹⁵⁴⁰, assim como as cruzes de prata utilizadas nos ofícios religiosos¹⁵⁴¹.

Pais refere a cadeira do Imperador na igreja e as alcatifas que cobrem o chão e onde se sentam os restantes fiéis, assim como os retábulos pintados. Ambos os autores denotam a ausência de sinos nas igrejas etíopes, descrevendo o instrumento de percussão que os substitui¹⁵⁴².

Os dois coincidem na expressão do respeito e reverência dos etíopes perante os edifícios sagrados, «(...) pelo que nenhum homem de mula passa por ante a igreja, pôsto que vá a grande pressa, que se não apeie, até passar bom pedaço a igreja e o adro.»¹⁵⁴³ Álvares sublinha, «Assim nos estranhavam entrarmos calçados na igreja e muito mais cuspir nela.»¹⁵⁴⁴, ideia reforçada no relatório ao Arcebispo de Braga, «Nenhuma pessoa se assenta na igreja, nem entram calçados, nem escarram, nem cospem, nem deixam entrar nenhum cão, nem outra alimária na igreja (...)»¹⁵⁴⁵, o que nos dá um curioso contraponto do possível comportamento português nas igrejas do século XVI. Pais corrobora estes factos ao afirmar «Quanto respeito, e reverencia q tem aos templos he grande e assi quando chegão a porta tirão os çapatos e entrão descalços, atee o mesmo Emp.or emquanto se diz a missa guardão m.to silencio, não riem nem falão huns co outros; e de nenhua man.ra cospem nunca dentro, ne deixão chegar caens da cerca pera dentro.»¹⁵⁴⁶

¹⁵³⁶ Álvares, *op. cit.*, p. 208

¹⁵³⁷ *Ibd.*, p. 242

¹⁵³⁸ *Ibd.*, p. 174; p. 241

¹⁵³⁹ *Ibd.*, p. 40

¹⁵⁴⁰ *Ibd.*, p. 33

¹⁵⁴¹ *Ibd.*, p. 41; contudo em certas situações Álvares elogia o engenho etíope: a porta principal da Igreja de S. Jorge «(...) é tôda chapada com chapas que a primeira face parece ser ouro e assim nos diziam que o era e, porém vimos o contrário, que tudo era fôlha dourada e outra prateada e contudo era *mui bem pôsto* assim nas portas como nas frestas.», p. 241; sobre a porta prioncipal da Igreja de Macha Celacem, «(...) duas imagens de Nossa Senhora *muito bem feitas* e dois anjos do mesmo teor, tudo de pincel (...)», *ibid.*, p. 248

¹⁵⁴² Cf. Pais, Vol. II., pp. 38 e Álvares, p.418

¹⁵⁴³ Álvares, p. 65

¹⁵⁴⁴ *Ibd.*, p. 132

¹⁵⁴⁵ *Ibd.*, p. 418

¹⁵⁴⁶ Pais, Vol. II, p. 132

As diferenças encontradas no campo religioso, serão a pedra de toque do relacionamento entre cristãos romanos e coptas, dentro do quadro mental dos primeiros que pressupõe a superioridade do seu credo, o que enformará a intenção, depois do impacto do primeiro contacto, da «redução» da cristandade etíope à fé católica romana, a única tida como verdadeira e conducente à salvação¹⁵⁴⁷.

Partindo dos tópicos analisados e pretendendo observar uma valoração geral dos nossos autores quanto ao império etíope, constatamos que a visão da natureza nos nossos autores se prende com as agruras sentidas no decurso dos itinerários terrestres ao percorrerem, uma realidade física marcada pelos obstáculos naturais: extremos climáticos, dramatismo da orografia; grandiosidade dos recursos fluviais; ameaça das espécies selvagens. Em suma, uma natureza frequentemente hostil ao viajante europeu, na sua imensidão, desmesura, e condições adversas.

A valoração do social ecoa uma certa inferioridade do grau de desenvolvimento da sociedade abexim, sociedade que à partida poderia ter um nível se não superior, pelo menos equiparado, ao da sociedade europeia, não só pelos relatos que com ela haviam sido relacionados, como pela sua qualidade de cristã.

Embora o pressuposto de análise seja a equiparação à sociedade conhecida pelos autores (que reproduzem na sua descrição as equivalências ao sistema senhorial português e consideração do poder real, nomeadamente nas designações que empregam por exemplo para identificar os oficiais da corte ou os superiores religiosos, ou na própria consideração da religião e seus ritos em analogia com as suas próprias práticas; na descrição do reino, na importância do aproveitamento dos recursos naturais assim como na existência de uma malha urbana), vários indicadores a afastam da realidade civilizacional europeia. São eles, como vimos, a ausência de uma verdadeira cultura urbana e os resquícios de nomadismo (ausência de *polícia*); a fraca capacidade de aproveitamento dos seus recursos naturais e atraso tecnológico, que se traduz na falta de *engenho*, e a nível militar na reduzida capacidade de *milícia*; a ausência de uma forte cultura escrita e de um ensino organizado, garantes de um bom funcionamento social, para além de diferenças nos costumes consideradas de forma negativa (alimentação;

¹⁵⁴⁷ « Mas vindo a cousa mais essencial q o Autor refere (...) e a obediencia à Stª Igreja Romana, digo q prouvera a divina misericordia q assi o fizerão e guardarão, porq não se perderão tantos milhares de almas como por falta disto até oje se perderão e se lhe hão de perder, se sua divina magestade não aplacar sua ira; e lhes der particular graça pera q se sojeitem à sua Stª Igreja Romana e à doutrina q ella ensina.» *Ibd.*, Vol.I, pp.110/111

vestuário; poligamia; casamento do clero; devassidão; costumes de origem judaica; prática da excisão entre outros).

Finalmente encontramos nos nossos autores certas valorações que se prendem com a organização social do império etíope e sua justiça social. De facto em pequenos apontamentos Álvares refere, «As terras são tão povoadas que as rendas não podem deixar de serem grandes e estes [os grandes senhores] ainda que recebem suas rendas, *comem à custa do povo e pobre gente.*»¹⁵⁴⁸ Por seu lado Pais sublinha que qualquer senhor «(...) em qualquer lugar q chegue a se agasalhar de noute lhes hãode dar pousada e tudo o necessario pera comer de graça, conforme a qualidade das pessoas, q tambem aos homens baixos agasalhão desta maneira; *cousa de grande opressão pera os Villoens, q são elles q tem esta obrigação(...)*»¹⁵⁴⁹.

Deparamos assim com uma valoração desta sociedade a meio caminho entre a *polícia* de uma sociedade considerada civilizada e a *barbárie* dos gentios e homens selvagens. O etíope, sendo africano, distingue-se do *cafre gentio* encontrado noutras regiões desse continente, não só pela gentileza das suas feições, como pela sua prática civilizacional, se bem que situada num nível inferior em relação à europeia, valoração reforçada pelo carácter divergente das suas crenças religiosas face a uma mentalidade europeia, que se caracteriza cada vez mais pela falta de receptividade em relação a diferenças neste campo.

Quanto ao aspecto religioso, as práticas e crenças religiosas etíopes apresentam-se como manifestamente desviantes e erradas face à Igreja de Roma, devido ao seu carácter cismático, assumindo um carácter quase herético na consideração de alguns aspectos, inaceitáveis para o catolicismo, embora se aprecie a devoção etíope e o respeito pelos templos e crenças. A imagem do etíope resvalará, com o aprofundar dos conhecimentos sobre a sua prática religiosa, para a categoria de *herege*, na consideração dos visitantes europeus.

¹⁵⁴⁸ Álvares, p. 103; ideia que volta a ser repetida no relatório do final da obra: « Na terra haveria muitas frutas e muiotas mais sementeiras, se os grandes não tratassem mal o povo que lhe tomam o que tem e eles não querem mais aproveitar do que hão mister e lhes é necessário.», *ibd.*, p. 422

¹⁵⁴⁹ Pais, Vol. I, 182

3- Da Transmutação dos *Olhares*: de Francisco Álvares a Pêro Pais

«Quando lá nos viram, deram muitas graças a Deus por verem cristãos doutra terra e língua que nunca viram.»

Francisco Álvares, *Verdadeira Informação...*

«Disse logo hu frade em m.tas cousas temos grande differença, particularm.te em q dizem q em Christo estão duas naturezas, e q a natureza humana não he igual a divina.»

Pêro Pais, *História de Etiópia*

Depois da análise do tipo de visão construída pelos nossos autores sobre a Etiópia e a valoração que esta implica, procuraremos avaliar de uma forma já conclusiva até que ponto esse *olhar* se mantém coincidente e concordante ou pelo contrário se verifica entre ambos e nos respectivos pontos cronológicos em que se situam, uma evolução ou gradação na consideração da terra abexim. Com efeito, e citando Ana Paula Avelar, «Importa-nos o olhar que se revela (...), tendo em conta os processos de construção utilizados pela matriz, isto é, pelo texto *fundador* (...). Observar de que modo se operaram mudanças, se mantiveram processos, se revelou um olhar num novo texto que obedece a uma identidade estrutural nova (...)»¹⁵⁵⁰. Evidentemente há uma evolução no *olhar* e na forma de *ver* entre o capelão da embaixada de 1520, membro do primeiro grupo europeu a internar-se em território etíope e o missionário da Companhia de Jesus, que ali penetra em 1603, já precedido de outras expedições portuguesas e de anteriores tentativas de estabelecimento de missões. Portanto entre ambos medeiam uma série de informações sobre a terra do *Preste João*, sucedendo ao olhar “virgem” e impreparado de Francisco Álvares, o olhar mais informado e orientado de Pêro Pais.

De facto, e citando José da Silva Horta, «Passada a época dos primeiros contactos e viabilizadas as primeiras sínteses, os olhares tendem a especializar-se e a

¹⁵⁵⁰ Ana Paula Avelar, *op. cit.*, p. 127

função dos textos que os veiculam também muda.»¹⁵⁵¹ E seguindo ainda o mesmo autor, o retrato de cada região prende-se com a justificação de um dado projecto, assumindo um aspecto concreto e pragmático, em crescendo no século XVII: «Pressupõe um conhecimento mais profundo do terreno, porque se torna necessário um saber mais pormenorizado (...) [a] utilizar em proveito dos interesses portugueses no indissociável binómio economia-religião(...)»¹⁵⁵².

3.1- Da Continuidade e da Transmutação dos *Olhares*

Na verdade, e como ponto de partida, podemos considerar que o conteúdo de cada obra e a análise que nelas perpassa da Abissínia, embora versem frequentemente tópicos idênticos, obedecem a uma estrutura e processo de sistematização diversos. Na obra heterogênea de Álvares, misto de diário/itinerário/descrição/relatório das características da terra e da sociedade, são-nos transmitidas informações de modo prolixo e detalhado, mas de uma forma geral, não sistematizado, salvo excepções.

Por seu lado, o P. Pêro Pais concomitantemente à justificação da presença jesuíta na Abissínia procede a uma descrição daquelas paragens de forma menos ocasional e particular do que Álvares. Com efeito a sua abordagem revela-se mais sistemática e generalizante, o que se denota no agrupamento de temáticas por capítulos.

Contudo podemos observar a recorrência quase total dos tópicos abordados, na descrição da natureza, dos habitantes, no espaço humano, nos tópicos referentes aos usos e costumes, à organização política e práticas religiosas, com pequenas variações de pormenor ou decorrentes da diversidade temporal em que as obras são redigidas. Certos temas são desenvolvidos com uma maior amplitude por Pais, mercê da sua sistematização, como por exemplo a sua descrição da linhagem imperial etíope, da vida selvagem, ou dos rios, ou ainda do vestuário e adornos dos abexins. Álvares, por seu lado oferece-nos um maior número de dados decorrentes da estruturação da sua obra, menos sistematizada e seguindo, maioritariamente as suas andanças por terras abexins. Assim são-nos facultados um maior número de dados sobre a orografia de certas regiões; são citados um grande número de igrejas e mosteiros e são-nos apresentados numerosos dados sobre o convívio com a sociedade abexim, nas formas de

¹⁵⁵¹ José da Silva Horta, A Imagem do africano pelos portugueses antes do Contacto» in, *O Confronto do Olhar* ., p. 273

¹⁵⁵² *Ibd.*, p. 274

sociabilidade e no embate de diferentes costumes, por exemplo no que à alimentação diz respeito e relembremos o jantar oferecido à comitiva portuguesa pelo governador de *Angote/Angôt*, ou a ceia providenciada pelo *Preste*, na sua corte.

Mas a maior parte da informação sobre as terras etíopes coincide em ambos os autores, embora separados por cerca de um século, tanto nos tópicos abordados, como nas considerações sobre eles proferidas. Muitas vezes o autor posterior, Pêro Pais, se reportará à obra fundadora de Álvares, mas não assumirá uma atitude passiva face à informação veiculada por aquele. De facto, tanto se reportará à obra de Álvares, como rectificará ou completará a sua informação. Em face da longa permanência de ambos os autores na Etiópia e do conhecimento considerável que dela adquirem, a sua escolha de tópicos obedecerá sem dúvida ao que foi considerado de maior interesse e relevância para permitir ao leitor europeu da época, visado por cada uma das obras, a compreensão do funcionamento desta sociedade, embora não descartemos a hipótese da obra de Álvares ter servido de uma espécie de matriz a nível dos tópicos escolhidos, para a descrição da terra etíope de Pêro Pais, em particular no Livro I.

No entanto, como vimos anteriormente, e em particular neste caso, o *olhar*, nunca é completamente objectivo e imaculado. Esta representação ou imagem de uma realidade *outra*, que os autores intentam transmitir é igualmente produto de uma selecção mental, uma confrontação entre os arquétipos que enformam as expectativas do autor e com o que de novo, inesperado e diferente é encontrado¹⁵⁵³. O diferente, estranho ou exótico entrecruza-se com o previamente imaginado, que determina a forma de seleccionar e representar essa realidade¹⁵⁵⁴. Ou segundo a expressão de Helder Macedo, os *enganos do olhar*, estão subjacentes nas descrições da época, uma vez que o imaginário de cada autor é indissociável do retrato que faz de outras realidades; as concepções pré-existentes modelam a apreensão do real: o que se vê é interpretado segundo o que se esperava ver estabelece-se uma espécie de dialéctica entre a realidade e o imaginado, entre o existente e o que se espera encontrar e uma necessária adequação entre ambas¹⁵⁵⁵. Também Anthony Disney chama a atenção para a importância do imaginado na literatura da época, ao referir,

¹⁵⁵³ José da Silva Horta, *op. cit.*, p. 274

¹⁵⁵⁴ Como refere Michel Mollat du Jourdin, « (...) la nouveauté n'y est pas totale pour l'Océan Indien, ni pour l'Asie, dont les images plus ou moins déformées sont parvenues en Occident longtemps auparavant. De plus, le regard d'un voyageur sur des objets nouveaux n'est jamais totalement vierge de concepts et d'images antérieurs, ni de préjugés et de présupposés parfois imaginaires. », como era o caso da procura do *Preste João*, na África e na Ásia. in, «L'Altérité, découverte des découvertes » in, *Voyager à la Renaissance*, p.306

¹⁵⁵⁵ «(...)as fronteiras entre o observado e o imaginado são sempre muito ténues e mais ainda o teriam sido para aqueles que pela primeira vez tiveram de decidir quais eram as coisas que havia e em que não se acreditava e

«"Imagining" was the essential spark which animated all sixteenth and seventeenth century narrative and descriptive travel literature, and gave the bare facts meaning- as it does, of course, to all literature. Whether describing their own experiences or those of others, writers travelled "in imagination", and represented what they saw and experienced, within the contexts of their own cultures.»¹⁵⁵⁶

Esta questão mostra-se particularmente pertinente em dois tópicos nos quais consideramos haver uma evolução na construção da imagem entre os dois autores. Trata-se da questão do cristianismo etíope à qual Pais dedicará uma análise mais exaustiva e completa, esclarecendo os pressupostos teológicos e da figura do monarca etíope e seu efectivo poderio e riqueza.

3.2.1- Do Encontro entre Cristãos até à Redução da Igreja Etíope a Roma

Com efeito, no que toca a este território existiam construções mentais coevas, dominadas por todo um imaginário europeu tardo-medieval préexistente, radicado no mito do fabuloso reino do *Preste João*¹⁵⁵⁷. Esta imagem está ainda plenamente subjacente na obra de Francisco Álvares, que partindo de uma ideia preconcebida, poderá ter julgado alguns aspectos da realidade encontrada com base nessa matriz, procurando adaptá-la ao que espera encontrar, incorrendo por vezes na recusa de uma realidade diferente e na tentativa de a interpretar com base nas imagens nela contidas.

A ideia de encontro com um poderoso rei cristão, identificado com o mito do *Preste João* está bem patente no discurso do capitão-mor à população moura, na sua chegada a *Arquico*, narrado por Álvares, onde aquele afirma «(...) fizeram o que deviam em se não bulirem do lugar (...), pois era de cristãos e do Preste como eles diziam e que sua vinda não era senão para serviço e amizade do Preste João,e, de todos os seus(...)»¹⁵⁵⁸. O desejo de encontro e estabelecimento de relações com os cristãos daquelas paragens depreende-se da expressão utilizada, novamente pelo

quais as coisas que não havia e em que se acreditava(...)», Hélder Macedo, «Os Enganos do Olhar» *ap.*, José Augusto Cardoso Bernardes, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1999, pp.331/332

¹⁵⁵⁶ Anthony Disney, « Navigating Literary waters: truth, lies and representations...» in, *Literatura de viagem-narrativa, História e Mito*, p. 121

¹⁵⁵⁷ Vide, Cap. I do presente trabalho

¹⁵⁵⁸ Álvares, pp. 10/11

capitão-mor da armada portuguesa ao receber o capitão de *Arquico*, que «(...) o recebeu com grande gasalhado e honra (...) e *soube por ele mais compridamente da cristandade da terra(...)*»¹⁵⁵⁹. E de facto as primeiras relações são quase eufóricas: recebendo a visita de religiosos do mosteiro de Bisão a bordo do galeão, o capitão-mor e restantes capitães tiveram «(...) com eles muitas práticas de prazer e alegria sobre *cousa tão desejada de uma e da outra parte.*»¹⁵⁶⁰.

Com efeito, a ideia de aliança entre cristãos separados pelo Islão não era prerrogativa dos monarcas portugueses. Luis Filipe Thomaz refere as lendas que correm entre o Islão sobre o advento de uma aliança de reinos cristãos do Ocidente e da Etiópia¹⁵⁶¹. Também Francisco Álvares na sua obra narra uma profecia existente em que uma aliança entre etíopes e europeus permitiria a tomada de Meca e do Cairo entre outras cidades muçulmanas¹⁵⁶².

Mas para além do entusiasmo do encontro inicial, as primeiras impressões e relações entre as duas correntes de Cristianismo, aparecem sob uma luz positiva no relato de Álvares. De início as diferenças parecem ser pequenas e facilmente supridas como se depreende do seu relato sobre as missas católicas ditas no mosteiro de S. Miguel: «Vinhão os frades à nossa missa com grande devoção (...) e supriam com turíbulo e incenso, porque nós não o levávamos e eles não têm por bem dizer-se missa sem incenso e *diziam que tudo lhes parecia bem*, somente, um só sacerdote dizer missa, porque entre eles não diziam missa menos de três, cinco ou sete estarem ao altar.»¹⁵⁶³ No convento de *Paracleto*, a embaixada é recebida calorosamente e no lugar de *Manadelei*, onde a embaixada pernoita, «(...) as freiras nos vinham lavar os pés e bebiam da água depois de lavados e lavam seu rosto com eça dizendo que eramos santos cristãos de Jerusalém.»¹⁵⁶⁴

No discurso de Álvares perpassa constantemente a apreciação etíope pelas práticas católicas, quer a propósito de uma cerimónia de baptismo¹⁵⁶⁵, quer na celebração de ofícios¹⁵⁶⁶, quer na consideração dos livros sagrados¹⁵⁶⁷, quer ainda na

¹⁵⁵⁹ *Ibd.*, p. 11

¹⁵⁶⁰ *Ibd.*, p. 12

¹⁵⁶¹ *Vide*, Cap. I do presente trabalho

¹⁵⁶² *Vide*, Álvares, pp. 266 e 276

¹⁵⁶³ *Ibd.*, p. 38

¹⁵⁶⁴ *Ibd.*, pp. 105 e 115

¹⁵⁶⁵ « (...) diziam os da côrte que tal ofício era por Deus ordenado e tão consolados iam como que comeram boas viandas e que louvaram muito ofícios (...), porque o fazíamos tudo muito pausado e lhes pareciam mais perfeitos que os seus.», *ibid.*, p. 228

¹⁵⁶⁶ « (...) louvavam eles muito os nossos costumes que os fazíamos com muita devoção e principalmente a comunhão (...) e assim mandou dizer o Preste que lhe pareciam nossos ofícios muito bem e mui acabados.», *ibid.*, pp. 235/236

afirmação do velho clérigo, mestre do *Preste*, que louva o ofício celebrado pelos católicos, afirmando que se sentira no Paraíso com os anjos¹⁵⁶⁸.

Mas, a despeito de uma certa noção de supremacia do credo português implícito no discurso pretensamente tolerante de Álvares, há passagens onde essa tolerância se revela de facto, como na opinião que o clérigo emite face à inquirição do Imperador acerca da cerimónia de trasladação de seu pai: «E logo tornou a mandar perguntar qual nos parecia melhor modo, êste ou o nosso (...) e que êsse o tomariam. *Aqui lhe respondemos que deus queria ser servido por muitas maneiras e que êste ofício nos parecia bem e que assim nos parecia bem o nosso porque tudo era de Deus e se fazia um e o outro para um fim, seja, servir a Deus e merecer ante êle.*»¹⁵⁶⁹ Opinião semelhante tem Álvares acerca dos cantos litúrgicos etíopes, respondendo ao Imperador «(...) o nosso cantar era muito pausado e assocegado, assim das vozes, como dos corpos e que não bailavam nem pulavam.(...)[no entanto] mandámo-lhes dizer, *que as cousas de Deus em qualquer maneira que as fizessem sempre pareciam bem.*»¹⁵⁷⁰. Há de facto um desejo de aceitação recíproco neste primeiro contacto. Assim em relação à procissão dos frades no mosteiro de S. Miguel para protecção das colheitas: «(...) fizeram estes frades uma procissão e por ser em terra nova *pareceu-nos muito bem* (...)» ou à reverência que fazem diante das imagens no decorrer do ofício religioso, afirmamos o clérigo português, «Certamente *parece bem e faz devoção, por ser coisa feita em louvor do senhor Deus.*»¹⁵⁷¹

As indagações surgem também do lado abexim, como exemplifica a entrevista que Álvares tem com o *Preste* e onde são discutidos vários pontos, desde as vestes litúrgicas do clérigo, até à sede da cristandade católica, ao Concílio do Papa Leão¹⁵⁷², que condenou o monofisismo, cujas directivas foram aceites pela igreja de Roma, abordando ainda a questão do celibato do clero, defendida por Álvares e rebatida pelo *Preste*¹⁵⁷³.

Estas primeiras e subtis confrontações indiciam as diferenças na prática do cristianismo, o que também se faz sentir na administração do sacramento do baptismo e

¹⁵⁶⁷ « Vêm com outro recado dizendo se tínhamos aquilo em livros que eram melhores os nossos livros que os seus, porque os nossos livros tinham tôdas as coisas. Eu lhes respondi que mui perfeitos livros eram os nossos, porque depois dos Apóstolos, sempre tivemos mestres e doutores na Santa Madre Igreja que nunca outra coisa fizeram nem fazem senão compilar e ajuntar as cousas da Sagrada escritura (...)», *ibid.*, p. 237

¹⁵⁶⁸ *Ibid.*, p. 233

¹⁵⁶⁹ *Ibid.*, pp. 268/269

¹⁵⁷⁰ *Ibid.*, p. 273

¹⁵⁷¹ *Ibid.*, p. 32

¹⁵⁷² No texto Álvares refere-se a este concílio como o de Vieira [sic], *Ibid.*, p.202

¹⁵⁷³ Vide, *ibid.*, pp. 199/204

na cerimónia do baptismo anual, em cuja participação Álvares recusa peremptoriamente tomar parte (« Respondi-lhe que já era baptizado e que não o seria mais.»¹⁵⁷⁴), ou na falta de rigor na ordenação do clero. As fricções são por vezes inevitáveis face à diversidade dos costumes, como a proibição de officiar missa de manhã o que provoca um episódio desagradável: «E querendo nós na segunda feira seguinte dizer missa, não no-la deixaram dizer, pelo que ficámos mui escandalizados e agravados, parecendo-nos que alguma má suspeita tinham de nós, não sabendo porque o faziam.» De facto, « Êste segredo não sabíamos nem tínhamos quem no-lo declarasse (...), assim éramos agravados sem causa.»¹⁵⁷⁵

Na verdade, apesar dos sinais de aceitação voluntária que Álvares nos transmite na consideração e possível aceitação do catolicismo pelos etíopes, exemplificados na relação do clérigo com o *Abuná* Marcos¹⁵⁷⁶ e outros membros do clero¹⁵⁷⁷, pode-se detectar no seu discurso a revelação do carácter desviante do cristianismo abexim. Segundo Álvares, o patriarca etíope parece aceitar todos os reparos feitos às suas práticas religiosas, afirmando que Deus enviara os portugueses para dizerem ou reporem a verdade¹⁵⁷⁸. A concordância deste prelado face às opiniões de Álvares, leva-o a concluir que se o *Abuná* « (...) tivesse um parceiro, ou dois que o ajudassem a *dizer a verdade, que êle tiraria o Preste das muitas cousas e erros em que estava com o seu povo.* »¹⁵⁷⁹, revelando claramente nesta passagem o desvio da religião etíope face à ortodoxia romana, mas igualmente a ideia da possibilidade de aproximação de ambas as igrejas segundo o modelo romano¹⁵⁸⁰, levando Aubin a afirmar

« Des aspirations qu'entretenait le vieil abuna, et dont il est impossible de juger quelle minorité les partageait dans l'Éthiopie (...) », le P. Álvares a été le mandataire. La mission

¹⁵⁷⁴ *Ibd.*, p.253

¹⁵⁷⁵ *Ibd.*, pp. 38 e 39

¹⁵⁷⁶ « Folgou muita com minha visitação e não me quis dar a mão para lha beijar, antes se queria deitar no chão mostrando de me beijar os pés e nós assentados ambos juntos em um catre, o princípio da nossa fala foi darmos graças a Deus por nos ajuntarmos.», *ibid.*, p. 257

¹⁵⁷⁷ Referência ao *iché*, Jacob, de origem moura, como sendo um homem de « santa vida». « (...) e êle, por ser muito meu amigo, me contou tôda a sua vida(...)Êste me tinha tanta afeição que me não deixava e sempre andava comigo. Êste Jacob tomou tão bem a fala portuguesa que nos entendíamos mui bem ambos e escreveu por sua letra a Glória da missa e o Credo e o Pater Noster e Ave Maria e o Credo dos Apóstolos e a Salve Regina e a sabia em latim tão bem como eu. E também escreveu o Evangelho de S. João e tudo mui bem decorado.», *Ibd.*, pp. 171/172

¹⁵⁷⁸ *Ibd.*, p. 263

¹⁵⁷⁹ *Ibd.*, p. 257

¹⁵⁸⁰ Álvares refere « (...) que o Abuna esperava em Deus que por nossa vinda e outros que depois de nós viriam, esta terra se tornaria à verdade e que êle não rogava outra cousa a Deus nosso Senhor senão que lhe desse vida até ver nesta terra regedor da Igreja Romana(...)», *Ibd.*, p. 266

d'allégeance dont il était investi auprès du Pape le persuadait que, malgré les divergences dans le dogme et la pratique, se laisserait gagner à l'Église romaine.»¹⁵⁸¹

Daí a atitude pacífica de Álvares em certas situações, embora estivesse ciente das diferenças da Igreja Etíope, como, por exemplo, em relação às ordenações do clero feitas pelo Abuna: «(...) e certo nunca lho roguei que o não fizesse, porque me tinha muito grande vontade e tôdas as cousas que lhe eu dizia, assim as fazia como se fôra meu igual em dignidade.»¹⁵⁸² Ou em relação à cerimónia do baptismo, afirma ao Preste: «(...) as cousas de Deus que eram feitas à boa fé sem mau engano e em seu louvor que eram boas, mas que tal ofício como aquê não o havia em nossa igreja(...)»¹⁵⁸³.

Não nos podemos esquecer que este Francisco Álvares se insere numa conjuntura pré-tridentina e pré-inquisitorial e o trabalho missionário ainda mal se iniciara no império português. A tolerância «doseada» do clérigo, mesclava-se de esperança face às cristandades encontradas no Oriente.

O que não invalida que Francisco Álvares não seja um bom e até inflexível cumpridor católico, atrevendo-se a opiniões radicais próprias da mentalidade cristã europeia da época, que recusa o herege e o infiel: na sequência da conversa com o Preste sobre o que fazer aos que abjuravam o cristianismo e depois voltavam, necessitando, por isso, de novo baptismo, responde o autor: «(...) para os que não criam bem doutrinas e pregações lhe abastariam e se isto lhe não aproveitasse, queimá-los como hereges.»¹⁵⁸⁴ É possível, no entanto que na aceção de hereges, o padre não incluísse os abexins, ainda não considerados verdadeiramente como tal.

Por outro lado, nem tudo é pacífico no relacionamento português e etíope, no que à religião diz respeito. Se perante a praga de gafanhotos, o clero do local de *Baruál/Debaroâ* pede auxílio à embaixada portuguesa na intercessão divina, realizando-se uma interessante procissão que conjuga os dois rituais e objectos litúrgicos, onde se faz um rito de excomunhão para que a praga se desvie, as opiniões não são unânimes: «-Estes portugueses são *santos e por virtude de Deus* lançaram os ambatas fora. Outros diziam, principalmente clérigos e frades das comarcas (não os dêste lugar):- Mas são

¹⁵⁸¹ Jean Aubin, *op cit.*, p. 203

¹⁵⁸² Álvares, p. 263

¹⁵⁸³ *Ibd.*, p.255

¹⁵⁸⁴ *Ibd.*

feiticeiros e com feitiços lançaram os ambatas e assim não têm eles medo aos leões, nem a outros animais, *pelas feitiçarias que fazem.*»¹⁵⁸⁵

Mas se em Álvares estas diferenças religiosas, estão detectadas, mas não ainda plenamente assumidas, transmitindo-nos o autor a ideia da importância do encontro entre possíveis aliados cristãos cujas diferenças seriam facilmente suprimidas pela correcção de determinadas fugas á ortodoxia, diferente é a posição de Pêro Pais.

De facto, cerca de um século após o primeiro contacto entre portugueses e abexins, a ortodoxia católica havia-se reforçado e estruturado e Pais milita nas fileiras de uma ordem empenhada na divulgação e imposição dessa ortodoxia, embora a sua primeira abordagem não se pautasse pela intolerância como se depreende da seguinte passagem da sua obra, quando inicia a análise da questão religiosa etíope:

« (...) irei declarando por capitulos o q tenho achado em m.tas disputas gerais e praticas particulares , q do anno de 1603, q entrei em Ethiopia tive com os principais letrados della ecclesiasticos e seculares, referindo singelam.te seus erros sem nenhu modo e encarecim.to, pois ainda em materias m.to leves não convem ao religioso usar delle, quanto mais en cousa tão grave, como seria infamar a toda hua nação Christãa, e a hu Emp.or tão grande e tão celebre no mundo , usando de encarecim.tos, ou de palavras, q agravassem de man.ra suas cousas, q parecessem erros não o sendo.»¹⁵⁸⁶

Contudo, mesmo tendo a intenção acima descrita de não enfatizar os erros religiosos da igreja etíope, Pais não se consegue eximir a criticá-los e condená-los. Ao contrário de Álvares, já toda uma série de contactos anteriores à chegada de Pais à missão etíope haviam demonstrado a existência do que os missionários jesuítas denominam erros religiosos dos etíopes e da sua resistência à conversão ao catolicismo além da pouca vontade dos poderes etíopes em abandonarem a sua crença religiosa¹⁵⁸⁷, como havia sido suposto a partir das cartas que a referida embaixada de Álvares havia trazido à Europa. Os Imperadores abexins pretendiam auxílio na defesa das suas fronteiras e consentiam na presença dos católicos mas não pretendiam ir mais longe como exemplifica Pêro Pais a propósito da narração das relações do Imperador com o patriarca católico, D. André de Oviedo, demonstrando, «(...) quão longe estava o

¹⁵⁸⁵ *Ibd.*, pp. 77/78

¹⁵⁸⁶ Pais, Vol. II, p. 13

¹⁵⁸⁷ Acerca disto, Pais cita a carta de D. André de Oviedo de 2 de Fevereiro de 1559, *Ibd.*, Vol. II, pp. 62/63

Emp.or Claudio de obedecer a Igreja Romana, nem seguir sua s.ta Doutrina(...)»¹⁵⁸⁸. Pelo que Pais conclui «Por onde não há duvida nenhua senão q os Ethiopes vassallos do Preste João, de m.tos tempos a esta parte, *forão sempre e são oje desobedientes á santa Igreja Romana.*»¹⁵⁸⁹

Desta forma a missão de Pais no território etíope está perfeitamente estabelecida: «Sabendo eu isto logo como entrei em Ethopia, e *entendendo a pertinacia com q defendiam tam grande erro, procurei de os tirar delle, mostrandolhes claram.te a verd.e* com as Escrituras Sagradas, com os s.tos Conc.os com authoridad.es de santos e com rezoens, (...) *e o mesmo fizerão co m.to cuidado* os P.es meus companheiros (...)»¹⁵⁹⁰. Com efeito Pais, como homem do seu tempo marcado por uma mundivisão religiosa exclusivista que conduz à percepção daquele que recusa ou se afasta do seu credo, (o *herege/infiel*), como uma emanação do mal¹⁵⁹¹, e como membro da empenhada Companhia de Jesus que assumira o pesado fardo da universalização do catolicismo através da evangelização, comunga da ideia de absoluta validade e autoridade da sua crença religiosa e na absoluta necessidade de redução ao catolicismo do império etíope¹⁵⁹².

A despeito destas convicções, a diplomacia, a ponderação e a prudência são necessárias tanto no campo da acção, como da escrita, facto, que Pais, como um bom discípulo das estratégias inicianas, não esquece e se revelam nas suas advertências quanto à conversão do Imperador ao tentar moderar os entusiasmos reais. Assim quando a observância do Sábado é proibida, apressa-se a aconselhar o rei, declarando-lhe : «Senhor, não parece q he ainda tempo pera V. Magestade meter tudo; cuido q seria bem hir mais devagar, pera q vá entrando suavemente.»¹⁵⁹³

O que não obsta a sua perseverança na constatação e condenação da fuga à ortodoxia. Com efeito o autor refere-nos repetidamente as diferenças entre os cultos amplamente discutidos nos encontros teológicos propostos pelos imperadores, diferenças essas tidas como graves erros à luz da doutrina católica tanto a nível teológico como na administração dos sacramentos. Assim para Pais, o cristianismo

¹⁵⁸⁸ *Ibd.*, p. 285

¹⁵⁸⁹ *Ibd.*, p. 65

¹⁵⁹⁰ *Ibd.*, pp. 14/15

¹⁵⁹¹ Vide, Hernâni Cidade, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina*, Vol .II, Séculos XVII e XVIII, Coimbra, Arménio Amadeu, 1964, pp. 54/56; segundo Luís Filipe Barreto «A constante ideológica dominante (...) apresenta uma leitura teológico-transcendental dos Descobrimentos. O fenómeno da expansão (...)é pensado como absoluta redução à Cidade de Deus, sendo os portugueses o instrumento de acção divina no Mundo.», «A Herança dos Descobrimentos» in, *Revista do ICALP*, p. 11

¹⁵⁹² Vide, José Eduardo Franco, *op. cit.*, p. 194

¹⁵⁹³ Pais, Vol. III, p. 40

etíope tem um carácter herético e cismático, declaradamente condenável, sejam quais forem as práticas piedosas que exerçam, pois «(...) trazem çiliços de ferro, e fazem outras cousas muy extraordinárias; mas q lhe aproveita tudo isto pois *são scismaticos, e hereges e sem fe he impossível agradar a Deos* como diz S. Paulo.»¹⁵⁹⁴

Em todo o discurso de Pais denota-se uma clara rejeição de qualquer prática religiosa que não a da ortodoxia católica romana; por exemplo o irmão do imperador, examinando a doutrina dos missionários jesuítas, «(...) achando-as tão conformes a razão e a sagrada escritura, e vendo q todos nós ensinávamos hua mesma cousa, entendo claramente q a *doutrina da Igreja Romana era a verdade.ra* (...)»¹⁵⁹⁵. Pais critica o zelo dos membros do clero etíope na defesa «*de sua enganosa e falsa fee*»¹⁵⁹⁶

Paralelamente Pais sublinhará sempre o carácter desviante do cristianismo abexim, patente nas suas obras religiosas, ilustrada pela prática de raspar e corrigir do ponto de vista etíope, os manuscritos de carácter religioso¹⁵⁹⁷. Tal verifica-se não só no relato biográfico do fundador da ordem religiosa, como a propósito do livro *Fé dos Padres/ Haimanôt Abâu*, recolha de citações referentes à doutrina monofisista do século XVI¹⁵⁹⁸, em apoio da tese da «(...) orthodoxie perverti avec le temps par les hérésies.»¹⁵⁹⁹, utilizando a fonte em função de um programa de divulgação da “verdade” católica. De facto o autor jesuíta teima em crer num desvio da verdadeira religião, que poderá e deverá ser rectificado¹⁶⁰⁰.

A aproximação do Imperador e de seu irmão e de outros membros da corte ao catolicismo é vista como uma vontade divina, de indiscutível justiça e necessidade¹⁶⁰¹; é também a estratégia seguida para a conversão do império: imposição do catolicismo a partir da pessoa do Imperador, como nos revela o jesuíta ao narrar a história da

¹⁵⁹⁴ *Ibd.*, Vol. II, p. 157

¹⁵⁹⁵ *Ibd.*, pp. 30/31

¹⁵⁹⁶ *Ibd.*, Vol. II, p. 45; Pais comenta também acerca de uma obra religiosa etíope «(...) q elles chamão (...) thesouro da fee, q melhor se pudera chamar thesouro de mentiras(...)», *Ibd.*, p. 192

¹⁵⁹⁷ «Não he de maravilhar, q acrescentassem isto, porq muitas vezes o fazem em seus livros, pera depois provarem seus erros,...); e quando nos seus livros dos Santos achão palavras cntra elles as tirão(...), e hu frade meu amigo me contou isto, e me mostrou em muitas partes raspado; e como os livros são de pergaminho, facilmente o fazem.», *Ibd.*, p. 205

¹⁵⁹⁸ Vide, Hervé Pennec, *op cit*, p.285

¹⁵⁹⁹ *Ibd.*, p.287

¹⁶⁰⁰ « (...) tenho pera mim, pellas cousas q agora contão, q então floreceo m.to a religião Chhristãa em Ethiopia (...) mas depois pello trato e conversação , q tinham co os Judeus; aq até oje sempre ouve em Ethiopia; e por lhes virem seus prelados de Alexandria, enffccionados com erros, se lhes pegarão tantos, q quasi em todos os sacram.tos e misterios de Nossa s.tª fee os tem (...)», Pais, Vol. II, p. 12

¹⁶⁰¹ « (...) tudo quanto atee agora se lhes deu escrito está bem recebido, pella misericórdia do Senhor, q quasi todos louvão e engrandecem tanto esta doutrina, q dizem q não pode ser senão q o Sp.tº S.tº lha ditou a aquelles padres;porq não parece q entendimento humano não podia chegar a alcançar cousa tão alta, com q em extremo folga o Emperador; e (...) seu Irmão, por ver q todas as vias se vão acreditando nossas cousas: e pedem com m.tª instancia q mandemos vir os comentos do mais q falta da sagrada escritura; e limpemos seus livros, q estão cheos de erros.», *ibd.*, Vol. I, p. 194

conversão de *Suzeneôs/Seltân Çaguêd*, advertindo o leitor que «(...) não achará pequena ocasião de louvar a Nosso Senhor pelllas mercês grandes, q fez a este *Emperador e a (...) seu Irmão (...)* e o q mais he dandolhes conhecim.tos de sua S.ta fee, e rogará (...) a *queira também fazer a todos os demais desse Império alumando-lhes os entendim.tos, pêra q deixem seus erros e se sojeitem a sua S.ta Igreja.*»¹⁶⁰²

De facto, Pais reitera o papel essencial do Imperador na redução da Etiópia ao catolicismo e a sua permeabilidade á influência dos missionários, afirmando «Tambem o Emp.or faz m.to *procurando sempre acreditar nossas cousas e affeiçoar os seus a ellas*, sem perder nunca ocasião em q não as louve e declare *da man.ra q lhas temos ensinado (...)*»¹⁶⁰³. Todavia, Pais tem a consciência da dificuldade da meta a atingir e do muito trabalho ainda a desenvolver, pois a maioria da população permanece arreigada ás sua crenças, admitindo que em relação à observância da fé católica, «(...) ainda agora estão m.tos tão longe disso(...)»¹⁶⁰⁴. E prevê que o caminho não será isento de muitos escolhos, nesta imposição de uma crença a partir de cima, como nos informa a propósito das medidas tomadas pelo Imperador e seu irmão para obstem à devassidão matrimonial do clero, ameaçando-o com o confisque dos bens e com a excomunhão; porém «(...) sobre isto há agora m.tas murmuraçoens e porfias. Nosso Senhor os ajude em tão santo intento q *não parece q hão de poder acabar o q pretendem.*»¹⁶⁰⁵

Esta transição nas relações entre católicos e monofisitas etíopes pode ser exemplificada nas considerações de cada autor sobre o respectivo patriarca coevo. Se em Álvares, o *Abuná Marcos* aparece como um potencial precioso aliado da embaixada católica junto ao *Preste* ¹⁶⁰⁶, além de ser descrito como «(...)gracioso em suas falas e poucas vezes fala que não dê graças a Deus.»¹⁶⁰⁷, na época de Pais, a confrontação e discordância entre a igreja copta e a católica é aberta, não apenas nas discussões teológicas havidas na corte, como igualmente na oposição do *Abuná Simão*, que se alia aos revoltosos contra o Imperador, sendo morto no campo de batalha de Sâdda, em 1617. As considerações que dele faz Pêro Pais são manifestamente negativas, afirmando, que «(...) tinha m.tos peccados públicos e cousas q não convem aos

¹⁶⁰² *Ibd.*, Vol. II, p. 30

¹⁶⁰³ *Ibd.*, , p. 17

¹⁶⁰⁴ *Ibd.*, Vol. I, p. 53

¹⁶⁰⁵ *Ibd.*, Vol. II, p. 152

¹⁶⁰⁶ «Disse mais o Embaixador ao Abuná em como el-Rei de Portugal era informado de sua santidade por Mateus (...) e lhe mandava rogar que fizesse o Preste estar forte e constante nesta empresa(...)», Álvares, *op. cit.*, pp. 276/277

¹⁶⁰⁷ *Ibd.*, p. 267

Prelados da Igreja ne aos fieis de Christo.»¹⁶⁰⁸. Noutra passagem menciona «(...) sendo o Abuná tão Idiota(...), não me maravilhariam.to q deixasse sem advertir cousas essenciais nas formas dos sacram.tos.»¹⁶⁰⁹

Desta forma se apresentam as práticas e crenças religiosas etíopes como manifestamente heréticas e erradas face à Igreja de Roma, cuja frágil posição nesta sociedade, se apoia na figura do monarca e alguns membros da corte, como profeticamente constata Pais. O sucesso da missão jesuíta ainda está longe, facto que o P. Pais não oculta; mas não deixa de sublinhar e louvar os progressos obtidos. O que parece claro nesta época é a intransigência na aceitação de outras formas de credo o que, dependendo da figura do governante, pode conduzir a uma instabilidade de relações, como já tinham verificado os seus antecessores. Os cristãos do *Preste*, são agora, também hereges pertinazes e a tão ambicionada aliança entre os irmãos em Cristo, assenta em fragilíssimas bases.

3.1.2- Do Fabuloso Preste ao «Rei dos Reis» da Etiópia

De modo semelhante a imagem do poderio e riqueza do monarca etíope sofre uma evolução entre as duas obras. Como já referimos no primeiro capítulo¹⁶¹⁰, a Verdadeira *Informação...* está ainda muito veiculada à identificação da Etiópia e do seu governante com o lendário *Preste João*.

Mas bem mais prosaicas são as impressões dos viajantes portugueses. Embora a dinastia etíope se arrogue de uma gloriosa genealogia que recua até ao bíblico rei

¹⁶⁰⁸ Pais acusa-o de mancebia; de enjeitar os filhos ilegítimos; de vestir, beber e folgar como um príncipe leigo; de soberba, impiedade, suborno e cobiça de riquezas. *Vide*, Pais, Vol. III, p. 128

¹⁶⁰⁹ *Ibid.*, Vol. II, p. 116

¹⁶¹⁰ *Vide*, Cap. I do presente trabalho

Salomão e à sua paixão pela exótica rainha de *Sabbá*, o *Negus* está, na realidade, longe da magnificência e onipotência da lenda. Todavia as considerações de Álvares prendem-se ainda com tentativas de percepção do poder efectivo exercido pelo *Preste/Negus* sobre os seus vassallos, afirmando a soberania sobre as terras e senhores e sublinhando o cerimonial de que se rodeia e a quantidade de tributos que recebe dos vários senhores do reino.

Um século depois, Pais refere igualmente o carácter modesto dos seus bens; a dificuldade em manter uma autoridade efectiva sobre o vasto território e sobre muitos senhores e a exiguidade e dificuldades do seu exército. Importa, contudo sublinhar que, o contexto etíope se revela mais difícil na época de Pais, sofrendo o avanço turco a Levante e as invasões dos povos *Oromo/Galás*, causando enormes razias e devastações, além da instabilidade política e económica.

Se a imagem do rei fabuloso da *Carta...*, não correspondia à descrição feita na obra de Álvares, a denominação continua a ser usual na Europa, como nos declara Pais no início da sua obra, motivo pelo qual denominará o governante abexim por *Preste João*, embora o padre jesuíta refute já esta identificação, indicando «(...) muitos e graves senhores (...) afirmem q este Emperador não he o Preste João, senão outro Rey mui differente, q confina cõ os Tártaros, onde ainda agora ha Christãos(...)»¹⁶¹¹.

No entanto Pais tentará deslindar esta identificação e debruça-se sobre a causa da nomeação do imperador etíope na Europa por *Preste João*, afirmando «Quanto a causa porq em Europa chamarão Preste ao Emperador de Ethiopia, pode ser q fosse porq, como ordinariamente he diacono, algus Gregos o chamariam Presbitero, e depois aiuntando o nome Jan [grande senhor na língua de Amhara], q (...) lhe dão ao Emperador, virião a dizer Preste Jân; e os estrangeiros, q muitas vezes corrompem os nomes, acomodandoos a suas lingoas, o chamarião Preste João.»¹⁶¹² Também referirá a identificação duvidosa entre o imperador da Etiópia e o Preste a partir da informação de Pêro da Covilhã, concordando com Fr. Luís de Padilha no Prólogo à tradução para castelhano da obra de Francisco Álvares: «(...) e por esta causa ficou sempre o Emperador da Ethiopia cõ o nome de Preste João, não o sendo, senão o Emperador do Catayio; e pera isto cita a Marco Paulo e outros; (...). O çerto he q em livros de Ethiopia não se acha feita menção deste nome Preste João (...)»¹⁶¹³, declarando igualmente «(...)

¹⁶¹¹ *Ibd.*, Pais, Vol. I, p. 13

¹⁶¹² Pais, Vol I., pp. 63/64

¹⁶¹³ *Ibd.*, pp. 64-65

porq nunca ouve em Ethiopia tal Preste João (...)»¹⁶¹⁴. A identificação do *Negus* etíope com o lendário *Preste* dever-se-ia, por conseguinte, a um erro de identificação.

Segundo a tese de Manuel João Ramos quanto à imagem do fabuloso governante, a projecção das qualidades, patentes no texto da *Carta...* sofre uma inversão em relação ao mito, com a presença e experiência dos missionários jesuítas na Etiópia, sublinhando-se a partir de agora, a sua negatividade «(...) mediante um processo de negação sistemática dos pressupostos imaginários do texto medieval (...)»¹⁶¹⁵ nos escritos jesuítas, especialmente após o fracasso da missão, assente no carácter negativo da sua heresia. Segundo esse autor «A “ realidade “ abordada aparecia como um espelho sombrio da “ fantasia “ luminosa do Preste João medieval. (...) Não sendo convertível à verdadeira fé não podia ser senão um rei quase gentílico reinando sobre uma sociedade bárbara, que, assimilada às outras nações africanas, deixava de suportar a comparação com a sociedade ocidental.»¹⁶¹⁶.

Contudo, embora o Imperador perca os seus traços de *Preste João* na época de Pais, é ainda um aliado admirado e persiste a esperança na conversão. Mas a desconstrução da lenda está concretizada: riqueza, polícia e grandeza não são atributos deste reino e como anota o P. Pais, «O mais a q chegou a *policia e grandeza* do Emperador foi fazer hua casa sobradada, mas *bem triste e alheia de pessoa Imperial.*»¹⁶¹⁷

Mas presos ao encanto da fábula alguns autores são levados a descrerem da sua identificação com o *Preste*, remetendo-o novamente para um local impreciso e mítico, ainda por descobrir. Assim e avançando um pouco para além das balizas cronológicas do nosso trabalho, referiremos que na senda de Pais, também Manuel d’Almeida defende a mesma ideia, sendo o verdadeiro Preste um rei indiano nestoriano¹⁶¹⁸. Baltazar Teles reforça a ideia da inexistência do *Preste* na Etiópia¹⁶¹⁹ assim como o P. Jerónimo Lobo¹⁶²⁰.

¹⁶¹⁴ *Ibd.*, Vol. II, p. 119

¹⁶¹⁵ Manuel João Ramos, *Ensaio de Mitologia Cristã- o Preste João e a reversibilidade simbólica*, pp. 117-183 e p. 181

¹⁶¹⁶ *Idem*, «O destino etíope do Preste João...»in, *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens*, p. 247

¹⁶¹⁷ Pais, Vol. I, p. 287

¹⁶¹⁸ *Vide*, Manuel João Ramos, *op. cit.*, p. 177

¹⁶¹⁹ «(...)hoje clara e evidentemente nos consta por via dos portugueses, que depois lá entraram, e por via dos nossos religiosos da Companhia, que quase aos palmos mediram toda esta Etiópia, correndo-a de popa a proa, que não acharam lá nem rastros de tão santos títulos e de nomes tão celebrados; e a esta verdade ninguém nesta Eiópia põe em dúvida alguma, porque não sabem que tal nome tenha o seu imperador (...)», Baltazar Teles, *História Geral da Etiópia, a Alta*, Livro I, Cap. I, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p. 12

¹⁶²⁰ «Este he o Imperio a que vulgarmente chamão Preste João das Índias, com erro porem ocasionando perder-se a memoria do antigo e verdadeiro com sua monarquia. (...) Seu proprio nome he do Imperio Abexi ou Abassia porque com este he mais conhecido.», Jerónimo Lobo, *op. cit.*, p. 347

Num dos manuscritos da Royal Society, «Breve relação do Rio Nilo... » (c. 1666/1668), este último autor afirma: «(...) só digo que os que vivemos annos em Ethiopia conhecemos ser mera fabula tudo o que na materia se dis porque jamais Principe deste imperio teve tal nome, nem em todo elle se conhece tal vocabulo.»¹⁶²¹. A lenda do *Preste*, afinal nunca identificado, perdera-se nos confins de um espaço geográfico nunca alcançado¹⁶²² e na memória: «He cousa certa, segundo os Autores escrevem, aver hum Principe Christaam no Oriente conhecido na Azia, poderoso em terras, riquezas e vassalos, christam de profissão (...) »¹⁶²³, no entanto «(...) he tambem certo que não há já tal Principe cuja memoria se perdeo á muitas centenas de annos, e por isso se nam pode atinar a que parte caia seu imperio.»¹⁶²⁴.

O *Preste* é um sonho definitivamente perdido; o “verdadeiro” novamente deslocado para a Ásia, está irremediavelmente perdido, «(...) e como delle não haja já mais que o nome, tudo o mais consumio o tempo, como costuma.»¹⁶²⁵. Assim se em Álvares ainda encontramos uma tentativa de percepção dos reflexos do suposto domínio de um soberano miticamente poderoso. Em Pais assistimos a um afastamento do mito. Este Imperador não é poderoso, nem possuidor de riquezas, e tem dificuldades em assegurar o controlo da totalidade do seu território. Confronta-se com graves questões internas e externas e a modéstia dos seus recursos é evidente.

Mas enquanto para Francisco Álvares, decepcionado ou não, este monarca será sempre o *Preste João*, Pêro Pais desvincula o Imperador abexim do mito afirmando: «(...) ficou sempre o Emperador da Ethiopia cõ o nome de Preste João, *não o sendo*, senão o Emperador do Catayio(...)»¹⁶²⁶.

3.1- Dos Propósitos e Estratégias

¹⁶²¹ *Idem*, « Breve Relação do Rio Nilo»- Manuscritos da Royal Society *in*, *Itinerário e outros escritos inéditos*, p.691

¹⁶²² «Que o Imperador da Abassia não seia o antigo Preste João he cousa certa, porque o que antigamente assi se appellidava nem noticia há delle agora, e também porque este Principe (...) era conhesido em Azia (...) e o Imperador da Abassia tem o seu Imperio em Africa, parte distinta e apartada (...), e assi não há duvida não lhe competir com propriedade o appellido de Preste João.», *idem*, «Breve Notícia e Relação de algumas Cousas Novas Curiosas certas nam Vulgares, e Dignas de se saberem Escritas e Instancia de Curiosos»- Manuscrito da Biblioteca da Ajuda *ibid.*, p.786

¹⁶²³ *Ibid.*, p. 786

¹⁶²⁴ *Idem*, « Breve Relação do Rio Nilo » - Manuscritos da Royal Society *in*, *Ibi.*, p. 690

¹⁶²⁵ *Idem*, « Breve Notícia e Relação de algumas Cousas Novas Curiosas certas nam Vulgares, e Dignas de se saberem Escritas e Instancia de Curiosos»- Manuscrito da Biblioteca da Ajuda , *ibid.*, p. 786

¹⁶²⁶ Pais, Vol I, pp. 64-65

À reunião e descrição dos aspectos seleccionados, preside uma intencionalidade autoral, pois como defende Ana Paula Avelar, no que à cronística da Expansão diz respeito, «(...) o propósito autoral enforma o discurso, condicionando a expressão dessa realidade (...)»¹⁶²⁷, obedecendo também estas obras a uma estratégia de implantação da presença portuguesa, quer a nível político, quer religioso, ou ambos num determinado espaço e contexto da Expansão portuguesa.

No caso do P. Francisco Álvares e da *Verdadeira Informação...* (c. 1520), estamos numa época de afirmação do Império português do Oriente, «(...) num momento em que a *Conquista* é algo que constantemente atravessa o quotidiano dos portugueses de Quinhentos; em que o poder se afirma pela permanência noutros espaços e pelo fortalecimento das posições estratégicas conseguidas; em que as constantes notícias de ameaça dos turcos à presença portuguesa eram motivos de sobressalto (...)»¹⁶²⁸. Neste caso específico parte-se em busca de um aliado cristão e poderoso, numa perspectiva de constante tentativa de reconhecimento de traços comuns, mais precisamente de um passado cristão comum e essa prefiguração concretiza-se no valioso presente enviado por D. Manuel I ao *Preste* pelo primeiro embaixador designado, Duarte Galvão¹⁶²⁹.

Quando o envio da embaixada portuguesa efectivamente se concretiza no espaço etíope, verifica-se uma espécie de escrutínio mútuo: a indagação do grau de desenvolvimento e características da sociedade etíope e a possibilidade de alianças com base na partilha de um credo comum por parte dos portugueses; por parte de, pelo menos, uma facção etíope, verifica-se a hipótese de apoio militar dentro da estratégia expansionista do Império português, conscientes da superioridade tecnológica do seu armamento¹⁶³⁰ e averiguação do seu efectivo poderio, além do seu posicionamento no concerto das nações europeias. No entanto o monarca etíope não descarta a ajuda e cooperação na erecção de fortalezas portuguesas e sua manutenção, e em acções

¹⁶²⁷ Ana Paula Avelar, *op. cit.*, p. 189

¹⁶²⁸ *Ibd.*, p. 186

¹⁶²⁹ *Vide*, Cap. I do presente trabalho

¹⁶³⁰ Verificam-se constantes pedidos de armas portuguesas ao longo da narrativa, exemplificada na resposta que D. Rodrigo de Lima dá ao monarca etíope, quando uma vez mais questionado sobre o presente do rei português: «Foi-lhe resposta que el- Rei de Portugal lhe mandava por Durte Galvão muitas infindas armas entre as quais vinham cobertas de cavalo tôdas de aço e que estavam na Índia e que el- Rei lhe mandaria quantas quisesse.», Álvares, *op. cit.*, p. 210

militares contra os mouros «(...) nestas partes do Mar Roxo até à Casa Santa.»¹⁶³¹. De facto por várias vezes o *Preste* e outros dignitários, como o *Abuná* manifestam o desejo de que os portugueses erigissem fortalezas em *Maçuá* e *Suaquém* ou de preferência em *Zeila*, antes que os *Rumes*, aludindo provavelmente às tropas turcas, tomassem a iniciativa, o que seria a sua destruição e dos portugueses. Para tal providenciaria abastecimentos e homens¹⁶³².

Contudo, o monarca abexim ao obter a tradução do mapa-múndi que lhe fora enviado pelo governador Diogo Lopes de Sequeira, denota a pequenez dos territórios portugueses e interroga-se sobre a sua capacidade em conter o inimigo muçulmano¹⁶³³. O embaixador responde enformando uma imagem do Portugal *imperial*, forte, influente e poderoso¹⁶³⁴, no elenco das nações, ressaltando a relatividade das representações geográficas: os locais bem conhecidos na Europa, todos são pequenos, enquanto a terra do *Preste*, conquanto desconhecida, era representada em grande, mas não tinha cidades e vilas, sinal de riqueza e desenvolvimento.

Esta preocupação na efectiva dimensão do poder português já havia transparecido numa anterior entrevista, na qual o Imperador se preocupa com as dimensões dos exércitos mameluco e turco e sua comparação com as forças portuguesas¹⁶³⁵; é-lhe respondido, dentro de igual lógica de imagem imperial e de engrandecimento da nação portuguesa, escorada na defesa e propagação da fé cristã, que «(...) os portugueses eram esforçados na Fé de Jesus Cristo não tinham medo aos mouros e que se medo houvessem não vieram de tão longe e sem necessidade buscá-los(...)»¹⁶³⁶.

¹⁶³¹ *Ibd.*, p. 286

¹⁶³² *Ibd.*, pp. 215/216 ; « (...) que viria o Capitão-mor a Maçuá e que lhe mandaria recado e, então, nós iríamos e que fariam fortaleza em Maçuá e em Suaquém e em Zeila, que ele mandaria todos os mantimentos necessários, porque os rumes eram muitos e nós poucos, e, além disto, tendo fortaleza no mar Roxo se poderia muito bem fazer caminho para irem a Jerusalém.», *ibid.*, p. 196; noutra entrevista o monarca etíope declara ainda declara que quando os portugueses tomassem Zeila, ele se juntaria lá, indo por terra. No entanto havia um problema por resolver: a falta de água para o caminho. Os portugueses, respondem que estão habituados a gerir a água nas longas viagens marítimas e a solução seria levar camelos carregados de água., *Vide, ibid.*, p. 209

¹⁶³³ «(...) que não abastaria el – Rei de Portugal para defender o mar Roxo ao poder dos turcos e rumes e que seria bom escrever a el-rei de Espanha que mandasse fazer fortaleza em Zeila e el-Rei de Portugal mandaria fazer em Maçuá e el-Rei de França mandasse fazer Suaquém e todos três com as gentes dele Preste, poderiam guardar o mar Roxo e tomar Judá e Meca e o Cairo e a Casa Santa (...)», *ibid.*, pp. 321/322

¹⁶³⁴ «(...) el – Rei de Portugal por seus capitães era poderoso para defender e guardar o mar Roxo, a todo o poder do gram Soldão e do gram Turco e os guerrear até à Casa Santa e que outras maiores conquistas trazia nas partes de África com el – Rei de Fez e de Marrocos (...), subjugando tôdas as Índias (...)», *Ibd.*, pp. 322/323

¹⁶³⁵ «O primeiro recado que veio foi: quantos éramos e quantas espingardas trazíamos (...) quem ensinara aos mouros a fazer bombardas e espingardas e se tiravam com elas aos portugueses e os portugueses a eles e quais haviam mor medo(...)», *ibid.*, p. 195

¹⁶³⁶ *Ibd.*, p. 195

Há nos discursos da embaixada reproduzidos por Francisco Álvares uma constante valoração dos portugueses como aliados desejáveis e súbditos de um rei poderoso e rico¹⁶³⁷, empenhados na sua missão e cientes da sua dignidade.

Não deixa de ser curiosa a valoração transmitida pelo autor sobre os mouros e seu armamento: «(...) quanto ao fazer das espingardas e bombardas(...) os mouros eram homens e tinham saber e engenho como quaisquer outros.»¹⁶³⁸; em relação questão do conhecimento do fabrico de bombardas pelos turcos, o embaixador respondeu que «(...) os turcos eram homens e tinham engenho e saber de homens em todo perfeito, salvo na Fé.»¹⁶³⁹ Podemos questionarmo-nos se este *saber e engenho* corresponderia a uma justificação de uma equidade tecnológica bélica ou a uma valorização indirecta dos portugueses face a inimigos poderosos.

Esta intencionalidade de aliança com o rei português está patente no traslado das cartas enviadas pelo Imperador abexim a D. Manuel I, entretanto falecido, e a seu herdeiro, D. João III, provavelmente com influência portuguesa na redacção¹⁶⁴⁰. Estas sublinham o isolamento do reino cristão etíope¹⁶⁴¹ e o desejo de vencer o Islão, sendo os seus crentes agora considerado como *sujos filhos de Mafamede*, que conjuntamente com os povos pagãos são encarados como inimigos comuns¹⁶⁴²; a sua intenção de obediência a Roma¹⁶⁴³; a disponibilidade para uma aliança¹⁶⁴⁴; e a necessidade dos

¹⁶³⁷ Nas imagens transmitidas da nação portuguesa e de seu rei está sempre patente uma noção de superioridade: seja a propósito dos templos: «Foi nossa resposta que aquela igreja era muito boa (...), mas, que as nossas igrejas eram de abóbadas de pedra e as que eram de madeira, a madeira era coberta de ouro e azul e os esteios eram de grandes mármores e doutras cousas louças e riquezas. Respondeu que êle bem sabia que as nossas cousas eram ricas, grandes e perfeitas, porque tínhamos bons mestres.», *ibid.*, p. 241; seja a propósito das deslocações reais: inquirindo o Imperador sobre os sombreiros do rei de Portugal, respondeu-lhe o P. «(...) que el-Rei de Portugal não trazia sombreiros de pé, (...) e querendo repousar quando caminhava, tinha e tem muitos paços e grandes casas e sombras e jardins em que se repousava com muitas infindas gentilezas, que escusam os sombreiros(...)», *ibid.*, p. 242; seja a propósito da prisão dos senhores: P.e Francisco encontra o desditoso Betudete no caminho, «(...) acompanhado de quinze fidalgos de mulas (...). E a prisão que levava era uma cadeinha muito delgada de uma braça de comprido, assim como cadeia de prender câis e uma pequena e delgada argola no colo do braço e êle levava a mesma cadeia na mão e os que o acompanhavam todos eram guardas.» perguntando o antigo oficial da corte ao padre sobre aquela forma de justiça, este responde «(...)na minha terra os grandes senhores se eram presos por cousas leves ou menencoria del-rei suas pousadas lhes davam por prisão e se eram por cousas grandes, que eram presos em grandes castelos e prisões.», *ibid.*, p. 336

¹⁶³⁸ *Ibid.*, p. 195

¹⁶³⁹ *Ibid.*

¹⁶⁴⁰ *Vide*, Cap. II do presente trabalho

¹⁶⁴¹ «(...) ora vós sois perto de mim e dantes todos eram pagãos e mouros, (...) e outros que fazem reverência a paus e ao fogo e outros ao sol e outros às serpentes(...)», «Do traslado da carta del-Rei D. Manuel que lhe enviava o Preste» *in, ibid.*, p. 406; «(...) para arrancarmos e tirarmos os malvados mouros, judeus e gentios dentre os seus reinos e os meus.», «Do traslado da carta do Preste para el-Rei D. João Nosso Senhor» *in, ibid.* p. 410

¹⁶⁴² «(...) enviai sempre vossas embaixadas que muito desejo comp de Irmão (...) pois somos cristãos que os mouros que são sujos e maus se concertam em sua seita e agora não quero embaixadores dos reis do Egipto, nem doutros reis (...) porque os reis mouros não me têm por amigo por amor da Fé, senão por amor de seus tratos e mercadorias (...)», «Do traslado da carta do Preste para el-Rei D. João Nosso Senhor» *in, ibid.*, pp. 411/412

¹⁶⁴³ «(...)mando o Padre Francisco Álvares ao Papa com a minha obediência que é cousa direita para mim.» «Do traslado da carta del-Rei D. Manuel que lhe enviava o Preste» *in, ibid.*, p. 408

¹⁶⁴⁴ «Eu sou contente que se assente aí vosso povo nos cabos das minhas terras(...)», «Do traslado da carta del-Rei D. Manuel que lhe enviava o Preste» *in, ibid.*, p. 409; «Eu tenho homens, ouro e mantimentos como as areias do

conhecimentos de artesãos portugueses, que desenvolvam as capacidades tecnológicas reduzidas da sociedade abexim¹⁶⁴⁵. De facto, estas missivas parecem constituir, além de uma súmula de objectivos, uma apreciação sobre as carências políticas e tecnológicas da sociedade etíope¹⁶⁴⁶.

Já o contexto que cerca a obra do P. Pêro Pais e sua *Historia de Etiópia*, aproximadamente um século depois diz respeito à necessidade de redução da Etiópia ao catolicismo. Se no contexto do P. Álvares existe um clima de abertura recíproco ou «(...) uma forte vontade de estabelecer pontes e limar divergências.»¹⁶⁴⁷, na época de Pais a relativa compreensão e aceitação das realidades locais fora substituída por uma distanciação entre as duas sociedades baseada no sistema de crenças religiosas que «(...) congrega a dimensão do *ser* e do *dever ser*. Pela religião passam as possibilidades de relacionamento proveitoso com os Africanos(...)»¹⁶⁴⁸.

A propagação do catolicismo através de uma acção pedagógica, que “encaminhasse “ os heréticos, beneficiando da sua irradiação a partir da corte é, de facto, o propósito do pequeno grupo de missionários jesuítas. Da instabilidade coeva que sofre a coroa etíope tanto a nível externo como interno, do apoio que sempre gozou do contingente católico português, descendente dos homens de armas que haviam acompanhado D. Cristóvão da Gama, no século anterior e do vislumbre de um hipotético apoiou político/militar português ou europeu, parece ter nascido o acolhimento positivo dos missionários católicos da Companhia de Jesus na corte. Os três imperadores que Pais conhece parecem favorecer os missionários. Inicialmente *Za Denguël*, cuja conversão e morte em batalha é considerado um duro revés para a missão católica. Política esta retomada pelo seu sucessor, *Suzeneôs/Seltan Çaguêd* e que leva Pais a congratular-se no início da década de vinte de Seiscentos, «(...) tudo quanto atee agora se lhes deu escrito está bem recebido, pella misericórdia do Senhor, q quasi todos louvão e engrandecem tanto esta doutrina, q dizem q não pode ser senão q o Sp.tº S.tº lha ditou a aquelles padres;(...)»¹⁶⁴⁹.

mar e as estrelas do céu, nós ambos juntos destruiremos toda a mourisma, nem de vós quero senão gentes que ordenem e armem as nossas (...)», « Do traslado da carta do Preste para el- Rei D. João Nosso Senhor» in, *ibid.*, p. 413

¹⁶⁴⁵ «(...) quero eu que vós me mandeis homens oficiais de fazer imagens e livros de molde e de fazer espadas e armas (...) e assim de pedreiros e carpinteiros e homens que façam mezinhas e físicos e crurgiões (...) e assim oficiais para bater ouro e assentá-lo e ourives (...) e homens que saibam tirar ouro e prata de veias e assim cobre e homens que façam telha de chumbo e de barro (...) e assim mestres de espingardas.», « Do traslado da carta do Preste para el- Rei D. João Nosso Senhor» in, *ibid.*, p. 413

¹⁶⁴⁶ Vide, Francisco Bethencourt, «O Contacto entre Povos e Civilizações» in, *op. cit.*, p. 98

¹⁶⁴⁷ *Ibid.*, p. 97

¹⁶⁴⁸ José da Silva Horta, *op. cit.*, p. 278

¹⁶⁴⁹ Pais, Vol I, p. 194

A questão do apoio português é retomada com este suserano, em conjunção com a questão da conversão ao catolicismo e obediência ao Papa¹⁶⁵⁰. Nas cartas trocadas, entre 1609 e 1618, são recorrentes os seguintes tópicos: do lado do Imperador abexim a adesão ao catolicismo depende do envio de ajuda militar portuguesa, que deveria vir da Índia e desalojar as forças turcas de *Maçuá* e de outros portos que por sua vez ocupariam e a partir dos quais receberiam assistência abexim¹⁶⁵¹; o Papa congratula-se com a disposição do Imperador em abraçar a fé católica, promete a sua intervenção junto de Filipe III e incita o envio de um embaixador para formalizar a obediência do Imperador; o rei, por sua vez, felicita-se com as intenções do monarca etíope e recomenda a protecção aos missionários e população católica, mas quanto à ajuda militar, escusa-se detrás de declarações vagas de boa vontade, desculpando-se com a situação na Índia¹⁶⁵².

Durante este diálogo, a missão jesuíta encontra grande apoio material por parte do poder imperial: *Za Denguîl* atribui-lhes terras no valor de três mil cruzados, no caminho entre *Dambiâ* e *Tigré*, mas sendo pertença da imperatriz velha, Pais não as aceitou; de qualquer forma o Imperador ofereceu-lhe uma quantia em ouro e abastecimento de trigo¹⁶⁵³. *Suzeneôs/Seltan Çaguêd*, por sua vez passando pela residência de *Fremona*: «(...) deu nos peso de trezentos cruzados em ouro(...) e as terras q antes tínhamos nos acrescentou outras muito maiores, q se continuavão cõ ellas.»¹⁶⁵⁴ O mesmo Imperador atribuirá igualmente novas terras à missão católica perto da sua corte em *Dambiâ*, «(...) m.to seguras de mantim.tos, lenha e Erva pêra os gados, q cõ dificuldade se acha em Dambiâ, e a roda está a mor parte dos Portugueses; e atee a Corte será m.a legoa(...)»¹⁶⁵⁵. Também no *Tigrê* os jesuítas verão as suas propriedades

¹⁶⁵⁰ «(...)hu dia estando soos, nos disse q determinava escrever a ElRey Phelippe pedindo-lhe quisesse mandar a alguns Portugueses, como fizerão antigamente os Reis de Portugal(...)Respondemos q S. Magestade pretendia pôr em execução o q seus antepassados desejavão e prometerão sobre a redução deste Imperio a santa Igreja romana nos parecia q virião; mas q era necessario escrever tambem ao Sumo Pontifice e ao VisoRey da India(...)» *Ibd.*, Vol. III, pp.167/168

¹⁶⁵¹ «A Causa porq diz q em nenhuma maneira podia dar publicamente obediencia a S.ta Igreja romana era, porq arreceava q não tendo gente d'armas de quem se pudesse fiar e resistir aos q contradizião, arreceava algua treição, ou motim q não pudesse apaziguar(...)», *Ibd.*, p.198

¹⁶⁵² «(...)quanto ao socorro q me pedis q vos invie(...), presente vos deve ser qual he a vontade cõ q vola mandara dar pera se conseguir tão s.ta obra(...), se a India não estivera tão çercada de inimigos naturais e estrangeiros cõ quem a guerra actualmente esta rota q não he possivel dividiremse por hora as forças delle.», Cópia de uma carta de Filipe III para o Imperador, datada de Lisboa, 10 de Março de 1617, transcrita por Pais, *Ibd.*, p.243

¹⁶⁵³ *Vide, Ibd.*, pp. 44/46

¹⁶⁵⁴ *Ibd.*, Vol. I, p. 121

¹⁶⁵⁵ *Ibd.*, Vol. III, p. 160; Pais refere ainda a plena posse das terras, a pedido do padre: «(...) desejávamos nos fizesse merçe de q fosse perpetuo, pêra não andar passandeo de hua parte a outra. Respondeo q de mui boa vontade; cousa q mui difficultosam.te concedem(...)», *Ibd.*, p. 164

acrescentadas e de pleno direito¹⁶⁵⁶. A madeira de cedro para a erecção da primeira igreja católica, em *Dambiã* foi oferta do Imperador; este e seu irmão dotaram a Igreja com a melhor alcatifa e ouro para ornamentos «(...) e determina em outro melhor sítio fazer hua grande pella traça desta(...)»¹⁶⁵⁷; os jesuítas são também privilegiados na escolha de um espaço na nova capital que o Imperador pretende erigir¹⁶⁵⁸.

Os êxitos da missionação do P. Pais e o favor do Imperador, a despeito da oposição existente, parecem consubstanciar a justeza e verdade do credo católico e a supremacia da nação portuguesa, cujo valor se confunde com o do catolicismo e com a acção da própria missão. Desta forma Pais declara no início da sua obra: «(...)nação tão catholica como a Portuguesa, de quem ainda os mouros, e Turcos, com serem tão grandes seus inimigos, affirmão (...) q não ha nação mais fiel e verdadeira(...)»¹⁶⁵⁹. A defesa da Companhia de Jesus e da sua abnegação no cumprimento da missão proselitista, mesclam-se com as considerações sobre a nação portuguesa, e a sua acção de descoberta com a possibilidade de expansão da fé¹⁶⁶⁰.

Pelo contrário os arqui-inimigos mouros, «(...) nunca guardam fidelidade ne palavra cõ os Christãos(...)»¹⁶⁶¹, enquanto os Turcos são apodados de desumanos e crueis¹⁶⁶²; todavia, Pais também afirma que estes, numa oposição irreductível de pontos de vista religiosos e civilizacionais, «(...) nos tem a todos por homens sem ley, ne conhecimento de Deos.»¹⁶⁶³

De igual modo as considerações da população local sobre os missionários da Companhia de Jesus, ainda segundo Pais, nos dão uma imagem positiva de generosidade cristã, pois seria voz corrente na corte que os jesuítas «(...) a todos fazem bem, ainda aos q lhes fazem mal.»¹⁶⁶⁴, e de civilidade, como se depreende das

¹⁶⁵⁶ «(...)perguntou se as q tínhamos em Tigre erã boas; respondemos q mui pequenas (...) q cõ as lavrarem nossos escravos, não nos bastava o mantim.to pêra comer, e assi acreçentou outras q se continuavão cõ ellas, e disse q fossem também perpetuas(...)», *Ibd.*, p. 167

¹⁶⁵⁷ *Vide, Ibd.*, Vol. II, p. 132/133

¹⁶⁵⁸ «(...)me disse q fosse primeiro e tomasse a minha vontade onde melhor me parecesse, q não foi pequeno privilegio, assi por não se fazer, nem a sua mãy, como por terem os Portugueses obrigação de assentar a mão direita(...)», *Ibd.*, p. 166

¹⁶⁵⁹ «Prólogo...» in, *Ibd.*, p. 10

¹⁶⁶⁰ Pais discorre sobre este tema na seguinte passagem:« (...) as obras da mesma nação estão mostrando bem ao mundo (...) q se ha gente mais desapegada de sua pátria, e q menos caso faça de climas estranhos a sua natureza he a Portuguesa. Porq q nação cometeo senão a portuguesa navegaçoens tão compridas, tam árduas, e difficultosas sem serem descobertas por mares, e climas tão differentes dos seus?Q gente descobrio terras tão remotas, e afastadas das suas? Quem abrandou e domesticou mais barbaras, e incógnitas naçoens q os Portugueses? E com sua assistência, exemplo e doutrina seduzirão m.tas dellas a nossa S.ta fee Catholica.», *ibid.*, Vol. II, pp. 275/276

¹⁶⁶¹ *Ibd.*, Vol. II, p. 340

¹⁶⁶² *Vide, Ibd.*, p. 292

¹⁶⁶³ *Ibd.*, Vol. I, p. 153

¹⁶⁶⁴ *Ibd.*, Vol. III, p. 70

afirmações da rainha mãe a propósito da recusa de Pais em tomar as suas terras que lhe haviam sido oferecidas pelo Imperador, consubstanciando o elogio dos missionários/católicos/portugueses: «Não se pode negar (...) q entre esta gente não esteja todo primor, *e policia* do mundo.»¹⁶⁶⁵

CONCLUSÃO

Vi as águas os cabos vi as ilhas/
E o longo baloiçar dos coqueirais/
Vi lagunas azuis como safiras/
Rápidas aves furtivos animais/
Vi prodígios espantos maravilhas/
Vi homens nus bailando nos areais/(...)
Só do Preste João não vi sinais/

¹⁶⁶⁵ *Ibd.*, p. 56

As ordens que levava não cumpri/
E assim contando tudo quanto vi/
Não sei se tudo errei ou descobri,

Sophia de Mello Breyner Andresen, Deriva VIII

Terminamos esta nossa jornada à Etiópia do século XVI e XVII, através das obras do P. Francisco Álvares, datada da primeira metade de quinhentos, momento chave no estabelecimento de relações entre a Europa e essa região e de descoberta mútua, e do padre jesuíta, Pêro Pais, redigida na primeira metade de seiscentos, que marcará o zénite da influência dos missionários inicianos nessas paragens e da abertura e conhecimento dessa região africana, que em breve se encerrará à influência europeia.

Procurámos delimitar, nesta nossa análise da *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*, de Francisco Álvares e da *Historia de Etiópia*, de Pêro Pais, os diferentes temas e tópicos que marcam a sua descrição das terras etíopes, onde ambos longamente estanciaram, tentando captar o “retrato” feito desta região e sociedade, segundo o *olhar* específico de cada autor e seu contexto epocal.

Contudo, principiámos por inserir a produção de ambas as obras no seio da informação e produção escrita sobre o tema, assim como contextualizá-las do ponto de vista cultural e político. Como esta região se encontra indelevelmente marcada nos escritos portugueses pelo mito medievo do *Preste João*, veiculado na famosa e fabulosa *Carta....*, recuámos às suas prováveis ou possíveis origens e às diversas tentativas de localização geográfica. No final da Idade Média, a identificação desse reino cristaliza-se, para os governantes, navegadores e viajantes portugueses, numa região do continente africano, para finalmente ser identificado com reino cristão copta da Abissínia. Por sua vez este enceta os primeiros contactos com a Cristandade ocidental.

Na conjuntura da política expansionista manuelina e da chegada do embaixador etíope Mateus, constroí-se a ideia do envio de uma embaixada ao reino do *Preste João*, que após várias atribulações, alcança o território etíope. Dela resultará a obra de Francisco Álvares. As *verdadeiras informações* que traz para o reino e para a Europa, abrem uma época de divulgação de notícias sobre essas paragens, notícias essas irrevogavelmente afastadas do tom e conteúdo da velha *Carta...* Damião de Góis e o círculo humanista interessar-se-ão particularmente por esta temática, recolhendo informações junto de um novo embaixador etíope, *Zagazabo*. No rescaldo da embaixada da qual Álvares fez parte, João de Bermudes, também ele membro da

missão portuguesa, tendo permanecido na Etiópia onde conheceu um curioso percurso, edita uma *Breve Relação...*; Miguel de Castanhoso, um membro da expedição militar de auxílio, encabeçada por D.Cristovão da Gama, redige também uma *História ...* do feito militar.

As informações sobre a Etiópia estão presentes na cronística da expansão. João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Gaspar Correia e Diogo do Couto, todos eles, dedicarão capítulos às relações entre Portugal e a Etiópia.

Na segunda metade de Quinhentos assistimos à distribuição pelas várias zonas do Império Português de um novo tipo de personagens, cuja missão se liga tanto ao estado português como ao proselitismo católico da contra-reforma. Trata-se dos membros da Companhia de Jesus que, no dealbar do século XVII são os andarilhos do vasto império português, encarregues de descrever as suas incríveis viagens e estadias em reinos longínquos de estranhos, de diferentes costumes, proliferando as notícias de seu punho. Da época dos navegadores e marinheiros sulcando os mares, passáramos à época dos missionários que se internam nos territórios, passando rios, percorrendo selvas e trilhos de montanha, que tiveram o cuidado de descrever aos seus irmãos e ao mundo. O Império etíope será, também, um local de missão para os membros da Companhia e a partir da segunda metade do século XVI, as notícias dessa região advirão da sua correspondência, por vezes agrupada por regiões e publicada, como é o exemplo da selecção de cartas etíopes do P. Fernão Guerreiro.

Também nesta época, finais de Quinhentos e início de Seiscentos, vêm a lume certas obras produto de uma rivalidade na primazia missionária dos territórios do Império entre a Companhia de Jesus e ordens como a Dominicana. Neste contexto é publicada em Valência em 1610 a obra de Fr. Luís de Urreta, *Historia Ecclesiastica, Politica, natural y moral de los grandes y remotos Reynos de la Etiopia, Monarchia del Emperador llamado Preste Juan de las Índias*, e no ano seguinte *Historia de la sagrada Orden de los Predicadores, en los remotos Reynos de la Etiopia*, do mesmo autor. O desconhecimento da realidade etíope e a sua inserção numa corrente efabulatória, subsidiária da *Carta* e dos *Mirabilia* medievais, além comportar alegações que comprometiam a missão jesuíta nessas regiões, suscita uma necessidade de resposta das fileiras jesuítas. A mais completa refutação dessa obra é a *História...* de Pêro Pais, que concomitantemente elabora uma completa descrição das terras etíopes. Após Pais haverá outras relações sobre a terra e religião abissínicas por parte de outros membros da missão, já após a sua expulsão. No entanto a sua obra não publicada será a

matriz a partir da qual os jesuítas Manuel de Almeida e Baltasar Teles elaborarão as suas respectivas histórias da Etiópia. Pais, terá sido igualmente fonte para o *Itinerário*, do jesuíta, P. Jerónimo Lobo.

No ponto seguinte procedemos a um relato biográfico dos respectivos autores, socorrendo-nos tanto quanto possível do testemunho das suas obras. Além dos dados biográficos, tentámos vislumbrar a sua inserção na sociedade da época, a sua formação, a sua razão de escrever, o seu papel nas respectivas missões: diplomática e de reconhecimento político no caso de Álvares; no seio da militante Companhia de Jesus e do seu programa de evangelização universal, no caso de Pais.

Seguidamente empreendemos uma análise das obras, focando as razões, nem sempre muito claras, da sua génese e seus objectivos primeiros, que se confundem com conjunturas e estratégias políticas do projecto imperial da coroa portuguesa, no que a Álvares diz respeito; com as estratégias de implantação regional no processo de missionação da Companhia de Jesus, no que refere a Pais. Seguimos o seu trajecto editorial, não concretizado em ambos os casos em vida do autor, embora a obra de Álvares seja editada no século XVI, com tradução e difusão europeias; quanto a Pais, a sua obra permaneceu em manuscrito nos arquivos da Companhia de Jesus e apenas conheceu uma edição portuguesa em 1945. A sua primeira edição crítica foi lançada em Outubro de 2008.

Nesta análise, considerámos ainda a sua estrutura interna; algumas características da sua escrita e técnica descritiva e os objectivos que se deduzem do seu resultado final. Não obstante as diferenças que entre si patenteiam, decorrentes do espaço temporal que permeia a sua redacção, das diferentes intencionalidades que presidiram à sua concepção; das diferenças na estruturação, encadeamento narrativo e sistematização de assuntos, conseguimos encontrar alguns pontos em comum entre ambas, para além da descrição do mesmo espaço político e social.

Com efeito denota-se em ambas um carácter híbrido, marcado pela diversidade dos conteúdos: em Francisco Álvares encontramos a narração de um percurso, ou melhor um itinerário terrestre, aliado a uma componente descritiva da terra e sociedade etíopes; numa segunda e menor parte o autor narra-nos o regresso a Lisboa, numa viagem marítima e posteriormente o percurso até Coimbra e o encontro com a corte. Inclui ainda uma espécie de resumo das principais características da Etiópia, ou relatório feito pelo autor ao Arcebispo de Braga e provavelmente transcrito por outrem e editado com a obra.

A obra de Pais destinando-se a refutar a obra de Fr. Luís de Urreta, tem como ponto de partida uma polémica, resultando numa extensa obra histórica dividida em quatro Livros. Nesse intuito Pais leva a cabo, no seu Livro I, uma detalhada e sistemática descrição das terras, povos e sociedade abexim. No Livro II, o mesmo autor debruça-se longamente sobre a questão das diferenças religiosas. Enceta no Livro III uma história da missão inaciana na Etiópia, que continuará no Livro IV, versando este os trabalhos da missão desde a sua entrada em território da Abissínia. No decorrer deste historiar da missão católica e das suas relações com os vários monarcas, Pais proporciona-nos simultaneamente uma visão sobre a história dos imperadores etíopes, e insere ainda a sua própria experiência, relatando a sua primeira tentativa frustrada de alcançar a missão etíope e o seu penoso cativeiro no sul da Arábia, contando-nos as peripécias de uma viagem por mar e por terra, com uma precisão, nas referências aos tempo e espaço, que aproximam este pequeno relato de um diário de viagem e cativeiro. Relata-nos outrossim a sua segunda viagem da Índia até à missão em *Fremona*. Contém ainda outro pequeno relato de viagem, o périplo do P. António Fernandes e de um embaixador abexim, pelo sul do território, na tentativa gorada de encontrar uma passagem para o estabelecimento português de Melinde, na costa oriental de África

Desta forma, para além da heterogeneidade de conteúdos, ambas assumem características de relatos de viagens: em Álvares a narrativa estrutura-se em torno das deslocações que empreende. Da mesma forma Pais alude a numerosas viagens. Assim, é patente em ambos os autores um conhecimento do território etíope graças às numerosas deslocações no seu interior a que repetidamente aludem, possibilitando uma forte componente descritiva a nível natural e antropológico. Além do mais, ambos os autores são interlocutores privilegiados do poder político, estanciando na corte durante largos períodos e convivendo com o respectivo Imperador coevo; ambos estabelecem proximidade com os habitantes locais e se inteiram da sua herança cultural e tradições. Finalmente, a ambas preside uma preocupação na reposição da verdade e na veiculação de informação exacta sobre a Abissínia: se a *Verdadeira Informação...*, de Álvares pretende repor a verdade sobre o mito corrente na Europa, de igual modo a *Historia...*, de Pais almeja corrigir as informações sobre o império etíope presentes nas efabulações da obra de Urreta.

Comungam também de um estilo directo e simples, não raro assumindo um tom coloquial em que o autor interpela directamente o leitor, reproduz diálogos e assume

um tom pessoal, utilizando a primeira pessoa. Se o estilo de Pais é claramente despretensioso, o de Álvares é marcado pela espontaneidade e pela graça das expressões utilizadas.

Do mesmo modo, encontramos recursos descritivos análogos, dos quais os autores se socorreram para permitir uma “visualização” das informações patentes nas obras. De assinalar a importância da sinalização precisa do tempo e espaço; a importância da medida, da descrição precisa e quantificada, tanto quanto possível ou a recorrência à analogia com a realidade europeia para ilustrar de modo claro a nova realidade. Nesta última perspectiva de rigor se insere igualmente a importância das fontes utilizadas, quando a informação não decorre do visto e experienciado pelo autor. A experiência pessoal atesta a credibilidade e veracidade da narrativa, assim como o recurso a testemunhos tidos como credíveis, orais e escritos ou a inclusão de documentos e transcrição de fontes.

No terceiro ponto do nosso trabalho empreendemos a nossa viagem pela Etiópia seguindo o *olhar* de Francisco Álvares e de Pêro Pais, percorrendo os diferentes tópicos por eles sublinhados e por nós reagrupados. Simultaneamente procurámos aferir que tipo de imagem nos é transmitido sobre a terra e sociedade abexim coeva por ambos os autores, tendo em conta as suas próprias condicionantes culturais, sociais e epocais.

Acompanhámo-los, assim, num primeiro momento, na descrição do espaço natural. Aí destacámos as tentativas de configuração do espaço geográfico pelos autores, com a descrição dos senhorios do Imperador abexim e sua delimitação, coincidentes na verificação da territorialidade deste reino, centrando-se ambos os autores, com especial incidência em Álvares no reino de *Tigrê* na zona oriental. Pais assinala-nos, no entanto um recuo da corte para territórios interiores ocidentais, ao instalar-se, no que será seguida pela missão inaciana, na zona do lago *Dambiâ*.

Quanto à orografia etíope, a sua descrição confunde-se em Álvares com os percalços do caminho para a corte; em Pais estas referências são ocasionais, mas ambos concordam nas dificuldades dos caminhos e no carácter agreste do relevo da do maciço central da Abissínia. De igual forma é referido o clima, tentando-se explicar as variações climáticas e as diferentes características das estações em relação à Europa. Os recursos hidrográficos são meramente referidos em Álvares, mas amplamente descritos por Pais, , quanto às suas nascentes, cursos, fauna, paisagem circundante, recursos e locais de foz em capítulo específico.

Ambos os autores referenciam a flora silvestre e os produtos cultivados: Álvares refere cuidadosamente as espécies cultivadas e a paisagem agrícola nas regiões por onde passa; Pais tem uma abordagem mais geral, agrupando esta temática num capítulo sobre os recursos da terra. A fauna é amplamente comentada em ambas as obras: novamente Álvares insere as suas referências no contexto do percurso, mas Pais dedica-lhe vários capítulos especificando os animais domesticados e os bravios, as aves, as pragas e a fauna dos rios. Para além das muitas alusões à produção pecuária, é a descrição das espécies selvagens que predomina em ambas as obras e, se em Álvares esta é motivo de surpresa pelo número (símios) ou perigosidade (os alegados tigres), Pais deixa-se fascinar por algumas espécies pouco conhecidas no Ocidente, descrevendo de forma impressionista a girafa e a zebra, e o comportamento agressivo do portentoso hipopótamo. Também os recursos minerais, nomeadamente a existência de ouro e prata são anotados. Na consideração pragmática do espaço natural, o que ressalta à vista dos nossos autores é a incapacidade de pleno aproveitamento dos recursos agrícolas, cinegéticos e minerais postos ao dispor dos habitantes da Etiópia

Num segundo momento observámos a caracterização do espaço humano e social levada a cabo pelos autores. Ambos evidenciam o aspecto físico dos habitantes, anotando cuidadosamente as gradações do tom da pele e feições, assim como o vestuário e adornos das diferentes classes sociais com especial minúcia, especialmente por parte de Pais, sendo denotada em relação ao povo a exiguidade das vestes, que roçaria a falta de pudor, especialmente nas mulheres jovens. As suas feições e modos dos seus habitantes são apreciados, e embora de cor negra, são colocados num patamar superior ao de outros habitantes do continente africano, os *cafres*, *pretos* e *gentios*, noções que comportam uma valoração negativa, na sequência da noção medieval que liga a negritude ao mal. Os autores dão-nos ainda vários indícios da natureza do povo abexim, como a sua contenção e cortesia, impassibilidade e conformismo, a brandura e piedade, contraposta pela tendência de fuga à verdade e exagero.

Álvares e Pais transmitem-nos igualmente os usos e costumes desta sociedade, quer no que diz respeito às formas de cortesia e sociabilidade, nomeadamente os hábitos alimentares e a estranheza sentida pelos portugueses face às práticas culinárias abexins como por exemplo o consumo de carne crua, ou o fabrico do pão.

Os hábitos matrimoniais são anotados com certo escândalo, uma vez que contemplam a existência de poligamia e a frequência e facilidade do divórcio. São também relatados as cerimónias de baptismo, práticas funerárias e as formas de luto.

Relativamente ao espaço construído, no que à habitação civil diz respeito as informações são esparsas e sintéticas, certamente devido à sua simplicidade, insipiência das técnicas de construção e precariedade dos materiais. Por outro lado ambos sublinham a inexistência de uma verdadeira civilização urbana; existem lugares e pequenas aldeias, mas nenhuma grande cidade; como ressalta Pais as aglomerações urbanas estão estreitamente ligadas á presença do Imperador e da sua corte, que é basicamente itinerante. Embora denote a não existência de cidades à escala europeia, Álvares destaca alguns locais, o que não acontece com o missionário inaciano que sublinha o seu aspecto rudimentar.

Ambos deparam com antigos vestígios de civilizações existentes em *Aksum*, que são devidamente notados, mas a sua origem não consegue ser determinada. Outrossim são entusiasticamente descritas por Francisco Álvares algumas das Igrejas monolíticas de *Lalibêlâ*; Pais também as refere, embora com uma certa displicência, não as tendo visitado pessoalmente. São feitas alusões ao mobiliário, baixelas e outros objectos numa sociedade que privilegia a riqueza móvel.

As práticas de viagem e transportes nesta sociedade pautada pela mobilidade, apesar das penosas e perigosas vias ameaçadas por ladrões ou povos hostis, são mencionadas pelos dois autores.

A vida económica neste reino baseia-se essencialmente no cultivo maioritário de cereais e em menor escala de outras espécies hortícolas e frutícolas, assim como na produção pecuária. O comércio restringe-se a feiras locais onde se trocam produtos ou se utiliza o sal corre como medida de pagamento constatando-se a inexistência de uma economia monetária desenvolvida. Existe um comércio externo certamente de âmbito restrito assente na exportação de produtos agrícolas e importação de bens preciosos como os tapetes e tecidos da Arábia, Índia e Egipto, estes pagos em ouro. A insipiência artesanal etíope e má qualidade dos objectos é bastas vezes repetida.

Para estes dois autores que se inserem numa sociedade onde a cultura escrita se impõe, gradual, mas inexoravelmente, é curioso constatar a limitação da cultura livresca, onde o registo dos procedimentos (práticas judiciais; atribuição de terras, etc.) é inexistente e as práticas assentam na oralidade sublinhando-se a diminuta expressão da cultura escrita, além do desconhecimento da imprensa. Pais denota a mediocridade e limitação do ensino ministrado por frades eles próprios pouco instruídos, que não existe de forma organizada e a ignorância a nível científico ou na prática da medicina. De qualquer forma não deixam de consultar os velhos manuscritos existentes em *Aksum*,

repositórios das lendas fundadoras da sociedade etíope coeva a nível político, religioso e garante de uma identidade cultural, consubstanciando uma forte tradição histórica. Segundo a tradição etíope, Álvares e Pais relatam a lenda da viagem rainha de *Sabbá* e sua ligação com Salomão, rei de Judá e sua descendência como base da linhagem imperial; a conversão ao cristianismo da rainha *Candácia*; a história de *Frumêncio*, o primeiro patriarca da Etiópia e os «doze santos», vindos do Médio Oriente para a evangelização da terra. Breve apontamento é feito sobre as práticas assistenciais, quase inexistentes.

Quanto à organização política observa-se de igual forma, uma similaridade de tópicos descritos pelos dois autores. Pais transcreve listas que inventariam a linhagem etíope e a sua legitimação, que remonta a sua origem a Salomão, estabelecendo uma ligação simbólica coma tradição bíblica, como descendentes dos reis de Judá, cujo assento era Sião, o que justifica não só a sua presença no trono, como igualmente uma supremacia sobre os povos limítrofes. A sua titulação local, sem ligação com a ideia do mítico *Preste João* é devidamente assinalada.

Os oficiais da corte são identicamente referidos, embora de forma mais exaustiva e sistemática por Pais, assim como o cerimonial que rodeia a figura do Imperador, já liberto das antigas práticas de reclusão e visível aos seus súbditos em viagem, na igreja ou em cerimónias como a sagração de uma Igreja narrada por Álvares ou a sua coroação em *Aksum*, assistida e citada por Pais. Igualmente se alude às práticas sucessórias, onde a antiga eleição que provocava a necessidade de degredo para a *montanha dos Infantes* dos familiares em linha masculina, tende a ser substituída pela sucessão hereditária; ao matrimónio do Imperador e escolha da imperatriz. Em ambas as obras é descrita a corte itinerante ou arraial do Imperador, assim como o seu modo de deslocação em ambos os casos com grande pormenor, quanto à caracterização e disposição.

O poder efectivo do Imperador, a forma de governo local, os tributos e rendas que lhe são devidos e a posse precária dos senhorios face à autoridade imperial, são também destacados. Os exércitos e armamento, mencionados pelos dois autores, parecem ser igualmente pouco eficazes em ambas as épocas, face às ameaçadoras expedições dos reinos mouros limítrofes, avanço do poderio turco no Mar Vermelho e às terríveis incursões dos nómadas *Galâs*, que vindos do sul, assolam grande parte do Império, a partir de finais do século XVI.

A despeito do cerimonial de que o Imperador se rodeia perante Francisco Álvares, este detecta certos sinais de modéstia na corte assim como na vivência dos senhores que encontra a caminho da corte, modéstia esta confirmada por Pais. Com efeito, Álvares tenta aperceber-se de traços de grandeza na figura, corte, oficiais e senhores do reino que ele persiste em denominar do *Preste*; também se impressiona com a dimensão dos tributos por ele recebidos e recolhe histórias de tesouros escondidos, exemplos da autoridade que o monarca etíope detém sobre os senhores e a facilidade de reunião de consideráveis exércitos.

Pais, por seu lado, tendo assistido a uma época de grande instabilidade política interna, não esconde as dificuldades políticas do Imperador, face aos grandes senhores e invasores que pressionam as fronteiras. Salienta ainda a exiguidade dos recursos da coroa etíope e a fragilidade dos seus exércitos. Analisando a sua titulação local, Pais desvincula a imagem do Imperador do *Preste*, afirmando o desconhecimento abexim de tal figura e, embora essa denominação se tenha tornado habitual, Pais refere-se de uma forma geral ao monarca abexim como *Emperador* ao longo da sua *Historia*...

O exercício da justiça é meticulosamente registado pelos autores, referindo as práticas judiciais, os juízes, as penas, as formas de prisão.

A prática religiosa é motivo de grande curiosidade e análise por parte de Álvares e Pais. Este último, tendo usufruído da formação jesuíta em exegese das Escrituras e retórica, aprofunda o tema das diferenças e dissensões teológicas entre católicos e monofisistas, abordada em diversos debates patrocinados pelos Imperadores, apontando os erros fundamentais dos segundos em relação à ortodoxia católica: a questão da natureza una de Cristo, questão da procedência das almas e da altura de aplicação do castigo divino; negação do Purgatório; diferenças ou ausência dos sacramentos (baptismo, que é repetido no dia da Epifania; confissão pública; Eucaristia e a inexistência dos sacramentos da confirmação e da extrema unção). Os costumes de origem judaica, como a circuncisão, a observância do Sábado, interdições às mulheres e certos costumes alimentares, rigorosamente praticados pelos etíopes, são narrados pelos autores, assim como o brutal costume da excisão, que os dois autores referem não ser justificado pelas Escrituras

Ambos descreverão os ofícios e celebrações religiosas registando objectos litúrgicos, orações e até o fabrico de hóstias; referem as práticas penitenciais e o gosto pelo eremitismo e mencionam as festividades religiosas; reparam no aspecto físico e moral do clero secular e regular; aludem à hierarquia religiosa e à duvidosa ordenação

do clero, além da perturbação causada pela constatação da permissão de matrimónio do clero secular. Ao clero é censurado a sua falta de preparação e ignorância, além do desregramento moral, pela prática do casamento, mancebia ou abandono dos votos, conquanto Álvares louve a devoção e ambos os autores refiram o comportamento respeitoso da população durante os ofícios divinos.

Grande ênfase é posta na descrição de edifícios religiosos, que tanto um autor como outro pormenorizam, verificando-se a descrição de igrejas e mosteiros específicos, embora estas construções impressionem de forma mais positiva o clérigo quinhentista, a despeito do reconhecimento de algumas insuficiências técnicas na construção ou na decoração interior. Mas na época de Pais muitos dos templos estão em ruínas ou em decadência, assinalando o jesuíta a sua precariedade.

Por último, e já num processo conclusivo, tentámos estabelecer a existência ou não de uma transmutação de olhares desde o testemunho inicial de Álvares, até à exaustiva narrativa de Pais, cerca de um século mais tarde. Do nosso ponto de vista a matriz descritiva da sociedade e terra etíope, permanece idêntica em ambos os autores. Existe não só uma concordância na selecção de tópicos, mas igualmente no conteúdo da sua descrição e sua valoração. O texto de Álvares é uma das fontes consultadas por Pais, muitas vezes em concordância, e quando em discordância, o jesuíta encarrega-se de completar ou emendar o primeiro, valendo-se da experiência adquirida na sua vasta permanência naquelas terras, ou face a acontecimentos posteriores a Álvares.

Existe portanto uma convergência essencial na imagem que nos legaram do império abexim. Ou seja, transmitem-nos a visão de uma terra agreste e difícil, plena de vegetação silvestre e de animais selvagens. O reino tem um carácter interior e o monarca abexim vê-se acossado pelos povos limítrofes sejam os muçulmanos a Levante ou os nómadas gentios a Sul e Oeste. O seu nível de desenvolvimento é relativamente baixo, não existindo cidades, espaço ideal de civilização e sociabilidade para o europeu coevo, espaço de exercício da *policia*. O desenvolvimento económico é rudimentar, de base local e agrícola. Também a vida cultural é incipiente, sobrepondo-se a oralidade ao registo escrito, embora possuam uma forte e enraizada tradição histórica. Sendo inegavelmente cristãos, os seus habitantes não seguem a ortodoxia católica romana e mantêm certos costumes discutíveis ou condenáveis.

Mas a valoração das terras do *Preste João* não se pauta unicamente pela negatividade. A piedade e cortesia dos habitantes são apreciadas; a postura e dignidade do Imperador são louvadas por ambos os autores. Álvares deixa-se impressionar pelo

cerimonial da corte e por certas regiões cultivadas ou abundância de produção pecuária; Pais aprecia a beleza de certas espécies selvagens e deixa poéticas linhas sobre os pássaros em migração cobrindo o céu do lago de *Dambiâ*.

Consequentemente não constatámos uma divergência de visões ou imagens transmitidas pelos autores; podemos antes considerar que há uma superação de *olhares* entre Francisco Álvares e Pêro Pais relativamente a certos pontos como a questão religiosa e a figura, autoridade e riqueza do monarca.

Assiste-se, pois, nestas narrativas sobre o reino cristão da Etiópia, que consideramos fundadoras, pelo âmbito alargado da sua descrição de inúmeros aspectos da terra etíope e de seus habitantes; pela experiência prolongada dos respectivos autores no “terreno”, embora por diferentes motivos, em diferentes contextos e incumbidos de diferentes propósitos, a um progressivo afastamento de uma realidade mítica preconcebida. Este afastamento verifica-se num primeiro momento, na descrição prosaica e precisa da Abissínia feita *in loco* pelo P. Francisco Álvares. Um século mais tarde o missionário jesuíta P. Pêro Pais, também ele conhecedor presencial da realidade, “corta” na sua narrativa as ligações ao mito que poderiam ter ainda persistido. O fabuloso *Preste* e seu reino foram definitivamente relegados para outros horizontes; o *Preste* é agora essencialmente o *Imperador* e o seu reino afasta-se definitivamente das visões encantadas. A ele se sobrepõem o *Negus*, Imperador da Abissínia e a respectiva região africana que senhoreia, no final de um processo de reformulação da identidade, que parte de uma *alteridade* imaginada e construída, para a elaboração de uma *alteridade* vista e experienciada.

De facto, a lenda foi desconstruída pela verificação empírica dos nossos autores. Em lugar dela assinala-se e uma imagem da *alteridade* da terra etíope na qual o rei e o reino fabuloso foram substituídos por uma realidade prosaica, mas não menos causadora de espanto pela sua diversidade e diferença em relação à Europa.

Realidade esta, que revela uma sociedade que, apesar da antiguidade da sua civilização e tradições, e sobrepondo-se ao nível dos gentios *selvagens* do Brasil ou dos *cafres*, encontrados noutras zonas de África, também não se equipara às civilizações sofisticadas encontradas pelos portugueses a Oriente, plenas de riqueza e onde se denotam inúmeros traços de *polícia* e abundância. A Etiópia é modesta em riquezas materiais e no seu grau de desenvolvimento marcado pela *falta de engenho*, ficando a meio termo destes dois pólos de valoração civilizacional. Embora cristã, enferma de um defeito grave na Europa católica, defeito esse progressivamente agravado no decorrer

do século XVI, devido aos conflitos internos que dilaceram o *velho continente*: o seu cristianismo é inegavelmente *herético* e assim se mantém a maioria da população, não obstante a adopção do catolicismo pelo Imperador. Se existem sinais de esperança no combate à heresia, Pais sublinha profeticamente, as bases ainda muito frágeis sobre as quais o catolicismo assenta nestas terras, reforçando a ideia da necessidade e valor da pequena missão da Companhia de Jesus.

Num último momento assinalámos os propósitos e estratégias autorais que se espelham nestes escritos. De facto, Álvares parte para as terras etíopes ainda imbuído da tradição tardo medieval do mito do *Preste João* e percebe a realidade ainda sob a sua influência. A principal preocupação é o reencontro e aliança entre cristãos e embora Álvares se aperceba de diferenças entre a prática copta e a católica, a sua posição é optimista, procurando sinais de aceitação do catolicismo, encorajado pelo convívio tolerante e aceitação mútua, considerando as práticas religiosas abexins entre o louvor e crítica.

Pais, num diferente contexto e no desempenho de diferentes funções, fazendo parte das hostes evangelizadoras dos *Soldados de Deus*, aprofunda os conteúdos teológicos, subscrevendo a necessidade de imposição do catolicismo, para resgatar um cristianismo transviado. O jesuíta critica abertamente o conteúdo da fé e a devassidão e ignorância do clero, não conseguindo eximir-se a considerar a religião etíope como herética. A sua estratégia de «redução» do império etíope à verdadeira fé assenta no apoio do soberano. Este parece reciprocamente interessado no apoio ocidental. Efectivamente face à fragilidade da sua autoridade, diante de um território desmedido, de fronteiras instáveis e problemas internos, o apoio militar português torna-se um esteio da monarquia abexim desde a expedição de D. Cristóvão da Gama e os reforços militares continuam a ser pedidos na época de Pais, simultaneamente ao processo de conversão do Imperador.

Chegando ao final deste nosso percurso, muitas questões se colocam. Podemos questionar até que ponto é que estas obras estabelecem as matrizes de um *olhar* sobre a região em questão na Europa coeva e seu grau de influência não só a nível do conhecimento científico daquela zona de África, como a sua possível marca na visão literária da época e posterior, paralelamente à permanência de um fundo imaginário marcado pela *Carta*...

Por outro lado podemos interrogar-nos até que ponto estas narrativas que marcaram a concepção ocidental sobre estas paragens africanas, modelaram o gosto

pelo exótico, despertando a nostalgia da viagem e evasão nos europeus, face a uma realidade simultaneamente receada e admirada e de que forma certas imagens veiculadas entraram no nosso imaginário colectivo.

Gostaríamos de ter tido em conta na elaboração do nosso trabalho os tópicos descritivos dos relatos sobre a Etiópia em autores posteriores a Francisco Álvares e aferir a sua influência em autores como Damião de Góis e os grandes cronistas da Expansão ou verificar a concordância ou não dos *olhares* em João de Bermudes e Miguel de Castanhoso, e igual procedimento em relação à obra de Pais e as missivas, relatos e relações de outros membros da missão, como Manuel Barradas, Afonso Mendes e Jerónimo Lobo, assim como uma análise detalhada da evolução da reescrita sucessiva da sua *Historia de Etiópia* por Manuel de Almeida e Baltasar Teles.

Deste trabalho ficou-nos igualmente o gosto e o interesse pelas viagens e respectivos relatos e missivas dos incansáveis membros da Companhia de Jesus, desbravando não só as almas em prol da ortodoxia católica romana, como o interior dos continentes em prol do enriquecimento cultural da visão do mundo europeia.

No decorrer da sua redacção, entusiasmando-nos com as imagens, episódios e linguagem expressiva dos autores estudados, alargámo-nos em aspectos descritivos, recorrendo a longas e numerosas citações das fontes. Com efeito o fulcro do nosso trabalho assenta nas *vozes* e *visões* dos autores que não resistimos a transmitir. Com e como anteriormente eles, face à estranheza e fascínio de uma terra diferente, fomos arrebatados pela expressividade, encanto e graça da *imagem* que nos legaram dessas (ainda) longínquas partes de África.

Mapas

1- Viagens de Pêro da Covilhã (1492) e do P. Francisco Álvares (1520) ao planalto da Abissínia *in*, Maria Emília Madeira Santos, *Viagens de Exploração Terrestre dos portugueses em África*, Lisboa, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978

2-Percorso de Francisco Álvares, 1520, zona Norte (de Maçuá a Lalibêlâ) *in*, C. F. Beckingham e, W. B. Huntingford (rev. e ed.), *The Prester John of the Indies-A true Relation of the Lands of the Prester John*, tradução de Lord Stanley of Alderley, 1881, 2, vols., Cambridge, for the Hakluyt Society, University Press, 1961

3-Percorso de Francisco Álvares, 1520, zona Sul (de Lalibêlâ a Huaguida) *in*, C. F. Beckingham e, W. B. Huntingford (rev. e ed.), *The Prester John of the Indies-A true Relation of the Lands of the Prester John*, tradução de Lord Stanley of Alderley, 1881, 2, vols., Cambridge, for the Hakluyt Society, University Press, 1961

4-O espaço etíope nas suas fronteiras actuais e as principais regiões do reino nos séculos XVI e XVII; as capitais «históricas» *in*, Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 2003

5-Movimentos migratórios dos diferentes povos Oromo/Galás (séculos XVI e XVII) *in*, Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 2003

6-Mapa das residências jesuítas no espaço etíope (1566/1621) *in*, Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 2003

7- Mapa das residências jesuítas no espaço etíope (1622/1624) *in*, Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 2003

8-Mapa das residências jesuítas no espaço etíope (1625/26- 1632) *in*, Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 2003

9-Igrejas Católicas de pedra e residências no espaço etíope *in*, Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 2003

10- **A proximidade do espaço jesuíta e real no nordeste do lago Tana/Dambiã** in, Hervé Pennec, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 2003

11- **Evolução das ideias sobre a extensão do Império abexim segundo autores portugueses dos séculos XVI e XVII** in, Maria Emília Madeira Santos, *Viagens de Exploração Terrestre dos portugueses em África*, Lisboa, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978

12- **Mapa do Padre Manuel Almeida** in, Pedro Páez, *História da Etiópia*, Isabel Boavida, Hervé Pennec e Manuel João Ramos (ed.), Lisboa, Assírio e Alvim, 2008

13- **Carta da Abissínia reproduzida na obra de Baltasar Teles** Maria Emília Madeira Santos, *Viagens de Exploração Terrestre dos portugueses em África*, Lisboa, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978

BIBLIOGRAFIA

PRINCIPAIS FONTES IMPRESSAS

ÁLVARES, P. Francisco, *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1943

PAIS, P. Pêro, *História da Etiópia*, introdução de Elaine Sanceau, nota bibliográfica de Alberto Feio, leitura paleográfica de Lopes Teixeira, Porto, Livraria Civilização, 1945

FONTES IMPRESSAS DE CONSULTA ACESSÓRIA

BARROS, João de, *Ásia (...) dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*- Terceira Década, Livro IV, Cap. I, ed. facsimilada da ed. princeps de 1563 da Oficina de João de Barreira, Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, s.d. 1992

BERMUDES, João de - *Esta he uma breve relação da embaixada que o patriarca D. João de Bermudes...*, Col. de Opusc. T. I, nº IV, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1875

CARTAS de Etiópia, OLIVEIRA, Aurélio de, (sel. e apresent.), Braga, Livros A I., 1999

CARTA do Preste João das Índias-Versões Medievais Latinas, Manuel João Ramos (pref. E notas), Leonor Buescu (trad.), Lisboa, Assírio e Alvim, 1998

CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Livros VII, VIII e IX, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933

CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, Vol. II, Porto, Lello e Irmãos, 1975

COUTO, Diogo do, *Da Asia de João de Barros e de Diogo do Couto Décadas da Ásia*, Vols. X a XXIII, Lisboa, Na Régia Officina TYpographica, 1778/1788

FARIA, Manuel Severim de, «Vida de Diogo de Couto» in, Diogo de Couto, *Da Asia de João de Barros e de Diogo do Couto*, Vol. 10, Década Quarta, Parte Primeira, Lisboa, Na regia Officina TYpografica, 1788, pp.V/XII

GÓIS, Damião de, «A Fé, a religião e os Costumes dos Etíopes» (*Fides, Religio, Moresque Aethiopum....*) in, *Opúsculos Históricos*, tradução de Dias de Carvalho e prefácio de Câmara Reys, Porto, Civilização, 1945, pp.123/201

LOBO , Jerónimo, - *Itinerário e Outros Escritos Inédito*, Lisboa, Livraria Civilização, 1971

PÁEZ, Pedro, *História da Etiópia*, Isabel Boavida, Hervé Pennec e Manuel João Ramos (ed.), Lisboa, Assírio e Alvim, 2008

SANTOS, João dos, *Etiópia Oriental e Vária História de cousas notáveis do Oriente*, Col. Outras Margens, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999

TELES, Baltasar, *História Geral da Etiópia, a Alta*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989

URRETA, Luís de, *Historia ecclesiastica, poliyica, natural, y moral, de los grande y remotos Reynos de la Etiópia...*, Valência, Casa de Pedro Patrício Mey, 1610

OBRAS GERAIS/DICIONÁRIOS/ENCICLOPÉDIAS

ALBUQUERQUE, Luís de, *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Alfa, 1983-1985

IDEM, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses-séculos XV e XVI*, 2 vols., Lisboa, Caminho, 1987

IDEM (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Caminho, 1989

IDEM, (ed.), *Portugal no Mundo*, Vol. III e IV, Lisboa, Alfa, 1990

ALMEIDA, Fortunato, *História da Igreja em Portugal*, 4 vols., Porto / Lisboa, Livraria Civilização, 1967-1971

ANSELMO, António J., *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926

BAIÃO, A. et al., *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, 3 vols., Lisboa, Ática, 1937-1940

BARBOSA MACHADO, Diogo, *Bibliotheca Lusitana Histórica...*, 2ª ed., Lisboa,, 1931

IDEM, *Bibliotheca Lusitana*, Vol. III, 1741/1752 ,Ophir Biblioteca Virtual dos Descobrimentos, nº 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/Biblioteca Nacional, s.d. [CD-ROM]

BELL, Aubrey F. G., *A Literatura Portuguesa*, Lisboa, INCM, 1971

BERNARDES, José Augusto Cardoso, *História Crítica da Literatura Portuguesa-Humanismo e Renascimento*, Reis, Carlos (dir.), Lisboa, Verbo, 1999

BETHENCOURT, Francisco e CHAUDHURI, Kirti (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, 5 Vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1998-1999

BISHOP, George, *Viajes e andanzas de Pedro Páez*, Bilbao, Mensajero, 2002

BOXER, C. R., *O Império Colonial Português*, 2ª ed., Lisboa, Edições 70, 1977

BUESCU, Ana Isabel, *D. João III*, Lisboa Círculo de Leitores, 2005

CHANDEIGNE, Michel (dir.), *Lisbonne Hors les Murs, 1415-1580: l'invention du monde par les navigateurs portugais*, Paris, Éditions Autrement, 1990 (trad . port. *Lisboa e os Descobrimentos- 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*, Carlos Araújo (dir), 2ª ed., Lisboa, Terramar, 1999)

CHEVALIER Jean e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994

CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, Vol. I, 3ª ed., Coimbra Editora, 1951

IDEM, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina - As Ideias, os Factos, as Formas de Arte I*, Vol. 1, Coimbra, Arménio Amado, 1963-1964

IDEM, *Cultura Portuguesa...*, Vol. V, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1971

COSTA, João Paulo Oliveira e, *D. Manuel I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005

DICIONÁRIO da História da Igreja em Portugal, vol. I, Lisboa, Editorial Resistência, [1980]

DICCIONARIO Histórico de la Compañia de Jesus, Charles O'Neill, S.I. e Joaquín Domínguez, S. I. (dir.), Vol. III, Roma/Madrid, Institutum Historicum, S. I. E Universidad Pontificia Comillas, 2001, pp.2947/2947

DOMINGUES, Francisco Contente e BARRETO, Luís Filipe (org.) , *A Abertura do Mundo: estudos de história dos descobrimentos europeus*, 2 vols., Lisboa, Presença, 1986

ENCICLOPÉDIA Luso-Brasileira de Cultura, 23 vols. ,Lisboa, Verbo, 1963-1995

GARCIA, José Manuel, *Ao Encontro dos Descobrimentos*, Lisboa Presença, 1994

LEITE, Duarte,«O Preste João das Índias» in, *História dos Descobrimentos- Colectânea de Esparsos*, V.M. Godinho (org.), Lisboa, Cosmos, 1958

MARCUS, Harold G., *A History of Ethiopia*, Berkeley/Los Angeles, University of Califórnia Press, 1994

MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, 7 Vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1993

MEDINA, João(dir.), *História de Portugal- Dos Tempos Pré-históricos aos nossos Dias*, 20 Vols., Amadora, Ediclube, s/d

NUÑEZ , Juan González, *Etiópia: Homens, Lugares e Mitos*, Lisboa, Além-Mar, 1993

PEREIRA, Esteves e Rodrigues, Guilherme, *Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*, 7 vols., Lisboa, Romano Torres, 1904-1915

PIRES, Maria Lucília Gonçalves e José Adriano de Carvalho, *História Crítica da Literatura Portuguesa: Maneirismo e Barroco*, Vol. III, Lisboa, Verbo, 2001

PROSPERI, Adriano, «O Missionário» in, *O Homem Barroco*, Rosário Villari (dir.), Lisboa, Presença, 1995

RAMOS, Manuel João, *Histórias Etíopes- Diário de Viagem*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000

REVERTE, Javier, *Dios, el Diablo y la Aventura-La historia de Pedro Páez, el español que descubrió el Nilo Azul*, , 2ª ed. em formato de bolso, Barcelona, Debolsillo, 2004 (1ª ed. Barcelona, Random House Mondadori, 2001)

RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, 2 vols., Porto , 1931-1939

RUSSEL-WOOD, A J.R., *Um Mundo em Movimento- Os Portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*, Lisboa, Difel, 1998

SAMPAIO, Albino Forjaz de, *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, Paris, Aillaud & Bertrand, 1929

SANCEAU, Elaine, *Em Demanda do Preste João*, Porto, Livraria Civilização, s.d.

SARAIVA, António José e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 6ª ed., Porto, Porto Editora, s.d.

SARAIVA, António José, *História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Jornal do Foro, 1950-1962

SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 6 vols. , Porto, Figueirinhas, s/d.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A Historiografia Portuguesa- Doutrina e Crítica*, 2 vols., Lisboa, Verbo, 1972-1973

SILVA, Inocêncio Francisco da, et al., *Dicionário Bibliográfico Português*, 24 Vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1927

IDEM, *Diccionário Bibliographico Portuguez*, Vols 1 a 23, Ophir, Biblioteca Virtual dos Descobrimentos Portugueses, nº 9, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001 [CD-Rom]

WRIGHT, Jonathan, *Os Jesuítas-Missões, Mitos e Histórias*, Lisboa, Quetzal, 2005

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

ALBUQUERQUE Luís de, António Luís Ferronha, José da Silva Horta *et alli*, *O Confronto do Olhar*, Lisboa, Caminho, 1991

ALMEIDA ,A. Marques de, «Aritmetização do real na Sociedade Portuguesa-século XIV-XVII» in, *A Abertura do Mundo*, Vol. I., Lisboa, Presença, 1986, pp. 153-165

ANDRADE, A.A. de, «Francisco Álvares e o êxito europeu da verdadeira informação...» in, Sep. das Actas do Colóquio *Presença de Portugal no Mundo*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1982, pp.285-339

IDEM, *Mundos Novos do Mundo- Panorama da Difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, 2 Vols., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972

ARAÚJO, Horácio Peixoto de, «O fascínio do diferente nos relatos de viagens pelo Oriente» in, *O olhar do Viajante- dos Navegadores aos Exploradores*, Lisboa, Almedina, 2002, pp. 37/44

AUBIN, Jean, «Le Prêtre Jean devant la Censure Portugaise » in, *Le Latin et l'Astrolabe*, Vol. I, Lisbonne/Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian/ Commission Nationale pour les Commémorations des Découvertes Portugaises, 1996, pp. 183/209

IDEM, « L' ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel », in, *Le Latin et l'Astrolabe*, Vol. I, Lisbonne/Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian/ Commission Nationale pour les Commémorations des Découvertes Portugaises, 1996, pp. 133/180

AVELAR, Ana Paula Menino, *Fernão Lopes de Castanheda, Historiador dos Portugueses na Índia ou Cronista do Governo de Nuno da Cunha?*, Lisboa, Cosmos, 1997

IDEM, *Visões do Oriente- Formas de Sentir no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Colibri, 2003

IDEM, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003

BARRETO, Luís Filipe, *Descobrimentos e Renascimento- Formas Ser e Pensar nos séc. XV e XVI*, Lisboa, INCM, 1983

IDEM, «A Incidência dos Descobrimentos no Aparecimento de uma Mentalidade Renascentista» in, Albuquerque, Luís de (ed.), *Portugal no Mundo*, Vol., IV, Lisboa, Alfa, 1990, pp.94-104

IDEM, «As grandes Obras Portuguesas de carácter Geográfico» in, *Portugal no Mundo*, Vol. III, Lisboa, Alfa, 1989, pp.45/59

IDEM, «As Viagens Marítimas e a Nova Visão do Mundo e da Natureza» in, Albuquerque, Luís de (ed.), *Portugal no Mundo*, Vol. III, Lisboa, Alfa, 1989, pp. 86/93

IDEM, «A Incidência dos Descobrimentos no Aparecimento de uma Mentalidade Renascentista» in , Albuquerque, Luís de (ed.), *Portugal no Mundo*, Vol., IV, Lisboa, Alfa, 1990, pp.94-104

IDEM, «A Herança dos Descobrimentos» in, *Revista do ICALP*, p. 11, [online] disponível em <http://www.instituto camoes.pt> (acesso em 4 de Janeiro de 2006)

BASTO, Artur de Magalhães, «Os Portugueses na Abissínia », in BAIÃO, António (ed.), *História da Expansão Portuguesa no Mundo* , Vol. 2, Lisboa, Ática, 1939, pp.273-296

BECKINGHAM, C. F. «The Quest for Prester John» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto II London, Variorum Reprints, 1983

IDEM, «The Travels of Pero da Covilhã and their significance» in, *Between Islam and Christendom...*, Texto IX, London, Variorum Reprints, 1983,

IDEM, «Francisco Alvarez and his Book on Ethiopia » in, *Between Islam and Christendom...*, Texto XII, London , Variorum Reprints, 1983

BECKINGHAM, C. F. e HUNTINGFORD, W. B., (rev. e ed.), «Introduction», *The Prester John of the Indies-A true Relation of the Lands of the Prester John*, tradução de Lord Stanley of Alderley, 1881, 2, vols., Cambridge, for the Hakluyt Society, University Press, 1961, pp. 1/13

BEKE, Charles T., « Meémoire justificatif en rehabilitation des pères Paez et Jerónimo Lobo, missionaries en Abyssinie, en ce que concerne leurs visites a la source de l' Abaï (le Nil) e t la Cataracte d' Alata», *Bulletin de la Société de geographie*, 3 ième Série, IX, Paris, 1848, pp. 209/239

BESHAH, Girma e AREGAY, Merid, *The Question of the Union of the Churches in Luso-Ethiopian Relations- 1500-1632* , Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1964

BETHENCOURT, Francisco, «O Contacto entre Povos e Civilizações» in, *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998-1999, pp. 88/110

IDEM, Francisco Bethencourt, «Configurações do Império» in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I , Lisboa, Temas e Debates, 1988, pp.369-386

BOAVIDA, Isabel, « Damião de Góis e “ A Frase Caldaica e Etiópica » in, *Damião de Góis na Europa do Renascimento*, Actas do Congresso Internacional de Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade católica, 1993, pp. 731/742

IDEM, *Literatura e Poder no Período Barroco: A Tragicomédia El Mártir de Etiópia (1646) de Miguel Botelho de Carvalho*, 2 Tomos, texto policopiado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004

IDEM, « História e Fábula: a discussão em torno das “Histórias “ de Fr. Luís de Urreta no século XVII » in, *Literatura e História- Para uma prática interdisciplinar*, Actas do Colóquio, Lisboa, Universidade Aberta, 2005, pp.181/190

BOSCHI, Caio, «Estruturas eclesiásticas e Inquisição- Os Bispados» , in, Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol II, quadros I e II, pp. 433-434

BOXER, C. R., *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire*, Oxford, Claredon Press, 1963

IDEM, *A Igreja e a Expansão Ibérica*, Lisboa, Ed. 70, 1981

BUESCU, Ana Isabel, «A Persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI e XVII» , *Ler História*, nº 45, Lisboa, ICTE, 2003, pp. 19/48

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão «O Exotismo ou a “Estética do Diverso” na Literatura Portuguesa» in, *Literatura de Viagem-Narrativa, História e Mito*, Lisboa, Cosmos, 1997, pp.565/578

CAEIRO, Maria margarida C. N. Mascarenhas, «A acção da Companhia de Jesus na Etiópia: a carta do Patriarca D. Afonso Mendes(1629)» in, *Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, Actas do Congresso Internacional de História, Vol. II- África Oriental, Oriente e Brasil, Braga, Universidade Católica, [1993], 77/88

CARDIM, Pedro, « Livros, literatura e homens de letras no tempo de João de Barros», *Oceanos*, , nº 27, Lisboa, 1996, pp. 27-47

CARREIRA, José, Nunes, *Do Preste João às ruínas da Babilónia*, Lisboa, Comunicação, 1980

IDEM, « A Abissínia de Francisco Álvares: Queda de um Mito», Sep.de *Literatura de Viagens*, Lisboa, Cosmos, 1997, pp.86-98

CASTRO, Aníbal Pinto de, «Os Descobrimentos na Literatura Portuguesa » in,, Albuquerque, Luís de (ed.), *Portugal no Mundo*,)Vol. IV, Lisboa, Alfa, 1990, pp.35-44

CEARD, Jean e MARGOLIN, Jean Claude (ed.), *Voyager à la Renaissance*, Actes du Colloque (Tours, 1983), Paris, Maisonneuve & Larose, 1987

COELHO, P. M. Laranjo, « Preâmbulo» in, Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Livros VII, VIII e IX, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933

COOLEY, M.W. Desborough, « Notice sur le Père Pedro Paez» in, *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, 1872, pp. 533/545

COSTA João Paulo Oliveira e, « As missões cristãs em África» in, Albuquerque, Luís de (ed.) , *Portugal no Mundo*, Vol. III, Lisboa, Alfa, 1989, pp.88/103

IDEM, «Da Propagação do Cristianismo» in, Martim de Albuquerque (dir.), *Rotas da Terra e do Mar*, Lisboa, Diário de Notícias, 1994-95, fascs. 23-24

COSTA, M. Gonçalves da «Introdução» in, Jerónimo Lobo, *Itinerário e outros Escritos Inéditos*, ed. crítica, Porto, Livraria Civilização, 1971, pp. 97/127

COUTO, Jorge, «Francisco Álvares e a Verdadeira Informação da Etiópia» in, João Medina (ed.), *História de Portugal- Os Descobrimentos II*, Vol. V, Amadora, Ediclube, s.d., pp.126/136

COUTINHO, J. de Siqueira, «Os Portugueses na Etiópia» in, *I Congresso da História da expansão Portuguesa no Mundo*, 4ª secção- Os Portugueses em África, s.l., s.n., 1938, pp.257/262

CRISTOVÃO Fernando, «O incipit e o explicit nos diários e relações de viagem, e as razões da escrita da Expansão» in , Maria Alzira Seixo et al.(org), *A Vertigem do Oriente...*, Actas do Congresso, Lisboa, Cosmos, 1999, pp.17/28

IDEM, « A Literatura de Viagens e a História Natural» in, *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens*, Fernando Cristovão (coord.), Lisboa, Cosmos/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa , 1999, pp.15/52

CRUZ, M. Augusta de Lima «Palavras Prévias» in, Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia*, ed. crítica, Lisboa , Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/ Fundação Oriente/Imprensa Nacional, 1999, pp.VII/XII

CURTO, Diogo Ramada, «As Cristandades no Oriente» in, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998-1999, pp. 469-477

CURTO, Pedro Mota, *Portugal, O Preste João e a Etiópia (séculos XV e XVI)*, tese de mestrado em História dos Descobrimentos e expansão Portuguesa,(texto policopiado),Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1996

DELUMEAU , Jean, *Uma História do Paraíso*, Lisboa, Terramar,1994

DESLANDES, Venâncio, *Documentos para a História da Tipografia Portuguesa nos séculos XVI e XVII* , Artur Anselmo (Introd.), reprodução fac-similada da edição da Imprensa Nacional Casa da Moeda de 1888

DIAS, J. S. DA SILVA, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, 3ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1988

DISNEY, Anthony, «Navigating Literary waters: truth, lies and representations...», in , *Literatura de Viagem- Narrativa , história , mito.*, Actas do Congresso (Funchal, 1995), Lisboa , Cosmos, 1997, pp.121/133

FEIO, Alberto, « Notícia Bio-bibliográfica » in, Pêro Pais, *História de Etiópia*, Porto, Livraria Civilização, 1945, pp.XXVII/XXXVI

FERNANDES, Rogério,«Ensino elementar e suas técnicas no Portugal de Quinhentos», in *A Abertura do Mundo...*, Vol. I, Lisboa, Presença, 1986, pp. 53-65

FERRONHA, António Luís (coord.), *O Confronto do Olhar* ,Lisboa, Caminho, 1991

FICALHO, Conde de, *Viagens de Pêro da Covilhã*, (ed. fac-similada), Lisboa, INCM, Lisboa, 1988

FRANCO, José Eduardo, *O Mito dos Jesuítas*, Vol. I, Lisboa, Gradiva, 2006

GARCIA, José Manuel, «A Epistolografia Ultramarina dos Jesuítas impressa em Portugal do século XVI» in, *Ao Encontro dos Descobrimentos- Temas de História da expansão*, Lisboa, Presença, pp.235/255

IDEM, «Algumas Observações sobre a Literatura Portuguesa da Expansão », *Revista do ICALP*, nº7-8, Lisboa, ICALP, 1987, pp. 22-27 [on line] disponível em <http://www.instituto camoes.pt> (acesso em 4 de Janeiro de 2006)

GODINHO, Vitorino Magalhães IDEM, *Mito e Mercadoria- Utopia e Prática de Navegar - séculos XIII-XVIII*, Lisboa , Difel, 1990

GRAÇA, Luís, *A Visão do Oriente na Literatura de Viagens: os Viajantes Portugueses e os Itinerários Terrestres (1560- 1670)*, Lisboa, INCM, 1983

GRAÇA, Luís, «Os Portugueses na Etiópia: as duas primeiras Embaixadas e a acção dos Jesuítas » in, *Portugal no Mundo*, vol. III,Lisboa, Alfa, 1990, pp.135-142

HIRSCH, Elizabete Feixe, *Damião de Góis*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

HOOK, David, « A Note on the Books sent to Prester John in 1515 by King Manuel I», *Studia*, , nº 37, Lisboa, 1973, pp. 303-315

HOOYKAAS, R., «Contexto e Razões do Surgimento da Ciência Moderna» in, Francisco Contento Domingues e Luís Filipe Barreto (org.), *A Abertura do Mundo....*, Vol. I, Lisboa, Presença, 1986, pp.165/182

HORTA, José da Silva, «A Imagem do africano pelos portugueses antes do Contacto» in, *O Confronto do Olhar* ,Lisboa, Caminho, 1991, pp.43/64

IDEM, «O Africano: produção textual e representações (séculos XV-XVII)» in, *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens*, Fernando Cristovão (coord.), Lisboa, Cosmos/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa, 1999, pp. 263/279

KRAUSE, Kurt, «Os Portugueses na Abissínia: Subsídios para a História da Descoberta da África,» in, *Boletim da Sociedade de Geografia*, 31ª série, nº 11/12, Nov./Dez. 1913 (1ª Parte), pp. 355/393; 32ª série, nº 3 /4, Março/Abril de 1914, Lisboa, Tipografia Universal, pp. 75/128

JOURDIN Michel Mollat du, in, «L'Altérité, découverte des découvertes» in, *Voyager à la Renaissance*, in, Jean CEARD e Jean Claude MARGOLIN (ed.), *Voyager à la Renaissance*, Actes du Colloque (Tours, 1983), Paris, Maisonneuve & Larose, 1987, pp. 305/316,

LAVAJO, Joaquim Chorão, « Damião de Góis e o Diálogo Religioso » in, *Damião de Góis e o seu Tempo (1502/ 1574)*, Actas do Colóquio, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 2002, pp. 15/45

LOBATO, Manuel, «Introdução» in, Fr. João dos Santos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, pp.7/30

LOPES, Maria Teresa do Rosário, *A Etiópia, na obra de Miguel de Castanhoso*, tese de mestrado em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa, (texto policopiado), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2000

LOPES, Marília dos Santos, *Da Descoberta ao Saber- Os Conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem, 2002

LOPES, Paulo *Viajar na Idade Média...*, Lisboa, Círculo de Leitores, s.d. [2005]

LOUREIRO, Rui Manuel, *A Biblioteca de Diogo de Couto*, Instituto Cultural de Macau, 1998

MACHADO, Augusto Reis, «Prefácio», Padre Francisco Álvares, *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1943, pp.V/XXXVIII

IDEM,« A Companhia de Jesus e a sua Acção na Etiópia Antiga», Sep. de *Ocidente*, LXIII, s/l, s/n, 1962, pp.229/251

MACZAK, Antoni, «Renaissance Travellers' power of measuring» in, *Voyager à la Renaissance*, in, Jean CEARD e Jean Claude MARGOLIN (ed.), *Voyager à la Renaissance*, Actes du Colloque (Tours, 1983), Paris, Maisonneuve & Larose, 1987 pp. 245/253

MARGARIDO, Alfredo, *As Surpresas da Flora no Tempo dos Descobrimentos*, Lisboa, ELO, 1994

MATOS, Manuel Cadafaz de , « Humanismo e Evangelização no Oriente do século XVI» in, *Revista do ICALP*, nº7-8, Lisboa, ICALP, 1987, pp.41/72 [on line] disponível em <http://www.instituto camoes.pt> (acesso em 4 de Janeiro de 2006)

IDEM, «Relação das edições da tipografia de Goa» in, *Revista do ICALP*, nº7-8, Lisboa, ICALP, 1987, pp. 20-26 [on line] disponível em <http://www.instituto camoes.pt> (acesso em 4 de Janeiro de 2006)

MENDES, António Rosa «A Vida Cultural» in *História de Portugal*, José Mattoso (dir.), Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp.325/421

PENNEC, Hervé, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean- Stratégies, Rencontres et Tentatives d'Implantation 1495-1633*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 2003

PEREIRA, F. M. Esteves, «Documentos Inéditos para a História e Geographia da Ethiopia», *Revista Portuguesa-Colonial e Marítima*, 12ºano, 2º sem., nºs 139 a 144, vol. 24, Lisboa, Livraria Ferin, pp. 147/150

RAMOS, Manuel João, *Ensaio de Mitologia Cristã. - O Preste João e a Reversibilidade Simbólica*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1997

IDEM, «Introdução » in, *Carta do Preste João das Índias*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1998, pp. 9/20

IDEM, «O Destino etíope do Preste João...» in, *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens*, Fernando Cristovão (coord.), Lisboa, Cosmos/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa , 1999 ,pp.237/259

RANDLES, W. G. L., «Quelques Modifications apportées par les grandes Découvertes à la Conception médiévale du Monde», *Revista da Faculdade de Letras*, 3ª série, nº 3 , Lisboa, Faculdade de Letras, pp. 65-88

RODRIGUES, Sónia Maria Correia (org.), *Damião de Góis e o seu Tempo (1502-1574)*, Actas do Colóquio (Lisboa, 2002), Lisboa, Academia Portuguesa de História, 2002

SALDANHA, António de Vasconcelos de, « Conceitos de Espaço e Poder e seus Reflexos na Titulação Régia Portuguesa da Época da Expansão » in *Actes du Colloque: La Découverte, Le Portugal et l' Europe*, (Paris ,1988), Paris, FCG-CCP, 1990, pp. 105-130

SANCEAU, Elaine « Introdução », in Pêro Pais, *História de Etiópia*, Vol I, Porto, Livraria Civilização, 1945, p.IX/XXIII

SANCEAU, Elaine,« Etiópia e Portugal », *Sep.de Ocidente*, 57, Lisboa, s/n, 1959, pp.101/108

SANTOS, Maria Emília Madeira, *Viagens de Exploração Terrestre dos portugueses em África*, Lisboa, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978

SEIXO, Maria Alzira, *Poéticas da Viagem na Literatura*, , Lisboa, Cosmos, 1998

IDEM (org.), *A Vertigem do Oriente : modalidades discursivas no encontro de culturas*, Actas do Congresso, Lisboa, Cosmos, 1999

SILVA, Gonçalves,Nuno da, «Inácio de Loiola, D. João III e a missão da Etiópia» in, *Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, Actas do Congresso Internacional de História, Vol. II- África Oriental, Oriente e Brasil, Braga, Universidade Católica, [1993], pp.89/100

SOUSA, Ivo Carneiro de *A Crónica como Missão-A História da Etiópia-a-Alta ou Preste João do Padre Baltasar Teles (1660)*, Lisboa, Granito, 1998, p.127

S. T., «Prefação», *Breve Relação da embaixada que o Patriarcha D. João Bermudez trouxe do Imperador da Etiópia...*, Col. de Opusc. T. I, nº IV, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1875, pp.III/VI

TAVARES, Luís António Abreu, *Imagens do Tibete: dos relatos medievais aos textos dos Jesuítas de Seiscentos*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares apresentada à Universidade Aberta, Lisboa, 2004

THOMAS, Luís Filipe, «L' Idée Impériale Manuéline » in Actes du Colloque : *La Découverte, Le Portugal et l' Europe*, (Paris, 1988), Paris, FCG-CCP, 1990,pp.35-104

IDEM, «Cristãos de S. Tomé e Preste João» in, Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia*, ed. crítica coord. por M. Augusta Lima Cruz, vol. III (notas históricas e filológicas, glossário e índices), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses / Fundação Oriente / INCM, 1999, pp.120/127

VASCONCELOS, Maria da Assunção Jácome de, *Inventário das Cartas anuais das missões da Etiópia/Arquivo Distrital de Braga*, Braga, Univ. do Minho/Arquivo Distrital de Braga, 1984

PÁGINAS DA INTERNET

Bibliotheca Augustana, séc. XII, [on line] disponível em <http://www.fh-augsburg.de> (acesso em 20 de Outubro de 2006)

« Légende et Roman de Alexandre le Grand » , in *Dictionnaire des Oeuvres Imago Mundi*, [on line] disponível em <http://www.cosmovisions.com/textalexandre.htm> (acesso em 20 de Outubro de 2006)

Hugh Cahill, *Margarita Philosophica*, Kings College London [on line] disponível em <http://www.kcl.ac.uk/depsta/iss/library/speccoll/bomarch/bomapril06.html> (acesso em 20 de Outubro de 2006)

«Jean de Mandeville», in *New Advent Catholic Encyclopedia*, [on line] disponível em <http://www.newadvent.org/cathen/09587b.htm> (acesso em 20 de Outubro de 2006)

M. Benoist, «La Voyage littéraire de Jean de Mandeville», in *L'Histoire en Ligne. Moyen Age et Orient* [on line] disponível em http://www.cliosoft.fr/09_02/voyages_mandeville.htm (acesso em 20 de Outubro de 2006)

«Textos e mapas europeus sobre a Etiópia dos séculos XVI –XVII», *De fora, Da terra- Presença Jesuíta na Etiópia do século XVII*, Secção Profissional de estudos do Património (Núcleo de estudos Etíopes da Sociedade de Geografia de Lisboa (org.), Exposição na Universidade do Minho, Braga, Novembro de 2005 [on line] disponível em <http://pwp.netcabo.pt/patrimonio.sgl> (acesso em 27 de Novembro de 2005)

Arquitectura» in, *De fora, Da terra- Presença Jesuíta na Etiópia do século XVII*, org. Secção Profissional de estudos do Património (Núcleo de estudos Etíopes) da Sociedade de Geografia de Lisboa, Exposição na Universidade do Minho, Braga, Novembro de 2005 [on line] disponível em <http://pwp.netcabo.pt/patrimonio.sgl> (acesso em 27 de Novembro de 2005)

« Crónica – Las Fuentes del Nilo Azul- Odisea africana de un misionero español » , suplemento de *El Mundo*, nº 405, 20 de Julho de 2003 [on line] disponível em <http://www.el-mundo.es/cronica/2003/405/1058789758.html> (acesso em 20 /03/2006)

QUADRO 15

DA ALIMENTAÇÃO

REFERÊNCIAS	FRANCISCO ÁLVARES	PÊRO PAIS
PÃO	-«(...) <i>nos davam dêste pão e como não era de trigo não o podíamos comer e assim o traziam fora de tempo, porque em tôda esta terra se acostuma, não comer mais que uma só vez no dia e esta é à noite.</i>», p. 117 -«(...) <i>e seu comer é bem triste. O pão é de milho zaburro e cevada e outras sementes q eu chamam tafo, semente pequena e negra.</i> E fazem este pão redondo no tamanho e redondeza de zamboa(...)», p. 40	-«(...) de huas sementes, q chamão Daguça e Tef, q não há em Europa; e são miudas como mostarda,...); e disto fazem pão, q <i>come a gente ordinaria, mas he preto e de pouca sustancia.</i>», Vol. I, p. 209
VINHO	-«(...)me mandou [o Imperador]dizer se queria beber vinho de uvas ou vinho de mel, ou sauna que é de cevada. Mandeilhe dizer que com vinho de uvas me criaram a mim e que o vinho de mel era quente e a sauna fria e que não era para velhos (...) mandou-me quatro jarras de vinho de mel (...), assim que não quis mandar o vinho de uvas que lhe eu pedia. Bebemos sendas vezes e o mais mandámos levar a nossas tendas.», p. 243 -« Êste (a sanha) não bebem enquanto fresco, porque dá com os homens no chanto que é frio e assentado é isto o melhor aí há. [durante a Quaresma] », p. 298	-Os taberneiros do arraial do rei, « (...) vendem <i>vinho feito de mel e outro de Cevada, e milho, , e de outras sementes</i>, a q chamão Çãoa, (...)», Vol. I, p. 137 -« Sua bebida he <i>vinho, q fazem de mel, e algum he tão forte como o de uvas, mas dura pouco</i>, quando m, to hu mês, e logo se azeda. Tambe há <i>outra sorte de vinho, q fazem de milho e cevada e de outras sementes</i>, q não há em Espanha; e isto bebem comumente os q não podem alcançar vinho de mel (...)», Pais, Vol. I, pp. 181/182 -« A sua bebida chama-se <i>sanha e é feita de cevada, ou de milho zaburro, ou ainda de daguça ou joio.</i> »

AZEITE	-«Também lhe dão umas poucas de b sem sal e sem azeite (...)», p. p.40 -« há aí muita cera e velas e candeias, dela não fazem candeias de sebo, <i>não há aí azeite, senão um que chamam hena e é umas ervas que parecem pampilhos, não sabe a nada</i> e é formoso como ouro.», p. 417	-«Tem <i>gergelim e outra semente q chamão Nug como linhaça, mas he preta, de q fazem m.to azeite</i>, q de azeitonas não o há; (...)», Vol. I, p. 210
CARNE	-Álvares afirma «E mais seu comer é <i>carne crua e fazem-lhe salsa do lixo da vaca</i> e isto não comíamos nós nem pão senão de trigo ou ao menos de grãos. E da carne nós mandávamos fazer de comer aos nossos escravos (...)», pp. 117/118 -«Todos estes manjares em que cabe especiaria de <i>gingibre e pimenta</i> lhe deitam tanta, que os não podíamos comer de fortaleza e de queimar.», p. 343	-«<i>Comem toda a sorte de Carnes, Vacas, Carneiros; cabras, Galinhas, Perdizes</i>, excepto Porcos. Q muitos não os comem; e Lebres e Coelhos ningué(...)», Vol. I, p. 181 -« (...) <i>comem quá carne crua; porq folgam com ella muito</i>; e assi aos senhores lhes matão a vacca pouco antes q a ajão de comer; e não a hão bem acabado de esfollar quando já lhes levão a Carne a mesa; q se esfria, não folgão tanto; e não he isto encarecimento , ne cousa de ouvidos, senão q eu o tenho visto m.tas vezes.», Vol. I, p. 186 -«(...) e das milhores iguarias pera alguns he a <i>Carne de Vaqua crua, q acabandoa de matar a poem na mesa, e dando-lhe alguns golpes, lhe botão em cima seu mesmo fel</i>; e logo vão cortando e comendo; e dizem q lhes sabe muito bem,tanto q os mais não deixarão este comer por nenhu caso, ainda q lhes custa muito caro, porq se lhes crião no estomago hus bichos delgados como lombrigas ompridos, q lhes fazem muito mal, (...) E q os bichos lhes venhão de comer esta Carne crua dizem o elles mesmos, e se ve claro; porq os filhos dos portugueses antigos; os mouros , e Judeos, q a comem tem também esta doença, e se não a comem ou a deixão, depois de algum tempo, não

		tem aquelles bichos (...)), p. 181
ALIMENTAÇÃO DOS PORTUGUESES	-O capitão do lugar «(...) fêz-nos grande gasalhado dando-nos <i>muitas galinhas cozidas em manteiga e muito vinho de mel</i> e nos mandou uma <i>mui grande e gorda vaca(...)</i>», Álvares, p. 48 -« (...) em um recebimento doutra casa nos fizeram assentar no chão sôbre esteiras e trouxeram <i>aí uma grande gamela de farinha de cevada pouco amassada e um corno de vinho de mel</i>. (...) não aceitámos o comer que nos davam que era usança da terra. Esperámos e veio-nos o comer, seja, <i>cinco bolos grandes de pão de trigo e um corno de vinho de mel . (...) Mais nos mandou (...) da mesma farinha amassada</i> e então comemos dela.», pp. 50/51 -«Tanto que fomos aposentados mandou-nos o Preste João três <i>pães grandes alvos e muitas jarras de vinho de mel e uma vaca</i>. (...) O sábado seguinte, 21 dias nos mandou <i>infindo pão e vinho e muitas iguarias de carne de diversas maneiras</i> e muito bem concertadas e, pelo mesmo modo, foi no domingo em o qual, entre outras muitas cousas de iguarias, nos mandou uma <i>vitela tôda inteira posta em pão, seja em empada, tão bem adereçada</i> que nos não podíamos fartar dela.», p. 181 -« (...) nos veio muito comer e beber e de diversas iguarias entre as quais eram <i>muitas galinhas ou peles delas e vinham recheadas da mesma carne delas sem ôsso, picadas e pisadas com especiarias</i> e estas peles de galinhas não lhe falecia senão os pescoços e as pernas dos joelhos para baixo e não tinham cousa nenhuma quebrada. Não pudemos determinar por onde ou de que maneira lhe tiraram a carne de dentro ou a pele da carne e <i>esta iguaria era muito boa</i>. E vieram outro-sim grandes altamias com <i>carne cozida e outros manjares de diversas maneiras feitos à sua guisa. O que era cozido era com muita manteiga e o assado bem assado e muitas jarras de vinho</i> entre as quais vinha um mui grande jarro cristalino (que os outros eram de <i>barro prêto</i>) e com êste jarro vinha outrosim um copo cristalino grande e dourado e outra copa grande de	-«(...) levarão me logo a outra casa grande e por me fazerem festa, matarão hua ovelha, <i>de q eu não pude comer; porq não fizeram mais q dar duas voltas a carne no fogo; e assi crua a comerão</i>, conforme o costume da terra(...)», Vol.III, p.22 -«Puserão mos m.tas iguarias a guisa da terra e da sua mesa [do Imperador] também nos enviavão <i>alguas(...)</i>» (referente à refeição oferecida pelo Imperador aos missionários), Vol. III, p. 167

	prata esmaltada com quatro pedras grandes que pareciam safiras postas em quadra na dita copa e esta copa era grande, formosa e rica.», p.272 -«Tôda esta Quaresma fomos mui bem providos de comer e beber , de muitas <i>uvas e pêssegos</i> que há na terra [de Gorage](...)», p. 310 -E aí (no lugar de <i>Aquaxumo/Agçum</i>) nos mandaram dar quinhentas cargas de trigo e cem vacas e cem carneiros e cem panelas de mel e outras cento de manteiga. E para o seu embaixador (...) (...)» p. 327«	
ALIMENTAÇÃO ETÍOPE- SITUAÇÕES ESPECÍFICAS	-Refeição no mosteiro de Paracleto: sendo sábado os frades não podem colher nada e providenciam o que tinham no mosteiro: « Então nos deram <i>alhos sêcos e limões</i>. Em cabo de tudo nos levaram ao refeitório e aí nos deram de comer: <i>couves cozidas do outro dia, picadas como saladas, misturadas com alhos, sem nenhum outro adubo, senão cozidas com água e sal. Mais nos deram dois bôlos um de trigo e outro de cevada e uma jarra de beverragem da terra, que chamam cana e é feito de milho</i>; tudo nos davam com boa vontade e nós assim o recebemos, dando graças a Deus como êles.» p.105 -Nas terras que têm hortas e pomares comem-se couves e alguma fruta. Consome-se a semente de mastruço (chamada canfra), da qual fazem um molho picante (teba), onde molham o pão. Este molho também pode ser feito de linhaça ou, outro , de mostarda (cenafiche). Alimentam-se destes molhos, muito usados durante a Quaresma e evitam o leite , a manteiga, o vinho. A sua bebida chama-se sanha e é feita de cevada, ou de milho zaburro, ou ainda de daguça ou joio. p. 298 -Mantimentos que levam para a guerra : « (...) <i>farinha de cevada torrada que é boa vianda, grãos torrados, milho torrado</i>, êste é o seu mantimento para as guerras que as vacas lá as acham. E se é em tempo de <i>trigo cerolho, êste é principal mantimento de guerra</i> (...)», p.350	-« (...) semeão m.tos <i>alhos, cebolas, couves</i>, mas são roins; <i>rabanos</i> e outras cousas como nabos q em Espanha não há, a q <i>chamão Xux e Denich</i>, com q se remedeia a gente pobre em tempo de fome.», p. 210

«Foi o jantar desta maneira (...), em casa grande e térrea, a qual é betenegus, diante do catre em que êle estava assentado, estavam muitas esteiras estendidas, êle abaixou-se do catre e assentou-se o Angoterás nas esteiras e sôbre as esteiras puseram peles de carneiros pretos e sôbre elas duas bandejas de alimpar trigo a que êles chamam ganetas, as quais eram formosas e grandes e muito latas e não têm de borda mais de dois dedos e a maior destas tinha dez e seis palmos de roda e a outra catorze palmos, estas são as mesas dos grandes senhores. Todos nos assentámos derredor (...). Veio a água e lavámo-nos e não veio toalha para alimpar as mãos, nem menos para pôr pão sobre ela, senão nas mesmas ganetas. Veio pão de diversas maneiras, seja de trigo, cevada, milho, grãos e de tafo. Ante que começássemos de comer, mandou o Angoterás pôr ante si bolos daquele pão somenos e sôbre cada bolo uma posta de vaca crua e também, assim o mandava dar aos pobres que estavam fora da porta esperando esmola. (...) fizemos a benção ao nosso uso de que o Angoterás mostrou muito contentamento. E vieram as iguarias e foram estas: seja três salsas ou potagens, que bem se podiam dizer salsa de Palmela, um dente de alho, outro não sei de quê. Nestas potagens entrava lixo de vaca e o fel que nesta terra hão por muito estimado manjar e o não comiam senão grandes pessoas. (...) deitavam estas salsas o mais somenos pão e muito espedaçado e manteiga com êle.(...)O vinho era a rôdo. A mulher do Angoterás comia junto de nós, uma cortina em meio em semelhante mesa (...); comia das suas viandas e assim lhe davam das nossas; não sei se as comia porque era entre nós e ela a cortina; a beber bem nos ajudava. Sôbre todas as iguarias veio um peito de vaca crua e nós não o provámos, comeu o Angoterás dele, como quem come maçapães (...) e, assim demos fim ao jantar, e graças a Deus, e nos fomos para nossa pousada.» pp.145/147

QUADRO 20

DO APARATO DO IMPERADOR

	ÁLVARES	PAIS
APARATO DA CORTE	-« Era aqui muita gente junta (...). Tôda esta gente estava em az e bem arredada de uma e outra parte. A gente mais limpa estava chegada muito mais perto aos arcos. Entre estes mais limpos estavam muitos cónegos e gente da igreja com carapuções, como mitras, mas com uns picos para cima pintados de panos de sêda e deles de grâ e outras gentes mui bem vestidas.(...) E avante destas gentes bem vestidas estavam quatro cavalos, seja, dois de uma parte e dois da outra, selados e acobertados ricamente(...). Tinham(...) diademas nas cabeças altas sôbre as orelhas (...) com grandes penachos em êles. Abaixo destes estavam outros muitos e bons cavalos selados e não arreitados,(...) fazendo ordem como a gente. E logo a par dêstes cavalos e detrás deles(porque a gente era muita e grossa) estavam homens honrados e não vestidos senão da cinta para baixo de muito delgados e alvos panos de algodão (...) Ainda neste caminho (...) chegaram a nós bem sessenta homens, como privados ou porteiros de maça e vinham meio correndo, porque assim o costumam com todos os recados do Preste correr.(...) Estes vinham tantos de uma parte como doutra e nos acompanharam até à primeira ordem dos arcos, porque dali não passámos.», pp. 178/179 -« Levou-nos [o mensageiro] diante de um cêrco grande de sebe alta, dentro da qual estavam muitas tendas armadas e uma grande casa ,comprida e térrea coberta de palha em que diziam algumas vezes estar o Preste (...). Ante a entrada desta sebe estava muita gente em grande maneira (...)», p. 186 -«À quarta- feira, primeiro dia do mês de Novembro, uma hora ou duas andadas da noite, nos mandou chamar o Preste (...). Chegando à porta ou entrada do primeiro circuito da sebe,	-« Com aquelles trinta mininos estava antigamente o Emperador em seu Paço, sem o ver homem nenhu, q não era pequena penitencia; somente entrava o Behêt uâded da mão direita e o da esquerda, e Acabê Eçât pera lhe dar conta das cousas do Imperio (...); e estes tres soos declaravão sua vontade, e determinação ao povo em tudo o q se ofrecia; e quando queria fazer grande favor a algu (...), mandava q o chamassem de noute e, tiradas todas as candeas, fallava co elle no escuro (...)», pp. 51/52 -«A mais intima camara, (...), se chama casa do Leão [Ambaçâ Bêit], porq assi como se tivera por guarda um leão, ninguem entra nella, estando o Emperador, (...) senão aquelle q for chamado;(…), só entrão os pajens pera aquelle retrete. Em a q chamão Zefân Beit, casa do leito, porq aly tem a sua cama, da audiencia a todos; mas não em hua só casa tem leito, senão em muitas, porq lhe servem de throno (...) A q chamão Farâz Beit, casa do cavallo, he a de menos honra (...) e sempre he em baixo porq sempre está nella pello menos hu cavallo (...); ne os pajens desta casa tem cuidado delle, senão do leito, q aly está: Por muitas vezes entra lá o Emperador a ver o cavallo e se senta no leito (...) aos pajens de hua [casa] não lhes é licito entrar a servir o Emperador na outra, ne ainda quando vay fora, querem hus pajens deixar entrar a outros na casa q tem a seu cargo.», Vol. I, p. 51 -« (...) tambem indo a missa tinham grande resguardo, pera q os não vissem; (...) e quando entrava, não havia de estar em a Igreja mais q os superiores de alguns mosteiros grandes, pera cantar, e logo se metia entre suas cortinas e daly ouvia missa; e quando queria entrar na Capella pera comungar, sahião

	achámos aí porteiros e fizeram-nos esperar passante de uma hora a grande frio e vento sêco que fazia. Onde estávamos víamos estar ante a dianteira do outro circuito da sebe, muitas velas acesas e tinham-nas homens nas mãos.», p. 192 -« (..) e assim, de pausas em pausas chegámos a um estrado e ante dele estavam muitas velas acesas que da primeira entrada víamos (...) O dito estrado estava ante a casa térrea comprida (...). Esta casa é armada sôbre esteios mui grossos de aciprestes e as sonaves [vigas – nota 1], que estão sôbre os esteios, são pintadas de pobres tintas e sôbre as tábuas que descem de cima a fundo a moda de nível é tudo não bem feito e, por cima coberto de um cômlo que há na terra que dizem que dura vidas de homem. Na entrada da casa que é na cabeça da mesma casa estavam armadas quatro cortinas e uma delas que estava no meio era de brocado e as outras de fina sêda. Diante destas cortinas no chão, estava uma grande e rica alcatifa e estavam dois panos grandes de algodão guedelhudos, como tapêtes, a que êles chamam basutos (...) e o demais esteiras pintadas, tudo cheio, que chão nenhum não aparecia e assim estava, de um cabo e doutro, tudo velas acesas, (...)», p. 192 -« Sábado , à noite , 3 dias do mês de Novembro , nos mandou o Preste João chamar e fomos a horas de noite. Chegando à primeira porta ou entrada, esperando um pouco, veio recado dizendo que tirassem com espingardas e que não levassem pelouros por não fazerem mal. E daí a pouco nos mandaram entrar e fomos por pausas (...), e chegando entre as portas e as cortinas, (...), estava o lugar do estrado, que de ante aí era, ricamente ataviado e tudo de bamdas e defronte brocados e estava gente mais luzida, de uma e da outra parte tôda em az com as espadas nuas nas mãos e postos como que estavam para se acutilarem uns com os outros. Estavam a cada parte duzentas velas acesas(...)», pp. 194/195 -« Estaríamos ante a porta primeira ou entrada bem três horas fazendo muito grande frio e era bem noite,	todos, sem ficar mais q o Acabicât, e outros quatro sacerdotes: (...)», Vol. I, p.123 -«(...) depois forão deixando (...)e se começarão a mostrar ao Povo e hião co muito aparato à missa (...)»<i>Ibd.</i> -« Agora raramente vay o Emperador de noute à Igreja(...)mas quando elle quer ouvit missa, ordinariamente manda recado muito antes q comece e põem lá cõ tempo sua Cadeira. (...) Sempre vay à Igreja a pee, porq está muito pertp do Paço; e quando sai delle, leva diante muitos senhores ricamente vestidos e dtras alguns pajens pequenos, tambem muito bem vestidos, e ordinariamente de hua e outra banda do caminho esta cheio de gente; e diante (...) vão muitos porteiros do Paço co hus paos curtos em q tem amarradoshuas correas muito compridas, co q fazem afastar a gente pera q dê caminho. E como o Emperadors está na Igreja se assenta em sua cadeira, q está entre cortinas muito fermosas de seda(...)», pp. 124/125 -Descrição do imperador Atanâf Çaguêd na missa católica: « (...) veo o Emperador vestido de setim Carmesim do mesmo corte de Turcos comprido até os pees, mas a roupa de debaixo co colarinho alto como os nossos. Trazia diante muitos Porteiros q fazião caminho co correas (...); porq a gente era tanta q co difficuldade davam passo, tras dos Porteiros se seguirão muitos senhyores ricamente vestidos, e no ultimo o Emperador co o Governador do Imperio, e seu mordomo, e detras algus pajens(...). Na igreja, « (...)e como chegou, se assentou em sua Cadeira, ficando todos aquelles senhores ao lado da tenda pequena sentados no chão em Alcatifas, de maneira q não o podirão ver(...) » , pp. 125/126 - «Traje dos pajens que ladeiam a porta da igreja: « (...) vestidos de bofeta e cabayas de taticira de seda carmesim, co toucas em as cabeças e espadas em as mãos, não nuas mas em bainhas (...)», p. 126 -Coroação de Susenios:
--	---	---

	entrámos por seus compassos como dantes. Em duas vezes que entrámos era junta muita mais gente que de nenhuma das outras vezes e muitos com armas e muitas mais velas acesas ante as portas(...) logo nos mandaram entrar com o Embaixador nove pessoas portuguesas além das cortinas e achámos além destas primeiras cortinas outras mais ricas e ainda nos mandaram passar entre elas (...)achámos grandes e ricos estrados e de mui ricas alcatifas. », p. 213	« Domingo pella manhã shio o Emperador ricamente vestido de borcado, e setim carmesim co a cadea de ouro ao collo, de q pendia hua cruz muito fermosa, em hu poderoso cavallo muito bem enjaezado(...) levava diante de si todos seus capitaens cada hu sua gente posta em ordem; a de pee na dianteira, e logo a de cavallo, todos vesridos de festa co muitas bandeiras e tangendo seus atabales, trombetas, charamellas , e frautas; q tem a seu modo, e disparando muita espingardada, co o q resonava todo aquelle espaçoso campo.Últimamente vinha o Emperador co muitos senhores de cavallo.», p. 119
AUDIÊNCIA DO IMPERADOR	-Diante dêstes estrados estavam outras cortinas em outra mui mor riqueza, as quais, em nós assim estando parados, as abriram por duas partes, (...) e aí vimos estar o Preste João assentado em um cadafalso de seis degraus muito ricamente concertado. Tinha na cabeça uma crôa alta de ouro e prata (...) e uma cruz de prata na mão e um tafetá azul pelo rosto que lhe cobria a bôca e a barba e de quando em quando o abaixavam que lhe aparecia todo o rosto e tornavam-no a erguer.»,pp. 213/214 -« Tinha o Preste vestido uma rica opa de brocado e camisas de sêda de largas mangas que pareciam pelotes. De os joelhos abaixo um rico pano como gremial de bispo, bem estendido, e êle assentado assim como pintam Deus Padre na parede. E além do pagem que estava com a cruz [de prata] , estava de cada parte outro com uma espada, cada um, nua, na mão.», p. 214	-« O Emperador ordinariamente está assentado em algum esquife lacreado ou dourado, (...), co fermosas cortinas ou Pavelhão de seda; outras sem ellas, e sempre tem quatro ou seis Colchas(...), de maneira q de cada hua apareça hu pouco, e a ultima sempre he de seda muito rica, e hu ou dous coxins de borcado ou de velludo em q se encosta; mas no Esquife dourado ordinariamente estão as Colchas em cima sem cahir (...); porq tem rodape de brocado ou de velludo com franjas de fio d'ouro.(...) posto q às vezes tambem se assenta em Cadeira, alta de espaldar de damasco, ou velludo co franjas de fio d' ouro e pregos dourados (...)», Vol. I, pp. 180/181 -« (...) no Paço não se assenta ordinariamente nestas cadeiras senão em hu esquife dourado co quatro colunas tão altas como hu homem, co muita laçaria e a cabeceira quasi tão alta como as columnas co alhuas figuras, conchas e folhagens, q lhe dão muito lustre, e seu pavilhão de seda muito fermoso e todo elle muito bem ornado co colchas de seda, e os rodapes de boscado co franjas de fino ouro.», p. 125 -«Estavão a mão direita em pee alguns grandes do Império; e a esquerda alguns sup.res dos mosteiros de Tigre (...) e em entrando cheguei a lhe beijar a mão, e retireime logo atee onde estava o VisoRey [do Tigrei], q era o ultimo

		de todos. Disse o Emp.or q me cobrisse e me assentasse(...)sobre hu estrado, q estava diante do leito cõ ricas alcatifas; nem na sala havia cadeira nenhua, nem aly se põe, senão quando ElRey se quer assentar nella, e ordinariamente nã se assenta (...), senão naquelle estrado (...); e encostasse em coxins de brocado, ou de veludo.», Vol. III, pp.33/34 -«(...) achamo lo em hu campo m.to largo cõ grande numero de gente de guerra, e dizendo lhe o Capitão como estávamos aly, folgou m.to(...) [chamou-os à sua presença do dia seguinte]; e entrando em sua tenda, o achamos assentado em alcatifas encostado a hu leito bem ornado, isto por nos fazer honra, q o costume he estar assentado sobre o leito encostado a Coxins de Veludo ou de brocado. Estavaõ m.tos Capitães de hua e outra banda; e chegando a lhe beijar a mão, nos mandou assentar n alcatifas hu pouco afastado(...)», <i>ibid.</i>, p. 68
DESLOCAÇÕES DO IMPERADOR	-« E nisto saíu de dentro da tenda o Preste João em cima de um macho murzelo como um corvo, tamanho co,o grande cavalo, o qual o Preste traz em grande estima e sempre neste macho caminha (...) e senão vai nele vai no estrado. E saíu (...), em opas de brocado que chegavam quási ao chão e o macho assim vinha todo coberto e trazia o Preste sua coroa na cabeça e sua cruz na mão e de cada parte dois cavalos (...). », p. 306 -«(...) começou a caminhar maneira, seja, descoberto e com corôa na cabeça cercado de cortinas rôxas detrás e das ilhargas em boa quantidade compridas e altas, êle vai metido na enseada e os que levam a cortina vão da parte de fora e levam-na bem erguida com varas(...)», cercado de pagens dentro da cortina que seguram a mula ricamente ajaezada, da frente e detrás Álvares, pp. 243/244 -«Avante do Preste vão bem vinte pagens a pé dos principais e avante (...) seis cavalos mui formosos e ricamente ajaezados, com cada um (...) quatro homens mui limpos e bem vestidos à	-« (...) também quando caminhava [o imperador] , ninguém o via ; porq, como diz hu livro de Ethiopia [sobre o imperador Zara Jacob], (...), todos hião muito afastados , excepto três q lhe tomavão o sol e o cobrião com tres sombreiros grandes de seda e algus avanavão as moscas ;(...)», Vol. I p. 129 -«(...) mas já há muito tempo q os Emperadores deixarão as cortinas e somente levavão [em viagem] na cabeça hu chapeo de falda larga comumente de veludo azul co huas capas de ouro e alguas pedras na copa, porq era sua coroa; o q tambem usou este Emperador(...) atee agora pouco tempo há q pos coroa como as nossas em chapeo de setim Carmesim de falda curta e a mesma q os de Portugal (...) e mandou fazer chapeos das cores q elle costuma vestir, pera a coroa; pera q o chapeo diga sempre cõ o vestido.», Vol. I, p.131 -« (...) quando o Emperador hade caminhar, sempre o Capitão da dianteira dá sinas co seus atabales,

	sua guisa.» Diante dos cavalos seguem quatro mulas, também conduzidas , cada uma, por quatro homens; à frente vinte fidalgos em mulas e diante destes , a embaixada. Se alguém se colocar à frente são afastados por homens a cavalo. Mais à frente e atrás vai cada um dos Betudetes com a guarda. « E vão com cada um destes Betudetes passante de seis mil homens, assim de contínuo quatro leões, como atrás dito é. E assim também vão as igrejas mui honradas e acatadas, como dito é. », pp. 243/245 -Sobre as montadas do Imperador diz-nos Álvares, «Vinhão estes cavalos tão guarnecidos e ajazados e cobertos de brocado, que com o lume pareciam cozidos em ouro e traziam grandes diademas nas cabeças que desciam até aos morsos e grandes penachos dos diademas.»,p. 308	quando amanhece ou hu pouco depois, e logo todos desarmam suas tendas, e começam a carregar seu fatto. Daly a pouco sae co sua bandeira, tangendo os atabales, q ordinariamente são quatro sobre duas mullas, hus de cobre vermelho; e outros de pao cubertos com couro de vacca, e seguemo todos os q tem obrigação. Depois cavalga diante da tenda do Emperador seu estribeiomór, o q outro nenhu (...) pode fazer (...). Logo saem os capitaens da mão direita e esquerda co suas bandeiras, e atabales; e espera cada hu em seu lugar com sua gente, até q sya o Emperador.(...) Como sae o Emperador da tenda, começam a tanger suas charamellas, que aida q não são como as nossas, fazem boa musica; e logo o Capitão da mão direita, e o da esquerda, e os demais vão marchando por sua ordem afastados bom pedaço do Emperador; (...), Pais, <i>op. cit.</i>, Vol. I, pp. 131/132 -Encabeçada pelas casas dos grandes senhores; insígnias e guarda imperial, casa do Imperador e casa da Imperatriz, «(...) depois se segue a recovagem q he como outro exercito, porq demais das tendas, e matalotajem, e fatto do Arrayal, q levão carregado em mullas, bois, e jumentos, vem muito grande numero de Taverneiros e mercadores.» Em zonas perigosas fecha o séquito um capitão, que todos os dias muda, com «muita gente de guerra» Pais, <i>op. cit.</i>, pp. 131/134 -,« O Emperador algumas vezes sae de brocado, mas poucas potq pesa; o mais ordinario he cetim ou damasco Carmesim; porq folga co esta cor; e chegalhe o vestido ate mais de meia perna, co os calçoens do mesmo hu pouco estreitos, e cobrem-lhe toda a perna ate ao çapato, q botas não calça nunca. Sobretudo veste albornoz de veludo Carmesim co grande capello e m.tos passamanes de fio de ouro e botoens grossos d'ouro; chapeo como os nossos de seda, q veste, e sobre elle a coroa, q he de ouro m.to fino co algumas pedras engastadas; e em todas as pontas ,q fazem as flores de lis perolas ; e no mais alto (...) por remate hua pedra
--	--	---

		fermosa engastada na ponta de hu piazinho de ouro; Em a cabeça debaixo do chapeo, poem alguas vezes hua touca branca m.to fina, cujas pontas decem por debaixo da barba e dão volta de maneira q lhe cobrem a boca, e narizes por causa do poo; (...). Quanto à sua montada: « O freio da mulla leva sempre m.ta prata lavrada em pontas q lhe faz parecer m.to bem; e a slla cuberta de Brocado sobre q assentão; no arção traseiro pella banda de fora prata dourada, em q abrem rosas, e flores de lis.(...) levão pella redea duas mullas (...) e alguas vezes quatro co freos e sellas muito ricas; depois seis cavallos de destro e alguas vezes outo, muito grande e ricamente enjaezados, em os freos tem muita prata dourada; em os pescoços outros arreos do mesmo como o traz o Grão Turco ; porq os fez pouco tempo hu official q de lá veio; as cobertas e sellas de velludo Carmesim e outras de brocado. O Cavallo q vay mais perto do Emperador leva o arção dianteiro de prata dourada muito bem lavrada; e o arção do mesmo pella banda de fora, mas co laçaria; e no q fica vão tem por dentro seda de diversas cores, co q se realça mais o ouro.», Vol. I, pp. 132/134
REFEIÇÃO DO IMPERADOR	-« A tôdas estas portas estão guardas, para detrás não cheguei para ver mais porque não deixam para lá passar ninguém (...) e sei eu certo que está uma porta detrás porque servem os pagens de cozinha; porque isto vi eu de longe, (...) e estas portas há, quando as tendas são cerradas de sebe e não sendo cercadas, não haverá aí, somente as tendas cercadas de cortinas (...)Quando destas cozinhas vem seu comer, é desta maneira (...) e vinham um grande sobrecéu de tafetá segundo pareciam vermelhos e azuis de seis peças em comprido; é êste sobrecéu erguido como pálio em canas, que naquelas terras há mui boas e delas fazem hastes às lanças.», ..p. 342 -« E debaixo dêste pálio vinham outros pagens que traziam iguarias em umas grandes ganetas que eram feitas como	-«(...); e quando lhe levão o comer, se não aquelles pajens atee a porta e aly o recebião, e tudo o que sobejava das iguarias a q elle tocava e do pão q partia o enterravão, q ninguém tinha licença para o poder comer; (...)», Vol. I, pp. 51/52 -Pais afirma que da baixela do Imperador «(...) poderei eu dar boa rezão; porq, demais de perguntar por elles, tenho visto por vezes toda sua baxella, e muitas comido em seus mesmos pratos, e mesa; porq, em levantandosse della (q co elle ningue pode comer), (...)me mandou chamar da salla de fora e assentar co dous ou tres senhores seus parentes, (...) e deixando o serviço que tem de alatão , e de cobre(...) que disto não falta e muito bem lavrado,(...) e dos da terra muitos que são pretos, como

	bandejas de alimpar trigo senão que são em muita grandeza e traziam em cada uma muitas escondilhinhas pretas de barro em que vêm as iguarias de suas galinhas e passarinhos e outras muitas cousas e manjares brancos que sãoi mais de leite que doutra cousa e assim panelinhas pretas como as escudelas com outyras iguarias e potagens de diversas maneiras Para esta parte das cozinhas , (...), não anda ninguém.», pp. 342/343	azeviche; e em isto se resolve toda a baixella do Emperador, porque não come em cousa de prata, nem ouro.», Vol. I, p.92 -«(...) puserão hua mesa pequena pêra o Emp.or; e perto della outra grande pêra nos, mas atravessarão no meo hua Cortina e assim não vimos como servião; com tudo foi tal favor e mercê, q segundo dizem, nunca os Emp.ores antigos fizerão a ninguém, por grande cousa tinham os maiores e mais privados Snres quando lhes concediam q fora na varanda comessem alga cousa do q sobejava da mesa e não havia de ser assentados senão em pee.», Vol. III., p. 167
--	---	--

QUADRO 21

DA DISPOSIÇÃO DO ARRAIAL/CORTE

ÁLVARES	PAIS
-« A maneira que tem de se assentar a côrte do Preste João. Já sem pre se assente em campina que doutra maneira não couberam e as tendas do Preste se assentam no mais alto da campina se aí há e as costas das tendas sempre se assentam no Levante e as portas no Poente e se assentam quatro ou cinco tendas juntas umas das outras, e tôdas são do Preste e as cercam tôdas com umas cortinas a que êles chamam mandilate e é tecido como em xadrez, meado de branco e preto, e, se há-de estar muitos dias, cercam estas tendas de grande sebe, que fará de redondo quarto de légua. »,com doze portas, para os vários pontos cardiais (algumas para as igrejas outra para a habitação da rainha; outra para a dos pagens), cuja entrada é proibida, sendo guardadas. O autor dá especial relevo às cozinhas do Imperador, uma do lado direito outra do lado esquerdo, instaladas atrás destas tendas «(...)bem um tiro de besta e mais(...)», sendo o acesso a esta zona igualmente proibido. -Já fora da sebe que limita o espaço da morada do governante, mas perto dela está a tenda destinada às audiências judiciais; à frente destas estão sucessivamente: os cárceres de cada lado; as moradas dos juízes mores e no centro uma igreja; bem afastados dela estão instalados os quatro leões do imperador. -Finalmente a uma distância grande, encontra-se a igreja e a praça do mercado. « As duas igrejas que estão cercas à tenda do Preste, logo junto delas estão para a parte mais de fora umas tendas a cada uma igreja, uma mui limpa e boa em que guardam as roupas das igrejas; tem outra tenda defumada em que fazem o corbom ou hóstias.(...) Avante destas igrejas logo estão outras tendas grandes, compridas, de cumieiras, que se chamam balagamija em que guardam as roupas e tesouros do Preste e estas de uma parte e da outra tudo é de brocado (...) são sempre guardadas e os capitães ou feitores delas são capados. Avante destas tendas das roupas de uma parte e da outra são as tendas dos pagens e mais avante são as tendas dos	- O Capitão dianteiro escolhe o lugar: « (...) e sempre procura q seja algum Campo grande, onde haja agoa basttante pera o exercito e erva pera as mullas e Cavallos e Jumentos de carga; e no meo delle, se he chão, ou em algua parte mais alta poem logo uma bandeira barnca em sinal de q aly se hãode armar as tendas do Emperador; pera q cada hu saiba o lugar q hade tomar.», vol. I, p. 136 -« Logo se armão aly pello menos duas tendas muito grandes, (...) compridas de tres mastros co as portas pera occidente; trazem tambem uma tenda redonda muito grande a q chamão Debanâ e como esta ningue pode por (...), mas nem sempre a armão. A roda destas tendas hu pouco afastado cercão co Cortinas de panno d'algodão entretexidas de branco e preto (...); e dentro deste circuito não se pode armar tenda nenhua, excepto a q serve de Igreja de nossa Senhora(...); e a Igreja de Jesu (...). Fora dos limites daquelle terreiro, estão as da Emperatriz cercadas co cortinas da mesma sorte; e logo a roda por hua e outra banda se vão continuando a dos parentes e parentas do Emperador (...); e todas as destes senhores e senhoras tem a roda cortinas.», p. 136 -«(...)mais por diante se poe grande multidão de tendas de Taverneiros, (...), e agasalhão a gente de fora por pouco premio; Logo se seguem as tendas dos Ourives, e co estas continuão as dos Ferreiros, q também são muitas. Esta he a ordem q guardão sempre, em assentar suas tendas(...)», Vol. I, pp. 136/137 - Afora esta gente, q de ordinario segue o Emperador, há outra muita dos VisoReys dos reynos vizinhos, q o vem a acompanhar; e estes tambem tem seus lugares à mão direita , ou à esquerda, conforme manda o Emperador; mas suas tendas ficão na borda do Arrayal, alguas vezes em terras de paz hu pouco afastadas de maneira q cada hu (...) faz Arrayal por si; (...)», Vol.p. 137

ajazes que ocupam com boa vila com suas tendas e tendas dos seus e mais avante e mais a largo estão as tendas dos betudetes que cada uma ocupa como uma vila ou cidade e ficam estas quási fora como guardas. E na mão direita também fora como guarda, está a estância do Abuná que faz por si um concelho(...). O Cabeata está mais para dentro do Abuná e diziam ser sua estância, (...) junto da igreja de Santa Maria, porque êste officio sempre andou em frade e porque êle é clérigo e tem mulher, não pode estar junto da igreja(...) E tornando mais para dentro, seguem fidalgos em seus lugares(...) [depois] vem outra gente limpa e acabando estes vem gente como taberneiros e padeiros(...), e assim estão mulheres. E no cabo dêstes já perto da praça estão estâncias de ferreiros assim de uma banda como da outra, que cada um(...) fazem uma grande aldeia. Homens que vêm de fora a comprar, vender e negociar assentam-se mais a largo e estendem muito o arraial que sempre ocupam grandes duas léguas.»

pp.347/348

B) DOS ATAQUES DE LADRÕES NA ETIÓPIA

FRANCISCO ÁLVARES

-« (...) em a ela [à estrada] chegando, achámos uma mui grande cáfila de camelos e muita gente que vinha para Arquico, porque não caminham senão cáfilas com medo dos ladrões. (...) Dormimos todos em um, monte onde havia água e lugar certo de aposentar as cáfilas(...).», p. 21

-« Na vinda e trazida do nosso fato se começou a ver por experiência o aviso que nos davam dos ladrões, porque logo no caminho por fôrça tomaram a um servidor (...) quatro bacios de cobre estanhados e outros quatro de porcelanas e assim outras pequenas peças de cozinha e por se o servidor querer defender lhe deram uma grande ferida numa perna. (...).», p. 181

-«(...) andam em aduares de trinta ou quarenta com suas mulheres e filhos. E todos estes mouros trazem capitão cristão e todos são ladrões e estes roubam os pobres na estrada por seu poder e favor dos senores a que guardam as vacas.», p. 355

- No início do reino de Angote, « (...) nos puseram mais medo que dantes, dizendo que além dos mouros, que havia aí muitos ladrões que andavam entre os matos e matavam aos caminhanes(...).», p. 124

-«Ouvindo o Embaixador Mateus de sua vinda disse que era ladrão(...), dizendo que todos tomassem armas. E êle Mateus tomou sua espada e pôs um capacete na cabeça.», p. 19

-«O Capitão (...) e o frade nos avisavam que olhássemos bem por nossa fazenda, que havia na terra muitos ladrões e os frangues, que na terra eram, assim no-lo diziam, ainda mais diziam que haviam aí rendeiros e capitães de ladrões e que pagavam renda do que furtavam.», p.176

-« Nessa noite que eu assim estive com o Preste, amanhecendo outro dia se fêz grande roubo ao Embaixador na tenda em que pousávamos, da qual lhe levaram duas capas e dois pelotes ricos e sete camisas e uma touca e tudo peças ricas e outras peças mais baixas (...). E a Manuel de Moraes levaram outro fole com quanto tinha e a um frangue dos que aí achámos levaram sete teadas que no dia antes aí dera a guardar. », pp.204/205

-« Já que amanhecia outro dia [dia 15 de Novembro] , fizeram na tenda do Embaixador outro furto (...). Jazendo seis ou sete homens da sua cabeceira levaram a Jorge de abreu uma capa que lhe cuatara quarenta cruzados e mais da nossa fazenda dois fardos de cotonias então se f~ez sôbre isso nenhuma diligência. Dizem ser verdade que aí capitão de ladrões e que êste capitão dos ladrões tem encargo de armar as tendas do Preste e que êle e seus homens não t~em mais por seu trabalho que o que furtam.», p. 209

PÊRO PAIS

- «Daqui fomos por serras muy ásperas, sem fazer mais q sobir e deçer, q por medo dos ladroens deixarão o caminho ordinário(...)», Vol. III, p. 22

-«(...) Mercadores, q vinham detrás de nós, e forão pello outro cam.o ordinário, e disserão que estava no deserto trezentos ladroens com suas bandeiras, esperando pellos Portugueses, e sabendo q erão passados, os roubarão a elles(...) sem lhes deixar cousa nenhuma; e q não sabião se matarão alguns; porq elles vendo

tantas armas, deixarão seu fatto e fugirão.» Vol. III, p. 67

QUADRO 25

DA RELIGIÃO ETÍOPE

	ÁLVARES	PAIS
CRENÇAS		-« (...) não menos de onrão por terem também por cousa çerta, q seu Imp^o foi o prm.r^o q publica e universalmente recebeo a st^a Fee de Christo Nosso Snor sem as contradiçoens e trabalhos q ouve em certos reynos (...)», Vol. II, p. 9 -« Affirmão os Ethiopes vassalos do Preste João, q a natureza humana em Christo N. Sor he igual á divina e q está em toda aprte; e dizem q, depois q a natureza humana se unio á divina pessoa, não se pode dizer q em Christo ha duas naturezas senão hua natureza; e a Dioscoro, q ensinou estes tam grandes erros, tem por santo, e como tal lhe fazem grandes festas cada anno, e a S. Leão Papa; porq diz q estão em Christo duas naturezas, sem se misturarem, confundirem , ne afastarem, lhe tem m.to grande aborrecimt.to e dão nomes bem alheos de gente Christãa; (...)», Vol. II, p. 23 -«Respondeo elle q se estavam tão unidas, q a humana seguia sempre o q queria a divina, já não era mais q hua só vontade. M.to mal infiris disse eu: porq ainda q esta união seja tão grande, e q a vontade humana siga o q quer a divina, ne por isso perde seu ser; (...)», Pais, Vol. II, p. 29 -«(..) ne admitem o Concilio Calcedonense; mas antes o vituperão, porq declarou por de pee a doutrina de S. Leão sobre as duas naturezas, donde se seguem também duas vontades,e operaçoens em Christo Nosso Senhor, q elles negão; e condenou a Dioscoro, q venerão por santo; (...)», <i>Ibd.</i>, p.192 -« (...) a verd.e he q de m.tos tempos a esta parte tiverão e tem oje esta heregia, q o Spo. S.to procede só do P.e. e outras m.tas (...)», Vol. II, p. 22 -« Mas negão como os Gregos , q o Spo S.to procede do F.o, affirmando q só procede do P.e com tanta pertinacia q porq antigam.te hu frade quis defender q

		procedia tambem do F.o o matarão as pedradas (...)» Vol. II, p. 14 -« (...) penetrão o Ethiopes tão poucos as Escrituras q ainda outras cousas m.to mais claras, q nellas há, não as entendem ; e os mais delles são tão pouco studiosos, q co serem os seus livros m.to poucos, não sabem o q está nelles; e assim m.tas vezes profião contra algumas cousas nossas q tambem seus mesmos livros ensinão .», Vol. II, p. 78 -«Não he de maravilhar, q acrescentassem isto, porq muitas vezes o fazem em seus livros, pera depois provarem seus erros,...); e quando nos seus livros dos Santos achão palavras cntra elles as tirão(...), e hu frade meu amigo me contou isto, e me mostrou em muitas partes raspado; e como os livros são de pergaminho, facilmente o fazem.», Vol. II, p. 205
OFÍCIOS	-«Também nas festas tiram as bacias do altar e dão-lhe com umas varas e ajudam a fazer som. Também têm outros sinos de ferro (...) [em] duas bandas, têm badalo que dá em uma banda e na outra, e faz som como quem encava anxada. Assim têm outras campainhas <i>mal feitas</i> que trazem nas mãos quando fazem procissão e todos juntos tangem nas festas.», pp. 30-31 -« Em tôdas igrejas e mosteiros tangem às matinas duas horas ante manhã, rezam de cor e sem lume (...). Rezam ou cantam muito alto sem arte de canto e não rezam a versos, senão todos seguem uma cousa. Seu rezar é salmos e nos dias de festa além dos salmos, dizem prosas, segundo a festa assim a prosa(...) «(...) sempre estão na igreja em pé , mas matinas dizem uma só lição. Esta diz um clérigo ou frade, mais bradada que entoada e lê esta lição ante a porta principal. (...) nos sábados, domingos e festas, fazem procissão com quatro ou cinco cruzeiros em seus paus e a cruz não mais erguida que levada como bordão na mão esquerda, porque na mão direita levam turíbulo, porque quantos levarem cruz levam turíbulo (...). (...) esta procissão fazem pelo circuito que é	-« (...) ainda q em todas as igrejas se começam sempre os of.os duas horas ou mais antes de amanhecer; em as festas são tão compridos, q não se acabão até sahindo o sol, e então se começa a missa, e algumas vezes mias tarde.», Vol. I, p. 124 -« (...) quá não se usa fazer oração senão em pee ou sentados no chão; (...)», Vol. I, p. 127 -« Tambem são mui devotos e assi com se começarem os officios em todas as Igrejas como canta o gallo, q será tres horas depois de mea noute, como dão sinal, (...), se alevantão homens e mulheres e vão a Igreja (...)», Vol. I, pp176/177 -« (...) ouvem os officios , e rezãp em pee o mais do tempo ainda q tambem se assentão; e de nenhua maneira entrão com çapatos, posto q com a cabeça cuberta, (...); nem cospem, dentro no chão, senão em seus lenços, por reverencia das Igrejas; e pella mesma cousa, se vem a Cavallo, se apeião antes de chegarem a ellas, e não tornão a subir atee terem passado hu bom pedaço.», Vol I, p. 177 -« Os q ficão em casa, muitos rezão atee amanhecer oraçoens ou psalmos de David,

como crasta, e isto acabado, (...) o que há-de dizer a missa com outros dois entra na capela e tiram uma imagem de Nossa Senhora (...) põe-se no cruzeiro com o rosto para a porta principal e a imagem nas mãos ante ao peitos e os que estão das ilhargas têm velas acesas nas mãos e os outros todos começam um cantar como prosa e andam todos brandando e saltando, como em chacota (...), ao som daquele cantar ou prosa que cantam e assim tangem as campainhas pequenas e pandeiros naquele mesmo som.», pp. 31/32

-Acerca da hóstia :«(...) bôlo de farinha de trigo e asmo, feito daquela hora, muito alvo e gentil, de tamanho e redondeza de uma patena(...). Em outros mosteiros e igrejas, que há muita gente, fazem grande bôlo e muitos segundo a gente, porque todos comungam quando vão à igreja, e, segundo a largueza do bôlo, assim lhe fazem a grossura, seja de meio dedo até uma polegada (...)», p. 32

-« Detrás da igreja, seja, detrás da ousia, naquele circuito, que é como claustro, não há-de estar pessoa nenhuma, semão fôr de ordens sacras e todos os outros hão-de estar ante a porta principal em outro grande circuito que têm tôdas as igrejas, que cerca êste, (...), bem pode estar neste quem quiser.», p. 33

-« (...)e não se diz missa por defunto , nem de devoção por nenhum vivo, nem mais de uma missa no dia em cada igreja. E todos comungam quantos vão a ela.», p.58

-« Eu lhe vi fazer uma procissão derredor da igreja [de Barra] , no maior circuito que é como adro, em o qual eram muitos clérigos e frades, homens e mulheres, porque nesta igreja as mulheres recebem comunhão onde os leigos. Em aquela procissão vi ornamentos que digo dariam bem trinta voltas derredor da igreja, cantando cmo ladaíinha e tangendo muitos tabaques e pandeiros, assim como os tangem quando fazem procissão ante a imagem de Nossa senhora em domingos e festas (...). Esta procissão disseram que se fazia pedindo a Deus água para fazerem as sementeiras.», p. 70

-« (...) tôda esta clerezia não faziam senão cantar e bailar e saltar (...)

ou lem por S. Paulo ou o Evangelho (...) E o q mais he q quando caminham, (...) todo o homem honrado leva hi criado co o livro de rezar e estante de ferro delgado, afforrado de couro vermelho, de modo q se possa dobrar; e [parando] (...) , se assentão logo a rezar, não porq tenham obrigação, senão por sua devoção e ser já costume comu.», *Ibd.*

-« Ao ineffavel sacram.to da Euch.^a tem os Ethiopes m.to grande devoção e reverencia; porq crem q dittas pellos sacerdotes as palavras de consagração (q segundo me referirão alguns frades são quasi as mesmas q diz a Igreja catholica) deixa o pão de ser pãp, e o vinho de ser vinho; e debaixo de seus accidentes está real e verdadeiram.te o corpo e sangue de Christo Nosso Snor (...)», Vol. II, p. 82

-« Consagrão em pão frementado, e pera o fazer tem hua casinha fora da Igreja pera o Oriente perto das costas da Capella; (...). Nesta casa não há outra cousa mais q o necessario pera fazer o pão, e vinho de q usão; e nella moe a farinha hu frade co não pouco trabalho (...) porq não tem atafona; (...) (q sempre he pouco antes da missa estranhão m.to o não fazermos nos as hostias cada dia) então vai hu sacerdote e amaça com fermento; e se he pouca gente , (...) faz hu pão tão grande como hua patena, e pouco mais de hu dedo de grosso; e quando he m.t^a o faz de dous dedos e tão grande q baste; porq pera consagrar não fazem mais q hu só pão, execeptas çertas festas grandes(...). Neste pão sinalão sinco cruces pequenas (...), e logo faz outros peens pequenos q dão a todod como pãp bento. Depois os coze em hua tigela grande de barro , e cosidos poem em hua bacia pequena de cobre o q se há de consagrar; e os outros em hu cestinho(...)», Vol. II, pp. 82/83

-« O vinho fazem de passas (...) , hu pouco antes da missa desta mn.ra. Tomão as passas seccas q guardão todoo o anno, e lavadas botão em hua bacia (...), e com a mão as desfazem em outra agoa; e depois coão aquillo co hu pano limpo, e em algumas Igrejas q não tem tantas passas botão tanta agoa (...) q não fica mais q mal tinta (...) Do q se ve claro q não consagrão, pois não he vinho, senão agoa; e com todo isso , como dizem as palavras da consagração, a adorão. », Vol. II, p. 83

-« (...) vai com o Thuribolo levantado diante

	começaram a andar derredor da igreja vinte e cinco cruzeiros e cada clérigo que trazia cruz, trazia turíbulo, porque a cruz trazem na mão esquerda quasi como bordão e o turíbulo na direita. Outros traziam turíbulos sem cruz e gastavam incenso sem conto. Estavam nestes degraus (...) duas bacias de latão muito grandes, douradas e lavradas de buril, cheias de incenso e de cada volta lançavam derredor ricas vestimentas e capas feitas a seu costume (...). Havia neste ofício muitas mitras feitas de sua guisa.», pp. 273-274 -- Ofício do Dia de Ramos : « (...) começam suas matinas pouco mais de meia-noite, e têm seu cantar e bailar com tôdas suas imagens e retábulos até manhã clara, e, sendo horas da prima, tomam os ramos que cada um tem nas mãos na igreja ou à porta (...) metem-se os clérigos com os ramos na igreja e lá cantam grandemente e a gram pressa (...)». Acabada a missa e devolvidos os ramos, « (...) fazem procissão derredor da igreja e tornando à porta principal entram como nós entramos seis ou sete (...) e cerram a porta e fica o que a missa há-de dizer com a cruz na mão; assim cantam de dentro e de fora como nós (...), dizem sua missa (...) e dão comunhão a todos.» p. 303	ao subdiacono co hua candeia, e o Diacono dtrás co S. Paulo na mão: e sahindo fora da Capella lê hua das epistolas de S. Paulo, em quanto o Sacerdote dá hua volta ençesando a roda da Capella por hu alpendre a modo de Crasta, q está da banda de fora, onde estão os seculares, q na Capella não podem (...)», Vol. II, p. 86 -« Como acabão de dar a comunhão a todods (porq ordinariam.te todos os que aly estão comungão ainda q se não tenham confessado), (...)», Vol. II, p.93 -«Tambem tem grande descuido os Vigairos ,e os frades todos em ensinar ao povo o aparelho q se requiere pera receber o sanctissimo Sacram.to, q segundo me affirmarão, há homens casados, q comungão e meude sem se terem confessado toda sua Vida por não saberem q era necessario confessar os peccados antes de comungar.»,Vol. II., p. 95 -« (...) o dia da exaltação de Stª Cruz fazem muito grande festa, banhando toda aquella noute; e ainda em algumas terras, como no Reyno de Tigré, começam hu mês antes a balhar nas ruas todas as noutes; e o mesmo dia, antes de amanhecer, andão os mancebos, e meninos co farchas açezas muito compridas feitos de paozinhos delgados muito secos gritando e pedindo a Deos co palavras de grande alegria, q os deixe chegar ao outro anno, e quando amanhece açendem muita lenha, q tem junta.», Vol. I, p. 127 -« M.to grande devoção mostrão os Ethiopes a santiss.a Trindade (...) porq tem m.tas Igrejas dedicadas a ella e cada m~es no 7º dia depois de entrado lhe fazem festa, e hu dia no anno a festejãoco grande solemnidad.e (...)», Vol. II, p. 14
RITOS E PRÁTICAS	-«(...) êles não têm aqui mais do que lançar-se com os mouros e fazem-se mouros, e, se querem tornar, tornam a baptizar-se e ficam perdoados e cristãos como dantes ;(...)»,p. 319 -« depois soubemos que êles guardavam algumas cousas da Lei velha juntamente com a nova, assim como é o jejum da Quaresma, a qual começam à segunda-feira depois do domingo da	-« Neste gaurdão alguns dos Ethiopes quando bautizão a verdad.ra forma, mas os mais, e ainda frades bautizão sem a saber; (...)», Vol. II, pp. 73/74 -«(...) quando algu q se fez mouro e, ou gentilizou vem, e dia q errou, e q se quer reduzir, tornão o bautizar, e quando muito lhe dão algua penitencia;(...)», Vol. I, p. 153

sexagésima que são dez dias antes do começo da nossa Quaresma. », p. 38

-«Guardam também os Ethiopes comum.te os sabbados, e m.tos frades co tão grande observância , e rigor q parece q antes se deixarão matar q quebrallo. Começão a guarda delle Sestafeira a tarde como os Judeos; (...)», p.38

-« Em tôda esta noite ,(…), nunca cessaram grande número de clérigos de cantar sôbre o dito tanque dizendo que benziã a água e quási meia noite, (...), começaram o baptismo, dize (...) que o primeiro que se baptiza é o Preste e após êle o Abuná e após êle a Raíña. Estas três pessoas dizem levar panos em suas vergonhas e todos os outros como os pariram suas madres e sendo horas quási o sol saído e o baptismo na maior sua fôrça.», p. 253

-« É um tanque muito grande , fundo no chão e talhado muito na terra muito direito e bem quadrado forrado de tabuado e sôbre o tabuado pano de algodão grôssô encerado e vinha água água tirada de um ribeiro por um rêgo (...) e caía por um cano dentro do tanque (...); o tanque estava cheio de água benta, segundo diziam (...) E dentro do tanque estava o padre velho mestre do Preste (...) e estava nu como sua mãi o pariu (bem morto de frio porque era mui grande a geada) metido na água até os ombros ou quási que tão alto era o tanque (...)», pp. 253/254

-« (...) sempre em todo o tempo que o dito frade comigo esteve nunca lhe vi comer outra cousa que ervas, seja, agriões, rabaças (...) e malvas e ortigões (...) e não achando ervas, lhe traziam os fradinhos lentilhas em um cbaço com água já nascidas com gomo fora, (...) e eu as comi e é a mais fria cousa de comer que há no mundo.», p. 298

-« (...) tomei o frade pela mão e o meti em uma nossa pousada e amostrei aquilo a Pêro Lopes, meu sobrinho e ainda mais achámos a esta cinta que era reunida de ambas as partes para a parte da carne com bicos grossos como serra de serrar madeira mal aguda (e tudo isto fora da Quaresma). », p. 298

-« E assim ouvimos dizer que havia aí

-« Todos os annos se rebautizão dia da Epiphania em memoria q aqle dia se bautizou Christo Nosso Snor no Jordão; e segundo me affirmarão dizem a forma do sacram.to e o tem por verdadeiro bautismo; (...)», Vol. II, pp. 74/75

-« Passada a mea noute , se alevantão , e acendem candeas cantão seus offícios como acostumão na Igreja as festas grandes, e dizem missa secca com musicas a seu modo ; e entretanto se confissão (...) dos q são mais devotos, q os outros não fazem conta disso; e começando a sahir o sol , se chegão todos (...) a borda d’agoa co o Abbade ou frade (...) poem oleo na Cruz; e logo tocando com ella na agoa faz cruz(...)»

Depois de sagrada a água, o abade despe-se e entra na água até ao peito , onde é baptizado por dois sacerdotes , baptizando-os ele depois. « (...) entretanto estão todos os outros sacerdotes dentro d’ agoa cantando, e dando co hua mão na outra em sinal de festa, e logo hu bautiza a outro repetindo a forma(...) mas aos Diaconos, e seculares homens e molheres lhes poem o sacerdote a mão na cabeça , e os faz mergulhar tres vezes dizendo a forma do bautismo.»

Vol. II, p. 75Pais

-«Quando nestes bautismos gerais se bautizão os Emperadores (q nunca o deixão de fazer senão he este desde o anno de 1609 depois que lhes mostrei como se não podia rebautizar) punhão hua tenda na agoa e o Patriarcha os bautizava dentro do tanque com hum pequeno pano cingido pella cinta e todos os mais entrão nus.», Vol. II, pp. 75/76

-« Em algumas Igrejas do Imperio há sepulturas de homens q tem por santos, onde de muito longe vão em romaria co muita devoção ; (...) e ainda a Jerusalem vão m.tos homens e molheres, co ser caminho m.tº comprido e trabalhoso, assi pella muita aspereza, como pellas muitas calmas das terras por onde passão.», Vol. I, p. 177

-« Sobretudo são m.to dados a jejuns e penitencias. Jejuão todas as 4^{as} e sextas feiras do anno, excepto as depois da paschoa de ressurreição atee ao Spirito Santo. Comem à tarde quando a sombra temm oito pees(...). Não comem ovos, leite, ne manteiga, senão ervas e bem mal

muitos frades que em tôda a Quaresma se não assentavam e sempre andavam em pé, ouvi que estava espaço de duas léguas (...) em uma lapa e estava naquela pendenza. Por ser Quaresma cavalguei e fomo-lo ver (...) e achámo-lo em pé metido em um tabernáculo de parede tamanho como êle, feito (...) como caixa sem cobertura muito acafelada com barro e bosta. (...). Estava êste frade vestido com um cilício tecido e urdido de sêdas de rabo de boi e debaixo dele outra cinta de ferro como a de Aquaxumo. Em outra tal lapa junto desta pousavam dois frades moços pequenos que administravam o comer das ervas. Estas lapas eram já antigas destas pendenças, porque em elas havia sepulturas.», pp. 299/300

-« No lugar de Barué , em outra Quaresma, vimos dois frades na igreja do dito lugar da parte de fora em semelhantes tabernáculos, um de uma parte e outro doutra e comiam das mesmas ervas e lentilhas nascidas; (...)», p.300

-« (...) ouvimos dizer que às quartas e sextas-feiras da Quaresma que dormiam muitos metidos na água até o pescoço (...) E dêstes eram cónegos e mulheres de cónegos e frades e freiras (...) achei o dito tanque cheio de estâncias de pedras pela borda, (...) , e assim como cresciam em altura, assim cresciam as pedras umas sôbre as outras como que se assentavam sôbre elas até lhes dar água pelo pescoço (...)», p. 301

-« (...) que soubesse que geralmente era isto em tôda a Terra do Preste João e que havia aí muitos que não tão somente não comiam pão entre a gente, mas que moravam nos grandes bosques e nas mais funduras e mais alturas dos montes, onde acham alguma água onde gente viva nunca chegue.», p. 301

-« (...) na qual fundura me mostrou (...) uma lapa que escassamente aparecia, dizendo que ali morava um frade que haviam por santo (...). E em uma ladeira desta fundura me mostrou onde se finara um homem branco, (...) que bem vinte anos fizera vida em aquêl ermo (...) e que não souberam o tempo de sua morte, somente não o sentindo (...) foram ver a sua estância ou lapa e

temperadas, grãos, lentilhas, favas e outras semnetes q tem: e peixe que o aha q há muito pouco (...); e muitos não comem o q não tem escama, pello costume q lhes ficou dos Judeos. Tambem jejuão alguns dias antes do natal, e quinze dias antes da assumpção de Nossa Senhora, mas não todos , porq isto he por devoção.», Vol. I, pp. 177- 178

-« Em a quaresma jejuão todos e não comem ate posto o sol, me bebem gota de agoa ainda m.tos q são doentes e alguns particularmente frades estão dous dias sem comer e mais.Os sabbados não jejuão, mas em lugar delles jejuão sete dias antes q entre nossa quaresma, começando da 2ª feira depois da sexagesima; e alguns por mais penitencia comem huas sementes amargosas e ainda erva babosa.», Vol. I, p. 178

-«Outras m.tas penitencias fazem os frades na quaresma; e entre ellas estar muito tempo em pee em oração (q de joelhos não costumão) (...)»,Vol. I, p. 178

-«Tambem affirmão q antigamente alguns fvrades dos q estavam em os desertos (q então erão m.tos) se metião em huas arvores q há muito grossas e lisas atee o alto, (...), fazendo desta maneira: pregavão estacas no tronco hua por cima de outra (...) e por ellas sobião atee altura q pudessem ficar seguros das feras, e aly cortavão e fazião hu buraco (...) quanto podia caber hu homem; e nella se metia hu frade e não sahia mais; ,outros lhe davão de comer atee q se fechava aquella casinha (q por dentro se torna a encher muito depressa) e assi o hia apertando ate q ficava aly morto e sepultado.», Vol. I, p. 178

-« As penitencias q dão , huas vezes são m.to leves por peccados graves, e outras incomportaveis por cousas m.to leves. (...) Tambem mandão rezar cada dia 50 psalmos; e alguas todos os 150 por espaço de hu anno; e as vezes q jejuem todos os dias por espço de tres , ou quatro annos, e ordinariamente não comungam atee a não terem cumprido. «(...)q se os ensinarão, não som.te ouverão de confessar todos seus peccados, mas as circunstancias por leves q fossem, como se ve em m.tos , q mostram terem grande escrupolo de cousas m.to pequenas; e tanto desejo de sua salvação . q ainda peccados m.to graves confessão em voz alta a seu Abuna diante de quantos aly

	acharam-na tapada da parte de dentro de boa parede (...)», pp. 301/302 -« O geral jejum da Quaresma (...) é comer de dois em dois dias e sempre à noite [terça, quinta e sábado]. Domingo não é de jejum(...)», p.302 -« Em tôda outra terra , reinos e senhorios, se jejuam tôda a Quaresma, grandes e pequenos, homens e mulheres, moços e moças, sem nada quebrarem e quási assim fazem no Advento.», p. 303 -« E tôdas as quartas-feiras e sextas do ano jejuam todos os homens e mulheres , grandes e pequenos, isto se não estende do Natal até Purificação de Nossa Senhora, nem da Páscoa da ressurreição até à Trindade (...). Frades, clérigos e homens fidalgos e nobres jejuam tôda a semana tirando sábado e domingo.», p. 416 -« E na Semana santa não dão esta paz nem em que se encontrem não se falam e passam como mudos uns pelos outros sem alevantarem os olhos, e, como é homem de feição, não veste nesta semana panos brancos e todos andam de prêto e azul e se guarda esta semana de todo o serviço e cada dia fazem grandes ofícios nas igrejas (...) Na quinta-feira, horas de vésperas, fazem mandato, seja, ofício de lavar pés e ajunta-se o povo todo na igreja e o maior da igreja se assenta em uma tripeça com uma toalha cingida e grande bacia de água diante começando a lavar os pés dos clérigos e acaba em todos. E acabado começam seu cantar e cantam tôda a noite e não saiem mais da igreja os clérigos e frades e os zagonais nem comem nem bebem até sábado (...)» p.304 -« cantam tôda a nopite, e todo o dia têm a Paixão,e, ela acabada, tiram a cortina de sôbre o crucifixo e êle descoberto deitam-se todos pelo chão, baqueiam-se e dão-se bofetadas uns aos outros e dão com as cabeças nas paredes e assim dão bofetadas cada um em si e punhadas. Dura êste pranto bem duas horas, acabando vão-se por cada porta do circuito 8...) e são tr-es portas em todas as igrejas e a cada uma estão dois clérigos cada um de seu cabo e cada um tem na mão um azorrague pequeno com cinco correias e todos os que estão	se querem juntar; (...) e perguntando eu se os Confessores tinham alguma summa de casos por onde se governassem me disserão, q nenhu livro tinham q diso tratasse, q hião pella doutrina, e por seus Sinodos.» Vol.II, p.80
--	--	--

	nesta ante-porta saem (...) despidos da cinta para cima, e passando se abaixam e os que estão com os azoragues não fazem senão dar enquanto estão quêdos.», pp. 304-305 -« Porquantos e não assenta nenhuma pessoa nas igrjas à porta delas da parte de fora, dentro do circuito, estão sempre grande número de cajados de travessa como tau ou muleta de aleijado e cada um toma o seu cajado e encosta-se a ~ele enquanto estão aos ofícios na igreja», p. 422	
CLERO	-« O que diz a missa nesta terra , não tem outra diferença do diácono e sub-diácono nas vestimentas, senão uma estola comprida fendida pelo meioquanto cabe a cabeça e detrás e de diante chega ao chão. Os frades dizem a missa com os capeloo na cabeça e os clérigos não trazem capelos e andam tosquiados (...). E assim frades como clérigos, todos, dizem missa descalços e não entra nenhum calçado na igreja (...).», p. 37 -« (...) os frades andam honestos de seus hábitos compridos até ao chão, deles trazem hábitos amarelos de pano de algodão grôssso e deles hábitos de peles de cabras cuiridas como safões, também anmarelos, e assim as freiras os mesmos hábitos e trazem mais os frades capas da feição dos frades de S. Domingos, da mesma pele ou pano amarelo e trazem capelos (...).», p. 70 -« (...) e as freiras não trazem capas nem capelos, somente o hábito, e rapadas à navalha e uma correia de couro cingida ou apertada derredor da cabeça; dêis que são velhas trazem tufas derredor da	-«Na etiópia não há mais do que (...) o Prelado q lhe vem mandado pello Patriarcha de Alexandria, a que chamão Abuna, q he nome Arabio q quer dizer Padre nosso;», Vol. I, pp. 109/110 -« (...) [os diaconos] e os sacerdotes trazem de ordinario cruces em as mãos como de hu palmo e meio de comprido, as mais de ferro.», Vol. I, p. 110 -« (...) os frades não morão em mosteiros fechados (...), senão cada hu em sua casa perto da Igreja comumente e algns tambem longe; posto q antigamente m.tos moravão dentro de hua cerca em casinhas afastadas (...); e ainda agora há algu rasto disto.», Vol. I, p. 189 -« As freiras tambem morão em estas casinhas de palha, não juntas, senão cada hua onde quer; e vay por onde quer (...); porq, em dandolhes os frades os veos, se tornão a casa de seus pays ou parentes ou à sua, (...); e se alguas querem ficar encostadas ao mosteiro dos frades q lhes derão o veio, tambem mora cada hua afastada em sua casinha (...).», Vol. I, p.129

cabeça sôbre suas tosquias. », p. 70

-« Não são encerradas estas freiras, nem estão em mosteiros sôbresi, senão em aldeias e por todos os mosteiros dos frades, por serem daquelas casas e ordens.

A ordem tôda é uma e as freiras obedecem onde recebem os hábitos (...),p. 70

-« Os clérigos em seus hábitos t-em mui pouca diferença dos leigos, porque yudo é um pano bom, cingindo como homens limpos e sua diferença é que trazem uma cruz na mão e andam tosquiados e os leigos trazem grande grenha.Mais têm os clérigos que não fazem barba e os leigos fazem debaixo da barba e o bebedouro (...), p. 71

- « (...) outros clérigos há aí a que chamam debeterás, que quiere dizer cónegos, estes são de grandes igrejas que são como sés catedrais ou igrejas colegiadas (...), estes andam muito bem vestidos e logo parecem que o são, não andam pelas feiras, nem mercados.», p. 71

-« Em a verdade , os frades andam mais honestos em seus hábitos e os clérigos andam como leigos, senão são mais honestos. », pp. 104-105

-« A vestimenta é feita como camisa e a estola furada pelo meio e metida pela cabeça, nãoó há aí manípulo, nem amito, nem cinta. Clérigos e frades todos trazem as cabeças rapadas e as barbas não. Os frades dizem a missa com o capelo na cabeça e os clérigos com a cabeça descoberta.», p. 419

- Cerimónia de Ordenação:« (...) numa tenda branca em um grande campo despovoado onde estavam bem cinco seis mil pessoas para se ordenarem(...) e ali os examinavam em pouco exame, que cada um não lia mais de duas, tr~es palavras e logo vão a um que está detrás dêstes com una bacia de tinta e uma chapa como sêlo e lhe punha esta chapa no chão do braço direito.. (...) mui poucos foram os que nãp passaram.(...) acabado êste exame meteu-se o Abuná na tenda e assentou-se na dita cadeira, e tinha esta tenda duas portas e fizeram pôr todos os examinados em um carreiro (...) e

-« Quando há de dar ordens, manda armar no Campo hua tenda grande; (...) quando não são m.tos, faz isto em alguma Igreja, q tenha diante bom terreiro, onde os mandão assentar em tres fieiras (...) e os contão pera ver quantas pedras de sal se lhes há de arrecadar (...). Depois seassenta o Abuná em sua Cadeira na porta da Igreja , ou tenda (...) e lê hu pouco em hu livro de lingoa arabia, e logo v~ao chegando hu e hu os q se hão de ordenar; e lhes corta alguns cabellos da cabeça, q parece he a prim.ra tonsura; e se ecerta de vir rapado (...), tocalhes com a tesoura na cabeça; e vão sahindo pella outra banda da tenda (...) lee outra vez no livro, e elles tornão outra vez a passar por ordem (...). E vai fazendo çertas çeremonias, e dizendo algumas palavras, q nunca pude saber, porq o q tem o livro de nenhua man.ra mo quis mostrar , ne dizermas. Desta man.ra dá todas as ordens juntas, excepto o Sacerdocio (...); pera estas prim.ras não preçede exame nenhu; porq ainda q não saibão ler, lhas dá. « Aos q há de ordenar de missa manda examinar prim.ro por alguns ministros egypcios q tem (...); mas o exame he tam fraco, q a poucos ou a nenhuns reprovão ainda q sibão m.to mal ler; porq procurão de aprender a ler aquillo de que os hão de examinar, q são lugares çertos:o principio do Evang.º de S. João . O principio do 2º cap. dos Actos dos Apostolos. E o principio do cap. 23 dos mesmos Actos. Tambem usão de outro engano os q se vem ordenar; q he juntaremse todos os de hua terra, e porem diante os q sabem ler; e o examinador, como acha q aquellos q lem bem, aprova a todod os daquellas terra, por não cansar tanto; E daqui vem , q m.tos dos q dizem missa não sabem quasi ler(...)», Vol. II, pp. 113/114

-« (...) a alguns lhe fazem os Superiores dos mosteiros tomar o habito por força , porq tem por grande honra dar o habito a m.tos; e pera isto se os mininos q ensinão não querem ser frades por rogos , a alguns prendem e dão molestias ate q vem a dizer q si(...) e assi m.tas vezes lho dão sem noviciado nem prova nenhua (...) hu abbade velho q há perto de quarenta annos (...) me disse q toda esta perdição dos frades vinha por lhe darem o habito desta man.ra sem as provações q prim.ro tinham (...)», Vol. II, p.158

-« (...) as vestim.tas [do sacerdote] q são hua roupa comprida co mangas, e sem

passavam por diante do Abuná entrando por uma poirta e saindo por outra; quando passavam perante êle, punha-lhes a mão na cabeça e dizia palavras que eu não entendia, e assim não ficou nenhum a que se esta cerimônia não fizesse.», pp. 258/260

- « (...) e que assim viram um frade cego de todo, como quere que nunca vira nem tivera olhos fazê-lo de missa. E assim outro de todo ponto aleijado da mão direita e quatro ou cinco aleijados das pernas. E também os fizeram clérigos e que o clérigo havia de ser são de seus membros.» p. 261

-«Não examinam neste ofício e fazem zagonais os meninos do colo que não sabem falar até à idade de quinze anos(...) Os meninos que não falam nem andam, os homens os levam no colo, porque as mulheres não podem entrar na igreja e o seu chôro parece cabritos em curral sem as mãis quando êles são apartados e morrem com fome, porque acabam o ofício horas de vésperas, e êles estão sem comer porque hão-de comungar.», p. 262

« (...) e é cousa de espanto o perigo dos pequenos que a poder de água lhes não podem fazer levar o sacramento, assim por sua pequena idade, como pelo chorar que fazem.», p. 263

-« Os clérigos são casados com uma mulher, (...) vivem em suas casas com suas mulheres e filhos e se morre a mulher não casa mais, (...) e se o clérigo dorme com outra sendo a sua viva, não entra mais na igreja, nem goza dos bens dela e fica como leigo.(...) E se alguns clérigos depois de viúvos se casam ficam leigos(...) », Álvares, *op. cit.*, pp. 64/65

colarinho ao modo turquesmo e m.tas vezes são as mesmas cabayas, q os Snres comprão dos Turcos, e as offereçem as Igrejas ; e esta veste prim.ro e sobre ella outra q chamão (Notaát) também comprida atee aos pees por diante, e pellas costas arrastando como hu Covado; e o corte he a modo de Cappa d' Asperges, não tão fraldada; so destas duas usão , q amito, stolla, manipollo , cordão não tem.», Vol. II, p. 83

-« (...) nem há quem vista a romana, antes m.tos delles quasi a turquesca, principalm.te o Abuná. Todos os clerigos são casados; e se se contetarão com suas molheres fora grande bem (...); rapão toda a cabeça e deixão creçer a barba como também o fazem m.tos Seculares (...) , não se deferença delles no vestido; quem pode veste hua Cabaya branca d'algodão com cabeção alto, e Justo, e sobre esta outra de pano de nossas terras, ou de algua seda q lhes vem por via dos Turcos; e na cabeça barrete redondo, ou comprido de qualquer cor q achão, e alguas vezes sobre elle touca como a dos mouros; trazem calçoens estreitos e compridos atte os çapatos. Os q são pobres não trazem mais q hu pano branco d' Algodão, m(...), e hu calção atee mea perna, a cabeça descuberta, e pés descalsos; mas trazem todos na mão hua Cruz de ferro delgada ou de pao preto como de hu palmo q he proprio dos clerigos, ainda q também a trazem as freiras.», Vol. II, pp. 118/119

-Os hábitos dos frades :« (...) trazem o habito (...) huns de pano d'algodão amarelo; outros de pelle como as camuças de hespanha porem mais grosseiras; outros de pano d'algodão preto ou branco, q nisto não há cousa particular entre os do deserto, e do povoado, cada hu traz o habito da Cor e pano q quer ou pode; e assi alguns poem sobre o habito panos de seda bem custosos. Porem os do deserto q se querem mostrar mais penitentes, sempre vestem pelles amarellas como Camuça grossa.», Vol. II, p. 157

-« Demais do habito e capello tem outra cousa a q chamão Azquemâ. Q he como hua trança m.to estreita, q fazem de tres tiras de pergaminho, e a poem ao pescoço de man.ra q ambas as pontas vem por diante a se amarrarem em hua argolinha de cobre q tem no cinto(...) Esta Azquemâ não se pode dar ao frade atee q tenha trinta annos d'idade(...) e tem por cousa de grande

		honra.», Vol.II, p. 161 -«Tem lá seus mosteiros, e pera estarem mais livres da comunicação e trato da outra gente, alcançarão dos Emp.ores, q pera dentro de certos limites m.to longe de seus mosteiros ninguém pudesse lavrar, nem povoar e de ordinario fazem (...) grandes penitencias (...); porq saem de dous em dous ou mais juntos a Jujuar debaixo d'árvores ou em lappas e não comem, senão a noute, algumas hervas ou legumes; e bebem agoa; (...) trazem çiliços de ferro, e fazem outras cousas muy extraordinarias; mas q lhe aproveita tudo isto pois são scismaticos, e hereges e sem fe he impossivel agradecer a Deos como diz S. Paulo.», Vol. II, p.157 - « Os clérigos são casados com uma mulher, guardam melhor a lei do matrimónio que os leigos, vivem em suas casas com suas mulheres e filhos e se morre a mulher não casa mais, nem a mulher, mas pode-se fazer freira ou ficar viúva (...) e se o clérigo dorme com outra sendo a sua viva, não entra mais na igreja, nem goza dos bens dela e fica como leigo.», Vol. II, p. 64 -« Todos os clerigos são casados, mas casão antes de se ordenarem de missa ; e com molher virgem e de pois, se lhes morre esta, não podem casar com outra e quando o fazem (q he m.tas vezes) os suspende das ordens o Abuná, mas ficão com a molher em casa; e ainda me affirmarão por cousa m.to çerta e sabida de todos , q como peitavão , o Abuná lhes tornava dar licença q tornassem a dizer missa, e tivessem aquella molher. (...)», Vol. II, p. 114 -«(...)P.e nesta nossa terra milhor he a sorte dos frades pêra as cousas da Carne q a dos casados ; porq nos, se hemos de fazer o q manda oEvangelho, não podemos deixar nossas molheres atee a morte, mas elles cada vez q querem deixão hua molher e tomão outra;(...) Este frade tem já deixado doze(...)»,Vol. II pp. 152/153 -«(...) aqlles q tinham por santos, depois de suas penitências, deixão o habito, e casão publicam.te(...) e eu conheço hu q esteve seis annos no deserto vestido de pelles e fazendo grandes penitencias(...) gastava certas horas do dia em oração co a cabeça no chão, e os pees para cima, e agora está casado co bem de filhos(...)», Vol II, p. 158
--	--	--

--	--	--

QUADRO 26

DO ESPAÇO RELIGIOSO:IGREJAS E MOSTEIROS

ÁLVARES	PAIS
-« A casa do mosteiro[Mosteiro de São Miguel] bem parece casa de igreja, <i>feita como as nossas</i>, tem derredor circuito como crasta, coberto por cima à maneira do corpo do mosteiro, tem três portas assim <i>como estão as nossas</i>, uma principal e duas travessas. A cobertura da igreja e seu circuito é de palha brava que dura vida de homens, o corpo da igreja é feito de naves mui bem feitas e seus arcos mui bem cerrados, <i>tudo parece como abóbada</i>, tem <i>ousia e cruzeiro</i> (...) e no cruzeiro estão cortinas de cabo a cabo. E outras cortinas estão diante das portas travessas também de parede a parede e são cortinas de sêda. A srevientia destas cortinas é por três lugares, seja, são abertas pelo meio, contudo chega uma à outra e assim se servem por junto das paredes. E nas ditas três serventias têm campainhas pequenas penduradas nas mesmas cortinas e não pode homem entrar (...) que estas campainhas não tanjam. Não há aí mais do que um altar que está na capela, êste tem charola sobre quatro esteios e o altar chega a estes quatro esteios. Esta charola é por cima coberta como abóbada e tem pedra de ara(...) e sobre esta pedra de aratem a sua bacia de arame muito grande (...) e esta bacia também chega aos esteios da charola, que estão compassadas emquadra e dentro na bacia grande, tem outra pequena e desta charola abaixo, seja , detrás e das bandas descem cortinas até ao chão (...), pp. 29/30 -«É a casa do mosteiro[de <i>Bisão</i>] muito grande em corpo(...). E está(...) mui bem concertado; a feição da casa tem três naves grandes e muito gentis com seus arcos e abóbadas e parecem ser de madeira e porque é tudo pintado não se determina se é pedra se madeira. E tem duas andainas de crastas derredor do corpo da igreja, ambas cobertas e muito pintadas de figuras de apóstolos, patriarcas, profetas e muitas coisas da Lei velha e muitos anjos e S. Jorge a cavalo está em tôdas as igrejas.», pp 39/40	- Igreja de Nossa Senhora na serra de <i>Guixêm Ambâ</i>: «He redonda como mea laranja, de pedra branca muito fermosa; e tem duas ordens de colunas de pedra a roda. Sobre as interiores hua abobeda da mesma pedra, e no meo esta hu altar a q se sobe por sette degraus; o retabolo são quatro paineis de pincel não muito grandes; (...). a segunda ordem de colunas faz tambem circulo, mas não tem abobeda, senão madeira(...)», Vol. I, p. 77 -« Em começando pellos q tenho visto de grande mag.de e architectura, foi a Igreja de Stª Maria de Sião, (...) em hu lugar q chamão Agçum do reino de Tigré, como o manifestão suas ruinas.(...) Mas já tudo isto cahio, sem ficar mais q as paredes de fora de altura de dous covados; e no meo fizerão outra Igreja m.to mais pequena, posto q de tres naves com pillares quadrados e m.to grossos; e fica escura por serem as Janellas roins, e estar cuberta de palha. Sobesse a ella pellos mesmos degraus da antiga q são dez pedras m.to fermosas e compridas.», Vol. II, pp. 125/126 - Igreja do mosteiro de Aleluia dedicada a Nossa Senhora: «Esta agora caida mas ainda ficão as paredes de fora, como tres covados alevantadas (...); parece q tinha m.tas naves, e dizem q era m.to fermosa a q agora tem he redonda, pequena e escura.. Vol. II, p.126 -«As Igrejas q nestes tempos edificão, todos são de pedra e barro, q nenhua cal entra nellas (...) comum.te são redondas e pequenas , ainda q algumas em baixo se começão quadradas , em sobindo hu pedaço, , poem pella banda de dentro paos nos cantos de madeira q possão depois sobir co a parede em redondo quatro , ou cinco covados. A roda como seis ou outo covados de parede da Igreja fazem como hua Crasta baixa co m.tas portas, e assi comoa Igreja se cobre de palha assentada sobre a mad.ra, q chega do mais alto da Igreja atee passar por çima das paredes da Crasta pello q(...) focão tão escuras, q nem ao meio dia se pode ler dentro sem candea; e assi são m.tos os morcegos, q se agasalhão nellas, e com ser a mad.ra tosca, poucas Igrejas são

-« E assim tem este mosteiro um pano grande como pano de armar, em que está o crucifixo e imagem de nossa senhora e os Apóstolos e outras figuras de patriarcas e profetas, em cada um escrito o seu nome latino como que o não fêz homem da terra. Tem muitos retábulos pequenos antigos não bem feitos e não estão nos altares porque não é seu costume. Têm-nos em uma sacristia envoltos com muitos livros; tiram-nos nas festas.», p. 40

-«Em êste lugar de Barra está uma igreja de nossa senhora, grande, nova e mui bem pintada e bem feita e bem ornamentada de muitos brocados, brocadinhos, carmesins e veludos de Meca e chameletes vermelhos.», p. 69

- Lugar de *Abafazem*, no reino do *Tigrê*, entre as montanhas, igreja de Nossa Senhora« (...) mui bem feita com a nave do meio erguida sôbre duas ilhargas ou bandas e suas frestas muito bem feitas e tôda abobadada. (...) Junto da dita igreja está uma torre mui grande e formosa, assim de altura como de bem lavrada de parede e largueza, já se vai danificando e porém parece que foi cousa real, tôda cantaria bem lavrada, outro tal edifício não havemos visto. Esta torre está cercada de dcasas que bem dizem com ela, assim de boas paredes, como terrados por cima, como aposentamentos de grande senhor..Diziam ser estes edificios da Raínha Candácia e porque, mui perto daqui, está sua casa, onde ela se fez cristã, seria isto verdade. », pp.83/83

-« Esta igreja [Santa Maria de Sião em *Aksum*] é mui grande, tem cinco naves de boa largueza e mui grande, comprida, abobadada por cima e cêrradas tôdas as abobadas, pelo céu e ilhargas tôdas pintadas. Para baixo no andar da igreja, bem lavrada de gentil cantaria, tem sete capelas tôdas as costas ao Levante, com seus altares bem concertados.Tem côro à nossa guisa senão que é baixo e chegam com a cabeça à abóbada. E o côro também é sôbre abóbada e não se servem dele. Tem esta igreja mui grande cerco e todo ladrilhado de grandes lágeas (...) e esta é de mui grande muro e não coberto como as outras (...), senão desabafada.», pp. 89/90

- « Mais avante (..) está um pico delgado pelo pé que parece que se vai ao céu, sobe-se a êle por trezentos degraus. Andando derredor no alto dele, está uma *mui galante e devota* igreja pequena [de *Aba Pantaleão* em

forradas.« (...) algumas q são compridas atravessão de parede a parede hua cortina afastada, hu pedaço do altar, o qual sempre está de m.ra q se possa andar aroda delle. Desta cortina pera dentro não podem estar, em quanto se diz a missa, mais q Sacerdotes e os Diaconos q ajudam a ella. Outra cortina está afastada» desta, e entre hua e outra estão os Diaconos q não ajudam a missa, e os q tem ordens menores; e desta cortina pera fora estão os seculares. »; « em m.tos altares de suas Igrejas não costumão por imagens, porq sempre as fazem quasi no meio da capella, mas pintão nas paredes m.tas de varias cores, particularm.te de vermelho, branco, verde, e amarelo; q de preto usão pouco, nem folgão com esta cor, e assi nunca pintão o rosto preto, senão he do demonio e de huns gentios q chamão Gallas. O rosto dos seus S.tos pintão sobre o vermelho.», Vol. II.,pp. 130 e 133

-« (...) monte do reyno de *Tigré*, q chamão *Ambá* *Damô* tam forte q se não pode sobir acima senão por cordas; e lá está hu mosteiro de frades m.to grande.», Vol. II, p. 136

-«*Dêbra Libanôs* (...) quer dizer mosteiro do *Líbano*(...) cada frade vive em sua casa sobre si e ordinárium.te as casas são muy pequenas, redondas e cubertas de palha, de modo q fica o mosteiro de feição de hua aldeã; mas alguns tem cerca redonda(...)», Vol. II, pp. 206/207

-«No mais alto daquella serra está o mosteiro[*Debrâ Hallelô/Aleluia, Tigrê*], cujos edificios antigos forão(...) casinhas redondas afastadas hua da outra, eu as fui ver; porq não está mais q hu dia de caminho da Igreja de *Fremona*, e quasi todas estão caídas(...). A Igreja antiga (...), já há m.tos tempos q também está cahida(...)», Vol. II, 209/210

-« Em lugar de sinos tem penduradas huas pedras de hu palmo ou menos de largo, quatro dedos de grosso e cumpridas em q dando com outros pequenos se ouve m.to longe, e soão de man.ra q a que não soubera (...) lhe puderão parecer sinos, e em alguns mosteiros em lugar destas pedras tem tres taboas enfiadas, q (...) soão m.to.», Pais., Vol. II, pp.131/132

- Igreja da missão, *Dambiâ*, «Vendonos o desejo grande q o Emper.or tinha de ver o modo, e traça de nossas Igrejas, procuramos de fazer hua a melhor q nos foi possível, toda de cantaria, ainda q pequena (...) [a capela] e a sacristia são de pedra vermelha m.to boa; o arco e corpo de pedra m.to alva, e bem lavrada; a fropntaria e portas travessas ornadas com outo colunas acanelladas; e os pedestais, capiteis, e frisos com toda a demais obra lustrosa e m.to bem lavrada, lhes

Aksum](...) e derredor um circuito de parede de cantaria mui lavrada e tão alto (...)e hão mêdo os homens de olhar para baixo. (...) Não tem crasta, nem circuito, nem por onde selhe possa fazer. », p. 96

-« A casa do mosteiro [*de Paraclete-Espírito Santo* , *Tigrê*] é abobadada e pequena e bem pintada, suas crastas e as selas mui bem ordenadas, melhor do que ainda vimos.», p. 105

-«[Igreja de Nossa Senhora no lugar de *Agró*, *Tigrê*] (...) talhada e lavrada a picão, muito bem feita, de três naves, com seus esteios da mesma roca. A capela-mor e sacristia e altar, tudo é da mesma roca e a porta principal com seus esteios, que de peças não poderão melhor ser, não tem portas travessas, porque ambos os lados são de roca talhada ou roca brava, é cousa formosa e para folgar de ver e de ouvir nela cantar o grande som que faz.», pp. 104/105

-No lugar de *Corcora*, no *Tigrê*,:« Em o meio deste vale está uma mui formosa igreja ,casa de Nossa Senhora, tem derredor casinhas para os clérigos e doze aciprestes, os mais altos e grossos que se possam dizer e outros muitos arvoredos. É junto da porta principal uma mui gentil fonte e derredor da igreja grandes campos (mas todos de regadio) que se semeiam todo o ano de tôda a semente (...)», p. 111

- Terra de *Abugima* , em *Acate*, Mosteiro de *Iconoamelaca* (Deus o abasta), numa grande lapa no alto de uma serra.« Não é casa tão grande como é a gentileza (...). » Os frades habitam por cima da gruta ; as freiras abaixo numa ladeira. Semeiam trigo e cevada para se sustentarem.» (...) é feito em cruz bem compassado na mesma lapa, que largamente podem andar em procissão derredor da casa. (...) O mosteiro ou corpo da igreja tem tr~es portas, seja uma principal e duas travessas (...) e outra larga.», p. 128

-«(...) por tôdas as paredes de pinturas razoadas e mui boas histórias e bem compassadas feitas por um veneziano (...) que se chama Nicolau Brancaleão, e assim está nestas pinturas o seu nome (...)» ,pp.240/241

-« O circuito coberto desta igreja [de S. Jorge] está armado sôbre trinta e seis esteios de pau e mui altos e grossos como mastros de galés e são forrados de pau e sôbre pau pinturas como as das paredes, assim que é cousa real e *parece bem aos daquela terra e*

contenta tanto a todos os q a vem , q dizem q não he obra da terra senão do Ceo. Tem seu choro, de grades e obra de maçonaria. Hua pia pera bautizar, e duas d'agoa benta m.to bem lavradas, m.to clara do Janellas de hua e outra parte bem ornadas por fora com rosas e mosduras na mesma pedra; he de terrado e sobre o parapeito por remates tem m.tas colunas; huas co o remate da Piramide sobre o capitel; e outras com bolas entresachadas; e no meio (...) tem hua cruz m.to formosa com hu pee lavrado na mesma pedra co m.ta laçaria. Tem tambem sua torre na banda direita da frontaria co hu sino de cobre arresoado, mq nos veo da India.Acabou-se neste Março de 1620(...)», Vol. II, pp.132/133

- Igreja de pedra da Santíssima Trindade, *Dambiâ*, «(...)esta m.to formosa, poq as portas travessas tem m.to ornato; e a frontaria, afora de doze columnas acaneladas q tem cõ fermosos pedestraes; chapiteis, e frisos, está chea de rosas grandes, flores de lis; jarras m.to bem lavradas cõ rosas e flores, q sahem dellas, gravadas em formosa pedra, cousa nunca vista em Ethiopia(...). Mandou q sobre a porta principal, (q he de arco), debaixo da Janella do Choro (q tambem esta formosa) se pusesse hua pedra quadrada(...), em q se Esculpisse o nome de Iesu com letras chaldeas e latinas (...)», Vol. III, pp. 157/ 158

êles a têm por muito grande.», p. 241

-«(...) desceram da igreja quatro sombreiros grandes e mui ricos dos quais eu me maravilhei e espantei porque havia visto muitos e ricos na Índia e nunca os vira daquela sorte (...) Seriam estes sombreiros de tamanha roda que bem poderiam estar à sombra de cada um deles dez homens (...», *Ibd.*, p. 242

-Igreja *Macha Celacem, Amahará:*

« Esta igreja é grande e alta e são as paredes de pedra branca, cantaria lavrada e boa laçaria na parede, e contudo não armam o madeiramento de cima sôbre as paredes, porque não o suportam por não serem travadas nem ligadas umas com as outras, (...), senão assentados uns sôbre os outros sem nenhum atravessar paredes (...). Tem a porta principal forrada de chaparia (...) e no meio desta chaparia pedras e pérolas falsas bem postas e, em cima, na parede sôbre a porta principal duas imagens de Nossa Senhora muito bem feitas e dois anjos do mesmo reor t, tudo de pincel (...) A igreja tem três naves dentro do corpo da igreja sôbre seis esteios armados (...) da cantaria de peças .e. o terceiro, (...), é armado sôbre sessenta e um esteios de pau grande como mastros mui altos (...», pp. 248/249

-« Ribeira acima estava uma grande rocha de cima a fundo talhada e tôda por cima é campina e está nesta rocha quási no meio dela um mosteiro de Nossa Senhora e dizem que ali eram os paços do rei daquela terra [*Guraguê*](...). Esta pena está de rosto a Nascente e sobem a êste mosteiro por escada de pau levadiça e cada noite dizem que a levam com mêdo dos gorages quando aí não está a côrte e depois sobe homem por escada de pedra sôbre mão esquerda e corre um corredor por ante quinze celas de frades, as quais tôdas tem frestas sôbre água e mui altas e avante estão suas dispensas e refeitórios e casinhas de guardar seus mantimentos.», pp. 306/307

-« Os sinos são de pedra e desta maneira: pedras compridas e delgadas penduradas , atravessadas por cordas e dão-lhe com uns paus feitiços e fazem som como sinos quebrados ouvidos de longe.», pp. 30/31

-«Os sinos [Nossa Senhora em Barra] são como os das outas igrejas de pedra e campínhas mal feitas.», p. 69

--«[Igreja de Nossa Senhora no lugar de *Agró*,

Tigrê] Escusado é falar em sinos, porque são todos de pedra, atabaques e pandeiros(...)», p. 106

QUADRO 24

DO EXERCÍCIO DA JUSTIÇA

EXERCÍCIO DA JUSTIÇA E OFICIAIS	ÁLVARES	PAIS
JUSTIÇA CENTRAL (CORTE)	-«Avante das portas das tendas ou sebe (...) sempre se assenta uma tenda comprida a que chamam cacala, esta é a casa da justiça ou casa de audiência. (...) Dentro desta tenda de cacala não se recolhe ninguém, sòmente estão em elas treze cadeiras mouchas de ferro e couro e uma delas muito alta (...). Estas cadeiras se tiram cada dia e se põem, seis de um cabo e seis do outro e a grande é como mesa travessa de refeitório de frades. Em elas não se assentam os desembargadores ou juizes que ouvem as partes, sòmente estão estas cadeiras como cerimónia e êles se assentam por êsse chão e ervas se as há e tantos de uma parte como da outra e ali ouvem as partes que litigam, cada uma de sua jurisdição (...), seja, mão esquerda e mão direita.», pp.343/344 -« Avante destas tendas prisão há grande trato e todo em um direito estão as tendas das duas Justiças-mores, cada uma de sua parte e no meio delas está uma igreja que se chama igreja das justiças. E avante desta igreja estão os leões grande pedaço afastados (...)», p. 346 -«Faz-se audiência desta maneira: o autor põe sua acção quanto quere dizer sem ninguém falar e o réu contesta e diz quanto quere sem ninguém lher ir à mão; acabando o réu, o autor vem com a réplica (se quere) e o réu outro-sim com tréplica (se quere) sem ninguém os estorvar e acabando seus arazoamentos (...) está em pé um homem que é como porteiro e êste torna a dizer quanto estas partes disseram e acabando (...), logo diz qual das partes lhe parece que falou melhor e que tem justiça; então um	-«Todos os Iuizes q o Preste João tem em seu Império, a q chamão Azaxôch, q quer dizer mandadores; e Umbarôch scilicet cadeiras (porq ordinariamente estão em cadeiras pêra ouvirem as partes e julgar), descendem por linea recta daqueles Iuizes q Salomão deu a seu filho Menileh-ec(...), do q se prezão muito(...). e ainda q elle [o Imperador] dá este título de Azâx a alguns, q não são daquellas famílias, ne por isso ficão sendo Iuizes como estes, q não se lhes dá senão por honra.», Vol. I, p. 143 -«Estes Azages são como supremos desembargadores, mas não podem matar, ne cortar membro, ne desterrar, sem o Emperador confirmar sua sentença; A hu destes chamão Fará Çembá e he como Corregedor da Corte.», <i>Ibd.</i> - «Os da Corte morrão sempre defronte do Paço do Emperador(...). E os azages todos são do conselho real e fazem hu só tribunal; mas os Umbares da mão direita da rua são de mais alto tribunal, q os da esquerda; e perto da cerca do Paço de hua e outra banda da rua tem casas, ou sombras onde ouvem as partes e julgão; posto q muitas vezes o facção dentro das suas.», Vol. I, pp. 43/44 -«Dos Umbares q mais se sinalão em fazer bem seu officio tomão pêra Azages com beneplácito e aprovação do Emperador. Em cada tribunal dos Umbares está hu como presidente; e assim também em o tribunal dos Azages; A estes presidentes pertence dar juiz a que o vem pedir pêra qualquer negocio

	dos que estão assentados como desembargadores o que está mais no cabo faz como fêz o porteiro, (...) e assim desta maneira correm todos quantos estão assentados. Levantam-se em pé quando falam até chegar à Justiça-mor que está alerta sobre o dizer e o parecer dos outros e assim dá a sentença se aí não há prova, e se há-de haver prova, dão dilação de acordo a distância, e tudo verbalmente sem escrever nada.», p. 344 - Instâncias superiores: « Há aí outras cousas que ouvem os betudetes e ajazes e estes ouvem em pé porque estão diante da tenda do Preste entre esta cacala e a tenda e assim como ouvem as partes, assim vão logo com o que dizem ao Preste e não entram na tenda, somente (...) na cortina adentro (...) e assim se tornam às partes com a terminação do Preste e às vezes põe um dia todo com estas idas e vindas, segundo são os feitos e cousas.», pp. 344/345	q seja; (...) [também] pode pedir ao presidente dos Azages, e ainda mesmo ao Emperador, elle logo mandar a que lhe parec(...); ainda q, quando he cousa de importância ordinariamente vai hu Umbar, e se for de muita, hu Azâx.», Vol. I, p. 144 -«Tirado o Juiz, se a demanda he dentro da Corte, elle só ouve as partes, e o q dizem as testemunhas(...)», <i>Ibd.</i> -« (...) a Justiça dos Umbares da mão esquerda, elles se assentão em suas cadeiras e de ordinário são 3 ou 4 e as partes cõ seus procuradores ficão em pee; e o que pôs o senhor da terra onde se fez a demanda, falla primeiro referindo tudo(...); Depois repete o mesmo o outro Juiz, e diz o q elle julgou(...) acrescentão as partes ou seus procuradores, e alegão de novo tudo o que parece pêra bem de sua Justiça sem interromper hu a outro(...) julga o Inferior assentado como está em sua cadeira [ao contrário do que disse Francisco Álvares] (...) os Ouvidores não se levantão, ne covinha, pois estão em lugar do Emperador(...). Depois vão julgando os Ouvidores hu a hu começando o inferior(...) julgando todos sempre o Presidente por derradeiro(...)», Vol. I, pp. 145/146 -«E se a parte condenada quer, agravar pêra os Umbares da mão direita, então o presidente do da mão esquerda vay cõ as partes e refere tudo da maneira como se procedeo(...) e logo julgão a aquelles Umbares pella mesma ordem q os primeiros(...)», Vol. I, p. 146 -«(...) agrava pêra os Azages; e dous Presidentes vão cõ as partes e referem por ordem todas as coisas e o q julgarão; e logo julgão os Azaxes ficando sempre o presidente por derradeiro; e aly se acaba a demanda, se não for cousa de treição contra o Emperador, adultério, morte, ou herança, ou alga outra cousa muito grave(...)», <i>Ibd.</i>
--	--	---

		-«(...)porq estas não podem acabar os Azages sem chegar ao Emperador ; nem julgão diante das partes,(...) e logo vão ao Emperador, e lhe referem tudo por ordem e julgão hu, e hu, começando os da mão esquerda, e ultimamente julga o Emperador.», <i>Ibd.</i> -«Antigamente, quando o Emperador avia de julgar alga cousa, hia o presidente dos Azages cõ seis dos mais principais, e o Behêt Oadêd da mão esquerda e da mão direita, (...) entravão elles, e postos em pee diante do Emperador, referia hu todo o processo do negocio(...)[os Behêt Oadêd] por serem as supremas cabeças do Império, julgavão juntamente em cousas graves depois o Acabiçât (...), assentado perto do Emperador julgava, e ultimamente o Emperador, e logo se executava sua sentença sem mais replica.», <i>Ibd.</i> -« Agora ordinariamente (como eu tenho visto muitas vezes) não entrão mais q o Presidente dos Azages co dous dos mais principais e (...) julga o Emperador sem o Acabiçât estar presente; e ainda q em cousas mais graves sempre manda (...) q se juntem outros Azages e o q he Erâz se está na Corte, e o Balatinôch Gueitâ.», Vol. I, pp. 146/147 -« Se o Emperador tem roim informação daquelle ouvidor, contra quem lhe pedem Juiz, não somente o dá, mas alguas vezes (posto q raramente) manda lançar pregão (...) q todos os q tiverem agravo daquelle Ouvidor , o demandem; (...) e muitas vezes o accusão sem se dar este pregão, de q tem tomado peitas, co ter o Emperador feito por escomunhão, q não as tomem; (...)« Mas quasi nunca chegão co estas demandas de peitas a q julgue o Emperador (...) antes disso desiste, ou se concerta por rogos dos outros, ou por medo de lhe não vir depois cahir em as mãos em algua ocasião(...)», Vol. I, pp. 157/158
--	--	---

JUSTIÇA LOCAL	-« (...) e entre estas portas, (...), está sempre seu alicaxi, quiere dizer ouvidor, ouvindo partes e fazendo justiça e, se a causa é grande, ouve as partes até estar como concluso, então vai relatar a causa ao Barnagais e êle dá a sentença e, se é pequena aou as partes querem, o alicaxi dá sentença, e, acabada a causa e outro-sim todo julgar, (...), há-de estar presente um homem honrado a que chamam por nome de seu ofício malaganha, que é como tabelião ou notário do Preste, e se alguma das parets quiere apelar, a êste requiere a certidão da causa para o Preste João e seus ouvidores.», p. 72 -« Todos os senhores de terras de quaisquer reinos do Preste João têm um alicaxi e malaganha pôsto pelo Preste e assim têm os capitães sujeitos (...) aos outros grandes senhores.», p. 72 -«Se o Emperador tem roim informação daquelle ouvidor, contra quem lhe pedem Juiz, não somente o dá, mas alguas vezes (posto q raramente) manda lançar pregão (...) q todos os q tiverem agravo daquelle Ouvidor , o demandem; (...) e muitas vezes o accusão sem se dar este pregão, de q tem tomado peitas, co ter o Emperador feito por escomunhãi, q não as tomem; (...) Mas quasi nunca chegão co estas demandas de peitas a q julgue o Emperador (...) antes disso desiste, ou se concerta por rogos dos outros, ou por medo de lhe não vir depois cahir em as mãos em algua ocasião(...)», p. 158	-«Os Umbares são como Ouvidores de menos alçada; e destes tem sempre em seus desembargos os Visoreis.», Vol. I, p. 143 -«(...) se a demanda se hade fazer em outro lugar, este Iuiz, ainda q seja mandado por o Emperador tem obrigação de chegar ao senhor do lugar (...) e pedir q lhe dê hu homem (a quem chamão Barcafäch) q assista cõ elle pêra ouvir aquella justiça; e se o senhor do lugar tem algu privilegio do Emperador (...), não deixa entrar aquelle juiz, mas manda ao q elle posto no lugar q ouça a justiça; e se não tem privilegio, sinala hu homem (...); e ambos ouvem as partes; e se aquelle a quem demandão pede tempo pêra buscar procurador lhe dão três dias se não for sobre cousa de herança; de Adultério; de traição; ou de morte; porq então lhe dão dez; e entretanto o juiz come a custa do q o levou e o outro, senão dá fiança pêra estar a justiça, fica preso(...)», Vol. I, p. 144 -«Como se cumpre o tempo q derão pêra buscar procurador, se assentão ambos os juizes em cadeiras ou no chão sobre alcatifas ou outra cousa; e as partes com seus procuradores ficão em pee diante; e o q demanda começa primeiro a fallar ou seu procurador por elle, e diz quato quer , sem q ninguem lhe interrompa; depois responde o acusado, ou seu procurador, dizendo tambem o q quer sem q o interrompão; e como acaba , se o q demanda tem q replicar, o faz e se pedem tempo pera trazer testemunhas, lho dão conforme lhes parece necessário, « (...) e daly por diante come os Juizes à custa do acusado, mas se depois se achar não ter culpa, hade pagar tudo o que acusou e como presentão as testemunhas , hade dizer a outra parte se tem algua

		suspeição q por e a hade provar , se não lhes dão Juramento e testemunhão diante das partes e ellas allegão logo de s eu direito se tem alga cousa e depois julga o q deu por companheiro os enhor do lugar(...) e o outro Iuiz (...) julga (...) aly se acaba a demanda, e se não agravão pêra o tribunal q deu o juiz, e se o deou o Emperador, hão de hir de força ao ínfimo q he o dos Umbares da mão esquerda (...)», Vol. I, p. 145 -« Os VisoReys tambem tem destes Umbares em seua Desembargos; e nelles se hão quasi co a mesma ordem q os da Corte; e como julga o Visorei aly se acaba, ainda q dê sentença de morte, porq está em lugar do Emperador, mas algumas vezes remete alguns casos ao Emperador, particularmente de herança e treição.», Vol. I, p. 147 -« (...)ha em cada Villa, e aldeã posto pello Senhor della hu a q chamão Xum; este não he das famílias dos Umbares, senão outro qualquer; Este Iuiz ouve todas as demandas daqle lugar, se o q hade fazer a demanda não traz juiz da Corte do Emperador ou do Visorey daqlla terra(...) mas não trazendo outro juiz, elle [o Xum] se assenta em lugar publico e ordinariamente co elle os velhos e mais honrados do lugar, ainda q não por obrigação, e ouve as partes e as testemunhas, e como acabão de arrezoar diz a hu dos q estão sentados q julgue; este se alevanta em pee, e refere o q as partes alegarão , e logo julga o q lhe parece; e da mesma maneira vão fazendo os outros; (...); e ultimamente julga elle ; (...)», <i>Ibd.</i> -« Em a mesma forma se fazem as demandas aos Ouvidores dos Visoreys; q q.do algu está agravado pede Juiz ao Visorey; e diante de que elle dá faz sua demanda; e se he necº julga tambem o Visorey; mas se a parte quer pode agravar pera o Emperador; (...)», Vol. I, p. 158 -« (...) há en cada provincia hu juiz q chamão lebadim, cujo officio he
--	--	---

		inquirir dos ladroens e mandalos presos ao VisoRey (...), ou aos Ouvidores da Corte(...). Tambem há outro Juiz, a que levão todas as cousas perdidas, (...), como escravos, mullas, e outro gado; (...); e o Juiz o guarda, e se serve delle até q acha dono, e não o pode vender; (...). Em cada Villa, e Aldeia há hu juiz q chamão Xum, posto pello senhor da terras; (...)», Vol. I, p. 166
PENAS	-« A maneira de açoutar é esta: deitam o homem de barriga e prendem-lhe as mãos a duas estacas e uma corda nos pés ambos (..) e assim estão dois como algozes a dar de um cabo e outro doutro e não dão sempre no açoutado e muitas dão no chão, porque se tôdas as vezes nêlê desse, ali morreria, tão forte é o açoutar.», p. 155 -« (...) e com esta vi três vezes açoutar esta Justiça-mor. E de aí a dois dias tornar a seu ofício porque o não hão por deshonra, antes dizem que el-Rei lhe quiere bem, porque se lembra dele e que daí a pouco lhe faz mercês e lhe dá senhoria.», p. 330	-« Os castigos q dão mais ordinários aos deliquentes, ainda en causas graves, q toque ao Emperador, são desterrar, ou mandar presos a hua ilha q chamão Dec, da lagoa de Dambiâ(...) ou a alga serra, e aly estão cõ guarda até q os perdoa, q comummente não he muito tempo.», Vol. I, p. 148 -« (...) e tal pode ser o caso q sem passar por estes tribunais mandem ao deliquente q arrazoe logo de final, como eu vi duas vezes a huns alevantados, q trouxeram dentro da primeira cerca do Paço e o Emperador mandou muitos Azages co o Balatinôch Guitâ e lhes fizerão muitas perguntas, e vierão co suas resposta ao Emperador, e depois tornarão a perguntar e assi gastarão em idas e vindas boa parte do dia até q derão sentença, q lhes cortassem as cabeças, (...)», Vol. I, p. 147 -« Antigamente botavão alus pellas rochas abaixo, (...) mas agora não se usa senão cortar a cabeça, ou pee, ou mão, ou enforçar.», <i>Ibd.</i> - «Aos ladroens, pella primeira vez, se o furto não he muy grande, os açoutão câ as corrias compridas, e na 2ª vez lhe cortão as orelhas, ou narizes; e às vezes hua mão, ou pee e a 3ª o enforcão. E tal pode ser o furto q à primeira vez o mandem enforçar. Também enforcão por outros delictos, como por matar, se a pessoa he baixa(...) depois q julgarão q morra e o Emperador confirmou a sentença, e o entregão aos parentes do morto pêra q

		facção delle o q quizerem; e alguns lhe perdão por rogos ou fatto; outros o levão ao campo e o matão às lançadas, ou às cutiladas(...)», <i>Ibd.</i> -«Também dizem q antigamente botavão aos leoens os q erão tredos ao Emperador, mas agora não se costuma(...)», Vol. I, p. 149 - « O adulterio nunca se castiga co a morte, senão co pena de fatto; e se o marido accusa , julgão q o adultero lhe pague fatto conforme a sua pessoa e q a adultera rape a cabeça e deixe ao marido o fatto q tinha, e feito isto , pode hir casar co quem quizer. Tambem todos os q querem deixar as adulteras e casão livremente cõ outras (...)», <i>Ibd.</i>
PRISÃO	-«Avante desta tenda ou casa da justiça (...) há grande peça para ambas as partes, assim para parte direiota como esquerda; estão duas tendas ou casa como cárceres de cadeia que se chama manguezbete em que estão os presos de cada uma das partes (...) segundo o feito e a causa assim é a prisão e assim as guardas e o prisioneiro dá de comer às guardas (...) e lhes paga o tempo enquanto é preso. », p. 345 -« E quem tem ferroepeias ou adobes nos pés , quando o mandam ir ante a tenda do Preste onde ouvem os presos, aquelas guardas que o guardam o levam nos braços, dois de ambos braços um ao outro e o preso vai assentado nos braços deles com as mãos nas suas cabeças e as outras guardas derredor com suas armas e assim vai e assim vem.», <i>Ibd.</i> -«Há aí outra maneira de prisão: se eu requeiro que prendam um homem, sou obrigado a lhe dar de comer enquanto acusar e assim às guardas (...)», <i>Ibd.</i>	-«(...) se o acusão de de algu destes casos graves, não admittem fiança, senão que o prendem e por muitas vezes de ambas as mãos, porq sua prisão he por hua argola de ferro no braço direito co hua cadeia curta apertada de maneira q não possa tirara a mão e a outra argola, q está na ponta da cadeia, mantem no braço esquerdo de algum de que se fião pera q os guarde(,,); e se o prendem co ambas as mãos , poem presos co elle dous, hu de hua banda e outro de outra.», Vol. I, p.144

QUADROS 4

FONTES ESCRITAS CONSULTADAS E CITADAS POR PÊRO PAIS

A) FONTES ETÍOPES

LIVROS	CRÓNICAS E MANUSCRITOS ETÍOPES	LIVROS	OBRAS DE TEOR RELIGIOSO ETÍOPE
Livro I	- <i>Kebra Negast (Glória dos Reis- Igreja de Stª Maria de Sião- Aksum)</i> (Vol. I, p. 41)	Livro II,	-Transcrição da <i>Missa dos Apóstolos (Mashsfâ Queda-se)</i> , Vol. II CapítuloXI, pp. 89/92
Livro I	-Transcrição dos <i>Cathalogos de Emperadores</i> (2- Igreja de Stª Maria de Sião- Aksum) (Vol. I, pp. 55/59)	Livro II	-Capítulo XII, «Em q se refere o q rezão os Sacerdotes Ethiopes em lugar de Nossas horas Cannonicas», tal como indica o título, Pais dedica-se à reprodução de várias orações da liturgia abexim, destacando a <i>Oração por El Rey</i> , Vol. II, pp. 96/110
Livro II	-Referência ao manuscrito sobre o imperador <i>Zara Jacob</i> (Vol. I, p. 60)		
Livro III	-Referência ao manuscrito sobre o imperador <i>Lalibelâ</i> (Vol. II, pp. 238/241)		
Livro III	-Crónica do imperador <i>Amd Çeôn/Gâbra Mazcâl</i> (Vol. II, pp. 245/257)	Livro II	-Capítulo XVIII, trancreve as orações que acompanham a tomada de hábito dos frades abexins, Vol. II, pp. 159/160
Livro III	Crónica do imperador <i>Lebena Denguîl/Onâg Çaguêd</i> (Vol. II, pp. 257/260)		
Livro III	-Crónica do imperador <i>Minas/Adamas Çaguêd</i>	Livro II	-Trancrição da <i>Historia de Abbâ Taquellâ Haimanôt</i>

	(Vol. II, pp.287/292), que refere episódios do seu antecessor, <i>Cláudio/Atanâf Çaguêd</i> (Vol. II, pp, 260/264)		<i>como aconteço os livros de Ethiopia</i> , ,Vol. II , Capítulo XIX, pp. 167/204
Livro III	-Crónica do imperador <i>Zerza Denguil/Malâc Çaguêd</i> (Vol. II, p. 348/368)	Livro II	-Referência à consulta de um equivalente etíope do <i>Flos Sanctorum</i> , designado por <i>Cenqueçâr(Mashafâ Senkesar)</i> , Vol. II, p. 227
Livro IV	-Crónica do imperador <i>Suseneos/ Seltân Çaguêd</i> (Vol. III, pp. 79/145 e pp. 174/186)	Livro IV	-Resumo da carta de 2 de Junho de 1621, endereçada pelos frades de Tigré ao Imperador depois da interdição da observância do Sábado, Vol. III, capítulo XXI, pp.146/148, versão abreviada da Tratado do <i>Refúgio da Alma</i>
Livro I	-Referência a livros que listam os Oficiais da Corte (Igreja de St ^a Maria de Sião-Aksum) (Vol. I, pp.47)		
Livro I	-Referência a uma descrição escrita da cerimónia de coroação dos imperadores (Vol. I, p. 115)		
LivroII	-Referência a antigos manuscritos sobre a construção da igreja de St ^a Maria de Sião em Aksum pela rainha <i>Candace/ Candácia</i> (Vol. II, pp. 125/126	Livro IV	-Referência a <i>Haimanôt Abâu (Fé dos Padres)</i> , recolha de citações referentes à doutrina monofisista, Vol. III, p. 190

B) CORRESPONDÊNCIA

	CORRESPONDÊNCIA REAL	LIVRO	CORRESPONDÊNCIA DAS MISSÕES: CARTAS MANUSCRITAS	LIVRO	CARTAS PUBLICADAS NA COMPILAÇÃO DE FERNÃO GUERREIRO – <i>Relação...</i> de 1607/1608
Livro IV	-Cartas trocadas entre Pais e o imperador <i>Za Denguil/Atanâf Çaguêd</i> em Março de 1604, convidando-o para a corte (Vol.III, Capítulo IV , pp 25/26)	Livro II	-Transcrição do original da carta redigida por D. André de Oviedo, datada de 2 de Fevereiro de 1559, na exemplifica o carácter cismático da religião etíope, relatando os erros da sua doutrina e as dificuldades de conversão (Vol. II, Capítulo VII, pp.62/63)	Livro I	-Referência à carta do P. Manuel Fernandes e companheiros da missão quando da entrada da missão encabeçada por D. André de Oviedo(Vol. I, Capítulo XI, p. 112)
Livro IV	- Treslado das cartas executadas durante essa visita, no Verão de 1606, para o Papa Clemente VIII e para o rei de Portugal e Espanha, Filipe II/III; referência a uma carta curta enviada ao Vice-rei da Índia, (Vol. III, Cap. VII, pp. 41/43)	Livro III	-Transcrição do original das cartas de D. André de Oviedo, desta feita para o imperador <i>Claudio</i> , datadas de Março e Junho de 1557(Vol. II, Capítulo V, pp.276/278 e 280/283)	Livro II	-Relato do episódio de D. Cristóvão da Gama, no final da <i>Adição</i> , na sua <i>Relação...</i> , narrado a partir da obra de Miguel de Castanhoso (Vol. I, Capítulos XXXI /XXXVI, pp.243/285)
				Livro II	-Citação da missiva do P. Mestre Gonçalo de Roiz enviada de Goa para Portugal, 13 de Setembro de 1556 ¹ ;

¹ «(...) como o mesmo P.e afirma em hua comprida carta, q de goa escreveo aos P.es da Comp.^a em Portugal em 13 de Setembro de 1556 e a refere o P.e Fernão Guerreiro de Nossa Companhia na relação annual das cousas, q fizeram os nossos P.es na Índia Oriental o anno de 1607 e 1608, pag. 281 (...)», *Ibd.*, Vol. II, pp. 60/61

Livro IV	-Treslado da carta do imperador <i>Suseneos/Seltan Çaguêd</i> para o Papa Paulo V, de 14 de Outubro de 1607 e as missivas de Dezembro desse ano em nome do seu irmão <i>Athanatêus</i> para o rei português e para o vice-rei da Índia, D. Fr. Aleixo de Meneses,(Vol III, Capítulo XXIV, pp.166/173)	Livro III	-Treslado e tradução do latim do Breve Papal de 2 de Fevereiro de 1566, de Pio V, enviado a D. André de Oviedo ordenando-lhe o abandono da Etiópia, em favor das missões do Japão e China;	Livro III	- referência à missiva escrita pelos membros da missão, de 1562, e enviada ao Geral da Companhia de Jesus, P. Diogo Laines ,em Roma, a propósito da pertinácia do imperador Claudios na sua fé herética (Vol. II, Capítulo VII, pp. 60/61)
Livro IV	-Treslado das epístolas de Filipe III datada de Março de 1609 e do Papa Paulo V, datada de Janeiro de 1611 (Vol. III, Cap. XXIX, pp. 194/196		-Resposta de Oviedo traduzida do latim, de 15 de Junho de 1567, na qual faz a apologia da permanência da missão etíope;	Livro III	-Transcrição da carta do P.e Manuel Fernandes de 1562 ao Geral P.e Diogo Laines, relatando a chegada de Oviedo à missão etíope (Vol. II, capítulo V, pp.278/279)
Livro IV	- Treslado das respostas do Imperador <i>Suseneos/Seltan Çaguêd</i> ao rei português, Papa, e ao Vice-rei da Índia e de seu irmão <i>Cela Christôs</i> , dirigida ao Papa, para o monarca português, datadas do final de Janeiro/início de Fevereiro de 1613, entregues ao P.e António Fernandes no	Livro IV	-treslado de uma carta em espanhol de Oviedo, de 18 de Junho de 1567, dirigida a D. Sebastião (Vol. II, CapítuloVIII, pp. 306/311)	Livro III	-Reprodução da carta do P. Manuel Fernandes, enviada para Goa, de 3 de Junho de 1566 (Vol. II, Capítulo X, pp. 320/321
			-Reprodução de um assento feito pelos portugueses da Etiópia , Julho de 1602, espécie de relatório sobre o melhor caminho de penetração na, Etiópia sob a égide de Melchior da Silva, que alcançara a missão em 1598 (Vol. III, Capítulo II, pp. 13/14)	Livro III	-Transcrição da carta escrita colectivamente e enviada a Roma, via Cairo, ao Geral Diogo Laines relatando as perseguições do imperador <i>Adamâs Çaguêd</i> (Vol. II, Capítulo VII, pp.295/297)e outro excerto sobre as dificuldades da missão (Vol. II, Capítulo XII, pp. 339/340)

Livro IV	âmbito da sua expedição para alcançar Melinde (Vol. III, Capítulo XXIX, pp. 197/201) -Treslado da correspondência entre: Papa Paulo V (Fevereiro de 1612) e o Imperador <i>Suseneos/Seltan Çaguêd</i> (Julho de 1614); Filipe II (de Lisboa, 21 de Fevereiro de 1613) e aquele (Julho de 1614); outra missiva papal (Roma, 23 de Dezembro de 1616) e do monarca peninsular (Lisboa, 10 de Março de 1617) e as respectivas respostas do imperador etíope, datadas de Julho de 1618 (Vol. III, Capítulo XXXVI, pp. 237/247)				
-----------------	---	--	--	--	--

C) REFERÊNCIAS A AUTORES CLÁSSICOS

LIVROS	AUTORES	OBRAS OU POSSÍVEIS OBRAS
Livro I- Prólogo	Marco Fábio Quintiliano,	<i>Instutio Oratoriae</i> , Livro 10, Capítulo I, (obra citada), Vol. I, p. 7
Livro I- Prólogo	Plínio, provavelmente, <i>o Velho</i>	<i>Naturalis Historia</i> (obra provável, mas não indicada), Vol. I, p. 7
Livro I- Prólogo e Livro II- sobre a história da missão católica na Etiópia	Luciano	<i>Quo modo est scribenda historia</i> (obra citada), Vol. I, p. 7 e Vol. II, p. 274
Livro II- sobre a história da missão católica na Etiópia	Marco Túlio Cícero,	<i>De Oratore</i> , Livro II (obra citada), Vol. II, p. 274
Livro III- sobre as virtudes de D. André de Oviedo	Sêneca,	<i>Epistulae Morales ad Lucilium</i> , 18 (obra citada), Vol. II, p. 323
Livro I- Prólogo	Stº Agostinho,	<i>Epistola 131 ad Memoriam episcopum</i> , Tomo II (obra citada), Vol. I, p. 7
Livro I - acerca das cheias do Nilo	Aristóteles	<i>De inundatione Nili</i> (obra citada) Vol. I, , p. 217

Livro I	Lucano (Luciano?)	no seu poema épico <i>Bellum Civile</i> ? Vol. I, p. 217
Livro I- acerca das cheias do Nilo	Teodoreto, bispo de Ciro	autor de vários tratados, comentários, sermões e cartas e obras de história (obra não indicada), Vol. I, p. 217
Livro I- acerca das cheias do Nilo	Afonso de Madrigal, <i>Abulense</i> , bispo de Ávila	<i>Opera Omnia</i> , redigida no século XV (obra provável, mas não indicada), Vol. I, p. 217
Livro I- acerca das cheias do Nilo	S. Irineu	Vol. I, p. 217

QUADRO 22

DOS OFICIAIS, GRANDES SENHORES E GOVERNADORES

	ÁLVARES	PAIS
ORIGEM DOS OFICIAIS DA CORTE	-«Dizem primeiramente que quando Salomão enviou seu filho à Rainha Sabá (...) lhe deu oficiais para sua casa e lhe deu as doze tribus de cada um seu ofício assim como camareiros, porteiros, vedores, estribeiros, trombetas, guardas-mores, cozinheiros e outros oficiais necessários à casa de Gram rei ou senhor e que aqueles ofícios são ainda naqueles géneros descendendo deles e assim estes oficiais se honram muito de israelitas e fidalgos e nossos parentes e cada uns são em grande número , porque os filhos do camareiro e seus descendentes, todos o são e assim os outros oficiais todos descendem nos ofícios de seus pais ou avoengos, salvo os pajens que soíam ser os filhos dos grandes fidalgos e ora o não são.» , p.364	-« (...)quando elRei Salomão em Jerusalém fez coroar a seu filho (...) não somente lhe deu os sacerdotes q ensinassem a ley, mas alguns dos primogenitos do Principes e Grandes de Israel, pera q o acompanhassem , e assistissem em sua presença. Demais destes lhe deu outros menos principais pera o serviço de sua casa e pera o bom governo e policia de sua republica, desejando q enquanto fosse possível, guardassem todas as cousas seu mesmo modo e estillo, principalmente a magestade de sua casa; a ordem e conçerto de seus criados; o primor de seu serviço; o aparato e a grande cortesania; (...)», Vol. I, p. 47 -« Quanto aos officiais do Emperador , todos são christãos, mas muitos dellles descendentes dos Judeos, q Salomão deu a seu filho (...) e he cousa esta tão sabida e patente em Ethiopia q perguntando eu pera mais certeza a alguns grandes da Corte, se rio muito hu frade velho meu amigo de q se pusesse emj duvida cousa tão certa (...). nem me contentei tambem com isto, senão q perguntei tambem ao Emperador, e respondeo q era certissimo; (...)»,p. 53 -«(...) e assim estes oficiais se honram muito de israelitas e fidalgos e nossos parentes e cada uns são em grande número, porque os filhos do camareiro e seus descendentes, todos o são e assim os outros oficiais.» , p.364
OFICIAIS	-«(...) um dos dois maiores senhores que há na corte do Preste que se chama por título <i>betudete</i> e destes são dois, um serve da mão direuita, outro da esquerda. O da mão direita diziam que era em guerra com os mouros(...)», p. 179 -«(...) <i>Adrugaz</i> que quere dizer mordomo-mor(...)», p. 175	-« Primeiramente ate poucos tempos ha havia hu q se chamava <i>Behêt Uâdêd</i> (...). Este morava a mão direita do Paço (...) e, outro cõ o mesmo título a mão esquerda, e ambos governavão tudo debaixo do Emperador. Quando elle não hia a guerra, hu destes sahia por general de todo o exercito, e o outro acompanhava ao Emperador;

	-« (...) <i>Abdenago</i>, o qual é a cabeça e capitão de todos os pajens.», p. 195 -«(...) outros grande senhores (...) a que chamam <i>rases</i>, que quere dizer cabeças.», pp. 60/61 -«Estando nós aposentados chegaram a nós dois grandes senhores da corte e um deles é o adrugaz (...) e outro era por título <i>grageta</i> e por nome <i>Rás Ambiaata</i>(...)», p. 292 - «<i>Ajaze</i> é título de senhor e senhoria(...)», p. 224 - « Nisto veio um clérigo velho, que dizem ser parente e confessor do Preste (...). O título deste se chama <i>cabeata</i> e é a segunda pessoa nestes reinos.», p. 179	mas por terem tão grande poder, e mando, se ensoberbecerão(...)pello que (...), o Emperador Atanâf Çaguêd (...), lhes tirou os títulos e mandos(...). Mas depois o Emperador Malâc Çaguêd tornou a introduzir hu só cô o nome de <i>Erâz</i>, q quer dizer cabeça(...)», Vol. I, pp.47/48 -«Também havia dous q se chamavão <i>Hedûg Erâz</i>. Estes ficavão em lugar daquellas duas cabeças, quando elles estavão ausentes.», Vol. I, p. 48 - «Outros dous se chamavão <i>Gueitâ</i>, scilicet senhor(...)», <i>Ibd.</i> - «<i>Uzta Azâx</i> são dous, <i>Jânderebôch Azaxôch</i> dous.», <i>Ibd.</i> -« O principal officio de todos estes dez he julgar particularmente cousas graves e hirem por cabeças a guerra.», <i>Ibd.</i> -« Outro título muito grande ha q dizem <i>Acabe Eçât</i>, q quer dizer guardador do fogo. Este he sempre algum frade ou sacerdote grande, q de ordinário acompanha ao Emperador (...) e sabe todos os segredos e lhe aconselha em tudo pêra bem da sua lama e corpo(...)», <i>Ibd.</i> -« (...) mas não he seu confessor ne mestre, porq a este chamão <i>Quêz Hacê</i>, scilicet sacerdote como do Emperador(...)», <i>Ibd.</i>, -« Os demais officios são <i>Erâz balderabã</i> (destes havia dous criados fieis ao Emperador, q acompanhavão sempre dentro e fora aquelles dous Behêt Uâdêd , ou Erâz por guarda(...); <i>Hedûg Erâz balderabã</i> (...) vigiavão os Heduguês(...). <i>Gueitâ balderabã</i> ; estes da mesma maneira vigiavão os dous q se chamão <i>Gueitâ</i> (...)», <i>Ibd.</i> -«<i>Manguêst Bêit</i> (...). Estes recolhem e tem a seu cargo todas as peças do fatto do Emperador e são Alcaides das prisoens. <i>Marêd Bêit</i> (...) estes tem cargo dos vestidos do Emperador e de todas suas armas.», Vol. I, p. 49 -«Poucos tempos ha q acrescentarão dous officios; hu se chama <i>Talahâc Balatinôch Gueitâ</i> (...). Este tem muito grande mando, porq não somente he
--	--	---

		sobre todos os criados do Paço; mas sobre todos os do arrayal, ainda q sejam capitaens atee os VisoReys dependem muito delle e a nenhum se faz mando nem se faz mercê de terras sem seu conselho(...)», Vol. I, p. 50 -« Outro se chama <i>Tacacãn Balatinôch Gueitâ</i>, senhor dos criados pequenos, scilicet Pajens do Emperador.», <i>Ibd.</i>
SENHORES LOCAIS/GOVERNADORES	-«O senhorio do Barnagais é desta maneira. Seu título é de Rei, porque nagais quere dizer rei e bar quere dizer mar e assim <i>Barnagais</i> quere dizer Rei do Mar.», p. 60 -«Debaixo do Barnagais estão mui grandes senhores a que chamam <i>xuns</i> que quere dizer capitais(...). Todos estes capitais (...) são de atabales, os quais não podem trazer senão grandes senhores e todos estes servem com o Barnagais em guerras(...). Têm outros grande senhores sob seu mando a que chamam <i>rases</i> (...)», pp. 60/61 -«(...) <i>Tigremahon</i>, que é intitulado como rei de grandes terras e mui grandes senhores debaixo do seu mandado e regimento(...)», p. 81 «(...) veio um grande fidalgo que se chama Robel e sua senhoria Balgada e, assim, fica seu nome e senhoria <i>Balgadarobel</i>. (...) Este fidalgo é sujeito ao Tigremahon(...)», p. 107 -«(...) esta terra(...) é debaixo de <i>Angoterás</i> que é o reino de Angote.», p. 127 -«(...) <i>xumagali</i> (...) fidalgo sem título(...)», p. 334	- <i>Bahâr Nagâxe</i>, Sirei <i>Xûm</i>, Abargalê; <i>Xum</i>; Abargalê; <i>Xûm Xahât</i>; Zamâ-«(...) todas estas são terras do reyno de Tigre(...)», Vol. I, p.236 - Referência ao <i>Viso Rei</i> de Begmedêr, <i>Ibd.</i>

QUADRO 7

DOS POVOS DAS REGIÕES LIMÍTROFES DO IMPÉRIO ETÍOPE

POVOS MENCIONADOS	FRANCISCO ÁLVARES	PÊRO PAIS
GERAL		-«As naçoens são tambem muitas e muy differentes, mas podemse reduzir a 4: Christãos, Mouros, Judeos, e Gentios; e nos mais dos reynos se achão todas juntas.» , Vol. I, p. 18
MOUROS A NASCENTE/ NOROESTE	-« Há nas comarcas dêste mosteiro pelos vales (...) mui grandes fatos de vacas guardadas por mouros alarves e andam em cada fato quarenta, cinquenta mouros com suas mulheres e filhos e o capitão deles é cristão porque as vacas que guardam são dos fidalgos cristãos (...). Estes mouros outra cousa não têm por seu trabalho senão o leite e a manteiga que tiram das vacas e com isto se mant~em êles e mulheres e filhos.» , p. 43 -« Nesta terra há aldeias de mouros e apartados dos mesmos cristãos, dizem ser muito tributários aos senhores da terra, em ouro, em panos de sêda; não servem nas sementeiras gerais , como os cristãos; não têm mesquitas, porque lhas não deixam fazer, nem ter.» , p. 104 -« (...) dos mouros alarves que guardam vacas dos grandes senhores das terras do Barnagais e andam em aduares de trinta ou quarenta com suas mulheres e filhos. E todos estes mouros trazem capitão cristão e todos são ladrões e estes roubam os pobres na estrada por seu poder e favor dos senhores a que guardam as vacas.» , p. 355 -« (...) dizem nesta terra que estes dobás são tão grandes guerreiros que têm lei entre si, que não tomam mulher sem fazer certo que matou doze cristãos.» , pp. 120/121	

	-«(...)de cujo reino e senhorio [de Adel] é Barborá e Zeila, rei grande e poderoso. Dizem que é estimado e havido entre os mouros por santo, porque continuamente faz guerra aos cristãos e assim dizem que é provido do Rei de Arábia e do Xequê de Meca e doutros eris e senhores mouros de muitas armas e cavalos (...)», p. 315 -« No meio do reino de Adel mais para o sertão começa o reino de Adea que é de mouros e são de países sujeitos ao Preste; (...)», p. 357	
NORTE	-Em Suaquém começa o Egipto «(...) e dizem ser todo povoado , salvo dois dias que não tem povoação nem água e dizem haver muitas igrejas e muitos cristãos que fazem esmolas a estes peregrinos e são sujeitos aos mouros.», localizando-se aí o mosteiro de Santo Antão, patrono dos frades da Etiópia.», pp. 354/355	-« Os moradores daquella terra são gentios e obedecem ao Emperador; posto q mal. Pouco mais adiante começa hu grande reyno, q se chama Dequin: he de mouros m.to pretos, a q chamão Balôus, e não obedecem ao Preste João, mas correm co amizade e trazemlhe m.tos e fermosos cavallos a vender e alguns lhe presenteião; (...)», Vol. I p. 226
NÚBIOS A POENTE/ NOROESTE	-«Estes núbios, não são mouros, judeus, nem cristãos, dizem que foram cristãos e perderam a crença e estão assim sem fé,(...)», p. 73	

GORAGES A POENTE	-« (...)gente (segundo dizem) muito má e dêstes não há escravo nenhum, porque dizem que antes se deixam morrer por si ou se matam que servir cristãos. (...) e, segundo parece e dizem os abexins, estes gorages moram debaixo da terra (...)», pp. 305/306 -«Poucos eram os dias que não se dissesse esta noite matarm os gorages quinze ou vinte pessoas (...)», p. 207	
ÇAFATES A POENTE	-« (...) gente não muito preta e grandes de corpos. Dizem que foram da casta dos judeus mas eles não têm livros nem esnogas; são homens muito subtis mais que nenhuma gente que haja nesta terra, sãp gentios e grandes guerreiros e tem sempre guerra com o Preste.», p. 360	
AGÔUS DE GOJÂM/SUDOESTE		-« (...) São Christãos, mas tem m.tas superstiçoens gentilicas pello trato e vizinhança de outros Agôus gentios seus parentes, q soã m.tos.», <i>ibid.</i>, p. 214 -«(...) mas alguns se achão quasi tão alvos como Portugueses, entre os q chamão Agôus e Gongãs do reyno de Gojâm, (...)», p. 16
TERRA DE GAMU/ SUL-SUDESTE	-«(...) são gentios escravos pouco prezados; não têm rei, sòmente senhores que senhoreiam divididos, p. 357	
REINO DE OMBAREÂ, (LOCALIZAÇÃO ?)		-« (...) de gentios m.to pretos, q o anno de 1615 sojeitou co grande exercito Erâz Çela Christôs, e por ser terra tam grande e pouco conhecida , a chamão elles (...) novo mundo .», p. 217
GALÂS(OROMO)/ SUL		-«(...) em tempo do Emperador Onâg Çaguêd, vierão da banda do sul huns gentios pretos, q chamarão Gâlas, pastores de vaccas, gente muy cruel e fera(...)», Vol. I, p. 22 -«(...) q como suas mulheres acabam de parir, sejam filhos ou filhas, os botão fora nos campos e ali morrem ou os comem os animais, huns por espaço de seis annos, outros de dez, e se algum furta a criança q botarão por q não morra e he achado, lhe dão

		grande castigo e o tem por homem amaldiçoado. Não lavrão os campos, ne se sustentão ordinariamente senão de leite e manteiga e de carne crua, ainda q algumas vezes a assão e comem. Não tem Rey , mas cada 8 annos elegem capitaens q os governão na paz e na guerra. Estes com virem quasi despidos e não trazerem outras armas mais q dois zagunchos, e hua adaga e hua macinha de pao, foram entrando por este Imperio de maneira q oje senhoreão muita parte d'elle e no q fica fazem quasi todos os annos muitos entradas e d-ºao grandes assaltos, levando quasi sempre muita presa, particularmente de vaccas, de molheres e mininos; q aos homens todos matão por não se fiarem delles (...)», Vol. I, p. 22 -« (...) por aly [reino de Amharã] particularmente fazem muitas entradas roubando e cativando molheres , e mininos, , q aos homens todos matão, e ainda muitas vezes às molheres co grandes crueldades.», Vol I, p. 100 -«(..) vem despidos da cinta pera cima e não trazem mais q hua Adarga, e dous zagunchos e hua macinha de pao; e seus Cavallos são muito curtos e roins; (...)», Vol. I, p. 135
--	--	---

QUADRO I

CRONOLOGIA DOS GOVERNANTES ETÍOPEs ¹

<u>PERÍODO</u>	<u>NOME DE BAPTISMO</u>		<u>NOME DE GOVERNO</u>	
	<u>Segundo Pennec</u>	<u>Segundo Pais</u>	<u>Segundo Pennec</u>	<u>Segundo Pais</u>
<u>1478/1494</u>	Eskender	Escânder	Qwästantinos	
<u>1494</u>	Amdä Seyon II	Amd Ceôn		
<u>1494/1508</u>	Na'od	Naôd	Anbasa Badar	
<u>1508/1540</u>	Lebnä Dengel	Lebena Denguil (Incendo de Virgem)	Wanag Sagad/Etana Dengel/Dawit/Asnaf Sagad	Onâg Çaguêd/David
<u>1540/1559</u>	Gälawdéwos	Glaudeôs/Cláudios	Asnaf Sagad	Atanâf Çaguêd
<u>1559/1563</u>	Minas	Minâs	Admas Sagad/Wanag Sagad	Adamâs Çaguêd
<u>1563/1597</u>	Särdä Dengel	Zerza Denguil	Malak Sagad	Malâc Çaguêd
<u>1597/1603 e 1605/1607</u>	Ya'eqob	Jacob	Malak Sagad	Malâc Çaguêd
<u>1603/1604</u>	Zä Dengel	Za Denguil	Asnaf Sagad	Atanâf Çaguêd
<u>1607/1632</u>	Susneyos	Suseneôs	Seltan Sagad	Seltân Çaguêd
<u>1632/1667</u>	Fasiladas			

¹ Segundo as obras de Hervé Pennec, «Chronologie des Rôis Éthiopiens», *op. cit.*, p. 325 e Pais, *op. cit.*, Vol. I, pp.55/59 e ainda 19/20

QUADRO 2

ESTRUTURA NARRATIVA DA OBRA DE FRANCISCO ÁLVARES

CAPÍTULOS	PARTE I
Cap. I a LXVIII	Percurso da embaixada; descrição das terras e gentes, a propósito do percurso.
Cap. LXIX a CV	Estadia na Corte do <i>Preste</i>
Cap. CVI a CIX	Partida da Corte e dissensões no seio da embaixada.
Cap. CX a CXII	Parênteses descritivo- práticas religiosas da Quaresma
Cap. CXIII	A embaixada não alcança o litoral a tempo de se encontrar com a armada da Índia
Cap. CXIV a CXX	Sucessos vários da política etíope durante os anos em que Álvares permanece na Etiópia
Cap. Cap. CXXI a CXXVIII	Descrição da disposição e funcionamento da Corte
Cap. CXXIX a CXXXVIII	Fronteiras e terras do Império Etíope
Cap. CXXXIX	Oficiais da Corte
Cap. CXL a CXLII	Partida para a Índia

CAPÍTULOS	PARTE II
Cap. I a IV	Viagem para a Índia e daí para Lisboa
Cap. II	Treslado da carta do Preste para o governador da Índia
Cap. V a VI	Itinerário terrestre de Lisboa a Coimbra
Cap. VII a VII	Treslado das cartas do <i>Preste</i> para os monarcas portugueses
Cap. IX	Respostas dadas ao Arcebispo de Braga

QUADRO3

ESTRUTURA NARRATIVA DA OBRA DE PÊRO PAIS – LIVROS I E II

CAPÍTULOS	LIVRO I (sem título)	CAPÍTULOS	LIVRO II (sem título)
	Dedicatória ao geral da Companhia de Jesus	Cap. I a VI	A religião cristã na Etiópia; as diferenças teológicas com a Igreja de Roma
	Prólogo ao Leitor	Cap. VII a XVI	Os rituais, sacramentos e ofícios da igreja etíope
Cap. I a XXX	Regiões que integram o Império; os Imperadores e Oficiais da Corte; Justiça; Cidades, Habitantes e Costumes; Fauna; Clima, Minérios e Flora; Rios e Lagos; rendas e Tributos do Imperador	Cap. XV	A construção dos templos
Cap. XXXI a XXXVII	Expedição de D. Cristóvão da Gama; D. João de Bermudes, «patriarca romano»	Cap. XVII a XXXIII	Ordens religiosas etíopes e questão de santos atribuídos à igreja etíope

ESTRUTURA NARRATIVA DA OBRA DE PÊRO PAIS – LIVROS III E IV

CAPÍTULOS	LIVRO III- Título: «Em q se referem algas historias de Emperadores de Ethiopia, cõ as miossoens q os p.es da Comp. ^a fizeram pêra este Império em o tempo de cada hum delles.»	CAPÍTULOS	LIVRO IV- Título: «Em q se trata dos três ult ^{os} Emp.res q atee oje ouve nella, e das missoens, q os P.es da Comp. ^a fizeram em seo tempo pêra este Império.»
Cap. I a III	História dos imperadores etíopes desde c. 1494	Cap. I a XV	Historia dos Imperadores e sucessos políticos; entrada dos missionários na Etiópia
Cap. IV a V	Missão do Patriarca D. João Nunes de Barreto; missão na Etiópia de D. André de Oviedo	Cap. III	Entrada de Pais na Eiópia
Cap. VI	História dos Imperadores	Cap. VII	Conversão do imperador <i>Za Denguil</i> ; cartas ao Papa e a Filipe II
Cap. VII a XII	Missão de D. André de Oviedo e seu destino	Cap. XVI a XX	História do imperador <i>Suseneos /Seltân Çaguêd</i>
Cap. XIII a XIV	História dos Imperadores	Cap. XXI a XXIX	Actuação do Imperador em prol do catolicismo; levantamentos; cartas ao Papa e ao rei de Portugal
Cap. XV a XXI	Primeira tentativa de Pêro Pais de alcançar a missão etíope com António de Monserrate; seu cativo e resgate	Cap. XXX a XXXVI	Viagem do P. António Fernandes ao reino de <i>Gojam</i> e de <i>Nareã</i>
Cap. XXII	Tentativa do P. Abraham de Georgis de alcançar a Etiópia e seu martírio	Cap. XXXVI	Troca de correspondência entre o Imperador, o Papa e o rei de Portugal
		Cap. XXXVII	Início da segunda residência jesuíta no reino de <i>Gojam</i>

QUADROS 6

A) DOS REINOS DO IMPÉRIO ETÍOPE SEGUNDO REFERÊNCIAS DE FRANCISCO ÁLVARES E PÊRO PAIS (sentido nascente/poente)

Francisco Álvares	Pêro Pais
Tigrai [senhorios do Barnagais e do Tigremahon]	Tigré
Dangali (mouro)	Dancali (mouro)
Angote [senhorio do Angoterás]	Angôt
Adel (mouro)	
Dobas (24 senhorios mouros)	Doba Seltan (mouro)
	Motâ
	Ançá
Amara	Amharâ
	Olacã
Oija	Ôye
	Bâli
Adea(mouro)	Hadeâ
	Alamalê
Xoa	Xaoâ
	Ifât

	Gueden
	Ganh
	Doarô
Fategar	Fatagâr
	Oxlô
	Ganz
	Belemorâ
Gorage	Guraguê
	Cuerâ
	Brizanâ
	Sufgamô
	Bahargamô
	Cambât
	Boxâ
	Gumârm
	Zenyerô
	Nareâ
	Conch
Damute	Damôt
Gojame	Gojâm
Bagamidri	Begmêder
	Dambiâ

B) PROVÍNCIAS DO IMPÉRIO ETÍOPE REFERIDAS POR PÊRO PAIS

Gandachô

Arench

Orgâr

Cagmâ

Mergâi

Xareâ

Gamarô

Abexgai

Talaceôn

Oagrâ

Çemen

Çalamat

Borâ

Abargalê

Salacâ

Çagadê

Oailcait

Maçagâ

C) LIMITES DO IMPÉRIO ETÍOPE SEGUNDO FRANCISCO ÁLVARES (1520/1526)

NASCENTE	POENTE	NORTE	SUL
-O reino mouro de <u>Dangali</u>, situa-se na costa, possuindo o porto de Belié. - Este reino estende-se para sul até ao reino mouro de <u>Adel</u>, a cujo senhor pertencem as cidades de Zeila e Barborá na costa do Golfo de Adem, confinando no interior com <u>Fategar</u> e <u>Xôa</u>, terras do Preste,. Este reino de Adel seria de grande extensão «(...)e corre sôbre o cabo de Guardafui e lá naquela parte senhoreia outro seu sujeito.», p. 356 - Ainda para Levante, «No meio do reino de Adel mais para o sertão começa o reino de <u>Adea</u> que é de mouros e são de países sujeitos ao Preste; (...)», p. 357. O reino de Adea tem fronteiras com o reino de <u>Oija</u>, do Preste, provavelmente para leste; --Penetrando no dito reino de Adea, onde o <i>Preste</i> se desloca em missão de auxílio ao respectivo rei, informamos Álvares da existência de um reino de <u>Orgabeja</u>, no extremo desse	-Terras dos <u>cafates</u>, gentios belicosos, segundo a tradição, de ascendência judaica que confinam com os reinos de <u>Xôa</u> e <u>Gojame</u>. Quanto às fronteiras do reino de Gojame a norte, voltadas para Poente «(...) não pude saber com quem confina êste reino (...), somente dizerem que são desertos de montanhas e que há além delas judeus(...)»pp. 360/361 - O reino de <u>Bagamidri</u>, conflui a oeste com a terra dos <u>belonos</u>, <u>mouros</u> que pagam tributo em cavalos ao <i>Preste</i> e cujo território, por sua vez, confinaria com a Núbia. Nos limites dos reinos de <u>Angote</u> e <u>Tigré</u>, estão as terras dos <u>aganos</u>, e de gentios e cristãos que, «(...) da outra parte não sei com que confinam, devem confinar com êste reino Bagamidri», p. 362	-Estando no reino de <u>Amara</u> Álvares é informado « (...) que um mês de caminho seria para aquela parte o senhorio do <i>Preste</i> e que logo entravam montanhas e desertos e após êles mui ruim gente(...)». Durava a seu parecer, espaço de quinze dias de andadura,(...), que entravam logo mouros brancos do reino de Tunes (e não me espanto, porque de Tunes vêm as cáfilas ao Cairo e a esta terra do Preste)(...)», p. 162 -O Norte da Etiópia, confronta-se com as terras dos <u>Núbios</u> de aquém e além Nilo, em relação às quais, e segundo as informações obtidas pelo autor, «Diziam ser estes Núbios cinco ou seis jornadas dos extremos de suas terras contra Egipto.(...) e ouvi dizer que na fronteira destes núbios (...) é terra muito abundada de	-Terras de gentios

território. Segundo o relato de portugueses e genoveses que acompanharam a expedição, o monarca etíope penetrara no reino até «(...) muito acêrca de Magadaxo e diziam ser reino mui frutífero e de grandes arvoredos em tanta maneira que não podiam caminhar sem cortarem árvores e fazerem caminhos. E assim dizem haver aí muitos mantimentos (...)», pp. 367/358 -O autor refere que no meio do reino de Adeia, para poente, iniciam-se territórios de gentios «(...) que não são reinos e são nas cabeças dos reinos e senhorios do Preste (...)»¹. O primeiro é a terra de <u>Ganze</u>, habitada por gentios e cristãos; segue-se a grande senhoria de <i>Gamu</i>; ambos fazem fronteira com os reinos do Preste de <u>Oija</u> e <u>Xoa</u>.		mantimentos e não pode al ser porque é daquém e dalém Nilo, que dizem ser terra muito farta.», p. 73	
---	--	---	--

D) LIMITES DO IMPÉRIO ETÍOPE SEGUNDO PÊRO PAIS (1603/11620)

NASCENTE	POENTE	NORTE	SUL
-Domínio mouro a Levante, sob a égide so Império turco, impedindo o livre acesso á costa do Mar Vermelho. -Na sua obra, Pais refere, as lutas havidas com os reinos mouros vizinhos, nomeadamente incursões dos mouros do reino de <u>Adel</u> à corte do Imperador Claudio, estacionada no reino de Ôyê e o avanço turco até Debaroâ e suas razias no reino de Tigré, na época do patriarca André de Oviedo. Vol.I, p.287 e Vol.II, p. 320 - Pais alude ainda um reino a Sudeste, «(...) <u>Balî</u>, que são outras terras do Emperador; ainda q de pouco tempo a esta parte se meteo nellas hu mouro e os christãos se forão retirando.», Vol. III, p.211	-A Poente, Pais informa-nos que «<u>Aquelles de Gumân</u>, que são Christão (...) moram no estremo do reyno de <u>Gojâm</u> sobre o Nilo (...)» Vol. I, p. 117 -O mesmo reino de <u>Gojâm</u> confina também com os reinos gentios de <u>Fascolô</u> e de <u>Ombareâ</u>, senhoreado pelo Imperador desde 1615 e, que segundo Pais, «(...) por ser terra tam grande e pouco conhecida, a chamarão elles Ayez Alêm, q quer dizer novo mundo. Dali por diante não senhorea o Emperador, nem sabem dar rezão dos nomes das terras (...)», sendo os seus habitantes «Cafres gentios», Vol I, p, 217. -No limite poente do Império habitam igualmente os <u>Agôus</u>, população gentia, em parte já convertida ao cristianismo, «(...) muitos e muy belicosos, [e] as terras onde moram, são muy fortes, asperas, e montuosas(...)», Vol. III, p. 248 -«Vierão mts. Gentios Gâlas de hua Provincia q se chama <u>Bizanô</u> e passando o rio Nilo entrarão no reyno de <u>Gojâm</u> e derão em huas terras de Gentios Agôus (...)matando mts. e	-A Norte do território o autor refere em várias passagens, o grande reino de <u>Dequin</u>, diante de Çuaquên, habitado por «(...) mouros muito pretos, q q chamão <u>Balôus</u>(...)», Vol. I, p. 225, com os quais se mantém a paz. De resto separam a Etiópia do Egipto «(...) grandes desertos e vastissimos mattos(...)», Vol. II, p. 217	-Para Sudoeste o limite das terras do <u>Preste</u> é o reino de <u>Nareâ</u>, terra de gentios sujeita recentemente ao Imperador Etíope. -« (...) e m.to menos senhorea os reynos q diz p.^a o Cabo de Boa esperança, porq o derradeiro reyno de seu Imperio pera a banda de Moçambique he o de <u>Nareâ</u> e de <u>Gojâm</u> ao cabo delle se pode chegar (...), e daly a Moçambique são tão grandes os desertos e tantas as terras de Cafres não conhecidas (...), q não somente não tem trato co ellas, mas segundo dizem, nem ouvirão nunca seu nome; (...)»Vol. I, .p.241 -A Sul a delimitação do reino etíope, no sentido Poente/Nascente parece situar-se no reino de <u>Damôt/Damut</u>, «(...) q he hua região muy grande e vasta(...)», Vol. II, p. 305e uma série de outros reinos de tamanho diverso, cuja localização não é muito clara e ainda os reinos de <u>Fatagâr</u> e o de <u>Ôye</u>, que confinam com os reinos mouros de Hâdea e de Adel.

	fazendo extraordinárias crueldades(...),»Vol. III, p. 254		-«(...)em tempo do Emperador Onâg Çaguêd, vierão da <u>banda do sul</u> huns gentios pretos, q chamarão <u>Gâlas</u>, pastores de vaccas, (...)»,Vol. I,p.22; -«No fim do inverno teve novas o Emp.or [Seltân Çaguêd] como se tinham concertado entre si mntas casa de <u>Gâlas</u> pera darem em hu mesmo tempo em diversas terras; e q hu exercito mto grande hia pera o reyno de <u>Tigrê</u>; e os da Casa de Meraoâ vinhão a <u>Begmedêr</u> e os das casa de Itû, e Boren pera <u>Gojâm</u>(...)», Vol. III,p.124 (...). depois vierão mais de tres mil (...), e entrarão muito seguros pello reyno de Tigrê(...)», Vol. II, p. 326
--	--	--	--

QUADROS 5

AGRUPAMENTO DOS CONTEÚDOS EM TÓPICOS GERAIS

TÓPICOS REFERENTES AO ESPAÇO NATURAL

Do Espaço Natural	Francisco Álvares	Pêro Pais
Configuração Geográfica	Senhorios do Preste; Reinos e povos limítrofes	Senhorios do Preste; Reinos e povos limítrofes
Paisagem	Orografia; caminhos; clima; cursos de água e lagos; referências ao rio Nilo	Clima; rios e lagos; nascentes e enchente do rio Nilo; referências esporádicas à orografia e caminhos.
Flora	Referências a espécies silvestres; espécies cultivadas e aproveitamento agrícola.	Referências a espécies silvestres e autóctones; espécies cultivadas; introdução de novas espécies
Fauna	Referências às espécies selvagens; importância da produção pecuária; praga de gafanhotos.	Animais selvagens e domesticados; referências à produção pecuária; fauna dos rios e lagos; espécies consideradas danosas.
Riqueza Mineral	Referências a ouro e prata; sal	Referências a ouro e prata; sal

TÓPICOS REFERENTES AOS HABITANTES, USOS E COSTUMES

Dos Habitantes, Usos e Costumes	Francisco Álvares	Pêro Pais
Habitantes	Características físicas (homens e mulheres), vestes, atavios de todas as classes; referências à sua natureza.	Características físicas (homens e mulheres e crianças); vestes, penteados e atavios; chapéus, de todas as classes; natureza.
Espaço Humano	Locais de paragem/passagem da embaixada: aspectos arquitectónicos de igrejas e mosteiros; referências às habitações e seu interior.	Referência a igrejas e mosteiros e sua descrição arquitectónica; primeira igreja católica na Etiópia; formas de habitação; edifícios dos lugares e sua decoração; inexistência de uma civilização urbana; primeiros edifícios civis em pedra.
Usos e Costumes	Cortesias; alimentação e sociabilidade à mesa ;os hábitos matrimoniais e o divórcio; cerimónias fúnebres e luto; circuncisão e práticas de origem judaica; excisão.	Cortesias; alimentação; práticas de hospitalidade e assistenciais; hábitos matrimoniais e divórcio; cerimónias fúnebres, o luto e o prantear e local de enterramento; regime de heranças; circuncisão e práticas de origem judaica; excisão.
Cultura	Consulta de livros locais; tradições locais: narrativa da rainha de Sabá; narrativa da rainha Candácia e S. Filipe e conversão da Etiópia; história de rei Lalibela; insipiência da cultura escrita, ausência do registo escrito e predomínio da tradição oral. Antigos vestígios de Aksum e igrejas monolíticas de Lalibela.	Inexistência de grandes bibliotecas e de uma cultura livresca, ausência de registo escrito; inexistência de um ensino organizado; ausência de um conhecimento científico e de conhecimentos de medicina; falta de instrumentos e noções de medição exacta. Consulta de livros locais; Narrativa da tradição da linhagem real com base na lenda da rainha de Sabá . Antigos vestígios de Aksum e igrejas monolíticas de Lalibela (referidas a partir do testemunho de Álvares).

TÓPICOS REFERENTES À ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Da Organização Social	Francisco Álvares	Pêro Pais
Organização política e económica	-Os senhores locais; pagamento de direitos; - Exercício da justiça audiências e penas; prisões; -Exército e armamento; -Autoridade do Imperador; a posse precária dos senhorios; os direitos recebidos pelo Imperador; a sua sucessão e os seus familiares; -Tradição da origem dos altos funcionários; -Organização da corte/arraial do Imperador; cerimonial; figura do Imperador; a corte em movimento (séquito, meios de deslocação, transporte dos bens do Imperador). -Posse da terra e aproveitamento agrícola; - as feiras; medidas padrão (sal); troca	-Linhagem imperial; ; lista dos imperadores; cerimonial ligado à sua figura; leis de sucessão e família imperial; a eleição imperial e a cerimónia de coroação; titulação; designação da imperatriz; -Oficiais da corte e sua origem -Exercício da justiça: juízes e competências; custos do processo e recursos; penas e formas de prisão; -Governo local; -Tributos e rendas do Imperador; -Exército, armamento, e expedições militares; -Figura do Imperador; -Organização do arraial; deslocações da corte (organização da comitiva, forma de deslocação do Imperador). -Cultivo dos campos e rendas; formas de comércio e medidas de troca.
Práticas religiosas	-Ofícios e rituais religiosos; -Características do clero (frades e clero secular; freiras); hierarquia ; ordenação de clérigos; o casamento do clero secular; -Objectos litúrgicos; -Os sacramentos,calendário religioso; festividades (baptismo na Epifania, consagração de templos, Quaresma e Páscoa); -Penitências e jejuns; eremitas .	-Início da fé cristã na Etiópia; -Divergências teológicas (natureza de Cristo, questão das almas e do castigo divino; diferenças nos sacramentos; negação do Purgatório) -Ofícios, rituais e orações; -Eleição do patriarca egípcio; ordenação do clero; -Casamento dos clérigos; características físicas; -Ordens religiosas e principais mosteiros.

QUADRO 9

DOS RECURSOS HÍDRICOS

RIOS E LAGOAS	FRANCISCO ÁLVARES	PÊRO PAIS
RIO NILO [AZUL]/ ABBAI ABAOÍ - NASCENTES	-«Diz que não viu o Nilo e chegou duas jornadas dele e as jornadas que andava são pequenas (...). Porém alguns da sua companhia chegaram ao nascimento dele e dizem que nasce no reino de Gojame e o seu nascimento é em grandes lagoas e logo em nascendo são ilhas e daí começa seu curso e vai para o Egipto.», p. 425	-«Esta fonte quasi ao Poente daquelle reyno [Gojâm], na cabeça de hu vallezinho q se faz em hu campo grande, e aos 21 d’Abril de 1618 q eu a cheguei a ver, não pareciam mais q dous olhos redondos de quatro palmos de largo;(…)»Vol. I, p. 214 -«A agoa he clara e muito leve, a meu parecer, q a bebi; mas não corre por cima da terra, ainda q chega à borda della.(...). Dizem os que aly morão q o não tem [fundo] , e quando andão por perto daquelles olhos, bolle e treme tudo a roda de maneira q se vê claramente q debaixo tudo he agoa; e q não se anda por cima senão por estarem as raizes das ervas mui entretecidas com algua pouca de terra;(…) pondo o pee sobre a erva, parecia q se queria hir tudo ao fundo; e até oito ou dez passos mais adiante bulia decendo e alevantando.»,Vol. I, p. 215 -« O fio de agoa, q vai por baixo da terra, quando sae daquelle circuito redondo da fonte corre pera Oriente por espaço de hu tiro de Espingarda (...); e logo vai declinando mansamente pera o Norte (...) e pouco mais adiante se lhe juntão duas ribeiras pequenas, q vem da banda de Oriente, e depois recolhe outras m.tas, com q sempre vai engrossando, e tendo andado pouco mais de hu dia de caminho, recolhe hu rio grande , q se chama Jamâ. Depois , dando m.tas voltas, vai pera Occidente e tendo andado 20 ou 25 legoas, já he rio grande, e começa a declinar pera Norte e vay voltando sempre, de maneira q as 35 legoas de seu curso (...), torna a correr ao Oriente e entra por hua ilharga de hua lagoa grande , q está entre a Provincia , q chamão Bed do reyno de Gojâm, e o reyno de Dambiâ. (...) pouco mais adiante se estreita de maneira entre duas rochas, q facilmente atravessão paos de hua a outra e fazem ponte (...) e chegando defronte de hua terra , q chamão Bizân da banda de Damôt e outra q se chama Gumâr Çaneâ da banda de Gojâm, vem a estar o rio tam
PERCURSO		

QUESTÃO DA ENCHENTE DO NILO	-«Ao tempo que o Nilo no Egipto enche é (segundo dizem) de quinze dias de Setembro por diante e em todo o Outubro e a razão disto é porque o inverno de Etiópia começa de meado de Junho até meado de Setembro,e, pelas muitas chuvas que há nêle, sem nunca se mudar este inverno, enche o Nilo no Egipto, neste tempo.», p. 425	perto de sua fonte, q se pode chegar a ella em hu dia. (...)ainda vae correndo alguns dias à roda de Gojâm, e depois passa por entre o Reyno de Fazcolô e o de Ombareâ (...). Daly por diante não senhorea o Emperador, ne sabem dar rezão dos nomes das terras ne do curso do rio, mais q dizerem q vai por terra de Cafres gentios pera o Cairo.», Vol. I, pp. 215/217 -«(...) diremos a rezão de sua anual crecente,(...) de julho por diante, quando por outras partes se diminuem e vão secando os rios (...)ordinariamente na entrada de junho começa nestas terras o Inverno e chove tanto atee setembro e algumas vezes por todo elle e parte de outubro, q não somente os rios, mas as ribeiras m.to pequenas creçem de man.ra q não se podem passar sem barcas(...) todas estas entram no Nilo, e doutras partes lhes vem m.tas e rios caudalosos, q depois de terem corrido m.tas terras e recebido no Inverno m.to grande multidão d' agoas descarregão no Nilo. Tambem a lagoa de Dambiâ,(...), acaba de encher meado Agosto,(...), co as m.tas agoas q lhe entrão, e daly por diante desagua em elle co mais furia, sem se devertir por outra parte, (...)»,Vol. I, pp. 217/218
LAGO/LAGOA DE DAMBIÂ[LAGO TANA]		-«A principal lagoa de quantas há em Ethiopia está entre o reyno de Gojâm ao sul, e o de Dambiâ ao norte, a q chamão Dambiâ Bahâr, q quer dizer mar de Dambiâ. Corre de Norueste pera Sueste, se hemos de falar como os mareantes; e

ILHAS DO LAGO DAMBIÂ		terá de comprido, se for pella praya 25 legoas ou mais; e de largo 16, pouco mais ou menos(...)), Vol.I, p. 232 -Passagem do Nilo pelo Lago Dambiâ«E eu cheguei ao lugar por onde entra e depois passei bom pedaço adiante, e olhando da borda da lagoa de lugar alto, me pareceo q passa o rio por dentro della como mª legoa e enxergasse m.to bem o fio de sua corrente, quando a lagoa está em calmaria (...); porq huas Ervas verdes, q traz o rio antes de entrar nella, as vai levando mansamente sem se bulirem as palhas e outras cousas, q de hua e outra banda estão sobre a agoa da lagoa.(...) mas, quando sai da lagoa, leva m.tº mais agoa(...))», Vol. I, p.116 -«Tem esta lagoa m.tas ilhas co grande arvoredado, huas desertas e outras povoadas; e em vinte e hua dellas há mosteiros co m.tos frades.»: Ilha de Gâililâ a Norte do lago (em frente da península de Gorgora, a primeira corte de Seltan Çaguêd/Suseneos); na margem Sul, a ilha de Dec, plana e de maiores dimensões, banhada pela corrente do Nilo Azul ; a ilha de Remâ, mais pequena e acidentada ; nomeia ainda as ilhas de Çaanâ e de Quêbrân e a de Debra Antonz, todas elas com importantes mosteiros. Sobre esta última diz o autor:«Nesta entrei eu, e he tão forte q quatro homens bastarão pera defender a entrada a m.to grande força de gente(...)As demais ilhas não são de tanto nome; e por isso não faço menção dellas.»», Vol. I, pp.232/233
RIO TACACÊ		-« Tem suas fontes [nos limites do reino de Angôt](...) , ao pé de hu alto monte (...), e são tres olhos grandes q saem do fundo co m.ta furia como fervendo, hu afastado do outro como vinte passos, e pouco mais de hu tiro de pedra se juntão todos tres e fazem grande ribeira (...))», Vol. I, p. 226 -«(...) fazendo eu difficuldade, por me parecer q seu curso era muy differente dodo Nilo, disse o Emperador q não havia duvida, q era cousa m.to sabida; e depois os moradores de hua terra, q se chama Berber me affirmarão q perto do seu lugar se juntava co o Nilo.»», Vol I, p. 227

RIO MARÂB		-No Norte do Império, de dimensões mais reduzidas. As nascentes situam-se perto de <i>Debarôâ/Baroâ</i>, inflectindo depois para Ocidente e finalmente para norte, serpenteando entre as terras montanhosas do reino de <i>Tigré</i>, onde se situa o mosteiro de Aleluia, posto de observação do nosso autor, que a partir daí observa a paisagem por ele banhada: «(...) enquanto eu pude alcançar cõ a vista de hu alto do Mosteiro, não vi senão cousa m.to pouca lavrada; e passando daly alguas legoas, entra debaixo da terra, e vai sahir treze dias de caminho; e aly chamão ao rio Tacâ, q quer dizer agoa espalhada.» Nessa zona situa-se o reino mouro de Dequin, onde o utilizam para regadio. Vol. I, p. 226
RIO HAOÂX,		-Nascente no sopé do monte <i>Gecualâ</i>, entre o reino de <i>Fatagâr</i> e de <i>Ôye</i>, a Sul, e o de <i>Xâoa</i>, a Norte «(...) q tambem affirmão compete m.to em grandeza co elle.», Vol. I, p. 228 -Pais refere um afluente que adviria do lago <i>Zoâi</i> em <i>Ôye</i>, mas explorações posteriores desmentiram esse facto; de facto o rio dirige-se para o referido lago -Voltando para nordeste penetra nos territórios secos do reino de Adel, onde irriga as terras e aí finalizará o seu percurso, embora Pais desconheça o local exacto da sua foz, aventando a hipótese de desaguar no mar Vermelho, Vol. I, pp. 228/229
RIO ZEBÊ		-«Tem (...) seu nascimento em hua terra q chamão Boxâ do reyno de Nareâ,(...); e começando seu curso pera o Occidente, daly a pouco torna pera o Norte, e vai dando volta a hu reyno pequeno q chamão Zenyero, q quer dizer Bugio; (...)», já fora dos limites da Etiópia. O P. António Fernandes testemunha na sua viagem ao reino de Nareâ a importância do seu caudal, como nos relata Pais:«(...) tendo descido uma serra comprida, acharão hu grande rio, q chamão Zebê, e era tão extraordinario o roido das agoas, por correr com m.ta força por entre rochas e penedos, q falando muy alto não se ouvião hus aos outros.», Vol., III, p. 214 -Com o afastamento do rio desconhece-se o seu curso posterior, que poderia ter a sua foz junto a Mombaça, o que não se

		verifica na realidade ¹ .
LAGO HÂIC	-«E aqui contra o Levante, já no reino de Amara, há uma grande lagoa(...)será esta lagoa ou lago bem três léguas de comprido e passará de uma légua de largo.(...)Dêstes lagos vimos muitos nesta terra e êste é o maior que lá vi.», pp. 159/160	-« Em o reyno de Angôt porto do reyno de Amharâ está outra lagoa, q chamão Hâic e poderão dar volta à roda em meio dia ou menos. Tem hua ilha em q está hu mosteiro e alguns frades e a Igreja de s. Estevão.(...)», Vol. I, p. 231
LAGO ZÔAI,	-Ê provável que o Zôai se identifique com o grande lago que Álvares coloca na região seca do reino de Adel, para sul e a Levante, « E dizem haver neste reino[de Adel] um grande lago como mar que não tem vista de cabo a cabo e dizem haver nele uma ilha em que em outro tempo um Preste João mandou frazer um mosteiro e pôs em êle muitos frades, pôsto que fôsse em terra de mouros. (...) e ora dizem êles (...) que lá foram, que os frades daquele mosteiro morreram quási todos de febres.», pp. 340/341.	-No reino de Ôye ,«Corre esta lagoa de Norte a Sul, tanto q pera lhe dar a volta dizem q he necessario quasi hu dia inteiro caminhando a bom passo; e he quasi tão larga como comprida. Tem no meio hua ilha pequena e nella hu mosteiro , em q estão alguns frades, q não lhes falta peixe porq o há aly em abundancia.», Vol. I,p. 231
LAGO XACALÂ		-Mais a sul situar-se ia outro lago denominado Xacalâ, identificado com o lago Langana

¹ Segundo Kurt Krause desagua no lago Rudolf, não tendo escoamento para o mar., *Vide*, Kurt Krause, *op. cit.*,p.106

QUADROS 12

A) DA FAUNA EM FRANCISCO ÁLVARES

ANIMAIS MANSOS		ANIMAIS SILVESTRES			
DOMESTICADOS	GADO	GERAL	AVES E CAÇA	PEIXES	PRAGAS
	-«Há nesta terra mui formosas vacas que não podem ter número, nem conto e as maiores que se no mundo podem achar.», p. 142 -«(...) e depois no carnal [reino de Gorage] muitos grossos carneiros e vacas mui grandes de corpos (...)\", p359 -«(...) os	-«Nestas montanhas e serranias há muitas alimárias de diversas nações, seja, leões, elefantes, tigres, onças, lobos, porcos, veados, antas e de tôdas outras nações que dizer se possam no mundo, salvo duas que nunca vi nem ouvi dizer que as aí houvesse e são: ursos e	-Aves de tôdas as nações que no mundo se possam dizer, assim de nós conhecidas como não conhecidas; das grandes e pequenas e outras duas aves não vi nem ouvi dizer havê-las aí, estas são pêgas e cucos (...)\",Álvares, p. 22 -«(...) dentro destas valuras e fragas [serra no final do reino de Amara] , há muitas povoações de aves e	-«(...) porque ainda que queiram comer peixe [durante a Quaresma] (...) não o têm do mar e nas águas doces muito pescado há onde há ribeiras, e, porém há aí <i>muito pouco engenho</i> para os tomar (...)\", p 297	-(...)infinitíssimos bugios em manadas (...) Se alguma terra chã há sobre estas quebraduras ali é o seu andar e não lhe fica pedra que não revolvam e cavam a terra que parece lavrada.», p. 47 -Praga de gafanhotos na região de Barué em 1523:«(...)eram tantos após nós que não parecia

	[cavalos] que vem da Arábia são muito bons como mouriscos. E os de egipto muito melhores, grandes, muito largos e formosos e muitos senhores, criam cavalos das éguas que têm do Egipto em suas estrebarias.» ,p. 426	coelhos(...)», p. 22 -«(...) somente em um lugar (...), que será meia légua deste lugar de Barué, jazendo um homem dormindo à porta do seu curral, de noite, e um seu filho pequeno com ele (...), veio um leão e matou este homem, sem o ninguém sentir e comeu-lhe os narizes e abriu-lhe o coração sem tocar na criança. Houveram os da terra mui grande medo (...). Aproveu a Nosso Senhor Deus que nunca mais fez mal.» , p. 59 -«Fomos dormir a umas pequenas	não podíamos determinar onde criam, nem como ali podiam criar seus filhos que lhes não caíssem pelas rochas abaixo, porque quem o vira, não julgara senão que era cousa impossível segundo sua grandeza.» , p. 170 -«(...)tôdas outras aves que dizer se possam, como papagaios e outras aves de nós não conhecidas, grandes e pequenas e de muitas feições e côres . Aves de caçar, assim como águias reais, falcões, açores, gaviões garças reais e ribeirinhas, grou e de tôda a sorte que se possa dizer.» , p. 59 -«Há nestas campinas muitas aves, seja, grou, patas bravas, adens	-«(...)um pescado propriamente congro e, assim, é muito grande, tem a mais feia cabeça que se dizer pode e feita como grande sapo e o couro sôbre a cabeça parece pele de lixa, o corpo é mui liso (...) e é o mais gordo e saboroso que no mundo se pode achar peixe.» , p. 160	senão que nos queriam quebrar as costas e cabeças com pedradas, tais eram as porradas que punham em nós.» , p. 78 -«Outra praga muito grande há em todas estas terras de Ethiopia q tenho vistas, (...), q são rattos sem conto, q fazem grande danno em as sementeiras; (...)», p. 199 -«(...) cobras peçonhentas, posto q não m.tas; e serpentes m.to grandes; e dizem q o baffo de alguas basta pera fazer inchar os gados e morrerem, (...)», p. 199
--	--	--	---	---	---

		aldeias, cercadas como as de atrás, com medo dos tigres. Na noite que aí dormimos, sendo duas horas de noite, pouco mais ou menos, saindo dois homens da terra, fora de um curral, saltaram os tigres com êles e feriram um deles em uma perna; valeu-lhe Deus e nós que acudimos, porque certo o matavam segundo são alimárias mui pestíferas.», ,p. 104 -São ainda referidos o grande número de porcos monteses em manadas além dos «infindos	e aves de muitas maneiras, porque há muitas lagoas e ninguém sabe caçar estas aves.», p. 173 -«Rôlas assombram a terra, galinhas bravas cobrem a terra, codornizes infinitíssimas(...)»,p. 59 -«(...) e sem câis matávamos e levávamos vinte lebres às rêdes, em uma hora, e outras tantas perdizes às telas assim como tangendo cabras ao curral ou galinhas para casa.», p. 75 -salienta a boa pesca e as patas bravas, adens e marrecas, assim como «vacas bravas» e lebres, pp. 58/59 -«De maneira que cada dia matávamos pela manhã vinte ou trinta e isto sem câis, sòmente		
--	--	---	--	--	--

		elefantes» nas várzeas ou nas montanhas. p. 121 - Quando refere o lago Haik, na região de Amara, depara com uma espécie inusitada, «Há neste lago muito grandes alimárias a que chamam nesta terra gomaras, dizem que são cavalos marinhos(...)», correspondentes aos hipopotamos. P. 160	tomadas em rêdes , perdizes de três maneiras, que não desviam das nossas senão na grandeza e côr dos pés.»; outras são « (...) tamanhas como galinhas, estas têm pés e bicos vermelhos como as nossas.(...) Todas em sabor são muito boas perdizes, assim como o são na côr .», 58/59 -« Não se espante quem isto ouvir ou ler, como pode haver caça em terra campina e de tanta povoação, porque ,(...) não matam nem sabem matar senão algumas perdizes, que matam com frechas, e outras muitas caças não matam porque as não comem, outras porque <i>não sabem nem tem engenho para isso</i> (...)», p. 75		
--	--	---	---	--	--

B)

APICULTURA EM FRANCISCO ÁLVARES

« Há aí muita quantidade de mel em tôda a terra e as colmeias não estão em colmeal, mas estão dentro nas casas onde vivem os lavradores, encostados à parede da parte de dentro por onde têm serventia paar fora e assim de dentro cercam a casa (...) e há aí grande número destas colmeias e principalmente nos mosteiros e assim há aí muitas abelhas pelos bosques e pelos montes e os homens põem cortiços pelas árvores e enchem-se de abelhas e trazem-nos para casa.», pp. 421/422

ANIMAIS MANSOS		ANIMAIS SILVESTRES			
DOMESTICADOS	GADO	GERAL	AVES E CAÇA	PEIXES	PRAGAS
-«(...)alguns [cães]bem fortes; mas os q servem pera Çaçã não chegão aos galgos d' Espanha, os mais são como Podengos.», Vol. I, p. 196 -« Gatos também ha m.tos e fermosos.», Vol. I, p. 196 - «(...) Cavallos muito bons do Reyno de Tigre e outros milhores, q lhes vem do reyno de Denquín q he de mouros (...). Os demais	-«Cabras e Ovelhas não são m.tas ne de boa carne ; mas em algumas partes são bons os carneiros, e alguns tem quatro cornos grandes q quanto pequenos (...), os dous como de cabra, e os outros á roda de compridão e grossura de hu dedo meminho ou pouco mais, q o mostravão por cousa extraordinaria; (...)»Vol. I ,p196	-«Perto da manhã quiserão descansar hu pouco; e pera isso nos afastamos bom pedaço do caminho; e estando assentados antes de dormir, se alevantarão todos cõ m.ta pressa gritando; e eu virando a cabeça(...), vi hu Leão, q ia dando volta, e estaria de mim como outo ou dez passos, pello q senão tivera hus espinheiros no meo, pode ser q fizera salto; e cõ a grita q lhe derão se afastou, mas m,to devagar.(...) parecendo lhes q seria fugido, nos deitamos ficando dous em vigia, mas elle tornou a passar logo outra vez a vista(...); pello q nos fomos sem dormir(...)», Vol. II., p. 21 -Os macacos «(...) huns muito pequenos co o	-«Aves de rapina há m.tas e de diversas especies, como gavioens, falcoens, açores, q matão m.tas perdizes, e galinhas do matto; e algumas vezes se arremessão aos de casa, mas a gente não sabe caçar co elles.», Vol. I, p. 205 -«Grous há m.tos no verão, particularmente em Dambiã e he cousa pera notar, e tem observado os moradores desta terra, q todos os annos entrão nella em hum mesmo tempo, sem aver differença de	-Em relação ao rio Nilo afirma o autor: « Há grande multidão de peixes de m.tas sortes e gordo, por achar bem q comer, e entre elle o q nos chamamos em latim torpedo, e a gente desta terra chama Adenguêz, q quer dizer espanto, porq (...) que o toma na mão, se bole, fica espantado; e ainda lhe parece q todos os ossos se lhe desconjuntarão; (...)», Vol. I, p. 218 -Quanto à lagoa de Dambiã, refere: «Em esta	-«(...) hua vez estando em hu valle, levantei os olhos a as vozes q dava hu home pera q lhe não entrasse [o macaco]em huns grãos q guardava, e hu delles, q hia mais diante, correo, e chegando a borda dos grãos, arrancou a toda a pressa co ambas as mãos quantos lhe puderão caber na boca, e acolheose antes q o dono pudesse chegar.», vol. I, p. 199 -«(...)tornarão outra vez daly a pouco tempo a vir tantos gafanhotos, q cobrião o sol como nuvens m.to densas;(...).Assentarãose elles todavia nas sementeiras, q estavam muy formosas, e cobrirão de manei.ra q quasi não aparecião(...)por onde se assentavão não ficava

C) DA FAUNA EM PÊRO PAIS

Cavalllos do Império cômumente são pequenos, mas fortes, e correm bem. As mullas são m.tas e e andão bem; posto q ordinariamente mais pequenas q as de Europa,(...)». Pais menciona ainda os camelos, jumentos mansos e chatins(?) , Vol. I,p.195		cabo comprido; outros mais grandes e fermosos tem debaixo das mãos e parte do pescoço e da cabeça branco. Estes estão de ordinario em o mais alto das arvoreds. Há outros mais grandes feos como os pequenos; e outros como grandes caens e m.to mais feos q todos; e tem dos peitos pera cima atee a cabeça hua cabeleira mais comprida q de Leão; e mordem muito» Vol. I ,p. 199 - Os de quá (rinocerontes ou <i>Abbadas</i>) tem dous (cornos)(...); o da testa era preto e na raiz grosso; e pouco mais acima quasi de três palmos de largo, e menos hu de grosso, eperto de três palmos de comprido; e a ponta não era aguda: parecia pedaço de alfange cõ sua bainha preta, q da mesma maneira virava hum pouco em arco përa a banda de cima da	hua vez a outra mais q tres ou quatro dias, quando muito, , e como se chega o tempo em q hãode tornar pera sua terra (q tambem o tem certo) , a q estão em Dambião sobem todas as manhãs tão altas q quasi se não enxergão, por outo ou dez dias continuos, e andão gritando até perto do meo dia, como chamando aas q estão em as terras vizinhas q se juntem pera caminharem todas em companhia, (...)», Vol. I, p.205 -«(...)a q chamão Eceitân farâz, cavallo do diabo por ser muy feo, e do pescoço	lagoa há m.to grande abundancia de peixe de diferentes sortes, assi do q tem escama como do q não; e deste há hua feição q se parece m.to co Çação, excepto na cabeça, q a tem grande e fea como de sappo, e no Inverno , quando a lagoa está chea em tempo q chove muito, sae tanto pelas terras q estão ao longo da praya (...) q até co paos os matão m.tos, e naquelle tempo he saboroso, porq está gordo.», Vol. I, p.233	folha ver de.», Vol. III, p. 31 -«(...) Estas são m.tas e <i>fazem grande danno em os mantimentos</i>, e assi, quando tem fruto, he necessario guardallos; porq senão os destruirão ellas e os Grous.», Vol. I, pp. 205/206 -Os gatos monteses «(...) são m.tos e fazem grande danno em as galinhas, elles e outras sortes de animais q há como foroens.», Vol. I, p. 179
--	--	--	--	---	--

		cabeça. O outro de cima dos narizes não era preto, senão da cor de q são ordinariamentes os dos bois, e redondo como elles, na raiz grosso(...). A este animal chamão Aurarêz.», Vol. I, p. 197 -« Há outro animal a q chamão Jerâtacachên, q quer dizer cabo delgado, de disforme altura. Hu me mostrou o Emperador mandandome chamar pera isso quando o trouxerão, e com ser ainda novo, do chão até o alto da cabeça erão dezanove palmos, e dizião q os velhos são mais compridos; a Cabeça he muito pequena e de feição de Camelo, mas na testa quasi no alto, tem duas pontas, hua perto da outra, delgadas e quatro dedos de comprido; e parece q aquelle he osso, porq está cuberto de pelle com cabelo. O pescoço delgado,	pera o cabo muy comprido, e andar m.to mal, posto q ligeiro(...)», Em companhia deste podiamos por a Ema ou abestruz; se he çerto q se hade contar entre as Aves, porq tambem he assaz feo; mas ainda q alguns fazem semelhantes seus pes aos do camello, se pareçem m:to pouco co elles (...) Em esta terra há m.tos , e dizem q correm tanto , q co muita difficuldade os alcançará hu cavallo.», Vol. I, pp. 204/205 -Referência a galinhas(dando-nos um impressivo retrato das galinhas do		
--	--	---	---	--	--

		comprido e direito pera cima. O corpo da grossura de hu boi , mais comprido; as mãos muito grossas e desproporcionadamente altas, por ser em sua comparação os pees muito curtos; as unhas fendidas e como de vacca: a cor parda clara, (...) não morde ne faz outro mal nenhu; e nos mattos corre mais q hu Cavallo, e se o tomão sendo novo, fica m.to manso; mas não sobem nelle, porq como os pees são curtos e as mãos em seu respeito muito compridas, facilmente derrubaria a que fosse nelle.», Vol. I, p. 197 -« (...) mas há outros, a q tambem chamão Jumentos do matto, (...); só as orelhas são hu pouco grandes, (...), mas tambem são fermosas, porq estão cheas de riscas delgadas em círculo; huas m.to pretas e outras brancas e todas uniformes; á	mato: (...) com a pena q tira a azul semeada de m.tas e bem ordenadas pintas brancas menores q hua lentilha;(...)», p. 203 -«Ha pombas mansas; e das do matto; de tres ou 4 sortes. Ha outras Aves m.to brancas, q chamão Sabisâ e andão bandos muito grandes e de longe parecem Pombas; mas <i>não aproveitam pera comer ; porq sua carne he m.to preta e roim</i>; tem o pescoço, o bico e as pernas m.to mais compridas q as Pombas. Ha rolas de tres maneiras; huas mais pequenas; outras como as de Europa, e		
--	--	---	--	--	--

		roda dos olhos, tambem tem outros circulos como aquelles; e do alto da testa lhe deçem outras riscas direitas até as ventas dos narizes; mas aly as riscas brancas não o são tanto como as outras, porq tirão hu pouco a vermelhas; todo o pescoço está cheo aroda daquellas riscas (...); e da Cruz lhe vai correndo pello lombo atee a ponta do cabo hua risca preta de mais de dous dedos de largo; e della por hua e outra banda lhe deçem outras riscas mais estreitas brancas e pretas, e mui uniformes; Em as mãos e pees, de cima atee as unhas tem riscas como em as orelhas; As unhas são como as dos Jumentos; e o cabelo curto muito macio.», Vol. I, pp. 197/198 -Tambem há m.tas vaccas bravas do matto, q chamão Torâ, , Bufaros, Elephantes, mas nenhu manso(...)»,	outras mayores; e desta vi eu hua toda branca. Perdizes se achão tambem de tres feiçoens(...). Francilins cuida não ha(...). De codornizes ha grande multidão no verão(...)», Vol. I, p203 -«Há Papafigos, Estorninhos, Pardais, outros, e não menos daninhos de seu tamanho; o Corpo amarelo, e as asas pardas; outros mais pequenos azues; outros pretos como azeviche; outros como velludo Carmesim; e a pena parece tambem cabelo de velludo; outros pintados de branco e preto com		
--	--	---	---	--	--

		Vol I, p. 198 -« Os gattos d’ Algalia sãp m.tos e assi a elles como a algalia chamão Tirênh; a são quasi duas vezes mayores q gattos e da mesma feição; tem os sempre em gaiolas; porq são tão ariscos, q nunca se amansão; e se se soltão, com dificuldade os tornão a tomar. . Tem a Algalia em hua bolsinha, q a natureza lhes pos entre as pernas; e tem cuidado de atirar a tempo, não somente pello ganho q nisso há; mas por o dano q o gatto recebe, q adoece de febre, selhas deixam estar muito; e assi os q andão nos mattos se roção nas pontas dos paos seccos , pera se descarregar della, e como já sabem isto, a vão buscar onde elles andão (...)», Vol. I, pp. 198/199 -«Leons, Tigres, Onças, mas não tão ferozes como os q trazem de	christa e barbas(...)», p. 203 -« Há outros tão grandes como hua pomba rajados de pardo e branco, q cantão m.to mal; tem o bico de meo palmo de comprido e arcado; e outros do mesmo tamanho verdes e co o peito amarello, e quando cantão, parece totalmente q ladra algu cachorro. Outros gritão de maneira q quebrão os ouvidos: são tão grandes como galinhas; hus pardos e outros m.to brancos, e tem o bico quasi de hu palmo de comprido arcado delgado, e chamase		
--	--	---	---	--	--

		Africa pera Espanha. Há também outro animal, q chamão Guecelâ, do tamanho de hu Leão e dizem muito bravo e feroz; sua pelle tenho vista, e o cabelo he muito masio e preto.», p. 160 -«Ha porcos mansos e dos do matto de três feiçoens, e m.tos porcos espinhos; e hus annimaes como raposas, mas pouco maiores a q chamão Cabarô.», Vol. I, p. 198 -«(...) pouco tempo há q, tendo Erâz Cela Christôs Irmão do Emperador assentado seu exercito em hua terra (...) do reyno de Gojam, vierão os lobos de noute e levarão arrastando hu moço, q dormia na borda do Arrayal, e ainda q gritou, quando lhe acudirão, já o tinham espedaçado.», p. 198 -«Também ha caens bravos do matto, e hum	Anân.», p. 204 -« Tambem há m.tas maneiras de Abutres: huns brancos(...), outros pretos (...); outrs pardos de m.to grande corpo, e de muy extraordinario cheirar; porq, quando morre algum animal, vem logo de muito longe e se ajuntão grandes bandos. Há outros , q na garndeza do corpo e no collo se parecem com os galiauos do Peru (...) e dizem q he contrapeçonha e q vale contra a peste, o q , se comem sua carne os leprosos no principio da doença, se achão bem: chama-se Hercûm.», Vol.		
--	--	---	--	--	--

		q vi q tinham tomado pequeno, e quasi não se differença dos mansos, senão em o focinho q he m.to mais comprido, e chamãono Tacula(...)», Vol. I, p. 196	I, p.204 -«Das Aves , q andão em os Rios e Lagoas, há m.tas mais sortes q de outras nenhuas, e tantas q não tem conto; (...)»); aves nocturnas; aves de arribação como as diferentes espécies de cegonhas, Vopl. I, p. 205		
--	--	--	--	--	--

D)

HIPOPÓTAMO EM PÊRO PAIS

«Andão nelle Cavallos Marinhos, q quá se chamão Gumarî e a gente q passa em embarçaçoens se guarda m.to delles, porq algumas vezes arremetem, e pondo as mãos sobre ellas, as virão co sua grande força e peso e matão aos q alcanção co os dentes, q os tem m.to grandes.», *ibid.*, p. 218. Esta espécie não é, aliás a única a dificultar a travessia dos rios etíopes. Quando se refere ao rio Tacacê, relata-nos Pais: no principio do Inverno q se começa a enturvar, se passa co perigo, por causa dos lagartos q há, q mordem a gente e aos animais, e ainda algumas vezes os levão, e assi naqlle tempo não passão sem hir batendo co paos, e no Inverno de nenhua maneira se pode passar senão com çerto modo de jangada q fazem.», Vol. I, p. 227

« (...) he animal quadrupede e tão grande como hua vacca, mas os pees são m.to curtos; e em cada hu tem quatro unhas, as duas de diante são grandes e compridas; outra mais pequena e a outra ainda menor, e não estão unidas (...); he largo de corpo e não m.to comprido; tem orelhas curtas como Cavallo e o focinho rombo; dois dentes de cima são de 4 dedos de grosso e de palmo e meio de comprido, pouco mais ou menos, e arqueados como de porco do matto. (...) Quando abre a bocca mostra q será de tres palmos ou mais; e seu rincho se parece algua cousa co o do Cavallo; o collo he curto e não o dobra bem; tem cabello m.to ralo e como de porco; e o cabo he m.to curto co algumas cerdas na ponta; e pelle tão branda q co qualquer frecha ou zagaia q atirão o passão, co tempo não passão sem hir batendo co paos, e no Inverno de nenhua maneira se pode passar senão com çerto modo de jangada q fazem.», Vol. I, p. 227

« He animal quadrupede e tão grande como hua vacca, mas os pees são m.to curtos; e em cada hu tem quatro unhas, as duas de diante são grandes e compridas; outra mais pequena e a outra ainda menor, e não estão unidas (...); he largo de corpo e não m.to comprido; tem orelhas curtas como Cavallo e o focinho rombo; dois dentes de cima são de 4 dedos de grosso e de palmo e meio de comprido, pouco mais ou menos, e arqueados como de porco do matto. (...) Quando abre a bocca mostra q será de tres palmos ou mais; e seu rincho se parece algua cousa co o do Cavallo; o collo he curto e não o dobra bem; tem cabello m.to ralo e como de porco; e o cabo he m.to curto co algumas cerdas na ponta; e pelle tão branda q co qualquer frecha ou zagaia q atirão o passão, co se secca, co diffículdade a passará espingarda; sua gordura se pareçe co a de toucinho; e a carne co a de vacca.», Vol I, p. 234

« Destes animais há m.tos nesta lagoa, e de dia estão dentro d'agoa, e de noute saem a comer ao Campo e fazem grande dano nas sementeiras, se não as cercão; mas, cõ quaisquer pedras q ponhão de dous palmos de alto não entrão por terem as pernas muito curtas(...). Andão dez e doze juntos e estão de ordinario junto da praya, onde não há m.ta agoa, q longe ao fundo

raramente vão, e ao lugar onde hus tem seu assento, (...), não chegam os q são de outra comp.^a, so pena de terem m.to grandes brigas.(...) dizem q não há entre elles mais q hum macho, e ainda affirmão os q os cação q, quando algumas daqullas femeas pare macho, foge logo muito longe co elle, senão q seu pay o mata; e estão lá ambos até q o filho he grande e então a may o morde e briga co elle pera provar se tem força bastante pera pelejar co o seu pay;(…) mas quando pare femea, não se afasta a dentro apos a gente, como me affirmarão alguns(…); e entre ellles hu português a que alcançou nhu bem afastado da agoa e lhe fez em pedaços o braço esquerdo(…)», Vol. I, p.166may, ne o pay lhe faz mal , antes a guarda co tanto amor, q se passa por perto algua gente, ainda q seja nas embatçaõens q acima disse, arremete como hu leão; e pondo as mãos sobre a embarcação, a vira, e faz em pedaços co os dentes a quantos acha; (….)», Vol. I, pp.234/235

«(...) e ainda q não tenham f.os, são tão bravos, particularmente no Inverno q estão gordos, q arremetem como touros; e eu conheço hu pescador, a que lhe cortou com os dentes hua perna indo em sua embarcação, e escapou co grande trabalho; e pouco há q morreo hum Portugues q, chegando perto d’agoa, onde estava hum desses Gumaris, sahio co tanta furia q, (...) o alcançou por hu braço co os dentes e lho fez em pedaços, e co a pancada q lhe deu co o focinho o botou m.to longe (...)», Vol. I, pp-235 e 166

O autor voltou a estae tema acerca da navegação na lagoa de Dambá e o perigo que constitui a presença destes ferozes animais, como se infere da seguinte passagem: «(...) fomos sempre ao longo da terra (..) como pello perigo grande dos cavallos marinhos, q ha m.tos naqlle tempo[Agosto], e tão bravos, q se achão hua embarcação destas hu pouco afastadas da terra, (...), a fazem em pedaços, ou a virão e matão quatos achão e aind alguas vezes sahem da agoa correndo pella terra dentro apos a gente, como me affirmarão alguns(…); e entre ellles hu português a que alcançou nhu bem afastado da agoa e lhe fez em pedaços o braço esquerdo(…)», Vol. I, p.166

«(...) sahio de debaixo de agoa hu Cavallo marinho e arremeteo a Embarcação q estava mais afastaada da terra em q hia hu P.e, e quis Deos q errou(…); mas alevantouse logo m.to sobre a agoa(...) e acometeo tres vezes cõ grande furia(…), mas Nosso Snor por sua misericordia o livrou, çegando ao Cavallo marinho(…)», Vol. III, p. 167

QUADRO 11

A) DA FLORA EM FRANCISCO ÁLVARES

FLORA SILVESTRE	CEREAIS	HORTÍCOLAS	FRUTOS
-«Nesta seca ribeira havia muitas árvores e de diversas nações, entre as quais havia macieiras de anáfega e outras árvores sem fruto.», p. 19 (<i>Tigrei</i>)	-«(...)milharadas de milho zaburro(...)», p. 23 (<i>Tigrei</i>)	-«(...)milho e tafo e dagaça, grãos, ervilhas, lentilhas, favas e muitos figos, alhos e cebolas, de todos estes legumes grande abastança.», p. 162 (<i>Angote</i>) -«(...)de lavoura de trigos, cevadas, milhos, grãos, lentilhas e de tôda a outra semente de legumes que há na terra a nós não conhecida.(...)» pp. 51/52	-«(...) entre elas há algumas mui grandes árvores que dão um fruto que chamam tamarindos como cachos de uvas que os mouros são mui prezados porque fazem deles vinagre e vendem-nos em feiras como passas de uvas.», p. 21 (<i>Tigrei</i>)
-« A terra destas rochas tôda é coberta de mui grandes arvoredos e os demais azambujeiros e grandes ervas entre êles, em que há muito mangericão. (...)», p. 29 (<i>Tigrei</i>) -« Nos vales cerrados que têm este mosteiro (de <i>S. Miguel</i>) há aí laranjeiras, limoeiros, cidreiras, pereiras, figueiras de toda a casta assi de Portugal como da Índia e pessegueiros, couves, coentros, mastruços, alosna, murta e outras ervas de cheiro medicinais e é tudo mal <i>aproveitado</i> porque <i>não são homens bemfeitores</i> (...)», p. 28	-A propósito do lugar de Maluche, na senhoria de Abacinete: « Êste lugar estava cercado de mui formosas lavouras , de trigos e cevadas e milhos, os mais juntos e melhores que ainda vimos.», p. 99 (<i>Tigrei</i>)	-«(...)derredor da igreja grandes campos (mas todos de regadio) que se semeiam todo o ano de tôda a semente, seja, trigo, cevada, milho, grãos, lentilhas, ervilhas, favas, tafo, dagaça e quantos outros legumes há na terra, umas semeadas, outras em erva, outras maduras, outras segadas, outas debulhadas.», p. 111 (<i>Tigrei</i>)	-Nos vales cerrados que tem êste mosteiro há aí laranjeiras, limoeiros, cidreiras, pereiras, figueiras de tôda a casta, assim de Portugal como da Índia e pessegueiros, couves, coentros, mastruços, alosna, murta e outras ervas de cheiros medicinais e (...)» , p.29 (<i>Tigrei</i>)
-«Há aí muito manjerição pelos matos e não há árvore dos nossos senão aciprestes, ameixieiros e salgueiros, pelas ribeiras(...)», p. 421 (geral)	-« (...) me disseram que aqui neste outeiro apartávamos a terra do milho da do trigo, que já por diante não acharíamos mais milhos.», p. 162 (<i>Amarâ</i>)	-« As sementeiras que aqui regam são trigos, cevadas, favas, grãos, ervilhas, alhos, cebolas, arruda das casas, muita mostarda e boas rabaças e agriões.», p. 84 (<i>Tigrei</i>)	-«(...) muitos refrescos de muitas cousas e quando temos Quaresma no <i>Gorage</i> nos vinha desta terra muito gengibre verde, muitas uvas e pêssegos (...)», pp. 358/359

-«Há aí linho mas não da fibra(...), há muito algodão(...)», p. 421 (geral)	-«Este reino de <i>Fategar</i>, o que dele vimos (...) todos aproveitados de grandes sementeiras de trigos e cevadas e assim muito grandes várzeas(...)», p.315 -«Há neste lugar mui grandes lavouras de tôda a feição. Aqui vimos eiras de coentros, assim como as de trigo e não menos de uma semente que se chama nugo que parecem pampilhos e das cabeças dêles, depois de bem maduros e sêcos fazem azeite.», p. 116, (<i>Tigrei</i>)		-«(...) [por] ser terra muito rica e está no cimo dela uma lagoa, e que há nela quatro léguas, de que vinha à côrte (...) laranjas, limas e cidras e figos da Índia.», p. 315, (<i>Fategar</i>)
	-«Em toda a terra há muito pão trigo e cevada, em outras terras há mais milho(...), em estas e onde algum tanto falece trigo e cevada, há aí muito tafo e daguça (sementes a nós não conhecidas)(...)», p. 420 (geral)	-«(...)há(...) grãos, favas, feijões, chícharos e de todos os legumes (...)», p. 420 -«Há (...) pouca hortaliça porque não a plantam.», p. 420 (geral)	-«Há infindas canas de açúcar e não o sabem fazer. Há na terra uvas, pêssegos (...) muitas laranjas e limões e cidras(...)», p. 420 (geral)

B) DA FLORA EM PÊRO PAIS

FLORA SILVESTRE	CEREAIS	HORTÍCOLAS	FRUTOS
-«Outras arvores há q chamam Zaguebâs muito altas, mas não dão fruto he madeira branca , e boa pera edificios; tambem há cedros, não como os de espanha senão silvestres de pouca coppa e muito altos, e de todas estas arvores poucas; porq o campo he pequeno; (...) mas po algumas daquellas vay subindo hua cousa como jazmim, q chamão endôd, seu fruto he como cachinhos de pimenta e servelhe de sabão pera lavar os pannos de algodão.», Vol.I, pp. 71/72	-«Tambem o milho responde muito; há trigo de muitas feições; Cevada(...)», Vol. I, p. 209	-«Grãos, favas; lentilhas, feijoens e outras sementes em abundância; mas não respondem tanto como as primeiras; (...)», Vol. I, p.209	-« Em toda esta Ambâ [de Guixêm] não há arvore de fruto nenhua, só hua sorte, q chamão Coço, e não se dão em terra muito fria. São arvores ordinariamente não demasiado altas, de muitos ramos e bem copados; a folha comprida e não muito larga e co algu cabelinho branco no pee. Seu fruto não há a q o comparar em Portugal, mas quer se parecer com a espiga da Cabaça, porem muito mais comprida e grossa; Sua amargura he tão extraordinaria, q excede muito a da Alozna;(...)», Vol. I, pp. 71/72
-«(...) e ainda q não dá fruto pera comer, <i>he mais proveitosa</i> q ellas[palmeiras]; porq o tronco ou miolo do meo da folha comem e da mesma folha fazem cordas e esteiras m.to finas; fião linhas, com q fazem pannos com q vestem pobres: e a raiz, q he ordinariamente mais de dous palmos, comem cozida e della fazem farinha m.to fina e branca, q comem cozida com leite; mas o pão della não he muito bom(...); chamase Encêt.», Vol. I, pp. 214	-«(...) de huas sementes, q chamão Daguçâ e Tef, q não há em Europa; e são miudas como mostarda, mtas vezes de hua medida se recolhem cento, cento e cincoenta; e disto fazem pão, q come a gente ordinaria, mas he preto e de pouca sustancia.» Vol. I, p.209	-«Há canas d'açucar, Gengibre, Cardamomo; Cominhos pretos, Endro, Funcho, Coentro, mastruço e algumas Alfices roins; (...) semeão m.tos alhos, cebolas, couves, mas são roins; rabanos e outras cousas como nabos q em Espanha não há, a q chamão Xux e Denich, com q se remedeia a gente pobre em tempo de fome.», Vol. I, p. 210	-Xe, de umas grandes árvores, e que «(...)no sabor, cõr,e feição se parece co Datil (...)»Vol. I, p. 210 -Salienta também, as árvores intituladas <i>Docomâs</i> , no reino de <i>Nareâ</i> , «(...) cuja fruta he doce e parece azeitona madura(...)», Vol. II, p. 214
-Pais refere os grandes espinheiros; os altos cedros que «(...)não tem copa como os de espanha, senão os ramos espalhados,	-«(...) outra semente q chamão Nug como linhaça, mas he preta, de q fazem m.to azeite, q de azeitonas não o há; (...)», Vol. I,		-«(...) só o Emperador começou hua [horta], em q plantou figueiras das de Portugal e da India, Papayas; Parreiras, Pessegueiros, Romeiras, e m.tas arvores

(...)» e cujas matas parecem abundar no reino de <i>Gojâm</i>, não descurando de afirmar que «(...) he madeira muito cheirosa e muito boa pera casas(...)»; as enormes <i>Zaguebâ</i> de «(...)madeira branca e fermosa (...)»; o pau-preto; o formoso Angelim; e muitos outros tipos de árvores não conhecidas na Europa entre as quais destaca a curiosa <i>Demâ</i>. São referidos igualmente Tamarinheiros ao longo das ribeiras, assim como arbustos de jasmim, «(...) q tambem se dão pellos mattos co outras m.tas flores cheirosas.» Vol. I, pp.71/72	p.210		d'espinho; e se dão muito bem e tira agoa co nora, e parece q he a primeira q se vio nesta terra de Ethiopia (...)», Vol. I, p. 232
			-« (...) o Emperador he m.to curioso; e em hua das çercas de huns Paços, q há poucos annos q fez, plantou em Setembro 150 Parreiras e pello Natal comeu alguns vinte cachos maduros, co não aver bem quatro meses q se tinham plantado, q tudo eu vi; (...)», Vol. I, pp. 210/211
-«Esta [a árvore da Demâ]se faz tão grossa q não a abarcarão quatro homens, e ordinariamente, co serem m.to altas, não lanção os ramos até perto da ponta; e o tronco he liso dentro ; ainda q não he oco está muito fôfo; e alguns frades , q andão no deserto , metem nelle estacas hua acima de outra até chegar m.to alto , e, sobindo por ellas , cortão facilmente e fazem dentro sua casinha, onde dormem de noute por medo dos leons; (...). Vol I, pp. 71/72			-«Vinhas como em Espanha não há; todas são parreiras e destas poucas; e plantão juntas outo ou dez varas e nunca as podão, (...); mas contudo dão m.tas uvas e grandes cachos; (...)», Vol. I, ,p. 210

			-«(...)não há de tantas diferenças como em Espanha, mas há m.tos pessegueiros, romeiras, figueiras das de Portugal e da India;[e](...)Larangeiras, Cidreiras, Limoeiros galegos; e outros q dão o fruto muito grande. Tamarinheiros, Jambolans; maceiras da India;(...)», Vol. I, p.210

QUADRO 14

DA ÍNDOLE DA POPULAÇÃO ETÍOPE

	FRANCISCO ÁLVARES	PÊRO PAIS
ASPECTOS POSITIVOS	-«(...) e diziam que estava muito descontente [o Preste] do embaixador porque tão mal tratava os homens e por não ser amigo de Jorge de Abreu e por outras coisas que em si guardava (...)».pp. 286/289 -« (...) o Adrugaz fêz fala ao Embaixador , dizendo porque o fazia tão mal com os seus naturais (...) que se não costumava entre os grandes, que olhasse quanto desprazer dele tivera o Preste João, por tanto maltratar a sua companhia e, que se doutra maneira os tratara, doutra maneira viera êle tratado e mais contente (...)», pp. 292/293	-«São de natureza branda e compassiva, q posto q não faltem homens de agreste, e duro coração como em outras partes do mundo, estes são menos: os demais são muito bem inclinados e assi facilmente perdão quaisquer agravos e injurias por grandes q sejam, ainda mortes de pays, filhos e irmãos, como eu tenho visto e experimentado muitas vezes em alguns destes perdoens em q me meterão (...)» Vol. I, .pp. 175/176 -«(...) e se ao q pedem q vá rogar, se escusa, ficão muito agravados;(...); porq raramente lhes pedirão por elles cousa q não concedão; e como uma vez perdão, tem por grande baixeza, e ainda escrupulo tornar a falar sobre aquillo; (...)» p. 176 -« São tambem m.to piedosos e liberaes pera os pobres, e assi, co começarem elles a pedir pellas portas das tres horas antes de amanhecer, lhes dão naquelle tempo m.tas esmolos, por lhes parecer q alguns daquelles não se atreverão a pedir de dia.», p. 176 -«(...) de tal maneira refrião suas paixoens naturais, ou por melhor dizer, as dissimulão, q por mais agastados q estejam huns dos outros, raramente o mostrão, (...), antes são mais corteses e brandos em suas palavras; sem por nenhu caso haver as descomposturas q entre outras naçoens há (...)», Vol. I, p. 16
ASPECTOS NEGATIVOS	-« E porque êles são gente desconfiada (...) [e a despeito da promessa do embaixador de não pedir ajuda ao Barbnagais] deram a nós todos juramento em um crucifixo (...)», p. 28	-«(...)não cuide q a gente da nossa terra he como a da sua: primeiro veja a terra; (...) dizem quá muitos, q em Ethiopia não se hade crer senão o q se vir com os olhos, (...)», Vol. I, p. 8

	-«E êles nesta terra qualquer cousa que lhes acontece de bonança ou perda, tudo dizem que Deus o faz.», pp. 102/103 -Nas terras fustigadas pela praga de gafanhotos: « Vi estar homens , mulheres , meninos, como pasmados, assentados entre estes gafanhotos. Eu lhes dizia:- Porque estais assim morrendo, porque não matais dêstes animais(...)?Respondiam que não tinham coração para resistir á praga que Deus lhe dava por seus pecados.», p. 80 -«Diz o povo pouca verdade ainda que dão juramento, se não juram pela cabeça del-Rei. Temem muito a excomunhão, e, se lhe mandam que façam alguma cousa em que seja em seu prejuízo, fazem-na com mêdo da excomunhão.»,p. 423	
--	---	--

QUADRO 8

DA OROGRAFIA

REGIÃO	FRANCISCO ÁLVARES	PÊRO PAIS
<i>TIGREI/TIGRÉ</i>	-«Partimos desta mejoada por muito mais fragosas terras e ribeiras que as do dia dantes e maiores arvoredos, nós a pé e as mulas diante vazias não podíamos caminhar. Os camelos bradavam, parecia que os tomava o pecado e a todos parecia que nos metera ali Mateus para nos matar(...)», p. 23 -Logo no início do percurso somos informados de que a oito léguas de <i>Arquico</i> está situado numa serra muito alta o Mosteiro de <i>Bisão</i>. Para alcançá-lo refere o autor Álvares e seus companheiros seguem uma longa e escarpada subida, chegando «<i>quási mortos</i> ao dito mosteiro»; as bagagens apenas podem prosseguir transportadas às costas de negros. <i>Ibd.</i>, p.25 -«(...)começámos aqui entrar entre mui altos picos que parecem que sobem ao céu (...)e todos aqueles, que subir se podem, pôsto que há perigo, todos têm ermidas em cima(...)vimos ermidas que não podíamos terminar por onde poderão ir a elas.»,p. 83 -Junto dêste lugar [Maluche no senhorio de Abacinete] está uma serra mui alta e não larga pelo pé, porque tanto será de largo em cima, como em baixo, porque tôda é talhada como muro, de fraga direita, tôda calva, sem nenhuma erva, nem verdura, de nenhuma cousa.», p. 99 -« No cimo deste vale está uma mui alta subida (...). No viso dela está um muro velho em que está feição de portas, como que guardavam em outro tempo aquêlê passo, e guardando-se segundo é a braveza das serras que os da terra dizem que em mais de vinte léguas a uma nem a outra parte não há outro passo e, bem parece ser assim, pela muita gente que aqui corre.», pp.111/112	-«Andei quasi toda aqlla noute a pee, por ser o caminho m.to aspero e o lumento fraco. (...)caminhamos por serras muy altas e asperas atee ao mº dia, q por ser a calma grande e estarmos muy cansados e faltos de sono, nos deitamos a dormir debaixo de huas árvores.(...)a noute chegamos a hua Aldea de mouros e por serem os çapatos ruins e ter andado m.to a pee, levava já os pees esfolados.», Vol. II., p. 21 -«(...) he [o mosteiro de Aleluia] muito fora de caminho; e mato tão basto q hindo eu lá co levar gente daquella terra q me guiava, não podia passar sem muito trabalho; e ainda me rompião os vestidos as silvas;(...)», Vol. I, p. 45

NA FRONTEIRA DO REINO DE <i>TIGREI</i> COM O DE <i>ANGOTE</i>, PERTO DO REINO DOS MOUROS <i>DOBAS</i>	- « São grandes campinas pôsto que de arvoredos e serão bem duas léguas e logo serranias em que os mouros vivem.», p. 117 -«(...) não podiam mais ir pelas bravas serras que tínhamos de passar e nós a grande trabalho passámos (...) uma serra que em muitos lugares íamos a pé, em pés e mãos como gatos.», p. p. 126 -Capitania de <i>Janamora</i> « tudo serranias», p. 122	
AMARÂ/AMHARÂ	-« (...) e, dando fim ao vale, (...) começámos achar terra de matos e pedregais, não de serras mas de pequenos vales (...).[chegando a uma grande lagoa] Daqui caminhámos bem quatro léguas, por matos e atoleiros, terra de (...) muitas águas.», pp.159/160 -« Indo por estas campinas que a vista não via outra cousa, parecia-nos que já éramos mareados e fora de serras.», p. 163 -«Saindo da porta entram como em fundo vale, mais que uma lança de armas, piçarra de uma e da outra parte erguida para cima como gume de espada que faz esta valura e êste vale. A altura das bandas terá de comprido dois jogos de malhão em tanta estreitura que homem não pode ir a cavalo e as mulas vão roçando os estribos de ambas as partes e tão funda que desce homem em pés e mãos e parece isto feito artificialmente. Saindo desta estreitura caminham por um espigão que será de quatro palmos, e, para um cabo e pera outro (...), tudo piçarra que não é para crer,(...) e, se não vira passar nossas mulas e gentes, afirmara cabras não passarem por ali seguras e assim lançámos por ali nossas mulas como quem as lança a perder e nós em pés e mãos após elas pela rocha abaixo sem haver outro caminho. Dura esta grande aspereza um tiro de besta e chamam-se estas Aquia Fagi, que quiere dizer morte de asnos.(...) Passámos estas portas muitas vezes e nunca as passámos que não	-Sobre o sopé da serra de <i>Guixêm</i> no território de <i>Amharâ</i>, refere os seus «muitos altos e baixos» para Oriente ficariam os elevados montes de <i>Habelâ</i> em primeiro plano e em segundo a serra de <i>Acêl</i>, Vol. I, p.70

	achássemos bēstas e bois mortos que vem debaixo para cima que não podem subir e outros que de cima escorregam abaixo.», pp.168/169 -«Ouvimos dizer que morreram nesta noite nestes passos homens e mulheres e muitas mulas e asnos e sendeiros e bois de carga achámos muitos mortos e não podia ser outra cousa, porque as fragas são (...) para se não crer; e quem as vê, <i>mais lhe parece ser inferno que outra cousa.</i>», p. 239	
ANGOTE/ANGÔT	-« E para sôbre a lapa subirá a serra bem duas léguas e eu as andei e me queria finar nelas da mui grande subida, valeu-me Deus com gram frio que fazia. E eu atado a uma corda e um escravo forte a puxar por ela me ajudava a subir e outro detrás que tangia as mulas, porque as não levava diante por medo de não caírem em cima de mim. Partimos ante manhã e era meio dia e não acabava de subir a serra.»,p. 129 -Na parte oeste do reino de <i>Angote</i> fica a terra de <i>Abugima</i>, «(...) de mui altas serras e terra mui fria(...)», p. 127	
DAMBIÂ		-«(...) gastei no caminho [para Gojâm] cinco dias com m.to trabalho por chover m.to e as ribeiras hirem tão crescidas, q cõ esperar tempo difficultosamente se podião passar(...)»Vol. III, p.46 -A norte de <i>Dambiâ</i> a provincia de <i>Cemên</i> «(...) he de serranias as mais altas e asperas q há quasi em quantas terras senhorea o Preste João e por extremo frias(...)», Vol. I, p.227 O autor menciona os seus campos «muy grandes e formosos» dominados pela lagoa, Vol. III, p.34
XOA/XAOÂ	-«Já ali não aparecia cousa nenhuma das valuras, fossas e fragas(...) antes tudo parecia campina, daquém e dalém, sem haver no meio cousa nenhuma.», p. 117	
FATEGAR/FATAGÂR (NA FRONTEIRA DO REINO MOURO	- «(...)o que dele vimos assim de da entrada como de saída tudo é mais campina que serrania, seja, pequenos	

DE ADEL)	e baixos outeiros(...)», p. 315	
NARÊA		-Sobre o reino limítrofe de <i>Nareâ</i> , informa-nos através da descrição de viagem do P. António Fernandes, do carácter acidentado de certas zonas do seu terreno, com «(...) decidas muy asperas(...)» chegando a expedição a ficar em «(...) lugar m.to fundo, cercados de serras muy altas, e montuosas, sem saberem por onde pudessem sahir.», Vol. III, pp. 206/207

QUADRO 16

DOS RITUAIS SOCIAIS ETÍOPES

RITUAIS	FRANCISCO ÁLVARES	PÊRO PAIS
CASAMENTO	-«(...) os homens que têm bem que comer, logo têm duas, três mulheres e não lhe são defesas pelo Rei, nem suas justiças, sómente pela Igreja. Todo o homem que tem mais de uma mulher não entra na igreja nem recebe nenhum sacramento e o têm por excomungado.», p. 53 -« (...) não pareça que todos têm mais de uma mulher, porque geralmente têm uma, (...), e o que tem bem que comer, tem duas e três e não lhe são vedadas pela justiça secular, senão pela igreja que os deita de si (...)»,p. 303 -«(...) não se espante quem o ler, porque é usança da terra, não estranharem dormir irmão com a mulher de seu irmão.», pp. 55/56 -«(...)num rossio diante umas casas puseram um catre e ali assentaram o noivo e a noiva e vieram três clérigos e começaram a cantar(...) andando(...) três vezes derredor do catre (...). Então cortaram ao noivo uma guedelha da cabeça e outra da cabeça da noiva e estas guedelhas molharam em vinho de mel e a guedelha do noivo puseram-na na cabeça da noiva e a da noiva na cabeça do noivo (...) e sobre isto lhe deitaram água benta e daí avante festejaram suas festas e bodas. E por noite os meteram em sua casa(...)», pp. 53/54	-« (...) casa cada hu quando quer, e como melhor pode; há porem hu costume q , se o mancebo, ou a donzella, q hade casar, he parente do Emperador lhe dá parte disso, (...) pera q lhe faça çertas honras, q são hir ao Paço à tarde antes da boda (...) se he mancebo acompanhado dos principais senhores da Corte; e se he donzella, de senhoras, debaxo de hu panno de seda ou quando menos de algodão co varias pinturas, q lhe vem da India, e levão no pellos cantos quatro donzellas a modo de docel; (...)». O imperador oferece-lhes ricas vestes, depois de lhe beijarem a mão e , depois de os abençoar, saiem acompanhados de pagens com tochas e precedidos de música até às suas casas, « (...) onde se começam as festas das bodas com muitas musicas, e balhos q durão por muitos dias.», Vol. I, pp. 163/164 - Face às duas mulheres do Governador de Tigre, uma das quais viúva de seu irmão, «(...) o tomei a parte e lhe disse quam grave cousa era aquella, ao q me respondeo, q o fizera, por ser assi costume da terra e lhe parecer q não era mal; mas q a mandaria pêra sua casa, ne teria mais comunicação co ella, como fez logo(...)», Vol. I, p. 124

	-«Um ano e meio pousámos, um meu sobrinho e eu, em casa de um homem que se chamava Ababitai e tinha três mulheres ainda vivas e conhecidas nossas amigas em boa amizade. (...) agora antes da nossa partida, apartou de si e da sua conversação duas mulheres e ficou com uma, seja, a que houve derradeiro que era mais moça. E já lhe davam os sacramentos e entrava na igreja como qualquer outro (...)), p.53 -« E isto faz viverem aqui muitas mulheres mancebas e dês que são velhas tem outro remédio: que há neste lugar cada têtça- feira mercado mui grande,ou feira, (...) e tôdas as mulheres velhas e algumas mancebas, têm medidas para medir pão e sal e vão à feira medir e ganhar sua vida(...)), p.53 - Nos reinos de Tigré, « (...) se hão de casar (...), casam à quinta – feira antes do Entrudo (...), porque têm que após o casamento podem comer carne dois meses, sendo em qualquer tempo, e, assim comem carne e bebem vinho e comem manteiga tôda a quaresma as que casam na estes dois reinos e eu o vi no reino de barnagais e de Tigremahom ouvi (...)» E nesta terra foi o princípio da cristandade, em todos estes reinos têm estes [de Tigré] por muito maus cristãos poir êste mau costume que têm.» , pp. 302/303	
DIVÓRCIO	« (...) e assim se apartam quando querem, assim êles como elas.», p. 55	
BAPTISMO	-« Este baptismo fazem na igreja com água que têm em um vaso e a benzem e põem óleo na moleira e nos peitos e espáduas.», ..p. 56	-« Bautizão os mininos machos aos 40 dias; e as mininas femias aos 8º, e sempre o fazem sacerdotes e tirando alguns frades letrados e outros seculares (...) q de nos tem ouvido, bautizão as crianças em qualquer tempo q estão em perigo de morte; os demais em nenhua man,ra os bautizão antes daquelle tempo (...), e

	-E eu por muitas vezes em muitos lugares lhe dizia que faziam grande êrro e que iam contra o que diz o evangelho (...). Responderam-me por muitas vezes que lhe bastava a fé de sua mãe e a comunhão que recebia sendo prenhe.», p. 56 -« (...) sabereis que tôda a criança vem (...) rapada à navalha e o ferro ou sinais que trazem no nariz entre os olhos e nos cabos dos olhos não é feito por fogo (...), senão por ferro frio por louçaínha e por dizerem que é bom para a vista.»; o autor descreve em detalhe esta marca ornamental, feitas por mulheres conhecedoras:«(...) tomam um dente de alho grande e revindo e põem-lhe no cabo do olho e com uma faca aguda cortam a redor(...) e então alargam com os dedos aquele golpe e põem sobre ele uma pequena pasta de cera e sobre a cera outra pasta de massa e apertam-no uma noite com um pano e fica para sempre o sinal(...)», , p. 57	ordinariamente não poem oleos santos senão hu liquor q tirão do pao de zambiqueiro (...)», Vol. II, p.74
CERIMÓNIAS FUNERÁRIAS	-Na cerimónia de trasladação do pai do Preste «(...) assim tôda a gente vinha coberta de panos pretos, chorando, dando grandes brados (...) Diziam isto tão dorido que nós donde estávamos chorávamos todos.», p. 269 -« Os clérigos vêm por êles e pouco lhe rezam e logo partem com êles caminho da igreja com cruz, turíbulo e água benta , correndo, que não há homem que os alcance.» O morto não entra na igreja e vai para junto da cova , onde lhe rezam o Evangelho de S, João: « E assim o dão à cova com o seu incenso e água benta e não se diz missa por defunto (...)», pp. 57/58	-« (...) será bem dizer brevem.te o modo e ceremonias com q enterrão seus defuntos. Deixando os extremos q fazem em as suas mortes, os homens, deitando-se pello chão; e as mulheres arrancando seus cabellos e arnhando o rosto; (...)», Vol. II, p.134 -«(...) como hu morre, se he homem ordinario, tomão dous paos compridos e atravessão no meo outros curtos a modo de escada,e aly o deitão amortalhado e cobrem co hu panno d'algodão qualquer q achão e levandoo quatro homens nos hombros o acompanhão seus parentes e amigos (...). Como chegão a Igreja ou mosteiro, onde se há de enterrar, saem a porta os clerigos ou frades (q a sua casa de nenhua man.ra vão) e trazem a Cruz e thuribolo, mas não agoa benta, q della não usão nos enterram.tos (...) e rezãolhe m.tas Oraçoens, e logo o enterrão na Crasta ou alpendre(...)», Vol. II, p.134; -« Se o defunto era homem nobre ou fidalgo, o levão em seu mesmo leito, (...), amarrando de baixo dous paos compridos e ensima dous arcos delgados, (...) cubertos co hu panno (...) e estes ordinariam.te se mandão enterrar em mosteiros; (...) e os frades saem hu pedaço fora do mosteiro do receber, hindo hu revestido com Cruz e thuribolo diante e lhe rezão algumas Oraçoens e assi o trazem a Igreja

		onde lhe cantão outras e o enterrão dentro, como eu vi, e alguns perto do altar, como me affirmarão os frades.», Vol. II, p.134 -« Pera os frades tem officio m.to mais comprido (...) e enterrãonos em seus mesmos habitos cobrindolhes o rosto co o Capello (...)» e alguns pedem para ser enterrados com uma faca para, segundo uma tradição judaica, advinda de uma interpretação do salmo 103, cortar e comer um enorme peixe que Deus reservou para o banquete dos justos .», Vol. II, p. 135 - Pais refere ainda uma prática de enterramento característica de alguns cristãoque o autor não identifica ou localiza «(...) e he , q como se acaba de morrer o homem ou a mulher daquella casta, antes q se esfrie o Corpo, lhe quebrão os ossos dos braços, e das pernas e o fazem como hua bola e assi o amortalhão e enterrão e se ríem muito e zombão dos outros, dizendo q enterrão os defuntos (...) ao comprido como se fosse hu pão.», Vol. I, p. 185 -«(...) e ordinariamente fazem grandes sentimentos botandose no chão de golpe e dão tais quedas, q eu conheço hu q esteve pera morrer, e outro q ficou alejado pera toda sua vida; as mulheres arrancão os Cabellos e arranhão o rosto atee lhe correr o sangue; e ainda alguns do Reyno de Gojâm. A q chamão Gafates, se ferem na cabeça e nos braços co faccas. Chorão co grandes vozes, desde hu pouco antes de amanhecer atee às oito ou nove horas, e isto por m.tos dias; e o mais do tempo estão em pee batendo co as mãos e alguas vezes dando nos peitos; e tomão algua cousa do vestido, ou das armas do defunto, e amostrão dizendo tantas cousas, q não podem deixar de chorara os q ouvem.», Vol. I, p.184 -« Quando morre o Emp.or, o levão tambem em seu leito (...) co grande acompanham.to; porq não só vão os Principes, e grandes, mas todos os Snores nobres (...) todos cubertos de doo e as cabeças rapadas como costumão fazer nas morets dos pais , pera mostrar sua grande tristeza. », Vol. II, p. 135 -Enterro do príncipe:« (...) armarão a tenda e no meo della puserão o Corpo em hu lugar alto co tochas a roda; e pouco depois da mea noute veio o Emperador cuberto de doo co todos os grandes, e fizeram extraordinario pranto atee q amanheceo, q o
--	--	--

		levarão a enterrar a hu mosteiro, q está em hua ilha d' Alagoa de dambiã, onde agora se enterrão os Emperadores. Hião todos cubertos de doo e levavão diante as bandeiras e atabales do Emperador, tangendo a som de tristeza,e por muitos dias o choravão na Corte, (...)», Vol. I, p. 185 -« Em o dia do enterram.to (...), se dão m.tas esmolos, e pello menos na Igreja onde se enterra lhe rezão cada dia atee os trinta (...) oraçoens (q missas pelloos defuntos não as dizem (...); e no ultimo dos trinta dias matão vaccas e dão de comer aos frades e a m.tos pobres q aly sempre se ajuntão; e aos 40 dias levão a Igreja m.tas candeas e inçenço , e matão m.tas vaccas e dão grandes esmolos . Tambem dão aos 80 dias , e quando se enche o anno , e a isto chamão Fascâr, que quer dizer lembrança; e Fetât, q significa soltura.», Vol. II, pp. 135/136 -« (...) nem enterrão no cemeterio mais q alguns pobres; todos os demais dentro as Igreja, e por cada hu q enterrão lhe dão dous pannos da terra, q algumas vezes valem dous cruzados (...), e se lhes não derem isto , não os hão de enterrar.», Vol. II, p. 140
--	--	---

QUADRO 17

DAS POVOAÇÕES E HABITAÇÕES ETÍOPES

	FRANCISCO ÁLVARES	PÊRO PAIS
POVOAÇÕES	-« Em tôda a terra não há lugar que passe de mil e seiscentos vizinhos e dêstes poucos e nenhum lugar cercado, nem casteli, aldeias sem conto, as casas comunmmmente ou as de mais são redondas e tôdas térreas cobertas de terrados ou de palha, currais derredor.»,p. 417 -« Êste lugar [de Abafazem fica] (...) entre estes picos, em mui formosos campos e todos regadios por levadas das águas que descem do mais alto dos picos, feitas artificialmente de cantaria.», p. 84 -« O assento dele [lugar de Ingabelu] é em um cabeçaço no meio de uma grande várzea entre mui altas serras cercadas pelos pés delas de muitos infindos lugares os mais e maiores que ainda vimos (...)», p. 141 - Aquaxumo: «(...) a grande cêrca [que rodeia a igreja] ainda é cercada de outra maior cêrca como (...) de grande vila ou cidade, e, dentro (...) formosa casaria de casas térreas, e tôdas lançam suas águas por fortes figuras de leões e câis de pedra. [Nela] estão dois paços (...) que são de dois reitores da igreja e as outras casas são de cónegos e de frades.(...)à porta mais chegada à igreja, está um grande pardieiro feito em quadra, que em outro tempo foi casa, e tem para cada canto um grande padrão, quadrados, e lavrados. Chama-se esta casa ambaçabete, que quer dizer casa de leões.(...)Diante da porta da grande cerca, está	-«(...) fez elle seu assento em o Reyno de Ôye, por ser terra m.to forte, e com q mais folgava seu Arrayal em hu fermoso campo, perto de hua serra (...), se edificou logo hua grande Cidade, mas não tão bem arvada, nem de tanto lustre, e fermosura q as de Europa, onde ha casas tão grandes de cantaria, Paços tão sumptuosos de maravilhosa traça e architectura; senão de tam differente edificios q a m.tos delles se lhe podia dar nome de cabanas de pastores, q de Corte de Emperador; porq erão redondas, m.to estreitas, e baixas, e em lugar de paredes quisquer paos toscos postos em pee, e açafelados por dentro, e fora com lama e cobertas de palha. Nem as casas dos grandes de diferençavão destas mais q em serem maiores e terem as paredes de pedra e barro e no alto melhor madeira e outras não serem redondas senão compridas, porem todas terreas. »,Vol. I.,p.287 - Gubâi- «(...) casinhas terreas, baxas e cubertas de palha (...). Nem os muros eram de argamassa(...) nem ainda pedra q se pudesse lavrar (...), e assim puserão de hua banda e outra da cerca estacas grossas e o meio encheram de reboło e lama, e não alevantarão muito mas, com largura (...)», Vol. I, pp 173/174 - Em Dencâz «(...) de maneira q todos tem sua morada conforme a sua nobreza, ou officio mais perto, ou mais afastado do Paço, a sua mão direita ou à esquerda; diante ou atrás; e não somente dá de graça o Emperador o sitio das casas ; mas faz q à roda da Cidade fiquem campos sem se lavrarem

	um grande patim(...)[onde] estão mui frescos poiais de cantaria mui bem lavrada e assentada somente.(...) estão em cima destes poiais doze cadeiras de pedra, tão bem feitas de pedra como se fossem de pau(...) cada uma de sua pedra e peça.», pp. 90/91 - Estelas de Aquaxumo: «São outra pedras erguidas sôbre terra e mui bem lavradas (...) e [algumas] não tem lavores e as demais tem letreiros grandes que não sabem ler os da terra, nem nós os podemos ler e, segundo parecem, devem estas letras ser hebraicas.», p. 92 -« Entre estes lugares ambos [Barué e Barra] há aí mui singular terra, campinas. Da estrada (...) parecem mais de cinquenta lugares, digo lugares grandes e mui bons e todos nos altos. », pp. 51/52 - Este lugar de Barué é mui bom e está assentado em rocha mui alta sôbre uma ribeira, sôbre a qual estão assentadas as casas del- Rei (...). Estão mui bem assentadas à maneira de fortaleza. Todo o mais são mui grandes campinas e infindas aldeias grandes nos cabos dos campos.», p. 58 - «Há nestes campos muitas e grandes casas apartadas como quintãs, há lugares pequenos e em eles igrejas porque, (...), não se quitam igrejas aos lavradores. », p. 165 -« E estava nesta ribeira uma mui forte vila, a qual era da parte da ribeira muito alta roca talhada, da parte da terra mui alta cava que tinha de alturas quinze braças e de largo seis e de ambas as partes entestava na ribeira e dentro desta cava de uma parte e da outra tudo casas como as sobreditas e dentro no campo de circuito eram casas pequenas de paredes colmadas em que ora vivem cristãos e têm dentro muito boa igreja. E a entrada desta vila é baixa de pedra tôda feita em voltas (...).», p. 306	pera q os gados comão.», Vol. III.,p. 166 -Agçûm-«(...)quanto muito terá cento e cincoenta ou duzentas casas terreas muito pequenas e tristes cubertas de palha e cada morador tem sua cerquinha de espinhos a roda, ainda q alguns poucos a fazem de pedra e barro, ficandolhes as ruas muito estreitas e sem nenhua ordem ne conçerto; ne há nellas fontes, ne outras agoas mais q hu tanque pequeno e alguns poços (...); ne há rastos de jardins e arvoredos; (...)», Vol. I, pp.172/173 -«(...) até entrarem a primeira cerca, onde está hu patio grande e debaixo de huas arvores 12 assentos de pedra bem lavrada postos em fileira; e hu pouco afastado 4 columnas de pedra co seus chapiteis bem feitos, e parece sustentavão primeiro alga Abobeda; entre ellas outros dous assentos de pedra, e dizem q sobre estes e os outros 12 havia antigamente cadeiras de pedra muito bem lavradas(...)mas agora não há tais cadeiras,- posto q em as pedras se vem encaxes , onde parece q estiverão; (...) onde estão aquellas columnas se costumarão a coroar sempre os Emperadores q vieram em Agçûm.», Vol. I, p. 120 -«(...)outras há [pedras] pequenas com muitas letras antigas, q agora ninguem sabe ler.», a despeito das tentativa, uma delas encabeçada pelo incansável padre, como nos relata: «Eu tambem desejei muito saber q dizião e fui lá com dous P.es q sabem grego, e hu homem grego, q sabia muito bem seus livros, e não as puderão ler; ne são Latinas, ne Arabes, ne hebraicas, ainda q alguas letras se pareção co ellas; porq se o forão, eu as ouvera de ler.» Vol. I, p. 46 -«(...)e ordinariamente lhes fazem cerca d'espinhos;(...) O q fazem de terrado alguas vezes se ajuntão dez ou quinze, e edificação hua casa pegada co outra à roda com as portas pera dentro, onde deixão campo bastante pera suas vaccas e mais gado, co hua só porta pera a rua, q fechão de noute, (...)», Vol. I, pp
--	---	---

HABITAÇÕES	-«Viemos ter a umas pequenas casas e quási debaixo da terra e as fazem assim por causa dos ventos, porque são tudo campinas sem nenhum amparo ,e assim fazem os currais debaixo da terra porque ficam as vacas amparadas do vento.», p. 172/173 -«(...) tôdas as partes da ribeira em casas metidas na fraga muitas infindas e uma sôbre as outras e delas bem altas não tinham mais de porta que bôca de grande cuba por que folgadamente possa caber um homem e sôbre as portas um ferro na pedra em que prendiam cordas para por elas subirem à casa e assim as tinham agora porque nestas casinhas pousava muita gente baixa da côrte e diziam que eram tamanhas dentro que cabiam vinte ou trinta pessoas com seu fatinho.», p. 306 - No lugar de Barra , na terra do Barnagais:« Fomos aposentados, muito bem segundo a terra, em mui grandes e boas casa térreas e por cima terradas», p. 49 -« A vivenda dêste lugar de Barué e dos a êle comarcãos é esta: são dez, doze ou quinze casas em um curral cercado e cerrado, e servem-se por uma porta(...) [nele] encerram suas vacas domésticas que trazem para seu leite e manteiga e assim gado miúdo e mulas e asnos. Têm a porta cerrada e grande fogo e homens de vigia que ali dôrmem, com mêdo dos animais que tôda a noite andam pelos lugares e não fazendo esta vigia, não ficaria cousa viva que não comessem.», p. 62 - «(...) outros pousavam em boas casas terradas que na ilha[Maçuá] estão.», p. 372	-« Os senhores dos lugares poucas vezes fazem casas de seu fatto ; porq os viloens lhas fazem à sua custa; e quando o Emperador lhes tira as terras, e as dá a outro, (...), se os viloens fizerão as casas, ficão pera o outro senhor; e se o passado as tinha feito com seu fatto, leva a madeira.», Vol. I, p. 165 - « (...) casa terreas algumas como logeas compridas; e outras redondas muito baxas, todas cubertas de palha, q lhe chega até muito baxo, excepto a Provincia q chamão Hamacên, onde costumão terrados, mas nenhua casa há sobradada e todas muito baixinhas.», Vol. I, pp.128/129 -« Os edefícios são muito pobres, (...); casinhas de pedra e barro, ou de paos redondas, terreas, e muito baixas, cubertas de madeira, e palha comprida; e algumas, q são largas, tem hua coluna hu esteio no meyo, (...)» Vol. I, p. 164 -«Outras são compridas com esteyos de pao no meyo em fieira, sobre q carrega toda a madeira tambem cubertas de palha, e terreas, aq chamão Çacalâ, e em estas moravão ordinariamente os Emperadores (...), ainda q não só o Emperador usa este modo de casas senão os senhores, e todos os demais q querem.», Vol. I, p. 164 -« Em algumas partes principalmente onde não chove muito, fazem casas de terrado não de chunambo, senão de terra bem batida, e todas erão terreas, (...)» Vol. I, pp. 164/165 -« (...) todas as demais casas são roíns como digo, e ordinariamente lhes fazem cerca d'espinhos; e assi se açerta dar fogo na çerca ou na casa, com diffículdade se apaga sem se acabar tudo.» Vol. I, p. 165 -« Mas o Emperador Seltân Çaguêd, faz em hua peninsula da lagoa de Dambiâ, (...) huns paços fermosos de pedra barnca bem lavrada com seus aposentos e sallas; (...). Sobre a porta principal tem hua varanda grande, e fermosa; e nas ilhargas duas mais pequenas co muito boa vista. A madeira quasi toda he de Cedro muito fermosa; e as sallas, e hu aposento do alto, onde dorme o Emperador com muitas pinturas de varias cores. He de terrado com chunambo, e o parapeito a roda com colunas de pedra muito fermosas, e sobre seus capiteis bollas grandes da mesma pedra; mas em as colunas dos quatro cantos bolas de cobre douradas com fermosos remates. Sobre a escada,
--------------------------	--	--

		porq se sobe ao terrado, se alevanta outra casa pequena com tres janellas grandes, q lhe serve de mirador; porq demais de estar a casa situada no mais alto da peninsula, (...), tem sessenta palmos de alto; e assi toda a Cidade, q tambem fez nova lhe fica debaixo, e descobre grandes campos e quasi toda a lagoa, (...); Está tambem este mirador cuberto de terrado co suas colunas de pedra à roda como as debayxo, (...)» Outros paços pella traça destes fez depois hu seu irmão, q se chama Erâz Cela Christôs em o reino de Gojâm, onde elle he Viso Rey, mas não tão grandes; (...)», Vol. III.,p.165
INTERIORES	-«E deram-nos para dormir dois couros de bois com cabelo(...)», p.49 -« (...) em um recebimento doutra casa nos fizeram assentar no chão sôbre esteiras(...)», p. 50 -« (...) sempre o achámos assentado em um catre coberto com uma colcha e êle coberto de panos de algodão guedelhudos, (...), são bons para a terra e há deles aí de grande preço. Detrás das costas do catre paredes sem outra cousa sómente quatro terçados [espadas – nota 1] pendurados em sendas [suas] estacas e dois livros grandes também pendurados em estacas. Diante do catre esteiras pelo chão em que se assentam os que vêm. As casas pouco varridas. Sua mulher sempre assentada em uma esteira à cabeceira do catre; sempre diante dele muita gente, os grandes assentados nas esteiras.», p. 71 -Os basutos : « Estes são uns panos que os grandes têm nas camas e são de algodão e guedelhudos como tapête e não tão tapados (...)», p. 331 -« Dormem o geral em couros de bois, outros em leitos de correias dos mesmos couros, nenhuma maneira de mesa. Comem em umas gamelas chãs como bandejas de mui grande largueza, sem toalhas , nem guardanapos. Têm bacios de barro muito prêto (...) e púcaros do mesmo barro porque bebem água e vinho. », p. 417	-«(...) tem como as nossas de damasco Carmesim cõ franjas de retors, e de fio de ouro; os pregos de cabeça grande, muito bem feitos, dourados e no alto dous pianzinhos tambem dourados. Tem outras cadeiras da China douradas, co os assentos de veludo verde, e Carmesim.»Vol. I,pp. 124/125 -«(...) panno m.to largo e forte q lhes serve na cama de colchão e cobertor como de Papa, e he muito quente porq tem o cabello quatro dedos de comprido, a q chamão Becêt, Vol. I.,p.211 - Descrição da baixela do imperador: « (...) e deixando o serviço q tem de alatão, e de cobre, como são prattos e agoamanis, q disto não falta e muito bem lavrado, posto q feitio de Turcos, tudo o demais he algua louça da China, pratos e porcellanas finas; e dos da terra muitos q são pretos, como azeviche; e em isto se resolve toda a baixella do Emperador, porq não come em cousa de prata, nem ouro. Vidros não lhe faltão, q trazem os Egipcios e mouros q vem do Cairo(...)»,Vol. I, p. 92 -« Todos os senhores se assentão no chão sobre alcatifas, ainda em suas casas; porq raramente se assentão em Cadeiras(...)», Vol. I,p.181 -« (...) no Paço não se assenta ordinariamente nestas cadeiras senão em hu esquife dourado co quatro colunas tão altas como hu homem, co muita laçaria e a cabeceira quasi tão alta como as columnas co alhuas figuras, conchas e folhagens, q lhe dão muito lustre, e seu pavilhão de seda muito fermoso e todo elle muito bem ornado co colchas de seda, e os rodapes de boscado co

	Tenda tomada ao rei mouro de Adel e oferecida à embaixada portuguesa: «Esta tenda era de brocadilho e veludo de Meca, forrada de dentro de capas de Chaúl muito finas, assim que a tenda fôra rica se fôra nova, e, ainda era boa.», pp. 205/206	francas de fino ouro.», Vol. I, p. 125
--	---	---

QUADRO 19

DA TITULAÇÃO DO IMPERADOR

ÁLVARES	PAIS
-« O Preste João se chama acegue que quer dizer imperador e se chama negus que quer dizer rei.», p. 417	-«Quanto a causa porq em Europa chamarão Preste ao Emperador de Ethiopia, pode ser q fosse porq, como ordinariamente he diacono, algus Gregos o chamariam Presbitero, e depois aiuntando o nome Jan [grande senhor na língua de Amhara], q (...) lhe dão ao Emperador, virião a dizer Preste Jân; e os estrangeiros, q muitas vezes corrompem os nomes, acomodandoos a suas lingoas, o chamarião Preste João.»Vol. I, pp. 63/64 -«Tambem o chamão Aceguê. A significação deste nome perguntei a muitos; e huns disserão q queria dizer Rey, outros q não, senão cousa de grandeza; Parece q corresponde a magestade; e deste nome usão mais comumente todos, particularmente quando fallão com elle, ou com outros diante delle(...)»Pais, VolII, p. 119 -«A gente ordinária, q não pode chegar ao Emperador, gritta de longe cada hu em sua lingua(...). Os Portugueses dizem: Senhor, Senhor; os Gongês cristãos dizem, Donzô, Donzô(...); os Agôus, dizem Jadarâ; Jadarâ(...).Os mouros: Cidi; Cidi (...; e outros conforme as suas lingoas usão da mesma palavra; porem os Amhârâs gritão cõ mui differentes palavras dizendo: Jancôi, Jancôi , q quer dizer rey meu Rei meu; Jan na antiga lingua quer dizer Elephante (...) e porq o elephante he tão poderoso e generoso, chamarão antigamente ao Emperador Jan e ate agora usão deste nome. A palavra Côi, he de mimo e quer dizer meu;(...) Tambem dizem Dêlbe Jân,(...) q quer dizer Victoria no Emperador (...). Doutra palavra usão tambem, e he Belûl Côi, scilicet Emperador meu; não porq Belûl queira dizer primeiramente Emperador, senão um certo anel de ouro, q punhão antigamente na orelha direita ao principe q escolhião pera Emperador, (...), e própria insígnia sua; Ja Belûl se toma por Emperador; e muitas vezes dizem juntamente Jan côi; Belûl Côi.»,pp.61/62

QUADRO 23

DOS TRIBUTOS DO IMPERADOR

	ÁLVARES	PAIS
TRIBUTOS	-« (...) o dito Betudete chegou com o gibre o qual era três mil mulas e três mil cavalos e três mil basutos.», acrescentando, «Ao apresentar dêste gibre, eu o vi com meus olhos todo o ouro que ia coberto em ganetas (...) E após êle logo vinham os cavalos um ante o outro e cada um trazia um homem ou moço pelo cabresto (...) Eram razoados [os dianteiros] e dos outros atrás o melhor não valia dois drames e muitos deles não valiam um drame (...). E após estes sendeirinhos vinham as mulas pela maneira dos sendeiros, seja, trinta seladas e boas e as outras tôdas mulatinhas novas (...). E após as mulas vieram os basutos e cada homem trazia um basuto que não podia mais trazer pelo grande volume. E após os basutos passaram os panos, cada um com um feixe deles e diziam que cada homem levava dez panos e bem seriam três mil homens dos basutos e três mil dos panos e todos eram do dito reino de Gojame (...). E após os panos vinham três homens com sendas ganetas nas cabeças (...) e vinham cobertas com grandes panos de tafetá verdes e vermelhos. E após estas ganetas vinham tôda a gente do Betudete (...). Pôs em se fazer êste passamento dêz horas de prima até depois de vésperas.», pp. 331/332 - <i>Barnagais</i> « (...) começou em mui formosos cavalos e eram cento e cinquenta e em correr e saltar com êles , passou o dia (...). E no dia seguinte diziam que apresentara muitas sêdas e muita roupa delgada da Índia.», p.334 - <i>Tigremahon</i> « (...) no dia seguinte muito cedo, começou de apresentar o Tigremahon seu gibre. E assim começou nos cavalos, os quais eran duzentos , mais grossos e formosos que os do Barnagais, porque vinham de mais perto. E os uns e os outros os mais eram do Egipto e os outros de Arábia. (...) Em o dia seguinte apresentaram as mais sêdas que nunca vi	-«(...) e começando pello ouro do reyno de Nareâ (...)he vem cada anno peso de quinze mil cruzados de mui.to bom ouro, Prim^a lhe pagavão trinta mil e hua vez lhe mandarão cinquenta mil(...); mas agora com as continuas guerras q aqlle reyno tem co hus gentios q chamão Galas esta tão quebrado, q não o obriga o Emperador a dar mais.», Vol. I, p. 236 -«O Reyno de Gojâm paga onze mil e quinhentos cruzados, mas o ouro não é tão fino como o de Nareâ. Em outras partes também se tirava ouro, mas pouco, e pagavão alga renda delle; estão já tão destruídas pellos Galês q não podem pagar nada.», <i>Ibd.</i> -«Pellos mandos q o Emperador dá como de VisoReis, e governadores, tambvem lhe dão algu ouro, Cavallos, mullas, peças de seda e outras cousas.», <i>Ibd.</i> -« O VisoRei de Begmedêr d's quatro mil cruzados em ouro; e o do Reyno de tigre deu pouco ha cinco mil. Bahâr Nagâxe cinco mil (...); Çagade mil cruzados; Dambiâ Cantica mil, Bed Xûm mil; Colâ Xûm mil. Alafâ Xûm mil. », <i>Ibd.</i> -« Demais deste ouro q pagão as terras donde se tira e os senhores a que se dão mandos tem o Emperador outras rendas de panos d'algodão, mel, manteiga de vaccas, mantimentos, e estas são certas e determinadas as q hade pagar cada reyno.», Vol. I, p. 236

	juntas e no apresentar, contar e receber se passou o dia todo.», p. 334 - <i>Balgadarobel</i> (fidalgo do <i>Tigremahon</i>): «E eram trinta cavalos todos de Egipto tamanhos como elefantes e muitos gordos cada cavalo com um xumagali (...) E os oito dêstes xumagalis traziam vestidas muito boas couraças das nossas delas postas em veludo e delas em cordovão e cravação dourada. Estes oito traziam capacetes dos nossos nas cabeças. E nestes oito entrava balgadarobel e os vinte e dois todos traziam saias de malha com mangas compridas e muito apertadas no corpo. Traziam todos trinta duas azagaias e sendas machadinhas como turcos e todos touquinhas vermelhas com grandes pontas que voavam com o vento. E diante deles vinham dois negrinhos pequenos vestidos de libré vermelha e amarela em cima de sendos camelos cobertos da mesma libré tangendo atabaques.. E tanto que chegaram perto da tenda do Preste, (...) e não deixaram de tanger e os xumagalis escaramuçar (...)», pp. 334/335 -«Os senhores que debaixo dêstes estão, ainda que tenham as senhorias da mão do Preste João, pagam tributo a estes e de tudo dão conta com entrega ao Preste. »,p. 103	
	-«(...) estes cestos do tesouro [do Preste] são infinitíssimos e caminham com grandes guardas e assim mesmo em cada um ano dizem que metem muitos nas furnas ou grutas, porque não podem tanto trazer quanto cada ano cresce. Esta fuma que soubemos está a uma légua da casa de Pêro da Covilhã e ele nos dizia que o ouro que era nesta fuma que era para comprar o mundo porque cada ano era metido grande soma(...)»,pp.351/352	-«Em os outros reynos não pagão tantos pannos; porq alguns villoens dão mantimento, mel e outros pannos. Cada villão dos q não pagão pannos dá çerta quantia de mantimento, q chamão Çolô do Emperador, q quer dizer torrado, pera mostrar q não he mais q hu reconhecimento e cousa tão pouca , (...) mas todavia são quatro fanegas de castella ou pouco menos; (...) e como são tantos os villoens q co diffiçuldade se podem contar, vem ser esta renda hua cousa m.to grande.», Vol. I, p. 237 -« Demais disto paga o villão a renda das terras q lavra ainda q isto não he geral; porq em algumas p.es em lugar disso dão pannos.», Vol. I, p. 237 -« As demais terras , q o Emperador tem escolhidas p.^a si , q são m.tas, e as q toma todas as vezes q quer, acodem co tudo isto a seus feitores. Cada pastor, q são familias conhecidas , paga hu cantaro de

		manteiga; e cada tecelão hu panno, se he christão; e se he mouro, çerto peso d'ouro q terá hu cruzado; (...), Vol. I, p. 238 -« Demais destas rendas , tem os direitos q se pagão em as feiras, q são m.tas; mas estas ordinariamente as dá aos Visoreis e a outros senhores. Há tambem m.tos portos na terra onde todas as fazendas q vem do mar pagão de dez hu; mas das q são proprias da terra não tomão tanto. Cotudo, como há m.to trato de escravos, marfim , sal , cera e outras cousas, vem a ser m.tos os direitos. Estes portos ou os arrenda, ou os dá por tempo a senhores (...), <i>Ibd.</i> -« Afora destas rendas e tributos (...), tem outra de vaccas q arrecadão de tres em tres annos, e he m.to grande (...) », <i>Ibd.</i>
--	--	---

QUADROS 13

A) DO VESTUÁRIO EM FRANCISCO ÁLVARES

POVO		ARISTOCRACIA	
HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
- No reino de Tigrei usam «(...) umas fraldinhas delas de pano, delas de couro curtido (...) assim franzidas como as de mulheres da nossa terra e seu comprimento não sera de dois palmos e indo em pé parece que lhas arredondaram até que cobrisse sua vergonha, abaixando-se	-« Os homens trazem trajos deferencados e assim as mulheres que são casadas ou estão com homens já trazem derredor de si ums panos pretos de lã com grandes cadilhos do mesmo pano e não trazem diademas nas cabeças como as de barnagais. As moças (...) algumas muito	-« E este Capitão [de Arquico] vinha desta maneira: trazia mui bom cavalo e trazia um bedém [túnica mourisca, curta e sem mangas] sôbre rica camisa mourisca e com êle trinta a cavalo e bem duzentos homens de pé.», p.11 -«(...) o vi diante da	mulher do <i>Tigremahon</i> , p. 102

ou assentando-se, ou fazendo vento aparece.» ,pp. 85/86 -Já no reino de Amara, «(...) os homens gerais trazem derredor se si um pedaço de couro de vaca, estes gerais são quási todos e poucos são os especiais.»; quanto às mulheres, «E as mulheres, assim mesmo, trazem pano algum tanto maior que os homens e cobrem aqui o que podem que lhe Deus deu, o demais aparece.» , p.163	grandes de corpo e de idade trazem pele de carneiro pendurada pelo ombro, sem cobrir mais que uma ilharga.» , pp. 100/101 -«As contas que as outras trazem ao pescoço, estas trazem-nas cingidas derredor da carne e grande soma de timaquetes sôbre a sua natureza, e, quem pode haver cascavel ou pequena campáinha ali a traz(...)», p. 86 -«(...) trazem as cabeças em duas partes ou em duas ordens, a uma desce até os ombros e a outra chega sôbre estas pelas orelhas.» , p. 164	porta do Preste João andar sem camisa e da cinta para baixo mui bom pano de sêda e sôbre os ombros uma pele de um leão, e na mão direita uma azagaia e na esquerda uma adarga, e perguntei como andava um tão gram senhor da quela maneira, disseram que a maior honra que êle tinha pois era (...) rás dos chavas, que é (...) capitão de homens de armas, era andar como homem de armas.» , p.61 -Os mordomos ou privados que acompanharam a embaixada no recinto real:«(...) vinham vestidos de camisas e bons panos de sêda e por cima dos ombros (...)e descendo para baixo cobertos de umas peles pardas muito guedelhudas, diziam ser de leões. E assim traziam cintas de sêda cingidas e de côres de largueza e tecimento	
--	---	---	--

		como cilhas de cavalo, senão que eram compridas e de compridos cadilhos até ao chão.», p. 178 -«Fidalgos e religiosos, cónegos e clérigos andam vestidos a demais da outra gente, nus da cinta para cima e uma pele de carneiro pelo ombro atada do pé à mão», p. 418	
--	--	---	--

B) DO VESTUÁRIO EM PÊRO PAIS

POVO			ARISTOCRACIA		
HOMENS	MULHERES	CRIANÇAS	HOMENS	MULHERES	CRIANÇAS
-« A gente baixa veste como pode e ordinariamente he hu panno branco de algodão cosido como lançol, e cõ este se cobre, sem trazer debaixo mais q hu calção; e ainda alguns não trazem mais q hu couro de vacca, q concertam como camuça.», Vol.I, 17/18 -« Os villoens, q lavrão a terra	-« As molheres baixas vestem como podem: e ordinariamente he de hu panno de algodão como hu lançol, ou hum couro como camuça.», Vol. I, p. 17 e 18 -«(...)As molheres dos villoens vestem couro como seus maridos; e em algumas partes huns pannos de laam de cinco ou seis Covados de	-«As mininas e os mininos f.ºs de gente baixa andam dispidos ao sol, e ao frio atee q são grandezinhos; e quando muito se cobrem cõ hua pelle de cabra ou de carneiro.», Vol. I, p.16	-O Imperador numa cerimónia religiosa «(...)veo (...) vestido de setim Carmesim do mesmo corte de Turcos comprido até os pees, mas a roupa de debaixo co colarinho alto como os nossos.», Vol. I, p.125 -«Os vestidos dos homens grandes são de <i>grão</i> e doutros pannos finos de Damasco, Veludo, e borcados, q lhe vem do Cairo; o corte he o mesmo q dos Turcos; mas a cabaya interior, q	-«Os vestidos das molheres nobres são huas camisas largas e compridas, degoladas, quasi ao modo das das molheres de nossas terras; cõ muitos labores e sobre ellas hua como vasquinha de seda ou doutra cousa; Alguas se cobrem cõ mantilhinhas de Damasco; ou veludo, ou cõ pannos de seda ricos, q lhes servem de manta pera ? fora; e quando caminão levão albornozes, e chapeos na cabeça; (...)», Vol. I ,pp. 17/18 -«Seu vestido [das	-«Os f.ºs de homens grandes, ainda q vistão bem, andão descalços, e com a cabeça descuberta (...)», Vol. I, p. 16 -(...)e emquanto são pequenos trazem topetes muito bem cõcertados; e os cabellos do mais alto da cabeça compridos, e

ainda agora vestem couro de vacca, q concertão a modo de Camuça sem calção, nem outra cousa nenhua. Alguns trazem hu pedacinho de panno grosso d'algodão amarrado na cinta, q lhes chega atee o joelho, (...), e hua pelle de Carneiro co sua laa as costas; amarrado hu pee e hua mão diante do peito; mas aos Domingos , e festas vestem pannos grandes d' Algodão, os q tem(...)», Vol. I, pp. 169/170 -« Os homens, q não herão nobres, vestião antigamente só hu panno grosso	comprido; e tres de largo (...) e puderão com muita rezão chamar celicio, porq he muito mais aspero q o q vestem os frades Capuchos; (...)», pp.169/170 -«(...) no collo continhas muitio miudas de vidro de varias cores enfiadas de maneira q tem dous dedos de largura.Os cabellos feitos em muitas trancinhas como acima dissemos; mas em algumas terras as usão muito delgadinhas, e as cortão de maneira q não lhes cubra mais q as orelhas.»,		lhes serve de camisa, te colarinho alto cõ botoens, e ordinariamente he de panno branco d' Algodão tão fino como olanda, q lhes vem da India; e as cabayas de cima degoladas, e compridas como as dos Turcos, ainda q este Emperador Seltân Çaguêd ia vay introduzindo cappas como as dos Portugueses(...)» Pais,,Vol.I,p. 17 -« Mas falando do q agora usão os senhores grandes, e gente nobre, he hua camisa branca de bofetá fino da India assi como Olanda, comprida até perto dos pees , com colarinho alto, e justo co botoens de Tafetá Carmesim, e verde entresachados; e algumas vezes de prata ou ouro, q se fechão co huns	mulheres] he hua camisa larga muy comprida atee aos pees e por detras arrasta hu pedaço; as mangas largas, mas perto das mãos estreitas, e a abertura do collo comprida; pera q sem danar os cabellos a possão vestir; com tudo lhes cobte os hombros; e tem muitos lavores a roda de retros ou d'ouro. Em as festas trazem de damasco Carmesim, ou de outras sedas; e nos demais dias de hu panno branco d' Algodão fino como Olanda, q vem da India. Esta camisa cingem co algua touca fina, ou veo de seda; e algumas vezes poem sobre ella outra como Vasquinha co muitas pregas na cinta, mas não branca, senão de outras cores. Trazem calçoens estreitos, q chegão atee o pee; e çapatos.. Sobre tudo, em lugar de manto, cobrem hu panno	trançados em tres ou quatro tranças, q lhes vão caindo pera as costas; (...)»<i>Ibd.</i>, p. 16 -« Os mininos trazem comprido topete q chega de hua orelha a outra, e mais rapão com Navalha atee perto do alto da cabeça donde lhe saem tres tranças de cabellos compridos (...); e no toutiço tambem lhes fica hu pouco de cabelo q lhes dá graça.», Vol. I, p. 168
--	--	--	---	---	---

branco d'algodão, e quando muito punhão calçoens brancos d'algodão atee mea perna, descalços e a cabeça descuberta; e não podião por outra sorte de vestido sem licença dos q governavão sua terra. Agora , se tem , podem vestir (...)Cabayas de panno ou de seda; e por touca e barrete na cabeça, mas se (...) vão d'outra parte a fallar com elle [o senhor da terra] a primeira vez q entrão , não podem levar Cabayas de panno ou de seda, senão só camisa branca ou de Taficira, ou sem ella	Vol. I, p. 170		cordoenszinhos de retroz das mesmas cores, e mangas justas atee a mão; mas muito compridas; e assim quando as vestem fazem muitas pregas e parecem bem. Estas cingem co hua touca da India de bordas de fio de ouro, ou vermelhas; ou co cinto de seda co muitas peças de prata douradas. Sobre esta canisa vestem algumas vezes outra tambem de bofetá, aberta por diante como roupão; e do comprimento da primeira, mas sem colarinho, como Cabaya de Mouros, e as mangas largas de ponta atee o covado co botoens como os outros, mas não se fecham só servem de fermosura.(...) Alguns trazem calçoens largos até mais de meia perna de bertanyil	grande, huas vezes branco como o da Camisa; outras de seda co franjas de fio d'ouro a roda.», Vol. I, pp. 168/169 -«Quando caminham levão sobre tudo Albornozes co muitos botoens d'ouro, e a cabeça e o rosto cuberto co hua touca de maneira q não aparecem mais q os olhos, e em cima chapeo como de Portugal de alguma seda e do veio decem sobre os hombros huas pontas compridas.», Vol. I, p. 169 -«Asmolheres, principalmente senhoras, tambem trazem topete muito alto; as donzellas poem mais acima hua grinalda de florezinhas de ouro cõ muita argenteria; e dos demaís cabellos fazem muitas tranças delgadas, q caiem pera as costas e ornão co	
--	----------------	--	--	--	--

(...)», Vol.I, p. 169 -«O q eu sei e tenho visto muitas vezes he q em estas terras e pera a banda do Cairo, faz a gente muitos sinais por galantaria, hus picando co agulha, e botando anil, e outras cousas em o sangue, e fica o sinal azul; outros com navalha fazem o sinal q querem e sem botar tinta lhes fica sinalado de maneira q quasi parece natural; (...)», Vol. I, ,p. 141			vermelho; o mais ordinario he calçoens estreitos, q chegão atee ao pee onde se fechão co botoens; e muitas vezes o q delles aparece he de damasco, Velludo ou brocado; e então os botoens são de ouro , ou prata; (...)»Vol. I,pp. 167/169 -«Outras vezes poem Cabayas do mesmo corte de damasco, Setim, Velludo, brocado, de panno muito fino, de todas as cores, q vem do Cairo.», Vol. I, pp. 167/169 -«Acerca dos trajos, antigamente erão roins; porq ainda os senhores grandes, pello menos quando andavão na Corte, e entravão np Paço, não vestião camisa, senão hu	outras peças de ouro. As casadas raramente poem ouro nos cabellos, mas perto do topete rapão co navalha largura de hu dedo, e daly começam as tranças dos cabellos, e quanto mais pretos mais folgão; e assi tem çerta confeição de azeite q os faz muito. Não usão de posturas d’ Alwayade e vermelhão, (...) senão de çertos licores cheirosos com q lhes fica o rosto muy lustroso.» Vol. I, p. 168 -«(...) trazem sempre topete muito bem concertado; e o mais cabelo feito em muitas tranças delgadas, e folgão mais cõ o cabelo preto q louro; trazem orelheiras de ouro fermosas; e as donzellas poem grinaldas cõ argenteria e outras peças d’ ouro , com q ornão os cabellos.»Vol.I.,pp. 17/18	
--	--	--	--	---	--

			Valção largo, q lhe chegava atee perto do pee, s'algodão preto ou vermelho; e hu pano comprido d'Algodão ou de seda em lugar de cappa; e quando entravão no Paço o cingião na cinta de maneira q lhes cahia até perto dos pees e o demais do corpo ficava nuu(...)»Vol. I ,pp. 166/167 -«(...) trazem çapatos vermelhos, ou de outras cores, e alguas vezes de Velludo; mas botas , e borzeguis não usão.», Vol. I, pp. 167/169 -«Em a cabeça trazem alguns toucas como mouros; outros barretes redondos proporcionadamente altos, de panno vermelho, e de	-« Em os pesçoço poem colares de ouro muito fermosos; outras vezes de continhas de vidro, entresachados nellas canutillhos d'ouro. Em as orelahs çarcilhos d'ouro ou de prata grandes co huas peças do mesmo esmaltadas em lugar de perolas , se he donzella; e as mais das casadas vão alargando aquelles buracos pouco a pouca, metendo cousas mais grossas, e depois poem huns canudos d'ouro ou prata dourada fechados por todas as partes, e bem guarneçidos; a as de menos sorte metem hu pedacinho de pao preto cuberto co algua seda.», Vol. I, p. 169	
--	--	--	---	---	--

			outas cores; e quando caminhãp poem chapeos como os nossos, mas não tão finos, e albornozes , ou farragoulos como Portugueses, q delles os tomarão.» «(...)toucas como Turcos, outros barretes de panno ordinariamente vermelho; outros tem o cabelo comprido, q concertão de muitas maneiras.», nomeadamente e como nos relata o autor, «(...) torcendo o de maneira q fica a cabeça chea de muitos como cordoenzinhos e não lhes passam das orelhas; outros os encrespão de muitas maneiras; e ordinariamente os trazem untados co manteiga.», Vol. I, pp. 167/169 -« Poem ao collo cadeas de ouro de		
--	--	--	---	--	--

			muitas voltas, q lhes chega perto da cinta, e della pende hua Cruz da maneira das q trazem os comendadores de S. João (...).Alguas tem acima çerto remate d' ouro d'onde as mesmas voltas da Cadea deçem tambem pelas costas outro tanto como por diante, e nas pontas estão engastadas huas campainhas compridas. Os q não podem trazer cadeas de Ouro, poem cruces de ouro ou prata esmaltada, ou de pao preto co muitos lavores, de meio palmo ou menos pendurada de muitos cordoens de retros delgados e comumente pretos. Trazem na cinta punhais grandes co punho, e bainha de prata dourada, e em alguns pedras		
--	--	--	---	--	--

			engastadas, q ainda q falsas são lustrosas.» , Vol. I, pp. 167/168		
--	--	--	---	--	--

QUADROS 18

A) DAS VIAGENS

	ÁLVARES	PAIS
MEIOS DE LOCOMOÇÃO	-« Os cavalos muitos há aí e mui formosos e por não serem ferrados despeiam e logo assim não caminham neles (...). As mulas de carga não têm conto e também servem os machos de sela como as fêmeas. Servem de uma maneira, que os são para sela, sela, os da carga, carga; há aí também muitos infindos sendeiros galegos para carga e porém despeiam (...) e há muitos asnos que servem melhor que os sendeiros e muitos bois de carga e em muitas terras camelos que carregam muito e estes nas terras chãs.», pp. 229/230	-« (...)As mullas são m.tas (...). E nem a ellas ne aos Cavallos ferrão nunca, pello q muitas vezes manquejam. Ha Camellos, Jumentos mansos, , (...) e os q vão a guerra comumente não carregão senão em bois(...)», Vol. I, p. 195
FORMA DE DESLOCAÇÃO E ALOJAMENTO	-«(...) em a ela [estrada]chegando, achámos uma muy grande cáfila de camelos e muita gente (...) porque não caminham senão em cáfilas com medo dos ladrões.(...) Dormimos todos em um monte onde havia água e lugar certo de aposentar as cáfilas(...)tendo toda a noite, nós e os das cáfilas, grande vigia.», p. 21 -«Por este caminho aqui [junto às terras dos mouros <i>Dobas</i>] não passa ninguém senão em cáfila a que eles chamam negada. Este ajuntamento passa duas vezes por semana, uma de vinda outra de tornada,(...)e sempre passam de mil pessoas acima, com um capitão das negadas que os aguarda em certos lugares. São dois capitais porque a negada se começa em duas partes e partem de um cabo e outro. Hão principio(...) em duas feiras, seja, em Manadelei e em Corcora de Angote(...)», p. 121 -« (...) fomos dormir a um betenegus, que quere dizer casas del-Rei(...). E já em outros lugares pousámos em semelhantes casas como estas e não se servem delas, senão os senhores da terra (...). Acatam tanto estas casas que suas portas estão sempre abertas e ninguém toca nelas, nem entra dentro, senão quando aí está o senhor(...)», pp. 98/99 -« Neste lugar [lugar de Casas de S.	-« Andei quasi toda aqlla noute a pee, por ser o Caminho m.to áspero e o lumento fraco(...)Perto da manhaa quiserão descançar hu pouco; e pêra isso nos afastamos bom pedaço do caminho (...) nos deitamos a dormir debaixo de huas arvores.», Vol. III, p. 21 -« (...) atee chegar a hua Aldeã de Christãos(...). Derão nos hua casinha muy peqna, onde nos agasalhamos; mas não foi pouco bem, pello m.to q choveo aqlla noute.», Vol. III, p. 22 -« (...) chegamos a Debaroã(...). Agasalheime em hua casinha m.to roim cuberta de palha(...)», Vol. III, p. 22

Miguel] não nos deram pousada, dizendo que o lugar era privilegiado e pelas chuvas nos fomos ao circuito da igreja(...) dormindo nós no circuito da dita igreja, por mais limpeza nos chegávamos onde se dava ou dá a comunhão[no exterior do edifício]; estando assim com lume, começaram a bulir pombas, tanto que as ouvimos, acudimos às portas (...) não nos escapou nenhuma, nem pombinhos pequenos que achámos por buracos e enchemos um saco. Depois tornámos a pousar neste lugar e fomos recebidos não estimando privilégios por não matarmos as pombas da igreja de que já estava povoada.» *Ibd.*, p. 85

-«Assim nos aposentámos no mais limpo que achámos no meio de uma lavoura e prendemos as mulas todas juntas(...)». p. 113

- Barcas: «Servem para este mosteiro com barca de juncos com quatro cabaças grandes, porque não sabem fazer barcas. Estes que digo juncos são boinhos de que se fazem esteiras em Portugal.», p. 160

- Barcas: « (...) fazem de hua palha à man.ra de junco, q, ainda q he de quatro dedos de grosso, como se secca, fica m.to leve e nunca se vão ao fundo, ainda q se virem.», Vol. I, p. 218

« As barcas, em q os frades passam de huas ilhas a outras e vem a terra firme [na lagoa de Dambiã] e de q usão todos os demais , são, como acima dissemos, de hua palha à maneira de junco, q há em abundancia em algumas partes ao longo da lagoa (...) e pera fazerem estas barcas tomão hu pau pouco mais grosso q hua perna e da compridão q querem a barca, q ordinariamente he curta e estreita, mas co o seu modo de popa e proa, e sobre elle a fundão, amarrando aquellas palhas de hua e outra banda (...) co hua cousa q sobe pellas arvores como Edra, mas m.to delgada e forte; (...). Depois metem dentro aquellas palhas juntas bem amarradas, e sobre ellas poem a carga e se assenta a gente; não tem vella, nem os remos são como os nossos, senão huas varas delgadas e compridas, e tomandoas pello meio vão dando co as pontas na agoa de hua e outra banda; (...)« (...) não sofrem grandes marés;

		nem q a gente carregue muito pera hua banda, porq facilmente se viram, mas não vão ao fundo e assi que souber nadar pode logo sobir em cima. », <i>ibid.</i> , p. 233
DESLOCAÇÃO DOS GRANDES SENHORES	-« Vinha esta Raínha [de Adea] bem como raínha, trazia consigo bem cinquenta mouros honrados de mulas e bem cem hyomend de pé e seis mulheres em boas mulas (...). Foi recebida com grande honra e no terceiro dia de sua chegada foi chamada e veio ante a tenda do Preste e vinha em um esperavel prêto.», p. 333 -O <i>Abuná</i> «(...) vai em sua mula bem guarnecida e muito acompanhado assim de mulas como de pé. Leva uma cruz na mão. Nas costas dele leva três cruces alevantadas em paus mais altos do que ele.(...) Leva diante de si por toda a terra donde vai, dois sombreiros altos de pé, grandes (...) mas não ricos e assim vão diante dele quatro homens de azorragues que fazem arredar a gente por onde ele vai de um cabo e do outro pelos caminhos.», p.267	-« (...) todos andão em mullas co sellas pouco largas, cubertas co pannos de seda ou outros somenos, conforme a qualidade da pessoa; e cada hua [senhora] leva dous homens perto do arção dianteiro (...) e cada hu posta sua mão no pescoço da mulla, e ella muitas vezes se encosta pondo a mão no ombro do q quer. Outros dous vão detras da mesma maneira co hua mão no arção, assi por honra como pera q não tenha perigo de cahir, mas as q não podem tanto levão hu soo homem a mão direita.» , Pais, Vol. I, p. 141